O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ÊXODO

HAGNOS

ÊXODO

O Livro da Redenção

Êxodo

40 Capítulos
1.213 Versículos

INTRODUÇÃO

O livro de Êxodo, segunda seção da Tora, é chamado em hebraico de We'eie, ou às vezes, Shemoth, nomes derivados de suas palavras iniciais "Estes são os nomes" ou, mais abreviadamente, "nomes dos", pois esta seção da Tora começou com os nomes dos patriarcas que desceram do Egito. Em português, o termo *êxodo* é a forma latinizada que se derivou da septuaginta, versão grega do Antigo Testamento (ex – fora + hodos – caminho = "saídas").

Esboço

I. Composição
1. Autoria e Data
2. Relação com o Restante do Pentateuco
3. Ponto de Vista Literário
II. Historicidade
III. Quatro Áreas Salientadas
1. Redenção dos Hebreus da Terra do Egito
2. Estabelecimento do Pacto
3. A Lei
4. O Culto
IV. Conteúdo
V. Seção Legal
1. Leis Dadas Antes do Sinai
2. Os Dez Mandamentos
3. O Livro do Pacto
4. Regulamentações para o Tabernáculo e Estabelecimento do Sacerdócio
5. O Decálogo Ritual
VI. Milagres
VII. Bibliografia

I. Composição

1. Autoria e Data. Semelhantemente ao que ocorre nos outros livros do Pentateuco, a questão da autoria de Êxodo divide os estudiosos em duas classes: a. a do ponto de vista conservativo e b. a da escola crítica.

a. Ponto de Vista Conservativo. Os conservativos reivindicam que Êxodo, tanto quanto o Pentateuco como um todo, foi escrito por Moisés. Eles admitem que talvez Moisés tenha usado fontes antigas, orais ou escritas, mas a despeito disso é o único autor dos cinco primeiros livros da Bíblia. Os que mantém essa opinião suportam seu ponto de vista com base nas seguintes passagens de Êxodo: 1. Duas vezes o livro declara que Deus falou para Moisés escrever (17.14; 34.27); 2. uma vez o livro diz que Moisés escreveu (24.4); 3. Cristo declarou que Moisés escreveu (João 5.46,47); 4. Em Mar. 7.10, Cristo atribuiu também Êxo. 20.12 e 21.17 a Moisés; 5. Em Mar. 12.26 Jesus se refere ao "livro de Moisés", contudo os conservadores admitem que neste trecho talvez Jesus estivesse referindo-se à tradição judaica que atribuía a Moisés a responsabilidade pelo conteúdo do livro. A autoria mosaica implicaria uma data provavelmente no século XIII A.C.

b. Ponto de Vista Crítico. Os críticos afirmam que Êxodo é resultado da compilação dos documentos J.E.D e P(S) (ver o artigo correspondente no *Dicionário*) em que cada um desses documentos consistia em uma narrativa e numa série de leis.

O documento J é constituído de narrativas judaicas antigas, e seu autor revela interesse pelo reino judaico e seus heróis (850 A.C.). A palavra Yahweh (Jeová) é usada neste documento para referir-se a Deus.

O documento E contém as antigas narrativas afraemitas originadas por volta de 750 A.C. O escritor de E demonstra interesse pelo reino do Norte de Israel e por seus heróis. Ele emprega o vocábulo *Eloim* em lugar de Yahweh (Jeová) para referir-se a Deus.

O documento D, também chamado Código Deuteronômico, foi encontrado no templo em 621 A.C. Esse documento aborda o fato de que o amor é a razão mesma do servir, e salienta a doutrina de um único altar.

O Código sacerdotal ou documento *P(S)* originou-se por volta de 500 A.C., todavia sua redação prorrogou-se até o sec. IV. A.C. Esse documento evidência uma preferência por números e genealogias, distinguindo-se dos outros também quanto a seu ponto de vista sacerdotal e ritualístico.

Os críticos esclarecem que as fontes de Êxodo, além de distintas entre si, datam de um período bastante posterior aos eventos narrados. Eles acentuam também que o livro não só revela o trabalho de diferentes indivíduos, mas de diferentes escolas de registros históricos. Cada documento tem seu ponto de vista individual, assim como cada evangelho sinótico apresenta sua própria visão da vida de Cristo. Certo erudito disse que o livro de Êxodo era como uma grande sinfonia, a qual se pensou produzir uma harmonia uníssona, mas agora tem sido demonstrado que, em virtude de seus elementos intensamente discordes entre si, a harmonia produzida por ser ainda mais rica.

2. Relação com o Restante do Pentateuco. A narrativa de Êxodo está intimamente relacionada com a de Gênesis, pois continua a história dos descendentes dos patriarcas do ponto em que Gên. 50 parou, embora um tempo considerável tenha passado entre a morte de José e os primeiros eventos de Êxodo (1.7 ss.), período durante o qual o povo de Israel fora levado a posição de servidão. Depois de descrever a emigração do Egito, o livro relata a entrega da lei e da construção do tabernáculo. As regras para o sacrifício que seguem formam a primeira parte de Levítico. Êxodo não é tanto um livro independente quanto uma porção arbitrariamente definida de uma seção do Pentateuco que abrange três livros. A divisão entre Êxodo e Levítico é semelhante àquela entre I e II Samuel ou entre I e II Reis.

3. Ponto de Vista Literário. Como obra literária, Êxodo é inferior a Gênesis, embora algumas qualidades similares de estilo narrativo intenso e vigoroso estejam evidentes em certas porções. A despeito de algumas incertezas, este livro constitui valiosa fonte de história política e cultural. O conteúdo de Êxodo está dividido em partes quase iguais entre narrativa e seção legal. Os primeiros 19 capítulos são quase inteiramente narrativos, com exceção de pequenas seções legais, a saber, 12.14-27, 42-49; 13.1-16. O restante do livro trata solidamente da lei, com exceção do capítulo 24, que descreve o reconhecimento do pacto, e dos capítulos 32-34, que descrevem a rebelião do povo, a intercessão de Moisés e a renovação do pacto.

II. Historicidade

Grandes são os problemas de historicidade, rota percorrida e data do êxodo. Embora os pesquisadores não tivessem descoberto nenhuma prova contemporânea direta desse evento, uma série de evidências indiretas tem ajudado a esclarecer muitos detalhes. Os primeiros 12 capítulos descrevem principalmente as ocorrências da última parte do segundo milênio A.C. no Egito. Os eventos dos capítulos restantes aconteceram na península do Sinai. Um tratamento mais detalhado, concernente a história, localidade geográfica e cronologia é apresentado no presente artigo.

Nesta seção, limitamo-nos a apresentar um breve sumário de alguns aspectos importantes ressaltados pelos peritos no assunto:

1. Embora considerável porção reflita aspectos da vida e história, escassos são os detalhes que poderiam indicar o tempo preciso dos eventos narrados. Em nenhuma ocasião o rei do Egito é mencionado pelo nome. "Faraó" ou "rei do Egito" são as duas formas empregadas para referir-se a esse governante. Acreditava-se que a data do êxodo poderia ser determinada caso fosse descoberto que o Faraó morreu afogado. Todavia, esse detalhe não tem sido esclarecido, e o texto de Êxodo nem mesmo indica que o rei necessariamente morreu afogado, mas somente que sofreu grande derrota, seus carros de guerra e sua carruagem afundaram, e seus capitães favoritos se afogaram.

2. A declaração de Êxo. 1.8, "Entrementes se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José", sugere fortemente que a expulsão dos hicsos ocorreu no período entre a morte de José e o nascimento de Moisés. Neste caso, seria fácil entender por que o novo rei teria uma atitude hostil em relação àqueles que ele associa-

va aos hicsos, que também eram asiáticos e dominaram o Egito durante um considerável período de tempo.

3. A referência as cidades de Pitom e Ramessés em Êxo. 1.11 tem sido apontada como prova de que os eventos descritos não poderiam ter ocorridos até a 19ª dinastia, considerando que os primeiros reis que levaram o nome Ramsés pertenciam àquela dinastia. Contudo, é possível que os nomes originais tenham sido substituídos no texto pelos nomes conhecidos posteriormente. A despeito do fato de que os Ramsés não reinaram até a 19ª dinastia, poderia ter existido uma cidade com o nome Ramessés, pois o culto do deus RE ou RA alcançou proeminência em muitos períodos da história egípcia antiga e "mss" era um sufixo comum para nomes pessoais.

4. A opressão egípcia é descrita como muito severa. Comprovando este fato, abundantes evidências do período da 18ª e 19ª dianastia ilustram a crueldade dos egípcios em relação aos escravos e estrangeiros. O sinal hieroglífico representativo de um estrangeiro é a figura de um homem atado e com um ferimento sangrento na cabeça. Tal sinal é usado até mesmo em conexão com nomes de honrados reis estrangeiros com quais os egípcios faziam acordos. Portanto, há evidências de crueldade dos egípcios em relação aos estrangeiros, às quais ajuntam os eventos relatados no início de Êxodo. No passado pensava-se que as grandes pirâmides do Egito eram resultado do trabalho dos hebreus durante a opressão, contudo essa idéia não é pertinente: as pirâmides provavelmente foram levantadas pelo menos mil anos antes da época do êxodo.

5. Pesquisadores questionam a historicidade do êxodo e do evento do Mar Vermelho, com base no fato de que as ruínas do Egito antigo não mencionam tais ocorrências. Essa objeção, todavia, baseia-se numa concepção errônea da natureza da arqueologia egípcia. Muitos dos registros cotidianos e das ruínas das casas do Egito antigo estão debaixo da bacia de água no Delta, a região onde a maioria das pessoas viveu. Embora abundantes, as ruínas do Egito antigo consistem principalmente em sepulcros e monumentos construídos no deserto para celebrar conquistas e vitórias egípcias. Derrotas como a partida dos israelitas e o insucesso do Faraó em recapturá-los dificilmente resultariam na construção de monumentos.

6. Outras questões são levantadas em relação à historicidade do livro de Êxodo, tais quais: a. Êxo. 1.5 declara que o número de pessoas que desceu para o Egito era setenta, contudo estudiosos observam que esse é um número meramente aproximado. b. A historicidade do capítulo 1 tem sido questionada com base no fato de que uma grande multidão, tal qual a dos israelitas, requeria mais do que duas parteiras para salvar a vida dos meninos hebreus. Por outro lado, deve-se observar que a passagem não afirma que havia somente duas parteiras. c. Há algumas objeções em relação à história de Moisés narrada no capítulo 2. Alguns estudiosos sugerem que a história do salvamento de Moisés através do cesto de junco seja um da história de Sargon que também fora salvo através de um barco. Outros observam que a história de Sargon, é de origem mesopotâmica e dificilmente teria servido de base para um história egípcia. Além disso, para as comunidades que viviam às margens do rio, esse incidente pode ser comparado ao de uma criança sendo abandonada na porta de uma casa atualmente e a existência de histórias com esse tema poderia ser perfeitamente independente. d. Aparentemente há uma contradição em relação ao nome do sacerdote de Midiã, que é chamado de Reuel em Êxo 2.18 e de Jetro em Êxo. 3.1. Segundo os críticos, esses nomes devem ter pertencido a documentos diferentes, e o uso de ambos comprova a combinação desses documentos.

III. Quatro Áreas Salientadas

1. Redenção dos Hebreus da Terra do Egito. O livramento dos israelitas do poder opressivo do Faraó é um dos aspectos acentuado, pois esse fato condicionou a mente dos israelitas para as eras vindouras e estabeleceu um débito permanente de gratidão para com Aquele que os livrou da escravidão. Metaforicamente esse livramento salienta a importância da redenção da escravidão do pecado na vida de todo aquele que é remido por intermédio de Cristo, representado pelo cordeiro pascal (Exô. 12.1-14).

2. Estabelecimento do Pacto. O pacto fundamentou-se no fato de que Deus, tendo redimido Seu povo, tinha o direito de esperar dele aliança e lealdade. (Referências à redenção, sobre a qual o pacto se baseia: 19.4-6; 20.2; 22.21; 23.9-15). Para Deus, os remidos se tornaram o povo de Seu pacto, e Ele prometeu protegê-los e dirigi-los. Em troca, eles deveriam obedecer à Sua lei.

3. A Lei. A declaração do pacto inicia-se com o grande sumário da lei moral dos Dez Mandamentos e apresenta a seguir várias leis importantes para a vida daqueles que são destinados a formar uma nação santa e um povo consagrado a Deus.

4. O Culto. Este tema é referido em Êxo. 3.5,6 e nas regras da Páscoa no capítulo 12, que estabeleceram na mente das gerações subseqüentes a natureza da redenção de Deus e a necessidade de participação individual e pessoal. A questão de reverência é tratada especialmente nos capítulos 25-31, que descrevem os preparativos para a construção do tabernáculo e a separação dos sacerdotes, e no relato da construção do tabernáculo nos capítulos 35-40.

IV. Conteúdo

A. Os Hebreus no Egito (1.1-12.36)
  1. A opressão (1.1-22)
    a. Os descendentes de Jacó no Egito (1.1-14)
    b. Moisés nos é apresentado (1.15-22)
  2. Preparação dos representantes de Deus (2.1—4.31)
    a. Nascimento e educação de Moisés (2.1-10)
    b. Moisés mata um egípcio e foge para Midiã (2.11-22)
    c. Moisés é chamado por Deus (2.23—3.22)
    d. Deus concede poderes a Moisés (4.1-17)
    e. Moisés regressa ao Egito (4.18-31)
  3. Tentativas de sair do Egito (5.1—7.13)
    a. Moisés e Arão falam ao Faraó (5.1-5)
    b. O Faraó intensifica a opressão (5.6-14)
    c. Moisés, rejeitado por Israel e encorajado por Deus (5.15—6.13)
    d. Genealogias de Moisés e Arão (6.14-27)
    e. Moisés fala novamente ao Faraó (6.28—7.3)
  4. As dez pragas (7.14-11.10)
    a. As águas tornam-se sangue (7.14-25)
    b. Rãs (8.1-15)
    c. Piolhos (8.16-19)
    d. Moscas (8.20-32)
    e. Peste nos animais (9.1-7)
    f. Úlceras nos homens e nos animais (9.8-12)
    g. Chuva de pedras (9.13-35)
    h. Gafanhotos (10.1-20)
    i. Trevas (10.21-29)
    j. A morte dos primogênitos é anunciada (11.1-10)
  5. A instituição da Páscoa (12.1-28)
  6. Realização da décima praga: morte dos primogênitos (12.29-36)

B. Os Hebreus no Deserto (12.37–18.27)
  1. A saída dos israelitas do Egito (12.37-51)
    a. Consagração dos primogênitos (13.1-16)
    b. Deus guia o povo pelo caminho (13.17-22)
  2. O Faraó tenta reconquistar Israel (14.1—15.21)
    a. Perseguição contra Israel (14.1-14)
    b. Travessia do mar (14.15-25)
    c. Os egípcios perecem no mar (14.26-31)
    d. Hino de vitória (15.1-21)
  3. Experiências no deserto (15.22—18.27)
    a. As águas amargas tornam-se doces (15.22-27)
    b. Deus manda o Maná (16.1-36)
    c. A água da rocha de Refidim (17.1-7)
    d. Amaleque ataca os israelitas (17.8-16)
    e. Jetro visita e aconselha a Moisés (18.1-27)

C. Os Hebreus no Monte Sinai (19.1—40.38)
  1. Estabelecimento do Pacto Divino (19.1—24.11)
    a. Preparação para o Pacto (19.1-25)

b. Os Dez Mandamentos (20.1-17)
c. O temor do povo (20.18-21)
d. Leis acerca dos altares (20.22-26)
e. Leis acerca de escravos (21.1-11)
f. Leis acerca da violência (21.12-36)
g. Leis acerca da propriedade (22.1-15)
h. Leis civis e religiosas (22.16-31)
i. O testemunho falso e a injúria (23.1-5)
j. Deveres dos Juizes (23.6-9)
k. O ano de descanso (23.10-11)
l. O sábado (23.12-13)
m. As três festas (23.14-19)

2. Promessas divinas (23.20-33)
3. A aliança de Deus com Israel (24.1-11)
4. Deus dá instruções no Monte (24.12—31.18)
a. Moisés e os anciãos sobem ao monte (24.12-18)
b. Direções para a construção do tabernáculo (25.1—27.21)
c. Direções quanto ao sacerdócio (28.1—29.46)
d. Instruções suplementares (30.1—31.18)
5. Idolatria do povo (32.1—33.23)
a. O bezerro de ouro (32.1-6)
b. A ira de Deus (32.7-10)
c. Moisés intercede pelo povo (32.11-24)
d. Moisés manda matar os idólatras (32.25-29)
e. A Segunda Intercessão de Moisés (32.30-35)
f. O anjo de Deus guiará o povo (33.1-23)
6. Restabelecimento do pacto (34.1—35.3)
a. As segundas tábuas da lei (34.1-9)
b. A Lei. Desdobramento do Décagolo (34.12-28)
c. As três festas (34.18-28)
d. O rosto de Moisés resplandece (34.29-35)
e. O sábado (35.1-3)
7. Construção do tabernáculo (35.4—40.38)
a. Ofertas para o tabernáculo (35.4-29)
b. Obreiros para o tabernáculo (35.30—36.7)
c. As partes do tabernáculo (36.8—38.20)
d. O custo do tabernáculo (38.21-31)
e. As vestes dos sacerdotes (39.1-31)
f. Os utensílios do tabernáculo são terminados e apresentados (39.32-43)
g. Deus manda Moisés levantar o tabernáculo (40.1-15)
h. O tabernáculo é levantado (40.16-33)
i. Manifestação divina de aprovação (40.34-38)

V. Seção Legal

As leis do livro de Êxodo têm como objetivos principais: a. estabelecer regras detalhadas para a conduta das pessoas em muitas situações, originando ordem e justiça entre os homens; e b. regular o relacionamento dos redimidos com Deus. Outros códigos de lei têm sido descobertos, alguns bem mais antigos que o de Êxodo, a saber: Código de Hamurabi, rei da Babilônia, encontrado em 1901 (XVIII A.C.) – um código sumérico cerca de dois séculos mais antigo, e um outro babilônico mais velho ainda; o Código Hitita (XIV A.C.) e as Leis Assírias (XII). Um exame da natureza desses códigos em relação a Êxodo demonstra que uma diferença principal entre esses códigos e Êxodo é o fato de que os outros códigos são estritamente seculares, exceto quando ocasionalmente mencionam os privilégios ou responsabilidades dos sacerdotes. Êxodo, por outro lado, é pesadamente religioso: inclui regras para sacrifícios, festivais anuais e outros serviços religiosos.

Algumas semelhanças são também encontradas entre as leis de Êxodo e as de certos códigos, como por exemplo, a existência de dois tipos de lei, casuística e apodíctica, nos códigos Hititas e nas leis da Ásia Menor.

As leis casuísticas, também chamadas leis de sentença, referem-se a situações específicas, e formulam uma sentença à qual o criminoso deve ser submetido em tais situações. Estas leis geralmente iniciam com a partícula "se" introduzindo a descrição geral da situação.

Ocasionalmente a partícula "se" ocorre, acrescentando detalhes mais específicos da situação e introduzindo juntamente uma declaração da pena apropriada. As leis *apodícticas* consistem em declarações categóricas sobre os crimes, geralmente sem se referir à pena, como nos Dez Mandamentos, mas também acrescentando-a em certas ocasiões e simplesmente terminando a declaração com a frase "ele será morto", ou precedendo-a com a frase "amaldiçoado seja aquele que...". Albrecht Alt, o estudioso que sugeriu a divisão das leis do Antigo Testamento nesses dois tipos, é de opinião que as leis casuísticas do Pentateuco foram extraídas das leis cananitas, enquanto as leis apodícticas são de origem especificamente judaica. Alegando que ambos os tipos de leis são encontrados também nos tratados hititas e nas leis da Ásia Menor, Mendenhall refuta essa declaração. As porções seculares das leis indicam contatos com as leis de períodos anteriores; contudo, segundo os conservatistas, esse fato não coloca em questão a autenticidade das leis recebidas por Moisés.

As seções legais de Êxodo são extensivas e detalhadas. Os principais grupos são: 1. As leis dadas antes do Sinai. 2. Os Dez Mandamentos. 3. O Livro do Pacto. 4. Regulamentações para o tabernáculo e estabelecimento do sacerdócio. 5. O Decálogo Ritual.

1. A leis dadas antes do Sinai compreendem a lei da páscoa, a lei da consagração dos primogênitos e a lei do maná. Em Êxo 12.3-13 o Senhor deu ordens explícitas quanto à cerimônia da páscoa e em Êxo. 12.13-49 e 13.1-16 estabeleceu regras permanentes a respeito do grande festival anual e da consagração dos primogênitos. A lei do maná, em Êxo. 16.16; 23.33, estava relacionada à necessidade imediata de regular a arrecadação e o uso da comida.

2. Os Dez Mandamentos, também chamados Decálogo (em hebraico, as Dez Palavras), estão contidos em Êxo. 20.1-17, e são repetidos com pequenas diferenças em Deu. 5.6-21. O caráter especial dos Dez Mandamentos, dizem os estudiosos bíblicos, reside: a. no fato de que eles foram "escritos pelo dedo de Deus" nas tábuas de pedra (Êxo. 31.18; 32.16; Deu. 9.10) e b. no fato de que foram recitados para a nação de Israel como um todo. Isso está implícito em Êxo. 20.18,19 (ver o artigo assim intitulado no *Dicionário*) e é explicitamente declarado em Deu. 5.4.

Os Dez Mandamentos distinguem-se das outras seções legais quanto a seu caráter sintético e formal de apresentar as leis. Esta seção consiste em um sumário das leis éticas, com poucos detalhes explicativos. Pena nenhuma é mencionada para a infração dos mandamentos.

A questão da originalidade dos Dez Mandamentos tem sido motivo de controvérsia entre os eruditos. Wellhausen e outros críticos afirmam que os Dez Mandamentos representam uma forma desenvolvida de lei, que dificilmente teria existido até o tempo do último reino israelita. A diferença de redação entre o mandamento de Sabá em Êxo. 20.8-11, e sua contrapartida em Deu. 5.12-15, indica que o mandamento original era ou mais longo, incluindo assim ambas as formas, ou mais resumido, sendo apresentado portanto em forma de sinóptico. Os que acreditam na plena inspiração das Escrituras afirmam que os Dez Mandamentos incluem todas as palavras de ambas as passagens.

Quanto à *enumeração dos mandamentos*, há três formas principais: 1. a enumeração de Josefo (*Antiq.* III.c.6, sec. 5); 2. a enumeração do Talmude; e 3. a enumeração de Agostinho. A maioria das igrejas protestantes não-luteranas e a igreja grega seguem a enumeração de Josefo. A igreja católica romana e a maioria dos luteranos seguem a enumeração de Agostinho.

A disposição dos mandamentos nas tábuas tem sido motivo de polêmica:

1. Agostinho sugeriu que os três primeiros mandamentos estavam na primeira tábua, e os outros sete na segunda; 2. Calvin o sugeriu que quatro estavam na primeira e seis na segunda; 3 Filo e

Josefo afirmaram explicitamente que haviam cinco mandamentos em cada tábua.

3. O Livro do Pacto corresponde à porção de Êxo. 20.22 a 23.33. Essas leis abordam uma variedade de assuntos religiosos, morais, comerciais e humanitários. O livro do Pacto inicia-se com uma reiteração da advertência contra a idolatria e segue com instruções sobre tipos de altares (Êxo. 20.24-16). Princípios humanitários proporcionam o tema para a próxima seção, na qual são tratados problemas de relacionamento entre mestre e servo, preservação de propriedade, compensação de danos pessoais e preservação de direitos de propriedade. Esta seção acrescenta ainda mandamentos específicos contra imoralidade, bestialismo, espiritismo, hostilidade ao fraco e oprimido etc.

O Livro do Pacto consiste basicamente em leis casuísticas, contudo seu propósito não é o de fornecer um conjunto completo de leis para todos os diferentes tipos de problemas que possam eventualmente surgir, e, sim, indicar o tipo de punição que deve ser efetuado em algumas situações comuns.

4. Regulamentações para o tabernáculo e o estabelecimento do sacerdócio estão contidas entre Êxo. 25.1 e 31.17. Durante os 40 dias e 40 noites que Moisés permaneceu no Monte, o Senhor deu-lhe instruções quanto ao sistema israelita de adoração. Planos para a construção do tabernáculo, bem como de sua mobília e utensílios, foram estabelecidos com precisão. Segue uma descrição do uso e da natureza dos implementos usados pelos sacerdotes, tais como: a bacia de bronze para as sagradas abluções, e a preparação do perfume e do óleo sagrados (Êxo. 30.17-38).

Depois de seguidas as instruções desses versos, homens contemplados com o espírito de Deus eram apontados para construir o tabernáculo e toda a sua mobília (31.1-2). As descrições do santuário, do sacerdócio e da forma do culto são seguidas por aquelas dos tempos e períodos sagrados (31.12 ss.). Sobre tempos sagrados há aqui referência somente ao sábado, e outros regulamentos são apresentados no que concerne às suas origens. A preparação do tabernáculo devia ter começado quando Deus entregou a Moisés as tábuas da lei, se o seu progresso não tivesse sido interrompido pelo ato de idolatria por parte do povo, e pelo seu conseqüente castigo pela ofensa, o que é o tema da narrativa nos capítulos 32-35. Contrária e em oposição a tudo o que tinha sido feito por Jeová para Israel e na presença de Israel, a terrível apostasia deste último se manifesta da maneira mais melancólica, como um ominosamente significante fato profético, que é incessantemente repetido na história de gerações subseqüentes. A narrativa disso está intimamente ligada aos relatos precedentes a misericórdia e gratuita fidelidade de Jeová de um lado, e a descarada ingratidão de Israel do outro, intimamente associadas. Esta conexão forma a idéia central de toda a história da teocracia. Somente após a narrativa desse significativo evento é que o relato sobre a construção e o término do tabernáculo pode proceder (35-40). Tal relato se torna mais circunstancial a medida que o assunto mesmo ganha maior importância.

Acima de tudo, é fielmente demonstrado que tudo fora executado segundo os mandamentos de Jeová. Na História descritiva de Êxodo um plano fixo de conformidade com os princípios apresentados antes, é consistente e visivelmente carregado — através de todo o livro, dando-nos assim a mais certa garantia da unidade de ambos: livro e autor.

5. O Decálogo Ritual consiste em um grupo de leis dado em Êxo. 34.10-28. Alguns dos Dez Mandamentos e algumas das ordenanças religiosas do Livro do Pacto são repetidos neste trecho, exceto as leis casuísticas. A relação do Decálogo Ritual aos textos paralelos é um assunto polêmico. A teoria de que esta passagem é mais antiga do que os Dez Mandamentos propriamente ditos é bastante aceita.

IV. Milagres

O livro de Êxodo descreve um dos grandes períodos de miraculosa intervenção divina nas Escrituras. Os milagres deste livro podem ser classificados em três grupos: 1. milagres que provaram aos israelitas que Moisés tinha sido realmente enviado por Deus; 2. o milagre das pragas que caíram sobre o Egito como castigo; 3. milagres de providência e proteção divina no deserto. O milagre da sarça ardente, primeiro incidente de ordem sobrenatural do livro de Êxodo, não pertence a nenhum desses três grupos. Nesse incidente, Deus comunicou-se particularmente com Moisés, revelando-lhe sua missão.

1. Entre os milagres que provaram a autenticidade da missão de Moisés, estão: a. a transformação da vara em serpente e vice-versa; b. o fenômeno da mão de Moisés que repentinamente se tornou leprosa e foi restaurada em seguida; c. o fenômeno da transformação da água em sangue.

2. Com exeção da décima, as pragas do Egito até certo ponto consistiram em fenômenos que poderiam ocorrer naturalmente naquela região. Contudo, quatro aspectos peculiares dessas pragas provam o caráter sobrenatural desses fenômenos, a saber: a. a intensidade – foram fenômenos extremamente severos; b. a aceleração – aconteceram num curto período de tempo; c. a especificação – a terra de Gósen não foi atingida por certas pragas; d. a predição – Moisés podia prever quando a praga ocorreria.

O caráter miraculoso da décima praga consistiu na intervenção divina fornecendo instruções aos israelitas sobre como proceder para que a vida de seus primogênitos fosse poupada.

3. Entre os milagres de proteção e *providência divina* no deserto estão: a. a travessia do Mar Vermelho; b. a coluna de nuvem durante o dia, e a coluna de fogo à noite, que guiaram o povo de Israel no deserto; c. a provisão de água em Mara e Refidim; d. provisão de alimento: codornizes e maná; e. a entrega dos Dez Mandamentos.

VII. Bibliografia

ALB AM ANET BA E C I IB IOT NAP NOT WBC WES S

CRONOLOGIA DOS PATRIARCAS

As datas variam, de acordo com os cálculos dos eruditos, em até 200 anos. E as versões, como a Septuaginta, também variam nessa proporção.

2.166 A.C.	Nascimento de Abraão (Gên. 11.26)
2.066 A.C.	Nascimento de Isaque (Gên. 21.5)
2.006 A.C.	Nascimento de Jacó (Gên. 25.26)
1991 A.C.	Morte de Abraão, aos 175 anos (Gên. 25.7)
1915 A.C.	Nascimento de José (Gên. 30.23,24)
1898 A.C.	José vendido ao Egito com 17 anos (Gên. 37.2,28)
1886 A.C.	Isaque morre aos 180 anos (Gên. 35.28)
1876 A.C.	Jacó muda-se para o Egito, aos 130 anos (José estava com 39 anos) (Gên. 47.9)
1859 A.C.	Jacó morre aos 147 anos (17 anos depois de entrar no Egito) (Gên. 47.28)
1805 A.C.	José morre aos 110 anos (Gên. 50.26)

IDADE COMPARADA DOS ANTEDILUVIANOS, DOS PATRIARCAS E DA ERA DO REINO

De Adão a Noé:	900-1.000 anos
De Noé a Abraão:	200-600 anos
Os Patriarcas:	100-200 anos
Era do reino:	70 anos em média

EVENTOS DO GÊNESIS QUE LEVARAM AO ÊXODO

Os sonhos de José prediziam sua ascensão ao poder
(Gên. 37.5-10)

Os invejosos irmãos de José vendem-no ao Egito
(Gên. 37.27 ss.)

No Egito, José é lançado na prisão
(Gên. 39)

José é favorecido pelo Faraó mediante a interpretação de sonhos
(Gên. 41)

José torna-se a segunda autoridade do Egito
(Gên. 41.42 ss.)

A fome força Jacó e sua família a migrar de Canaã para o Egito
(Gên. 46)

Israel em formação ocupa a terra de Gósen, uma região do Egito
(Gên. 47)

Israel, como pequena nação, é escravizada por um Faraó que não conhecera a José
(Êxo. 1)

Aparecimento de Moisés
(Êxo. 2)

Israel, ao sair do Egito, conta com 3 milhões de pessoas (600 mil homens de guerra)
(Núm. 1.46)

Ao Leitor

Historicidade do Livro de Êxodo. Ver a segunda seção da *Introdução.* Não há nos registros egípcios nenhuma informação da saída de um grande número de pessoas que tenha deixado o Egito. É possível que grandes derrotas não fossem historicamente registradas. Mas várias linhas de arcabouço histórico (ver as notas sobre Êxo. 1.8) apontam para a 19ª dinastia (cerca de 1350 – 1200 A.C.) como o tempo provável do êxodo, embora os eruditos divirjam muito quanto a essas datas. O livro de Gênesis atribui uma razão espiritual para o êxodo. O Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18) tinha de ser cumprido, e parte desse cumprimento seria que a nação de Israel teria como pátria o território que Deus dera a Abraão, a saber, a terra de Canaã. Mas este lugar não poderia ser conquistado enquanto não terminasse o exílio de Israel no Egito, e enquanto os pecados dos habitantes originais de Canaã não tivessem chegado ao seu clímax. Mas, então, as populações cananéias seriam julgadas com a perda de suas terras. E a nação de Israel, livre da escravidão no Egito, seria a executora desse juízo. Ver Gên. 15.13,16.

As duas grandes seções do Livro de Êxodo são: 1. A emancipação de Israel e seu retorno do exílio (Êxo. 1-18). 2. As vagueações de Israel pelo deserto (Êxo. 19-40). Moisés passa a ser aqui o herói do momento. Depois de Abraão, se não mesmo acima dele, Moisés surgiu como a maior figura isolada da história de Israel. Foi Moisés quem desenvolveu os alicerces espirituais de Israel, tendo sido ele o doador da Lei, a maior contribuição espiritual do povo de Israel. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Moisés.*

Citações de Gênesis no Novo Testamento

Mateus:

5.21 (Êxo. 20.13); 5.27 (Êxo. 20.14); 5.38 (Êxo. 21.24); 15.4 (Êxo. 20.12; 21.17); 19.18 (Êxo.20.13-16); 19.19 (Êxo. 20.12); 22.32 (Êxo. 3.6); 26.28 (Êxo. 24.8)

Marcos:

7.10 (Êxo. 20.12); 7.10 (Êxo. 21.17); 10.19 (Êxo. 20.12-16); 12.26 (Êxo. 3.6); 14.24 (Êxo. 24.8)

Lucas:

2.23 (Êxo. 13.12); 18.20 (Êxo. 20.12-16); 20.37 (Êxo. 3.6); 22.20 (Êxo 24.8)

João:

6.31 (Êxo. 16.4); 19.36 (Êxo. 12.46)

Atos:

3.13 (Êxo. 3.6); 4.24 (Êxo. 20.11); 7.6 ss. (Êxo. 2,22); 7.7 (Êxo. 3.12); 7.15 (Êxo. 1.6); 7.17 (Êxo. 1.7 ss.); 7.19 (Êxo. 1.9 ss.); 7.19 (Êxo. 1.18); 7.20 (Êxo. 2.2); 7.21 (Êxo. 2.5); 7.21 (Êxo. 2.10); 7.23 (Êxo. 2.11); 7.24 (Êxo. 2.12); 7.27 ss. (Êxo. 2.13 ss.); 7.29 (Êxo. 2.15,22); 7.30 (Êxo. 3.3); 7.32 (Êxo. 3.6); 7.33 (Êxo. 3.5); 7.34 (Êxo. 2.24; 3.7 ss. 10); 7.35 (Êxo. 2.14); 7.36 (Êxo. 7.3); 7.40 (Êxo. 32.1,23); 7.41 (Êxo. 32.4,6); 7.44 (Êxo. 25.1,40); 7.51 (Êxo. 33.3,5); 13.17 (Êxo. 6.1,6); 4.15 (Êxo. 20.11); 23.5 (Êxo. 22.28)

Romanos:

7.7 (Êxo. 20.14,17); 9.15 (Êxo. 33.19); 9.17 (Êxo. 9.16); 9.18 (Êxo. 7.3; 9.12; 14.4,17); 13.9 (Êxo. 20.13 ss. 17)

I Coríntios:

5.7 (Êxo. 12.21); 10.7 (Êxo. 32.6); 11.25 (Êxo. 24.8)

II Coríntios:

3.3 (Êxo. 31.18; 34.1); 3.7,10,13,16 (Êxo. 34.29 ss.; 34 ss); 3.18 (Êxo. 24.17); 8.15 (Êxo. 16.18)

Efésios:

6.2 ss. (Êxo. 20.12)

Hebreus:

8.5 (Êxo. 25.40); 9.20 (Êxo. 24.8); 9.23 (Êxo 2.2); 9:24 (Êxo. 2.11); 9.28 (Êxo.12.21 ss.); 12.19 (Êxo. 19.16); 12.20 (Êxo. 19.12 ss.)

Tiago:

2.11 (Êxo. 20.13 ss.)

I Pedro

2:9 (Êxo. 19.5 ss.; 23.22)

Apocalipse:

1.4 (Êxo. 3.14); 1.6 (Êxo 19.6); 1.8 (Êxo. 3.14); 3.5 (Êxo. 32.33); 4.1 (Êxo. 19.16,24); 4.5 (Êxo.19.16); 4.8 (Êxo. 3.14); 5.10 (Êxo. 19.6); 8.5 (Êxo. 19.16); 8.7 (Êxo. 9.24); 8.8 (Êxo. 7.19); 9.3 ss. (Êxo. 10.12,15); 11.6 (Êxo. 7.17,19); 11.15 (Êxo. 15.18); 11.17 (Êxo. 3.14); 11.19 (Êxo. 19.16); 14.7 (Êxo. 20.11); 15.3 (Êxo. 15.1); 15.3 (Êxo. 34.10); 15.5 (Êxo. 40.34); 15.8 (Êxo. 40.34 ss.); 16.2 (Êxo 9.9 ss); 16.3 (Êxo. 7.20); 16.4 (Êxo. 7.20); 16.5 (Êxo. 3.14); 16.10 (Êxo. 10.22); 16.13 (Êxo. 8.3); 16.18 (Êxo. 19.16); 16.21 (Êxo. 9.24)

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Os Hebreus no Egito (1.1 — 12.36)

A Opressão (1.1-22)

Os Descendentes de Jacó no Egito (1.1-14)

São estes os nomes é o título do livro de Êxodo no hebraico. O nome *Êxodo* vem da Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego), e veio a ser o nome desse livro por ser o seu tema principal. Os editores sacerdotes usavam regularmente as genealogias como um artifício para prover a história da nação de Israel e da humanidade. Esta lista contém o mesmo conteúdo geral e a mesma ordem que aparece em Gên. 35.23-26, ficando assim ligados os livros de Gênesis e de Êxodo. Assim, o livro de Êxodo é uma seqüência do livro de Gênesis. Os hebreus seminômades tornaram-se a nação agrícola de Israel. Houve aquele pequeno começo em que setenta homens com suas famílias vieram para o Egito, para dar início à futura nação de Israel. Desse minúsculo começo foi que emergiu a grande nação de Israel. Ao tempo do êxodo, Israel tornara-se uma nação de talvez três milhões de pessoas, dentre as quais havia seiscentos mil homens de *guerra*. Ver Números 1.46.

Os críticos atribuem o livro de Êxodo a várias fontes informativas que um editor-compilador teria reunido. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Ver a primeira seção da Introdução ao Êxodo, intitulada *Composição*. Os críticos atribuem a presente seção às fontes *P(S), J e E*.

1.1

Os nomes. Como sucedeu que o povo de Israel acabou escravizado no Egito? O autor sacro diz que houve um núcleo em torno do qual se formou a nação. Esse núcleo era formado por aqueles que desceram, com Jacó, da terra de Canaã ao Egito, os quais, então, se reuniram a José e sua família, que já estavam no Egito. Isso nos faz lembrar da história de José (sem que ela tenha de ser repetida). Ver anteriormente *Eventos do Gênesis que Levaram ao Êxodo*. Os *nomes* é a palavra que encabeça, como título, o nome deste livro, na Bíblia hebraica.

"A despeito da opressão, os descendentes de Abraão multiplicaram-se e prosperaram, em cumprimento à promessa divina (Gên. 12.2; 15.5). Os vs. 1-7 são um paralelo de Gên. 35.23-26 e 50.26" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Ver as notas em Gên. 15.18 sobre o *Pacto Abraâmico*. Esse pacto prometia um território pátrio para os filhos de Israel, terminado o exílio no Egito (Gên. 15.13,16). De acordo com os cálculos do arcebispo Ussher, os eventos cobertos pelo livro de Êxodo abrangem um período de duzentos e dezesseis anos.

1.2

Rúben, Simeão, Levi e Judá. Há artigos detalhados sobre esses homens, com suas respectivas tribos, no *Dicionário*. Lia teve seis filhos, que aqui aparecem na ordem em que foram nascendo. Quatro neste versículo e dois no versículo seguinte, juntamente com Benjamim, que já era filho de Raquel. Esta lista tem paralelo em Gên. 35.23, onde temos a genealogia dos filhos de Jacó.

1.3

Issacar, Zebulom e Benjamim. Temos aqui mais dois filhos de Lia e um de Raquel. Ver no *Dicionário* os artigos detalhados sobre esses homens. A lista tem paralelo em Gên. 35.24, mas não menciona Raquel e José. Este figura no vs. 4, como quem já se achava no Egito. Não há menção aos seus filhos, porquanto também já estavam no Egito. E devemos compreender que José e seus familiares também faziam parte do núcleo da nação de Israel que se foi formando no Egito.

1.4

Dã e Naftali, Gade e Aser. Ver no *Dicionário* os verbetes sobre esses homens e suas respectivas tribos. Essa lista tem paralelo em Gên. 35.25,26, mas não especifica as mães desses homens (Bila, dos dois primeiros; e Zilpa, dos dois últimos).

1.5

Todas as pessoas... foram setenta. O trecho de Gên. 46.8-27 nos dá esse mesmo número de *varões*, mas alista cuidadosamente os seus nomes. Deuteronômio 10.22 repete a mesma informação. A Septuaginta fala em setenta e dois nomes; e Estêvão, em Atos 7.14, usa esse mesmo número, por haver empregado a versão da Septuaginta, e não o original hebraico, algo comum para os autores e outras personagens do Novo Testamento. Ver as notas sobre essa questão em Gên. 46.27, e sobre Atos 7.14 no *Novo Testamento Interpretado*. Além dos setenta varões, havia as mulheres, as crianças e os escravos, as várias *casas* ou famílias que compunham a totalidade da comunidade — a nação de Israel em formação. Talvez estivessem envolvidas entre duzentas e trezentas pessoas. Mediante concubinas, outras pessoas, fora dos familiares imediatos, viram-se envolvidas na multiplicação, o que propiciou uma rápida multiplicação dos descendentes de Abraão no Egito.

Alguns estudiosos crêem que o número setenta é simbólico e representativo, e não absoluto, e pode ter havido muitos outros varões que não foram mencionados.

1.6

José e toda aquela geração morreram, ou seja, os patriarcas originais, o núcleo da nação de Israel, de acordo com o caminho de todos os homens. Não havia mais testemunhas oculares. Seus descendentes continuaram a multiplicar-se, a prosperar, até se tornarem uma grande nação. E, então, foram sujeitados à servidão. Ver Gên. 50.21. "A morte, que parece tão trágica como um incidente individual, é a condição para todo progresso. José morreu, como também morreram as ricas memórias do serviço que ele havia prestado" (J. Edgar Park, *in loc.*). Então *Moisés* tornou-se o herói que ocupou o centro do palco, o novo instrumento especial dos propósitos de Deus.

1.7

Grande Posteridade e Grande Prosperidade. Uma das provisões do *Pacto Abraâmico* falava na grande posteridade de Abraão, a qual desfrutaria abundância de riquezas materiais. Ver as notas sobre Gên. 15.18 quanto a uma descrição detalhada desse pacto e suas provisões.

Aumentaram muito. No hebraico, "enxamearam", como se fossem insetos a zumbir em razão de seu grande número. Ver Gên. 7.21. Houve extraordinária multiplicação; e foi precisamente isso que assustou os egípcios, levando-os a subjugar a grande massa que aumentava mais e mais.

Israel se desenvolvera, impondo sua própria identificação e seu poder. Havia muitos jovens em idade de serviço militar. A situação tornara-se explosiva. A hostilidade egípcia tinha sido assim despertada.

A terra se encheu. Ou seja, a *terra de Gósen* (ver sobre ela no *Dicionário*), a região que o Faraó havia concedido à família de Jacó (Gên. 45.10). Ela era também chamada terra de *Ramessés* (Gên. 47.11), aquela porção do Egito que Faraó Ramsés II, mais tarde, desenvolveu, construindo ali muitas cidades. O tempo que se escoou entre Gên. 50.26 e Êxo. 1.7 foi, talvez, de cem anos. Uma posteridade numerosa fazia parte do Pacto Abraâmico desde sua versão original (Gên. 12.1-3). A nação de Israel haveria de formar-se; receberia seu próprio território; e, então, ser-lhe-iam conferidas sua constituição nacional e suas leis.

1.8

José É Esquecido. O tempo passa; os eventos mudam; o que é importante acaba esquecido; novas fatos ocupam o palco. Uma coisa que é certa na vida é a *mudança*.

Novo rei. O Faraó que tinha favorecido a José provavelmente era um dos reis *hicsos* (ver sobre eles no *Dicionário*). Aquela foi uma dinastia de *invasores* semitas, e não de nativos camitas. Na história, eles são conhecidos como reis pastores. O Egito, porém, acabou libertando-se dos estrangeiros. Talvez o novo rei tenha sido o primeiro monarca forte da XIX[a] Dinastia, Ramsés II. Ele representava uma *nova era*. Os intérpretes não concordam quanto à cronologia nem quanto à questão dos reis do Egito mencionados nos livros de Gênesis e Êxodo. Ver o artigo intitulado *Faraó*, em sua terceira seção, *Os Faraós Mencionados na Bíblia*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*,,,. José tinha sido uma grande bênção para o Egito. Agora, porém, Israel tornara-se uma ameaça aos olhos dos egípcios. Ramsés II reinou de 1290 a 1224 A. C. Na esperança de recuperar seu perdido império asiático, os faraós mudaram sua capital de Tebas, conforme tinha sido na XVIII[a] Dinastia, para o delta do rio Nilo.

Israel Escravizada (1.9-14)

1.9

A Mudança de Poder. O Faraó que tinha agraciado a José dera a Jacó e a toda a sua família o *melhor* da terra (Gên. 47.6). Mas os filhos de Israel multiplicaram-se como moscas (vs. 7). Assim, o que antes fora bom agora tinha azedado.

A política de boa vizinhança estava ultrapassada. Havia vários grupos minoritários no Egito, mas Israel parecia fora do controle dos egípcios. O texto português diz que o povo de Israel agora era mais numeroso que os egípcios, e isso provocava nos egípcios o temor de uma conquista vinda de dentro. Assim também, a Alemanha, devastada por ocasião da Primeira Grande Guerra (1914-1918), no breve período de apenas pouco mais de vinte anos, tornou-se uma ameaça para o mundo inteiro. Mas no caso germânico não havia apenas uma questão numérica; havia também um grande poder militar, manuseado com maestria por alguns poucos mas bem treinados homens. Israel estava instalado perto de uma das fronteiras do Egito, e poderia pôr-se a serviço de alguma potência estrangeira. Portanto, os egípcios sentiam que era chegado o momento de agir e prevenir um desastre nacional.

1.10

Ele se ajunte com os nossos inimigos. Os estrategistas egípcios imaginavam uma força inimiga invasora, à qual os filhos de Israel poderiam aliar-se. Isso exigia uma ação *preventiva astuciosa*. E decidiram que a melhor medida seria sujeitar os israelitas à *escravidão*, pois isso reduziria a zero a ameaça potencial de Israel. A história registra muitas invasões de povos contra o Egito, como os árabes (que finalmente conquistaram o Egito, predominando ali até hoje), pois os coptas, apesar de serem semitas misturados com camitas, não eram árabes), sem falar nos filisteus, nos sírios e nos hititas. Os grandes programas de construção eram efetuados no mundo antigo com a ajuda do labor forçado imposto a escravos. Salomão introduziu esse tipo de atividade no reino unido (I Reis 5.13,14; 9.15). Mas foi precisamente essa política opressiva que apressou a divisão de Israel em dois blocos: o do norte, Israel, e o do sul, Judá (I Reis 12.18). O programa traçado fazia dos egípcios supervisores, embora os israelitas tivessem querido cooperar (Êxo. 5.14).

1.11

Feitores de obras. Os israelitas foram reduzidos ao trabalho forçado, como escravos. Os feitores de obras eram supervisores egípcios, mas entre capatazes secundários pelo menos havia alguns hebreus (Êxo. 5.14). As *cargas* consistiam em trabalho físico pesado, além de imposições econômicas, como taxas e impostos.

Pitom. No idioma egípcio, esse nome significa *mansão de Atom*. Era uma cidade do Egito, uma cidade-armazém. Ficava localizada na porção nordeste do Egito, embora sua localização exata permaneça um mistério. Dei um detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário*. Pelo menos sabe-se que ficava situada no moderno wadi Tumilat, que liga o rio Nilo ao lago Timsah.

Ramessés. No egípcio, *Pr-R'mss*, ou seja, *propriedade do rei Ramsés*. Foi uma cidade-residência das Dinastias XIX[a] e XX[a], no delta do rio Nilo. Ali trabalharam os hebreus, de onde também partiram por ocasião do êxodo. O local da Pi-Ramessés egípcia tem sido muito debatido na egiptologia: em *Tânis* (no hebraico, *Zoã*, que vide); ao sul do lago Menzalé, ou perto de *Qantir*, a cerca de vinte e sete quilômetros um pouco mais para o sudoeste. Em ambos os locais têm sido encontrados consideráveis restos de objetos da época daquele Faraó, embora o último desses locais nunca tenha sido plenamente escavado. Pesados os prós e os contras, todavia, tudo leva a crer que devemos identificar Ramessés com a moderna Quantir, incluindo o importante fator de que ela está na rota do êxodo dos israelitas. Ver no *Dicionário* o verbete *Êxodo (o Evento)*. Durante a XVIII[a] Dinastia, a capital do Egito foi transferida de Tebas para aquele local, na esperança de que assim o Egito recuperaria ao menos parte de sua glória perdida. Os Faraós Sete I (1308-1290) e Ramsés II (1290-1224) estiveram envolvidos nessa mudança de capital.

Outros Labores? Josefo, o historiador judeu, ajunta que o povo de Israel também ajudou a construir algumas das pirâmides, o que é perfeitamente possível, apesar de não contarmos com informações indiscutíveis a esse respeito. (Ver *Antiq.* lib. ii. cap. ix. sec. 1.) E Filo disse algo similar.

1.12

Quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam. Os israelitas mostravam-se extremamente resistentes. Mais aflição, mais resistência, mais multiplicação, mais ameaças da parte dos egípcios. Estes já não sabiam o que fazer, havendo grande *inquietação* entre eles, pois parecia que o problema não teria solução. Mas, em futuro próximo, Moisés haveria de ser o pior pesadelo dos egípcios. Para o autor sacro, a *aflição* era uma espécie de sinal adverso, pois vencer as adversidades é uma prova de caráter forte. "Havia algo de esquisito e enervante nesse povo" (J. Coert Ryllararsdam, *in loc.*).

"Esse resultado não era *natural*. Só podemos atribuí-lo à *providência* de Deus, mediante a qual a ferocidade do homem foi forçada a louvá-Lo" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

". . .como a água que irrompe e se espalha, assim aumentavam em número os israelitas, cada vez mais, por toda a região. . . quando a Igreja de Deus tem sido mais violentamente perseguida, o número de convertidos aumenta, e os santos, sob a aflição, crescem na graça, na fé, no amor, na santidade, na humildade, na paciência, na paz e na alegria. Ver Atos 12.1,2,12,24; Rom. 5.3-5" (John Gill, *in loc.*).

1.13

Com tirania. O trabalho forçado foi intensificado, embora não estivesse produzindo os efeitos desejados. Mas, devido à falta de alternativas, o antigo método continuou sendo empregado, posto que ainda com maior rigor, a ponto da tirania. O labor dos filhos de Israel era exaustivo; a servidão deles era amarga. Crueldade era a palavra de ordem dos capatazes egípcios. Heródoto descreve uma cena similar em sua *Hist.* ii.158. O Faraó Neco destruiu cerca de cento e vinte mil de seus súditos através de trabalhos forçados. "Esse tipo de crueldade contra os escravos, de ferocidade, de falta de sentimentos e de dureza de coração foi algo proibido aos filhos de Israel (Lev. 25.43,46)" (Adam Clarke, *in loc.*). Apesar dessa proibição, no entanto, Salomão caiu no erro de agir como tinham feito os egípcios (I Reis 5.13). E isso acabou sendo uma das causas da separação do reino unido em dois reinos: Israel, ao norte, e Judá, ao sul (I Reis 12.18).

1.14

A idéia de *tirania* é reiterada (ver o versículo anterior). Havia trabalho forçado nos campos, nos projetos de construção. Havia *dura servidão*, e os direitos pessoais não eram respeitados — o que sempre acontece em todas as opressões. Normalmente, a história tem sido escrita por elementos das classes altas, girando em torno dos feitos de reis e príncipes; essas histórias estão cheias de atos de violência, ódio e opressão. Mas o livro de Êxodo relata a história de homens comuns que estavam sendo oprimidos; e, em lugar de elogiar aos opressores, diz a verdade sobre eles.

"Os egípcios criaram uma boa variedade de maneiras para oprimir os israelitas; pois forçavam-nos a cavar grande número de canais para o rio, ou a erigir muralhas para suas cidades ou a levantar moles para conter as águas do Nilo, impedindo que o rio extravasasse para além de suas margens. Também obrigaram os filhos de Israel a edificar pirâmides, com o que queriam desgastá-los", disse Josefo em *Antiq.* (llv.ii. cap. ix. sec. 1). Cf. Deu. 11.10.

Filo esclareceu que alguns israelitas trabalhavam com o barro, moldando-o em tijolos, ao passo que outros colhiam e transportavam palha e outro material para ser misturado à massa. Alguns filhos de Israel serviam em casas; outros, nos campos, outros cavando canais, e ainda outros transportando cargas" (*De Vita Mosis*, 1.1 par. 608).

Moisés Nos é Apresentado (1.15-22)

As Parteiras Poupam os Recém-Nascidos. Os egípcios esperavam não somente quebrar o ânimo do povo de Israel, mas também impedir a sua multiplicação. A matança em massa dos infantes israelitas, às mãos das parteiras de Israel, foi um plano cruel e ousado que tencionava levar à humilhação e ao fim o povo de Deus do passado. Os planos dos egípcios passavam de medida opressiva para medida opressiva. E é em conexão com o episódio que envolveu as parteiras hebréias que a história de Moisés acaba por ser-nos apresentada. Moisés foi um dos poucos meninos hebreus salvo da matança.

1.15

O rei. Ou seja, o Faraó. Ver no *Dicionário* o artigo *Faraó*, sobretudo em sua terceira seção, que fala sobre os faraós ligados com a Bíblia. Ver o vs. 8 deste capítulo quanto a idéias adicionais. A ordem para serem mortos os nascituros do sexo masculino dentre os hebreus foi expedida diretamente por Faraó, sob a forma de um decreto nacional. Sem dúvida, as parteiras hebréias que não cumprissem a ordem poderiam esperar ser punidas, talvez até por execução capital. O Faraó não tinha apenas feito uma sugestão.

Parteiras hebréias. A primeira vez que aparece a palavra "parteira," na Bíblia, é em Gênesis 14.13. Ver também Gên. 35.17; 41.12. Provi um artigo detalhado sobre elas, no *Dicionário*. Ver ali, igualmente, o verbete chamado *Hebreus (Povo)*. Esse adjetivo pátrio indica um povo nômade, porque esse era o estilo de vida dos primeiros hebreus. No livro de Êxodo, todavia, esse termo atua como um sinônimo de Israel, embora os israelitas fossem apenas um dos grupos hebreus.

Sifrá. No hebraico, *beleza*. Ela era uma das duas parteiras hebréias, a quem o Faraó, rei do Egito, ordenou que matassem todos os *meninos* que nascessem aos israelitas (Êxo. 1.15). Ela viveu em torno de 1570 A. C.

Puá. No hebraico, *sopro, declaração*. Um termo cognato de *esplêndido*. No Antigo Testamento, esse é o nome de dois homens e de uma mulher. A mulher desse nome,

que aparece neste versículo, era uma das duas parteiras (mencionadas por nome) que receberam ordens, da parte do Faraó, para matar a todos os meninos que nascessem aos filhos de Israel. Essa foi uma tentativa de reduzir a população de Israel, no Egito, a fim de impedir uma possível revolta dos israelitas.

Não há no texto nenhuma indicação da razão pela qual as duas parteiras foram citadas por nome, nem por que havia duas delas. Talvez fossem mulheres de alguma reputação, que serviam como exemplos de toda a classe das parteiras. Alguns eruditos supõem que havia alguma espécie de organização ou guilda de parteiras, e que essas duas mulheres eram as administradoras da organização.

1.16

Quando servirdes de parteira. Embora nossa versão portuguesa assim não diga, o original hebraico contém uma palavra de difícil tradução, *obnayim,* que literalmente significa "duas crianças". Algumas traduções dizem aqui "banqueta". Parece que está em pauta algum tipo de assento onde as parturientes se sentavam para dar à luz a seus filhos. Nossa versão portuguesa omite a menção a esse objeto, fosse ele qual fosse. Alguns eruditos pensam em dois apoios, talvez feitos até de pedra, sobre os quais a mulher se sentava. Uma posição sem dúvida incômoda. Mas a verdade é que até hoje não se achou ainda posição confortável para a mulher assumir, na hora do parto. A arqueologia tem provado que as mulheres egípcias davam à luz na posição sentada. E é bem provável que as mulheres hebréias lhes tivessem seguido o exemplo. Ver Jer. 18.3, onde essa palavra também aparece, traduzida em nossa versão portuguesa por "rodas".

As parteiras hebréias deveriam matar os *meninos* hebreus assim que nascessem. Mas às *meninas* deveriam deixar em vida.

Da opressão ao genocídio. Todos os meninos hebreus deveriam ser mortos assim que nascessem. As meninas seriam facilmente absorvidas na sociedade egípcia. Cf. essa matança com a matança dos inocentes, promovida por Herodes, o Grande (Mat. 2.16 ss.). Cf. isso com a história do genocídio de seis milhões de judeus a mando de Hitler, na Alemanha nazista, o qual queria criar um mundo dominado por uma suposta *raça ariana pura.* Qualquer povo que perca sistematicamente os seus meninos, mesmo que possa ficar com suas meninas, não demorará a entrar em extinção. Portanto, *nenhum golpe contra a nação de Israel em formação, no* Egito, foi tão bem calculado para atingir o povo de Deus. Um plano verdadeiramente satânico.

1.17

As parteiras. . . temeram a Deus. As parteiras hebréias ouviram e assentiram com a cabeça (a fim de salvarem a própria vida). Mas, na hora crítica, poupavam da morte aos meninos. Humanidade, misericórdia e temor a Deus foram, para elas, motivos mais poderosos que o da autopreservação. O temor a Deus e a misericórdia fazem parte da verdadeira religiosidade.

Humor. Yahweh frustou o plano genocida do Faraó. Foram baixadas ordens de uma origem ainda superior às do Faraó, o próprio trono do Altíssimo. Assim, Israel continuou a multiplicar-se e a prosperar, apesar de todos os planos do Faraó e suas ordens genocidas.

Quando Israel finalmente partiu do Egito, segundo disse Moisés, os israelitas pediram "emprestadas" coisas dos egípcios. E quando Arão tentou desculpar-se diante de Moisés sobre por que fizera um bezerro de ouro, Arão lançou culpa sobre o fogo, dizendo: "e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro" (Êxo. 32.24), como se ele tivesse ficado tão admirado quanto qualquer outra pessoa. Portanto, há bastante humor no livro de Êxodo. Mas podemos estar certos de que, no tocante às parteiras, a questão era tão mortiferamente séria quanto uma questão de vida e morte. Alguns estudiosos pensam que neste versículo há alguma indicação de que também estavam envolvidas parteiras egípcias, e não apenas hebréias. O fato foi que as parteiras, como uma classe, responderam "sim" ao Faraó, mas agiram com um "não", no que toca ao decreto real da matança dos meninos hebreus.

1.18

Por que. . . deixastes viver os meninos? "Por que vocês desobedeceram às minhas ordens e agiram de modo contrário ao que eu tinha ordenado?" Assim perguntou o Faraó. Tratava-se de algo que não podia ser ocultado. O vs. 19 dá uma resposta ridícula em que o Faraó dificilmente poderia ter acreditado. Mas não lemos que ele tenha mandado castigar as parteiras. Talvez o autor sacro tenha querido poupar-nos dos detalhes sangrentos da vingança. Ver Eze. 16.4 quanto a itens envolvidos no antigo processo de nascimento.

1.19

Mais Humor. Ver as notas sobre o vs. 17 quanto à humorística situação. As parteiras defenderam-se com uma mentira ridícula: as mulheres hebréias são tão vigorosas que elas têm filhos antes de as parteiras chegarem, e estas já encontravam a criança nascida. Mas, ainda que isso fosse verdade, nada impediria que as parteiras assassinassem, com pouco trabalho, os meninos hebreus, com pouco tempo de nascidos. Alguns estudiosos supõem que estaria envolvido em tudo isso um "esperto uso dos fatos", ou seja, talvez o que as parteiras disseram até ocorria com certa freqüência; mas o fato é que o autor sagrado contou aqui uma pequena piada. Ver uma demonstração de vívido humor em Gên. 29.26. Vários eruditos fazem grande esforço na tentativa de ilustrar como algumas mulheres dão seus filhos à luz, com grande facilidade, especialmente entre as classes laboriosas. Apesar de alguns casos poderem ser apresentados como comprovação disso, temos aí meras exceções, e não a regra do que acontece no ato do parto.

1.20

Deus fez bem às parteiras. Elas negaram-se a praticar uma imensa maldade, e Deus as abençoou. E assim Israel aumentou mais ainda em número e em poder por certo período de tempo. Por quanto tempo, o autor sagrado não nos informa. Mas o tempo passava, e o problema do Faraó ia apenas se acentuando, deixando-o vexado. Deus estava ganhando em cada "round" da luta. Uma de minhas fontes informativas diz que Deus abençoou àquelas mulheres, *apesar* de suas mentiras. Mas outros supõem que mentiras capazes de salvar vidas não se revestem de maldade. Obedecer a Deus, e não aos homens, sempre será dever dos homens (Atos 5.29).

A *providência de Deus* é um dos temas principais do livro de Êxodo, tal como no livro de Gênesis. Ver os comentários sobre esse assunto no *Dicionário.*

1.21

Ele lhes constituiu família. Essa tradução é uma interpretação. O hebraico diz "fez-lhes casas", dando a entender que os outros israelitas, vendo o bom serviço que elas tinham prestado, construíram casas para elas. Mas alguns estudiosos dão ao Faraó o crédito: ele as teria posto dentro de casas, para que pudessem ser mais bem controladas. Todavia, o mais provável é que temos aqui uma alusão à *fertilidade.* Aquelas boas mulheres, ao ajudarem os casais israelitas, por não obedecerem às ordens de Faraó, foram abençoadas juntamente com suas respectivas famílias.

Este versículo amplia a idéia da *bênção divina,* referida no vs. 20. Como Deus poderia recompensar *melhor* àquelas mulheres? Conferindo-lhes filhos delas mesmas.

1.22

Tirania Redobrada. Visto que o decreto dado às parteiras não funcionou, agora o Faraó deu ordens à sua própria gente para que se desvencilhasse dos pestíferos hebreus, lançando seus filhos de sexo masculino no Nilo, para que se afogassem. Entre outras coisas, o autor sagrado nos está dizendo aqui que a perseguição contra Israel *tinha de chegar a um ponto culminante* para que o povo de Israel fosse forçado a sair do Egito. Sem a perseguição, Israel ter-se-ia contentado em permanecer em uma região tão fértil. Somente a adversidade poderia fazê-los *querer* partir dali. Assim, quanto *pior* se tornasse a pressão exercida pelo Faraó, tanto *melhor* para o plano divino. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o rio *Nilo.*

Quando Israel estava prestes a partir, por causa da opressão, então seria provido o agente da libertação, *Moisés.* Deus tem uma *cronologia* em Seu plano eterno, e também conta com os meios, humanos e outros, para satisfazer a essa cronologia.

Infanticídio. Esse crime, tão chocante para os ouvidos cristãos, tem uma história muito rica. Sua contraparte moderna é o *aborto.* Todos estamos familiarizados com a *exposição às intempéries* de crianças, nos tempos antigos, especialmente no caso de meninas, que eram deixadas ao léu a fim de morrerem, marcando-se um certo prazo. Se uma criança chegasse a resistir a tão cruel tratamento, então é que os deuses queriam que ela vivesse. Mas visto que usualmente a criancinha morria, chegava-se à conclusão de que os deuses não queriam sua sobrevivência.

"Em Esparta, o estado decidia se uma criança viveria ou morreria. Em Atenas, uma lei de Sólon deixava essa decisão ao encargo dos pais. Em Roma, a regra era que os infantes eram mortos, a menos que seus pais fizessem intervenção, declarando que sua vontade era que a criança vivesse. Os sírios ofereciam crianças não-queridas a Moloque, em sacrifício. Os cartagineses sacrificavam-nas a Melcarte" (Ellicott, *in loc.*). Visto que o rio Nilo era considerado um tanto divino, lançar crianças ali era um ato encarado como sacrifício feito aos poderes divinos. O rio Nilo vivia cheio de crocodilos, e as crianças ali lançadas serviam de comida para os répteis, e assim seus corpinhos não poluíam o rio.

Capítulo Dois

Preparação dos Representantes de Deus (2.1 — 4.31)

Nascimento e Educação de Moisés (2.1-10)

Os intérpretes alegóricos, como Orígenes, vêem neste trecho a continuação do conflito entre os poderes malignos e divinos, entre Satanás e Deus, e onde os grupos huma-

nos envolvidos eram somente instrumentos dessa luta. Paulo temia esses elevados poderes da maldade, e entendia que eles fazem intervenções na vida diária do homem (ver Efé. 6.12 ss.). Havia um conflito entre Deus e o Faraó, este último o agente humano das forças malignas. O relato da sobrevivência de Moisés e sua subseqüente elevação à grandeza (algo que tinha acontecido a José, antes dele, mas com apoio de um Faraó, e não contra ele), alude ao propósito e aos poderes remidores de Deus. Foi assim que o êxodo (o evento) tornou-se um símbolo da redenção da alma. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Êxodo (o Evento)* e *Redenção.*

2.1

Casa de Levi. Ver no *Dicionário* o artigo sobre Levi e sua tribo. A tribo de Levi era uma tribo genuína. Mas, nos dias de Moisés, Deus decidiu que ela não receberia território, que não seriam contados os homens da tribo e que estes tornar-se-iam uma classe sacerdotal e seriam dispersos entre as outras tribos, deixando assim de ser uma tribo no sentido estrito do termo. Ver Núm. 1.47 ss. Além disso, José não contava com uma tribo que trouxesse o seu nome. Mas seus dois filhos, Efraim e Manassés, tornaram-se cabeças de tribos. Isso nos deixa com as doze tribos de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo *Tribo (Tribos de Israel).* Alguns eruditos supõem que desde o começo Levi foi uma casta sacerdotal e não uma tribo. Ver Êxo. 32.26-29; Deu. 10.8,9; Núm. 18.21; Juí. 17.7; 18.3,14-31. Mas parece melhor supormos que, ainda no começo de sua história, a tribo de Levi tenha deixado de ser uma tribo por ter-se tornado a classe sacerdotal em Israel.

Moisés era levita por parte de pai e de mãe. O decreto do Faraó pôs em perigo a vida de Moisés; mas Deus estava com ele. Os nomes de seus pais não são dados aqui, mas aparecem em Êxo. 6.20: seu pai chamava-se Anrão, e sua mãe, Joquebede, a qual era tia de Anrão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto.* O capítulo dezoito de Levítico proibia casamentos consanguíneos (e, no presente caso, ver Lev. 18.12), mas isso pertencia a uma data posterior. Os pais de Moisés também tiveram dois outros filhos: Miriã (Êxo. 15.20), que era a criança mais velha, e Anrão, irmão mais velho de Moisés (Êxo. 7.7). O trecho de Êxo. 2.2 parece fazer de Moisés o filho primogênito, mas nada nos proíbe de pensar que Anrão simplesmente não foi mencionado ali. Os críticos pensam que Anrão aparece como o filho primogênito em uma das fontes informativas, e que Moisés aparece como tal, em outra das fontes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Gênesis. Moisés tinha oitenta anos de idade quando ocorreu o êxodo (Êxo. 7.7), o que, ao que parece, ocorreu no começo do governo do Faraó Tutmés I (1526-1512 A. C.), ou então no fim do governo de Amenhotep I (1545-1526 A. C.). Contudo, os eruditos não concordam quanto à identificação dos faraós. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* em sua terceira seção, o artigo *Faraó,* quanto aos faraós mencionados na Bíblia.

Uma Introdução Simples. "Notemos a extrema simplicidade desse anúncio, e comparemos com isso as lendas elaboradas com que as religiões orientais comumente circundam o nascimento daqueles que são reputados seus fundadores, como Thoth, Zoroastro e Orfeu. Até o nome do homem é aqui omitido, como destituído de importância" (Ellicott, *in loc.*).

2.2

Deu à luz um filho. Seu nome não é dado, conforme vimos no fim do comentário sobre o vs. 1. *Moisés* nos é apresentado com grande simplicidade e humildade. Mas ainda não ouvimos falar em Arão. Teria ele sido escondido? Alguns eruditos insistem em que Moisés é aqui apresentado como o filho primogênito; mas Êxo. 7.7 dá essa posição a Arão. Ao que presumem os críticos, isso se deveria a diferentes *fontes* informativas deste livro, segundo já dissemos nas notas sobre o vs. 1. Alguns têm sugerido que Arão e Miriã eram filhos mediante outro casamento (Exo. 15.20; Núm. 12.1), mas essa é uma solução *ad hoc.* Outros pensam que as outras crianças já haviam sido adotadas por outros pais, por alguma razão desconhecida, ou que os pais de Moisés tinham-se separado por algum tempo, depois voltaram a unir-se, e então geraram Moisés. Mas essas também são explanações *ad hoc.* Outra possibilidade é que Miriã e Arão tivessem nascido antes do decreto do Faraó de serem sacrificados os meninos israelitas. Assim, na família, somente Moisés foi ameaçado pelo decreto real.

Era formoso. Todas as crianças, para seus pais, são bonitinhas; mas talvez Moisés *realmente fosse* formoso. As tradições e lendas adornam a questão neste ponto. Os judeus afirmam que ele era como um anjo de Deus. O trecho de Atos 7.20 comenta sobre a beleza de Moisés.

Por três meses. Os pais de Moisés esconderam-no o máximo que puderam. Sem dúvida as casas das famílias israelitas eram vasculhadas pelos homens do desesperado Faraó. Eventualmente, sua existência chegaria à atenção de alguma autoridade, ou até mesmo um vizinho qualquer poderia jogá-lo no rio Nilo, em obediência ao decreto do Faraó (Êxo. 1.22). O trecho de Hebreus 11.23 diz que esse ato dos pais de Moisés foi um *ato de fé.*

Moisés, Tipo de Cristo. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Moisés.* Ver a sétima seção daquele artigo quanto a algumas maneiras pelas quais Moisés tipificava a Cristo, sobretudo como: 1. um líder; 2. um profeta; 3. um legislador. E adiciono aqui alguns detalhes sobre a questão:

1. Moisés, tal como Cristo, foi divinamente escolhido (Êxo. 3.7-10; Atos 7.25; João 3.16).
2. Ambos foram rejeitados por Israel (Êxo. 2.11-15; Atos 7.25; 18.8; 28.17 ss.; João 1.11).
3. Durante seus períodos de rejeição, obtiveram ambos uma esposa gentílica (Êxo. 2.16-21; Mat. 12.14-21; Efé. 5.30-32).
4. Ambos tornaram-se libertadores de Israel (Êxo. 4.29-31; Rom. 11.24-26; Atos 15.14-17).
5. Ambos tiveram os mesmos ofícios: como profetas (Atos 3.22,23); como advogados (Êxo. 32.31-35; I João 2.1,2); como líderes ou reis (Deu. 33.4,5; Isa. 55.4; Heb. 11.27).
6. Um contraste: Moisés era apenas um servo na casa de outrem; Cristo era Filho adulto em Sua própria casa (Heb. 3.5,6).

2.3

Um cesto de junco. Era perigoso deixar o infante à margem do Nilo, onde enxameavam insetos, onde ele ficaria exposto ao tempo e onde havia animais predatórios. Porém, mais perigoso ainda era conservá-lo em casa. Portanto, de coração apreensivo, os pais de Moisés deixaram-no aos cuidados de Deus. A providência de Deus não haveria de desapontá-los. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus.* Algumas vezes, somos chamados a fazer escolha entre duas alternativas aparentemente más. Para tanto, precisamos de fé, e, além disso, *Deus* precisa operar em nosso favor.

O futuro *grande homem,* por essa altura dos acontecimentos, era tão pequenino que pôde ser posto em um pequeno cesto feito de junco e deixado à beira do rio. Ninguém lhe daria atenção, exceto os seus pais. Mas por trás de tudo havia um poder que frustraria os inimigos de Deus. "A sorte dos séculos dependia da vida de outro minúsculo bebê, perseguido e caçado por aqueles que lhe procuravam tirar a vida (Mat. 2.13-23)" (J. Edgar Park, *in loc.*).

No carriçal. Entre as hastes de papiro, uma planta muito comum das margens do Nilo. O Faraó queria que os infantes hebreus fossem lançados no rio, a fim de morrerem afogados e serem destruídos. Curiosamente, esse pequeno menino foi salvo ao ser dessa forma escondido nas margens do rio. Os desígnios do Faraó viram-se assim frustrados.

2.4

Sua irmã. Ou seja, *Miriã* (cujo nome só nos é dado em Êxo. 15.20). Ela ficou vigiando. Uma situação de puro desespero. Somente a graça divina daria proteção ao menino indefeso. Mas Deus tinha posto Sua mão na situação. A filha do Faraó haveria de tomar conta do menino. Este receberia uma educação de primeira classe e cresceria cercado dos mais altos privilégios. Mas os pais do pequeno Moisés não sabiam disso, portanto tiveram de confiar no Senhor.

Esse incidente da vida de Moisés tem paralelo no nascimento de Sargão, de Agade (Robert William Roberts, editor, *Cuneiform Parallels to the Old Testament,* pág. 136). Transcrevemos aqui um trecho dessa obra:

> *Minha mãe vestal me concebeu, em segredo deu-me à luz.*
> *Pôs-me num cesto de juncos, com pixe fechou a tampa;*
> *Lançou-me no rio, que não se elevou acima de mim.*
> *O rio me levou, até Akki, o irrigador, e me carregou.*
> *Akki, o irrigador. . . me elevou,*
> *Akki, o irrigador, como seu filho. . . me criou.*
> *Akki, o irrigador, como seu jardineiro me nomeou.*

Os críticos vêem nisso um paralelo *próximo,* uma fonte da história de Moisés. Os eruditos conservadores não acham difícil crer que duas coisas similares podem ter sucedido a duas pessoas diferentes da história.

Dizia Milton: "Também servem os que só se põem de pé, esperando" (do soneto *On His Blindness,* e esse foi o caso de Miriã, aqui. Era tempo de orar, o que sem dúvida fizeram os pais de Moisés. Pouco conhecemos sobre as leis que governam a oração e seu poder, mas na oração há *poder.* Ver Lam. 3.26. Jesus disse que o Pai cuida até dos humildes pardais (Mat. 10.29). Assim, Moisés estava plenamente seguro no carriçal. Mas os pais de Moisés não sabiam que aquilo daria certo. E tiveram de confiar.

2.5

A filha de Faraó. Ver as notas sobre Êxo. 1.8 e 2.1 quanto a conjecturas sobre quem seria esse Faraó. Ver também no *Dicionário* o artigo *Faraó,* em sua terceira seção, quanto aos faraós ligados ao Antigo Testamento. As tradições judaicas fantasiam a história, dizendo que a filha do Faraó era leprosa, mas, ao tirar

o cesto de dentro da água, ficou curada. A arqueologia desenterrou o mural de uma antiga sinagoga em Dura-Europos que retrata a cena deste versículo. As mentes estavam ligadas. A mente da mãe de Moisés; a mente da princesa egípcia; a mente do infante Moisés. As *coincidências não ocorrem por acaso. Nada sucede* por acidente. Deus estava envolvido em tudo aquilo. "Com freqüência não podemos ver nenhum sentido ou razão na maneira como as coisas sucedem a outras pessoas, mas conforme envelhecemos vamos vendo uma espécie de providência na maneira como as coisas têm acontecido conosco mesmos. . . Somos por demais adolescentes, espiritualmente falando, para chegarmos àquela fé que Jesus possuía, mas percebemos que há algo ali que podemos seguir de longe" (J. Edgar Park, *in loc.*).

As Donzelas Perderam a Oportunidade. Elas estavam por demais preocupadas em obedecer ao decreto do Faraó. Mas a princesa não teve medo, e, por isso, a recompensa foi dela.

Josefo chamou essa princesa pelo nome de Thermuthis, adicionando elementos fabulosos à história. Esses elementos tornam-se uma leitura agradável, mas são distantes da realidade. A princesa foi à beira do rio tomar banho, sem dúvida um lugar onde as mulheres estavam acostumadas a fazê-lo. Talvez a mãe de Moisés o tenha deixado propositadamente onde as mulheres egípcias costumavam ir, na esperança de que alguma delas usasse de misericórdia. E foi precisamente o que aconteceu.

2.6

O menino chorava. O choro de um infante derrete o coração de qualquer mulher, e também da maioria dos homens. Nada existe tão impotente quanto um infante humano, o qual, por tanto tempo, se mostra tão dependente. A princesa teve *compaixão,* embora soubesse muito bem que o menino era um hebreu. Mas o amor não faz as distinções que o ódio faz. O choro da criança representava o choro do mundo inteiro que Deus amou, pois os homens, diante de Deus, nada mais são do que infantes impotentes. Alguns homens, por meio de sua teologia, fazem esses "infantes" ser odiados e destruídos, em vez de ser tirados das águas perigosas. Mas o amor de Deus é suficiente para todos (João 3.16), e houve provisão para *todos* (I João 2.2; I Ped. 4.6). Assim como a princesa estendeu a mão e salvou o bebê, assim também o longo braço da provisão divina *realmente* acode a todos os homens, e não apenas potencialmente. Não bastava que, *potencialmente, a princesa pudesse tirar* Moisés das águas. Foi mister tirar Moisés das águas, ou nada mais teria sentido. A providência de Deus mostra-se claramente evidente na natureza e em todos os aspectos da vida humana. Portanto, permitamos que flua o amor de Deus.

2.7

Uma das hebréias que sirva de ama. A provisão divina continuava. Moisés, salvo do rio, agora precisava de uma ama. Não há necessidade que Deus não supra; não há emergência que ele não resolva. Foi procurada uma mulher *hebréia,* porque o menino era *hebreu.* Coisa alguma acontece por mero acaso. E a irmã *conseguiu* uma *mãe hebréia* para o menino. Assim, terminou de súbito o pesadelo. A provisão em favor da criança apareceu mais cedo do que se esperava. O trecho de Hebreus 11.23 diz-nos que foi *pela fé* que o menino tinha sido ocultado. E, sem dúvida, oração ligada à fé. Nessa combinação há poder. O *destino* de Moisés exigia uma longa série de vitórias, muitas delas impossíveis, segundo a mente humana. "Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rom. 8.28). "Que ninguém nos diga que é ridículo orar a um Pai amoroso por aquelas coisas pelas quais tanto nos esforçamos por obter" (J. Edgar Park, *in loc.*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça.

Os Targuns e Josefo falam sobre várias tentativas sem êxito de obter uma ama entre as egípcias, antes de a própria mãe de Moisés ser convocada para desempenhar esse serviço. Não podemos ter certeza quanto a esse pormenor, mas podemos estar certos de que o poder de Deus se manifesta na vida humana.

2.8

A mãe do menino. Ver as notas sobre Êxo. 2.1 quanto a informações sobre a mãe de Moisés. Somente em Êxo. 6.20 ficamos sabendo o seu nome, Joquebede. Damos também ali informes sobre o pai de Moisés. "Em uma vívida exibição do controle de Deus sobre os eventos, a mãe de Moisés foi reunida à sua criança — o que foi *legalmente* sancionado no lar, *apesar* do edito de Faraó (Êxo. 1.22) — e ela chegou a ser *remunerada* pelos seus serviços! (Êxo. 2.9)" (John D. Hannah, *in loc.*).

As Mulheres da Providência Divina. Neste ponto, Moisés foi rodeado por um círculo de mulheres protetoras: as parteiras; a mãe de Moisés; a irmã de Moisés; a filha de Faraó; e, sem dúvida, várias auxiliares da casa de Faraó, que receberam tarefas visando o benefício do garotinho.

2.9

Pagar-te-ei o teu salário. Algumas vezes, as orações precisam de algum tempo para *lograr resultado. Começam a tomar forma,* que não entendemos. Ocasionalmente, nossas orações são respondidas prontamente, quando isso está de acordo com a vontade do Senhor. Seja como for, em meio ao pior temporal, a oração mais tranqüila é ouvida pelo Senhor. Há tão pouco tempo, a mãe de Moisés, com o coração pesado, depositou seu precioso filhinho às margens do rio Nilo, orando para que houvesse em favor dele *alguma forma de milagre.* E então, quando menos esperava, a resposta estava dada; e Joquebede veio viver na casa do Faraó, a fim de cuidar de seu próprio filho. E ainda seria paga por isso! Que ninguém nos venha dizer que é ridículo orarmos a um Pai amoroso. O homem espiritual sabe dessas coisas.

E o criou. "Entre os antigos hebreus, tal como na atual maneira de pensar dos árabes, a solidariedade étnica é estabelecida pelo ato de amamentar um infante. Os israelitas orgulhavam-se diante da noção de que o menino foi criado pela sua própria mãe, e que foi *adotado* por uma princesa do Egito" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). O Libertador precisava pertencer tanto ao Egito quanto a Israel.

2.10

Adoção de Moisés pela Princesa. Com a passagem do tempo, averiguou-se que Moisés não era um menino ordinário. Veio a ter duas mães: sua mãe natural, que foi quem o criou, e sua mãe adotiva, a princesa egípcia, que o adotou oficialmente como seu próprio filho. É lindo quando uma criança tem *duas* mães, pois há tantas crianças que não têm ao menos uma. O trecho de Atos 7.22 conta que Moisés foi educado nas escolas do Egito, tendo absorvido toda a sabedoria dos egípcios. Filo nos dá uma informação similar. Moisés recebeu uma educação de primeira classe como parte de sua preparação para a missão que lhe competiria realizar. Finalmente, depois de quarenta anos, Moisés repudiou a sua herança egípcia, porquanto, em sua vida, já havia ultrapassado aquele estágio preparatório (Heb. 11.24,25). Mas durante os primeiros quarenta anos, tal educação lhe era necessária, tendo-lhe sido útil para o resto de seus dias, embora ele não quisesse viver como egípcio.

Filo dizia que a princesa egípcia era uma mulher casada, mas sem filhos, e que corrigiu essa falha da natureza ao adotar a Moisés (*De Vita Mosis,* c. 1 par. 604 e 605). Artafanos ajunta a isso que o marido da princesa era homem revestido de grande autoridade no Egito, que governava o Egito na região que ficava ao norte de Mênfis (Apud Euseb. *Praepar. Evan.* 1.9 c. 27, par. 432).

Sendo o menino já grande. Sem dúvida depois de desmamado. O menino *cresceu* de forma extraordinária, física e espiritualmente. Josefo via nessas palavras algo de extraordinário (*Antiq. Jud.* ii.9 par. 6). Moisés era um vaso escolhido para uma elevada missão; e desde o começo deu sinais disso.

Esta lhe chamou Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele. *Mui provavelmente, esse nome vem do egípcio Mes, que significa "filho" ou "criança".* A forma hebraica desse nome, com som semelhante, *Mosheh,* quer dizer "tirado", uma referência ao modo como foi tirado do Nilo, talvez também prevendo a "retirada" para fora do Egito, quando o êxodo tivesse lugar.

Um Tipo de Cristo. Quanto a Moisés como tipo de Cristo, ver as notas em Êxo. 2.2.

Moisés Mata um Egípcio e Foge para Midiã (2.11-22)

Moisés Une-se a Seu Povo (2.11-15)

Moisés, embora educado no Egito, não se deixou absorver por essa cultura. Sua missão requeria uma educação assim desde seus mais verdes anos, mas havia outros fatores em operação. Desde bem cedo, Moisés mostrou ser homem dotado de visão, espírito de sacrifício e determinação. Só um homem assim poderia livrar os israelitas do exílio no Egito. Ele observou a pesada servidão deles, e teve compaixão de seu povo. E, ao defender um compatriota hebreu, matou o egípcio atacante. Foi um ato lamentável, que não pode ser justificado. No entanto, apesar de sua ação precipitada, o propósito de Deus prosseguiu em sua vida, tal como Paulo tinha um registro de mortes em seu passado. Os caminhos de Deus estão acima dos nossos, e os vasos especiais, apesar de acidentes de percurso, finalmente triunfam.

Os eventos descritos nos vs. 11-14 deste capítulo cobrem um período de cerca de quarenta anos. Mas aqui o autor sagrado condensou seu relato, fornecendo-nos apenas a essência das coisas.

2.11

Perseguição e Cargas Pesadas. Além do trabalho pesado, os hebreus estavam sendo maltratados. Moisés observou isso, e seu coração voltou-se para o seu

povo. Nesse ponto de sua vida, Moisés percebeu qual seria a sua tarefa. Mas segundo nossa maneira de computar, seria preciso muito tempo para que essa tarefa tivesse início. Ele teria de passar quarenta anos internado no deserto. Era preciso muita preparação. No caso de sua mãe, o propósito de Deus teve cumprimento imediato. Mas, no caso do próprio Moisés, foi necessário um longo período de preparação. O cronograma de Deus teria cumprimento, e ninguém poderia apressar esse cronograma.

Talvez um capataz egípcio estivesse exigindo do israelita mais do que este poderia produzir; e então o capataz apelou para a força bruta. Sem dúvida, houve espancamentos para forçar o escravo a trabalhar mais do que o seu sistema podia suportar. Era um caso claro de injustiça. Havia um "tratamento injusto" (ver Atos 7.24). Os egípcios não estavam entre as nações mais cruéis, mas havia abuso de poder.

Sendo Moisés já homem. Ou seja, quando ele já estava com quarenta anos de idade (Atos 7.23), ou seja, no fim do primeiro de seus três ciclos de vida, os quarenta anos em que esteve sob a influência da educação e da cultura do Egito. Haveria de passar no exílio, em Midiã, outros quarenta anos. E haveria de tornar-se profeta no terceiro desses ciclos de quarenta anos. Moisés morreu com cento e vinte anos de idade (Deu. 34.7). Seu destino, pois, incluía três ciclos distintos. Há vezes em que as coisas funcionam assim na vida das pessoas.

2.12

Matou o egípcio. Isso seguia o princípio de "vida por vida" (Êxo. 21.23), uma espécie de defesa em favor da vida, embora o texto não diga que o egípcio estava prestes a tirar a vida do israelita. Moisés exagerou, não havendo como desculpar o crime. Uma de minhas fontes informativas fala em uma "ultrajante" combinação de precipitação e prudência. Moisés agiu por sua própria autoridade, mostrando uma audácia singular. Mas a coragem audaciosa, por si só, não é uma virtude. O diabo é audaz; resolveu enfrentar o próprio Deus. Mas isso não faz dele um ser justo.

Conta-se como David Livingstone se sentiu revoltado diante do tratamento brutal dado aos escravos em um mercado árabe de escravos. Muitos homicídios sem base estavam sendo cometidos contra os escravos, sem motivos suficientes. E Livingstone confessou que sua primeira reação foi "atirar nos assassinos com sua pistola" (*Encyclopaedia Brittanica*, em seu artigo sobre *Livingstone).* Mas a vingança vem do Senhor, e não deve provir de algum indivíduo. A *lei* promove a vingança divina; e a vindicação que não ocorre, a vontade de Deus cuida disso, afinal. Não há erro que não venha a ser corrigido. Ver Rom. 13.1 ss. e 12.19. A violência parece inevitável, pelo menos em algumas ocasiões, mas ela sempre envolve um erro. Muitos pais castigam seus filhos tomados por uma ira violenta, usualmente por causa de alguma inconveniência trivial que sofreram.

"Os comentadores judeus geralmente apreciavam o ato [de Moisés], ou mesmo elogiavam-no como uma ação patriótica e heróica. Mas sem dúvida foi um feito precipitado, efetuado em um espírito indisciplinado" (Ellicott, *in loc.*).

2.13

Provocação. Moisés ocultara as evidências de seu crime; mas a questão não terminou com o egípcio sepultado na areia. No dia seguinte, Moisés tentou interromper uma briga entre dois hebreus. Mas acabou sabendo, da parte de um dos antagonistas, que seu ato *homicida* tinha sido visto e, sem dúvida, discutido entre os observadores. Isso significava que, em breve, a história inteira seria descoberta, e Moisés passaria a ser caçado pela justiça do Faraó. Talvez o hebreu tencionasse matar ao outro; mas afinal isso foi o que *Moisés* tinha feito. Ver II Sam. 14.6. A desintegração social e psicológica havia tomado conta do escravizado povo de Israel, e eles estavam abusando uns dos outros. O espírito de Moisés, pois, vexava-se diante do que via entre sua própria gente. Seu coração estava sendo preparado, mas um longo tempo seria necessário até tornar-se o instrumento devido do poder de Deus. Ver Atos 7.26 quanto ao paralelo neotestamentário deste versículo.

2.14

O autor sacro segredava aqui que não chegara ainda o tempo de Moisés receber autoridade. Os israelitas ainda não estavam preparados; o próprio Moisés também não estava preparado. Moisés era um príncipe no Egito, por ser filho adotivo da filha do Faraó, e seu pai adotivo sem dúvida era também homem de grande autoridade (vs. 10). Para os hebreus, porém, ele nada significava. Não lhe cabia decidir quem estava com a razão e quem estava errado, ainda que, posteriormente, ele se tivesse tornado o grande legislador a quem todo o povo de Israel devia obediência. No Antigo Testamento, a justiça (no hebraico, *mishpat*) não era um conhecimento positivo nem um princípio metafísico, como se dá com a filosofia ética. Era a lei imposta pelo *Deus vivo.* Os atos potencialmente altruístas de Moisés, sua preocupação com os oprimidos, não foram bem acolhidos, e isso deve ter parecido difícil para o *jovem Moisés* (então com quarenta anos de idade). Uma lição que devemos aprender de início é não esperar aplausos. A maioria das pessoas teme as verdades recém-descobertas que ameaçam os dogmas tradicionais.

O Erro Fatal de Moisés. Moisés tinha aplicado a violência; tinha assassinado; tinha perdido o respeito dos outros. Agora seria preciso muito tempo para ele vencer essa situação.

2.15

Moisés fugiu da presença de Faraó. Este estaria agora ouvindo a notícia ou em breve a ouviria, de que Moisés matara a um egípcio. E então mandaria executar Moisés. Nisso consistia o maior temor de Moisés. E assim Moisés fugiu para seu exílio de quarenta anos, na terra de Midiã, o segundo grande ciclo de sua vida. Ver o vs. 11. Ele começara a tornar-se uma figura ameaçadora, intervindo onde não devia, agitando o povo. Alguns intérpretes vêem neste texto um esforço abortado de emancipação. Mas o autor sacro apresenta o episódio como um simples passo na preparação divina do caminho de Seu servo. Este precisava internar-se no deserto por quarenta anos. Tudo isso fazia parte de sua preparação.

Terra de Midiã. Ver no *Dicionário* o artigo *Midiã, Midianitas.* Moisés fugiu na direção sudeste, afastando-se de onde vivia talvez quatrocentos quilômetros. Midiã tinha sido um dos filhos de Abraão e Quetura (Gên. 25.1-6). Assim, os midianitas eram parentes distantes de Moisés, uma tribo árabe que vivia na região ao sul do Sinai e na porção noroeste da Arábia. Esse deserto diferia muito da favorecida região de Gósen, no Egito, que era onde estava o grosso da população israelita. Ver Gên. 45.10. Os midianitas eram seminômades. Seu centro ficava às margens do golfo de Ácaba. O local tradicional do monte Sinai ficava naquela região, Os nabateus, mui provavelmente, foram os sucessores dos midianitas na região, tendo sido os que edificaram a famosa cidade de Petra (ver a respeito no *Dicionário*).

Junto a um poço. Local muito valorizado em uma terra ressequida. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Poço* e *Cisterna.* Moisés armou sua tenda nas imediações. Havia perdido sua exaltada posição de filho da filha do Faraó, e agora era tão sem importância quanto antes era importante.

2.16

O sacerdote de Midiã. A Septuaginta dá aqui o seu nome, *Jetro.* Mas o original hebraico só dá esse nome em Êxodo 3.1. E o vs. 18 deste capítulo dá outro nome desse homem, *Reuel.* Em Êxodo 18.12, Jetro é chamado "sogro" de Moisés. Mas em Números 10.29 e Juízes 4.11 esse homem é chamado Hobabe. Em Números 10.29, Hobabe figura como *filho* de Reuel, e este último aparece ali como *sogro* de Moisés. Os eruditos têm-se esforçado por explicar essas discrepâncias. Naturalmente, vemos que Jetro e Reuel são nomes diferentes de um mesmo indivíduo. Ou, então, um poderia ser o pai do outro. Não há como resolver nitidamente a questão. Assim, alguns eruditos pensam que Reuel era o pai de Jetro, e para eles essa é a maneira mais lógica de explicar o problema. Ofereço artigos separados sobre cada um desses nomes, onde aparecem detalhes sobre o problema, além de informações de cunho geral.

Talvez Reuel (e/ou Jetro) fossem reis-sacerdotes, a exemplo de Melquisedeque, e talvez promovessem alguma forma de fé religiosa que era conhecida por seu ancestral mais remoto, Abraão.

Sete filhas, as quais vieram a tirar água. Às mulheres geralmente cabia essa tarefa. Ver outras instâncias disso, que envolveram Rebeca e Raquel (ver Gên. 24.13 ss. e 29.2 ss.). Assim também aqui as sete filhas do sacerdote de Midiã ocupavam-se no trabalho de puxar água para os animais. Outro encontro, à beira de um poço, resultou em um casamento divinamente arranjado, conforme o autor sagrado nos quis fazer saber. Os costumes orientais nada viam de pejorativo na filha de um chefe ou sacerdote ocupar-se desse tipo de trabalho.

2.17

Moisés. . . as defendeu. As filhas do sacerdote não foram bem acolhidas. Antes, foram postas a correr por certos pastores locais hostis. Mas Moisés defendeu-as e em seguida ajudou-as a tirar água para seus rebanhos. Essa foi a *terceira vez* em que Moisés tentou ajudar a outras pessoas em necessidade (ver Êxo. 2.12,13). Nas duas vezes anteriores, o resultado havia sido desastroso. Mas dessa vez o resultado foi positivo. O texto, pois, apresenta Moisés como um libertador, o que, finalmente, ele acabou sendo para todo o povo de Israel. Moisés figura aqui como homem dotado de mente e de corpo vigoroso, pois, de outra sorte, não teria sido capaz de pôr em fuga o grupo de pastores fanfarrões, sem entrar em mais dificuldades. Talvez derrubar o líder deles tenha sido suficiente.

2.18

Por que viestes hoje mais cedo? Com a ajuda de Moisés, as filhas do sacerdote puderam terminar mais cedo do que o comum o seu trabalho. E isso surpreendeu a Reuel, pai delas. Suas perguntas levaram-no a Moisés, que dentro em pouco seria o marido de uma de suas filhas, Zipora (vs. 21). O nome dela significa *passarinho.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Reuel (Raguel).* Ver também sobre *Jetro,* e sobre o problema concernente ao fato de que ambos são chamados "sogro" de Moisés. Ver as notas sobre o vs. 16. O Targum de Jonathan chama Reuel de "pai do pai", e esse parece ser o modo mais provável de resolver esse problema de nomes próprios. É possível que aqueles pastores *hostis vez por outra* atacassem as filhas do sacerdote de Midiã, fazendo-as chegar tarde na maioria dos dias. Mas uma vez que eles tinham sido tirados da cena, e com a ajuda de Moisés, elas puderam terminar mais cedo a tarefa do dia.

2.19

Um egípcio. Seu sotaque o denunciava. Adam Clarke mostrou como um *egípcio* não teria podido pronunciar as consoantes guturais do árabe, como a do nome Reuel, que no hebraico aparece como Raguel. E afirmou que ouvir um árabe pronunciar esse nome soaria como se ele estivesse *gargarejando.* Moisés era um benfeitor que procurava ajudar às pessoas. Essa é uma característica de muitos dos líderes que Deus levanta. Mas há muitos supostos líderes que só sabem prejudicar a seus semelhantes, fazendo isso em nome de Deus.

2.20

Reuel não demorou a perceber que ali estava um bom genro em perspectiva. Afinal, ele tinha sete filhas para casar. E perguntou delas: "Por que deixastes lá o homem?". E logo elas o convidaram para vir comer na casa delas. Quantos romances têm começado na mesa de jantar? Reuel e suas filhas sentaram-se ali, e perto estava o simpático homem vindo do Egito. Zípora lançava olhares sobre Moisés; e Moisés lançava olhares sobre Zípora; e logo teve início um romance que ninguém poderia frear, tal como não se pode impedir a maré dos oceanos.

2.21

Moisés Achou Lar Longe de Casa. Mudou-se para a casa de Reuel e começou a ajudá-lo *em seu trabalho.* Zípora, o *passarinho,* estava sempre por perto. E não demorou para Moisés perceber o quanto precisava de uma mulher.

Zípora. No hebraico temos a forma feminina de *zipor,* "passarinho". Ela era uma das sete filhas de Jetro (Reuel), sacerdote de Midiã (Êxo. 2.21,22). Ela foi a primeira esposa de Moisés, mãe de Gérson e Eliezer (Êxo. 2.22; 18.3,4). Viveu por volta de 1500 A. C., embora os eruditos variem disso por nada menos de duzentos anos.

Quando Moisés voltou de Midiã ao Egito, Zípora e os filhos do casal acompanharam-no. No caminho de volta, Yahweh repreendeu Moisés, ou porque ele não se circuncidara antes de casar-se, ou porque não havia circuncidado um de seus filhos. Assim, com muita relutância e protesto, Zípora obedeceu a seu marido, circuncidando seu filho. Ao que parece, ela tocou em Moisés com a pele do prepúcio, que pingava sangue, e declarou: "Esposo sanguinário!". E isso por causa da operação, que era muito dolorosa. Ela e seus dois filhos posteriormente retornaram a Jetro (Êxo. 18.2-4). E nunca mais se ouve falar em Zípora nas páginas da Bíblia. Filo afirmou que Moisés casou-se com setenta e sete anos de idade (*Vita Mosis,* foi. 9.1). Mas outros estudiosos datam esse casamento em muito antes disso.

2.22

Gérson. Esse nome é de procedência estrangeira, tomado por empréstimo pelo vocabulário dos hebreus. Seu significado é incerto: talvez venha do hebraico *garas,* "expulsar". Portanto, pode significar *fugitivo.* Ver Êxo. 2.22. Todavia, a palavra pode ser corruptela de uma forma estrangeira original, envolvendo um jogo de palavras de alguma sorte. Seja como for, esse nome designa três pessoas do Antigo Testamento. Uma delas foi o filho mais velho de Moisés, dos dois que lhe nasceram na terra de Midiã. Sua mãe era Zípora. O outro filho de Moisés chamava-se Eliezer (ver Êxo. 2.22 e 18.3-4). Esses dois homens foram simples levitas, ao passo que os filhos de seu tio, Arão, desfrutaram todos os privilégios próprios do sacerdócio, brandindo muito maior autoridade (I Crô. 23.15). Ao que parece, Moisés era imune ao nepotismo, uma atitude rara entre os líderes e os políticos. A Bíblia informa-nos somente quanto ao nascimento de Gérson, à sua circuncisão e a à sua genealogia. Seu nome veio a ser vinculado a um dos clãs levitas. Ver Êxo. 24.24-26. Ele viveu em torno de 1500 A. C., mas os estudiosos diferem nada menos de duzentos anos quanto a isso.

Embora nada seja especificado quanto a isso neste livro de Êxodo, Moisés atirou-se à árdua tarefa de ser pastor de ovelhas em uma terra árida, durante quarenta anos. Uma das vantagens dessa ocupação é que ele obteve um valioso conhecimento das condições locais da área do Sinai, onde, anos mais tarde, estaria conduzindo o povo de Israel. Ver Atos 7.30.

Moisés é Chamado por Deus (2.23 — 3.22)

O Pacto Abraâmico é Transmitido a Moisés (2.23-25)

Os anos de preparação, os quarenta anos em que Moisés viveu internado no deserto (Atos 7.30), cumpriram-se. Estava morto o Faraó do qual Moisés havia fugido. Agora ia começar o terceiro e último estágio da vida de Moisés. Ele tinha vivido por quarenta anos no Egito (Êxo. 2.14). Tinha vivido por quarenta anos no deserto de Midiã. E agora viveria por quarenta anos como líder de Israel, como o Libertador. A maior parte das informações de que dispomos sobre a sua vida diz respeito a esses quarenta anos finais.

O Libertador precisava ser um participante especial do Pacto Abraâmico, no qual é prometida uma pátria para o povo de Israel. A peregrinação e o exílio de Israel no Egito não poderiam mesmo perdurar para sempre. Os pecados dos habitantes da Terra Prometida deveriam chegar ao seu ponto culminante; e então o juízo divino tiraria deles aqueles territórios, entregando-os aos descendentes de Abraão. Ver as notas sobre Gên. 15.13,16. Em Gên. 15.18 dou notas detalhadas sobre o *Pacto Abraâmico,* reiterado por nada menos de dezesseis vezes no livro de Gênesis.

Havia morrido o Faraó do Egito (Seti I ou Ramsés II). Mas isso em nada alterou as condições do povo de Israel, que continuava encurvado sob pesada servidão. Seus clamores, porém, subiram a Deus (vs. 23). Chegara o tempo de Deus agir. Esse ato divino requeria a presença de um ator central, Moisés.

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *J, E* e *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

2.23

Decorridos muitos dias. Os quarenta anos durante os quais Moisés esteve internado no deserto (Atos 7.30). Ver as notas de introdução a esta seção. O plano de Deus tem sua própria cronologia (ver Gên. 15.13,16). Agora Moisés estava preparado, ao fim dos dois primeiros ciclos de quarenta anos cada (Êxo. 2.14; Atos 7.30). Os próximos quarenta anos veriam ele como o grande Libertador de Israel. O rei egípcio que tinha ameaçado sua vida estava agora morto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo chamado *Faraó,* em sua terceira seção, onde aparecem os faraós vinculados à Bíblia. Mas como já dissemos, a morte daquele Faraó em nada modificara as condições de vida do povo de Israel. Israel continuava escravizado, sem nenhuma perspectiva de mudança. Israel gemia e clamava debaixo de suas cargas; e Deus ouviu esse clamor, e preparou-se para libertar o Seu povo.

O trecho de Êxodo 7.7 dá-nos a idade de Moisés nessa época, a saber, oitenta anos. O terceiro e maior ciclo da vida de Moisés ia começar em breve.

2.24

O Pacto Abraâmico. O cronograma de Deus requeria vários acontecimentos: o exílio e a servidão no Egito; os pecados dos cananeus teriam de chegar a seu ponto culminante, a fim de que um justo juízo divino viesse a privá-los de suas terras (Gên. 15.13-16); Moisés teria de cumprir um período de quarenta anos de exílio no deserto (Êxo. 2.15; Atos 7.30). Mas uma vez satisfeitos todos esses itens, o cronograma divino passaria para o passo seguinte: a chamada de Abraão. E esta levaria o Pacto Abraâmico a um novo degrau. Ver em Gên. 15.18 as notas completas que damos ali sobre esse pacto. Uma de suas principais estipulações era que Israel haveria de ter seu próprio território pátrio. Isso requereria que Israel fosse livrado de sua escravidão no Egito.

"Êxodo 2.24,25 é um eixo na narrativa. A supressão, a escravidão e a morte são temas dominantes no trecho de Êxodo 1.1-2.23. Daqui por diante, a ênfase recairá sobre as idéias de *livramento* e *triunfo.* Deus, em Seu poder soberano, estava preparado para agir em consonância com as Suas promessas a fim de livrar e preservar o Seu povo" (John D. Hanna, *in loc.*).

2.25

O Favor Divino. Agora a graça de Deus passa a ocupar uma posição forte, evidente e eficaz. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

Deus. No hebraico, *Elohim.* Ver as notas sobre esse nome divino no *Dicionário,* bem como o artigo geral *Deus, Nomes Bíblicos de.*

O sétimo versículo deste terceiro capítulo do Êxodo menciona o favor divino especial que estava prestes a entrar em ação, com base no amor de Deus e na compaixão Dele por Seu povo oprimido.

Capítulo Três

Chamada e Comissão de Moisés (3.1 — 4.17)

O Pacto Abraâmico foi confirmado a Moisés (Êxo. 2.24). Ele foi nomeado para tornar-se um instrumento especial desse pacto, passando a desempenhar um papel cêntrico para tirar Israel do Egito e fazê-lo voltar à Terra Prometida. Jacó e seus filhos, ao fugirem da seca na terra de Canaã, desceram ao Egito para estarem em companhia de José (ver Gên. 46-50). Isso armou o palco para o exílio e a escravidão naquele país. Agora, essa situação seria revertida, e o cronograma de *Deus estava avançando para uma fase nova.* Ver Gên. 15.13,16 e as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18.

Os críticos pensam que esta seção é uma mescla das fontes informativas *J, E* e *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Moisés era considerado o maior de todos os profetas de Israel (Êxo. 34.10); e outros ainda o exaltavam mais do que isso (Núm. 12.6,7). Seja como for, ele foi o homem escolhido por Deus para aquele momento crítico. Foi mister que ele recebesse uma autoridade e um poder real, e isso lhe foi concedido pela presença de Deus, que começou quando da teofania que lhe foi outorgada. Isso faz-nos lembrar da chamada de Isaías (Isa. 6).

A seção à nossa frente consiste em *três divisões:*

1. Confrontação com Deus (Êxo. 3.1-12)
2. Instruções (Êxo. 3.13-22)
3. Queixas de Moisés (Êxo. 4.1-17).

3.1

Apascentava Moisés o rebanho. Moisés sentia-se satisfeito no deserto, enquanto ajudava a cuidar do rebanho de seu sogro. Não havia excitações, mas também não havia ameaças nem necessidades. Tinha tudo o de que precisava, com sua pequena família: sua esposa e seus dois filhos. Mas o plano de Deus em breve haveria de agitar a sua vida, preparando-o para uma importantíssima missão. Por igual modo, séculos depois, Davi também foi arrancado de suas ocupações pastoris para cumprir um notável destino.

Jetro. Em Êxo. 2.18, o nome do sogro de Moisés aparece como *Reuel.* Ver as notas em Êxo. 2.16-18 quanto ao problema da aparente confusão de nomes próprios. Talvez Reuel fosse o pai de Jetro. Provi artigos detalhados sobre ambos (ou sobre os diferentes nomes de um só nome) no *Dicionário.*

O lado ocidental do deserto. Essa era a estreita faixa de terra fértil que *ficava por trás da planície arenosa, estendendo-se desde a serra do Sinai até as* praias do golfo Elanítico.

Horebe. Chamado algures de "monte de Deus". Cuidando de seu rebanho, Moisés acabou chegando a esse lugar. E ali, inesperadamente, teve um encontro com a presença de Deus. Parece que Horebe era o nome de toda a cadeia montanhosa que havia naquela área. O Sinai era apenas uma parte dessa cadeia, posteriormente conhecido como Jebel Musa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Horebe.* Alguns estudiosos opinam que *Horebe* e *Sinai* eram os nomes de dois picos da serra em pauta. E Horebe, nesse caso, veio a ser conhecido como "monte de Deus" porque foi ali que Deus apareceu a Moisés.

3.2

O Anjo do Senhor. Temos aqui uma designação frouxa para uma *teofania* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Uma verdade constante do livro de Gênesis, e agora também do livro de Êxodo, é que Deus chama seus vasos ou instrumentos especiais mediante profundas experiências místicas. Jacó teve muitas dessas experiências. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.* Ver Gên. 12.1 e 15.1 ss. quanto às experiências de Abraão; e ver Gên. 28.12 ss. quanto a uma dessas experiências de Jacó. É uma bênção dispormos das Escrituras e de outros livros espirituais para os lermos e estudarmos. É grande podermos orar, o veículo da petição e do poder espiritual. É notável dispormos do meio da meditação, pelo qual podemos dar ouvidos à voz de Deus. Mas *também* precisamos do toque místico em nossa vida, a aproximação da presença de Deus, que nos ilumina e orienta.

Senhor. No hebraico, *Yahweh.* Ver no *Dicionário* sobre esse nome divino, como também o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de.* Encontramos aqui o grande tetragrama dos israelitas, YHWH.

Numa chama de fogo. Um dos *símbolos* da presença de Deus. Devemos entender aqui alguma forma de luz e manifestação resplandecente, e não chamas de fogo físico, embora parecido com isso. Esse é um elemento comum nas experiências místicas. Cf. Êxo. 19.18.

Sarça. A manifestação divina girou em tornou de um arbusto, uma sarça. Foi uma visão misteriosa, que Moisés se apressou a investigar (vs. 3). "Moisés foi visitado pelo Deus vivo" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Zoroastro asseverou que, em um monte onde tinha ido meditar e estudar, teve uma visão de que o monte inteiro havia sido envolvido por chamas divinas. Algo similar foi noticiado por Ésquilo. E há muitos paralelos nas crônicas religiosas.

3.3

A sarça não se queima. Um estranhíssimo fenômeno, que fez Moisés voltar-se naquela direção, a fim de investigá-lo. No começo, não percebeu que estava em meio a uma espécie de manifestação divina, o que por muitas vezes ocorre nos estágios iniciais de todas as experiências místicas. Além de ser um estranho *fenômeno, capaz de atrair a atenção, a ocorrência provavelmente tinha por intuito* indicar que o homem pode aproximar-se da chama de Deus sem sofrer dano, e, de fato, é convidado a fazê-lo. Todavia, os homens temem o Ser divino, especialmente porque isso requer *muito* da parte deles, a saber, sua própria vida. Os homens preferem dedicar-se a si mesmos, satisfazendo os interesses do corpo físico e buscando somente as realidades temporais.

Moisés ficou atônito e *acolhedor* diante da aproximação do Ser divino. Ele reagiu favoravelmente ao mistério; mostrou ser um inquiridor que estava prestes a fazer uma grande descoberta.

Possíveis Símbolos da Sarça:

1. O poder divino, o qual se aproxima do homem como se fosse uma chama, sem causar nenhum dano ao homem.
2. Israel sob aflição, mas sem ser consumido.
3. Acesso a Deus por meio das experiências místicas.
4. Todos os crentes, que podem ser tentados e provados, mas nunca esquecidos ou consumidos.
5. A disponibilidade da presença divina por parte dos homens.
6. A necessidade da visitação divina, visando o bem da alma, bem como sua iluminação e orientação.
7. Os cuidados de Deus, que provê o necessário para os que Lhe pertencem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo.* Deus não abandonou a Sua criação, conforme estipula o *Deísmo* (ver no *Dicionário*).

3.4

Senhor... Deus. Esses nomes, no hebraico, são respectivamente *Yahweh* e *Eiohim.* Ver no *Dicionário* sobre esses nomes, como também o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de.* A teofania (ver a esse respeito no *Dicionário*) manifestou-se na sarça e na voz divina que chamou a Moisés. A presença divina chamou e Moisés respondeu. Temos aí uma eterna lição espiritual que toda a humanidade precisa aprender. Moisés ficou atônito e *acolhedor* diante da presença de Deus. Isaías, diante da presença do Senhor, caiu em confissão, sentindo necessidade de absolvição. Embora essa atitude não seja aqui mencionada, trata-se de uma atitude comum nas experiências espirituais poderosas.

Moisés, Moisés. A voz divina manifestou-se pessoal, dirigindo-se a Moisés por seu nome. A vontade de Deus envolve cada indivíduo, chamando cada qual a uma missão especial. Deus conhece os que Lhe pertencem, tal como diz o ensino sobre o Bom Pastor (João 10) e o trecho do Salmo 23. Deus manifesta-se individualmente, e não coletivamente. "O Senhor conhece o Seu povo um por um, chamando-o por seu nome. A repetição do nome [Moisés, Moisés] indica familiaridade e um afeto veemente por ele" (John Gill, *in loc.*).

3.5

Não te chegues... tira as sandálias. Aqueles eram momentos solenes, em um lugar sagrado, o que requeria a maior reverência da parte de Moisés. Moisés deveria descalçar seus *nealim,* provavelmente uma espécie de sandálias. Em todos os países orientais havia o costume de descalçar-se por ocasião do culto, o que tem persistido até hoje entre os persas, árabes e outros povos. Juvenal (*Sat.* vi. ver 158) mencionou esse costume. O trecho de Jos. 5.15 alude ao mesmo costume. "Até hoje, os judeus vão às suas sinagogas descalços, no dia da expiação" (John Gill, *in loc.*). Os sacerdotes da deusa Diana serviam-na descalços (Slin. *Polyhistor.* c. 16; Estrabão, 1.12, par. 370).

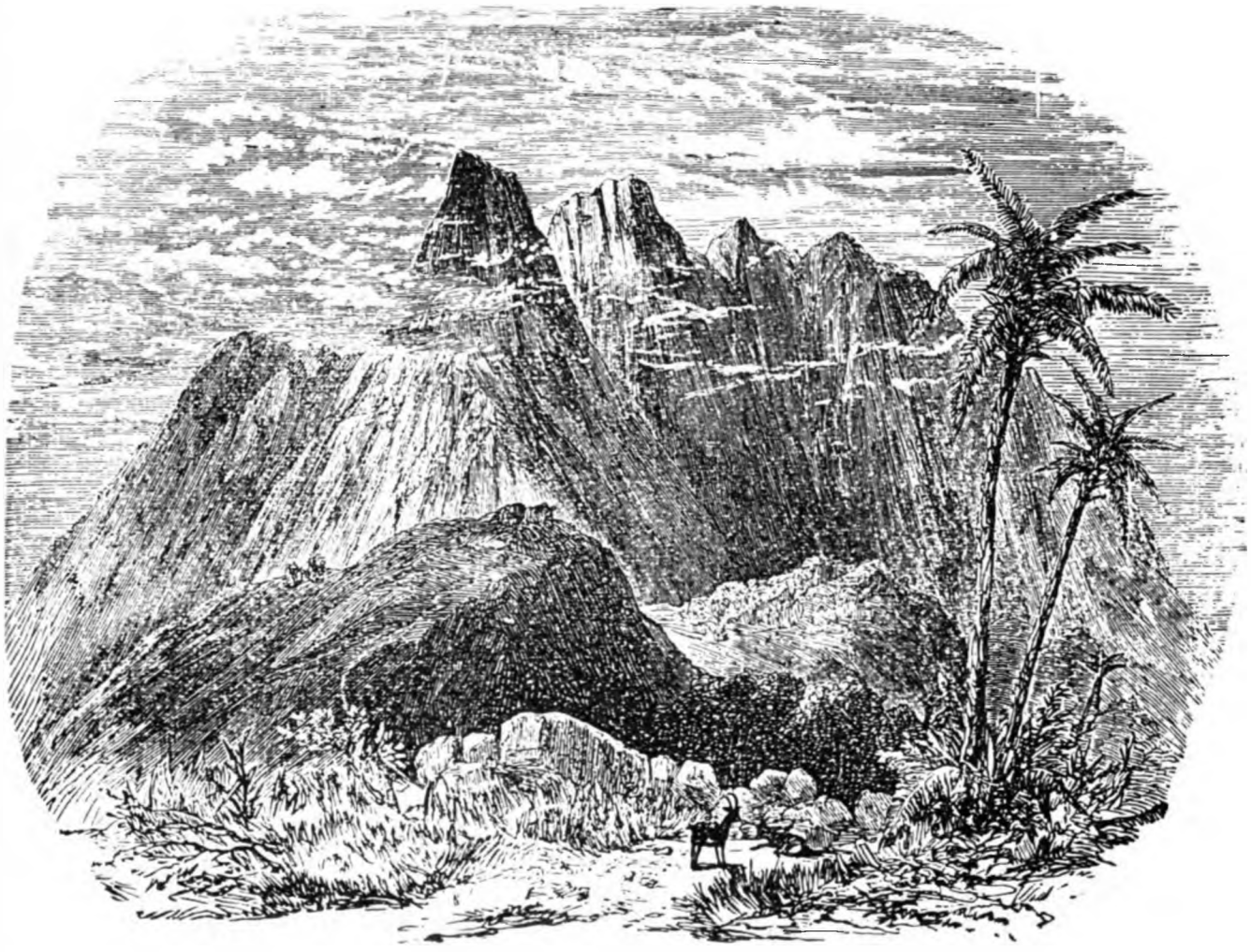
Terra santa. Um lugar sagrado que posteriormente deu a Horebe o nome de "monte de Deus" (vs. 1). No mundo antigo, tal como hodiernamente, formavam-se santuários em torno das aparições de algum poder divino, neste ou naquele lugar. Dois ou três crentes, reunidos em adoração cristã, podem esperar contar com a presença de Cristo (Mat. 18.20). Moisés chegou àquele local porque era um bom

Apascentava Moisés o rebanho de Jetro,
seu sogro, sacerdote de Midiã;
e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto,
chegou ao monte de Deus, a Horebe.

Êxodo 3.1

*** *** ***

Horebe significa *deserto, sequidão* (Êxo. 3.1; 17.6; Deu. 1.2,6 etc). Alguns supõem que Horebe fosse o nome do pico menor do monte Sinai, de onde alguém poderia descer na direção sul. Outros estudiosos supõem que esse nome designe a cadeia inteira da qual o Sinai era apenas um cume específico.



SINAI Smith's Bible Dictionary

lugar de pasto para seus rebanhos. Mas este acabou revestindo-se de uma importância muito maior do que Moisés tinha esperado.

Calçados. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome.

3.6

Uma Acumulação de Títulos. O Deus de vários patriarcas provê a continuação da adoração ao mesmo Deus, desde Abraão até Moisés. Todos eles tinham o mesmo Deus e a mesma herança espiritual, e também compartilhavam do mesmo *pacto* (ver Êxo. 2.24 e Gên. 15.18 quanto a uma completa descrição). Esse acúmulo de títulos também empresta *dignidade* e *admiração* diante do Ser divino. Pois o Deus daqueles patriarcas era grandioso. E agora Moisés haveria de contemplar algo dessa grandeza, operante na saída do povo de Israel do Egito. Ver as notas sobre Gên. 26.4. Ver também Êxo. 3.15,16,20; 15.2 e 18.4.

Criação, aliança e redenção têm sua origem no único Deus dos patriarcas. Existe um *continuum* divino.

Jesus usou esse texto para provar a imortalidade da alma e a ressurreição contra os saduceus céticos. Ver Mar. 12.26,27.

Moisés escondeu o rosto. Provavelmente por trás de sua capa externa, conforme fez Elias (I Reis 19.13). Ele estava *com medo*, algo bastante comum nas experiências místicas, porquanto envolvem forças poderosas com as quais não costumamos tratar na vida diária. Tememos o desconhecido e qualquer poder imprevisível. Por isso mesmo foi que Jacó exclamou: "Quão temível é este lugar!" (Gên. 28.17).

Este texto pode ser comparado com algo similar, em Êxo. 33.1,20; João 1.18. A teofania, ou seja as manifestações visíveis de Deus, por mais temível que possa ser, não envolve a essência divina propriamente dita, a qual permanece misteriosa.

A Audiência Divina (3.7 — 4.17)

Agora a revelação divina toma a forma de *instrução*. Aquilo que é místico tem seus efeitos práticos, seus resultados. Todas as realidades espirituais produzem efeitos práticos, para nós e para outras pessoas. Não somos iluminados por motivo de mera curiosidade. Compete-nos agir com base na iluminação recebida. A lei do amor manifesta-se em tudo, e deveria direcionar todas as nossas ações. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*. Moisés deveria agir em prol do amado povo de Deus, sim, amado por Deus e pelo próprio Moisés.

3.7

Vi a aflição do meu povo. O povo de Israel chamava a atenção de Deus, conforme já vimos em Êxo. 2.25. Era chegado o momento certo de agir. A Terra Prometida deveria passar para o poder de Israel, após o exílio no Egito, e depois que a culpa dos cananeus chegasse ao seu ponto culminante. Ver Gên. 15.13,16. Deus cuida de Seu povo. Por certo essa é a mensagem central do evangelho. Deus amou de tal maneira que deu (João 3.16), e uma provisão universal foi feita (I João 2.2). Ver no *Dicionário* o artigo *Misericórdia (Misericordioso)*. Deus sabia da situação aflitiva de Seu povo, e não podia tolerá-la. Ver Êxo. 3.7-9 e cf. Êxo. 2.24. E assim, foi planejada a *libertação*.

Exatores. Temos aqui uma palavra diferente da que é empregada em Êxo. 1.11, onde nossa versão portuguesa diz "feitores". Mas ambos os termos implicam um tratamento cruel. Os "exatores" não eram apenas capatazes. Tinham-se tornado opressores; e era com eles que os escravos tinham de tratar todos os dias. Deus sabia o quanto os israelitas sofriam fisicamente, o quanto a mente deles se sentia aflita e o quanto seu espírito se sentia desolado. Pareciam abandonados a uma sorte pior do que poderiam suportar. Mas a vontade soberana de Deus estava prestes a reverter tudo isso.

3.8

Por isso desci. Cf. Gên. 11.5 onde Deus *desceu* para verificar a situação na torre de Babel, e então lançou uma maldição sobre ela. Deus desceu de Seu *céu* (Gên. 11.4; 19.24; 21.17; 22.11). É provável que, na teologia mais antiga dos hebreus, a descida de Deus fosse concebida como algo literal. Mais tarde, porém, a expressão passou a ser usada em sentido figurado. Ver I Reis 8.27; Sal. 137.7-16; Pro. 15.3. Até hoje usamos os verbos "descer" e "subir" ao referir-nos ao inter-relacionamento entre os céus e a terra. Metaforicamente, o termo indica "pôr a própria presença em disponibilidade e realizar alguma obra", ou mesmo consolar, iluminar, punir, recompensar, intervir, etc. Esta descida de Deus serve de expressão dos cuidados divinos, com o intuito de remover o terror imposto pelos egípcios. Deus estava prestes a fazer *intervenção*.

Subir daquela terra. A Terra Prometida era uma das promessas do Pacto Abraâmico, sobre o qual comento com detalhes em Gên. 15.18. As descrições mais comuns diziam que a Terra Prometida era um lugar repleto de riquezas naturais, ou de "leite e mel". Havia trechos de grande fertilidade, mas também havia porções desérticas. De acordo com os padrões antigos, era um território *espaçoso*, de cerca de setecentos e vinte e cinco quilômetros de norte a sul, enquanto de largura tinha entre noventa e seis a cento e noventa e dois quilômetros de largura. Sua área era mais ou menos a de um dos estados brasileiros, muito pequeno de acordo com os padrões modernos. Mas devemos lembrar que Moisés conduziu apenas cerca de três milhões de pessoas até fronteiras da Terra Prometida. Ver Números 1.46, onde se lê que havia seiscentos mil homens capazes de pegar em armas. Logo, para aquele número de pessoas, havia espaço abundante.

A expressão *terra que mana leite e mel* talvez já fosse proverbial, embora a encontremos somente aqui pela primeira vez na Bíblia. Ver as referências no fim deste parágrafo. Em Homero (*Ilía*. ix. ver. 141) temos a idéia que a terra era como um *seio* que manava leite. Ver também Virgílio (*Aen*. ib. iii. vs. 95). "Leite e mel, alimentos que tornam um território um paraíso aos olhos de populações seminômades" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Essa expressão também aparece em Núm. 13.27; 14.8; 16.13,14; Lev. 20.24; Deu. 6.3; 11.9; 27.3; 31.20; Jos. 5.6; Jer. 11.5; 32.22; Eze. 20.6,15.

Um Território com Vários Povos. O autor sacro alista seis tribos ou pequenas nações diferentes. Há notas sobre todos esses povos no *Dicionário*. Algumas vezes, o termo *cananeus* podia indicar todos esses diferentes povos. E em Gênesis 15.16, o termo *amorreus* serve ao mesmo propósito. Aquele versículo afirma que a terra não podia tornar-se propriedade dos descendentes de Abraão enquanto os pecados dos cananeus não enchessem a taça. O juízo divino, porém, tiraria deles os seus territórios, que passariam para a posse do povo de Israel. O vs. 13 daquele mesmo capítulo do Gênesis mostra-nos que o exílio de Israel no Egito deveria ter lugar antes que a Terra Prometida pudesse ser conquistada pelos filhos de Israel. E foi assim que, no cronograma de Deus, uma vez passados esses dois eventos e suas condições, o Senhor começaria a providenciar quanto à saída de Israel do Egito, e então Israel tomaria conta da Terra Prometida. Cf. a menção dos povos aqui referidos com os trechos de Êxo. 3.17; 13.5; 23.23; 33.2; 34.11.

3.9

Este versículo é uma repetição essencial das idéias e expressões de Êxo. 2.25 e 3.7, onde damos as notas expositivas. Deus desceu para fazer *intervenção* (vs. 8). Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus não apenas criou, mas também se faz presente e intervém; Ele muda o curso da história; Ele galardoa aos bons e castiga os maus. Isso é contrastado com o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), que diz que Deus ou alguma força criativa abandonou a sua criação e a relegou às leis naturais. A *repetição* é um hábito de estilo literário do autor do Pentateuco.

3.10

O Propósito Divino. Agora Moisés era enviado de volta ao Egito, não como um filho exilado da filha do Faraó, mas como um representante dos hebreus. Era chegada a *plenitude do tempo* para a libertação dos filhos de Israel. Deus haveria de valer-se da audácia e da autoridade natural de Moisés, paralelamente a seu profundo senso de justiça, adicionaria a isso o Seu próprio poder, e faria dele um Libertador. Quanto a Moisés como tipo de Cristo, ver as notas sobre Êxo. 2.2. Há várias conjecturas sobre qual Faraó estaria envolvido nesses eventos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Faraó*, em sua terceira seção, quanto aos faraós da Bíblia.

Moisés Recebe Instruções Divinas (3.11-22)

Instrução e treinamento vieram antes do serviço. Quanto mais instrução e treinamento recebermos, melhor haveremos de servir. O primeiro obstáculo que tinha de ser vencido eram aqueles do próprio Moisés. Em seguida, seria mister convencer aos hebreus da viabilidade do plano. E, finalmente, o Faraó teria de ser forçado a concordar.

3.11

Quem sou eu para ir. . .?

Moisés Apresentou Quatro Objeções. 1.Inadequação pessoal (3.11). 2. A autoridade de Deus (investida em Seu nome) entregue a Moisés diante de Israel (3.13). 3.As dúvidas de Israel acerca da comissão e da autoridade recebida por Moisés da parte de Deus (4.1). 4. A falta de eloqüência de Moisés (4.10).

Moisés iniciou suas queixas falando sobre suas próprias inadequações. O augusto Faraó nem lhe daria ouvidos. É como se Moisés tivesse dito: *Domine, non sum dignus*. "Os homens mais aptos para grandes missões geralmente são os que se julgam mais despreparados. Quando Deus chamou Jeremias para ser

um profeta, sua resposta foi: Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque não passo de uma criança (Jer. 1.6). Ambrósio lutou muito para não ser nomeado arcebispo de Milão. Agostinho relutou em aceitar a missão na Inglaterra. Anselmo temia aceitar a liderança da igreja nos dias maus de Rufo" (Ellicott, *in loc.*).

Durante quarenta anos (Atos 7.30), Moisés tinha sido um humilde pastor no deserto. Estaria ele agora preparado para ir falar pessoalmente com o Faraó? O Faraó tinha grande poder e um exército bem equipado. E o que tinha Moisés?

3.12

Resposta à Primeira Objeção. Moisés não era apenas Moisés; ele era o Moisés em quem Deus estava cumprindo o Seu propósito. Esse é um segredo universal de homens verdadeiramente grandes. Eles são *capacitados* mediante a presença e o poder divino. O projeto era de Deus, e não de Moisés. Moisés seria apenas um instrumento. Naturalmente, suas habilidades naturais e seu conhecimento seriam usados no plano. Ele não seria apenas uma marionete.

O sinal. Temos aqui uma garantia dada por Deus, como se fora uma promessa, de que o plano teria êxito, de tal modo que, ao sair do Egito, o povo de Israel serviria a Deus naquele monte santo, o monte de Deus, *Horebe*, ou Sinai. E isso teve cumprimento, como é lógico. A lei foi concedida ali, e Israel tornou-se uma nova espécie de nação, uma teocracia.

A Moisés foi dado entender que o êxodo seria um empreendimento *teocêntrico*, envolvendo um sentido *cósmico*, o que significa que só o poder divino poderia realizar o feito.

Alguns eruditos pensam que o sinal foi a sarça ardente (vs. 3,4); mas isso é menos provável. Ver Êxo. 24.4,5 quanto ao cumprimento do sinal, em comparação com Isa. 37.30, outro acontecimento da mesma natureza.

3.13

A Segunda Objeção. Israel não daria crédito ao radical Moisés, que falava em visões e comissões dadas pelo Deus de Abraão. Haveriam de considerá-lo um visionário louco. Não o veriam como uma autoridade. Faltava a Moisés a autoridade divina, de acordo com sua própria estimativa, e o povo de Israel não demoraria a perceber isso. Moisés teria a tarefa de convencer o povo de Israel de que tinha falado com Deus e tinha recebido sua comissão.

Qual é o seu nome? De acordo com a Bíblia, o nome de uma pessoa indica o seu caráter. Moisés, pois, estava reivindicando uma *nova revelação*, e isso requereria um *novo nome divino* para dar-lhe respaldo. Isso pode ser comparado com a história do novo nome de Jacó, Israel (Gên. 32.27 ss.). "Cria-se nos dias antigos que a essência de uma pessoa se concentrava em seu nome" (*Oxford Annotated Bible*, sobre Gên. 32.27). Um novo nome é um novo "eu". No caso de Moisés, o novo nome indicava uma nova revelação de Deus, um novo propósito.

Neste versículo está envolvido muito mais do que a idéia de o Deus de Israel ser identificado mediante um nome, em contraposição aos muitos nomes que eram adorados no Egito, conforme alguns eruditos têm interpretado.

3.14

Eu sou o que sou. O Targum de Jonathan interpreta aqui: "Eu sou Aquele que é e que será". O que é indiscutível é que esse nome está alicerçado sobre o verbo *ser* (no hebraico, *hayah*). Mas o texto hebraico comporta mais de uma interpretação. Alguns dizem: "Eu sou porque sou", dando a entender a vida independente ou *necessária* de Deus, em contraste com a vida de todos os seres criados, que é derivada e dependente. Ou então Deus é exatamente o que Ele é, o Poder Supremo, Imutável. Naturalmente, o tetragrama dos hebreus, YHWH (Yahweh), vem da mesma raiz. Assim, o nome deste versículo seria uma espécie de manipulação dessa raiz. Esse nome indicaria o Ser eterno e pessoal de Deus, além de Sua atuação e presença no mundo. Talvez a manipulação daquela raiz tivesse tido o propósito de ficar ambígua, visto que o nome Yahweh, por si mesmo, inspira admiração e espanto. Cf. Apo. 1.4,8; 4.8; 11.17.

Atributos ou condições de Deus, implícitos nesse nome: auto-existência; eternidade; imutabilidade; constância; fidelidade. No templo de Apolo, em Delfos, foi encontrada uma inscrição que dizia: *eimi* (no grego, "eu sou"). O trecho de João 8.58 alude ao presente texto, e isso refere-se à eternidade do Logo e à Sua união com Deus Pai. "Eu sou. . . e além de mim não há Deus" (Isa. 44.6). Temos aí uma declaração contrária ao politeísmo, o que provavelmente também está entendido no *Eu Sou* do presente texto. Seja como for, o Novo Nome de Deus indicava uma nova revelação. O projeto de Deus estava por trás dessa nova revelação.

3.15

Um Reforço do argumento contra a segunda objeção (vs. 13), aparece naquele versículo. O vs. 14 fornece-nos esse novo nome. E agora, este versículo fornece nomes divinos tradicionais que Israel haveria de conhecer e compreender. Isso posto, o Novo Nome estava ligado aos nomes anteriores, estando em pauta o mesmo Deus. *Yahweh Elohim* é o mesmo Deus que o "Eu Sou". Assim, as antigas revelações, comuns na fé dos hebreus, não destoavam do novo nome, que estava sendo dado por intermédio de Moisés. Ver sobre esses nomes no *Dicionário*, como também o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Moisés estava trazendo uma nova revelação, mas que não contradizia as revelações anteriores, mas, antes, complementava-as.

O Deus dos Patriarcas. Cf. Êxo. 3.6 e ver as notas ali. O título acumulado (dos vários patriarcas) provê o elo de ligação que havia entre Abraão e Moisés. Tudo fazia parte de um único propósito, embora estejam em pauta diferentes estágios do plano divino. O vs. 16 reforça isso com a expressão "Deus de vossos pais". Ver também Êxo. 4.5, que combina as expressões dos vs. 15 e 16. Ver Êxo. 29.42; 31.16 e Lev. 3.17, quanto à *perpetuidade* esperada.

3.16

Os anciãos. Estão aqui em foco os líderes e conselheiros, embora não se saiba qual a natureza exata desses líderes. Não sabemos dizer se o Faraó permitia alguma autonomia ao povo de Israel; e, se a permitia, até onde ela ia. Mas este versículo entende que havia alguma autonomia, pelo menos sob a forma de autoridades delegadas. Os vs. 16 e 17 repetem a mensagem essencial dos vs. 7 e 8, de acordo com o estilo literário de repetição, usado pelo autor sagrado, tão evidente no Pentateuco. Talvez devamos pensar em chefes de tribos, que teriam alguma autoridade, apesar de seu estado de servidão.

O Deus de vossos pais. Esses pais são os patriarcas. Esse Deus é referido aqui e no vs. 15. Ele era o enviador, e Moisés era o enviado. O antigo e o novo combinavam-se para conferir a Moisés a sua autoridade.

... me apareceu. Isto é, na sarça ardente (Êxo. 3.3 ss.). Moisés foi instruído a revelar essa elevada experiência espiritual que lhe conferiu sua comissão divina, aos líderes de Israel. Eles haveriam de saber que os homens de Deus são conduzidos desse modo, e isso fortaleceria a Moisés.

... vos tenho visitado. Em primeiro lugar, Deus já os tinha visitado com o seu favor divino (vs. 7). E então visitara-os de novo, em Sua aparição a Moisés, representante deles. E mais tarde, de forma mais evidente ainda, Sua visitação maior ocorreria, revertendo a situação de miséria em que os filhos de Israel se achavam. A manifestação maior da visitação divina ocorreria no próprio êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo *Êxodo (o Evento)*. A primeira indicação de Sua visita foi quando Ele olhou do céu e teve compaixão deles (vs. 7 e 8), do que resultaram outras visitas. O *amor* estava na base dessa visitação em suas várias fases. Isso posto, a redenção humana é inspirada pelo amor (João 3.16), mostrando-se eficaz para com todos (I João 2.2). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Redenção*. Destarte, Moisés tornou-se um *tipo* de Cristo, em Êxo. 2.2.

José havia predito essa visitação divina. Ver Gên. 50.24.

Tu és! Oculto em Teu segredo,
Quem poderá sondá-lo?
Profundo, tão profundo,
Quem poderá achá-lo!

(Michael Sachs)

Assim também Deus, de forma misteriosa, estava cumprindo o Seu plano remidor. Ele já tinha o Seu homem; e agora realizaria os Seus milagres. Estava em desdobramento uma das maiores histórias que já foram contadas.

3.17

Este versículo é uma virtual reiteração do vs. 8, incluindo a lista exata dos povos que seriam expulsos da terra de Canaã. Ver as notas ali. Quanto à "aflição" que os israelitas estavam sofrendo no Egito, ver também Gên. 15.13; Êxo. 1.11,12; 3.7.

3.18

irás, com os anciãos de Israel. Os líderes formariam uma frente unida. A primeira vitória de Moisés seria que os anciãos de Israel (ver o vs. 16) concordariam com o seu plano. Alguns representantes do povo estavam destinados ajudar Moisés em seus esforços por convencer o Faraó. Isso não

seria fácil porquanto, por muitos anos, ele desfrutara a vantagem de contar com o trabalho escravo dos filhos de Israel. E esse trabalho era sempre importante em grandes projetos públicos, como os que estavam em andamento no Egito. "A predição sobre a acolhida que seria dada pelos anciãos preparou o caminho da exibição de fidelidade por parte de Moisés (4.1-16)" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

O Senhor, o Deus dos hebreus. No hebraico temos aqui os nomes divinos *Yahweh Elohim*. Esses são os nomes divinos tradicionais dos hebreus (ver o vs. 15). Os egípcios eram um povo extremamente religioso, embora politeísta. Talvez o Faraó se mostrasse sensível a um apelo que envolvesse uma diretiva divina. Não se tratava apenas de uma greve ou de um movimento social. Era um projeto divino, o qual deveria ser apresentado ao Faraó. Essa expressão reflete o monoteísmo (ver acerca disso no *Dicionário*). De cada vez em que o Faraó fazia alguma concessão, as demandas eram aumentadas (Êxo. 10.9-11). O propósito era demonstrar a onipotência de Deus, contra uma crescente teimosia e endurecimento de Faraó. Ver no *Dicionário* o artigo *Atributos de Deus*. A expressão "o Deus dos hebreus" também figura em Êxo. 5.3; 7.16; 9.1,13 e 10.3.

Caminho de três dias. Moisés deveria começar com um pedido pequeno e razoável, uma breve jornada com propósitos religiosos, que o Faraó poderia entender facilmente. Moisés, todavia, não revelou seu real intuito, seus planos a longo prazo: a total redenção do povo de Israel do exílio no Egito. Alguns supõem que a distância comparativamente grande a que Israel iria, a fim de *sacrificar*, tinha por finalidade evitar as objeções dos egícpios ao sacrifício de animais sagrados. Talvez, por esse tempo, tais idéias já tivessem penetrado na teologia dos egípcios. Ao sair do Egito, finalmente, Israel foi até ao monte Sinai, para o que precisou de três meses (Êxo. 19.1), embora fosse fazendo pausas ao longo do caminho. Essa pequena viagem de três dias seria feita na direção do Sinai, mas não seria feita nenhuma tentativa de chegar a *Horebe*, "o monte de Deus" (Êxo. 3.1).

3.19

O rei do Egito não vos deixará ir. Em vez de permitir a caminhada de três dias, o Faraó reagiria de forma radical à sugestão, e aumentaria a carga de trabalho dos escravos israelitas. Ver Êxo. 5.4 ss. Às vezes, um bom projeto começa lentamente, ou mesmo chega a falhar a princípio. Mas se Deus está presente, haverá provisão para o sucesso, afinal. A recusa do Faraó tinha sido claramente prevista, mas mesmo assim era mister fazer o esforço. Aquilo era apenas um começo, apenas uma introdução. Conforme fosse aumentando a obstinação do Faraó, também aumentaria a pressão divina, até que, por fim, haveria uma notável vitória. O episódio indica um modelo de persistência. Nenhum projeto de importância pode lograr êxito sem que, primeiramente, haja *entusiasmo*. E, em segundo lugar, deve haver *persistência*.

3.20

Estenderei a minha mão. Deus aplicaria o Seu poder ao caso, incluindo muitos milagres e sinais que não poderiam ser equivocadamente interpretados. Ver também Êxo. 6.1; 13.14,16; 32.11; Deu. 4.34; 5.15; 6.21; 7.8,19; 9.26; 11.2; 26.8 quanto à "poderosa mão" de Deus em operação. Haveria doze *sinais maravilhosos*, ou seja, as pragas divinamente produzidas, que demonstrariam o poder de Deus.

Ferirei o Egito. O Faraó não daria ouvidos à razão. Somente a força poderia levá-lo a ceder. Haveria dez pragas distintas, causadas pela intervenção divina na natureza. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*. Mãos se *estenderiam* para ajudar, salvar ou danificar. A mesma mão estendida que ajudaria Israel danificaria o Egito. Coisas novas aconteceriam. Ninguém, incluindo o Faraó, seria capaz de duvidar da natureza divina do que estava prestes a acontecer. Assim, eventualmente ele daria liberdade aos filhos de Israel, mas não antes de um *conflito instrutivo*.

3.21

Eu darei mercê. A vitória seria tão decisiva que os egípcios ansiariam por deixar o povo de Israel ir-se embora, pois quereriam livrar-se das pragas e das aflições. Mas este versículo também indica que o Espírito de Deus daria aos egípcios um espírito de generosidade, levando-os a doar muitas coisas úteis a Israel, para a jornada. Os egípcios, de coração esclerosado, mostrar-se-iam generosos para com os israelitas. Esse foi um benefício que o povo de Israel dificilmente esperaria receber.

> *. . .àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós.*
>
> (Efésios 3.20)

O trecho de Êxodo 12.35,36 mostra o *cumprimento* dessa promessa. Na Igreja primitiva, a *espoliação* dos egípcios tornou-se um símbolo de como a Nova Fé deveria apropriar-se da herança cultural do mundo grego (ver Agostinho, *On Christian Doctrine, II.40*).

Houve uma predição direta no trecho de Gên. 15.14 sobre as circunstâncias descritas nos vs. 20 e 21 deste capítulo (ver também Êxo. 12.35,36). Deus tiraria o povo de Israel do Egito, e isso em meio à abundância e à prosperidade, e não em abjeta necessidade.

3.22

A Espoliação dos Egípcios

1. Os egípcios, para se verem livres de Israel, seriam generosos.
2. Ou então, no coração dos egípcios haveria um genuíno espírito de generosidade.
3. Ou então este versículo contém um certo *humor*. Israel *pediria* coisas; mas essa petição soaria como *exigências* a um povo vergado pelo senso de perda, e os israelitas estariam como que *furtando* coisas daqueles. Alguns estudiosos vêem aqui uma predição de *saque* virtual do Egito, por parte dos israelitas que estavam saindo do país.

   A Reparação. Sem importar como as coisas ocorressem, seriam consideradas uma reparação parcial pelos males e privações sofridos pelos filhos de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação (Restituição)*, que é o princípio básico tanto para a justiça (como se vê no caso presente) quanto para o verdadeiro arrependimento (como se dá em todos os casos individuais). Ver Êxo. 11.2,3 e 12.35,36 quanto ao cumprimento da antecipação que se vê neste versículo.

E despojareis os egípcios. Sem importar se as coisas fossem tiradas à força de um povo aterrorizado, ou se houvesse da parte deste povo cooperação e generosidade, os filhos de Israel obteriam uma prodigiosa quantidade e variedade de coisas valiosas. O ouro e a prata ganhos seriam mais tarde utilizados na construção do tabernáculo (Êxo. 35.5,22).

Capítulo Quatro

Deus Concede Poderes a Moisés (4.1-17)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *J, E* e *P(S)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Moisés tinha recebido o informe de que era participante do *Pacto Abraâmico* (Êxo. 2.24). Tinha recebido o *Novo Nome* de Deus que impressionaria Israel com sua autoridade (Êxo. 3.14). Tinha recebido muitas promessas de sucesso (Êxo. 3.16 ss.), a começar pelos anciãos de Israel, o que culminaria com o resgate de Israel da servidão no Egito. Agora, porém, ele precisava receber poderes divinos, sendo esse o tema da seção à nossa frente. Esses poderes seriam *miraculosos*, porquanto somente milagres de Deus poderiam conseguir o livramento de Israel. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18, como também os vss. 13 e 16 daquele capítulo.

O texto que se segue destaca mais duas *objeções* feitas por Moisés. Ver Êxo. 3.11 quanto às três objeções de Moisés, com suas respectivas referências. Agora, era mister que Moisés autenticasse sua autoridade diante dos anciãos de Israel (Êxo. 4.1); e também deveria haver alguma provisão para que ele se comunicasse bem, pois não era homem eloqüente (Êxo. 4.10). Deus cuidou paciente e eficazmente dos temores de Moisés. Mas quem não teria tais temores se tivesse de enfrentar ao Faraó e a uma tarefa aparentemente impossível? Deus deu a Moisés poderes miraculosos (vss. 3,5-9) a fim de mostrar-lhe que o projeto divino contaria com o poder de Deus, que se manifestaria através dele.

No Egito florescia uma mágica supersticiosa. Mas não devemos supor que Moisés participasse dessas artes mágicas. Foi-lhe dado o poder divino, e não um poder mágico. Alguns estudiosos liberais atribuem esse relato a meras noções supersticiosas. O homem espiritual, porém, sabe que existem milagres. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres*.

4.1

Eis que não crerão. Moisés referia-se aos anciãos de Israel (ver os vss. 5 e 21). Além disso, o Faraó também não daria crédito à simples palavra de Moisés. Era mister que ele se tornasse um Moisés dotado de poderes miraculosos, para que seu testemunho fosse *eficaz*. Os milagres sempre foram úteis para efeito de autenticação. Mas também servem de veículos da misericórdia divina. Cf. Atos 7.22. Moisés possuía toda a sabedoria do Egito, mas agora estava munido de muito mais do que isso. Agora também fora divinamente dotado, o que o distinguia dos mágicos do Egito.

"Os milagres cristalizam-se em torno de certas crises do trato de Deus com o homem" (Ellicott, *in loc.*).

As *palavras* têm grande valor. Algumas vezes, porém, é mister adicionar *obras*. E mais ocasionalmente ainda, deve haver *obras miraculosas* se os propósitos de Deus tiverem de cumprir-se.

4.2,3

Uma vara. Provavelmente era um cajado comum. Mas logo a vara seria transformada em uma serpente. A habilidade dos mágicos egípcios aparentemente incluía a capacidade de hipnotizar uma serpente, fazendo-a tornar-se rígida. E assim os mágicos eram capazes de segurar na mão uma serpente hipnotizada, para admiração dos circunstantes. Era um truque de mágico. Mas fazer um pedaço de madeira transformar-se realmente em uma serpente era coisa totalmente diversa.

Os céticos pensam que temos aqui uma exibição de antigas artes mágicas, aprendidas no Egito por Moisés. Os mágicos são capazes de fazer coisas deveras admiráveis, embora tudo não passe de ilusão. Mas quando Moisés *fugiu* da serpente, *não havia nela nenhuma ilusão! Os egípcios, usavam de ilusão e imitação*. Moisés, porém, realizava feitos reais extraordinários. Essa era a diferença vital entre o antigo Moisés e o novo Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo *Serpentes (Serpentes Venenosas)*. Se os críticos vêem apenas um elemento supersticioso nessa questão da "vara", podemos estar certos de que havia ali poder, por causa do poder que Yahweh tinha atribuído a Moisés. Assim também a coroa de um rei não tem, em si mesma, nenhuma autoridade. Trata-se apenas de um símbolo dessa autoridade. A vara de Moisés era apenas um objeto de madeira. Mas pareceu bem a Yahweh agir quando Moisés brandia aquela vara. Esta tornara-se emblema do poder divino nele investido, que funcionava sempre que isso se tomava necessário. Ver Êxo. 4.17 quanto a notas adicionais sobre a vara. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14.

O Primeiro Milagre. Temos aqui o primeiro milagre a ser registrado na Bíblia. Os intérpretes judeus ornavam o texto com toda espécie de descrição pavorosa sobre as serpentes venenosas. Filo, porém, realmente exagerou nos comentários, ao dizer que a serpente era, de fato, um enorme *dragão* (*De Vita Mosis*, 1.1 614).

4.4

Pega-lhe pela cauda. Moisés fugiu de medo, mas a voz de Deus ordenou-lhe que não tivesse medo e segurasse a serpente pela cauda, o que não exigia pequena coragem! Moisés obedeceu e, para seu espanto, a serpente transformou-se de novo em uma simples vara. Esse ato final foi necessário para mostrar a Moisés que *aquilo que tinha acontecido não era apenas uma ilusão. Moisés* tinha que ver, antes de tudo, a autenticidade do poder divino, antes que pudesse convencer os outros a esse respeito.

Metáforas. O que os intérpretes judeus dizem aqui, embora interessante, é totalmente inútil. A serpente é concebida como o diabo, ao qual Moisés aprendeu a controlar. Além disso, seus *três estados* ilustrariam a vida de Israel: primeiro Israel floresceria no Egito, sob José (a serpente como uma vara); então Israel seria escravizado (a serpente adquire vida e torna-se perigosa); e, então, Israel seria libertado (a serpente volta a ser uma vara, sem nenhum dano).

Os intérpretes cristãos vêem *Cristo* aqui: a vara, Sua força; Ele foi lançado por terra em Sua humilhação; finalmente, foi-Lhe restaurado o poder. Mas outros eruditos pensam mais no *ministério de Moisés*: a princípio, em conforto e em paz; então, em perigo; finalmente, foi-lhe devolvida a paz e a vitória.

A fé triunfou sobre o mero instinto. O instinto de Moisés consistiu em fugir da serpente. *Mediante a fé*, porém, foi capaz de vencer isso e segurar a serpente pela cauda. Por igual modo, ele seria capaz de domar a serpente, ou seja, o Faraó.

4.5

Para que creiam. Os milagres *autenticam* a fé, e esse tem sido sempre o uso da fé. Este versículo faz-nos voltar aos nomes divinos que figuram com tanta importância neste texto. Ver o Novo Nome dado a Moisés para autenticação de sua missão (Êxo. 3.14). Em seguida, Moisés levou a Israel os nomes tradicionais de Yahweh e Elohim, *associando-se ao propósito que tinha operado* através dos patriarcas (Êxo. 3.15). E isso é repetido neste versículo. Ver Êxo. 3.13 quanto ao poder existente no nome de uma pessoa, de acordo com uma antiga crença.

Para que [eles] creiam. Esse "eles" (oculto em nossa versão portuguesa) refere-se aos anciãos de Israel, cuja cooperação com Moisés seria um *sine qua non* do projeto divino. O vs. 21, porém, aplica a questão aos egípcios.

"Sem o dom de milagres, nem Moisés teria persuadido os israelitas, nem os apóstolos teriam convertido o mundo" (Ellicott, *in loc.*).

4.6,7

O Segundo Milagre Autenticador. O primeiro milagre, Moisés exibiu diante dos egípcios (Êxo. 7.10 ss.). Mas este segundo milagre não foi efetuado diante do Faraó, pelo menos até onde vai o registro sagrado. Mas *talvez* o vs. 30 tencione dizer que assim aconteceu.

A mão estava leprosa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lepra, Leproso*. No Oriente, essa era uma doença comum, ainda que outras enfermidades, e não somente a doença de Hansen, fossem chamadas por esse nome. Ver uma de suas mãos leprosa deve ter assustado Moisés mais ainda do que a serpente. Um mágico poderia fingir tal acontecimento, escondendo algo em sua capa que se apegasse à sua mão como se fosse pele leprosa. Mas um homem *que realmente ficasse com uma mão leprosa*, mesmo que por alguns segundos apenas, certamente teria consciência do fato. Deus é aqui visto como aquele que pode curar doenças incuráveis. Moisés deve ter passado do horror para o alívio. Essa foi outra lição objetiva de poder. Esse poder foi posto à sua disposição. O primeiro sinal talvez não fosse convincente; mas o segundo sem dúvida convenceria (vs. 8).

Josefo, ao que parece, pensava que Moisés também tinha usado esse segundo sinal, embora isso não seja registrado na Bíblia. Os egípcios chamavam os hebreus de "leprosos", talvez porque Moisés lhes tinha mostrado esse sinal. Ver *Contra Ap.* i.26.

A modalidade esbranquiçada de lepra era considerada a pior, incurável. Ver Lev. 13.3,4; Núm. 12.10. Alguns antigos escritores registraram que o povo de Israel foi expulso do Egito porque entre eles havia tão grande número de leprosos que os egípcios não queriam contato com eles. Assim disseram Tácito (*Hist.* 1.5 c.3) e Trogo (*Justino* e *Trogo*, 1.36 c.2).

4.8

O Segundo Sinal. O sinal da mão leprosa, que era curada, foi o mais estonteante, garantindo que a Moisés dar-se-ia crédito. Ver no *Dicionário* o artigo *Sinal (Milagre)*. Diz literalmente o hebraico, "a voz do sinal". Tal sinal daria uma mensagem clara e convincente. Naturalmente, há milagres falsos, ou seja, milagres por trás dos quais falam vozes malignas. As pessoas também dão ouvidos a esses "falsos sinais". Um milagre não serve de prova indiscutível de correção. No caso de Moisés, entretanto, eram esperados resultados positivos.

4.9

O Terceiro Sinal. Jesus transformou água em vinho (João 2). Esse foi o Seu primeiro milagre. Moisés transformou água em sangue. Potencialmente, esse foi o seu terceiro milagre. Uma vez mais, não há registro bíblico de que ele tenha usado esse "milagre-sinal", tal como no caso do segundo (vss. 6,7). "O Deus da fé bíblica é senhor do mundo que Ele mesmo criou. O Deus que controla até os demônios não é alguém que possa ser lisonjeado pelos homens; antes, Ele impõe ao homem a responsabilidade e chama-o para que entre em compromisso sério" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Visto que os egípcios consideravam o rio Nilo como uma fonte de vida, e alguns chegavam mesmo a pensar que esse rio era divino, Moisés, ao transformar suas águas em sangue, mostraria ser controlador até mesmo *daquilo* que era tão reverenciado pelos egípcios. O vs. 30 deste capítulo pode significar que os vários sinais (todos eles) foram realizados, embora nada de específico seja dito a respeito. Seja como for, o resultado foi a *crença*, conforme fora prometido a Moisés. Mais tarde, quando Arão feriu as águas do Nilo com sua vara, estas se transformaram em sangue (Êxo. 7.17-21). Milagres com sangue aparecem entre os milagres e os juízos apocalípticos (Apo. 8.7; 11.6; 16.4).

O rio Nilo era considerado sagrado e vital para a vida humana no Egito. Se Moisés foi capaz de poluir ou causar dano às suas águas, então é que os egípcios tinham encontrado nele um respeitável adversário. A libertação de Israel seria o resultado final do dramático conflito.

Arão Torna-se o Porta-Voz (4.10-16)

Moisés ainda tinha uma objeção final. O homem que comparecesse diante do Faraó deveria ser não somente poderoso, mas também um orador eloqüente, pois seria necessário *convencer* o monarca. Mas Moisés falava de forma lenta e trabalhosa. Como poderia ser vencida essa falha? Arão, irmão de Moisés, desempenharia o papel de porta-voz, pois era orador eloqüente.

As Objeções de Moisés são comentadas inicialmente nas notas sobre Êxo. 3.11. Jeremias apresentou um protesto semelhante ao que achamos aqui (ver Jer. 1.6). Moisés tinha grandes dotes naturais, mas não era perfeito, e tinha os seus pontos fracos. Falar não era um seu ponto forte. Por outro lado, era um dos pontos fortes de Arão. Moisés parece que gaguejava em momentos de crise; mas Arão, não. Portanto, trabalhariam muito bem como uma equipe.

4.10

Moisés conta aqui uma breve piada, ao que tudo indica. *Em resultado* de sua conversa com Yahweh Elohim, ele não melhorou nem um pouco quanto à questão da fala, embora tivessem acontecido *outras* coisas importantes. De fato, quanto à eloqüência ele estava onde sempre esteve, lento de língua, desajeitado na expressão. Deus mostra-se suficiente em meio às nossas deficiências, das quais todos nós participamos. Ver I Cor. 1.27 quanto a esse tema.

"O melhor trabalho é feito por aqueles que pensam que não são capazes de fazê-lo. Mas fracassa o indivíduo dotado de todas as vantagens, dotes e segurança. De algum modo, esse é bom por demais na fala, bem traquejado socialmente, por demais robusto, muito seguro de si (Êxo. 32.21-24). Toda *grande coisa* é feita apesar de *alguma coisa*. . . o homem humilde, com a ajuda de Deus, sempre pode fazer melhor do que ele pensava que poderia (II Cor. 12.9; I Cor. 9.27; Sal. 118.22), quase tão bem quanto Deus tinha desejado que ele fizesse (Gên. 18.14; Mat. 19.26)" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Estêvão disse que Moisés era "poderoso em palavras" (Atos 7.22), mas isso deve referir-se ao efeito total de seus discursos diante do Faraó, com a ajuda de Arão.

4.11

Causas Secundárias. A teologia dos hebreus era fraca quanto às *causas secundárias*. Assim sendo, tudo era atribuído à *causa primária,* ou seja, Deus. Assim, o vs. 11 apresenta várias perguntas que abordam a questão das causas secundárias, para em seguida atribuí-las também a Deus. Deus é quem faz um homem ser pesado de língua, ou que o faz surdo, mudo ou cego. Portanto, se Deus fez tais coisas, também tem o poder de reverter essas condições. Moisés foi convocado a depender da provisão divina quanto às suas deficiências. Cf. Deu. 32.39.

4.12

Apesar da promessa específica de que, em momentos de crise, Moisés falaria com eloqüência, ele resistiu. O texto inteiro é antropomórfico, conforme é ilustrado no vs. 14, onde é dito que Deus se *irou*. Os homens, ao buscarem saber como é Deus, atribuem a Ele suas próprias qualidades, em um grau máximo. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo*.

O texto faz-nos lembrar o trecho de Mateus 10.19,20. Os *mártires* não devem apresentar sua defesa de antemão. Em um momento de crise, ser-lhes-ia dado o que deveriam dizer. Este texto, sem embargo, tem sido ridiculamente aplicado a todo discurso público religioso, o que dá licença aos pregadores preguiçosos a não se preparar. Usualmente, porém, tudo quanto Deus põe na boca dos *preguiçosos* é ar quente. Este texto e o de Mat. 10.19,20, aplicado ao discurso público normal por meio do qual os oradores esperam que, de cada vez, alguma espécie de inspiração divina lhes seja conferida, são apenas uma muleta para os preguiçosos e despreparados. A prova disso é que aquelas chamadas *declarações divinas,* dadas espontaneamente, invariavelmente são mais pobres em conteúdo e força de expressão do que aquilo que John Gill, ou algum outro erudito, *escreveu* muito tempo atrás. Isso não significa, todavia, que Deus não seja capaz de inspirar. Ele pode fazer isso, e assim o faz. Mas há muitos indivíduos ridículos que supostamente falam em lugar de Deus, que soam mais como crianças frenéticas do que como porta-vozes de Deus.

4.13

Envia Algum Outro. Essa foi a incrível resposta de Moisés, e imediatamente depois de ter sido capacitado a realizar milagres estupendos. Ora, se essa foi a atitude de Moisés, em uma ou outra ocasião, então podemos esperar falhar de forma lamentável, vez por outra, sem nos tornarmos culpados em demasia.

Aqueles que espiritualizam o texto pensam que *Cristo* seria a personagem que deveria ser corretamente enviada em lugar de Moisés. Em certo sentido, isso é uma verdade, mas dificilmente é o que é aqui antecipado. "Moisés quis dar a entender que realizaria a tarefa, se Deus *insistisse;* mas que seria muito melhor se Deus enviasse outrem" (Ellicott, *in loc.*).

4.14

... se acendeu a ira do Senhor. Temos aqui uma expressão antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo*. Por que o Senhor se irou? Não porque Moisés estava sendo humilde demais. Antes, estava demonstrando *incredulidade* e porque, naquele momento, preferia sacrificar sua grande missão e privilégio em troca de conforto pessoal. A maioria dos homens não se dispõe a sacrificar-se muito em favor de Deus e do bem. A maioria dos homens é egocêntrica.

O Substituto. O texto apresenta Deus a raciocinar com Moisés, cedendo diante de suas objeções e limitações, e, por assim dizer, concordando com as *suas* condições. Todos nós procuramos tratar com Deus dessa maneira, mas isso é uma ilusão. A sugestão divina foi que, em lugar de substituir Moisés, haveria de *reforçá-lo no ponto de sua fraqueza. Arão, irmão* de Moisés, homem que a mente divina sabia ser eloqüente (pois, afinal de contas, Deus o havia criado desse modo, vs. 11), seria um reforço para garantir o sucesso do projeto divino. Fosse como fosse, conforme minha mãe costumava dizer: "Algumas vezes podemos barganhar com Deus, mas de outras vezes, não". Ademais, o homem espiritual sabe que, algumas vezes, o melhor dos homens precisa ser fortalecido em seus pontos fracos, a fim de não fracassar. Deus lembra-se de que somos apenas pó. (Sal. 103.14).

A Elevação de Arão. Esse foi um dos fatores que o qualificou para sua obra de sumo sacerdote, e qualificou a sua tribo, a dos levitas, a ocupar o ofício sacerdotal. Arão tornou-se o porta-voz de Moisés. Neste versículo, Arão é chamado de *levita*. Alguns críticos pensam que essa afirmação tenha sido feita a fim de conferir a Arão e à sua tribo a autoridade sacerdotal, mediante um texto de prova bíblico que favorece tal autoridade. O autor sagrado estaria aqui firmando os levitas como uma ordem sacerdotal autorizada, mediante uma palavra divina.

... se alegrará em seu coração. Provavelmente essas palavras indicam que Arão *sentir-se-ia feliz em participar* do projeto de libertação, a despeito de seus perigos, e não apenas que se alegraria por ver Moisés, ao qual talvez já não visse por algum tempo, que não é aqui designado.

4.15

Duas Bocas Falariam pelo Senhor. Foi formada uma equipe: o Líder e o Sacerdote. E isso se ajustava bem ao propósito divino. "Um bom sermão sempre é melhor do que aquilo que o pregador escreveu, melhor do que toda a sua meditação. Algo acontece no púlpito que ultrapassa tudo quanto ele se preparou para dizer" (J. Edgar Park, *in loc.*).

"Moisés fornecia a ele [Arão] a matéria, e este vertia tudo em palavras, e *ambos* eram instruídos e influenciados pelo Senhor" (John Gill, *in loc.*).

Foi assim que Arão foi exaltado. Ele era o irmão mais velho (Êxo. 6.20), e brandia a vara sagrada dos milagres (Êxo. 7.9,10,19,20; 8.5,6; 16.17). Contudo, o profeta era superior ao sacerdote.

4.16

A Hierarquia de Poderes. Deus-Moisés-Arão: o Ser Supremo, o Profeta, o Sacerdote. Arão também foi revestido de grande autoridade, segundo se vê no final dos comentários sobre o vs. 15. Mas essa autoridade era delegada por Moisés. O fraseado aqui é especialmente forte: Deus era o Deus de Moisés; Moisés era o deus de Arão. Assim, desde o começo ficou claro que não haveria conflito entre os dois irmãos. Quando, posteriormente, Arão fabricou o bezerro de ouro, isso foi uma rebeldia definida e uma transferência de autoridade; mas na maior parte do tempo, a hierarquia de poderes funcionava bem.

Ele te será por boca. Não o cérebro que dirige, mas a boca que fala. Moisés era homem, principalmente, de poder. Sua grande debilidade (falta de eloqüência) seria contrabalançada mediante a intervenção de Arão. Arão era o intérprete de Moisés. Ele não compunha a mensagem, mas tão somente a expressava. Arão era o grande mestre, *habilidoso na comunicação, mas cuja mensagem era a de seu irmão.* Os juízes de Israel que se sentavam na cadeira de Moisés eram chamados *deuses*, porquanto agiam em favor de Deus. Assim se dava também com Arão. Ver Sal. 82.1,6.

4.17

Esta vara. Símbolo de autoridade, instrumento por meio do qual Deus atuava. Nas mãos de Moisés, tornava-se um poder. Não era como a varinha dos mágicos, que enganavam os homens com suas ilusões. Provavelmente tratava-se de um cajado de pastor. Estava envolvido nas maravilhas a serem realizadas no Egito.

Varas de Poder. Havia o cajado de Baco; e também o cajado de Mercúrio, que era o porta-voz dos deuses. Homero apresentava Mercúrio a tomar de seu cajado a fim de operar milagres, quase nos mesmos termos que vemos neste versículo. Ver *Odisséia* lib. xxiv. vs. 1. O paralelo é tão próximo que alguns pensam que Homero tomou a idéia por empréstimo do livro de Gênesis, ou que o livro de Gênesis tomou por empréstimo uma idéia de Homero. O Hermes de Cilene chamava as almas com sua varinha de ouro. Virgílio copiou Homero e suas varas de poder (*Aeneid.* lib. iv. 242). Até hoje, os mágicos profissionais têm suas varinhas com as quais realizam truques. Os céticos pensam que algo assim trabalhava no caso de Moisés, mas os conservadores vêem nisso apenas um símbolo do poder que operava através de Moisés, o poder de Yahweh.

Moisés Regressa ao Egito (4.18-31)

Moisés foi chamado, instruído e dotado de poder para a sua missão. E agora voltou o rosto na direção do temível Faraó, e, com firme propósito no coração e confiança na missão que Deus lhe dera, partiu para a cena onde se mostraria ativo. Deixando sua "terra", naturalmente ele precisou despedir-se daqueles que deixava para trás, principalmente seu sogro, *Jetro*, e outros parentes por casamento. Ele tinha morado em Midiã pelo espaço de quarenta anos — o segundo dos três ciclos de sua vida. Esse número, "quarenta", simboliza os "testes" pelos quais passamos. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Quarenta* e *Numerologia*. Os últimos quarenta anos de vida de Moisés seriam passados no cumprimento da missão para a qual ele tinha sido cuidadosamente preparado. Ver Êxo. 2.11 e suas notas quanto aos três ciclos de quarenta anos cada, na vida de Moisés.

4.18

Jetro. Tanto *Reuel* quanto *Jetro* são chamados de sogro de Moisés. Ver Êxo. 2.16,18 e os artigos sobre ambos quanto a completas explicações sobre essa questão, até onde ela pode ser explicada. Moisés despediu-se de seu sogro, embora sem revelar, na oportunidade, qual a verdadeira razão de sua viagem, dizendo apenas que tinha de ver novamente os seus irmãos, ou seja, os *hebreus*. A vontade de Deus, antes de sua execução, fora revelada ao profeta e libertador Moisés. Haveria tempo para explicações e comunicações posteriores. Moisés tinha servido corretamente Jetro, e não houve objeção ante a sua partida. De fato, Jetro abençoou Moisés. Ele bem que precisava de toda a bênção que pudesse receber, visto que, segundo os padrões humanos, estava ocupado em uma missão impossível. Para Deus, todavia, os *impossíveis* são *possíveis* (Mat. 17.20).

"Os laços tribais eram apertados, e exigiam que se pedisse permissão para viajar, pois mesmo uma ausência temporária, requeria o curso de ação apropriado, mesmo que não fosse necessário" (Ellicott, *in loc.*).

4.19

Ver Mateus 2.19,20 quanto a um paralelo na vida de Jesus. Ver em Êxo. 2.2 quanto a Moisés como um *tipo* de Cristo. *Todos*, embora esteja no plural, tem em mente principalmente a pessoa de Faraó. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo intitulado *Faraó*, em sua terceira seção, onde se tenta identificar os faraós mencionados na Bíblia. Moisés era um "fugitivo da justiça", porquanto havia matado um egípcio quando defendia outro hebreu (Êxo. 2.15 ss.). Mas mortas agora as principais autoridades do Egito, Moisés podia reiniciar sua tarefa de libertador. Mas a sua missão em breve haveria de identificá-lo como um revolucionário radical, e sua vida também se tornaria muito miserável. Moisés, todavia, estava pronto para o que viesse, e desceu ao Egito com bom ânimo e cheio de esperança.

O Faraó tinha falecido; os homens de seu governo, também; e outro tanto sucedia a *todos* quanto poderiam lembrar-se de Moisés. Moisés, pois, teve um novo começo, iniciando-se assim o terceiro de seus três ciclos de quarenta anos cada. Ver as notas introdutórias ao vs. 18.

4.20

A sua mulher e a seus filhos. Somente um filho, até este ponto, fora mencionado por nome (Êxo. 2.22). Zípora também estava disposta a partir (vs. 25). O trecho de Êxo. 18.5 dá a entender que Moisés deixou para trás sua esposa e seus dois filhos. O trecho de Êxo. 18.2-4 procura conciliar a discrepância. Parece que ela foi com Moisés, mas então, foi mandada de volta com os filhos à casa de Jetro, por razões de segurança. Os *filhos* são Gérson e Eliezer, sobre os quais há verbetes no *Dicionário*.

Levava na mão a vara de Deus. Ver sobre esse objeto nas notas sobre o vs. 17. Quanto ao uso desse objeto, ver Êxo. 7.20; 8.6,17; 9.23; 10.13; 14.16; 17.5 e Núm. 20.9.

4.21

Todos os milagres. Três poderes específicos tinham sido dados a Moisés: transformar a vara em uma serpente, e de novo em uma vara; fazer sua mão ficar leprosa, para então curá-la; transformar água em sangue. Esses prodígios são comentados nas notas sobre os vss. 3,4,6,7,9. Eram milagres autenticadores e convincentes, a serem exibidos diante dos anciãos de Israel e diante do Faraó (ver Êxo. 4.1, onde estão em foco tanto os anciãos quanto Faraó).

Eu lhe endurecerei o coração. O relato sobre o duro coração do Faraó, que resistiu a tantos dos desafios de Moisés, tem-se tornado um campo de batalha teológica na controvérsia entre o determinismo divino e o livre-arbítrio humano. Dou amplas informações sobre essa questão, expondo ambos os seus lados, nos seguintes artigos do *Dicionário: Determinismo (Predestinação); Predestinação (e Livre-Arbítrio)* e *Livre-Arbítrio*. E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo *Reprovação*. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como*. Precisamos interpretar essas controvérsias do ponto de vista da *polaridade*. Tanto a predestinação quanto o livre-arbítrio são verdades ensinadas nas Escrituras, como pólos de uma doutrina mais ampla, da mesma forma que o globo terrestre tem dois pólos. Ensinar somente uma dessas verdades é ensinar uma teologia unilateral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Polaridade*, um útil instrumento a ser aplicado a tais paradoxos. É *fácil* ensinar somente a predestinação; também é *fácil* ensinar somente o livre-arbítrio, mas ambos esses lados devem ser ensinados por nós. A salvação requer uma intervenção divina; o livre-arbítrio é necessário para que o homem possa ser moralmente responsabilizado. Essas duas verdades são legítimas, fazendo parte de uma doutrina mais ampla, embora seja muito *difícil* ensinar ao menos como isso pode ser verdade. É difícil ensinar aquela doutrina mais ampla, que engloba ambos os lados da questão. A Bíblia ensina tanto a divindade quanto a humanidade do Logos. Em doutrinas assim, parece haver alguma contradição. Mas são pólos de alguma verdade maior. As Escrituras ensinam o juízo como retribuição; e também ensinam o juízo como um remédio (I Ped. 4.6). Devemos esforçar-nos por ensinar aquela doutrina maior que contém ambas essas idéias. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Cf. este versículo com Êxo. 8.15,32 e 9.34. O fato de que Deus endureceu o coração do Faraó, pelo lado da doutrina da predestinação, paradoxalmente, foi também o exercício da própria vontade livre do Faraó. Mas não sabemos dizer *como* isso pode ter acontecido. Judas estava destinado a trair a Jesus Cristo; mas isso Judas fez de sua livre e espontânea vontade, por causa de sua perversidade interior e de seu coração corrompido (Mat. 26.24). Mas como esses dois fatores interagiram, não sabemos determinar.

A dureza do coração do Faraó é atribuída a *Deus* em Êxo. 4.21; 7.3; 9.12; 10.1,20,27; 14.4,8. E também é atribuída ao próprio *Faraó*, em Êxo. 8.15,32; 9.34. E também é atribuída ao *próprio coração* do rei em Êxo. 7.13,22; 9.7,35. Em conseqüência, a polaridade e o paradoxo fazem parte das expressões das próprias Escrituras. Três modos diversos da mesma operação são salientados; mas não sabemos dizer como essas coisas possam ser. É uma desgraça histórica ridícula que crentes individuais, igrejas e denominações se tenham dividido em torno dessa doutrina. Também é ridículo que os estudiosos defendam um ou outro pólo de uma doutrina que, na verdade, tem dois pólos. Ver Rom. 9.17 ss e suas notas expositivas quanto ao uso que Paulo fez desta passagem.

4.22

Israel é meu filho. Temos aqui a exaltação da nação de Israel. Além de ser o filho amado de Yahweh, era Seu *primogênito*, o filho privilegiado, aquele dotado do direito de primogenitura e todas as vantagens daí advindas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primogênito*. O Egito havia aprisionado aquele filho exaltado, e agora teria de pagar o preço por seu erro e perseguição. Se o filho primogênito não fosse libertado, então teriam de morrer todos os filhos primogênitos do Egito (vs. 23), uma temível predição, a qual, devido à ignorância de Faraó, acabou tornando-se realidade.

"Um filho *primogênito* entre as nações, uma posição proeminente com base na adoção e na eleição divinas (Jer. 31.9; Osé. 11.1)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Ver o trecho de Rom. 8.14-17 quanto a uma aplicação espiritual da idéia contida neste versículo, e ver também Rom. 9-11 quanto aos privilégios de Israel, mormente os vss. 9.4 ss.

4.23

A liberação do *filho* primogênito de Deus poderia ter salvo os *primogênitos* do Egito. Faraó, entretanto, calculou mal, mediu exageradamente o seu próprio poder e subestimou o Deus de Israel. Assim, reteve o *primogênito* de Deus no cativeiro, e, por esse motivo, perdeu seus próprios filhos *primogênitos*. Cf. Êxo. 11.5 e 12.29-34 quanto a outra advertência, seguida pelo terrível cumprimento da ameaça. "O corolário da filiação de Israel é a paternidade de Deus" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Paternidade de Deus. Um filho* mantido na servidão significou *muitos* filhos mortos.

Circuncisão de Moisés e Seu Filho (4.24-26)

A *circuncisão* era o sinal do Pacto Abraâmico (Gên. 17.10 ss.). Moisés, em seu exílio no Egito, e enquanto cuidava de ovelhas, na terra de Midiã, tinha negligenciado essa questão. Alguns críticos supõem que esta minúscula seção representa uma tradição diferente no que toca à circuncisão, como se ela tivesse começado com Moisés, e não com Abraão, e como se houvesse duas tradições acerca da origem da circuncisão em Israel. Mas é melhor pensarmos em termos de

renovação e não em termos de origem, neste ponto. A circuncisão era uma prática deveras antiga, que acabou misturada com assuntos religiosos, sendo muito difícil que tenha começado com Moisés. Em alguns lugares, a circuncisão era efetuada na puberdade, como uma espécie de rito de iniciação de entrada na vida adulta. Neste passo bíblico, porém, temos a circuncisão tanto de um adulto quanto de um infante. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre esse assunto. Minhas notas sobre Gên. 17.10 ss. mostram como esse rito tornou-se parte importante da fé de Yahweh, bem como o sinal do *Pacto Abraâmico* (ver as notas detalhadas a respeito em Gên. 15.18). Alguns eruditos vêem aqui a circuncisão somente do filho de Moisés, e não do próprio Moisés também.

4.24

Encontrou-o o Senhor, e o quis matar. Provavelmente por algum meio como doença, acidente ou algo como um ataque demoníaco, como o anjo destruidor. Moisés foi subitamente apanhado por algum poder, interior ou exterior, físico ou espiritual, que foi considerado uma ameaça à vida de Moisés. O trecho de Gên. 38.7 diz que Deus matou *Er* por ser ele maligno. Ver as notas ali quanto a explicações. Moisés mostrara-se negligente quanto ao sinal do Pacto Abraâmico (ver a introdução a esta seção, acima), pelo que ficou sujeito a um ataque espiritual. Os povos antigos acreditavam que um ataque súbito demoníaco (ou espiritual) podia ser evitado mediante a execução de algum rito. Assim, aqui, a circuncisão, efetuada por Zípora, foi a medida saneadora.

Moisés e seus familiares, estando de viagem para o Egito, provavelmente se hospedaram em alguma estalagem (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hospedaria*). Subitamente, Moisés viu-se debaixo de ataque. Dotada de mente alerta, Zípora evitou a tragédia. Cf. a história do anjo que puxou da espada contra Balaão (Núm. 22.23 ss.).

4.25

Uma pedra aguda. Provavelmente uma lasca de obsidiana, que ela usou como faca, realizando o rito da circuncisão, presumivelmente em Moisés e em um de seus filhos (por que em um só, não se sabe). Ademais, o texto não diz especificamente que Moisés também foi circuncidado, mas parece que isso ficou entendido. Os críticos vêem alguma confusão no relato, visto que Moisés é chamado, no hebraico, *chathan*, um termo que pode ser traduzido por "noivo". Isso poderia ser uma referência ao rito efetuado pelo próprio Moisés na noite do casamento deles. Isso pode ter sido feito para afastar algum ataque espiritual que não permitia que Moisés consumasse o casamento. E, então, ainda conforme pensam os críticos, mais tarde uma fonte informativa envolveu um filho de Moisés, e não o próprio Moisés, e o termo "noivo" foi deixado desajeitadamente na narrativa. Os eruditos conservadores, porém, pensam que isso é exagerar a importância de uma pequena evidência. Afinal, o termo hebraico *chathan* também pode significar "marido" (usado por duas vezes no Antigo Testamento, nesse sentido) e até mesmo "genro" (usado por dez vezes no Antigo Testamento, nesse sentido). Há um relato, em Tobias 6.13 - 8.17, de natureza parecida.

Lançou-o aos pés de Moisés. As palavras "de Moisés" são uma interpretação, de acordo com a maioria dos eruditos; mas outros pensam que os pés eram do anjo destruidor, como se fosse um ato aplacador, para evitar novos ataques. Os Targuns de Jonathan e de Jerusalém dão essa interpretação, dizendo que isso foi feito a fim de *pacificá-lo*. Embora tivesse realizado um ato heróico, Zípora ficou desgostosa diante de todo aquele sangue, lançando a culpa de tudo sobre seu marido.

4.26

O ataque cessou (sem importar a sua natureza), quando o rito foi efetuado em Moisés ou em seu filho. Os Targuns falam sobre o anjo do Senhor como quem ficou satisfeito com a oferenda, o prepúcio lançado aos seus pés. O sinal do Pacto Abraâmico era agora uma posse de Moisés e de sua família. Também não nos é informado como Zípora sabia o que fazer.

Esposo sanguinário. Tal como no versículo anterior. "Talvez tenha sido nessa ocasião que Zípora e os filhos do casal voltaram a Jetro (Êxo. 18.2,3). A súbita enfermidade de Moisés serviu de advertência de que ele precisava obedecer totalmente a Deus e cumprir a sua missão" (John D. Hannah, *in loc.*).

Arão e Moisés Encontram-se (4.27-31)

Arão Foi Convocado em Favor da Causa. A mensagem divina lhe foi transmitida. Agora estava formada a equipe. O projeto divino tinha seus dois representantes; os anciãos também aceitaram o plano e passaram a cooperar. As coisas estavam em pleno andamento. Mas havia muitos obstáculos a serem vencidos. Seria uma tarefa difícil.

4.27

No monte de Deus. Ou seja, *Horebe*, não distante do Sinai. Ver no *Dicionário* sobre esse nome, e também as notas em Êxo. 3.1. O encontro com Arão foi cordial, segundo estava predito (vss. 14-17). Encontraram-se onde Moisés tinha visto a sarça a arder. Ver também Êxo. 18.5 e 24.13. Alguns eruditos vêem aqui alguma forma de milagre de transporte, ou, então, um encontro visionário de almas, e não um encontro físico, mas o texto sagrado não indica tais coisas. Pelo menos, parece que o encontro foi divinamente dirigido, a menos que entendamos que Moisés tinha mandado um recado a Arão, dizendo-lhe que ia chegar, o que não foi mencionado pelo autor sagrado. O vs. 14 mostra-nos que Arão já estava a caminho, embora o relato não nos diga *por quê*. Nem sempre os autores satisfazem à curiosidade de seus leitores quanto a pequenos detalhes.

O beijou. Ver Gên. 33.4; 45.14,15. Essa era a comum saudação oriental, equivalente a nosso aperto de mãos. Assim testificou Heródoto (*Hist.* i.134). Ver no *Dicionário* o artigo *Beijo*.

4.28

Todas as palavras. A Arão foi prestado um completo relatório da situação; caber-lhe-ia ser o porta-voz da divina e miraculosa comissão. Moisés encontrou uma mente acolhedora e um espírito alerta em Arão. Moisés transmitiu a capacidade que recebera para realizar os *três sinais* de Yahweh (Êxo. 4.4-9). O que Jetro não podia saber (vs. 18), foi dito a Arão.

4.29

Ajuntaram todos os anciãos. E assim explicaram as grandes coisas que, tão recentemente, haviam acontecido: comunicaram-lhes a mensagem divina; encorajaram-nos a entrar em ação; deram provas de que Yahweh estava por detrás do plano de libertação. É provável que os anciãos fossem chefes de tribos, e alguns deles tivessem recebido autoridade delegada, sob supervisão egípcia. Ver Êxo. 3.16.

4.30

Falou todas as palavras. . . fez os sinais. Negócios sérios estavam sendo discutidos. Mas palavras, embora bonitas, não seriam o bastante. Foi mister Moisés realizar os *sinais* que Deus lhe tinha dado. Ver os vss. 4-9 deste capítulo quanto aos *três sinais*. Algumas vezes exercemos fé sem nenhuma evidência visível. De outras vezes, ajuda *ver*. Deus toma as devidas providências, no tempo próprio, de acordo com as *nossas necessidades*. Isso faz parte das operações da graça e da misericórdia.

4.31

E o povo creu. . . e o adoraram. As palavras foram *eficazes;* os sinais mostraram-se *absolutos*. Seguiu-se a fé. Os anciãos ficaram convictos de que Moisés dizia a verdade, tendo recebido uma genuína comissão divina. Perceberam que o Deus de Abraão estava novamente fazendo intervenção na história humana, e que eles seriam os beneficiários. A história do povo de Israel lhes tinha ensinado que podiam esperar intervenções divinas. Ver no *Dicionário* o verbete *Teísmo*. Deus não somente criou, para então abandonar o Seu universo ao sabor das leis naturais, conforme postula o *deísmo* (ver no *Dicionário*). De fato, Deus está sempre presente, pronto a recompensar ou castigar, a guiar e a iluminar.

Adoraram. Não a Moisés, como se este fosse um recém-descoberto deus-herói, mas ao Deus de Moisés, *Yahweh*, o Deus dos hebreus. Ver sobre esse nome divino no *Dicionário*. Esse ato de adoração demonstrou quão dispostos estavam e quanta ansiedade tinham de participar do plano divino de libertação.

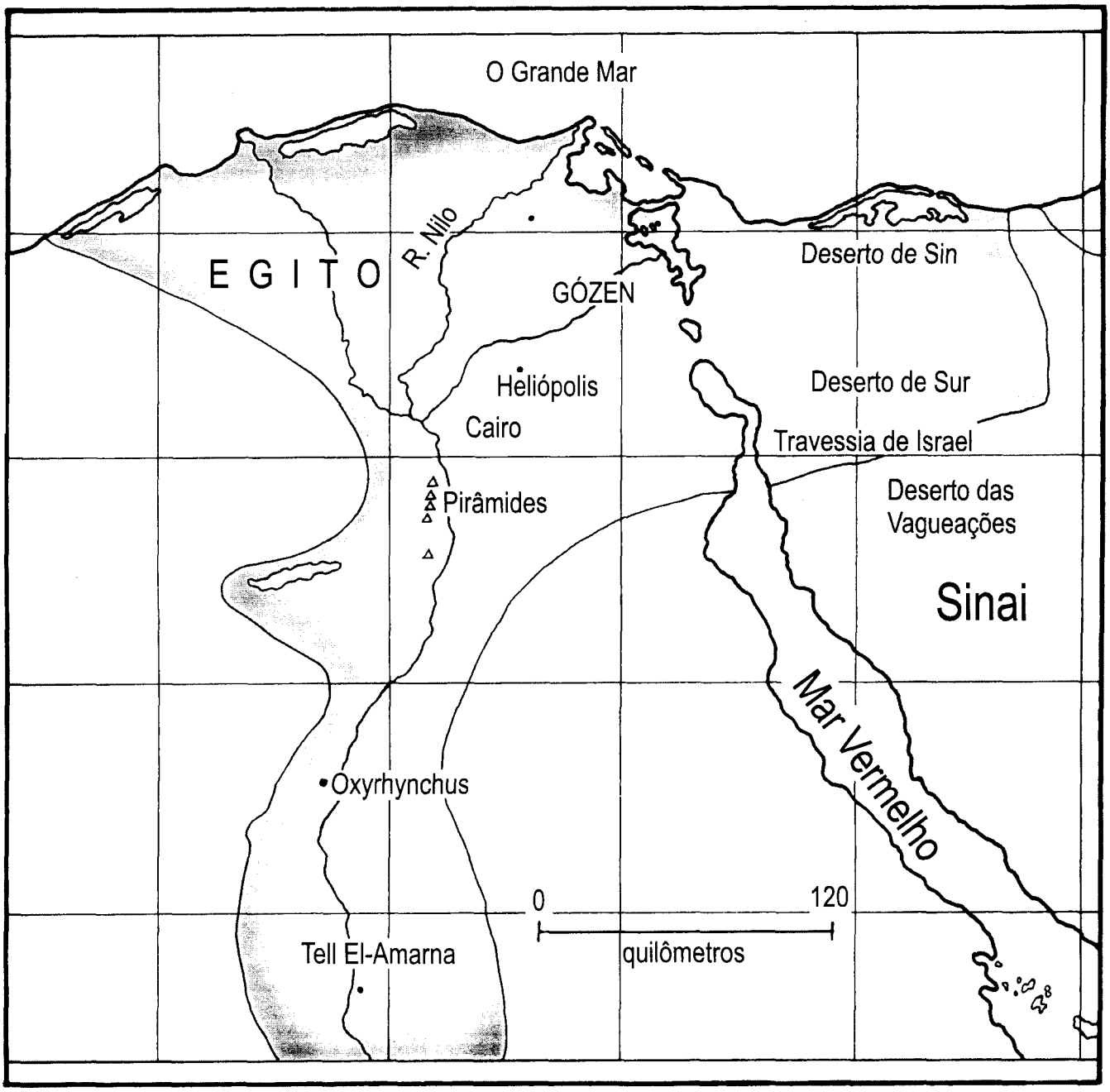
Capítulo Cinco

Tentativas de Saída do Egito (5.1 — 7.13)

Moisés e Arão Falam ao Faraó (5.1-5)

O Faraó era um homem idólatra e despótico. Reagiu às demandas de Moisés exibindo ambos esses defeitos. De imediato ficou claro que a tarefa consumiria muito tempo e muita luta. Duas qualidades são necessárias para alguém realizar um grande projeto: *entusiasmo* e *persistência*. O Faraó haveria de testar Moisés quanto a esses dois pontos. Seria necessário muito sacrifício pessoal. Para obterem livramento, os escravos sacrificam tudo mais (cf. Fil. 3.8). Os escravos do pecado, por igual modo, enfrentam o sacrifício de seus antigos caminhos, tendo de adotar um caminho totalmente novo. O mesmo se dá com a dedicação do crente ao Senhor (Rom. 12.1,2).

O IMPÉRIO EGÍPCIO



OBSERVAÇÕES

Israel foi formado como uma nação no exílio egípcio e terminou sua história antiga no exílio romano (132 D.C.). Os impérios dos seis poderes, vizinhos de Israel, causavam opressão e, em muitos casos, deportações daquela nação. Ciro foi a única exeção. Seu decreto gentil possibilitou Judá a voltar do exílio babilônico. Esse fato estendeu-se a história de Israel por mais sete séculos, até os tempos romanos.

O Egito há muito havia voltado a ser uma potência mundial, criando uma das maiores civilizações conhecidas pelo homem, passando por pelo menos dez dinastias, quando Abraão, o nômade, entrou na Palestina. A primeira dinastia egípcia iniciou-se em cerca de 3.100 A.C. Abraão viveu por volta de 1.900 A.C.

Moisés teria de enfrentar a cólera do Faraó, bem como a insatisfação de sua própria gente. Coisa alguma funcionaria com suavidade.

5.1

Uma Petição Humilde. Moisés estava sondando a situação, como um lutador de boxe que não mostra o seu jogo logo no primeiro *round.* E fez uma petição humilde: queria apenas licença para uma breve jornada deserto adentro, a fim de realizar um ato religioso. Não disse claramente, mas deixou implícito, que traria o povo de Israel de volta depois de três dias (vs. 3). Talvez, porém, estivesse planejando continuar caminhando, efetuando assim um êxodo rápido, o que solucionaria a escravidão com um golpe simples e astucioso.

Faraó. Alegadamente filho de uma divindade, versado no folclore politeísta, era profundo conhecedor de verdades religiosas. Mas nunca tinha ouvido falar em *Yahweh,* o Deus dos hebreus, e não se dispunha a fazer nenhuma concessão a uma divindade estrangeira (e, para ele, falsa).

"Era absurdo que ele entregasse Israel a uma divindade que nem ao menos conhecia. A ironia do drama que se segue é que *esse* foi o próprio Deus que, progressivamente, despiu o Faraó de todas as coisas" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). O *homem deificado* seria derrotado miseravelmente no seu conflito contra o verdadeiro Deus. E assim sucedeu.

O Targum de Jonathan diz: "Não encontrei o nome de Yahweh escrito no livro dos anjos. Não tenho medo dele".

O Senhor Deus. No hebraico, *Yahweh Elohim,* dois nomes tradicionais do Deus dos hebreus. Ver no *Dicionário* esses dois nomes divinos, como também o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Deixa ir o meu povo. Esse é o tema central bem como o grito de guerra do livro de Êxodo. Cf. Êxo. 4.22,23. O povo de Israel era o *filho* primogênito de Yahweh, o filho privilegiado. Se não fossem libertados, pereceriam todos os filhos primogênitos do Egito.

Uma festa no deserto. Não foi especificada a natureza dessa festa. Os israelitas cumpririam seus deveres religiosos diante de seu Deus. E então, presumivelmente, voltariam ao Egito. A viagem *ao deserto* talvez tivesse sido planejada para impedir a indignação dos egípcios que seriam testemunhas do sacrifício de animais que eles reputavam sagrados. Pelo menos, Moisés pode ter apresentado essa desculpa como razão *pela qual* ele queria uma saída até algum deserto.

5.2

Não conheço o Senhor. Faraó não poderia mesmo ter respondido de outra maneira. Primeiramente, porque nenhum perdido conhece o Senhor Deus, como uma experiência pessoal. Porquanto está morto em seus pecados. E, em segundo lugar, porque Deus estava endurecendo o coração do Faraó, ao passo que o Faraó também endurecia, por sua vez, o seu próprio coração, conforme por tantas vezes se lê a respeito de todo este incidente longamente historiado. Por conseguinte, o Faraó falou de tal modo que exprimiu o seu caráter distorcido e a realidade de seu estado espiritual.

5.3

O Deus dos hebreus. No hebraico, *Elohim.* Também chamado *Yahweh* (vs. 2). Deus é quem havia baixado a ordem. Moisés afirmava ter tido um encontro pessoal com Yahweh, de acordo com o incidente registrado em Êxo. 3.2 ss., bem como boa parte do quarto capítulo deste livro. Tinha havido uma longa entrevista, que incluíra muitas instruções. Moisés reivindicava ter conhecimento em *primeira mão* de seu Deus. Não havia apenas lido sobre Ele em algum livro, nem ouvira o Seu nome ser louvado por homens sábios e piedosos. Outro tanto tem acontecido a muitos homens espirituais. Se quisermos poder espiritual, teremos de receber o toque místico em nossa vida. Além disso, esse poder é *transformador,* tal como Moisés, o humilde pastor de Midiã, agora era o líder de Israel, a proferir palavras exigentes diante do monarca do Egito.

Ver Êxo. 3.18; 7.16; 9.1,13 e 10.3 quanto a esse título, "o Deus dos hebreus". O Deus único e verdadeiro foi posto em confronto com os muitos deuses e espíritos venerados no antigo Egito. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Monoteísmo.*

Caminho de três dias. Ou seja, do Egito ao Sinai (ou Horebe), o monte de Deus (Êxo. 3.1; 4.27), onde seriam efetuadas a festividade e a adoração.

E não venha ele sobre nós. Se o Deus de Israel fosse desobedecido, haveria punição. Para o Faraó, porém, isso pareceu apenas como outro aspecto da mitologia de Moisés.

5.4

Ide às vossas tarefas. O Faraó percebeu que o problema envolvia apenas o relacionamento senhor-escravos. Hoje em dia a luta se dá entre o capital e o trabalho, e há muitos empregados que são virtuais escravos. Os oficiais dos governos vivem em escandalosa luxúria, com contas polpudas nos bancos nacionais e estrangeiros, ao passo que metade da população do país nem tem o suficiente para alimentar-se.

No versículo anterior, o Faraó tentou descartar Deus tão voluvelmente, e, agora, fazia-o com Moisés. O porta-voz de Moisés recebeu um tratamento similar. Provavelmente, o Faraó supôs que Moisés tinha sido enviado como representante dos escravos. A parte divina da história seria uma fábula. Os escravos estariam tentando escapar de seus superintendentes, os quais desde há muito tinham provado ser homens sem razão e sem misericórdia. Devem ter pensado que um apelo feito diretamente ao Faraó lograria resultados. O Faraó deve ter pensado que estava sendo promovida alguma agitação, e quis cortá-la pelas raízes. E assim, respondeu com severidade, não cedendo um milímetro. Sua resposta para o problema foi *mais trabalho.* Não foram reconhecidos direitos dos trabalhadores, uma provocação que, finalmente, haveria de devastar o país inteiro.

5.5

A greve havia deixado ociosa praticamente toda a população. A produtividade estancara, a um custo incalculável! As palavras do Faraó foram um recado indireto a seus oficiais, salientando o dano causado por aquele atrevido Moisés.

O povo da terra já é muito. Em algumas traduções lemos aqui: "O povo da terra está preguiçoso". Mas isso requer leve emenda textual, a qual, contudo, pode estar com a razão.

Se os escravos descansassem de seus labores, isso significaria "torná-los mais numerosos ainda" (John Gill, *in loc.*). O outro decreto do Faraó, ordenando que os meninos hebreus fossem afogados no rio Nilo, falhara miseravelmente, e o problema tinha apenas aumentado. Ver Êxo. 1.22.

O Faraó Intensifica a Opressão (5.6-14)

5.6,7

Naquele mesmo dia. *As Cargas de Israel Foram Aumentadas.* Se, anteriormente, os capatazes, para facilitar as coisas, forneciam palha para o fabrico de tijolos, agora foi descontinuada essa pequena ajuda, aumentando mais ainda o trabalho dos escravos israelitas. E embora agora tivessem de trabalhar extra para conseguir a palha, a *quantidade* de tijolos não foi diminuída (vs. 8). "A palha era misturada com a argila e a areia, não tanto como agente cimentador, mas para fazer a argila tornar-se mais duradoura" (John D. Hannah, *in loc.*).

As pessoas que têm conhecimento das coisas dizem que essa exigência deve ter *dobrado* o labor dos escravos. Usualmente, no Oriente, os tijolos eram secos ao sol, embora também haja provas de que alguns coziam seus tijolos ao forno. Filo (*Oper. edit.* vol. ii. par. 86) refere-se ao processo e diz que a palha servia de liga. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tijolo,* quanto a informações sobre o fabrico de tijolos no mundo antigo.

Obter palha requeria dos escravos ir aos campos, cortar certas plantas, transportar o material a depósitos, e, finalmente, trazê-lo até onde os tijolos estavam sendo feitos. No Egito, tijolos crus eram feitos do lodo do Nilo misturado com palha cortada, que eram então secos ao sol. E os tijolos eram usados na construção de casas, túmulos, muros, fortificações, recintos sagrados, edifícios e toda espécie de construção. E, em casos raros, eram usados até na construção de pirâmides. Ver Heródoto (*Hist.* vol. 2, par. 213).

5.8

Exigireis deles a mesma conta de tijolos. O *ócio dos israelitas* seria curado mediante maior carga de trabalho, o que os forçaria a desistir da idéia de perder tempo com inúteis cerimônias religiosas. Embora agora tivessem de trabalhar o dobro, porque tinham de conseguir a palha que antes lhes era fornecida, continuavam tendo de produzir a mesma quantidade de tijolos. O fervor religioso dos israelitas seria abafado com grande excesso de trabalho. Se o Faraó mostrou-se tão severo diante do pedido dos escravos de se afastarem por três dias, qual não seria sua severidade se eles quisessem deixar o país de forma *permanente?* A ira provocada pelas circunstâncias forma o ambiente em volta do qual foi escrito o livro de Êxodo.

5.9

Agrave-se o serviço. Uma conversa tola seria descontinuada por um trabalho físico redobrado. Moisés teria despertado esperanças de libertação no coração dos israelitas, mediante "palavras mentirosas" (ver Êxo. 4.30). Também é

possível que o Faraó tenha percebido que a jornada de três dias, deserto adentro, fosse apenas um ardil para que partissem do Egito de forma permanente.

Um Paralelo Histórico. Abaixo transcrevemos um trecho do segundo capítulo do terceiro volume da obra de Carlyle, *Past and Present:*

"Uma pobre viúva irlandesa, tendo seu marido falecido em um dos becos de Edimburgo, saiu com seus três filhos, destituída de todo e qualquer recurso, para pedir ajuda da Instituição de Caridade daquela cidade. Naquele lugar. . . não a atenderam; e então foi sendo rejeitada de lugar em lugar onde ia, recebendo sempre o mesmo tratamento. Suas forças lhe faltaram, e ela caiu doente com febre tifóide. Ela morreu, mas infectou o beco com a enfermidade, de tal modo que outras dezessete pessoas também vieram a falecer. Mas ela havia dito: "Eu sou irmã de vocês, ajudem-me. Vocês precisam ajudar-me. Eu sou irmã de vocês, osso do osso de vocês. Deus nos criou. Vocês precisam ajudar-me". Mas eles tinham respondido: "Não. É impossível. Não és nossa irmã". Mas ela provou que era irmã deles quando o tifo também matou a muitos deles. Eram irmãos dela, embora o negassem. A criatura humana já desceu tanto para que ficasse provado alguma coisa?"

5.10,11

Assim diz Faraó. Foi transmitido aos oficiais egípcios o recado de Faraó; e estes falaram aos escravos. Estes dois versículos repetem os elementos dos vss. 7 e 8, onde são comentados. Os escravos teriam de cortar e picar a palha, transportá-la, guardá-la, trazê-la, e, então, misturá-la à massa com que eram fabricados os tijolos. Portanto, o trabalho deles dobrou. Confusão e espancamentos se seguiriam (vs. 14), porque era impossível manter a taxa de produtividade sob tais condições.

5.12,13

O povo se espalhou. A palha era procurada por todo o Egito. Havia muito trabalho somente para conseguir a palha. Esse trabalho era tão árduo quanto o trabalho de fabricar tijolos. Os capatazes mostravam-se exigentes e cruéis, e o Egito transformou-se em um virtual acampamento de trabalhos forçados. Os superintendentes egípcios queriam que os escravos produzissem sua *tarefa de cada dia* tal como faziam antes de terem de conseguir eles mesmos a palha.

"Mantinham-nos sob pressão e aperto no trabalho, requerendo a mesma produtividade que havia antes" (John Gill, *in loc.*).

5.14

A questão toda redundou em violência. Os capatazes dentre os filhos de Israel eram espancados pelos superintendentes egípcios. E a isso era adicionada a insultuosa pergunta de por que não tinham terminado a tarefa de cada dia, como antes. Podemos facilmente imaginar que os israelitas oravam a Yahweh para que fizesse vingança. Quando oramos, quase sempre desejamos obter respostas imediatas. E enquanto esperamos pela resposta, parece-nos que o moinho de Deus moe com enervante lentidão.

"Aqueles que nos ofendem geralmente são punidos na terra pela injustiça que praticaram; mas com grande freqüência não nos é dada a satisfação de saber o que lhes aconteceu. Ao que parece, fica resolvido que os injuriadores serão punidos, mas que os injuriados não terão o prazer de ver cumprido o seu desejo de vingança" (Trollope). Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Moisés, Rejeitado por Israel e Encorajado por Deus (5.15 - 6.13)

Os Capatazes Apelam ao Faraó (5.15-21)

Os capatazes (israelitas) chegaram a concluir que até os escravos têm certos direitos, e que, talvez, Faraó reconhecesse esse fato. Devem também ter pensado que os superintendentes egípcios estariam agindo por conta própria. Mas logo descobririam que sua miséria fora determinada pelo próprio Faraó. Entrementes, a causa de Moisés sofria detrimento, porquanto estava perdendo o apoio de seu próprio povo, apesar dos milagres que lhes havia mostrado, a fim de convencê-los de seu chamamento divino (Êxo. 4.29 ss.). Não havia que duvidar de que o Faraó se sairia vencedor no primeiro *round*; mas ainda restavam muitos *rounds* à frente. Homens ímpios e desarrazoados tornam insuportável a vida de seus semelhantes. Mas há poder na espiritualidade, e perdas a curto prazo podem tornar-se vitórias a longo prazo.

5.15

Clamaram a Faraó. Não tiveram pejo de fazer um apelo pungente, porquanto sua situação era insuportável. "Os limites do homem são a oportunidade de Deus" (John Flavel). Todas as coisas estavam cooperando para o bem dos israelitas. Pois se Moisés haveria de sofrer uma rejeição temporária (Êxo. 5.20 ss.), as coisas estavam ficando tão ruins que o livramento, sem importar por quais meios, tornar-se-ia, em breve, uma necessidade absoluta. O Faraó estava forçando Israel para *fora* do Egito, embora pensasse que estava sendo sábio, ao tentar retê-los para sempre.

5.16

O teu próprio povo é que tem a culpa. Assim disseram ao Faraó os capatazes israelitas. A produção de tijolos não podia diminuir, mas sem palha (e a ausência desta era culpa dos egípcios) a mesma produtividade era agora impossível. Acresça-se que os israelitas estavam sendo espancados por não serem capazes de completar suas tarefas diárias. Qualquer homem razoável teria dado ouvidos a esse apelo, mas o Faraó parecia ter perdido o equilíbrio mental. Não se dispunha a desistir do trabalho prestado pelos escravos, mas haveria de forçá-los a fugir a qualquer preço.

Lemos que no ano de 1845, nos moinhos de Lowell, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, os operários trabalhavam uma média de onze horas por dia, durante o inverno, e treze horas diárias, durante o verão. Os operários protestaram. O governo do estado recusou-se a ouvir os protestos, e o *New York Journal of Commerce* proclamou, piamente, que a questão era um caso moral. E publicou esta nota: "Trabalhar *somente* dez horas no verão e *oito* horas no inverno é desperdiçar a vida". Portanto, aqueles operários eram escravos para todos os efeitos práticos. Os sindicatos operários, apesar de ocasionalmente também se mostrarem abusivos, finalmente prestaram um serviço humanitário, podemos ter certeza disso.

5.17

Estais ociosos, estais ociosos. Os apelos dos escravos não foram ouvidos. E os pobres serviçais, quebrantados de corpo por causa dos abusos, foram tachados de *ociosos.* Na estimativa do Faraó, somente tolos ociosos pensariam em internar-se no deserto para efetuarem ritos religiosos. Aqueles escravos não tinham férias nem fins de semana para descansar.

A Perturbada Mente do Faraó. Em seu desvario à cata de trabalho barato, e temendo perdê-lo, o Faraó renunciou a toda a capacidade de raciocinar. Lançou a culpa nas *vítimas,* um truque psicológico tão comum. Os escravos israelitas, por sua vez, tinham perdido todo significado da vida, e só pensavam em *como escapar* da demência do Faraó.

Mostram-nos os registros históricos que, para os egípcios, o *ócio* era considerado uma das piores ofensas. Logo, o Faraó estava aplicando a ética egípcia à situação, embora cegasse voluntariamente a sua mente quanto às reais condições de vida dos escravos. A arqueologia tem descoberto inscrições em túmulos que negam especificamente a pecha de *preguiça* por parte da pessoa falecida (*Records of the Past,* vol. vi, pág. 137, Bunsen). No pós-túmulo, de acordo com as crenças egípcias, diante de Osíris, os homens mortos teriam de se justificar de qualquer suspeita de ter-se mostrado preguiçosos durante seu período de vida terrena.

5.18

O Decreto Real Confirmado. Não seria fornecida palha; que os israelitas a obtivessem; e que produzissem a mesma quantidade de tijolos. Ver o decreto original, no vs. 8 deste capítulo, onde damos notas expositivas a respeito.

5.19

Desaparecera toda a esperança. A situação era insustentável. A vida tinha perdido o sentido. Era inútil esperar justiça ou misericórdia. ". . .servidão. . . miséria . . . aflição. . ." (John Gill, *in loc.*). "Fora-se o último farrapo de dignidade, segurança e esperança" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

5.20

Moisés e Arão estavam esperando pelos representantes do povo de Israel, os capatazes que estavam tendo uma audiência com o Faraó, para ouvirem o relatório que trariam. Havia uma expectação doentia, doentia porque era inútil dialogar com o tresloucado Faraó, conforme Moisés e Arão já tinham descoberto quando tentavam dialogar com ele.

5.21

Olhe o Senhor. . . e vos julgue. Assim disseram os capatazes israelitas. Chegaram a invocar a Deus como juiz. A sentença divina (conforme estavam certos os capatazes) seria que Moisés e Arão tinham produzido toda a miséria que tanto os afligia. O Faraó teria ficado *indignado* por causa da sugestão tola de

Moisés e de Arão que os israelitas se internassem no deserto caminho de três dias. E apesar de os capatazes não terem sido encarcerados, a vida dos escravos tinha sido reduzida a frangalhos. A violência poderia irromper a qualquer instante. Os superintendentes egípcios tinham espadas nas mãos; o Faraó poderia apelar para a execução em massa. "Temor e desespero" eram as palavras que descreveriam bem a sorte dos israelitas. Moisés e Arão tinham posto a espada nas mãos de seus inimigos.

... nos fizestes odiosos. Ou "mal cheirosos", conforme a palavra hebraica também pode ser traduzida. Aos olhos do Faraó, agora eles eram vis e repelentes. Cf. a idéia de "mau cheiro" com os trechos de Gên. 34.30; I Sam. 13.4; II Sam. 10.6. O *Papyr. Anastas.* (i.27,7) diz algo semelhante. Agora as *espadas* poderiam aparecer na cena, a fim de manter a ordem. E provavelmente não temos aí mera metáfora, mas uma negra realidade.

5.22

Então Moisés, tornando-se ao Senhor. Moisés apresentou diante de Deus a sua queixa. Diz um antigo hino: "Leva tua carga ao Senhor, e deixa-a com Ele". Tão amarga foi a queixa de Moisés que ele reconheceu a alegada verdade daquilo que o *povo* tinha dito, e passou a lançar a culpa sobre Deus. É muito fácil lançarmos a culpa sobre Deus. O *problema do mal* (ver a esse respeito no *Dicionário*) abala-nos a vida. Clamamos procurando saber "a razão" de nosso sofrimento, e as respostas que obtemos não são satisfatórias. E, então, a culpa pelo sofrimento humano é lançada sobre Deus. É verdade que Moisés aprendeu que aquela derrota inicial era, na verdade, uma *primeira vitória* disfarçada. Deus castigaria Faraó por causa do que ele estava fazendo. Em outras palavras, as maldades do Faraó provocariam a ira divina, e *esse* seria, afinal, o poder que libertaria o povo de Israel, e não os pobres discursos que Moisés e os capatazes israelitas poderiam fazer. Naquela conjuntura, meras palavras nada resolviam. A *mão divina feriria os ofensores.*

Moisés estava à cata de uma solução rápida para um problema dificílimo. Ele tinha esperado fazer Israel sair do Egito com o simples ardil de levar o povo ao deserto num caminho de três dias (Êxo. 5.3), e, então, simplesmente desaparecer. Mas o truque não deu certo. O Faraó percebeu a artimanha. Moisés estava agora sem novas idéias. Mas o plano divino tinha muitas outras provisões guardadas na algibeira.

5.23

Pois desde que me apresentei a Faraó. *Moisés começou a duvidar* da autenticidade de seu chamamento. E, *pior ainda,* ele não tinha visto sua idéia operar como um passe de mágica, e, daí, presumiu que a Deus não restavam recursos. Aquilo que Deus tinha prometido, não havia cumprido. Há um antigo hino que alude à ansiedade causada pela "oração não respondida". Nossa visão é muito míope. Nossa paciência é praticamente nula. Grandes vitórias jazem por trás do horizonte. Mas nas trevas não podemos enxergá-las, e ficamos a nos lamentar em meio às sombras. E então, quando ocorre alguma grande vitória, ficamos atônitos. Exclamou Jesus: "Homens de pequena fé"! (Mat. 6.30; 8.26; 14.31; 16.8). Quão bem e quão freqüentemente essas palavras se aplicam a nós. Por outra parte, nenhum projeto divino entra em colapso, somente porque os homens são fracos. O poder de Deus sempre se manifesta quando se torna necessário.

Capítulo Seis

Renovação da Comissão de Moisés (6.1-9)

Alguns críticos pensam que os versículos à nossa frente apresentam a chamada e a comissão de Moisés do ângulo da fonte informativa *P(S),* não sendo apenas uma repetição daquilo que já fora dito (com reforços). Ver Êxo. 3.2 ss. Os conservadores vêem nisso apenas uma reiteração. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

A renovação da comissão foi dada a Moisés no Egito. A comissão original tinha sido dada no Sinai ou no monte Horebe, o monte de Deus (Êxo. 3.1).

Uma das principais lições que precisamos aprender é que antigas derrotas tornam-se instrumentos: são os *meios* pelos quais, por fim, poderemos chegar à vitória. A opressão faraônica havia aumentado muito, e isso provocara o Senhor à ira. A paciência de Deus estava no fim. Em breve Ele haveria de atingir o ofensor. O dia de o Faraó pagar por seus crimes estava cada vez mais próximo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Esta seção também serve de demonstração da contínua providência de Deus. Ver no *Dicionário* os verbetes *Providência de Deus* e *Teísmo.*

6.1

Agora verás. Deus repassava agora as promessas que tinha feito ao povo de Israel, além de ameaçar Faraó. Ambos esses fatores eram necessários para o divino projeto de redenção de Seu povo.

"Agora precisamos continuar a confiar no Senhor. A religião consiste em continuar a confiar em Deus, depois de termos envidado nossos esforços ao máximo. . . Moisés tinha *feito o melhor ao seu alcance* e estava desencorajado diante dos resultados; mas fizera o máximo que podia. Deus disse que, para ele, isso poderia parecer um adiamento desnecessário, mas ele precisaria somente confiar em Deus, o qual entraria em ação quando chegasse o *momento oportuno*" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Por mão poderosa. Haveria a intervenção divina, sem a qual Israel simplesmente nunca seria posta em liberdade. "A *mão poderosa.* . . o poder soberano, aplicado de maneira súbita e com força" (Adam Clarke, *in loc.*). A mão de Deus mostrar-se-ia tão poderosa que o Faraó em breve haveria de "deixá-los ir-se". Seria alto demais o preço a ser pago, se ele quisesse reter o trabalho escravo.

6.2

Eu sou o Senhor. A Presença de Deus *continuava com* Moisés. Por muitas vezes, vemos a presença divina, nos primeiros livros da Bíblia. Toda decisão e mudança importante que os homens de Deus precisam enfrentar são acompanhadas pela presença de Deus: ou sob a forma do Anjo do Senhor (ver no *Dicionário* o verbete *Anjo*); ou sob a forma de uma teofania (ver sobre isso no *Dicionário*); ou sob a forma de um sonho (ver as notas sobre Gên. 28.12; 31.10). Ver também, no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos.* Não basta tomarmos conhecimento acadêmico das realidades espirituais, ler a Bíblia, orar e meditar. Precisamos do toque místico em nossas vidas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

Senhor. No hebraico, *Yahweh.* Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome divino, e também *Deus, Nomes Bíblicos de. Yahweh* era o nome divino que identificava a Nova Religião. Ver Êxo. 3.14. "Eu sou o Senhor" é expressão repetida por quatro vezes nos vss. 2-8 deste capítulo. Ver as notas sobre Êxo. 3.14 quanto ao novo nome, *Eu Sou,* que se deriva da mesma raiz que o nome divino Yahweh. Para os antigos, o nome de uma pessoa representava o seu caráter e poder, bem como as suas características e habilidades inerentes. Portanto, o Nome Divino estava por trás do projeto de livramento de Israel da servidão no Egito. Havia um potencial apropriado para esse projeto.

6.3

Apareci a Abraão. Conforme se vê em Gên. 17.1, onde aparece pela primeira vez na Bíblia o nome *El Shaddai* (ver abaixo). A comissão dada a Moisés estava ligada à história dos patriarcas de Israel. Cabia a Moisés dar continuidade ao plano divino, à história sagrada que tinha começado com aqueles. Este trecho do versículo tem paralelo em Êxo. 3.15. A comissão outorgada a Moisés estava vinculada à missão dos patriarcas. No caso presente, são nomeados Abraão, Isaque e Jacó, e não meramente Abraão.

O Deus Todo-poderoso. No hebraico, *El Shaddai.* Esse era um antigo nome de Deus, que significa "o todo-suficiente", embora outras idéias existam sobre o seu significado. Ver a respeito no *Dicionário,* como também em Gên. 17.1. Esse nome não era usado exclusivamente pelo povo de Israel. Ver Joel 1.15 e Deu. 32.17. Deuses estrangeiros e poderes destrutivos também podiam ser chamados assim. Jó usou esse nome por trinta e uma vezes (Jó 5.17 e outros trechos).

O Senhor. No hebraico, *Yahweh.* De acordo com este versículo, um nome mediante o qual Deus não se manifestara aos patriarcas. Essa declaração tem deixado os estudiosos perplexos. Os trechos de Êxo. 13.3; 17.2 e outros contêm esse nome. Os críticos supõem que essa declaração é oriunda da fonte informativa *P(S),* ao passo que, em outras fontes, o nome Yahweh era conhecido entre os patriarcas como um nome divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os críticos vêem nisso apoio para sua teoria de fontes múltiplas, supondo que o nome Yahweh (*J* seria a fonte do nome) seria um nome divino usado por outra fonte informativa, mais tardia. Nesse caso, o aparecimento do nome *Yahweh,* nos relatos sobre os patriarcas, deveria ser visto como inserções feitas por algum editor, em narrativas antigas, e não algo nativo a essas narrativas. Para Adão, o nome de Deus era *Elohim;* para Abraão, era *Adonai;* para Moisés, era *Yahweh.* Mas o culto a Yahweh foi estabelecido muito antes de Moisés, assim a confusão permanece de pé. Seja como for, o autor sacro diz-nos aqui que podemos chamar Deus de *El-Shaddai* ou de *Yahweh,* pois, em ambos os casos, nos estaremos referindo ao *mesmo único Deus.* Esse *Deus único* guiara a Abraão; e agora estava guiando a Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Monoteísmo.*

Os eruditos conservadores opinam que o próprio Moisés inseriu o nome *Yahweh* nos relatos anteriores (ver Gên. 2.4; 3.14; 9.1-9 etc.). Adam Clarke escreveu toda uma página de duas colunas tentando explicar como *Yahweh* já era um nome divino nos dias dos patriarcas, tendo achado esse nome até mesmo em outras culturas semíticas do mundo antigo. Mas lemos aqui que não foi assim que as coisas sucederam. Clarke não chegou a nenhum resultado definitivo, e é precisamente aí que nos encontramos, fazendo-lhe companhia.

Arte egípcia – peixes e plantas pintados sobre um vaso.

Arte egípcia – colheres cortadas em madeira sobre vasos usados para conter líquidos, cosméticos e outras substâncias.

Reproduções artísticas de *Darrel Steven Champlim*.

Observou John Gill (*in loc.*): "Isso não deve ser entendido em um sentido *absoluto*; pois é certo que Ele se fizera conhecer por Abraão, Isaque e Jacó por esse nome: Gên. 15.6-8; 26.2,24; 28.13. Mas *comparativamente*. . . Ele não era tão bem conhecido por aqueles, *por esse nome*, do que era conhecido pelo outro nome [El Shaddai]". Uma boa tentativa, mas não o suficiente.

Este versículo tem sido alistado em favor da chamada *hipótese quenita*, ou seja, de que Moisés aprendeu esse nome divino, *Yahweh*, bem como as práticas religiosas ligadas a esse nome, da parte dos midianitas, entre os quais permaneceu, com seu sogro, durante quarenta anos, na terra de Midiã. Ver Êxo. 18.1 e suas notas introdutórias, bem como as notas em Êxo. 18.12 onde a questão é mais amplamente ventilada.

6.4

Estabeleci a minha aliança. O *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) reunia em um bloco toda a nação de Israel, a começar por Abraão, estendendo-se aos demais patriarcas, até Moisés, e, finalmente, a todo o povo de Israel. No livro de Gênesis, esse pacto é reiterado por dezesseis vezes, em várias conexões e graus de plenitude. Uma das principais provisões dessa aliança era que Israel teria um território pátrio. Mas antes que esse território lhes pudesse ser dado, deveria haver um período de exílio no Egito, ao mesmo tempo em que os habitantes originais da terra de Canaã teriam de preencher a sua taça de iniqüidade. Quando essa taça estivesse cheia, então Deus os julgaria, e um dos resultados desse juízo é que os cananeus perderiam seus territórios. E, então, o povo de Israel apossar-se-ia deles. Ver Gên. 15.13,16. Ver Êxo. 2.24 quanto a como Deus lembrou o Seu pacto com Abraão, e, por essa razão, tinha levantado Moisés para ser o libertador.

A terra em que habitaram como peregrinos. Ver Gên. 17.8 e 23.4. "Abraão, Isaque e Jacó ocupavam a terra de Canaã por mera concessão; tinham *permissão* de ocupá-la, porque ela não lhes pertencia, mas foi-lhes dado esse direito por aqueles que realmente a possuíam. Esse território pertencia às nações cananéias, aos hititas, e outros (Gên. 20.15; 23.3-20)" (Ellicott, *in loc*). Ver também Hebreus 11.13.

6.5

Ouvi o gemido dos filhos de Israel. Deus estava agindo por misericórdia. Este versículo repete a mensagem de Êxo. 2.24. A compaixão de Deus, em combinação com considerações acerca do Pacto Abraâmico, levaram-no a levantar a Moisés para que libertasse Israel. Ver também Êxo. 3.7-9, que afirma enfaticamente a misericórdia divina. Deus é aqui apresentado como o misericordioso cumpridor de Sua promessa. Nenhuma palavra dita por Ele pode cair por terra; nenhuma situação fica fora de Seu controle; nenhuma tristeza está acima de Sua cura. A *justiça divina* provocou a intervenção divina por meio de Moisés. A lei da colheita segundo a semeadura cuidaria de Faraó.

6.6

Reiteração da Mensagem Divina. Moisés deveria anunciar ao povo a mesma mensagem anterior. Agora *Yahweh* a tinha reiterado. Um grande livramento estava surgindo no horizonte, e esse livramento contava com o poder de Deus.

... vos resgatarei com braço estendido. O poder de Deus haveria de manifestar-se, e a tarefa da libertação seria cumprida. Ver em Êxo. 3.20 as notas sobre a poderosa *mão* de Deus. Ver Êxo. 3.10 quanto à declaração do propósito divino de libertação.

Com grandes manifestações de julgamento. Esses juízos seriam dois: 1. Mediante uma longa série de prodígios que produziriam confusão e destruição, culminando na décima praga mediante a qual pereceriam todos os primogênitos do Egito. Ver Êxo. 12.28 ss. Assim teria cumprimento o que fora dito em Êxo. 4.22,23. Ou o filho *primogênito* (Israel) de Yahweh seria libertado, ou teriam de morrer todos os primogênitos do Egito. 2. Haveria o grande milagre de destruição na travessia do mar Morto (Êxo. 14).

A Recompensa Perversa do Faraó:

> *Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade,*
> *A Justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,*
> *Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda,*
> *Pois todo erro nem a noite esconderá!*
> *O que fizeres, de algum lugar, Deus te vê.*
> *E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais?*
> *Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.*
> *Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,*
> *Ela virá e varrerá da terra aos iníquos.*
>
> (Ésquilo)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Retribuição.*

6.7

Compare as declarações deste versículo com Êxo. 19.5,6 e Deu. 7.6. Uma nação havia sido escolhida para tornar-se o veículo da mensagem espiritual e para produzir o Messias. Mas o *mundo* é o objeto dessa mensagem (João 3.16; I João 2.2). Deus era e sempre será o Deus de todas as nações (Sal. 67.4). Todos os povos são aceitos por Ele (Atos 10.35; ver também Mat. 8.5-13; Luc. 7.2-10; Atos 10.1-33). Confronte a escolha de Abraão, em Gên. 17.7,8, onde as notas expositivas se aplicam a este versículo. A providência de Deus (ver sobre esse assunto no *Dicionário*) é multifacetada. Ela opera *através* de Israel e beneficia a todas as demais nações, e não somente a nação de Israel.

Demonstrando a Natureza de Deus. Esse é um dos propósitos do livramento de Israel da servidão no Egito. Deus seria exaltado; Seu poder seria exibido; Sua justiça comprovada; Sua misericórdia mostrada; e Sua vingança seria provada contra os injustos, especialmente contra Faraó. Uma pessoa é conhecida por meio de seus *atos*.

6.8

A Promessa sobre a Terra. Temos aí uma das principais *provisões* do Pacto Abraâmico, que demonstrei nas notas sobre Gên. 15.18. Cf. Gên. 15,16 e 16.22.

Jurei. No hebraico, "levantei minha mão", em um gesto que indicava o ato de fazer um juramento (Gên. 16.22). Yahweh é que fizera essa promessa (ver Êxo. 6.3). "Sendo Deus um Ser imutável e eterno, certamente haveria de dar a terra a eles" (Ellicott, *in loc.*).

6.9

Mas eles não atenderam a Moisés. Era como nós diríamos: "É bom demais para ser verdade". Em sua miséria, Israel, nessa oportunidade, não foi capaz de exercer fé na promessa renovada de Deus. Eles tinham crido nos dois recados anteriores (Êxo. 3.18 e 4.31), mas as coisas tinham *piorado*, levando para baixo a fé deles. E as dúvidas deles fizeram Moisés duvidar de suas próprias habilidades (vs. 12). O primeiro anúncio tinha-os deixado exultantes; mas o fracasso inicial deixou-os deprimidos. Usualmente, a realidade não depende de nossa fé. Algumas vezes, a fé consiste em crer em algo que não corresponde à realidade vigente. Mas também existem aquelas ocasiões em que não cremos na realidade dos fatos. Certo profeta afirmou que, em tempos de tristeza, não devemos esperar que nossa fé seja vigorosa. Somos apenas pó (Sal. 103.14). Mas a nossa fé acaba voltando.

Ânsia de espírito. No hebraico temos a expressão "respiração curta". Estavam todos tão deprimidos que simplesmente não podiam confiar. Exercer fé era mais do que eles poderiam fazer.

A Inadequação de Moisés (6.10,11)

6.10,11

Ver Êxo. 6.10-13,28,30. A missão foi renovada por ordem divina, repetindo um recado anterior. Moisés tinha de ir a Faraó e tinha de repetir: "Deixa ir os filhos de Israel". Em Êxo. 4.22,23, lemos que o *filho primogênito* de Deus tinha de ser solto da escravidão. Em Êxo. 5.1 lemos: "Deixa ir o meu povo".

Esta seção em geral prepara-nos para a escolha formal de Arão como companheiro e porta-voz de Moisés. Entrementes, é dada uma genealogia autenticadora, que mostra que Moisés e Arão tinham as credenciais históricas apropriadas para seus ofícios e missões.

Notemos que agora Moisés abandonou a *artimanha* da breve jornada de três dias (Êxo. 5.1-3). Agora, Moisés exigia total emancipação. Ele entrava no segundo *round* como se tivesse ganho o primeiro com grande vantagem. Enfrentou o Faraó, que lhe dera uma surra, e apresentou exigências ainda mais radicais. A primeira carga de Moisés até parecia leve; pois agora sua carga era verdadeiramente pesada.

6.12

Os filhos de Israel não me têm ouvido. Eles o haviam repelido. E como o Faraó haveria de ouvi-lo? Moisés era um hebreu; os hebreus tinham-no rejeitado. Já tinham lutado o bastante. E como o perdedor Moisés poderia enfrentar o Faraó e seus exércitos? Nem ao menos ele pudera enfrentar com sucesso a sua própria gente!

Não sei falar bem. No hebraico temos a expressão "tenho lábios incircuncisos". Mas nossa versão portuguesa dá aqui a correta interpretação do hebraico. Moisés

frisou sua fala pesada, tal como fizera em Êxo. 4.10 ss. Naquela passagem, Arão foi-lhe dado como porta-voz, para contrabalançar a deficiência. Agora o relato volta à mesma questão, e devemos entender que Arão tornava-se então o porta-voz formal de Moisés, mas alguns eruditos pensam que Moisés se queixou de sua inadequação moral e espiritual, e não somente de sua dicção pesada.

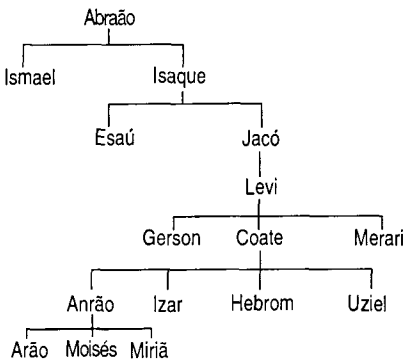
6.13

Arão e Moisés recebem agora a tarefa. Em Arão havia uma força que não existia em Moisés. Um suplementaria o outro. Mas a autoridade permaneceria com Moisés (Êxo. 4.16). Este versículo revê, de modo breve, o que é dado com maiores detalhes em Êxo. 7.1-9. Ver também os vss. 28-30 deste capítulo.

Genealogias de Moisés e Arão (6.14-27)

À primeira vista, essa genealogia parece deslocada. Mas devemo-nos lembrar que as conexões de família eram questões importantes para aqueles que recebiam alguma missão especial. Assim, no primeiro capítulo de Mateus e no terceiro capítulo de Lucas temos a genealogia de Jesus, a qual mostra que, como filho de Davi, ele tinha o direito de ser o Rei dos judeus. Moisés era descendente direto de Abraão. Arão tornou-se o representante da ordem sacerdotal. A genealogia de Arão mostra-nos, portanto, que o sacerdote desempenhava um papel ativo na fundação da nação de Israel, tendo participação crítica em suas primeiras vitórias. Os vss. 26 e 27 nos dá a razão do autor sagrado para injetar aqui as genealogias: Moisés e Arão, instrumentos da libertação de Israel, eram descendentes de Abraão, o fundador da nação. Juntamente com a chamada especial de Deus, que lhes foi feita, havia o fator autenticador de serem ambos descendentes de Abraão.

Genealogia de Abraão a Moisés



6.14

Os chefes das famílias. Temos aqui informes que se repetem essencialmente no vs. 25, pelo que a expressão encima e encerra a genealogia. Essa genealogia é representativa, e não exaustiva. "O propósito da genealogia de Arão e Moisés é traçar a *linhagem sacerdotal* a partir de Levi, filho de Jacó, e daí até Arão, e, então, passando pelo terceiro filho de Arão, Eleazar, até Finéias (Núm. 3)". E nisso os críticos vêem uma espécie de defesa da fonte informativa *P(S)*, que teria origem sacerdotal, indicando a legitimidade dos sacerdotes pertencentes a essa linhagem. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Os nomes deste versículo, que pertencem à casa de Rúben, são os mesmos nomes que aqueles dados em Gên. 46.9, onde há notas expositivas sobre cada um deles.

6.15

Os filhos de Simeão. Ver as notas sobre Gên. 46.10. Os mesmos nomes e na mesma ordem são dados aqui. Ver também os artigos separados sobre esses nomes, no *Dicionário*.

6.16

Os nomes dos filhos de Levi. Ver Gên. 46.11, onde esses nomes aparecem na mesma ordem. Este versículo, porém, adiciona a idade de Levi quando morreu, a saber, cento e trinta e sete anos, por ser o patriarca da linhagem sacerdotal, bem como a principal personagem que o autor sagrado queria destacar na genealogia. Dos seus três filhos, Coate seria o transmissor da linhagem sacerdotal. No terceiro capítulo de Números é elaborado o mesmo padrão que vemos aqui, a fim de mostrar o papel dos vários ramos da família, no serviço do tabernáculo. "Arão e Moisés estavam quatro gerações distantes de Jacó. É significativo que a linhagem não continuou por meio de Moisés, mas por meio de Arão. O genealogista queria mostrar que a classe sacerdotal teve um papel ativo na fundação da nação" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Gérson, Coate e Merari. Ver os verbetes sobre esses homens no *Dicionário*. A idade de Levi (cento e trinta e sete anos) ao morrer foi dada por ser ele o originador da casta sacerdotal em Israel, e este capítulo frisa a autoridade e os privilégios históricos dessa casta.

6.17

Libni. No hebraico, *branco*. Esse era o nome do filho mais velho de Gérson, filho de Levi (Êxo. 6.17' Núm. 3.17,21; I Crô. 6.17). Ele foi o progenitor dos libnitas (Núm. 3.21,26,48). Em I Crô. 6.29 há menção a um outro Libni, um filho de Merari, filho de Levi.

Simei. No hebraico, *Yahweh é a fama*. Esse é o nome de sete pessoas nas páginas do Antigo Testamento. Temos aqui menção a um filho de Gérson, e neto de Levi (Êxo. 6.17; Núm. 3.18). Ver as notas no artigo desse nome, primeiro ponto.

6.18

Os filhos de Coate. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Coate, Coatitas*. Coate foi o segundo dos três filhos de Levi. Gên. 46.11.

Anrão. No hebraico, *o povo* ou *parente exaltado*. Esse é o nome de três homens que figuram nas páginas do Antigo Testamento. O primeiro era o primeiro dos filhos de Coate, um levita que se casou com sua tia, irmã de seu pai, e teve com ela Miriã, Arão e Moisés (Êxo. 6.18,20; Núm. 3.19; 26.59). Os anrameus eram seus descendentes, encarregados de deveres especiais no tabernáculo, no deserto. Anrão morreu aos cento e trinta e sete anos de idade, provavelmente antes do êxodo.

Jizar. As traduções também grafam seu nome como *Izar*. No hebraico, *ungüento*. Esse é o nome de duas pessoas no Antigo Testamento. Temos aqui um neto de Levi, segundo filho de Coate (Êxo. 6.18,21; Núm. 3.19; 16.1; I Crô. 6.2,18). Em I Crô. 6.22, Aminadabe aparece em lugar de Izar, como filho de Coate e pai de Coré. Muitos estudiosos pensam que se trata de um erro de transcrição, visto que no vs. 38 reaparece o nome Izar, como deve ser. Seus descendentes tornaram-se conhecidos como os *izaritas*. Viveu em torno de 1440 A. C.

Hebrom. No hebraico, *comunidade, aliança*. Nome de dois homens aludidos no Antigo Testamento. Temos aqui o terceiro filho de Coate, neto de Levi e irmão mais novo de Anrão, o qual foi o pai de Moisés e de Arão (Êxo. 6.18; Núm. 3.19; I Crô. 6.2,18; 23.12,19). Seus descendentes são chamados *hebronitas* em Núm. 3.27 e em outras referências bíblicas.

Uziel. No hebraico, *Deus é força*. Esse é o nome de seis personagens do Antigo Testamento. Ver sobre esse nome no *Dicionário*, sob o primeiro ponto.

Coate viveu por cento e trinta e três anos. Sua idade é mencionada (ao passo que nada é dito sobre a idade dos outros), por ser ele figura importante da casta sacerdotal. A preocupação central da genealogia foi exaltar o prestígio e a autoridade da tribo sacerdotal de Levi. Dos três filhos de Levi, Coate foi o continuador da linhagem. Essa linhagem, segundo é apresentada por este texto, passa através dos descendentes de Arão, e não através de Moisés.

6.19

Os filhos de Merari. Esses foram apenas dois, a saber:

Mali. No hebraico, *fraco, enfermiço*. Há dois homens com esse nome no Antigo Testamento. Aqui achamos o filho mais velho de Merari, neto de Levi (Êxo. 6.19; Núm. 3.20; I Crô. 6.19; 23.21; 24.26; Eze. 8.18,19). Mali teve três filhos: Libi (I Crô. 6.29), Eleazar e Quis (I Crô. 23.21; 24.58). Seus descendentes eram conhecidos como malitas (Núm. 3.33; 26.28). Foi-lhes outorgado um serviço específico, juntamente com os musitas (mesma referência), seus irmãos, a saber, o de carregarem as armações e outras peças do tabernáculo e de seu equipamento (Núm. 4.31-33).

Musi. No hebraico, *sensível*. Nome de um dos filhos de Merari, o qual, por sua vez, era filho de Coate (Êxo. 6.19; Núm. 3.20; I Crô. 6.19,47; 23.21,23; 24.26,30). O clã que descendia de Musi tornou-se conhecido como os *musitas* (Núm. 3.33; 26.58).

6.20

Anrão. Ver as notas sobre o vs. 18, quanto a esse nome.

Joquebede. No hebraico, *glorificada por Deus* ou *Yahweh é a glória.* Esse era o nome de uma filha de Levi, irmã de Coate, esposa de Anrão, mãe de Miriã, Arão e Moisés (Êxo. 6.20; Núm. 26.59). Alguns eruditos põem em dúvida o sentido desse nome, que parece ser composto com o nome divino *Yahweh* (ver no *Dicionário*). Isso eles alegam porque estão convencidos de que o uso do nome divino, *Yahweh,* vem da época de Moisés. Há evidências, porém, de que esse nome realmente pré-datava os dias de Moisés, e que era usado entre os povos semitas antigos. Ver o artigo sobre *Jetro.* Em Êxodo 6.20 está registrado que Joquebede era irmã de Anrão, pelo que era *tia* de seu próprio marido. Visto que casamentos entre parentes assim chegados foram posteriormente proibidos (Lev. 18.12), várias tentativas têm sido feitas para aliviar a situação de *incesto.* Mas essas tentativas são inúteis, visto que há provas claras de tais relações de sangue em outros casos. Abraão casou-se com Sara, sua meia-irmã (Gên. 20.12). A Septuaginta faz de Joquebede uma prima de Anrão, mas isso somente reflete uma antiga modificação no texto sagrado. Expus um estudo detalhado sobre as incidências de incesto no Antigo Testamento, na introdução ao décimo oitavo capítulo do livro de Levítico. Ver também, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Incesto.* Os costumes sociais se modificam, e há ensinos bíblicos que têm acompanhado essas mudanças. A revelação é progressiva, e não fixa e estagnada. Coisas que antes não eram consideradas erradas passavam a ser consideradas erradas, acompanhando o progresso da iluminação espiritual, e vice-versa.

Anrão viveu até ao cento e trinta e sete anos. E esse detalhe é mencionado por ter sido ele o pai de Arão e Moisés.

6.21

Os filhos de Jizar. Esses filhos foram três, a saber:

Corá. Seu nome também é grafado como *Caré.* No hebraico, *calvo.* Nome de cinco pessoas do Antigo Testamento. O do presente texto aparece no *Dicionário* no quinto lugar, onde há notas detalhadas a respeito.

Nefegue. No hebraico, *rebento.* Nome de dois homens que aparecem no Antigo Testamento. Ele era filho de Izar ou Jizar, filho de Coate. Só é mencionado aqui em todo o Antigo Testamento. Viveu em torno de 1491 A. C.

Zicri. No hebraico, *renomado.* Nada menos de doze homens figuram no Antigo Testamento com esse nome. O homem do presente texto era filho de Izar ou Jizar, neto de Levi. Zicri só é mencionado aqui em todo o Antigo Testamento. Ver sobre ele no *Dicionário.*

6.22

Os filhos de Uziel. Esses filhos foram três, a saber:

Misael. No hebraico, *quem é o que Deus é?* ou *quem é como Deus?* Ele foi o primeiro dos filhos de Uziel a ser chamado por nome. Uziel era irmão de Anrão, pai de Moisés. Por conseguinte, Misael era primo de Moisés. Moisés ordenou-lhe que transportasse os cadáveres de Nadabe e Abiú, depois da transgressão e do pecado deles (Lev. 10.4). Isso ocorreu por volta de 1439 A. C.

Elzafã. No hebraico, *protegido por Deus.* Ele era filho de Uziel, um levita que descendia de Coate e primo de Moisés. Ajudou a remover os corpos mortos de Nadabe e Abiú do santuário, onde tinham morrido, depois de terem oferecido incenso proibido (aqui e Lev. 10.4).

Sitri. No hebraico, *Yahweh é proteção.* Era neto de Coate e filho de Uziel. Também era primo de Moisés. Só é mencionado aqui em todo o Antigo Testamento. Viveu em cerca de 1530 A. C.

6.23

Família de Arão:

Eliseba. No hebraico, *Deus é jurador* ou *aliança de Deus.* O nome corresponde a *Isabel,* no Novo Testamento. Era esposa de Arão e mãe de toda a família sacerdotal de Israel. Era filha de Aminadabe e irmã de Naasom, e, portanto, da tribo de Judá. Ver Êxo. 6.23. Ela teve quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois primeiros perderam a vida por castigo do Senhor (Núm. 3.4). Os dois últimos tiveram descendentes que ocuparam o ofício sumo sacerdotal em diferentes épocas da história de Israel. Eleazar foi o sucessor imediato de Arão (Núm. 20.25-28).

Aminadabe. No hebraico, *meu parente é generoso* ou *meu parente é nobre.* Esse é o nome de quatro homens que figuram no Antigo Testamento. Há um artigo detalhado sobre esses homens no *Dicionário,* onde o Aminadabe deste texto aparece *em primeiro lugar.*

Naassom. No hebraico, *oráculo* ou *encantador.* (Aqui e em Núm. 2.3; 7.12-17; Mat. 1.4; Luc. 3.32). Dentro da genealogia de Jesus, Naassom é chamado de filho de Aminadabe. Foi um dos chefes da tribo de Judá, ao tempo do êxodo. E quando das vagueações de Israel pelo deserto, ele foi o líder dessa tribo. Naassom, sem dúvida, foi homem dotado de considerável autoridade. Sua irmã, Eliseba, casou-se com Arão. A linhagem de Eliseba inclui nomes como Salma, Boaz, Obede, Jessé e Davi (Rute 4.20 ss.; I Crô. 2.10 ss.). Sendo um dos antepassados de Davi, naturalmente ele aparece como um dos ancestrais de Jesus, o Cristo.

Nadabe. No hebraico, *liberal* ou *bem-disposto.* Há quatro homens com esse nome nas páginas do Antigo Testamento. Ver sobre esse nome no *Dicionário.* O homem que aparece neste texto é o primeiro da lista naquele verbete.

Abiú. No hebraico, *de quem Deus é pai.* Há um artigo detalhado sobre esse nome, no *Dicionário.*

Eleazar. No hebraico, *Deus é ajudador.* Há nove homens com esse nome no Antigo Testamento. Aquele que figura aqui é o primeiro da lista no artigo com esse nome, no *Dicionário.*

Itamar. No hebraico, *ilha das palmeiras.* Esse era o nome do quarto filho de Arão, irmão mais velho de Moisés. Ele foi consagrado ao sacerdócio juntamente com seus irmãos (aqui e Núm. 3.2,3). Sabemos que a propriedade do tabernáculo foi deixada aos seus cuidados (Êxo. 38.21), e que ele supervisionava a atuação das seções levíticas de Gérson e Merari (Núm. 4.28); mas à parte disso, não temos informações mais específicas.

Itamar e seus descendentes ocuparam a posição de sacerdotes *comuns,* até que o sumo sacerdócio passou para essa família na pessoa de Eli. Entretanto, são desconhecidas as causas dessa transferência de sumo sacerdócio. Abiatar, deposto por Salomão, foi o último sumo sacerdote dessa linhagem, quando então o *ofício reverteu* à linhagem de Eleazar, na pessoa de Zadoque (I Reis 2.35).

Os dois irmãos mais velhos de Itamar, Nadade e Abiú, foram executados a mando do Senhor por terem oferecido fogo estranho sobre o altar (Lev. 10; Núm. 3.4; 26). Quando Israel vagueava pelo deserto, ele era líder dos levitas (Êxo. 38.21), e também dos gersonitas (Núm. 4.28) e dos meraritas (Núm. 4.33; 7.8). O trecho de Esdras 8.2 mostra que a família de Itamar sobreviveu como um clã distinto, terminado o cativeiro babilônico.

6.24

Os filhos de Corá. Seus filhos também foram três, a saber:

Assir. No hebraico, *cativo.* Ele foi um levita, filho de Corá (aqui e em I Crô. 6.22).

Elcana. No hebraico, *Deus se apossou* ou *Deus criou.* Há oito homens com esse nome no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse nome. O Elcana deste texto é o *número um* da lista daquele artigo.

Abiasafe. No hebraico, *pai da colheita.* Ele era o mais jovem dos três filhos do levita Corá (só é mencionado aqui). Viveu depois de 1740 A. C. O nome Abiasafe pode aplicar-se a uma divisão dos levitas, descendentes de Corá. Em I Crônicas, Abiasafe é alistado entre os porteiros, embora seja incerta a identificação. Entre os descendentes notáveis dele figura o profeta Samuel, filho de Elcana (I Sam. 1.1).

6.25

Eleazar. Ver o vs. 23 e o artigo *Eleazar,* no *Dicionário.*

Putiel. No hebraico, *afligido por Deus (El).* Esse foi o nome do pai da esposa de Eleazar, o sacerdote. Essa mulher, cujo nome não é dado aqui, foi mãe de Finéias (ver abaixo). Eleazar era filho de Arão.

Finéias. No hebraico, *oráculo.* Nome de três homens que figuram no Antigo Testamento. Há um detalhado artigo sobre as pessoas desse nome, no *Dicionário.* E o primeiro nome daquela lista corresponde ao Finéias deste texto.

Os Levitas. Esta genealogia enfatiza a origem, a posição, a prioridade social e a autoridade da classe sacerdotal de Israel, juntamente com a autoridade de Moisés e Arão, como os antigos líderes que, orientados pelo poder de Deus, efetuaram o êxodo, pondo fim ao exílio egípcio de Israel.

O que há de estranho nesta genealogia é que nela os descendentes de Moisés não aparecem. Isso não se devia ao fato de que Moisés era homem humilde, mas porque o propósito central do material aqui apresentado é o de autenticar a classe sacerdotal. Os críticos pensam que esse material foi preservado pela fonte informativa *P(S)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

6.26

As Credenciais de Arão e Moisés. As genealogias eram importantes aos olhos dos hebreus. Os dois grandes líderes, um dos quais foi o originador da classe sacerdotal de Israel, aparecem assim como quem é dotado de autoridade histórica e de prestígio, por meio da genealogia acima. Por conseguinte, entendemos que foi Yahweh quem os levantou e lhes conferiu autoridade.

O nome de Arão aparece aqui não por ser ele o mais velho, mas porque a genealogia dada acima tinha enfatizado a importância da casta sacerdotal, da qual ele era o antepassado histórico.

Segundo as suas hostes. Essa declaração mostra que o povo de Israel marchou para fora do Egito em ordem, agrupado em clãs. Algumas traduções, em lugar de "hostes" ou "exércitos", dizem "famílias", mais de acordo com o original hebraico. Alguns estudiosos supõem que os clãs se organizaram quase como batalhões, preparados para a batalha, e, talvez, armados. Essa expressão reaparece em Êxo. 7.4 e 12.17,21.

6.27

São estes, Moisés e Arão. Os mesmos que tinham tido coragem de enfrentar o Faraó com suas exigências atrevidas. O autor reforça sua autenticação da autoridade e da proeminência histórica dos dois.

"Nos vss. 20 e 26, Arão é mencionado antes de Moisés por ser o irmão mais velho. Mas em Êxo. 6.27, o nome de Moisés aparece em primeiro lugar, porque tinha maior responsabilidade no êxodo.

Moisés Fala de Novo ao Faraó (6.28 — 7.13)

"Após a inserção da nova genealogia, foram adicionados os vss. 28-30 para lembrar o leitor sobre o que tinha sido dito antes" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Essa segunda convocação divina é bem parecida com a primeira, havendo as mesmas demandas e a mesma reação favorável da parte de Moisés.

6.28,29

Todos os elementos desses dois versículos são vistos no texto anterior. Ver a exposição dos vss. 2,6,8,10 e 11 deste capítulo.

Algumas vezes, precisamos ser relembrados de nossa missão, por assim dizer, uma segunda comissão, especialmente quando já fizemos uma tentativa honesta mas abortada de cumprir as exigências divinas. A espiritualidade não depende de uma vitória em um golpe único. O caminho da vitória está salpicado de pequenas derrotas e vitórias por um longo período de tempo.

6.30

A objeção que aparece no vs. 12 é aqui repetida. Ver as notas expositivas naquele ponto.

Capítulo Sete

Este capítulo, até o seu sétimo versículo, continua o assunto iniciado em Êxodo 6.28. Enfatiza aquilo que já pudemos ver, a nomeação de Arão (vss. 1-7); o equipamento dado a Moisés e a Arão (vss. 8-13); as revelações iniciais do poder divino, necessário ao êxodo (Êxo. 7.14—18.27). Deus multiplicou Seus sinais e prodígios, além de desferir as terríveis dez pragas contra o Egito (Êxo. 7.14 — 11.10). A poluição da *linha de vida* do Egito, o rio Nilo, foi o primeiro golpe contra a arrogância do Egito.

7.1

... te constituí como deus sobre Faraó. Este versículo reitera os elementos essenciais de Êxo. 4.16, exceto o fato de que agora Moisés seria "como deus sobre Faraó", e não para Arão. A boca de Arão, naquele versículo, agora é substituída pela palavra "profeta". Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Profecia, Profetas e o Dom da Profecia*. Já vimos a chamada e a comissão de Arão, no quarto capítulo deste livro. Isso é repetido para efeito de ênfase, agora que a segunda tentativa de convencer ao Faraó estava prestes a ocorrer. A primeira tentativa havia terminado em fracasso. Ver o quinto capítulo de Êxodo quanto a essa história.

O Faraó dispunha de seus manhosos *magoi*, os seus mágicos e sábios. Mas ele nunca tivera visto um poder espiritual como aquele que podia perceber na face de Moisés. Moisés seria como um deus para ele, algo insondável, acima da compreensão humana. Mesmo assim, seria preciso bastante tempo para esse poder mostrar-se eficaz. O Faraó mostraria ser um homem verdadeiramente teimoso.

Este versículo dá a resposta à objeção feita por Moisés, em Êxo. 6.30.

7.2

Tu falarás tudo o que eu te ordenar. Deus exigiu obediência absoluta. Seria preciso bastante tempo. Haveria muitas ordens; muitos movimentos; muitas estratégias. Arão desempenharia seu papel de orador principal. A mensagem seria a mesma: "Deixa que meu povo saia". Deus tinha um *filho*, o Seu primogênito, que deveria ser tirado do Egito, pondo fim ao longo exílio que os israelitas sofreram ali. Ver sobre essa metáfora em Êxo. 4.22,23. Arão era o porta-voz de Moisés (Êxo. 4.16). Tanto Moisés quanto Arão falariam com Faraó (Êxo. 5.1). Mas aqui Arão é o único porta-voz.

7.3

Endurecerei o coração de Faraó. Ver Êxo. 4.21 quanto a todas as implicações desta declaração. A notória obstinação de Faraó é enfatizada em Êxo. 3.19 e 4.21. E a *razão* disso é declarada no quinto versículo deste capítulo, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

O Faraó não teria permissão de facilitar as coisas para Moisés. Moisés estava aprendendo. O Faraó também estava aprendendo. Lições importantes estavam sendo ensinadas. Haveria um sinal após outro, um prodígio após outro, mas o Faraó não cederia *enquanto* o propósito divino não tivesse total cumprimento. Estava acontecendo *mais* do que meramente a retirada de Israel do Egito.

Os meus sinais e as minhas maravilhas. Esses prodígios seriam *didáticos*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sinal (Milagre)*.

7.4

Porei a minha mão. A pesada mão de Deus seria descarregada contra o Egito. A derrota do Faraó seria, ao mesmo tempo, a derrota dos deuses falsos do Egito. Cada uma das dez pragas seria um golpe dado pela mão de Deus.

As minhas hostes. Em algumas traduções, mais de acordo com o original hebraico, lemos aqui "famílias". Ver as notas sobre essa expressão em Êxo. 6.26.

O meu povo. Ver essa expressão em Êxo. 3.7,10; 8.1; 9.13; 10.3 etc. Israel era o povo *pertencente* a Deus, em razão do Pacto Abraâmico (ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18).

Os Números Envolvidos. O trecho de Números 1.46 mostra-nos que havia cerca de seiscentos mil homens capazes de pegar em armas, em Israel, por ocasião do êxodo. Isso indica que o total do povo de Israel deveria ser de cerca de três milhões de pessoas. Talvez esse povo tivesse sido organizado em unidades quase militares, conforme a palavra "hoste", aqui usada, dá a entender. É possível mesmo que os israelitas tivessem saído armados do Egito, preparados para combater contra os egípcios, se estes saíssem ao seu encalço.

7.5

Eu sou o Senhor. No original hebraico temos aqui o nome divino *Yahweh*. Este deveria ser conhecido pelo mundo todo, destacando-se sobretudo que Ele é o Deus único; que Ele favorece Israel e opera através desse povo; que os deuses do Egito são falsos; que todos os povos devem prestar lealdade a esse Deus único. O Faraó não sabia quem era *Yahweh* (Êxo. 5.1-2), e não queria obedecer aos Seus mandamentos. Os muitos sinais, milagres e pragas serviriam de vívidas lições teológicas quanto à identidade e o poder de *Yahweh*. Ver o artigo detalhado sobre esse nome divino no *Dicionário*, como também os artigos *Deus, Nomes Bíblicos de* e *Monoteísmo*.

"O Egito era a maior monarquia do mundo inteiro. Agora essa monarquia estava no máximo de seu resplendor. Dentre todas as formas de politeísmo existentes, a forma egípcia era a mais famosa; e os seus deuses devem ter parecido, não somente para os egípcios, mas para todas as nações circundantes, os mais poderosos. Lançar esses deuses no descrédito era lançar no descrédito o politeísmo em geral" (Ellicott, *in loc.*).

7.6

Deus exigira obediência absoluta (7.2), e *esta tinha sido dada*. A vida de quase todos nós é como um saquinho de bolinhas de gude misturadas. Há as brilhantes e as escuras, todas elas misturadas no mesmo saco. Fazemos o que é correto; fazemos o que é errado; fazemos coisas bem-feitas; fazemos coisas malfeitas; temos sucesso; fracassamos. Moisés e Arão, quando faziam seu melhor, conseguiam fazer *tudo* para agrado do Senhor. Mas Moisés, em suas dúvidas, tinha iniciado sua carreira um tanto capengante, com uma longa série de objeções. O quarto capítulo do Êxodo conta-nos essa história. Agora, porém, tudo isso estava relegado ao passado. A preparação de Moisés fora completa e eficaz.

7.7

Os Ciclos da Vida de Moisés. Houve três desses grandes ciclos, cada qual de quarenta anos. Ver Deu. 34.7 e cf. Atos 7.23. Moisés faleceu com cento e vinte anos de idade, e esses cento e vinte anos foram divididos em três períodos: 1. Durante seus primeiros quarenta anos, ele viveu e foi educado no Egito, sob o favor de Faraó, tendo sido adotado como filho da filha de Faraó (Atos 7.23; Êxo. 2.9,10). 2. Então, ao defender um compatriota israelita, Moisés matou um egípcio (Êxo. 2.11). E isso forçou-o a fugir para Midiã, onde ficou exilado voluntariamente, no deserto, durante quarenta anos, como um pastor, trabalhando para Jetro, seu sogro. 3. Este versículo mostra-nos que *ele agora iniciava seu terceiro e último ciclo de vida, aos oitenta anos de idade*. E passaria a maior parte desse terceiro período em outro deserto, vagueando em várias direções, mas sem nunca entrar na Terra Prometida — grande ironia!

Arão era três anos mais velho que Moisés. As tradições judaicas informam que Miriã, por esse tempo, estava com oitenta e sete anos. Ver Êxo. 2.4 quanto ao fato que ela já era uma garota quando Moisés nasceu. Arão morreu com cento e vinte e três anos (Núm. 33.39).

Profetas Idosos. Nos Targuns há comentários sobre o fato de que Moisés e Arão foram, realmente, os únicos profetas de grande idade. "Os monumentos egípcios estampam casos de oficiais ativamente empregados em suas funções depois que tinham feito cem anos de idade" (Ellicott, *in loc.*).

7.8,9

O primeiro *sinal* dado em Êxo. 4.3-9, que agora se cumpria. A questão é amplamente comentada em Êxo. 4.3,4. Os mágicos do Faraó foram capazes de fazer a mesma coisa, por meio de truques ou do poder de Satanás (vs. 11). O fato de que as serpentes dos mágicos foram devoradas pela serpente de Arão não impressionou ao Faraó, o qual, de acordo com o que tinha sido predito, endureceria seu coração (vs. 13). Esses milagres já tinham sido realizados, a fim de convencer o povo de Israel (Êxo. 4.30). É interessante ser testemunha de um milagre, de algum prodígio desejado pelos curiosos (Luc. 23.8). Os milagres podem operar como sinais convincentes, embora, com freqüência, também sirvam de medidas da misericórdia e do amor de Deus entre os homens. Ver no *Dicionário* os verbetes *Sinal (Milagre)* e *Milagres*.

Vara. Provavelmente o cajado de pastor, ou alguma forma de bengala ou insígnia, que servia de instrumento de poder. Naturalmente, os mágicos, com seus truques, faziam outro tanto. Ver as notas sobre Êxo. 4.2,3. Agora a vara foi chamada *de Arão*, porquanto Moisés a havia entregue a ele.

Ela se tornará em serpente. Não a mesma palavra que fora usada em Êxo. 4.3 (*nahash*), e, sim, *tanin*, "monstro". Mas aqui este termo é usado como sinônimo daquele. Todavia, alguns intérpretes vêem nisso um aumento de poder como produto do milagre.

"Mercúrio, o mensageiro dos deuses. . . aparece como quem brandia um *caduceu*, uma vara ou varinha com serpentes torcidas ao longo dela" (John Gill, *in loc.*).

7.10

A Ordem é Cumprida. O plano foi posto em execução. Moisés e Arão obtiveram audiência com o Faraó. A vara de Arão transformou-se em uma serpente. Isso já tinha sido feito com sucesso diante dos anciãos de Israel (Êxo. 4.30,31). Naquele caso, o resultado fora a crença; mas no caso de Faraó, o resultado foi apenas mais obstinação e dureza de coração (vs. 13). Este versículo retém o termo hebraico *tanin*, usado no versículo anterior, mas uma palavra diferente daquela de Êxo. 4.3. Talvez devamos pensar em mera sinonímia, embora alguns estudiosos vejam um aumento de poder no milagre e em seu resultado, pois agora teria sido produzido alguma espécie de monstro. É inútil especular quanto ao tipo de serpente ou de outro animal que poderia estar em foco.

A *vara*, trazida de Horebe (Êxo. 3.2), passou das mãos de Moisés para as de Arão, e tornou-se um instrumento de poder. Ver as notas sobre Êxo. 7.14, que ilustram seu uso por meio de um gráfico.

O Dragão. Em apoio ao aumento do poder do milagre, os intérpretes têm salientado os outros usos da palavra hebraica *tanin*, em Sal. 54.13; Isa. 27.1; 51.9; Jos. 7.12, onde parece estar em pauta algum corpulento animal aquático ou anfíbio. Gên. 1.21 diz ali *baleia*. Assim, alguns supõem que teria sido agora produzido algum dragão ou crocodilo!

7.11

Fizeram também o mesmo. Essa foi uma duplicação fraudulenta. Os milagres nunca devem ser tomados como *prova* de uma doutrina ou justiça, visto que pode haver falsos milagres, produzidos pela fraude ou até mesmo por poderes demoníacos (II Tes. 2.9 fala sobre os "sinais e prodígios da mentira" do futuro anticristo). Ver também Mat. 7.22,23, um trecho que mostra que milagres fraudulentos (reais, mas não produzidos por Deus) podem ser produzidos até mesmo por *falsos* discípulos de Cristo. O trecho de II Timóteo 3.8 alude a como Janes e Jambres fizeram oposição a Moisés. Ver o *Novo Testamento Interpretado* onde a questão é ventilada. Ver também sobre os nomes desses opositores na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Com as suas ciências ocultas. Há um misticismo autêntico e há um misticismo falso. Ver no *Dicionário* os três artigos relacionados a este texto: *Misticismo; Encantador* e *Magia*.

O Targum de Jonathan, ao comentar sobre este texto, sublinha os nomes de Janes e Jambres. *Josefo considerava-os sacerdotes. Provavelmente, pertenciam à classe sacerdotal egípcia* (*Antiq.* 1.2 c. 13, sec. 3).

Alguns mágicos possuem poderes miraculosos. Outros apenas usam truques. No Egito, os *khakamim* (sábios), os *makashshephim* (murmuradores de encantamentos) e os *khartumim* (escribas sagrados) tinham grande prestígio. Boa parte do *Ritual dos Mortos* era constituída por encantamentos e fórmulas mágicas. Aceitava-se que os encantamentos podem produzir ou curar enfermidades, ajudar pessoas, fazer o mal às pessoas, afastar ataques demoníacos ou de animais, obter presciência quanto ao futuro, ajudar as almas dos mortos no mundo inferior etc. Ver no *Dicionário* o verbete *Encantamento de Serpentes*.

7.12

A duplicação do feito, pelos mágicos egípcios, foi o bastante para o Faraó rejeitar a autoridade de Moisés, apesar de a serpente (ou dragão) de Arão ter devorado as serpentes dos mágicos. Para o coração endurecido e para a mente incrédula, nenhum sinal é suficiente. Para o crente, são dispensáveis os sinais.

O poder superior de Deus foi claramente exibido. Os deuses do Egito e seus agentes humanos foram derrotados, mas o Faraó continuava insistindo em montar um cavalo morto. Foi assim ilustrada a *soberania de Deus* (ver no *Dicionário* o verbete com esse nome).

Os mágicos podem ter sido Janes e Jambres da tradição hebréia. Ver também II Tim. 3.8 e os comentários no *Novo Testamento Interpretado* sobre esse trecho.

7.13

O coração de Faraó se endureceu. De outra sorte, o Faraó teria anuído prontamente à ordem divina. O trecho de Êxo. 7.5 nos dá uma razão conspícua para isso. Deus estava demonstrando o Seu poder, exaltando o Seu nome, derrotando deuses falsos, instalando nos corações a verdadeira fé e a espiritualidade, exibindo a Sua soberania, provocando uma revolução espiritual. Nada disso poderia ocorrer se o Faraó tivesse recuado pronta e facilmente. Muitas lições ainda seriam dadas. Estava em desdobramento um plano divino, e não apenas a libertação da servidão no Egito.

Em Êxodo 4.21 apresento notas completas sobre os problemas teológicos e morais envolvidos na história do coração endurecido do Faraó. Também aludo ali a artigos que examinam esse problema por vários ângulos. O livro de Êxodo *atribui o endurecimento do coração do Faraó tanto ao próprio homem como a* Deus; e essa questão também é comentada, com referências bíblicas apropriadas, em Êxo. 4.21. Deus se utiliza da vontade humana sem destruí-la, embora não saibamos dizer *como* isso ocorre.

Como o Senhor havia dito. Essa dureza de coração por parte do Faraó havia sido antecipada e predita (Êxo. 7.3). Isso deu margem a que o Senhor multiplicasse os Seus sinais, os quais são descritos em Êxo. 7.14 — 18.27, as dez pragas e os prodígios subseqüentes, como aqueles às margens do mar Vermelho.

As Dez Pragas (7.14 — 11.10) **Deus Revela Seu Poder Multifacetado** (7.14 — 18.27)

Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*. Yahweh e o Faraó engalfinharam-se em luta: o sagrado e o profano; o veraz e o mentiroso. Dessa luta resultariam

efeitos benéficos e prejudiciais. Levado pelo temor, o Faraó (Êxo. 5.15-21) descartou seus poderes racionais e se tornou um desvairado, espalhando destruição no Egito, por causa de sua dureza de coração. Moisés e Arão eram instrumentos divinamente escolhidos. Deus sempre tem Seu homem para cada missão específica. A *providência de Deus* (ver sobre ela no *Dicionário*) é um dos temas principais por todo o Pentateuco. A *soberania de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*) também precisava ser não apenas demonstrada (Êxo. 7.5) mas também *firmada*. O *Deus desconhecido, Yahweh*, precisava tornar-se universalmente conhecido, começando primeiramente por Israel, e, então, pelo Egito (o reino mais poderoso da época), e, finalmente, pelo resto do mundo. Jesus, o Cristo, tornaria universalmente conhecido a esse Deus desconhecido, de forma toda especial, mediante sua missão salvatícia universal.

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *J, E* e *P(S)*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltipias do Pentateuco.

As *dez pragas*, ao que parece, tiveram lugar durante um período de nove meses. Foram agrupadas em três unidades de *três* pragas. E a décima praga — a morte dos primogênitos — foi a praga culminante. Foram dez milagres didáticos. "As dez pragas podem ter ocorrido por um período de cerca de nove meses. A primeira delas ocorreu quando o rio Nilo estava na enchente (julho-agosto). A sétima praga (Êxo. 9.13), em janeiro, quando florescia a cevada e o linho. Os ventos prevalentes do oriente, em março e abril, teriam trazido os gafanhotos, que foi a oitava praga (Êxo. 10.13). E a décima praga (Êxo. 11 e 12) teria ocorrido em abril, o mês da instituição da páscoa. Deus estava julgando os deuses do Egito (havia muitos deles). Ver Êxo. 12.2; 18.11; Núm. 33.4" (John D. Hannah, *in loc*).

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pragas do Egito*.

Primeira Praga: As Águas Tornam-se Sangue (7.14-25)

7.14

O coração de Faraó está obstinado. Mas agora ele começaria a *colher* o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver Êxo. 4.21 quanto a notas completas sobre o problema teológico envolvido na questão do coração endurecido, por atuação divina. A vontade de Deus usa e manipula a vontade humana sem destruí-la, embora não saibamos dizer *como* isso sucede. O Faraó endureceu seu próprio coração, e Deus endureceu o coração do Faraó, conforme se vê em Êxo. 4.21. Este versículo repete a mensagem de Êxo. 6.1. Os atos divinos tornavam-se agora *milagres didáticos*, mediante os quais a vontade de Deus seria efetuada, sem importar o que o homem desejasse.

Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura

Quando eu chegar ao fim do meu caminho
Quando eu descansar no fim do dia da vida,
Quando "bem-vindo" eu ouvir Jesus dizer;
Oh, isso será a aurora para mim!

Semeai um hábito, e colhereis um caráter;
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis Deus.

(Prof. Huston Smith)

Não vos enganeis; de Deus não se zomba;
pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

(Gálatas 6.7)

7.15

Um Milagre de Retaliação. As águas do rio Nilo ficam poluídas. Os egípcios tinham jogado crianças hebréias nas águas daquele rio. Agora o rio revoltava-se, espalhando destruição pelo Egito inteiro. Ver Êxo. 1.22. A primeira praga foi também a que durou por mais tempo, sete dias (vs. 25). Não provocou tanta destruição como as que se seguiram, mas era repelente ao extremo.

Uma advertência justa tinha sido feita (vs. 15-18). Mas o Faraó, com seu coração endurecido e estupeficado, rejeitou-a. Pela providência divina, o encontro entre Moisés (e Arão) e Faraó teve lugar às margens do próprio Nilo, onde ficaria claro que o fenômeno era real, e não algum truque da natureza: foi produzido pelo poder de Deus, investido em Seus representantes. O Faraó seria *testemunha ocular* do prodígio, embora isso não o comovesse. Ele imaginaria alguma explicação *natural* para o fenômeno. O Nilo, além de ser lugar onde os egípcios se banhavam, e onde havia abluções religiosas, era também o local de festividades e celebrações. De qualquer modo, o Faraó estaria presente para ver o acontecimento. Aben Ezra pensava que o Faraó se fez presente a fim de observar até onde as águas do rio subiriam, pois o Nilo estava em regime de cheia, o que era importante para a sobrevivência do povo egípcio. A linha de vida do Egito, de súbito, tornou-se uma linha de morte. Muitos egípcios concebiam esse rio como se fosse uma divindade, pelo que ritos religiosos eram efetuados às suas margens. Talvez fosse costume do Faraó participar deles. O *deus* Nilo seria humilhado diante dos olhos do rei. Ver Êxo. 4.2 quanto à *vara* usada pelos servos de Deus.

7.16

O Senhor, o Deus dos hebreus. No hebraico, *Yahweh-Elohim*. Ver no *Dicionário* sobre esses nomes divinos. O *Eu Sou* tinha entrado em ação (Êxo. 3.14). Yahweh estava prestes a atingir o deus Nilo, diante dos olhos do próprio Faraó. O Faraó nunca tinha ouvido falar em Yahweh (Êxo. 5.2). Mas agora encontrar-se-ia com ele face a face.

"Deixa ir o meu povo" foi a expressão usada, conforme se comenta sobre Êxo. 5.1.

O Deus dos hebreus. Cf. Êxo. 3.18 (onde damos as notas expositivas a respeito), como também Êxo. 5.3; 9.1,13 e 10.3.

Para que me sirva. Os filhos de Israel deveriam ser liberados da servidão, e isso com um propósito, a saber, promover o culto de Yahweh, e, finalmente, tornar conhecidos o Seu nome e o Seu poder entre todas as nações. O *monoteísmo* (ver a esse respeito no *Dicionário*) estava em ascensão, e, finalmente, triunfaria.

7.17

Águas do rio. . . se tornarão em sangue. Isso por *fiat* divino. O juízo de Deus foi despejado contra o próprio rio, seus tributários, e mesmo qualquer vaso que contivesse água (vs. 19).

Eu sou o Senhor. Portanto, Ele tinha o poder de derrotar o "deus" Nilo e todos os deuses falsos do Egito, além de ter autoridade de impor a Sua vontade (vs. 16).

A Explicação Natural. O rio Nilo assumia uma coloração avermelhada quando suas águas estavam no seu nível máximo, por causa de partículas vermelhas de barro ou por causa de minúsculos organismos que tomavam conta do rio nessas ocasiões. Essa explicação é inteiramente tola. Isso não serviria de sinal para o Faraó, nem o pressionaria a alguma coisa.

Contraste com Jesus. O milagre efetuado por Moisés foi destrutivo. O milagre de Jesus, que transformou água em sangue, foi benéfico para todos. Ver João 2. Mas ambos os prodígios serviram aos propósitos de Deus, pois até os juízos divinos são meios que produzem o arrependimento. Até o julgamento dos perdidos tem um propósito restaurador. Ver I Ped. 4.16 e, no *Dicionário*, o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

7.18

Os peixes. Esses não sobreviveram, nem os homens ousavam beber das águas do rio. As águas do rio Nilo se avermelham, ao chegar ele ao nível máximo. Até hoje "são usadas no Egito as palavras *águas vermelhas*, quando o solo vermelho dos montes da Abissínia o tingem" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Mas nem por isso esse rio fica então *poluído*. Contudo, as águas do rio tomam-se suficientemente venenosas para matar os peixes. As explicações naturais falham, a menos que se possa demonstrar que, por alguma razão desconhecida, antigamente o rio Nilo ficava poluído por causas naturais. Todavia, não se dispõe de nenhuma informação sobre tal acontecimento. Pela *segunda vez* o poder de Yahweh venceu o poder dos mágicos egípcios. A serpente de Arão havia devorado as serpentes dos mágicos (Êxo. 7.12). Agora, o fenômeno do Nilo poluído não podia ser reproduzido pelo repertório dos truques dos mágicos egípcios. O vs. 22, contudo, mostra que eles conseguiram imitar o fenômeno, mas nada tão vasto como a poluição de um rio inteiro.

7.19

Toma a tua vara. Ver Êxo. 4.2 quanto à vara de poder, bem como o gráfico nas notas sobre o vs. 14 deste capítulo, onde se vê seu uso, em relação às dez *pragas do Egito*.

Sobre as águas do Egito. Todas as águas existentes no Egito foram afetadas: o Nilo com seus tributários, qualquer lago ou lagoa, e até qualquer água contida nos vasos que alguém tivesse em sua casa, em cisternas, em tanques etc. O milagre foi verdadeiramente grande. Não lemos *onde* os mágicos egípcios encontraram água para duplicar o milagre (embora em minúsculas proporções) (vs. 22). Fosse como fosse, o que fizeram foi algo muito pequeno, proporcionalmente, mas o Faraó não deu atenção à diferença. Seu coração estava tão embotado que nada podia perceber. Ver no *Dicionário* o artigo *Vaso, Receptáculo*. O Egito não dispõe de água corrente, salvo as águas do Nilo e seus afluentes. Qualquer outra água tem de ser obtida em poços ou fontes. Os vss. 19 e 24 mostram que o autor sagrado tinha conhecimento do sistema hidráulico do Egito.

AS DEZ PRAGAS DO EGITO

Pragas	Advertências	Modo	Divindades Atacadas	Reações
Primeiro Ciclo				
1. O Nilo torna-se sangue	(Êxo. 7.15-18)	Vara usada (7.19)	Ápis, deus-boi; Ísis, deusa do Nilo	Recusa (7.22-23)
2 . Rãs	(Êxo. 8.2-6)	Vara usada (8.5-6)	Hequet, deusa do nascimento, que tinha cabeça de rã	Promessas falsas (8.8)
3. Piolhos	Nenhuma advertência	Vara usada (8.16-17)	Set, deus do deserto	Recusa (8.19)
Segundo Ciclo				
4. Moscas	(Êxo. 8.20-23)	Sem vara	Rá, deus-sol; Uatchit, simbolizado pela mosca	Promessas falsas de sacrifício (8.25)
5. Morte do gado	(Êxo. 9.1-5)	Sem vara	Hactor, deusa de cabeça de vaca;	Recusa (9.7)
6. Úlceras	Nenhuma advertência	Sem vara	Ápis, deus-boi; Sekhmet, deusa das doenças; Sunu, deus da peste	Recusa (9.12)
Terceiro Ciclo				
7. Saraiva	(Êxo. 9.18-35)	Vara usada (9.22-23)	Nut, deus-céu; Osíris, deus da agricultura	Promessas falsas (9.28)
8. Gafanhotos	(Êxo. 10.3-13)	Vara usada (10.12-13)	Nut, deus-céu; Osíris, deus da agricultura	Os homens podiam ir (10.11)
9. Trevas	Nenhuma advertência	Vara usada (10.21-22)	Rá, deus-sol; Nut, deus-céu	Pessoas, mas não animais, podiam ir (10.24)
Juízo Definitivo				
10. Morte dos primogênitos	(Êxo. 11.4-8)		Min, deus da reprodução; Hequet, deusa do nascimento; Ísis, protetora de crianças	O Faraó pediu que o povo fosse embora (12.31-32)

7.20

Levantando a vara. A vara era um instrumento eficaz. Ver Êxo. 4.2 quanto a notas sobre esse instrumento. Foi usado em alguns dos dez prodígios: no primeiro, segundo, terceiro, oitavo e, talvez, nono. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14. Esses prodígios atacavam deuses e deusas específicas do Egito, e, de modo geral, o politeísmo do Egito. Isso também aparece ilustrado no gráfico. Esse primeiro prodígio foi franco, e, sem dúvida, bem anunciado de antemão. O Faraó e seus oficiais, como talvez muitas outras pessoas, foram testemunhas oculares. O poder de Yahweh começava a ser demonstrado em grande estilo, tão visível, tão poderoso, tão convincente. O rio Nilo morreu, a fim de que o povo de Israel pudesse viver.

Deus e a Bondade São Atacados. Em primeiro lugar, o próprio rio Nilo era considerado uma divindade. Além disso, Hapi (também chamado *Ápis*) era o deus-boi, aquele associado bem de perto ao Nilo. E *Khnum*, o deus-carneiro, era o guardião do Nilo.

"Por trás das pragas, das catástrofes e dos infortúnios havia a *causa real* da dificuldade: a dureza do coração do tirano" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

7.21

O rio cheirou mal. Isso sucedeu ao rio que era tido como um deus, associado a outros deuses. É provável que os egípcios pensassem que os poderes malignos poderiam vencer temporariamente o bem, assim a fé em suas divindades não pôde ser abalada. A água é vital à vida, e era o símbolo mesmo da vida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Água*, quanto a informações gerais e quanto a explicações da metáfora. A vitalidade do Egito havia recebido um golpe muito severo; era uma situação de emergência, uma calamidade nacional.

O renascimento de Osíris, o deus da terra, dependia de águas limpas e de bom suprimento. E assim, foi posto em dúvida até o destino dessa divindade.

7.22

Os magos... fizeram também o mesmo. O autor sacro não nos revela como eles acharam água para a experiência, nem o ponto se reveste de importância, exceto para os céticos. Talvez o vs. 24 nos dê a resposta: as *cisternas*. Os mágicos encontraram pequena quantidade de água e transformaram-na em sangue, mediante o poder satânico, ou, então, *mediante algum truque, fizeram-na parecer sangue*. O trecho de II Tessalonicenses 2.11 mostra que alguns homens preferem acreditar na mentira. E Apocalipse 22.15 mostra que alguns homens *amam* a mentira. O coração endurecido do Faraó inclinava-o a crer na mentira e amá-la. Por igual modo, existem *milagres da mentira* (II Tes. 2.9), ou seja, *sinais* que comunicam uma mensagem falsa para aqueles que anelam por acreditar nela.

7.23

O Faraó, aparentemente *indiferente* para com o grande milagre que acabara de ver, voltou para casa como se nada tivesse sucedido, o coração endurecido como sempre. Pois aqueles que são "convencidos contra sua vontade, continuam da mesma opinião". O coração endurecido do Faraó não recebeu nenhuma *impressão*, apesar da fortíssima pressão de um prodígio notável.

A Vontade de Não Crer. Homens de fé são acusados de terem a "vontade de crer". E eles crêem, a despeito de quão pouca evidência tenham para a sua fé. De fato, algumas vezes a fé consiste em crer naquilo que *não* corresponde aos fatos. Por outra parte, os céticos e alguns críticos têm "a vontade de não crer". E, então, não há acúmulo de evidência, sem importar sua qualidade, que possa fazê-los crer. Ofereci na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* dois artigos sobre essa questão, intitulados: *Vontade de Crer* e *Vontade de Não Crer*. Agostinho agradecia a Deus por ter sido livrado da *armadilha* do ceticismo. Sempre é melhor crer demais do que crer de menos. É melhor ter uma mente por demais aberta do que por demais fechada.

7.24

Todos os egípcios cavaram. Essa foi a medida salvadora. Eles fizeram poços e cisternas, pois o julgamento de Deus (temperado com a misericórdia) tinha deixado intactas as camadas freáticas. Pelo menos esses depósitos subterrâneos não foram atingidos pela praga. Os deuses do Egito tinham falhado; mas o povo tinha uma válvula de escape. Escavaram poços. A justiça retributiva não deixou o povo totalmente destituído. O propósito do castigo divino era remediar, e não destruir. Entendemos que quase todos os poços escavados ao longo do rio Nilo obtêm sucesso. Ali a água do rio acumula-se no subsolo das suas margens.

7.25

Este versículo serve de introdução ao oitavo capítulo. De fato, este parágrafo continua um pouco dentro do oitavo capítulo. Aqui é introduzida a informação de que, após o milagre da poluição das águas, dentro de somente sete dias, Moisés recebeu instruções de voltar ao Faraó e fazer um novo protesto. Presumivelmente, as águas foram livradas da poluição, embora o texto sagrado não esclareça isso. Filo (*De Vita Mosis*, 1.1 par. 617) diz-nos que o Faraó solicitou que Moisés suspendesse a praga, e Moisés assim fez. Dentro do plano divino, porém, a primeira praga só cessou a fim de abrir espaço para a segunda, que viria logo em seguida.

Capítulo Oito

Segunda Praga: As Rãs (8.1-15)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pragas do Egito*. Devido ao seu coração embotado e à sua percepção amortecida, o Faraó conseguiu ignorar o grande milagre das águas poluídas (Êxo. 7.15-25). Filo diz que o Faraó pediu que Moisés suspendesse a praga; mas mesmo que essa informação seja correta, ele o fez motivado pelo egoísmo, e não como reconhecimento do poder de Yahweh. E Moisés e Arão tiveram de continuar solicitando que fosse dado livramento ao povo de Israel. Mas a entrevista com o Faraó não logrou êxito. Não é mister que seja repetida a informação sobre a dureza de coração do monarca; mas isso fica entendido. Ver as notas completas em Êxo. 4.21 sobre a questão: o lado divino e o lado humano.

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes *P(S)* e *J*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

O Faraó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

8.1

Este versículo é essencialmente igual a Êxo. 7.2, onde as notas deveriam ser consultadas. Continuava o conflito entre Yahweh e Faraó. Yahweh haveria de ganhar em todos os *rounds*, mas o Faraó não se daria por vencido. Ver também Exo. 4.16 quanto a outro versículo parecido. Devemos entender que o Faraó continuava de coração empedernido, mesmo quando isso não é dito especificamente. "Deus, mostrando grande misericórdia pelo Faraó e pelos egípcios, anunciou de antemão os grandes males que tencionava fazer cair sobre eles, se continuassem em sua obstinação" (Adam Clarke, *in loc.*).

Deixa ir o meu povo. Isso já havia sido dito ou ainda seria dito em Êxo. 5.1; 7.16; 8.20; 9.1 e 10.3. Deus tinha um *filho primogênito* no exílio, o povo de Israel, e exigia que esse povo fosse libertado (ver Êxo. 4.22,23 e suas notas expositivas).

8.2

Castigarei com rãs. No hebraico, *tesephardea*, um termo que figura em três trechos no Antigo Testamento (Êxo. 8.2-9,11-13; Sal. 78.45 e 105.30). No grego, a palavra é *bátraxos*, que ocorre somente em Apo. 16.13.

No Antigo Testamento, essa palavra ocorre em conexão com uma das dez pragas que houve no Egito, ao passo que, no Novo Testamento, o sentido é metafórico (isto é, espíritos malignos). Tais rãs procederão da boca do dragão, da boca da besta ou anticristo e da boca do falso profeta.

Diversos tipos de rãs, do gênero *Rana*, eram nativos do vale do rio Nilo, e uma ou mais dessas espécies poderia ter causado a praga mencionado em Êxodo. Tais rãs atingem um comprimento de cerca de sete centímetros, o que significa que são pequenas. A rã verde é comestível, mas tais batráquios eram considerados imundos pelos egípcios e pelos israelitas. O rio Nilo, por ocasião da primeira praga, ficou severamente poluído, sendo essa a causa provável do aparecimento das rãs, que saíram das águas marginais daquele rio, para invadirem os campos.

Nos lugares quentes e secos, as rãs desidratam-se e morrem rapidamente, o que resulta na putrefação, com seus odores desagradáveis e sua ameaça à saúde das pessoas. É uma ironia que as rãs se mostrem muito úteis no controle da multiplicação de insetos, e algumas das pragas que se seguiram à praga das rãs devem ter sido causadas pelos insetos, pelo menos em parte. Portanto, uma coisa conduzia à outra, em uma série de desastres, atribuídos à indignação de Deus contra os egípcios. Seja como for, é uma doutrina bíblica comum aquela que diz que a natureza revolta-se contra a pecaminosidade dos homens, e que eles se revoltam somente para seu próprio prejuízo. Por essa razão, pois, é que aqueles juízos divinos caíram sobre os egípcios.

Normalmente, as rãs permanecem perto dos rios, mas nessa ocasião elas tiveram o impulso de invadir todos os lugares concebíveis. Deus poderia lançar contra os egípcios qualquer tipo de animal, como leões, crocodilos etc. Mas Ele preferiu a humilde rã, e insetos como os piolhos e as moscas. As pragas eram extremamente incômodas, mas menos ameaçadoras à vida do que outras que poderiam ter sido mandadas. Finalmente, os primogênitos dos egípcios foram mortos. E foi essa última praga que, finalmente, abrandou o coração esclerosado do Faraó.

8.3

Por onde estivessem os egípcios, ali estavam as rãs com seu incessante coaxar. Havia uma quantidade prodigiosa dos batráquios, os quais morreram e empestiaram o ar com seu mau cheiro. As rãs não vivem propriamente nos rios, mas em charcos e pequenas poças de água às margens dos rios, sobretudo em áreas pantanosas, onde abundam os insetos, de que elas se alimentam. Havia uma antiga superstição, que os críticos pensam que era compartilhada pelo autor sacro do livro de Êxodo, ou seja, que as rãs se multiplicam espontaneamente, sem se procriarem, a partir do lodo do Nilo. Até hoje persiste a crença de que o lodo do Nilo possui esse poder, entre os campesinos ignorantes do Egito.

Os egípcios atribuíam poderes divinos às rãs. A deusa egípcia Heqet tinha a forma de mulher com cabeça de rã. Seu marido, o grande deus Khnum, teria criado as coisas fazendo a vida sair pelas narinas de Heqet. Sua respiração animaria os corpos criados por seu marido. Essa crassa superstição fazia a religião egípcia proibir a matança de rãs. Por conseguinte, essa segunda praga foi um ataque contra a teologia egípcia, e não apenas um período de nojento incômodo. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, acerca de como as dez pragas foram ataques contra os deuses e as deusas do Egito.

O trecho de Êxo. 5.2 mostra que Faraó nunca ouvira falar sobre Yahweh. Agora, porém, estava começando a saber algo sobre Ele. E continuaria aprendendo, até dispor-se a fazer justiça, libertando o povo de Israel da servidão. O trecho de Romanos 9.17 é um comentário paulino sobre o conflito entre Yahweh e o Faraó.

Uma Nação Higiênica. A história mostra-nos que os egípcios davam grande valor à higiene pessoal. Mas agora havia rãs até mesmo em seus leitos. Dos sacerdotes requeria-se que se vestissem com trajes de linho fino e limpo. Mas agora saltavam rãs nos templos, chapinhando nos líquidos sagrados. As rãs também caíam sobre os utensílios de cozinha e nos pratos; entravam pelas gavetas, em vasos de plantas, em esgotos e em taças sagradas. As rãs eram onipresentes.

O *íbis*, uma ave que comia rãs, ficava impotente diante de tão grande número de batráquios. O sistema ecológico estava sofrendo um tremendo desequilíbrio.

8.4

O Faraó e seus cortesãos não conseguiam desvencilhar-se das rãs. Usualmente, o poder e o dinheiro podem afastar as pragas que acossam os pobres. Mas as incansáveis rãs não poupavam as donzelas dengosas e os cavalheiros conhecedores das finuras palacianas. Os fornos dos pobres, os buracos feitos no solo e todos os lugares estavam repletos de rãs; mas outro tanto acontecia no palácio real e nas mansões dos nobres. As camas dos pobres estavam cobertas de rãs; mas outro tanto se via nos leitos dos ricos. Rãs subiam pelas paredes das cabanas humildes; mas as paredes do palácio real também eram escaladas pelas rãs.

8.5-7

Competição com Rãs. A vara de poder (ver Êxo. 4.2) que era de Moisés foi novamente entregue a Arão, para ser usada. E teve lugar o grande prodígio da multiplicação de rãs. As rãs surgiam em todos os lugares, onde quer que houvesse alguma água: rio, poça, lago, charco, riacho. Embora as rãs prefiram ficar por perto de onde há água, onde também há insetos que lhes servem de alimento, aquelas rãs marcharam terra adentro em quantidades prodigiosas. O número delas tornou-se tão grande que não havia espaço bastante em seu hábitat natural. As rãs tornaram-se como a areia do mar, e o *íbis*, pássaro que consome rãs, de estômago repleto, ficava a olhar, incapaz de consumir tantos batráquios. O pecado do homem perturba a todas as coisas, incluindo até o equilíbrio ecológico.

Arão estendeu a mão. Fez isso para usar a *vara* de poder. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, onde é ilustrado o uso da vara nos prodígios feitos contra o Faraó. A vara foi usada nas pragas de número um, dois, três, sete, oito e, talvez, nove. Em cada caso, alguma divindade egípcia foi atacada e humilhada, o que também aparece naquele gráfico.

Os magos fizeram o mesmo. O sétimo versículo mostra que os mágicos do Egito fizeram sair (mais ainda!) rãs do Nilo. Era uma exibição do poder satânico, real, mas negativo; ou, então, houve alguma manipulação ou fraude. Seja como for, o Faraó continuou a sentir-se justificado por ignorar a Yahweh, o poder divino real. É verdade que ele armou uma cena, chamando Moisés e prometendo libertar os israelitas, se Moisés mandasse embora as rãs (vs. 8 ss.). Porém, o Faraó não cumpriu a sua palavra.

O milagre negativo dos mágicos egípcios aumentou mais ainda a aflição do povo egípcio! Assim acontece quando os homens manipulam as forças do mundo dos espíritos, sem uma autêntica espiritualidade. Ver Êxo. 7.22 quanto ao poder de os magos do Egito reproduzirem milagres feitos por Moisés.

8.8

Chamou Faraó a Moisés e a Arão. O Faraó estava abrandando. Pela primeira vez houve um vislumbre de mudança no Faraó. Embora seus mágicos tivessem podido produzir *mais rãs*, não tinham podido diminuir o número delas. Para tanto, foi mister o poder de Yahweh; e somente Moisés podia invocar esse poder. A vida no país não foi posta sob perigo real por essa segunda praga; mas foi algo tão inconveniente que o Faraó quase deixou escapar seu barato trabalho escravo. Sua insanidade retornou, contudo, assim que as pragas desapareceram. Uma mortalidade em massa, entre as rãs, acabou com a praga (vs. 14), restando apenas fazer um trabalho de limpeza.

Por essa altura, o Faraó já tinha cessado de zombar de Yahweh; mas nem por isso reconhecia Seus direitos exclusivos de Deus soberano.

Resultados: o Faraó reconheceu o Senhor (Yahweh); agora o rei dependia do *seu* poder, e não do poder de seus deuses falsos. Também reconheceu a missão e a autoridade de Moisés e Arão: eles podiam orar e reverter a praga. E o Faraó fez uma promessa solene de que permitiria a partida de Israel, talvez uma promessa sincera no momento. Mais tarde, porém, o Faraó voltou atrás em sua palavra, uma vez livre da pressão exercida pela praga.

8.9

Digna-te dizer-me quando. Moisés permitiu que o Faraó determinasse o *tempo* da soltura. É como se ele tivesse dito ao rei: "Dize-me quando mandarei embora as rãs". E então ele levaria o pedido do Faraó à presença de Yahweh. Não haveria nenhuma coincidência nem explicação natural. O Faraó baixaria a ordem; Moisés transmitiria a ordem; Yahweh entraria em ação. Haveria uma óbvia reação em cadeia, e Deus estaria à frente de tudo, como a causa eficiente. Nada acontece por mero acaso. Ver os trechos de Mat. 8.13 e 15.28 quanto a algo similar.

Diz literalmente o texto hebraico, que algumas traduções preservaram: "Gloria-te em mim", que equivale a "tu mesmo escolhe" e parece ser uma frase de cortesia tipicamente oriental. É como se Moisés tivesse dito: "Submeto-me à tua vontade". Modernamente, diríamos "às ordens", como *se* a outra pessoa estivesse no controle das coisas.

8.10,11

Ele respondeu: Amanhã. Essa foi a ordem do Faraó; Moisés a transmitiu a Yahweh, e assim sucedeu. Não havia como alguém dizer: "Tudo aconteceu por mera coincidência". O próprio Faraó tinha determinado o prazo, e, misteriosa e completamente, assim ocorreu.

Talvez chamemos de coincidências muitas coisas que não são tais. Algum poder arranja as coisas de modos curiosos! Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo *Coincidência Significativa*.

O *fato* do súbito desaparecimento (mortalidade em massa) das rãs (vs. 13) apontava para o senhorio de Yahweh.

"Coisa alguma poderia ser prova tão decisiva de que essa praga foi um acontecimento sobrenatural do que o fato que ao Faraó foi permitido determinar o tempo em que ela seria removida" (Adam Clarke, *in loc.*). As rãs simplesmente *estavam mortas* de súbito. Nenhum processo natural poderia ter feito isso.

8.12,13

O Senhor fez conforme a palavra de Moisés. Deus tinha investido em Moisés, e suas orações mostravam-se eficazes. "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tia. 5.16). Ademais, Moisés recebera uma missão divina, e tudo quanto estivesse envolvido nessa missão tinha sido determinado pelo Senhor. Portanto, não nos devemos admirar que Deus tenha removido as mesmas rãs que Ele fizera multiplicar-se de forma tão extraordinária. Houve um extermínio de rãs; e agora restava somente fazer a limpeza do Egito. Ver no *Dicionário* o artigo *Oração*.

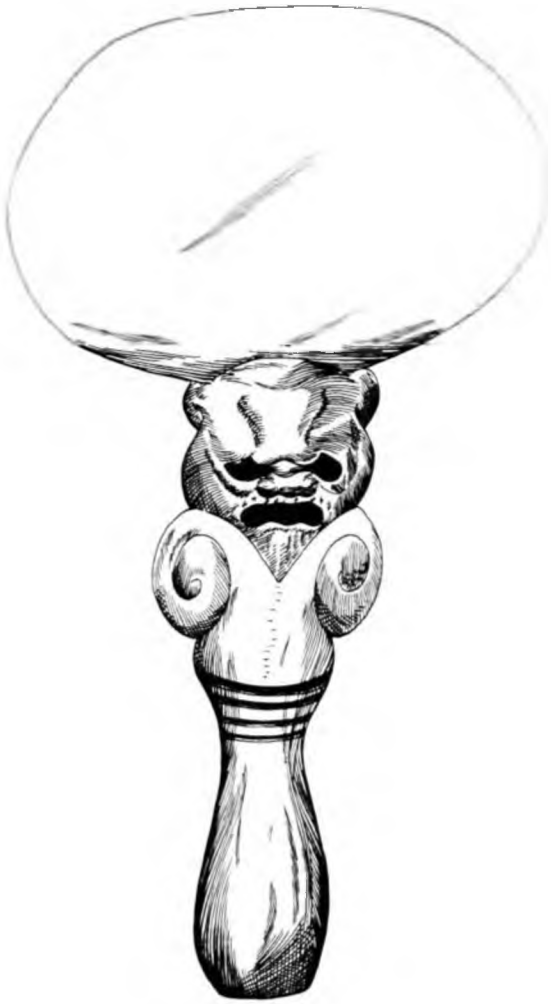
O Faraó estava sendo submetido a teste. Ele mesmo havia marcado o dia da remoção das rãs. Não havia como aquilo fosse mera coincidência. A paciência de Yahweh manifestou-se naqueles momentos. O Faraó já tivera muitas oportunidades de arrepender-se e mudar suas ações. Geralmente é assim que os pecadores agem. O Faraó havia experimentado os seus próprios recursos. Seus mágicos tinham multiplicado ainda mais as rãs (vs. 7), mas não tinham conseguido livrar-se delas. Os recursos dos pecadores não dão certo. Eles precisam apelar para o poder de Deus.

8.14

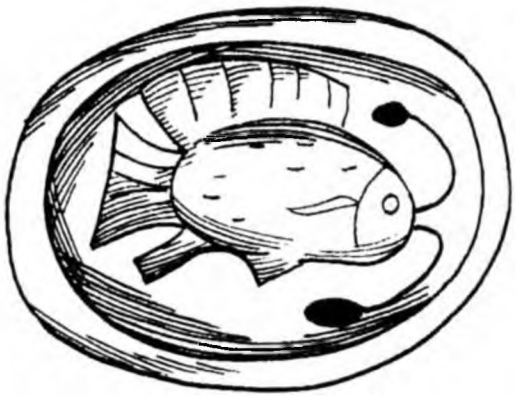
Montões e montões. Os corpos mortos das rãs eram um inconveniente muito grande. Talvez o fogo pudesse resolver o problema. O Egito estava momentaneamente livre, mas não por muito tempo, porque a causa do drama todo — a dureza de coração de Faraó — em nada havia mudado. Talvez os montões de rãs mortas tenham sido a causa, ou, pelo menos, a causa contribuinte, para a grande multiplicação de insetos que constituiria a terceira e a quarta praga, dos piolhos e das moscas (Êxo. 8.16 ss. e 8.20 ss.).

Uma grande praga de rãs é mencionada por Eustácio (*Com.* in Hom. *Il.* par. 35), que teve lugar na Paeônia e na Dardânia. O mau cheiro emitido pelas rãs,

Arte egípcia — um espelho de metal



Arte egípcia — colher decorativa da 18ª Dinastia



Reproduções artísticas de *Darrell Steven Champlin*

depois que estas morreram em massa, era tão insuportável que as pessoas simplesmente abandonaram a região até que o mau cheiro sumisse

8.15

Faraó... continuou de coração endurecido. Foi um triunfo da estupidez. Ao ver que o Egito estava livre, imaginou que tudo terminaria naquele ponto. Ele não se dispunha a perder o trabalho escravo prestado pelos filhos de Israel. Por isso, recuou quanto à promessa que fizera. Lemos aqui que *o próprio* Faraó endureceu seu coração. Em outros trechos do livro de Êxodo lemos que *Deus* endureceu o coração dele. Dei uma nota completa sobre isso (incluindo referências aos artigos que tratam dos problemas teológicos envolvidos, no *Dicionário*), em Êxo. 4.21. Alguma impressão fora feita sobre sua mente (vs. 8), mas não o bastante para mudar o seu coração. Sua contínua obstinação aumentava sua culpa, cada vez mais. O pecador à vontade diante de seu pecado é um pecador obstinado. O trecho de Êxo. 7.14 mostra-nos que Yahweh tinha predito a resistência do Faraó.

A Terceira Praga: Os Piolhos (8.16-19)

8.16

Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*. Os críticos atribuem esta seção à fonte informativa *P(S)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Entre os estudiosos não há consenso quanto ao inseto envolvido nesta praga. Assim, as traduções nos dão várias conjecturas: mosquitos, carrapatos, piolhos, pulgas etc. Um certo tipo de mosquito, transmissor da febre dengue, é um açoite terrível em países do Oriente Próximo e Médio, e vários eruditos pensam que esse era o inseto envolvido nesta terceira praga. Assim como o lodo do rio Nilo havia produzido, espontaneamente, uma prodigiosa quantidade de rãs (Êxo. 8.3), assim também o pó da terra produzia o inseto que causava a terceira praga. Visto que o pó da terra tem um número praticamente infinito, ninguém pode calcular o número de insetos que o chão produziu.

O Faraó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. A terceira praga sobreveio sem aviso prévio. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, quanto ao elemento mais importante de cada praga, bem como os deuses que elas atacavam. *Set*, o deus do deserto, talvez tenha sido a divindade humilhada nesta terceira praga.

Ver no *Dicionário* os artigos *Piolho* e *Mosquito (Piolho, Carrapato)*, os quais explicam o grande poder de multiplicação de alguns insetos que podem ter estado envolvidos na terceira praga. Heródoto (*Hist.* ii.95) descreveu uma terrível praga de mosquitos que houve no Egito. "Desde os tempos antigos, mosquitos e mosquitos ferroadores têm sido pragas do Egito, especialmente no outono. O Nilo, ao começar a baixar suas águas, deixa poças de água estagnada, onde os insetos se multiplicam" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

8.17

Arão estendeu a mão com sua vara. Ver as notas sobre isso em Êxo. 4.2. As pragas de números um, dois, três, sete, oito e, talvez, nove, foram desfechadas com o uso da vara de Moisés. As partículas de poeira levantaram-se do solo sob a forma de minúsculas criaturas vivas. O milagre não foi uma multiplicação natural mas incomum de insetos. Cf. Êxo. 8.3, onde lemos que o lodo do rio produziu rãs em prodigiosa quantidade. "Em um país poeirento como o Egito, essa multiplicação é um exagero que desafia toda compreensão" (J. Edgar Park, *in loc*.).

Os egípcios eram um povo muito higiênico. Os seus sacerdotes ufanavam-se por usarem roupas limpas, de linho puro, e também em sua higiene pessoal. Eles tomavam banhos freqüentes e rapavam todos os pêlos do corpo. Mas agora estavam sendo atacados por insetos ferroadores, aos quais, sem dúvida, consideravam insetos imundos.

8.18

Porém não o puderam. Os mágicos fracassaram pela primeira vez. Antes, eles haviam falhado em parte. Haviam multiplicado as rãs, mas não puderam removê-las (Êxo. 8.7). Mas no caso desta terceira praga de insetos, eles se mostraram absolutamente impotentes, de nada adiantando seus truques ou o poder satânico. Provavelmente, devemos entender que o próprio Yahweh impediu que esse poder satânico se manifestasse, e agora tomaram consciência disso (vs. 19). Algo de incomum estava sucedendo, e prontamente reconheceram o fato. "Se os mágicos agiam mediante agentes espirituais, neste caso descobrimos que a esses agentes foi estabelecido um limite além do qual não podiam ultrapassar; pois *tudo* no universo age sob a *direção* e o *controle* do Todo-poderoso" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.19

Isto é o dedo de Deus. Alguns estudiosos pensam que essa expressão deveria ser traduzida por "o dedo de deus", por suporem que os mágicos não tinham em mente especificamente a Yahweh. O termo hebraico envolvido é *Elohim* (ver a respeito no *Dicionário*) que pode ser entendido como alusivo ao verdadeiro Deus ou a *deuses*, e o próprio vocábulo hebraico não nos indica como devemos compreendê-lo. Seja como for, os mágicos reconheceram que estava atuando algum poder divino, superior a tudo quanto já tinham visto, que não se submetia ao controle deles. Talvez Yahweh, a quem o Faraó não quisera reconhecer (Êxo. 5.2), estava começando a ser reconhecido.

Dedo de Deus. Ver também Êxo. 31.18; Deu. 9.10; Sal. 8.3; Luc. 11.20. É indicado um poder divino que atua sobre circunstâncias específicas. Deus põe Seu dedo sobre certas circunstâncias que as modificam. Fazemos nossos atos e nossas realizações por meio de nossos dedos.

O coração do Faraó *estava endurecido*, e isso pela sua vontade perversa e teimosa, ou, então, por parte de Deus. Ambas as coisas aparecem como verdades, no livro de Êxodo. Ver as notas sobre Êxo. 4.21 sobre essa questão, que inclui comentários sobre os problemas teológicos envolvidos. As rãs fizeram o Faraó hesitar (Êxo. 8.8 ss.). Mas os insetos não exerceram nenhum efeito sobre ele. Ele estava disposto a sofrer a dor a fim de reter seu trabalho escravo, prestado pelos israelitas, tão vital para seus projetos de construção.

A Quarta Praga: As Moscas (8.20-32)

Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*. Os críticos atribuem esta seção à fonte informativa *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

O drama tem a sua variedade. Assim como as operações do diabo podem fazer muitos exércitos marchar, assim também o poder de Deus pode atuar de muitas formas variegadas. O Faraó continua ali com seu coração endurecido, embotado, insensível e teimoso. Assemelhava-se a um lutador de boxe que já tivesse perdido a luta, mas ainda esperava por algum golpe de sorte que lhe desse a vitória. Mas isso não haveria de suceder. Quanto mais ele estrebuchasse, mais seria espancado. E isso continuaria até que os primogênitos de todos os egípcios fossem mortos pelo anjo vingador. E esse seria o xeque-mate que o Faraó sofreria, e do qual não mais se recuperaria. Ver Êxo. 11.4-8.

8.20

"Essa quarta praga dá início ao segundo ciclo de três juízos. Isso evidencia-se mediante a frase *pela manhã* (vs. 20; cf. Êxo. 7.15; 9.13). Tal como nas três primeiras pragas, essas três novas pragas restringiram-se aos egípcios (ver Êxo. 8.22)" (John D. Hannah, *in loc.*). Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14 que fornecem as características básicas das pragas bem como os deuses que estavam combatendo. Essa praga foi iniciada mediante uma nova entrevista com o Faraó, portanto teve seu aviso prévio apropriado e misericordioso.

Moisés e Arão deveriam sair de novo ao encontro do Faraó, às margens do rio Nilo, conforme vimos em Êxo. 7.15. Os versículos são praticamente iguais, logo as notas ali existentes são aplicáveis aqui também.

Deixa ir o meu povo. Ver as notas sobre essa expressão em Êxo. 5.1. Ver também Êxo. 8.1; 9.1 e 10.3.

O alvo a longo prazo do poder das pragas era levar o Faraó a libertar Israel de sua escravidão. E o propósito a curto prazo era exaltar a Yahweh (ver as notas a respeito em Êxo. 7.5).

8.21

Enxames de moscas. A quarta praga só esperava pela reação do Faraó para sobrevir ou não. Seria acompanhada por um sinal especial. A terra de *Gósen*, a região onde Israel habitava, seria totalmente poupada da praga, e ninguém encontraria uma razão natural para isso. Ver o vs. 22. Embora tivesse a oportunidade de arrepender-se (cf. Êxo. 8.2 e 9.2), o Faraó perdia todas as oportunidades. Portanto, estava colhendo o que havia semeado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Grandes enxames de moscas haveriam de cobrir o Egito. A idéia é de grandes *massas em movimento*. As moscas e outros insetos acumular-se-iam tanto no ar, no solo e por toda parte que "moscas" seria outro nome virtual para "Egito" (ver Isa. 7.18; 18.1). A enchente e a vazante do rio Nilo, que provocavam poças de água estagnada, favoreciam essa multiplicação; e os prodígios estavam aumentando o terror do povo egípcio. A putrefação das rãs tinha favorecido a grande multiplicação de insetos. Talvez as moscas fossem as moscas de cão (*musca canina*), conhecidas por suas mordidas dolorosas. Assim explicou Filo (*De Vita Mosis* 1.1 par. 622).

O deus egípcio atacado por essa praga pode ter sido Rá, o deus-sol, e/ou Uatchit, o deus-mosca. O deus *Anúbis* era adorado sob a forma de um cão ou de uma *kunomuia* (palavra grega para *mosca de cão*). Esse era o principal inseto dessa quarta praga, que faria os egípcios relembrar seu deus-cão. A Septuaginta imagina que as *kuonomuia* estavam envolvidas, e assim traduziu o termo grego que aparece neste texto.

8.22,23

A terra de Gósen. Aqui e em Êxo. 9.4,26 é dito especificamente que Israel foi poupado do efeito das pragas. É provável que outro tanto tenha ocorrido quanto a cada uma das dez pragas, embora somente neste ponto sejamos informados sobre como Israel foi poupado.

O Faraó da época de José tinha dado ao povo de Israel aquela região do Egito como lugar de habitação. Ver Gên. 45.10 e 46.28. Ver no *Dicionário* o artigo *Gósen*, quanto a amplos detalhes. Essa área foi poupada da praga das moscas, e isso serviu de sinal para o Faraó, de que algo divino estava envolvido na questão. Não havia explicação natural de por que aquela parte do país escapou dessa praga. A terra de Gósen, isentada da praga, mostraria que só Yahweh era o verdadeiro e único Deus. Cf. o sinal do tosão de Gideão (Juí. 6.36-40). "A terra de Gósen só pode ter sido algum trecho do delta oriental, um trecho de terreno em nada diferente do resto do Egito — baixo, plano, bem irrigado, fértil. A natureza não estabelecia nenhuma distinção entre ela e as demais regiões, onde residiam os egípcios. Portanto, a isenção da terra de Gósen das pragas por si mesma seria um milagre manifesto" (Ellicott, *in loc.*).

Separarei a terra de Gósen. Deus faria descer uma rede invisível, que separaria Gósen do resto do Egito. As moscas não poderiam ultrapassar para além da rede. Essa circunstância seria um sinal da intervenção de Yahweh. A palavra aqui traduzida por "distinção" em outros lugares é traduzida por "redenção". Em outras palavras, a provisão divina seria uma espécie de redenção mundana de Israel, de uma praga, mas que indicava o favor divino que haveria de redimir o povo de Israel de outras maneiras, incluindo o êxodo que em breve teria lugar. Ver também Êxo. 9.4,26; 10.23; 12.12,13.

8.24

O que foi apenas ameaçado no vs. 21, aqui torna-se uma realidade. Nem todas as pragas foram anunciadas de antemão. Ver o gráfico nas notas sobre o vs. 7.14 quanto a um sumário dos elementos principais. As pragas de números três, seis e nove não foram anunciadas previamente.

"Esse inseto, o *kakerlaque* (*Blata orientalis*), realmente enche a terra e molesta homens e animais; consome toda forma de material, devasta o interior e é muito mais perigoso que os mosquitos, visto que também destruiu a propriedade dos egípcios" (Kalisch, *in loc.*).

Ver o Sal. 78.45 quanto a um comentário a respeito. A vara de poder (ver Êxo. 7.19; 8.5,6,16 etc.) não foi usada nesta praga. Foi um golpe divino direto.

Moscas e Deuses. Nos tempos antigos não havia inseticidas nem conhecimento capaz de reduzir as moscas, mesmo porque havia menor atenção dada às medidas de higiene e as sociedades eram essencialmente agrícolas. Por isso, os insetos podiam multiplicar-se à vontade. Assim, os deuses acabavam misturados com essa questão de moscas. *Baalzebube* era o deus das moscas; *Hércules* era o exterminador das moscas; *Muagrus*, dos eleanos, castigava as pessoas através de moscas; *Júpiter* expelia as moscas; *Uatchit*, uma divindade egípcia, era associada às moscas.

8.25,26

O Faraó Propõe Transigências. Ver Êxo. 10.11. Essas propostas eram quatro: 1. Podem adorar, mas permaneçam no Egito (Êxo. 8.25). 2. Vão, mas não se distanciem do Egito (8.28). 3. Vão, mas deixem seus filhos e suas possessões no Egito. 4. Vão, deixem seu gado no Egito, mas podem levar seus filhos (10.24).

Quando este versículo é posto em confronto com o vs. 26, parece que o Faraó daria algum dia permissão a Israel sair do Egito. Parece que ele baixaria o equivalente a um edito de tolerância. Poderiam efetuar seus ritos religiosos *dentro* das fronteiras do Egito. *Yahweh* seria então reconhecido como *um* dos deuses oficiais do Egito, entre tantos. Naturalmente, isso não era aceitável para Moisés. Os papiros elefantinos mostram que os egípcios, posteriormente, reagiram com violência à adoração efetuada por Israel (A. E. Cowley, *Aramaic Papyri of the Fifth Century B. C.*). Quase todos os sacrifícios de animais, feitos por Israel, lhes parecia repelente. Assim, o proposto edito de tolerância do Faraó foi um grande passo aos seus olhos, embora não fosse suficiente, na opinião de Moisés.

Provavelmente, o Faraó teria permitido que Israel exercesse autonomia religiosa em Gósen, mas não fora daquele território. Somente ali Israel não ofenderia aos egípcios; mas devemos supor que mesmo ali havia uma população mista, e tentativas de execução (por apedrejamento) poderiam ter lugar. Os egípcios consideravam que o boi era um animal sagrado para o deus Ré (Ápis), ao passo que a vaca representava a deusa egípcia, Hator. Portanto, sacrifícios desses animais seriam considerados blasfêmias.

Diodoro Sículo (*Bibliothec.* 1.1 par. 75) deu notícias da violência de uma turba de egípcios ao verem uma mulher matar um gato, um animal que para eles era sagrado. "O Egito tinha fortíssimos tabus contra as práticas religiosas dos estrangeiros (Gên. 43.32)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Apedrejamento. Essa era uma antiga forma de execução capital. Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome. Era a forma de execução em certos casos de incesto (ver a introdução ao capítulo dezoito de Levítico, onde apresento um gráfico).

8.27

Temos de ir caminho de três dias ao deserto. Desse modo a exigência dos líderes de Israel foi renovada. Antes, essa demanda tinha sido repelida (Êxo. 3.18 e 5.3 ss.). Ver notas completas a respeito, nesses versículos. Pode-se presumir que a jornada de três dias era apenas um ardil. Isso daria a Israel um bom começo, de tal modo que dali poderiam escapar completamente. Pode-se pensar que sairiam armados, organizados quase como um exército, formado como batalhões (ver Êxo. 6.26 e 7.4), talvez para evitar um ataque da parte do exército egípcio.

8.28

As Quatro Transigências Propostas pelo Faraó. Ver as notas em Êxo. 8.25 e 10.11. A segunda delas é a que aparece neste versículo: "Vão, mas não se afastem muito do Egito na adoração de vocês". Essa transigência tinha um óbvio sentido metafórico. A igreja permanece no Egito e adota as aspirações, as maneiras e até a música do mundo, ficando assim anulada a sua espiritualidade. Na quarta das transigências propostas, a idéia era que a igreja não se radicalizasse demais, mas ficasse sempre nas proximidades do Egito (ver Êxo. 10.24).

O pedido foi tentativamente conferido, mas com o reparo de que Israel não se afastasse do Egito, algo menos do que os três dias de jornada solicitados. Naturalmente, o Faraó suspeitava de um ardil, e queria ter certeza de que poderia atirar suas tropas contra o povo de Israel em fuga, se seus espiões o informassem que eles estavam procurando escapar. Somente o desespero poderia ter impelido o Faraó, de coração empedernido, a fazer tal proposta. O Faraó sem dúvida tinha conhecimento das antigas associações de Israel com a terra de Canaã, e daí suspeitava que o objetivo real dos israelitas era o retorno àquela terra. Originalmente, ele tinha suspeitado das intenções de Moisés (Êxo. 5.8), e essas suspeitas não se apagavam em sua mente.

8.29

Moisés não confiava no Faraó, e o Faraó não confiava em Moisés; e ambos tinham razões para desconfiar um do outro. Essa exigência do Faraó, de os israelitas "não irem longe", mostrava sua falta de confiança em Moisés. E Moisés referiu-se abertamente à duplicidade do Faraó. Até aquele ponto, o Faraó nada tinha feito que inspirasse confiança. Mas apesar dos motivos óbvios de desconfiança, *Yahweh* oferecia ao Faraó outra oportunidade. No caso da praga das rãs, o Faraó não havia cumprido a sua promessa (vs. 15). E, naturalmente, o rei repetiria agora sua atitude (vs. 32).

Amanhã. O livramento ocorreria no prazo designado, o que também já havia sucedido no caso da praga das rãs (vss. 9,10). Em ambos os casos, "amanhã" foi o tempo determinado para o Egito livrar-se de duas das pragas.

O Faraó, em certos momentos parecido com o rei-filósofo imaginado por Platão, mostrava ser um modelo de excelência e honestidade. Ele era reputado filho de um deus, um ser divino. Não obstante, foi necessário que Moisés o repreendesse por causa de sua astúcia e desonestidade. O Faraó estava apenas agindo como um político astuto, pois os políticos não mudaram até hoje.

8.30

Moisés cumpriu sua parte na barganha. Como representante de Yahweh, Moisés rogou ao poder divino do Altíssimo que cancelasse a terrível praga das moscas. Moisés tinha essa autoridade, não por causa de quem ele era, mas por haver sido investido por Deus de autoridade e por ter recebido uma comissão e uma missão divina. Cf. o caso de Simão, o mago (Atos 8.24).

8.31

A resposta de Deus foi, naturalmente, positiva, e houve um notável milagre de remoção, tal como antes houvera um notável milagre de multiplicação de moscas, por *fiat* divino. Elas vieram e se foram através da palavra divina, porque ali estava o poder de Deus.

"Quão poderosa é a oração!" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Oração*. Ao representante de Yahweh foi dado pleno poder, e ele pôde até mesmo *ditar* como a resposta seria dada! É lindo quando obtemos imediatas e poderosas respostas às nossas orações. Seja feita a vontade de Deus. Senhor, proporciona-nos essa graça!

8.32

Ainda esta vez endureceu Faraó o coração. Algumas vezes lemos que *ele mesmo* endureceu seu coração, como aqui; mas de outras vezes, lemos que *Deus* endureceu o coração do Faraó. Assim, a vontade divina e a vontade humana cooperam uma com a outra. Deus usa o livre-arbítrio humano, sem destruí-lo, embora não saibamos explicar *como*. Ver Êxo. 4.21 quanto a notas completas sobre essa questão e sobre os problemas suscitados acerca da teologia que circunda o determinismo versus o livre-arbítrio.

Paradoxalmente, o endurecimento do coração do Faraó, por parte de Deus, era o exercício do livre-arbítrio do Faraó. Todavia, não sabemos explicar *como* isso sucede.

Uma vez mais, o Faraó quebrou sua promessa. Ver o vs. 15. Prevaleceu de novo a *estupidez*. Seu embotamento espiritual era refletido em sua falha moral, mediante "o orgulho e a ambição" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Nove

A Quinta Praga: Peste nos Animais (9.1-7)

Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*. Ver o gráfico em Êxo. 7.14 que apresenta os principais elementos de cada praga. Esta quinta praga também foi anunciada de antemão, tal como foram as de números um, dois, quatro, cinco, sete, oito e dez. Mas não foi usada a vara de poder, conforme se viu nas pragas de números quatro, cinco e seis. Vários deuses egípcios foram atacados e humilhados por esta praga. *Hator* era a deusa com cabeça de vaca; *Ápis* era o deus-touro, símbolo de fertilidade.

Os críticos atribuem esta seção à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Novamente, "amanhã" foi o prazo marcado para início da quinta praga. Mas aqui (em contraste com as pragas das rãs e das moscas), o prazo dizia respeito ao começo da praga, e não a quando uma praga seria descontinuada (Êxo. 8.10,29).

O Faraó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

9.1

Apresenta-te a Faraó. Teria início outro estágio da missão divina de Moisés. Este versículo é virtualmente igual aos outros que introduzem avisos sobre a vinda de pragas. Ver Êxo. 7.2 e 8.1. Quanto às palavras "Deixa ir o meu povo", ver Êxo. 5.1; 7.16; 8.1,20 e 10.3. Ver também Êxo. 4.16 quanto a outro versículo similar. Moisés era o porta-voz de Deus. Uma das características literárias do autor do Pentateuco é a repetição. Deus tinha um filho primogênito no exílio, o povo de Israel, e chegara o tempo de ser liberado desse exílio. Ver Êxo. 4.22,23.

O Deus dos hebreus. Ver acerca dessa expressão nas notas sobre Êxo. 3.18; 5.3; 7.16; 9.13 e 10.3. O nome divino aqui usado é Elohim, que tem um artigo no *Dicionário*. Mas *Yahweh* (ver também no *Dicionário*) era o nome distintivo de Deus que estava sendo introduzido no Egito. Ver sobre isso em Êxo. 5.2,3, onde, como aqui, *Yahweh* é chamado "o Deus dos hebreus".

Para que me sirva. Uma nova adoração; uma nova fé religiosa; um passo a mais na direção da fé de Israel, mais tarde consolidada na lei. O monoteísmo é a idéia suprema dessa fé; e o Messias era o passo gigantesco da revelação divina que estava sendo antecipado.

9.2,3

Morte entre os Animais. Foi prenunciada uma grande mortandade entre os animais. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, que dá os elementos principais das pragas, muitos dos quais se repetiram. O aviso prévio foi feito no caso das pragas de números um, dois, quatro, cinco, sete, oito e dez. Divindades egípcias foram atacadas em cada praga, para provar que somente Yahweh é Deus. Ver no gráfico. Na praga da mortandade entre os animais, estiveram sob ataque a deusa de cabeça de vaca, Hator, e o deus-touro, Ápis, símbolo da fertilidade. Outros *animais sagrados* também haveriam de perecer. Ver Êxo. 8.25,26 quanto a detalhes que dizem respeito a esta questão.

É impossível determinar que tipo de enfermidade ou enfermidades esteve envolvido. A sugestão mais comum dos eruditos é o *antraz*. Trata-se de uma doença altamente infecciosa e causa febre alta. É causada pelo *Bacillus anthracis* e provoca muitas pústulas. A doença ataca tanto os animais quanto o homem. Essa doença, além de outras, poderia ter resultado das condições resultantes de pragas anteriores. O antraz é uma enfermidade propagada pelas moscas e pelos mosquitos.

Além de ser economicamente desastrosa, a destruição de animais domésticos também era humilhante, religiosamente falando, por causa dos mitos egípcios sobre animais sagrados. Além de estarem sob ataque os deuses Hator e Ápis, também estava sob alvo Khnum, o deus-cameiro. Enquanto a ira de Deus espalhava a mortandade, os animais domesticados dos israelitas seriam poupados (Êxo. 9.4; cf. Êxo. 8.22,23 quanto a uma proteção semelhante).

Os camelos. Alguns estudiosos pensam que a menção a esse animal é um anacronismo, pois pensa-se que esse animal, na época de Moisés, ainda não era domesticado no Egito (século XIII A. C.). É verdade que os monumentos egípcios daquele período não exibem esse animal, mas parece haver algumas referências literárias. Ademais, o camelo era usado em outros lugares como besta de carga. Jacó, muito antes de Moisés, era possuidor de muitos camelos (Gên. 30.43). Há muitas menções ao camelo no capítulo vinte e quatro do Gênesis. Portanto, se o camelo não era então popularmente domesticado no Egito, é razoável supormos que haveria, ao menos, alguns deles naquele país.

9.4

Proteção Dada a Israel. Enquanto no Egito os animais eram mortos em massa, na terra de Gósen (dada a Israel para ali habitar) os animais eram protegidos por uma barreira protetora (redenção) de Yahweh, de tal maneira que nenhum animal era atingido pelas pragas. Temos aqui idéias e palavras que já tinham ocorrido em Êxo. 8.22,23, sobre a praga das moscas, onde as notas dali também se aplicam aqui. Em Êxo. 8.22,23, temos a primeira menção à relação entre Israel e as pragas do Egito. Devemos supor que, em cada uma e em todas essas pragas, o povo de Israel foi protegido, embora isso não seja especificamente dito. Ver também Êxo. 9.26; 10.23; 12.12,13.

O vs. 7 mostra-nos que Faraó observou que o povo de Israel estava a salvo das pragas, mas nem mesmo um sinal tão óbvio fê-lo acordar.

9.5

O Senhor designou certo tempo. "Amanhã" a praga teria início. E isso adicionava força à circunstância. A *precisão* do começo da praga agiria como sinal de que Yahweh era a força por trás das pragas. Já vimos esse fator em operação. Ver Êxo. 8.10,29 (o momento exato em que alguma praga cessou).

9.6

Todo o rebanho. Não sobrou nenhuma cabeça de gado dos egípcios. Mas nos vss. 10,20,21 lemos que havia animais vivos entre os egípcios. Os intérpretes debatem-se diante desse item secundário, e supõem uma destas três possibilidades: 1. A palavra "todo", neste versículo, é uma hipérbole. 2. A palavra "todo" é uma declaração exagerada e frouxa, que o autor sagrado logo adiante contradisse. 3. A palavra "todo" significa todo o rebanho que estava nos campos. O gado guardado em estábulos etc. sobreviveu. O terceiro versículo, de fato, aponta para essa noção do gado "nos campos".

Seja como for, a praga foi devastadora, atacando uma pedra fundamental das mais importantes da economia nacional, e produzindo grande consternação em uma sociedade essencialmente agrícola, mas que também dependia muito de seu gado.

9.7

O fato de que os israelitas foram poupados tornou-se um fato conspícuo, que o Faraó não pôde ignorar. Isso deve ter-se tornado motivo da conversação entre todos os egípcios, motivo de alegria para Israel, mas da mais profunda consternação para os egípcios. Porém, apesar dos vários sinais, o Faraó não se deixou abalar em sua obstinação.

Os Três Sinais. 1. Foi determinado um tempo específico para início da praga. Nenhuma coincidência estaria envolvida. 2. O gado dos israelitas seria poupado. 3. A praga foi generalizada, muito pior do que qualquer outra que podia ser relembrada. Como era óbvio, tratava-se de um juízo divino. O Faraó viu os sinais, mas conseguiu ignorá-los.

O coração de Faraó se endureceu. Ou por ele mesmo, ou por atuação de Yahweh, ou por ambos. Ver notas completas sobre essa questão, incluindo referência aos artigos que abordam os problemas teológicos envolvidos, nas notas sobre Êxo. 4.21. Os textos diferem, algumas vezes dizendo que o Faraó endurecia seu próprio coração, e algumas vezes dizendo que Yahweh o endurecera. Ver Rom. 9.17, onde Paulo reporta-se ao problema referente ao endurecimento do coração de Faraó.

Sexta Praga: Úlceras nos Homens e nos Animais (9.8-12)

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pragas do Egito*. Ver as notas em Êxo. 7.14 quanto a um gráfico que alista os principais e reiterados elementos das pragas.

Cada praga atacava e humilhava uma ou mais das divindades egípcias. Neste caso, foram: *Sekhmet,* a deusa que supostamente tinha poder sobre as enfermidades e se tornou impotente aos olhos dos egípcios; *Sunu,* o deus da pestilência, que foi visto, no mínimo, menos poderoso do que Yahweh; e *Ísis,* a deusa da cura, que aparecia destituída de qualquer poder.

Os críticos atribuem este material à fonte informativa *P(S).* Alguns deles supõem que essa praga foi apenas a versão de *P(S)* da quinta praga. Quanto a Êxo. 9.1, a fonte informativa seria *J.* Ver o artigo *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário,* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

No Egito, as doenças de pele eram comuns nos homens e nos animais. Mas a *magnitude* dessas pragas distinguiram-nas de todas as pragas comuns. Essa praga não foi anunciada, conforme se vê nos casos das pragas *terceira* e *nona.* Pelo menos por algum tempo, a vida humana foi diretamente ameaçada.

9.8

Mãos cheias de cinza de forno. As cinzas, lançadas ao vento, haveriam de espalhar-se por toda parte, o que serviu de sinal da natureza generalizada da praga. Cf. como as rãs, em quantidades prodigiosas, levantaram-se da lama do rio Nilo, por geração espontânea (Êxo. 8.3), e também como os piolhos surgiram por geração espontânea do pó do solo (Êxo. 8.16,17).

Os fornos crus, para derreter metal ou para cozinhar (como aqueles para cozer o pão), usavam madeira como combustível. E produziam muita cinza. Ver as notas sobre II Sam. 12.31 e, no *Dicionário,* o verbete *Fornos de Tijolos.*

As *cinzas,* neste caso, agiram como a *vara,* em outros casos. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, quanto ao uso ou não da vara de poder, por Moisés ou Arão. Os egípcios, naturalmente temerosos das pragas, incluíam em seu panteão a deusa *Skehmet,* com cabeça de leão; *Sunu,* o deus das pragas; e *Ísis,* a deusa da cura. Devem ter apelado para todas essas e outras divindades. O sistema teológico inteiro do Egito foi humilhado pelas diversas pragas, porquanto Yahweh estava sendo exaltado para tomar-se universalmente conhecido (ver as notas sobre Êxo. 7.5).

Diante de Faraó. Talvez na presença literal do Faraó, enquanto este observava; ou, então, na sua presença, metaforicamente, porquanto saberia do ato por meio de seus resultados. Mas o décimo versículo indica estar em foco a presença literal do rei. Sem importar, porém, exatamente como tenha sido, o monarca do Egito era *testemunha ocular* de vários daqueles prodígios.

9.9

Por toda a terra do Egito. As úlceras haveriam de generalizar-se por todo o Egito. As úlceras eram alguma forma de doença da pele que os estudiosos tentam especificar. Os animais que porventura tivessem escapado da quinta praga agora eram vitimados por uma nova desgraça. Os *homens* estavam sendo agora, pela primeira vez, atacados, sendo suas vidas ameaçadas por uma doença repelente. A *severidade* das pragas ir-se-ia agravando cada vez mais, até que todos os filhos primogênitos do Egito fossem executados.

Uma única úlcera, em uma pessoa, já é motivo de consternação; mas quando um homem é coberto de úlceras, a sua miséria torna-se tão grande que a morte é preferível. Cf. Deu. 28.27.

O Faraó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

9.10

... se apresentaram a Faraó. Provavelmente indicando que ele tinha sido testemunha ocular do prodígio anterior. A natureza específica da ocorrência não permitiria a suposição que tivera lugar alguma coincidência calamitosa. O Faraó foi avisado de antemão de forma enfática e dramática. O vento espalhou as cinzas, e imediatamente as úlceras passaram a afligir homens e animais (aqueles que tinham escapado da quinta praga).

A praga aqui descrita era *extraordinária.* As úlceras não eram comuns. Orosius exagerou (se possível) o terror da situação, ao asseverar que "todas as pessoas viram-se afligidas por pústulas, e que essas pústulas rebentavam com dores atormentadoras, delas saindo vermes". Cf. Apo. 16.2 quanto a uma praga similar do futuro.

9.11

Os magos. Essa classe de charlatães egípcios ficava cada vez mais desacreditada. A diminuição de seus poderes fez parte da progressão das pragas. Os mágicos tinham reproduzido a transformação de água em sangue (Êxo. 7.22); tinham reproduzido a praga das rãs (Êxo. 8.7). Mas não tinham conseguido reproduzir a praga dos piolhos (Êxo. 8.18). Naquela altura, eles reconheceram o "dedo de Deus" nas pragas (Êxo. 8.19). E agora, em Êxo. 9.11, não somente pararam de tentar imitar os milagres, mas eles mesmos se tornaram vítimas da praga das úlceras. Yahweh, pois, havia ganho a batalha contra os poderes sinistros. E em breve haveria uma completa vitória sobre os opositores que já jaziam caídos no pó.

"Mesmo que os mágicos não tenham sido destruídos por esse horrendo juízo divino, pelo menos abandonaram a liça, e não mais contenderam contra os mensageiros de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver Deu. 28.27 quanto a pragas como essa das úlceras do Egito.

9.12

O Senhor endureceu o coração de Faraó. Aqui, "Senhor" é *Yahweh.* Algumas vezes, o texto diz que o Faraó endurecia o seu próprio coração; de outras vezes, lemos que Yahweh é quem endurecia o coração do Faraó. Os fatores divino e humano interagem. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como* isso acontece. Comento sobre essa questão de forma pormenorizada (aludindo a artigos que abordam os problemas teológicos envolvidos), nas notas sobre Êxo. 4.21. As notas dadas ali oferecem as várias referências sobre essa questão do endurecimento do coração do Faraó.

Sétima Praga: Chuva de Pedras (9.13-35)

Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito.*

Os Céus Estavam Irados. Agora as pragas mexiam com os próprios céus. Os críticos atribuem esta seção à fonte *J,* excetuando sua conclusão (vs. 35), que eles atribuem à fonte *P(S).* Ver no *Dicionário* o verbete *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Tal como em outras pragas, e, talvez, como em *todas* elas (embora isso não seja dito), lemos que o povo de Israel, na terra de Gósen, nada sofreu com a praga da saraiva.

Vários deuses e deusas do Egito estavam sendo atacados pelas pragas. Yahweh continuava a humilhar ao panteão egípcio. *Nut,* a deusa do céu, não foi capaz de fazer parar a saraiva. *Osíris,* o deus da fertilidade e das plantações, não pôde defender o Egito. *Set,* o, deus das tempestades, não parou a saraiva. O nome e o poder de Yahweh tinham-se tornado universais. Ver Êxo. 7.15.

O Faraó estava colhendo o que havia semeado. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Esta sétima praga deu início ao *terceiro ciclo* dos prodígios. Ver as notas sobre Êxo. 7.14 quanto a um gráfico ilustrativo desses ciclos, além de outros itens comuns a essas pragas. As pragas de números sete, oito e nove (o terceiro ciclo) foram as mais severas até então. Mas depois viria a *décima* praga, o golpe de morte, a morte dos filhos primogênitos do Egito.

Os *quatro* elementos proeminentes desta longa seção são os seguintes: 1. Instruções dadas a Moisés (Êxo. 9.13-19). 2. O poder destruidor da sétima praga (vss. 20-26). 3. O discurso de Moisés diante do Faraó (vss. 27-32). 4. Apesar de tudo, o Faraó prosseguiu em sua teimosia e estupidez (vs. 33-35).

9.13

Levanta-te pela manhã cedo. Tal como se viu em Êxo. 7.15 e 8.20. Esse projeto requeria um começo desde bem cedo. O sol levantar-se-ia e traria um novo dia, mas, para o Egito, um dia doloroso.

Apresenta-te a Faraó. Como em Êxo. 8.20. Agora, Moisés era como um *deus* para Faraó (Êxo. 7.1).

O Deus dos hebreus. Como em Êxo. 3.18; 5.3; 9.1 e 10.3. Ver as notas em Êxo. 9.1. *Elohim-Yahweh,* o Deus que o Faraó não conhecia (Êxo. 5.2), era agora bem conhecido e havia reduzido a pó o panteão dos egípcios (ver a introdução à presente seção). Ver os artigos sobre ambos os nomes divinos no *Dicionário,* bem como o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Deixa ir o meu povo. Como em Êxo. 5.1; 7.14,16; 8.1,8,20; 9.1; 10.3. Em Êxo. 4.23, lemos "deixa ir meu filho", porquanto Israel era o povo primogênito de Deus, embora estivesse no exílio, no Egito. Essa condição seria revertida, e as provisões do Pacto Abraâmico seriam cumpridas. Israel deveria ter um território pátrio. Ver sobre o Pacto Abraâmico nas notas sobre Gên. 15.18, que incluem essa questão do território pátrio.

Para que me sirva. Ver as notas a respeito em Êxo. 9.1.

9.14

Sobre o teu coração. Provavelmente, essas palavras indicam apenas que as pragas seriam extremamente convincentes, antes que os primogênitos do Egito fossem executados. O *coração* do Faraó é que estava esclerosado. Assim, *todas* aquelas pragas tinham por finalidade abrandá-lo.

". . .(o coração do Faraó) agora seria amolecido pela repetição de golpe após golpe, até que, finalmente, haveria de ceder, humilhando-se debaixo da poderosa mão de Deus, e ele consentiria com a partida de todo o povo de Israel, com seus rebanhos, seus bens e todos os seus pequeninos" (Ellicott, *in loc.*).

O Conhecimento Universal de Deus. Este versículo deve ser comparado com Isa. 11.9, que diz: ". . .porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar".

Ver Êxo. 7.5 quanto a uma menção específica às pragas, como um meio de produzir esse resultado (o conhecimento de Deus) entre os egípcios. Conhecer a Deus é um conhecimento remidor, se for recebido como tal. Em caso contrário, tal conhecimento produz juízo e retrocesso. Cf. Rom. 9.17.

9.15

Os Versículos Reveladores. Os versículos quinze e dezesseis deste capítulo devem ser comparados com o livro de Jó. Ali a misericórdia de Deus envolvia o bem-estar do gado (Jon. 4.11, versículo final do livro), para nada dizermos sobre pessoas. Assim, o Senhor enviou o Seu profeta, a fim de *poupá-los*. Aqui, no livro de Êxodo, o profeta do Senhor foi enviado para proferir uma maldição que afligiria a terra e reduziria o Egito a ruínas. Ver os artigos contrastantes, no *Dicionário*, intitulados *Ira de Deus* e *Amor*. Os homens gostam de ver nisso uma contradição. Mas, afinal, todos os julgamentos de Deus têm natureza, sendo dedos da amorosa mão divina. Os juízos de Deus, por mais severos que sejam, têm por finalidade realizar o bem, atuando como missões de misericórdia. Portanto, que venham os julgamentos de Deus! Ver o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Além disso, precisamos lembrar que homens duros merecem um julgamento severo. Os juízos de Deus são duros o bastante para que possam cumprir seus propósitos. O Faraó era o próprio modelo de um tirano duro e obstinado. Em conseqüência, o julgamento a que foi submetido concordava com a natureza dele.

"Assim sendo, Deus fez aquele ímpio monarca saber que por causa de Sua providência especial foi que ele e seu povo já não tinham sido destruídos pelas pragas *anteriores*. Mas Deus o havia preservado com o propósito precípuo de que Yahweh tivesse outras oportunidades de manifestar-se como o único verdadeiro Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.16

Este versículo tem-se tornado um campo de batalha que ruge entre o determinismo divino e o livre-arbítrio humano. Paulo ajuntou-se à batalha, citando-o em Rom. 9.17. No *Novo Testamento Interpretado* ofereço, nessa referência, um detalhado comentário sobre essa questão. Mesmo que o texto do livro de Êxodo não esteja falando sobre a salvação da alma, seu uso no capítulo nono de Romanos sugere que essa noção está ali embutida. No Pentateuco não existe doutrina expressa da imortalidade da alma, embora alguns poucos versículos possam ser entendidos como trechos que ensinam essa doutrina. O Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18) não promete vida além-túmulo. Ficou aos cuidados do Novo Testamento *adicionar* esse aspecto ao Pacto Abraâmico. Portanto, não havia como o autor do livro de Êxodo estar contemplando o julgamento além-túmulo. Entretanto, visto que a questão se vê envolvida nesse assunto, no Novo Testamento, precisamos comentar sobre o milenar conflito entre o determinismo (predestinação, eleição) e o livre-arbítrio.

Para começar, é mister afirmar que esse problema é essencialmente insolúvel. Se aceitarmos apenas um dos pólos, talvez ensinemos o livre-arbítrio humano, esquecendo-nos da soberania de Deus, ou vice-versa. Seguir um desses dois pólos e olvidar o outro é defender uma teologia infantil. Todas as grandes doutrinas envolvem-nos em paradoxos. Nesses casos, cumpre-nos seguir o princípio da polaridade. Devemos examinar ambos os lados dessas doutrinas, como também ensinar ambos e não nos preocupar com reconciliações impossíveis, até que nosso conhecimento espiritual avance para muito além do que possuímos hoje. As *crianças teológicas* tornam-se fanáticas, defendendo um ou outro lado de certas questões complexas, mas negligenciando o lado oposto. Muitas batalhas teológicas insensatas têm ocorrido em torno desse paradoxo do determinismo divino versus livre-arbítrio humano. A ira casa-se ao ódio, e esse par prejudicial é exibido em cortejo, diante das igrejas ou sob a forma de livros. Homens de ar maduro, porém, revelam como a *maturidade* temnos arrancado de pontos de vista radicais, que negligenciam essas verdades polares. Os homens limitam sua própria mente e o seu Deus, mediante suas estreitas teologias. E a teologia unilateral sempre será usada para promover o ódio e as divisões.

Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Determinismo (Predestinação); Predestinação (Livre-Arbítrio); Livre-Arbítrio; Eleição*. Ver especialmente o artigo *Polaridade, Princípio da*. E ver o verbete *Paradoxo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Os teólogos sistemáticos abominam os paradoxos. Eles se julgam capazes de ajustar tudo dentro de seus pequenos sistemas. E o que não conseguem ajustar, rejeitam; e assim lançam em opróbrio a Palavra de Deus. Quão leviana e tolamente essas pequenas teologias distorcem as Escrituras, fazendo-as ensinar *menos* do que ensinam, ou fazendo-as ensinar o que não ensinam. *Todas* as teologias sistemáticas tornam-se culpadas disso, em maior ou menor grau.

Este versículo frisa o ensino bíblico da *soberania de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Outros trechos enfatizam o Seu amor universal. Não há nisso nenhuma contradição. A soberania de Deus está por trás de Seu amor, embora ao longo do caminho Ele possa semear a destruição, com vistas à restauração *final*. O vs. 19 apresenta-nos o amor de Deus. O ímpio Faraó foi advertido a abrigar sua gente e seus animais.

Reprovação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Reprovação* e *Reprovado*.

As pragas, até este ponto, aparentemente se tinham mostrado ineficazes. O Faraó em nada havia mudado. Mas a verdadeira razão da aparente ineficácia das pragas era que a soberania de Deus primeiro precisava ser demonstrada. Em toda essa questão não havia nenhum laivo de fraqueza por parte de Deus, embora houvesse muita paciência divina.

9.17

O Faraó continuava insistindo em exaltar-se. Ele tinha suas divindades, mas era o objeto real de sua adoração. O Deus estrangeiro, Yahweh, tinha-o deixado impressionado, mas todas as lições objetivas haviam sido ignoradas. As coisas teriam de ficar muito piores, antes que o Faraó pudesse ser sacudido de sua modorra espiritual.

"Uma vez firmadas, as tiranias e as opressões têm uma espécie de vida natural que *precisa* seguir seu curso. Em meio a esse processo. . . Deus manifesta o Seu poder" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Quanto à questão de *deixar ir o povo de Deus*, ver as notas sobre Êxo. 9.13, onde apresento uma lista de referências sobre a questão.

9.18

Amanhã por este tempo. Tal como em Êxo. 9.5, foi marcado o tempo exato, quanto ao começo e ao fim da praga. A finalidade disso era eliminar qualquer idéia de coincidência. O *tempo* da praga era conhecido. Essa praga foi predita, e o Faraó e sua gente foram advertidos com clareza. As pragas de números um, dois, quatro, cinco, sete, oito e dez foram avisadas de antemão. Ver as notas sobre Êxo. 7.14 quanto a um gráfico que ilustra os diversos elementos comuns das pragas.

A Tempestade Sobrenatural. As pessoas que têm conhecimento adiantam-nos que chuvas pesadas, tempestuosas, no baixo Egito não são incomuns, ainda que sejam comparativamente raras. Os tufões são ali bastante raros; e, quando caem, não são muito violentos. Pode haver chuvas de novembro a março, mas sempre sem produzir nenhum prejuízo. Essa tempestade de Deus, entretanto, sem dúvida foi um evento sobrenatural, e foi reconhecido como tal pelo Faraó (ver os vss. 20 e 27).

". . .uma tempestade furiosíssima e sem precedente histórico (Êxo. 9.18; cf. o vs. 24)" (John D. Hannah, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *Saraiva*. A saraiva é uma das armas naturais de Deus. É comum na Palestina (ver Sal. 18.12,13; 78.48; 105.32). Vários autores sagrados mencionam a saraiva como um dos juízos de Deus (Isa. 28.2,17; Eze. 38.22; Hab. 2.17; Apo. 8.7,11; 11.19; 16.21).

9.19

Certa Medida de Misericórdia. O Faraó e os egípcios deveriam "procurar abrigo", conforme Deus os convidou a fazer. Deus não estava interessado em matanças inúteis. O propósito do Senhor era abrandar o Faraó e fazer Israel sair do Egito. E também mostrar Sua soberania e tornar conhecido o Seu nome. Isso poderia ser feito sem uma matança generalizada.

Uma grande parte do Egito ficava inundada, a cada ano, pelo rio Nilo, e essa condição perdurava por vários meses. Durante esse tempo, era mister proteger os animais, em lugares seguros. Assim sendo, os egípcios já dispunham de tais abrigos para o gado (o que sobrava dele), retirando-o do campo até que passasse a tempestade.

9.20,21

Quem dos oficiais de Faraó temia a palavra. Isso fala de *iluminação*. Por serem tão incomuns as pragas, elas não podiam ser atribuídas ao mero acaso. Alguns egípcios já haviam tido suas mentes iluminadas, e estavam prontos e dispostos a dar ouvidos a Yahweh, agindo de acordo com os avisos divinos. Mas *outros* egípcios eram como o Faraó, impressionados, mas não convencidos. Esses não tomaram nenhuma providência para proteger a si mesmos e aos seus animais, apesar da evidência de que era mister dar ouvidos às advertências de

Moisés. Assim também, nos tempos do evangelho, "houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos" (Atos 28.24). O texto de Êxodo não fala sobre prosélitos ao culto de Yahweh, mas apenas do bom senso de ouvir uma voz que avisara com toda a razão no passado.

9.22

Estende a mão para o céu. Isso significa que ele brandiu de novo a vara de poder (vs. 23). Esse gesto acompanhou as pragas de números um, dois, três, sete, oito e talvez nove. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14 quanto aos elementos principais das pragas, vários dos quais se repetiram. Ver as notas sobre a vara de poder em Êxo. 4.2. Tempestades violentas sempre destroem as plantações. As tempestades, como aquela aqui descrita, devastavam todas as coisas vivas, os seres humanos, os animais e a vida vegetal. No vs. 25 deste capítulo temos mais descrições a respeito.

9.23

A vara de poder entrou em ação, como nos casos de outras pragas, alistadas no vs. 22. A vara era um emblema do poder divino, e não algo que tinha poder em si mesmo, da mesma forma que uma coroa é um emblema de autoridade, embora não tenha poder em si mesma.

Seguiu-se uma tempestade espetacularmente violenta. O fogo corria ao rés do chão, *com ruídos parecidos com coriscos* e *relâmpagos*. Muita coisa tem sido escrita sobre esse tipo de tempestade. Esse tipo de tempestade existe, embora seu mecanismo seja pouco conhecido. Artapano (Apude Euséb. *Praepar. Evan.* 1.9 c. 27, pars. 435 e 436) descreveu a violência desse tipo de tempestade, adicionando que ela é acompanhada por terremotos. Uma tempestade gigantesca nivelou tudo no Egito. Ellicott (século XIX) comentou sobre essas *bolas de fogo*, atualmente chamadas *bolas de coriscos*. Esse fenômeno tem sido observado ao longo da história, embora não se saiba ainda como ele acontece.

9.24

Este versículo repete os elementos da predição sobre a saraiva, no vs. 18, onde damos notas expositivas. Tempestades violentas eram e continuam sendo praticamente desconhecidas no Egito. Mas eram e continuam sendo comuns na Palestina. Os críticos pensam que, para efeito de dramatização, houve uma transferência de um caso da Palestina para o Egito. Mas não há nenhuma razão para supormos que coisas incomuns não podem acontecer na natureza. De fato, coisa alguma é tão cheia de surpresas quanto a própria natureza. Essa praga é aqui chamada de "chuva de pedras", mas o mais provável é que houve algum tremendo distúrbio nas condições atmosféricas. Houve inundações e manifestações elétricas de assustadoras proporções. Uma das profecias sobre os *últimos dias* alude a tempestades aterrorizantes, acontecimentos espantosos na natureza. Cf. Eze. 1.4. Ver também Apo. 8.5; 11.19 e 16.21 quanto a descrições similares à do livro de Êxodo.

9.25

Tudo quanto havia no campo. A agricultura é a fonte de toda vida, animal e humana. O sistema agrícola do Egito foi totalmente devastado. Os efeitos do desastre haveriam de fazer-se sentir por longo tempo. Os poucos animais domesticados que tinham sobrevivido às pragas anteriores agora foram atingidos pesadamente por esta praga, excetuando, naturalmente, os que haviam sido abrigados por algumas poucas pessoas prudentes (vs. 20).

9.26

Somente na terra de Gósen. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Gósen*. Era ali que estava o povo de Israel. Essa região foi poupada. Devemos entender que isso *também sucedeu no caso de todas as pragas, embora não seja declarado no* caso de cada praga. Ver também Êxo. 8.22,23 quanto à exceção, bem como notas ali existentes sobre a questão. Ver Êxo. 9.4; 10.23; 12.12,13. Não havia nenhuma explicação natural sobre como aquela região do Egito foi isentada da ira divina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira de Deus*. Portanto, a própria isenção tornou-se um *sinal* de que o poder divino é que estava operando, e o mero acaso nada tinha que ver com o que sucedia. De fato, nada ocorre por mero acaso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Coincidência Significativa*.

"...por muitas vezes, os ímpios dão-se melhor quando o povo de Deus convive entre eles" (John Gill, *in loc.*). Alguns egípcios foram poupados na devastação, por terem israelitas como vizinhos, sobretudo no caso desta praga. Alguns egípcios chegaram a salvar seus bens e animais, obedecendo à palavra de aviso de Moisés.

9.27

Esta vez pequei. A *moralidade da situação começou, finalmente, a raiar no* cérebro obtuso do Faraó. Escravizar um povo é um grande erro; a perseguição e a opressão são injustiças cometidas contra outras pessoas. O trabalho e a dor impostos a outras pessoas, por meios violentos, são outros erros. De fato, o Faraó e seu povo tinham *pecado*, e agora estavam pagando por esse motivo. A palavra *pecado* tem saído de moda, mas isso não significa que não representa uma condição autêntica dos seres humanos. Jesus veio para salvar *pecadores*, não somente pessoas que têm seus problemas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pecado*. Cf. Êxo. 10.16. O Faraó arrependeu-se apenas temporariamente, conforme fazem tantas pessoas. Tempos difíceis e perigos produzem uma espécie superficial de arrependimento, mas que *logo revertem* à impiedade quando as condições melhoram.

Yahweh não somente foi reconhecido neste ponto, mas também foi reconhecida a Sua santidade. Deus é justo; e julga de maneira justa; e julga com justiça os ímpios. Todos esses fatores foram reconhecidos pelo Faraó. Sua recém-despertada sensibilidade levou-o a fazer uma promessa generosa, mas, visto que seu coração não fora transformado, ele voltou atrás em sua decisão, terminada a tempestade.

A tempestade prosseguiu, sem dar sinal de que chegaria ao fim. Em meio a tudo isso, o Faraó convocou Moisés para que este usasse seus poderes e fizesse a praga cessar. Em troca, o Faraó fez outra promessa falsa.

"...o terror da morte tinha tomado conta do Faraó; o ruído ribombante da tempestade zunia em seus ouvidos; os relâmpagos coriscavam diante de seu rosto; a saraivada batia sobre o seu palácio e contra as janelas e as paredes. Ele estava extremamente assustado, e isso forçou da parte dele a confissão que temos aqui" (John Gill, *in loc.*).

9.28

Eu vos deixarei ir. O grito de guerra tinha sido: "Deixa meu povo ir". Ver as notas em Êxo. 9.1 quanto a uma lista de trechos onde ocorre essa expressão. Ver também Êxo. 4.22,23 quanto a notas sobre o *filho* exilado de Yahweh, que precisava ser solto da servidão. Faraó, finalmente, admitiu essa possibilidade, e não estabeleceu nenhuma condição, exceto que terminasse o destrutivo temporal.

Os filhos de Israel haviam sido denunciados como ociosos e preguiçosos (Êxo. 5.8,17), o que, no Egito, era considerado um grande pecado. Agora a culpa pelas perturbações sociais foi posta onde ela cabia: sobre os *opressores*, e não sobre os oprimidos.

9.29

A *vara de poder*, que provocara a praga, mostrar-se-ia eficaz em sua remoção. Ver as notas em Êxo. 4.2 quanto a essa vara. *A terra é do Senhor*, e Ele pode fazer o que bem Lhe aprouver, tanto afligir com pragas quanto removê-las. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Soberania de Deus*. O coração do Faraó fora especificamente endurecido a fim de que fosse exibida a soberania de Deus, e a fim de que Seu nome se tornasse conhecido entre os povos. Ver as notas sobre Êxo. 7.5. O fato do *nome* de Deus tornar-se *conhecido indica que a promoção do culto a* Yahweh *propagar-se-ia e tornar-se-ia* eficaz, e que os povos seriam espiritualmente aprimorados. Conhecer o Senhor é ser beneficiado.

Em saindo eu da cidade. Os Targuns revelam que essa cidade era Zoã, também chamada Tânis. Ver o Sal. 78.12, que menciona *Zoã* especificamente. Ver sobre essa cidade no *Dicionário*. A cidade era extremamente idólatra, e Moisés saiu dela para livrar-se de quaisquer más influências. Além disso, ele precisava estar a sós com Yahweh, para realizar outro prodígio.

9.30

Ainda não temeis. A confissão de pecado, por parte do Faraó, não procedera de um coração contrito, mas apenas de um cérebro aterrorizado. Assim, Moisés sabia que a resolução do Faraó e sua promessa de deixar os filhos de Israel sair *do Egito eram superficiais e temporárias. Yahweh era temido por causa do que* Ele era capaz de fazer. Mas não era temido em fé e adoração religiosa. Não havia lealdade a Ele, do fundo do coração.

O remorso do Faraó era egoísta, e não fruto de humilhação pessoal. Ele buscava alguma vantagem para si mesmo, e não obter uma justa solução para o problema. Ele haveria de reter o trabalho-escravo tão barato, até que fossem executados os filhos primogênitos do Egito. Ver Êxo. 11.4 ss.

9.31,32

Estes versículos revelam-nos como foi que *alguns* produtos agrícolas escaparam. Alguma coisa tinha sobrado para ser comida pelos gafanhotos (Êxo. 10.15) e para o consumo humano; mas quantas pessoas morreram, e quantas sobreviveram, isso não nos é revelado. Calamidades nacionais como as das pragas do Egito, naturalmente reduzem consideravelmente a população, para nada dizermos sobre os *pobres animais, que se mostram indefesos diante de tais desastres*. Algumas plantas, por ainda serem novas, e por serem flexíveis, não foram partidas. Mas

ainda que tivessem sofrido dano, logo brotariam de novo. A falta de *maturidade* as tinha poupado. Mas as plantas já desenvolvidas foram devastadas. Cerca de um mês escoa-se entre as primeiras e as últimas colheitas. O trigo e o centeio não foram prejudicados, por não estarem ainda crescidos. "Uma saraivada pouco dano pode produzir em uma plantação nesse estágio. Mesmo que seus talos ainda flexíveis recebam algum dano, tornam a crescer depois" (J. Edgar Park, *in loc.*).

9.33

O que fora prometido no vs. 29, agora estava cumprido. Ver as notas sobre aquele versículo. Moisés retirou-se para os campos, onde ficou sozinho, livre para agir, sem ser perturbado, e imediatamente, ao fazer seu rogo ao Senhor, a praga cessou. A soberania de Yahweh foi assim novamente demonstrada. Deus age a fim de destruir; e também age para restaurar - e faz ambas as coisas com amor.

Ver algo similar em Tia. 5.17,18, o poder de Elias sobre os elementos da natureza.

9.34

Tornou a pecar. Visto que o seu arrependimento (vs. 27) era egoísta e superficial, o Faraó reconheceu a Yahweh, mas não por motivo de espiritualidade. Ele só queria escapar aos juízos divinos. Sua mente embotada pensou que, uma vez cessada a terrível tempestade, Yahweh não mais perturbaria o Egito. Não fazia idéia de que o pior ainda estava por vir. Moisés, porém, havia antecipado essa reversão (vs. 30), porque o registro das ações passadas do Faraó não era favorável. O Faraó foi julgado por seus atos. Até uma criança torna-se conhecida por suas ações (Pro. 20.11).

Semeie um pensamento - colha um ato.
Semeie um ato - colha um hábito.
Semeie um hábito - colha um caráter.
Semeie um caráter - colha um destino.

(Prof. Huston Smith)

Ao clarear o novo dia, o Faraó voltou às suas trevas mentais e espirituais. Contudo, a misericórdia de Deus permitiu-lhe mais oportunidades.

9.35

Faraó. . . não deixou ir os filhos de Israel. Um coração endurecido prevaleceu. A Bíblia mostra-nos que algumas vezes o Faraó endurecia seu próprio coração. De outras vezes, judicialmente, Deus endurecia o coração do Faraó. Ou, então, a expressão pode ser indireta como neste versículo, "seu coração estava endurecido". Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como* isso pode ser. Ver as notas em Êxo. 4.21 quanto a notas completas sobre a questão do endurecimento do coração de Faraó, com todos os problemas teológicos envolvidos.

Desobediência. A obstinação e a estupidez mental do Faraó, apesar de tantas evidências iluminadoras, tornaram-se proverbiais. O Faraó foi assim levado a desobedecer ao Poder Supremo. Isso só pode resultar na autodestruição. Neste mundo há muitos que se autodestroem.

Uma Espiritualidade Fingida. O Faraó havia exibido uma fagulha de espiritualidade. O arrependimento deveria levar à reparação (vs. 27). Mas assim que aquela fagulha se apagou, o velho coração empedernido do Faraó de novo se manifestou. Quão fácil é para nós criticarmos a outros, mas quão grande é a corrupção interior que nos torna um bando de pequenos faraós, dotados de uma espiritualidade fingida. Até nossa fé e nosso culto religioso podem tornar-se meios de *autoglorificação.* Um missionário usa a blasfema música "rock" a fim de atrair uma multidão. Ele é glorificado porque é um *grande* pregador, capaz de falar a *muitas* pessoas! Um pastor é glorificado devido ao *número* de seus convertidos, por ter-se mostrado *tão* eficiente. O sucesso espiritual tem sido usado para glorificar homens, e depois nos pomos a indagar qual terá sido a verdadeira medida de sucesso autêntico. Os dons espirituais são usados para efeito de *ostentação.* E depois indagamos quão espirituais teriam sido, realmente, esses dons.

Capítulo Dez

Oitava Praga: Os Gafanhotos (10.1-20)

A paciência de Deus continuou a manifestar-se e a adiar. Ainda seriam necessárias mais três pragas para que Faraó anuísse e o êxodo de Israel da servidão se tornasse um fato. Os críticos atribuem esta seção à fonte informativa *J,* com algumas adições provenientes da fonte *E.* Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14 quanto aos elementos básicos das pragas, incluindo os elementos que se repetem. Os vss. 7-11 introduzem uma nova guinada nos relatos. O Faraó, pressionado pelos seus conselheiros, resolveu tentar negociar uma solução. Mas, ao assim fazer, ficou aquém das exigências impostas por Moisés, e ofereceu uma *terceira* transigência. Ver as notas nos vss. 10 e 8.25 quanto a essas três transigências. A entrevista com Moisés terminou em uma discussão acalorada. Não se chegou a nenhum acordo. E o Faraó ficou indignado diante das demandas de Moisés. Moisés e Arão foram expulsos à força da presença do Faraó. O Faraó não tinha aprendido a lição, e, assim, precipitou-se de cabeça na sua autodestruição. O Egito, porém, já estava arruinado (vs. 7).

Ver no *Dicionário* o artigo *Praga de Gafanhotos,* quanto a uma explicação sobre o extraordinário poder de destruição dessa praga. Ver também o artigo *Pragas do Egito.*

Divisões do Trecho: 1. Instruções dadas a Moisés (vss. 1-6). 2. Debate com o Faraó (vss. 7-11). 3. Destruição produzida pelos gafanhotos (vss. 12-15). 4. O Faraó humilhado, embora ainda duro de coração (vss. 16-20).

Semeando e Colhendo. Em todas as pragas do Egito, o Faraó apenas colheu o que havia semeado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

10.1

Este versículo reitera elementos que já tínhamos visto na narrativa sobre as pragas:

1. A comissão de Moisés (Êxo. 3.7 ss.).
2. Moisés enviado ao Faraó para apresentar um apelo (Êxo. 7.10; 8.1,20; 9.1; 10.1 e 11.4 ss.).
3. O coração duro do Faraó. Ver uma nota de sumário em Êxo. 4.21.
4. Os sinais, ou seja, milagres didáticos, as pragas. Ver sobre os vários sinais constantes no livro de Êxodo em 4.9,17,28,30; 7.3; 8.23; 10.1,2; 13.9; 31.13,17.

Usualmente, a observação sobre o endurecimento do coração do Faraó ocorre no fim de cada lance. Mas aqui antecede e acompanha a este lance (vs. 20). Deus "zombou" dos egípcios (conforme dizem algumas traduções, no vs. 2). Isso seria algo que os pais viveriam repetindo para seus filhos, visando à exaltação de Yahweh (vs. 2).

Esta praga foi avisada de antemão, tal como o tinham sido as pragas de números um, dois, quatro, cinco e sete. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14 quanto à repetição de elementos e informações gerais sobre as pragas.

Aliados no Endurecimento de Coração. O Faraó contava com colegas de pecaminosidade, embora ele fosse o maior de todos. Mas seus ministros compartilhavam de seu embotamento espiritual, sem dúvida, também por decreto divino e por uma vontade humana pervertida. Ver Rom. 1.32 quanto à companhia de pecadores que não somente pecam, mas também deleitam-se diante dos pecados alheios e chegam a elogiar os pecadores pelos erros que estes cometem. Vemos em Êxo. 10.7 ss. que foi feita uma tentativa de barganha, depois que os ministros do Faraó convenceram-no a fazer a tentativa. Alguma luz transpareceu, mas não o bastante para contrabalançar a cegueira natural (e sobrenatural).

10.2

Zombei dos egípcios. Isso Deus fez em prol de Seus *filhos,* pois Israel era um filho primogênito no exílio, e tal situação não podia mais continuar, apesar da oposição da maior potência da terra, no momento, o Egito. Yahweh demorava-se, não por motivo de fraqueza, mas a fim de ter tempo para pintar, em um quadro eterno, o poder que seria exibido diante de Israel, por todas as gerações vindouras.

"Aqueles que experimentam as misericórdias de Deus estão na obrigação de transmitir essas memórias do que Deus fez às gerações futuras. A gratidão natural encarregar-se-ia desse tipo de ação. Mas a fim de que esse *dever* não fosse negligenciado, aos israelitas esse dever foi constantemente *imposto.* (Êxo. 12.26,27; 13.14,15; Deu. 32.7; Jos. 4.6)" (Ellicott, *in loc.*).

10.3

O Senhor, o Deus dos hebreus. No hebraico, o nome de Deus é aqui *Yahweh-Eiohim.* Esse nome combinado de Deus foi muito usado pelo autor sacro, conforme mostra em uma lista de referências, nas notas sobre Êxo. 9.13. Em Êxo. 9.1 apresentei comentários explicativos sobre esse nome divino.

Deixa ir o meu povo. Demanda muito repetida pelo autor sagrado. Ver a lista dessas petições no livro de Êxodo, nas notas sobre Êxo. 9.13.

A Persistência da Malignidade. A voz divina indagou *por quanto tempo* o Faraó continuaria em sua estupidez moral e espiritual. O Faraó não tinha dado ouvidos à voz de Deus, que já há tanto tempo vinha falando com ele. Ver as notas sobre o *duro coração* do Faraó em Êxo. 4.21. "Tivesse o Faraó cedido *antes*, e as mesmas finalidades graciosas teriam sido acompanhadas por *outros* meios" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.4

Amanhã trarei gafanhotos. Por várias vezes, "amanhã" foi o tempo designado para começar ou terminar alguma praga. Os prazos assim marcados mostravam que as pragas tinham origem em decretos divinos, e não por mero acaso, por propósito divino, e não por algum acidente natural. Ver sobre essa designação de tempo, "amanhã", em Êxo. 8.10,23; 9.5,6,18.

Praga de Gafanhotos. Sob esse título, ofereço um artigo detalhado e informativo sobre esse tipo de praga, no *Dicionário*. Provemos ali informes científicos sobre como essa praga desenvolve-se e é desfechada. A isso adiciono alguns detalhes, neste ponto:

"Um enxame de gafanhotos, que atravessou o mar Vermelho, em 1889, segundo estimativas, cobria um espaço de mais de cinco mil quilômetros quadrados. Em Chipre, em 1881, estatísticas oficiais noticiaram que cerca de mil e trezentas toneladas de ovos de gafanhotos foram destruídas. Enxames de gafanhotos, tangidos pelo vento, têm sido encontrados em pleno oceano, a quase dois mil quilômetros distantes da terra. Os árabes até hoje são atacados por gafanhotos que o vento traz de muito longe. Eles protegem os cachos de tâmaras com envoltórios de folhas secas; e depois vingam-se das hordas destruidoras derrubando-as com ramos de palmeiras, para então tostar os gafanhotos ao fogo e comê-las. 'Bons e gostosos', gritam eles, quando trazem os gafanhotos que apanharam, para fazer um banquete" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

10.5,6

O pouco que tinha restado seria aniquilado pelos enxames de gafanhotos. O trecho de Êxo. 9.32 mostra que o trigo e o centeio haviam escapado à devastação pela saraiva. Alguns animais também haviam sido protegidos pelos egípcios que tinham dado crédito aos avisos de Moisés (Êxo. 9.20). Mas coisa alguma e ninguém poderiam resistir aos milhões de gafanhotos.

"O que a praga anterior de saraiva não tinha destruído - o trigo, o centeio (9.32) e o fruto (10.15), além de outros tipos de vegetação (10.12,15) - agora seria devorado pelos gafanhotos. Tal como as rãs (8.3,4) e as moscas (8.21,24), os gafanhotos podiam entrar nas *casas* das pessoas. Tal como a saraiva (9.18), a invasão dos gafanhotos não teve precedentes no Egito (10.6; cf. o vs. 14)" (John D. Hannah, *in loc.*). Ver os trechos de Joel 1.7 e 2.3 quanto à descrição de outra extraordinária praga de gafanhotos. O Targum de Onkelos descreve como as hordas "cobriram o sol da vista" das pessoas, pois impediam que seus raios iluminassem a terra. A praga movimentava-se como uma grande onda aérea que ia escurecendo tudo.

Um Paralelo Moderno. Pouco depois de os pioneiros mórmons terem chegado ao vale do lago Salgado (onde fundaram a cidade de Salt Lake City, estado de Utah), uma grande praga de gafanhotos invadiu sua primeira safra, ameaçando a sobrevivência deles. Eles oraram e Deus mandou grandes revoadas de gaivotas, que comiam gafanhotos e os vomitavam, comiam e vomitavam (por muitas e muitas vezes). E foi assim que as gaivotas impediram o desastre. Posteriormente, a gaivota foi proclamada ave representativa do estado de Utah e, até hoje, é proibido por lei matar uma gaivota no estado de Utah.

Joel diz que os gafanhotos ficaram percorrendo a cidade para lá e para cá, subindo pelas paredes, entrando pelas janelas. Burckhardt, um viajante de nossos dias, foi testemunha de uma praga de gafanhotos, e disse: "Eles avassalaram a província de Jedda de tal maneira que, depois de destruírem as plantações, penetraram aos milhares nas residências, devorando tudo, até mesmo os objetos de couro". Kalisch disse que os gafanhotos não somente roem o couro, mas até mesmo a madeira.

10.7

Alguma Luz Raia na Mente dos Servos do Faraó. Eles o exortaram a ceder diante das exigências de Moisés. O Egito estava destruído, mas o imbecilizado Faraó continuou agindo como se nada tivesse acontecido. A sugestão de que fosse feita a vontade do povo de Israel acabou degenerando em um debate feroz (vs. 10,11). Haveria ainda duas outras pragas. Todas as maçãs do diabo têm vermes. O trabalho escravo que o Faraó queria usar a qualquer custo saiu-lhe mais caro do que valia.

Progressão. Os mágicos foram os primeiros a reconhecer "o dedo do Senhor" naquilo que estava acontecendo (8.19). Então, algumas poucas pessoas abrigaram seu gado, por serem sábias o bastante para atender os avisos sobre a saraivada que se aproximava (Êxo. 9.20). Agora, alguns poucos dentre os próprios conselheiros do Faraó admitiam a sua derrota, aconselhando-o a livrar-se do problema (Êxo. 10.7).

Yahweh-Elohim foi reconhecido, sendo esse um dos motivos principais das pragas (Êxo. 6.7). Ver esses nomes divinos anotados no *Dicionário*. Ver também ali, o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*. Os egípcios não tinham rejeitado o seu panteão, e estavam muito longe do monoteísmo (ver a esse respeito no *Dicionário*), mas tinham conseguido obter alguma iluminação.

10.8

Quais são os que hão de ir? "Por insistência de seus impressionados cortesãos, o Faraó tentou negociar antes do prazo fatal de vinte e quatro horas (9.5). E sugeriu que fossem *somente os homens*, visto que *varões adultos* poderiam participar de ritos religiosos (23.17; 34.23; Deu. 16.16)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Naturalmente, o Faraó desconfiou que estava tratando com um conluio. Moisés dissera que aproveitaria os três dias de afastamento com propósitos religiosos. Isso não exigiria a ausência das mulheres, das crianças e dos animais. Moisés também não havia dito que não retornaria; mas essa era a idéia por trás de toda a proposta. Tendo saído do Egito, a fim de adorar, os israelitas simplesmente desapareceriam no deserto. O Faraó, pois, queria garantir a permanência de Israel, ao mesmo tempo em que permitiria alguns poucos dias de descanso, para propósitos religiosos. Moisés, porém, não aceitaria esse arranjo de transigência. O pedido original era uma viagem de três dias (Êxo. 3.18 e 5.3). O trecho de Êxo. 8.8 dá a entender que não fora estabelecido nenhum limite de tempo. O nono versículo deste capítulo mostra-nos que todas as dúvidas foram removidas. Todo o povo de Israel sairia; ninguém e coisa alguma ficaria para trás.

10.9

Evacuação Total e Afastamento Permanente. Essas duas coisas faziam parte da proposta de Moisés. Essa era a palavra final. A exigência absoluta de Moisés foi amargamente rejeitada pelo Faraó, e assim ele prosseguiu com o conflito insensato e inútil. O vs. 10 reflete puro sarcasmo. Moisés poderia ir, e isso com a bênção do Faraó! No Egito, era costume que as crianças participassem das festividades (Heródoto, *Hist.* ii.60), mas isso não ocorria entre o povo de Israel, onde as atividades religiosas eram mais formais, limitadas à participação dos homens adultos.

Vastos números de animais domésticos estavam envolvidos. Israel havia prosperado na terra de Gósen, e seus rebanhos de gado vacum e ovino eram imensos por aquela altura dos acontecimentos. Ver Êxo. 12.38 quanto a uma vaga declaração sobre a vastidão dos rebanhos possuídos por Israel. Portanto, o êxodo prometia ser um empreendimento realmente grandioso. Coisa alguma poderia ficar para trás (vs. 26).

10.10

Este versículo é sarcasmo puro. O Faraó como que disse: "Vão, com a minha bênção!". Na realidade, porém, ele esperava que a proposta de jornada, feita por Moisés, não fosse acompanhada pela proteção divina (pois o mal iria *adiante* deles), da mesma maneira que sua permissão não era sincera. As palavras "tendes conosco más intenções", de acordo com algumas traduções, aparecem como "o mal está à vossa frente". As cerimônias religiosas, referidas por Moisés, seriam uma mera desculpa; mas o ardil não daria certo. Na verdade, Moisés não tinha nenhuma intenção de voltar ao Egito, após ter-se internado três dias de viagem pelo deserto. Ver o vs. 11 quanto às *quatro* propostas de transigência feitas pelo Faraó.

"Que vosso Deus esteja convosco tão certamente quanto eu permitirei que vades" (Adam Clarke, *in loc.*). Até onde dizia respeito ao Faraó, nenhuma dessas coisas seria possível.

10.11

As Quatro Propostas de Transigência do Faraó:

1. Vão, adorem, mas fiquem no Egito a fim de adorar (8.25). Sempre será assim. A Igreja é tolerada, contanto que se mundanize. Muitos crentes não querem ser *diferentes*. Assim sendo, trazem o mundo para dentro da Igreja. O mesmo estilo de música que se usa nas danceterias está sendo usado nas igrejas. A mesma moda de vestes usada no mundo é usada pelos membros das igrejas. Não há separação de idéias e de costumes. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Separação do Crente* e *Mundanismo*.
2. Vão, mas *não longe* do Egito. Ver Êxo. 8.28. Não se mostrem radicais em sua separação. Preservem seu acesso ao Egito e aos seus deleites.
3. Vão, mas deixem no Egito seus filhos e possessões (Êxo. 10.11). Sejam crentes espirituais, mas não criem seus filhos na espiritualidade. Eles precisam das provisões sociais do Egito, como posição e riquezas. Precisam de empregos respeitáveis no Egito, isentos de radicalismos que os tornariam diferentes diante de seus amigos.

4. Vão, mas deixem no Egito suas propriedades e seus bens (vs. 24 deste capítulo, onde comento sobre a questão).

"A *terceira* transigência, proposta pelo Faraó, se aplicada aos crentes, talvez tenha sido a mais sutil de todas. Até os pais mais piedosos desejam prosperidade e posição secular para seus filhos" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

A terceira proposta permitia que os homens fossem, mas as mulheres, crianças e bens ficariam no Egito, garantindo assim a *volta* dos homens ao Egito. Mas o grito de guerra: "Deixa meu povo ir" (ver a lista de suas ocorrências nas notas sobre Êxo. 9.13), não deixava margem para nenhuma transigência.

E os expulsaram. Fracassara redondamente a tentativa de negociação, e o Faraó mandou tirar de sua presença, por meios violentos, Moisés e Arão. O mal parecia ter prevalecido; o resultado é que haveria maior aflição ainda no Egito. Continuaria a colheita do mal que fora semeado.

10.12

O uso da *vara de poder* (ver as notas em Êxo. 4.2) também esteve envolvido nesta oitava praga. Chegara o dia seguinte, e o plano de Deus teve cumprimento conforme tinha sido predito (vs. 4). Moisés estendeu sua mão (como em Exo. 9.22 e 10.21). "Primeiramente em uma direção, e, depois em outra, apontando em todas as direções, dando a entender que a praga dos gafanhotos sobreviria ao território egípcio inteiro" (John Gill, *in loc.*).

10.13

O *vento oriental* trouxe os enxames de gafanhotos; e, quando o vento mudou de direção, tornou-se um vento ocidental que levou os gafanhotos na direção do mar Vermelho (vs. 19). O vento que soprava do deserto da Arábia chama-se *siroco*, o qual trouxe as hordas devastadoras de gafanhotos. Ver no *Dicionário* o artigo *Vento Oriental*. A deusa do céu dos egípcios, *Nut*, não foi capaz de proteger os egípcios. *Osíris*, o deus egípcio da fertilidade, não pôde impedir a destruição das plantações. Portanto, esta oitava praga também atacou o panteão egípcio, tal como se deu com cada uma das pragas anteriores. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, que ilustra a questão. Os críticos vêem aqui apenas um fenômeno natural; e alguns eruditos conservadores só vêem milagre na agência do vento, que trouxe os gafanhotos ao Egito. Por outra parte, periodicamente *multiplicam-se* grandes hordas de gafanhotos, mas nunca atacam com prazos marcados, nem passam com prazos marcados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Praga de Gafanhotos*, quanto a essas questões.

10.14

Um Caso Singular. Embora o Egito já tivesse passado por muitos ataques de gafanhotos, e era razoável esperar outras dessas pragas, nunca houve praga como *aquela* que ocorreu quando Moisés estendeu a sua mão sobre o Egito. Foi uma operação singular de Deus, com um propósito singular, a saber, a saída do povo de Israel do Egito, onde estava escravizado. Outro tanto foi dito sobre a praga da saraiva (Êxo. 9.24).

... **por toda a terra do Egito**... Nos bosques, nas pastagens, nos campos, nos jardins, nos pomares, eles devoravam, exceto na terra de Gósen" (John Gill, *in loc.*). Os intérpretes têm-se divertido com isso. Plínio (*Hist.* 1.11 c. 29) falou com seriedade que aqueles gafanhotos tinham cerca de noventa centímetros de comprimento; e John Gill, ao citar um relato proveniente de Milão, aludiu a uma espécie de gafanhotos com um metro e oitenta centímetros de comprimento, mais com semelhança de ratos do que com semelhança de gafanhotos.

10.15

Cobriram a superfície de toda a terra. O número de gafanhotos era tão impressionante que não se via o solo, pelo que este parecia ter a cor dos gafanhotos. Leo Africano (*Desc. Africae* 1.2 par. 117) conta que foi testemunha de uma praga tão espessa de gafanhotos que não se podia ver o solo. Tal praga devastou a província francesa de Carpintania. Ali, não escapou uma só árvore, nem vinha, nem floresta e nem pomar. A terra inteira ficou desnudada de vegetação. Mas somente o juízo da quinta trombeta do Apocalipse pode comparar-se com a praga descrita no livro de Êxodo. Ver Apo. 9.1-11.

O Egito era famoso por sua produção de frutas, como figos, uvas, azeitonas, amoras, romãs, tâmaras, ameixas, maçãs, pêssegos, numerosas demais para serem aqui mencionadas. Nada restou. Este versículo faz-nos lembrar da devastação efetuada pela *saraiva*. O pouco que tinha sobrado daquela praga, agora ficou destruído. Ver Êxo. 9.22. Ver os comentários bíblicos a respeito, em Sal. 105.32,33.

10.16

Então se apressou Faraó. Algumas pessoas nunca aprendem. Sócrates pensava que, se um homem *realmente soubesse* o que é melhor para ele, jamais agiria para prejuízo próprio. Assim, a educação seria uma parte importante da prática ética, pois precisaríamos de *educação* para fazer aquilo que é certo. Algumas vezes, isso funciona. Mas o Faraó era homem dotado de uma mente pervertida. Ele continuaria a agir contra seus próprios interesses. Ele só sabia fazer aquilo que o projetava, de cabeça, na autodestruição. Existe aquilo que se tem chamado de desvario do pecado. O Faraó só mudava de parecer o tempo bastante para aliviar a premência das situações em que se via. Mas logo retrocedia para suas antigas atitudes, como um alcoólatra que sempre volta à garrafa, sem importar quantas vezes tome a resolução de parar de beber.

"Ele (Faraó) cada vez mais desistia de depender de sua posição de divindade, em tempos de tribulação. Nessas ocasiões, procurava fazer uso de Deus para que este lhe fizesse voltar a tempos melhores" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Pequei contra o Senhor. . . e contra vós outros. Ele já havia admitido algo parecido no caso da saraivada (Êxo. 9.27). Mas o arrependimento só é genuíno quando seguido por reparação, sempre que isso é possível. O Faraó poderia ter feito reparação permitindo que os escravos israelitas saíssem do Egito para a liberdade. Ver no *Dicionário* o verbete *Reparação (Restituição)*. Pecamos voluntariamente, mas, então, não queremos sofrer conseqüências negativas. Pecamos, mas não queremos fazer reparação. Esses são fatores da psique do homem natural ou mesmo do crente carnal. Faraó reconheceu que seu pecado era contra Yahweh *e* contra o povo de Israel. A maioria dos pecados é cometida contra Deus e contra nossos semelhantes.

O Faraó talvez tenha sentido remorso e certo senso momentâneo de remorso, mas logo em seguida descobrimos que o que o tinha assaltado e que o inspirara a agir era o *medo*.

10.17

Peço-vos que me perdoeis o pecado. O orgulhoso monarca chegou a pedir perdão de Deus e dos homens, e, *naquele* momento, talvez tivesse sido sincero. Mas não basta alguém ser sincero *por um breve* momento. O arrependimento real requer que se faça reparação *e* que se mude de ação. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Arrependimento*.

Esta vez ainda. Quão humana foi essa atitude do Faraó. Por quantas vezes todos nós, atribulados, buscamos a graça e o favor especial de Deus, embora totalmente desmerecidos, "esta vez ainda", como se nunca mais fizéssemos a mesma coisa tola. É conforme minha mãe costumava dizer: "Algumas vezes, podemos barganhar com Deus; de outras vezes, não". Assim sendo, o Faraó tentou barganhar, e Deus cooperou com ele. A terrível praga de gafanhotos terminou tão de súbito quanto havia começado, tangida por um poderoso vento ocidental, que levou os insetos para o mar Vermelho (vs. 19). Uma resposta tão pronta, dada à petição do Faraó, deveria tê-lo transformado. Mas ele não era do tipo de homem que se deixasse transformar pela bondade de Deus.

"Que caso estranho! Que tremenda série de abrandamentos e endurecimentos, de pecado e de arrependimento!" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.18,19

As orações intercessórias de Moisés mostravam-se eficazes de cada vez. Ver também as notas sobre Êxo. 8.28 e 9.33. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Oração* e *Intercessão*.

O Senhor fez soprar. Um fortíssimo vento ocidental arrastou os gafanhotos para fora do Egito. Deus é capaz e está disposto a reverter nosso infortúnio, quando Lhe rogamos que o faça. A oração do justo mostra-se *eficaz* (Tia. 5.16). O mar Vermelho foi o cemitério dos gafanhotos. Sempre poderá haver um mar Vermelho que atue em nosso socorro, quando nosso coração busca honestamente a Deus. "Quando Israel escapou da servidão, jazia diante deles um mar. O Senhor estendeu Sua poderosa mão e fez afastar-se lateralmente o mar", diz um antigo hino. Assim também, algum tempo depois desta oitava praga, o mar Vermelho serviu de última *barreira* que se interpunha entre o povo de Israel e sua libertação final. O poder divino estava presente para remover aquela barreira. Um dos principais temas do Pentateuco é a *providência de Deus*.

Mar Vermelho. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado com esse nome. Plínio (*Hist. Nat.* 1.11 c. 29) alude a uma circunstância parecida, em que uma grande praga de gafanhotos terminou por meio de um vento incomum. Jerônimo fornece informação similar sobre uma praga dessas, na Palestina (*Comentário* sobre Joel 2.20).

10.20

O Senhor, porém, endureceu o coração de Faraó. Os vários textos que falam sobre o coração duro do Faraó olham a questão por dois ângulos: algumas passagens dizem que o próprio Faraó endureceu seu coração; mas outras

revelam que Yahweh produziu esse endurecimento. Mas ainda outros trechos põem o verbo na voz passiva, sem mencionar nenhum agência específica: o coração do Faraó "se endureceu". Dei notas completas sobre isso e sobre as questões teológicas envolvidas na questão, em Êxo. 4.21. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos explicar *como* isso possa suceder. Nas notas sobre Êxo. 4.21 refiro-me a diversos artigos que abordam esse problema.

Nona Praga: As Trevas (10.21-29)

O Faraó continuava colhendo o que havia semeado. Ver no *Dicionário* os verbetes *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Pragas do Egito*.

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *E* e *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Essa nona praga ocorreu mediante o uso da vara de poder (ver as notas em Êxo. 4.2), como sucedeu no caso das pragas de números um, dois, três, sete e oito. Não houve aviso prévio, como na terceira e na sexta praga, e somente três pragas ocorreram sem informação anterior, exigindo arrependimento. Ver as notas em Êxo. 7.14 quanto a um gráfico que dá informações gerais sobre as pragas como um todo, incluindo elementos repetidos. Conforme anoto no vs. 23, as pragas desfaziam do *panteão egípcio*.

O pecado e a obstinação dos homens são dignos de ser observados. Somente o poder de Deus pode reverter o ciclo do permitido e do proibido, do sim e do não, que embala o coração instável dos homens. Ver o sétimo capítulo de Romanos quanto à exposição de Paulo sobre esse assunto conturbador.

Os críticos vêem aqui apenas um acontecimento natural, posto que exagerado, como todas as demais pragas do Egito. Todas elas, porém, envolveram algo insondável, que ultrapassava a imaginação dos homens.

10.21

Esta praga não foi avisada com antecedência, e a vara de poder foi usada, conforme mencionamos e comentamos na introdução a este parágrafo. Vários eruditos vêem aqui algum acontecimento natural. Consideremos os cinco pontos abaixo:

1. A praga pode ter sido um acontecimento *local*, devido a uma tremenda tempestade de poeira, tão intensa que obscureceu o sol por muito tempo. O vento quente, chamado *khamsin*, que sopra da banda do deserto, especialmente durante a primavera (março a maio), algumas vezes traz tanta areia e pó que o ar se escurece e a respiração toma-se difícil.
2. Outros vêem aqui uma ocorrência *cósmica*. Algumas vezes, a terra passa por uma espécie de poeira proveniente do espaço sideral, de tal modo que acontecem períodos imprevisíveis de trevas. Visto que a órbita da terra leva o nosso planeta pelo espaço, as coisas acabam voltando ao normal. Dou um artigo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* intitulado *Escuridão Sobrenatural*, a qual oferece algumas explicações possíveis.
3. Alguns estudiosos pensam que é inútil tentar encontrar explicações naturais, locais ou cósmicas, deixando tudo no terreno do que é *miraculoso*, misterioso.
4. Podemos eliminar com segurança algum mero eclipse do sol, visto que isso não demora muito, e que os egípcios, habilidosos na astrologia, não somente saberiam de sua ocorrência com grande antecedência, como também disporiam de meios matemáticos para explicar o fenômeno.
5. As interpretações *metafóricas* também falham. Não houve apenas trevas espirituais (Sabedoria de Salomão 17.1 — 18.4), mas também alguma espécie de trevas físicas, as quais, naturalmente, tiveram lições espirituais a ensinar.

O paralelo neotestamentário é Lucas 23.44. No *Novo Testamento Interpretado* ofereço comentários detalhados nessa referência bíblica.

Trevas que se possam apalpar. Metaforicamente, trevas tão absolutas que podiam ser *sentidas*. Ou então, literalmente, as trevas eram produzidas por *poeira e areia*, algo tangível.

10.22

Por três dias. Curiosamente, as trevas que envolveram a crucificação de Jesus duraram *três horas*. Ver no vs. 21 quanto a *cinco* possíveis interpretações sobre essas trevas. Cf. o quinto juízo das taças, em Apocalipse 16.10.

10.23

Os egípcios não podiam ver, mas podiam *tatear* (vs. 21), talvez indicando algum agente físico que causava as trevas, como a *areia* ou a *poeira*. Contra isso, porém, temos o fato de que não há nenhuma descrição acerca de tais agentes físicos. Se essas trevas fossem resultantes de outra grande *tempestade* (como a saraivada), é provável que o autor sagrado teria explicado isso.

Na terra de Gósen, onde habitava Israel, o sol brilhava. Portanto, uma vez mais, de nada adiantam explicações naturais de nenhum tipo. Uma grande tempestade de poeira teria poupado a terra de Gósen? Nenhum eclipse solar poderia afetar o Egito inteiro, menos a terra de Gósen. Cf. Êxo. 8.22,23; 9.4,26; 12.12,13.

O trecho do Salmo 78.49 sugere o poder de anjos destrutivos envolvidos nesta nona praga, a menos que essa referência diga respeito à morte dos primogênitos do Egito, a décima praga.

O panteão egípcio foi novamente atacado. O deus-sol, *Rá*, mostrou-se impotente contra as trevas; *Horus*, o deus associado ao sol, não conseguiu resistir. *Nut*, a deusa do céu, não podia fazer o sol iluminar o Egito.

10.24

Temos aqui a quarta *transigência* proposta pelo Faraó. Ver as notas completas sobre a questão das *propostas* ou *condições* do Faraó, para permitir a saída de Israel do Egito, em Êxo. 10.11. Ela dizia: "Vão, mas deixem no Egito os seus bens". Esses bens incluíam os meios para oferecer sacrifícios, os animais. O gado deixado para trás ajudaria os egípcios a se ressarcir dos prejuízos sofridos, especialmente dos efeitos das pragas quinta e sexta (morte do gado e grande saraivada). Esses juízos divinos, porém, não tinham por finalidade ser aliviados. O Faraó e sua gente estavam recebendo o que mereciam. Alguns estudiosos pensam que outro propósito do Faraó era forçar Israel a voltar voluntariamente ao Egito, visto que não poderiam ir muito longe (sendo em número de cerca de três milhões de pessoas), sem o *sustento* representado pelos animais. Se o povo de Israel tomasse a decisão de voltar, então o *Faraó* não poderia ser acusado, além do que, presumivelmente, não haveria mais pragas.

As *crianças* dos israelitas também poderiam ir, algo que o Faraó não quis permitir, de acordo com sua terceira proposta de transigência (ver Êxo. 10.11). As referências às quatro transigências são estas: Êxo. 8.25,28; 10.11 e aqui.

10.25-26

Nem uma unha ficará. Tudo aquilo pelo que os israelitas tinham trabalhado tanto por adquirir, durante todas as gerações em que tinham residido na terra de Gósen, deveria ser levado por eles para fora do Egito. Moisés deu a razão *religiosa* para tanto. Durante sua peregrinação terrestre, a caminho da Terra Prometida, eles teriam a necessidade de fazer sacrifícios de animais. Coisa alguma é dita acerca da necessidade de se alimentarem do gado; mas isso também era importante, como é claro. Portanto, havia razões tanto materiais quanto espirituais para eles *nada* deixarem no Egito. Sempre haverá bons motivos para nada deixarmos no Egito, e em favor de cortarmos ligações com o mundanismo e a transigência. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*,,, os artigos *Mundanismo* e *Separação do Crente*.

As Estatísticas sobre Israel. O trecho de Números 1.46 mostra que os varões israelitas capazes de pegar em armas eram um pouco mais de seiscentos mil. Isso significa que todo o povo de Israel, com as mulheres e as crianças, deve ter sido de cerca de três milhões, na época do êxodo. Alimentar tão grande número de pessoas era um problema dos maiores, e quarenta anos de vagueação pelo deserto provocaram muitos momentos críticos. A presença dos animais era vital para a sobrevivência deles.

10.27

Yahweh, uma vez mais, endureceu o coração do Faraó. Algumas vezes, a Bíblia diz que o Faraó endureceu o seu próprio coração; de outras vezes, é dito que isso foi feito pelo Faraó; e ainda de outras vezes, é usada a voz passiva, "o coração de Faraó se endureceu", sem nenhuma elaboração específica sobre *como* isso sucedeu. Dou notas completas sobre a questão, incluindo referências àqueles artigos, no *Dicionário*, que abordam os problemas teológicos envolvidos, em Êxo. 4.21.

Entendemos, através do texto, que o Faraó *teria deixado* Israel deixar o Egito nessa ocasião, *se* Yahweh não o tivesse impedido. A décima praga já havia sido predestinada por decreto divino. Havia nela um propósito divino a cumprir. Tratava-se de um daqueles eventos *necessários*. A maioria dos acontecimentos não é necessária; ocasionalmente, porém, ocorre algo inevitável. Na vida das pessoas talvez ocorra um acontecimento necessário por ano, ou mesmo a cada dois ou três anos. Ao indivíduo cabe manipular o resto com seu livre-arbítrio, de acordo com os ditames de seu destino e de seu bem-estar espiritual. É possível que pessoas altamente espirituais escolham seus próprios eventos necessários, ao passo que a pessoas menos espirituais esses eventos sejam ditados.

10.28,29

Aversão Mútua. Moisés resolveu que nunca mais falaria com o Faraó, embora isso tenha acontecido uma vez mais. Ver Êxo. 12.31 que descreve mais uma confrontação entre os dois. Por sua parte, o Faraó resolveu nunca mais ver Moisés, dizendo que *se* o visse de novo seria apenas para ordenar a seus auxiliares que o matassem à espada. Em vão o Faraó tinha tentado apresentar suas

quatro transigências. Moisés recusara-se a aceitar *quaisquer* condições ou aceitar quaisquer sugestões. A situação tinha-se desintegrado do modo mais absoluto. Um mal final começava agora a delinear-se. Haveria uma vasta destruição de vidas humanas.

"Mediante esse discurso, parece que Moisés não teve medo do Faraó e suas ameaças, mas antes, chegou a fustigá-lo. Foi a essa destemerosa disposição de Moisés, nessa ocasião, que um escritor sagrado referiu-se, em Hebreus 11.27.

Os *harmonistas* procuram eliminar a suposta contradição entre o vs. 28 deste capítulo e o trecho de Êxo. 12.31, dizendo que o Faraó e Moisés *nunca mais se encontraram,* mas que o Faraó enviou mensageiros para transmitirem a sua mensagem a Moisés. Contudo, o ponto não é importante.

Capítulo Onze

Décima Praga: A Morte dos Primogênitos é Anunciada (11.1-10)

O Faraó teria de colher o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* os artigos *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Pragas do Egito.*

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes informativas *E, J* e *P(S).* Ver no *Dicionário* o verbete *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

"A praga final foi uma obra de Deus do começo ao fim. Moisés precisava apenas instruir Israel de que o fim estava próximo e dizer-lhes o que deveriam fazer. Em total derrota, o Faraó realmente aprovaria a partida de Israel e buscaria sua expulsão do Egito" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Foi dado ao *aviso* a Faraó (Êxo. 11.4 ss.), tal como nas pragas de números um, dois, quatro, cinco, sete e oito. Um terrível mal estava iminente. A morte dos primogênitos seria obra do anjo da morte, um agente de Yahweh (Êxo. 12.12,23,29). Ver menções ao anjo da morte, o *destruidor,* em II Sam. 24.16; Isa. 37.36. Ver também Heb. 11.28. Ver as notas em Êxo. 7.14 quanto a um gráfico que dá os principais elementos das pragas, incluindo os que se repetem do começo ao fim.

"Por causa dos três ciclos de três pragas cada, o Egito jazia arruinado. Deus havia demonstrado seu grande poder, mostrando quão impotentes eram os deuses egípcios. E ao devastar economicamente a nação, de forma tão total, Deus havia injetado temor no coração da população. Ele tinha feito os egípcios anelar pela remoção dos israelitas, embora o Faraó ainda tivesse de ser mais humilhado do que já havia sido. A décima praga traria tremenda consternação a *todas* as famílias do Egito, por causa de seus filhos primogênitos mortos. Essa décima praga resultaria na liberação do povo de Deus" (John D. Hannah, *in loc.*).

Abusando do Panteão Egípcio. O deus egípcio da reprodução, *Min,* não teve poder para impedir a morte do que, supostamente, lhe tinha sido entregue. *Heget,* deusa que ajudava as mulheres na hora do parto, perderia seu fruto. *Ísis,* deusa da proteção às crianças, falharia totalmente em seu alegado ofício. Até mesmo o filho primogênito do Faraó, que os egípcios tinham como uma *divindade,* não resistiria ao anjo *destruidor.*

11.1

O Grito de Guerra de Israel. Desde o começo esse grito tinha sido "Deixa ir o meu povo" (ver as referências nas notas sobre Êxo. 9.13). Yahweh, o Deus dos hebreus, produziria esse evento há muito antecipado. Quanto a esse nome divino, ver também as notas sobre Êxo. 9.13. Agora, porém, o verbo "deixar" transmuta-se no verbo "expulsar". O Faraó havia oferecido *quatro* transigências (ver as notas a respeito em Êxo. 10.11). Mas agora, *incondicionalmente,* Israel partiria do Egito, e isso por *instância* do próprio Faraó. Assim sendo, a obra de Yahweh seria completa. Ver sobre esse nome divino no *Dicionário.* Ver também o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de.*

O Faraó seria forçado a libertar os escravos, e isso sem nenhuma reserva de qualquer sorte. É triste quando as pessoas são forçadas a agir direito, porque só assim podem escapar ao devido castigo, por motivos de auto-ajuda e autopromoção.

". . .sem nenhuma exceção ou limitação eles sairiam, eles mesmos, suas esposas, seus filhos, seus rebanhos. Levariam tudo quanto era deles, sem nenhuma restrição e sem terem de observar nenhum tipo de condição. . . a soltura deles era ilimitada e incondicional" (John Gill, *in loc.*).

11.2

O Egito é Despojado. Alguns estudiosos sorriem diante do verbo "peça", ("fala"), usado aqui. Eles preferem pensar que Israel *despojou* um Egito aterrorizado, ou seja, os israelitas saquearam à força o país. Seja como for, essa palavra nada significa, porquanto não havia a menor intenção de fazer *devolução.* Algumas traduções dizem aqui "peça emprestado", o que já não representa uma tradução tão boa, pois a outra tradução está mais de acordo com o original hebraico. O terceiro versículo deste capítulo fala sobre o *favor* que Deus demonstrou para com Israel naqueles momentos críticos, quando estavam sendo recolhidos suprimentos para o êxodo. Seja como for, estava ocorrendo uma *reparação.* O povo de Israel havia sido explorado por várias gerações. Tudo quanto agora estavam levando, mereciam-no, podemos estar certos disso. Ver no *Dicionário* o artigo *Reparação (Restituição).* A reparação faz parte necessária do arrependimento, sempre que isso é possível.

Há muito havia sido prometido que Israel não sairia do Egito de *mãos vazias* (Êxo. 3.21,22). Seria feita reparação por ordem de Yahweh. Diz claramente o livro de Jubileus (48.18), que Israel *saqueou* o Egito. Sabedoria de Salomão (10.17) refere-se à questão como uma *recompensa* que Israel obteve por seu *trabalho escravo.*

As Coisas Pedidas. Essas coisas foram jóias, prata e ouro, ao que as versões adicionaram vestes, vasos e qualquer coisa valiosa que pudesse ser negociada com os habitantes do deserto.

11.3

Favor da parte dos egípcios. Deus estava por trás da provisão. E isso era o bastante. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.* Esse é um dos principais temas do Pentateuco.

O imenso prestígio de Moisés ajudou. Além disso, os egípcios deveriam estar aterrorizados quando esse "pedido" teve lugar. "Os milagres que o Faraó e seus servos já tinham visto, sem dúvida, tinham-nos impressionado com a sabedoria e o poder de Moisés. Caso este não parecesse, na opinião deles, um homem extraordinário, a quem seria muito perigoso molestar, naturalmente podemos concluir que desde há muito a violência lhe teria sobrevindo" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8).

Aos olhos dos oficiais de Faraó, e. . . do povo. Moisés era universalmente conhecido no Egito, um homem temido e respeitado. O povo admirava-o. Para eles, Moisés tinha-se tornado um *deus,* tal como o era para Faraó (Êxo. 7.1). Isso facilitou a provisão que cada israelita recolheu presentes da parte de seus vizinhos egípcios. Deus sempre facilita a nossa provisão, e ela é sempre suficiente e, com freqüência, *abundante.*

11.4

O Senhor. *Yahweh* tinha-o informado. Cerca da meia-noite, o anjo da morte, o destruidor (Êxo. 12.23), iniciaria a sua missão destrutiva. Todas as pragas anteriores seriam como nada em comparação com a décima. Israel seria poupado (vs. 7); seus primogênitos nada sofreriam.

O Faraó tinha, no Egito, a reputação de ser um deus, uma encarnação de *Rá,* o deus-sol. A mitologia egípcia contava a história de como, a cada noite, o deus-sol precisava lutar e vencer os poderes das trevas, sob a forma do deus-serpente, *Apófis.* A cada noite era obtida a vitória. Mas *naquela* noite, à meia-noite, o poder das trevas, Rá, seria derrotado, e isso do ponto de vista dos egípcios.

Os versículos primeiro a terceiro deste capítulo formam um parêntese. O quarto versículo dá continuação ao diálogo de Êxodo 10.29. O Faraó tinha sido advertido pela última vez. Moisés disse ao Faraó que os dois nunca mais se veriam face a face. Antes, o Faraó teria de enfrentar Yahweh, sob a forma de seu anjo vingador. E o Faraó em breve haveria de querer ver Moisés novamente (Êxo. 12.31).

11.5

Nenhum filho primogênito, humano ou animal, seria poupado. Agora a ameaça era de uma destruição deveras devastadora. "A morte dos primogênitos simboliza a derrota imposta por Deus ao Egito, mediante o triunfo sobre os seus deuses. De acordo com o pensamento dos hebreus, os primogênitos representavam o todo. O domínio sobre o Egito, como uma entidade independente, chegara ao fim. Seus deuses estavam mortos" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Os Animais aos quais os Egípcios Adoravam Também Estavam Mortos. Visto que os primogênitos eram do sexo *masculino,* as meninas escaparam completamente. Mas o orgulho e as esperanças de cada família giravam em torno do amado *filho* primogênito. Ele representava a continuação da linhagem, o transmissor da herança. Portanto, nenhuma aflição pior poderia ser imaginada do que a morte em massa dos filhos primogênitos.

Nenhuma família egípcia escaparia à calamidade que atingiria em cheio o deus-sol do Faraó, desde a humilde criada que, subitamente, perderia seu querido primeiro filho, até o próprio rei, desde o menor até o maior; desde o mais pobre até o mais rico; desde os culpados até os inocentes.

11.6

Haverá grande clamor. Deve ter sido algo como os clamores dos povos por ocasião do retorno de Cristo, quando os homens clamarão aos montes e às rochas que caiam sobre eles para escondê-los. Esses clamarão e rogarão, mas será muito tarde. Será o clamor dos idólatras. Na décima praga do Egito, pois, Yahweh obteve uma espécie de vitória escatológica, pois a ameaça egípcia terminou subitamente, e a nação de Israel viu-se libertada de um momento para outro, tal como acontece à alma individual que é liberada da condenação do pecado mediante o poder e a graça de Deus.

As lamúrias em voz alta dos lamentadores impressionam aqueles que visitam os países do Oriente Próximo e Médio, pois nada pode comparar-se a isso, no mundo ocidental. Heródoto, ao descrever as lamentações dos soldados persas, por ocasião dos funerais de Masistius, afirmou: "A Beócia inteira ressoava com o clamor deles" (*Hist.* ix.24). A arqueologia tem desenterrado monumentos egípcios que retratam cenas de lamentação pelos mortos. Ali vemos pessoas a arrancar os cabelos, a se sujar de poeira e a bater sobre o peito.

As Calamidades e as Pessoas. Uma das mais difíceis questões que a teologia e a filosofia têm tido de enfrentar é o problema do sofrimento. Por que os homens sofrem? Há aqueles casos claros em que o pecado é a causa do castigo divino. Mas há casos que não são assim tão transparentes. E que dizer sobre os desequilíbrios da própria natureza, quando muitas pessoas inocentes ficam aleijadas ou são mortas? A resposta do voluntarianismo — "Deus assim quis; Deus é soberano" — não é suficiente. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Voluntarismo* e *Problema do Mal.*

11.7

Nem ainda um cão rosnará. Se em Israel nem esse tipo de ameaça manifestar-se-ia, quanto menos alguma ameaça maior. Provavelmente temos aí um dito popular, que o autor sacro incorporou neste ponto à narrativa. O trecho de Josué 10.21 tem algo semelhante, ". . . não havendo ninguém que movesse a sua língua contra os filhos de Israel". Em Israel, pois, haveria um pacífico silêncio. Os cães ladram com tanta facilidade, diante do menor ruído. Os cães latem à noite sem motivo. Mas em Israel a paz seria tão completa que nem mesmo seriam ouvidos os cães a ladrar durante a noite, para perturbar as pessoas. Talvez haja aqui alusão ao fenômeno bem conhecido de que, de alguma maneira, os cães pressentem a aproximação da morte, especialmente de seus donos, reagindo aqueles animais com seus latidos e ganidos. No Egito, pois, os cães devem ter passado uma noite intranqüila, mas não na terra de Gósen, onde estava Israel. Todavia, a referência aqui é antes à ameaça de cães, que ladram e rosnam, mas não passam disso. Literalmente, diz o original hebraico, "aguçará a língua", ou seja, ameaçará. *Anúbis* era o deus-cão do Egito. Nenhuma divindade, nem mesmo essa, poderia fazer mal algum a Israel. É possível que, dessa maneira, o autor tenha feito uma referência indireta a essa questão.

Havia mais de *três milhões* de israelitas por ocasião do êxodo. Ver os comentários a respeito nas notas sobre Êxo. 10.25. Mas apesar desse grande número de pessoas, que a qualquer noite poderia sofrer as mais diversas aflições, *naquela* noite, quando morreriam os filhos primogênitos dos egípcios, haveria a maior tranqüilidade na terra de Gósen, ocupada pelos filhos de Israel.

O Senhor fez distinção. Foi feita uma divisão. Tal como em *todas* as outras pragas, nenhum dano ou malefício sobreveio ao povo de Israel. Ver Êxo. 8.22,23 quanto a essa expressão. Ver também as notas em Êxo. 9.24 e 26, onde também lemos que Israel foi poupado diante das pragas.

11.8

E se inclinarão perante mim. Seria a humilhação final. O Faraó tinha recebido tantas oportunidades de mudar, mas nunca o fizera. Portanto, acendeu-se a ira de Moisés, ou, conforme diz o hebraico, "aqueceu-se". O Faraó e todos os seus oficiais, que tão estupidamente tinham compartilhado de sua dureza de coração (Êxo. 10.1), agora compartilhariam da humilhação, diante da morte de todos os primogênitos do Egito. Cf. a indignação dos apóstolos diante da dureza das pessoas de seus dias (Mat. 10.14; Luc. 9.5). "A vida de Moisés tinha sido ameaçada; havia-lhe sido ignominiosamente negado o seu direito de ter uma audiência com o rei acerca do futuro (10.28). Sob tais circunstâncias, tinha razões para irar-se" (Ellicott, *in loc.*). Ver Êxo. 12.31-33 quanto ao cumprimento da predição que consta neste versículo.

11.9

Por Que Se Endurecia o Coração do Faraó? Algo de sobrenatural estava acontecendo. O Faraó tornara-se incapaz de agir corretamente. Ele tinha pervertido sua própria vontade; e, judicialmente, a vontade divina lhe tinha endurecido o coração. Tudo isso havia acontecido, a fim de que as "maravilhas", os sinais miraculosos (as pragas) redundassem na exaltação de Yahweh (Êxo. 7.5), e Israel fosse liberado incondicionalmente, após séculos de servidão. As maravilhas, pois, precisaram ser *multiplicadas* (todas as dez pragas tiveram de seguir seu curso) e deveria haver ainda o livramento miraculoso na travessia do mar Vermelho, a fim de que os efeitos desejados tivessem um cumprimento absoluto. O trecho de Êxo. 7.3 dá-nos a mesma mensagem acerca dessa multiplicidade de sinais miraculosos.

11.10

Os Cinco Fatores:

1. Tinha sido predito que os sinais miraculosos não teriam resultado imediato. Teria de passar-se algum tempo; era mister realizar certo propósito. Ver Êxo. 4.21.
2. As vontades divina e humana cooperaram a fim de que se produzisse um resultado negativo contra os egípcios, embora não saibamos dizer *como* isso sucedeu. Ver Êxo. 7.3.
3. Até este ponto, o relato bíblico nos contou nove desses sinais miraculosos, e agora faltava mais um. E, então, haveria o livramento miraculoso na travessia do mar Vermelho, com a destruição do exército do Faraó, ou seja, dois sinais miraculosos extras, intimamente ligados um ao outro.
4. Nesse longo processo de avisos e desobediências, o nome de Yahweh tornar-se-ia conhecido. E tudo redundaria em uma súbita e completa vitória (Êxo. 7.5).
5. O endurecimento do coração do Faraó prosseguiria até que o propósito divino tivesse cabal cumprimento. Ver as notas sobre essa questão em Êxo. 4.21, onde há referências a artigos existentes no *Dicionário*, que comentam sobre os problemas teológicos envolvidos.

"Os atos de Deus, por meio de sinais poderosos, atingiam agora o seu clímax. Agora Deus tomaria posse do povo de Israel" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Capítulo Doze

Yahweh Toma Posse de Israel (12.1 — 13-16)

A Instituição da Páscoa (12.1-28)

Artigos a Serem Consultados. Provi artigos detalhados sobre as três festividades mencionadas nesta seção. Ver no *Dicionário* os artigos *Páscoa; Pães Asmos* e *Primogênito*, que incluem a questão da dedicação especial. Ver as notas sobre Êxo. 13.2, quanto à própria instituição, onde há informações adicionais.

Os críticos atribuem os vss. 1-20 deste capítulo à fonte *P(S),* ao passo que os vss. 21-28 pertenceriam à fonte *J.* Mas o vs. 29 voltaria a pertencer a *P(S),* e o vs. 31, tornaria à fonte *J.* Logo, teríamos aqui uma grande mescla de material, uma compilação feita por um autor compilador. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

Antes de reiniciar o relato concernente à última praga, a décima — a morte dos primogênitos do Egito —, o autor tomou tempo para introduzir uma série de regras atinentes a *três* das observâncias sócio-cúlticas do povo de Israel: a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos. É possível que esses importantes ritos e práticas antecedessem o êxodo, tendo sofrido todos eles várias modificações e elaborações em tempos posteriores. Todos os três eventos vieram a fazer parte das comemorações do êxodo de Israel do Egito, quando foram libertados de sua servidão já duas vezes centenária. Todos esses eventos contribuíam para proclamar a lealdade de Israel a Yahweh, bem como o avanço do Yahwismo como uma nova fé religiosa.

A Alta Crítica supõe que as três instituições tiveram histórias distintas e, originalmente, elas eram bem diferentes da forma que, finalmente, adquiriram. E então, por ocasião do *êxodo,* essas três instituições foram unificadas. Posteriormente ainda, tornaram-se festividades em honra a Yahweh, que serviam para consolidar Israel em sua fé religiosa.

Aqui e em Deuteronômio 15.19—16.8, essas três festas aparecem como um bloco único; mas é provável que isso se deva a um desenvolvimento da história posterior, que agora não mais podemos deslindar. Seja como for, do ângulo da Bíblia, essas três festas formavam um todo, embora cada qual tivesse sua importância para destacar os feitos de Deus em prol de Israel, apontando para o significado do grande livramento de Israel por atos divinos. Ver as notas sobre Êxo. 12.43 quanto à *páscoa* como um símbolo de Cristo.

12.1,2

Disse o Senhor. A iluminação divina é afirmada acerca da instituição da páscoa. Isso nos ensina, posto que indiretamente, o *teísmo.* Deus comunica-se com os homens e faz intervenções na história humana. O *deísmo,* por sua parte, ensina que

talvez tenha havido um Deus criador (mas que pode ter sido uma força cósmica ou poder criador, pessoal ou impessoal), que logo em seguida abandonou a sua criação e a deixou aos cuidados das leis naturais. O *teísmo*, porém, ensina que houve um poder criativo (sem dúvida, pessoal), que jamais abandonou a Sua criação, mas continua a guiá-la, impondo justiça, mediante a recompensa aos justos e o castigo dos injustos. Ver sobre ambos esses termos no *Dicionário*. A Bíblia é uma obra eminentemente teística. Parte do teísmo consiste na idéia da revelação (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Revelação-Inspiração*). Deus pode revelar-se por meio de experiências místicas externas e poderosas (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*). Ou, então, o Senhor pode utilizar-se de sonhos, visões etc. Ou Deus pode mesmo enviar-nos o Seu Anjo. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho. . ." (Heb. 1.1,2). Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Profecia, Profetas e o Dom de Profecia; Sonhos; Visão (Visões)* e *Anjo*.

O primeiro mês do ano. Haveria um novo começo. O costume babilônico era começar o ano pelo que é agora o nosso outono. Lemos em Êxodo 34.22 que Israel começaria seu ano no que, no outro hemisfério da terra, era o outono (nossa primavera). Portanto, Israel agora alinhava-se ao costume babilônico, posto que por motivos independentes. A páscoa, que fazia Israel lembrar-se de sua libertação da servidão egípcia, assinalaria uma Nova Era, portanto a páscoa marcava o *começo* do ano. Ver o artigo detalhado intitulado *Calendário Judaico (Bíblico)*, como um dos artigos gerais na introdução a este comentário, vol. I, seção sétima.

"*Este mês* refere-se a Nisã (março-abril), o qual, no calendário eclesiástico pós-exílico, marcava o começo dos meses (ver Lev. 23.5,23-25 e as notas ali). De acordo com o calendário agrícola mais antigo, o ano novo começava no outono (Êxo. 22; 23.16; 34.22)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Os acontecimentos aqui registrados ocorreram no sétimo mês do ano civil, que começava em setembro-outubro. Mas o ano religioso passou a *começar* nesse tempo. Dotado de um novo calendário, o povo de Israel recebia uma nova identidade, como o povo favorecido por Deus, a caminho de volta à Terra Prometida. Dessa maneira teria cumprimento certo aspecto do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), porquanto Israel teria um território pátrio.

"Doravante, Israel teria dois anos, um civil e outro sagrado (Josefo, *Antiq. Jud.* i.3, par. 3). O ano civil começava no mês de Tisri, no outono, ao encerrar-se a colheita; e o ano sagrado começava no mês de Abibe (mais tarde chamado Nisã), seis meses antes" (Ellicott, *in loc.*).

12.3

Congregação de Israel. Ver as notas sobre Êxo. 16.1.

Aos dez deste mês. Dia da instituição e observância da páscoa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Páscoa* quanto a completos detalhes sobre essa festa religiosa, em sua história e significado. A páscoa era uma observância de cada família, e o cordeiro pascal era a figura central. No livro de Deuteronômio o caráter doméstico é substituído por um feriado religioso nacional. Finalmente, tornou-se um dos sacrifícios efetuados no templo. Ver Eze. 45.21-25; Lev. 23.5; Esd. 6.19,20; II Crô. 30; 35.1-19; Jubileus 49.

As orientações aqui dadas, a escolha do cordeiro no décimo dia do primeiro mês etc., de acordo com a *Mishna* (ver a respeito no *Dicionário*), aplicavam-se somente ao rito original, o qual sofreu modificações em tempos posteriores.

Um cordeiro. No hebraico, *seh*, filhote da ovelha ou da cabra. Ambos os filhotes eram usados durante a páscoa, mas acabou prevalecendo, por costume, o cordeiro, de acordo com uma antiga tradição. Quanto ao tipo envolvido, ver o artigo intitulado *Cordeiro de Deus*.

Segundo a casa dos pais. A nação de Israel estava organizada por famílias, clãs, tribos e príncipes. Essa observância era importante para as famílias, e, então, para a nação, em todas as suas expressões. Um cordeiro era selecionado para cada família, a menos que esta fosse muito pequena, quando então duas famílias podiam reunir-se para celebrar juntas a páscoa. Estavam envolvidas razões econômicas (ver o vs. 4).

12.4

Compartilhando a Páscoa. Sacrificar um cordeiro era um evento econômico avantajado. Uma família ou casa pequena podia compartilhar um cordeiro com outra família. Josefo diz-nos que dez pessoas era o número mínimo de uma casa (*Guerras*, vi.9.3). Esse número tornou-se o padrão para a organização de uma congregação ou minissinagoga judaica. Quando duas famílias se uniam para celebrar a festa, elas ficavam separadas no aposento, de costas uma para a outra, e assim era preservada a *unidade doméstica*, apesar da cooperação. Um cordeiro pascal precisava ser consumido inteiro, e uma família dificilmente poderia fazer isso em uma única refeição. Ver Êxo. 12.10. Nenhuma pessoa podia comer sozinha do cordeiro pascal. A festa não tinha valor no caso de uma pessoa isolada. Era uma festa doméstica, uma observância comunal. A espiritualidade sempre se manifesta melhor em um esforço grupal, o que não isenta o indivíduo de outras práticas e observâncias solitárias, mas o convida a participar do espírito de comunidade.

Por aí calculareis quantos bastem. Em outras palavras, cada cordeiro seria morto para um certo número de pessoas, as quais, juntas, deveriam observar a páscoa.

12.5

O cordeiro será sem defeito. Não poderia haver nenhum tipo de defeito físico, deformação, enfermidade etc. Como é óbvio, isso fala da impecabilidade do Cordeiro de Deus. Ver I Ped. 1.19 e João 1.29. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Impecabilidade de Jesus*. Ver no *Dicionário* o artigo *Páscoa, Cordeiro da*, quanto a completas descrições e simbolismos da páscoa.

Macho de um ano. Ou um animal que já tivesse completado seu primeiro ano de vida, ou que ainda estivesse dentro de seu primeiro ano de vida, sem ter ainda atingido essa idade. A Septuaginta fala em um ano completo, o que tem levado a maioria dos estudiosos a pensar em uma idade exata do animal a ser sacrificado. Mas há quem suponha que a prática original fosse abater um cordeiro ainda bem novo, talvez com apenas algumas semanas de nascido. Uma vida preciosa era sacrificada com esse propósito religioso. Todas as vidas preciosas pertencem a Deus Pai; e é Sua responsabilidade cuidar de todas elas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Um cordeiro ou um cabrito. Portanto, originalmente, qualquer desses filhotes podia ser usado, embora depois fosse tradicional servir um cordeiro. Os Targuns mostram que a preferência era dada ao cordeiro, embora também se usasse, ocasionalmente, um cabrito.

12.6

Décimo quarto dia. O animal a ser sacrificado era separado do rebanho no décimo dia do mês, e, então, guardado para o sacrifício por *quatro dias*. Os rabinos alistam *quatro* coisas supostamente derivadas dessa exigência, a qual acabou não sendo preservada senão no começo da história de Israel, a saber: 1. Originalmente, os cordeiros foram consumidos na terra de Gósen, na residência de cada família israelita. 2. O cordeiro era separado no décimo dia do primeiro mês. 3. O sangue do cordeiro abatido era usado para lambuzar ambas as ombreiras e a verga da porta de entrada de cada casa. 4. O cordeiro era comido às pressas.

Quando foi descontinuada a exigência acerca do décimo dia, naturalmente também foi eliminada a exigência referente ao décimo quarto dia. Talvez aquele período intermediário de quatro dias desse ao povo tempo amplo para que as pessoas se certificassem de que o animal não tinha defeito. *Essa* questão não podia ser tratada de modo superficial. Em tipo, de acordo com alguns intérpretes, isso mostra Cristo preservado em Sua infância, enquanto estava sendo preparado para Sua missão expiatória.

Todo o ajuntamento da congregação de Israel. No começo, isso indicava que cada família cumpriria o seu dever religioso. Todas as famílias, em seu conjunto, formavam a congregação de Israel. Posteriormente, passou a haver um sacrifício comunal, quando a questão se tornou parte da adoração no templo. Os chefes de família reuniam-se em um só lugar para efetuar o sacrifício comunal. Os críticos vêem aqui uma referência a esse costume posterior, e não à forma primitiva da observância. A Mishna entende que três grupos de famílias entravam sucessivamente no átrio do templo, para matar os cordeiros escolhidos. Nesse caso, para preservar a exigência original de que o sangue fosse aspergido, os chefes de família formavam uma espécie de brigada com baldes, apanhando o sangue dos animais sacrificados e, então, aplicando-o às ombreiras e às vergas das portas de cada casa. Ou, então, o sangue era derramado ao pé do altar, que assim veio a substituir, posteriormente, as portas de entradas das residências.

No crepúsculo da tarde. Era o horário do sacrifício. Logo, tratava-se de uma festa noturna, celebrada durante o tempo da lua cheia (vs. 8; ver também Isa. 30.29). De acordo com a ortodoxia judaica, o abate do animal ocorria ao aproximar-se a noite. A Mishna diz-nos que era apropriada qualquer hora depois do meio-dia para esse abate. Os samaritanos, os caraítas e os saduceus especificavam o crepúsculo, antes de as trevas absolutas cobrirem a terra. A prática original por certo era consumir o cordeiro pascal durante a noite. Josefo explanou que, em seus dias, o sacrifício tinha lugar entre a nona e a décima primeira horas (entre as 15 horas e as 17 horas, *Guerras*, 1.6, sec. 3). Jesus foi crucificado à hora nona (Mat. 26.17). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vigílias*.

12.7

Tomarão do sangue. Ou seja, aquela porção do sacrifício que, de acordo com a antiga crença, destinava-se ao poder divino. Ver Lev. 1.5. Originalmente, o sangue foi aplicado às ombreiras e à verga da porta de cada casa, ou seja, a parte mais santa e dedicada da casa (Lev. 21.6; Deu. 6.9). No dia da matança dos primogênitos no Egito, isso atuou como uma medida protetora contra o anjo destruidor, que, vendo o sangue aplicado, passaria por sobre a casa assim protegida. Ver os vss. 22 e 23 deste capítulo, como também Êxo. 4.24, e as notas expositivas ali existentes.

No *Dicionário* ver os artigos *Sangue* e *Expiação* (quanto a este seus pontos quinto e sexto). Ver também ali os verbetes *Expiação* e *Expiação pelo Sangue*. E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o artigo *Expiação pelo Sangue de Cristo*.

Alguns estudiosos supõem que o uso do sangue, conforme aparece na primeira páscoa, realmente antecedeu o evento, como um rito antigo que apelava aos poderes divinos em busca de proteção contra forças espirituais malignas, para que fosse preservada a paz na família. A *porta*, como entrada que dava acesso à casa, seria o lugar lógico onde era aplicado o sangue protetor.

Vida ou Morte. O mesmo anjo destruidor (o Anjo de Yahweh) que matou os primogênitos do Egito também foi o anjo protetor de Israel. Assim foi e assim será sempre: escolhemos como o Poder Divino haverá de relacionar-se conosco. No caso dos israelitas, o cordeiro era morto em lugar dos filhos primogênitos, o que aponta para o poder vicário do sacrifício de Cristo.

Talvez o sangue também simbolizasse um *laço* que congregava a família e a comunidade, tendo-se tornado assim um sinal do pacto que todos eles compartilhavam com Yahweh. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18.

Expiação. O sangue do cordeiro pascal fazia uma expiação simbólica pelos membros da família que se protegesse com o sangue aplicado à porta de sua casa. Isso os protegeu da ira divina que estava à solta naquela noite. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus*.

12.8

A carne assada no fogo. Alguns têm pensado que o rito, antes de fazer parte da páscoa, consistia em comer carne crua. Mas essa prática teria sido descontinuada por Israel. O trecho de Deuteronômio 16.7 parece sugerir que carne cozida era uma alternativa para a carne assada. A proibição ao consumo de sangue não permitia que a carne fosse comida crua. A Mishna diz que o cordeiro era assado mediante o uso de um espeto de madeira de romãzeira, que atravessava a carcaça. Não eram permitidos nem metais e nem grelhas. Em suas condições primitivas, no deserto, o povo de Israel podia assar o cordeiro com mais facilidade do que usar qualquer outra forma de cozimento. Posteriormente, porém, os cordeiros eram cortados em pedaços e cozidos (I Sam. 2.14,15).

Com pães asmos. Ver no *Dicionário* o verbete *Pães Asmos*. Ver as notas sobre o vs. 15 quanto ao rito com os pães asmos, a segunda comemoração vinculada à observância original. A terceira comemoração era a dedicação dos filhos primogênitos (Êxo. 13.2). Ver as notas de introdução à atual seção quanto a comentários sobre a combinação dos três eventos em um só, na páscoa original. No *Dicionário* há notas sobre cada um desses eventos.

"Originalmente, o *matzoth*, a festa dos pães asmos, era distinto da páscoa" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Porém, havia uma festa preliminar e primitiva dos pães asmos, em conjunção com a páscoa. Todos esses ritos desenvolveram-se em tempos posteriores, e todos eles, em alguma forma primitiva, provavelmente antecederam o evento do êxodo e da páscoa.

Ervas amargas. Ver no *Dicionário* o artigo *Ervas Amargas*. Essas ervas simbolizavam os sofrimentos de Israel antes de sua libertação, e, como tipo, apontavam para os sofrimentos de Cristo. A *Mishna* (*Pesahim*, 2.6) dá os ingredientes necessários, sobre os quais comentamos no artigo acima referido.

12.9

A carne do cordeiro não podia ser comida crua, por causa do sangue. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sangue* quanto a informações sobre esse ponto. Ver Gên. 9.4; Lev. 3.8; 7.26 quanto a essa proibição e suas razões. Intérpretes judeus chegaram a debater se o animal deveria ser assado com suas pernas dobradas dentro ou fora da carcaça. Isso parecia importante para eles, embora para nós seja algo inteiramente sem valor. Fato é que o cordeiro deveria ser assado sem que nenhum osso fosse quebrado (vs. 46; cf. com a experiência de Jesus, em João 19.32-36). As *entranhas* deveriam ser tiradas, limpadas cuidadosamente, e repostas em seu lugar.

"Justino Mártir disse que o animal era preparado para ser usado mediante o uso de dois espetos de madeira, um perpendicular e outro transverso, formando uma espécie de cruz, o que, sem dúvida, tipifica mui aptamente o Cristo crucificado" (Ellicott, *in loc.*).

O fato de que o cordeiro tinha de ser preparado e consumido *inteiro*, apontava para a obra divina completa e perfeita, o perfeito sacrifício expiatório de Cristo.

12.10

Coisa alguma podia restar do cordeiro pascal; mas, se porventura sobrasse, isso teria de ser consumido no fogo, sem sobrar nenhuma porção da carne. A razão disso é que coisa alguma do *sacrifício sagrado* podia ser consumido com propósitos profanos, como almoçar no dia seguinte. Ademais, ao escapar do Egito para o deserto, Israel não seria capaz de levar consigo almoços extras. Tinham de caminhar o mais desimpedidos que fosse possível. Talvez a totalidade do sacrifício (o seu uso por inteiro) tipificasse Cristo em Sua completa pessoa divino-humana, o qual realizou um sacrifício perfeito, uma expiação sem o mínimo defeito. Cristo cumpriu a Sua missão nos papéis de Profeta, Sacerdote e Rei, e isso de modo perfeito.

Ademais, era um sacrifício noturno que não permitia que nada sobrasse até a luz do dia seguinte.

A Jornada Próspera. Na literatura clássica há um paralelo geral deste versículo do livro de Êxodo. Catão referiu-se a um certo G. Albidius que queimou todos os vestígios de seu sacrifício por motivo da *propter viam*, ou seja, uma viagem apropriada e próspera, que ele faria no dia seguinte. Cumprir de modo absoluto o sacrifício era reputado como algo que agradava aos deuses, que então concederiam uma jornada próspera (*Macrobius*, Satum. lib. ii.2).

12.11

Comê-lo-eis à pressa. Essa foi a instrução final. Israel estava com pressa para deixar para trás a servidão. O cordeiro pascal era comido estando as pessoas em pé, de sandálias e as vestes cingidas. Esses eram sinais externos da pressa que eles sentiam, por ordem de Deus. Esse foi um dos quatro elementos que não prosseguiram na observância da páscoa em tempos posteriores. Ver as notas sobre Êxo. 12.6 quanto a isso. O cajado e as sandálias eram objetos que as pessoas usavam *fora* da casa. Assim, apesar de estarem ainda dentro de suas casas, eles estavam preparados para *sair* delas, prontos para a jornada. Comiam vestidos para viajar. Já tinham estado no Egito por tempo bastante. Um novo lar e um novo destino esperavam por eles.

As sandálias usualmente eram *tiradas* por ocasião das festividades e dias santos. Ver Gên. 18.4,5; Luc. 7.44; João 13.5. Na páscoa, porém, essa situação era revertida. O *cajado* era companhia constante dos viajantes, seu apoio e ajuda, e, ocasionalmente, sua defesa contra algum animal ou bandido que porventura atacassem. Ver Sal. 23.4.

A páscoa. A palavra hebraica equivalente deriva-se de um termo que significa "coxear" ou "saltar" (II Sam. 4.4; I Reis 18.21,26). Mas aponta para o fato que o anjo destruidor passou por cima das casas protegidas pelo sangue do cordeiro, aplicado às ombreiras e verga da porta (Êxo. 12.23). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Páscoa*. Ver o *Novo Testamento Interpretado* em I Cor. 5.7 quanto a "Cristo, nossa páscoa".

Temos aqui o primeiro uso da palavra *páscoa* na Bíblia. Alguns pensam que a palavra é de origem egípcia e significaria então "abrir as asas para proteger", mas a maioria dos estudiosos prefere o sentido do hebraico. Ver os vs. 24-27 quanto ao fato de que a páscoa foi fatal para os egípcios, mas serviu de livramento para o povo de Israel.

12.12

Este versículo prediz o que acabou acontecendo, segundo se vê nos vss. 24-27, dizendo-nos *por que* a festa foi chamada "páscoa", conforme já foi explicado nas notas sobre o vs. 11, e descrito com abundância de detalhes no verbete *Páscoa*, no *Dicionário*. As nove pragas anteriores tinham ferido gravemente o Egito, tinham-no virtualmente esmagado; mas coisa alguma comparou-se ao golpe desfechado pela décima praga. Yahweh, por meio de Seu Anjo Destruidor (vs. 23), passaria por cima do povo de Israel, poupando-lhe as vidas. Mas, ao passar pelo Egito, foram destruídas muitas vidas, a vida de todos os filhos primogênitos, dos seres humanos e dos animais. Foi uma passagem *pelo* Egito, com o fim de destruí-lo.

Os Deuses Egípcios Foram Julgados. Nas notas sobre Êxo. 7.14 dou um gráfico que ilustra quais deuses foram humilhados a cada praga. Este versículo contém uma declaração genérica. O panteão egípcio inteiro sofreria um golpe devastador por ocasião da décima praga, sem prejuízo, naturalmente, dos danos causados pelas pragas anteriores.

Min, o deus egípcio da reprodução, teria roubado o seu fruto; *Heqet*, deusa protetora das mulheres por ocasião do parto, perderia a guerra contra a destruição

dos primogênitos; *Ísis,* a deusa protetora das crianças, mostrar-se-ia impotente diante do anjo destruidor. O filho primogênito do Faraó, embora considerado um *deus,* morreria juntamente com todos os demais filhos primogênitos dos egípcios, por mais humildes que estes fossem.

Alguns autores, como Artapano (Apude Euseb. *Praepar. Evan.* 1.9 c.27 par. 436) associou abalos sísmicos ao êxodo, imaginando que os templos egípcios ruíram; e Justino Mártir pensava que Moisés ordenara o furto dos ídolos egípcios, tirando-os do Egito, o que somente aumentou a consternação dos idólatras. (*E. Trogo,* 1.36, c. 2).

Naquela noite. Essa décima praga, tal como as anteriores, ocorreu e terminou em um preciso momento, que fora previsto. Cf. o *amanhã* referido nas outras pragas: Êxo. 8.10,23,29; 9.5,6,18; 10.4. Está em pauta o décimo quinto dia do mês de Nisã, visto que o décimo quarto dia daquele mês assinalou o início da páscoa. Ver os vss. 3 e 6.

12.13

"Quando eu vir o sangue, passarei por vós". Assim também diz um antigo hino evangélico. O sangue atuou como um *sinal* para o anjo destruidor (o Anjo de Yahweh, vs. 23), para que não ferisse o primogênito *daquela* casa. "O sangue aspergido sobre as portas das casas dos israelitas serviu de proteção diante da morte, quando Deus destruiu os primogênitos. Do verbo hebraico *pasah* ("passar por cima"), vem o substantivo, a designação dessa festividade religiosa, a "páscoa" (no hebraico, *pesah*). Assim como o sangue de um animal era o meio de escapar da morte e ser livrado, assim também o sangue de Cristo é o meio de redenção dos crentes (Rom. 5.9; Efé. 1.7)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Não haverá entre vós praga destruidora. O povo de Israel foi poupado das pragas. Ver Êxo. 8.22,23; 9.4,26; 10.23.

12.14

Este dia vos será por memorial. Os israelitas nunca deveriam olvidar-se do dia de seu livramento nacional. Deus fez a distinção entre o crente e o incrédulo, e isso é refletido na festa da *páscoa,* sobre a qual ofereço um artigo detalhado no *Dicionário.* Ver também ali o artigo geral intitulado *Festas (Festividades) Judaicas.* A festa dos pães asmos (vss. 15-20) acabou associada à páscoa, como se fosse uma só celebração, junto com a dedicação dos primogênitos (Êxo. 13.2). Ver a introdução a esta seção (no vs. 1), quanto a uma descrição sobre essa união de festas. Outras *ordenanças permanentes* também faziam parte da legislação dos hebreus. Ver Êxo. 27.21; 28.43; 29.9; 30.21; Lev. 16.29,31,34; 23.14,21,41. A festa de sete dias dos pães asmos era uma espécie de continuação natural da páscoa, que era festa de um único dia, ainda que, provavelmente, fosse uma celebração separada. A páscoa dos hebreus prossegue, em um sentido espiritual, na Ceia do Senhor dos cristãos (I Cor. 5.7,8). Essa associação fez a festa *perpétua* dos hebreus tornar-se a *eterna* festa cristã.

Pães Asmos (12.15-20; 13.3-10)

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Pães Asmos.* Às informações dadas naquele artigo, adiciono aqui algumas poucas idéias. Ver a introdução às notas sobre Êxo. 12.1 quanto à associação das três comemorações: a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos.

Provavelmente, a festa dos pães asmos era celebrada por ocasião da colheita da cevada. Mas acabou tornando-se uma festa anual, ligada à páscoa, como uma espécie de continuação natural, com a duração de sete dias. Essas duas festas acabaram sendo conhecidas por um nome só, *mazzoth.* Nesta os *pães asmos* não figuram separados da páscoa, mas como uma continuação. Todavia, o trecho de Levítico 23.6 faz a distinção entre elas. Números 28.17 informa-nos que começava no dia 15 do mês de nisã. Mas no *primeiro dia,* quando era removido todo fermento da casa, era, naturalmente, o décimo quarto dia, o dia da páscoa. Ver as notas sobre Êxo. 12.3,6 quanto às designações de tempo. Nisã (nosso março-abril) tornou-se o primeiro mês do recém-instituído ano religioso, ao passo que era o sétimo mês do antigo ano civil. Ver as notas sobre o vs. 2 quanto a essa informação.

12.15

Sete dias. Uma continuação natural da páscoa. Ver a introdução (acima) a esta seção, quanto a informações gerais.

Logo ao primeiro dia. Provavelmente o dia 14 de nisã, o dia da páscoa, que nesse caso seria considerado o primeiro dia dos *pães asmos* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Tirareis o fermento. O fermento, na Bíblia, é símbolo de pecado e corrupção moral. E isso era levado muito a sério, pois qualquer um que ousasse comer pão fermentado, durante aqueles oito dias, era *cortado* do meio do povo. Isso pode apontar para punição capital ou exclusão. Ver Gên. 17.14 e suas notas expositivas.

Aqueles que fossem protegidos pelo sangue do cordeiro também deveriam estar isentos de qualquer corrupção do pecado, simbolizado pelo fermento. Aqueles eram dias de santificação e de cultivo espiritual, e coisa alguma poderia interferir nessa dedicação.

Originalmente, talvez, a ausência de fermento se devesse à preparação para a saída às pressas (vss. 34 e 39; Deu. 16.3). Mas o fermento tem um efeito corruptor (Êxo. 23.18; Mat. 16.6; I Cor. 5.7). *Ritualmente,* o fermento acabou sendo visto como uma substância impura (Lev. 1.22), capaz de contaminar toda uma colheita. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Fermento* e *Fermento e Seus Simbolismos.*

12.16

Ao primeiro dia. Pode estar em pauta o dia da páscoa (Êxo. 12.3,6), ou o dia *seguinte,* que assinalava uma nova celebração. Os estudiosos aceitam ambas as possibilidades. Seja como for, estão em foco os dias 14 ou 15 do mês de nisã. O primeiro e o último dias dos *pães asmos* eram assinalados por reuniões especiais e comemorações. Nenhum trabalho podia ser feito (pelo que era uma espécie de sábado ou dia de descanso). Eram oferecidos holocaustos. A combinação páscoa-pães asmos tornou-se uma espécie de rito sacrificial. Tal como a páscoa, os pães asmos também deveriam ser um *estatuto perpétuo* (vs. 17; cf. o vs. 14). Ver Levítico 23.6 quanto ao primeiro dia dos pães asmos, e o dia 15 do mês de abibe (antigo nome do mês de nisã). Talvez fossem usadas as trombetas de prata para esse propósito (Núm. 10.2). Algo similar aconteceria no último dia. A regra que proibia *todo tipo de trabalho,* provavelmente, aplicava-se somente a esses dois dias. Ver Lev. 23.7,8. Podia ser preparado o alimento, como podiam-se fazer certos trabalhos domésticos. Mas no sábado regular não se permitia nem mesmo isso.

12.17

Essa festa, combinada com a páscoa, era um memorial do livramento da servidão no Egito. Israel saiu do Egito formando *hostes,* talvez em formação quase-militar, preparada para a batalha, se necessário fosse. Mas alguns eruditos vêem nisso apenas uma referência ao grande número de companhias postas em ordem, *conforme* se faz com os exércitos. Já vimos esse termo usado em Êxo. 6.26, onde apresentei comentários a respeito. O trecho de Deuteronômio 16.1 mostra que eles saíram "de noite", provavelmente ao crepúsculo do dia.

12.18

Designações de Tempo. Primeiro mês (nisã, correspondente aos nossos março-abril) do calendário religioso recém-instituído (que era o sétimo mês do calendário civil, ver Êxo. 12.2). *Dia 14* (ver Êxo. 12.3,6). Contava-se à partir daí uma semana, até terminar o vigésimo primeiro dia, à tarde (os judeus iniciavam e terminavam o dia às 18 horas). Durante todos esses dias, os israelitas não podiam provar fermento. Para Israel, isso assinalava uma *Nova Era.* Tinha começado a marcha de volta à Terra Prometida, pelo que todos os dias eram contados a partir daquele evento, tal como agora todos os eventos retrocedem até Cristo, com as nossas designações de datas como A. C. e D. C.

"Essa longa abstinência de fermento denota que a vida toda daqueles que são israelitas deveria, realmente, ser sem dolo, hipocrisia e malícia, mas, antes, deveria ser vivida em sinceridade e verdade" (John Gill, *in loc.*).

À tarde... até a tarde. Ou seja, no término do dia 14 e no começo do dia 15 do mês de nisã, pois os hebreus computavam seus dias das 18 horas às 18 horas, ao passo que os computamos das 24 horas às 24 horas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dia.*

12.19

Era feita uma busca exaustiva, garantindo, de modo absoluto, que na casa não havia nenhum fermento. E também ninguém ousaria trazer fermento para o interior de uma casa, ou cozer pães fermentados. Ver as notas sobre o vs. 15 quanto ao simbolismo do fermento; e ver também o artigo *Pães Asmos,* quanto a completas explicações a esse respeito. Estamos informados que essa observância da ausência de fermento tornou-se uma das práticas religiosas mais escrupulosamente observadas em Israel. Aquele que violasse esse estatuto era *cortado,* ou seja, excluído. Essa expressão, porém, também podia significar punição capital (ver Lev. 20.3). Mas parece que nunca houve execuções por *esse* motivo. Seja como for, a pessoa que transgredisse *deixava de existir* aos olhos dos israelitas, mesmo que não fisicamente.

Phillips Brooks pregou um sermão que se tornou famoso. Nesse sermão ele falava sobre o "mistério da iniqüidade", salientando que a *maldade* parece mais

contagiosa do que a *bondade*, aludindo à propagação e vitalidade do mal como um tipo de *fermento* moral.

O peregrino. Provavelmente devemos pensar aqui em *convertidos* à fé judaica. Mas também é possível que essa lei fosse tão radicalmente observada que não se permitia a *ninguém* ter fermento em suà casa, durante esse tempo, sem importar se a pessoa estava ligada ou não à fé dos hebreus. Bastaria que a pessoa estivesse *perto* de Israel para que fosse forçada a não ter fermento em casa, sob o risco de graves conseqüências.

O natural da terra. Sem dúvida, está aqui em foco a Palestina. E isso indica que esse versículo foi escrito retrospectivamente em relação à instituição da regra, por alguém que já vivia *na* Terra Prometida. Os críticos agarram-se a este versículo, e a outros semelhantes, para provar a data de escrita posterior do livro de Êxodo e de todo o Pentateuco. Ver a introdução ao livro de Êxodo quanto a comentários sobre a data de sua composição, em I.1.

12.20

Foi baixada uma terminante proibição quanto à presença de fermento, sem importar se sob a forma de pão ou de qualquer outro alimento preparado. Essa declaração reforçava o que já havia sido dito. Ver as notas sobre os vss. 15 e 19. Os hebreus não comiam, *ordinariamente,* pão sem fermento, conforme Tácito chegou a supor (*Hist.* 1.5 c.4). Mas eles mostravam-se radicais acerca de certos tempos de abstinência.

Ver o trecho de Êxo. 13.3-10 quanto a versículos adicionais e descrições sobre os *Pães Asmos*. Os críticos pensam que a fonte informativa desse trecho seja a fonte *D*.

A Páscoa (12.21-28)

O autor sagrado voltou agora à descrição da páscoa e sua situação histórica. Os críticos atribuem esta seção à fonte *J*. Ver o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* no *Dicionário,* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Apresentei uma introdução geral ao assunto, na introdução aos comentários sobre Êxo. 12.1. Os críticos atribuem o trecho de Êxo. 12.1ss. à fonte *P(S),* pensando que o texto diante de nós provém de uma tradição mais antiga.

12.21

Moisés transmitiu sua informação aos *anciãos* (cabeças de tribo), a fim de que pudessem implementar a instituição da páscoa e fazer preparativos gerais para a saída do Egito.

As instruções em Êxo. 1.3 foram endereçadas a toda a congregação de Israel, e agora, através de representantes. Os críticos vêem uma distinção nas *diferentes* orientações, entre as fontes informativas *P(S)* e *J*.

Um cordeiro para cada família, conforme se vê no vs. 3, ou um cordeiro para mais de uma família, se estas fossem pequenas, quando então mais de uma família participava de um só cordeiro, conforme se vê no vs. 4. Coisa alguma deveria restar para uso profano ou supersticioso (vs. 10). A outra fonte informativa, *P(S)* (se aquela teoria é verdadeira), daria detalhes sobre os preparativos para a saída que esta seção não menciona. Temos aqui instruções sobre a aplicação do sangue (vs. 22). Ver I Cor. 5.7 quanto a Cristo como a nossa páscoa.

12.22

Um molho de hissopo. O hissopo era um arbusto de raminhos apropriados para aspergir líquidos em rituais religiosos. Ver Lev. 14.4,6; Núm. 19.6,18. Ver detalhes completos sobre o hissopo e seus usos no artigo chamado *Hissopo,* no *Dicionário*. É possível que alguns povos antigos (incluindo os hebreus) associassem poderes mágicos ao hissopo, embora não haja o menor indício de tal coisa no texto. O modo de proceder provável, de acordo com J. Edgar Park (*in loc.*), mencionado neste versículo, seria este: "O cordeiro era abatido no limiar, e seu sangue era aspergido em um local rebaixado, talvez feito com esse propósito. H. Oorte referiu-se a miniaturas que retratavam a aspersão de sangue dessa maneira" ("Oud-Israels Paaschfeest", *Theologiish Tijdschrift,* xlii, 1908, págs. 489-490).

Nossa versão portuguesa, a par com outras traduções, fala aqui em *bacia*, em lugar de um receptáculo para o sangue. Porém, no hebraico, "bacia" e "limiar" são palavras homógrafas, ainda que muitos estudiosos prefiram pensar aqui em "limiar", e não em "bacia". A Septuaginta e Jerônimo, entre outros, também preferiram a tradução *limiar*, neste versículo.

O Targum de Jonathan refere-se ao *vaso de barro* que era usado para recolher o sangue, onde era mergulhado o ramo de hissopo. As referências literárias mostram-nos que os povos pagãos da época tinham costumes similares.

As ombreiras e a verga da porta eram aspergidas com o sangue do cordeiro. Alguns vêem nisso uma cruz, mas talvez imaginem demais. Seja como for, o hissopo foi associado à crucificação. Ver João 19.29 e I Cor. 5.7.

Nenhum de vós saia da porta da sua casa. A proteção contra o anjo destruidor estava do lado de dentro de cada casa, e não do lado de fora. Do lado de fora poderia ser perigoso, e Moisés não podia garantir a segurança de ninguém do "lado de fora".

12.23

Yahweh seria o agente da morte, como também o agente da vida, em uma única noite, dependendo do sangue que fosse aspergido nas ombreiras e na verga da porta de cada casa. O Senhor passaria por todo o Egito; e a casa que não estivesse protegida pelo sangue seria atingida pelo anjo da morte, o anjo destruidor, agente de Yahweh, que O acompanhava. Alguns eruditos vêem aqui uma antiga crença sobre poderes demoníacos que atuariam sob as ordens de Deus, algo parecido com uma ameaça feita por Paulo, em I Cor. 5.5, onde um homem incestuoso, que convivia com sua madrasta, foi ameaçado com a morte, administrada por Satanás, por delegação de Deus. O trecho de Heb. 11.28 refere-se a este versículo, e também fala sobre o anjo *destruidor*. Ver II Sam. 24.16 e Isa. 37.36, e suas notas expositivas, acerca do anjo da morte.

O Targum de Jonathan refere-se ao destruidor como um "anjo". Ver no *Dicionário* o artigo *Anjo*. Cf. II Reis 19.35, onde o anjo da morte efetuou grande matança em uma única noite, entre o exército assírio.

12.24

Estatuto. . . para sempre. Aconteceu algo de grandioso que foi o golpe final de Deus, a fim de libertar o povo de Israel. Portanto, tal ocorrência deveria ser lembrada perpetuamente pelos israelitas. Já vimos idéia similar no vs. 14, no tocante à páscoa, e no vs. 17, no tocante aos pães asmos. Os críticos pensam que a nota procede da fonte *J,* ao passo que os vss. 14 e 17 procederiam da fonte *P(S)*. O fato é que Deus requeria perpetuidade. Assim, até hoje, para os judeus nada é mais importante do que a celebração da páscoa.

12.25

Na terra. A Palestina, como um dos aspectos do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 15.18 quanto a esse pacto. Uma de suas principais provisões era um território pátrio. Isso fora prometido desde o começo a Abraão. Primeiramente, haveria um período de escravidão no Egito (Êxo. 15.13). Então os habitantes originais da terra de Canaã (Terra Prometida, para os israelitas) teriam de que encher sua taça de iniqüidade. Somente o povo de Israel poderia entrar na sua Terra Prometida. Ver Gên. 15.16. A páscoa celebraria a última das dez pragas contra o Egito, o que levaria Israel a ser libertada. Ainda haveria a confrontação no mar Vermelho, o que seria um milagre de livramento para Israel, e de destruição para o exército do Egito. Em seguida, haveria quarenta anos de vagueação pelo deserto. Finalmente, sob a liderança de Josué, os filhos de Israel entrariam na Terra Prometida, a qual, todavia, só seria conquistada inteiramente após longo período de guerras. Esse território tinha sido a região onde Abraão habitou temporariamente, com seus descendentes (Isaque, Jacó e os filhos deste e alguns netos).

Uma vez na Terra Prometida, a páscoa continua a ser celebrada como memorial do poder libertador e da graça de Yahweh. O sentido dessa celebração deveria ser ensinado às sucessivas gerações de descendentes de Abraão (Êxo. 12.26,27; 13.14,15).

12.26,27

Os filhos veriam seus pais observando os ritos próprios da páscoa, e, por curiosidade, perguntariam a *razão* da celebração. Isso daria aos pais a oportunidade de explicar cada detalhe. O rito deveria ser efetuado no aniversário precioso da libertação. O ano religioso começaria no mês de nisã, o mês da libertação. Esses detalhes emprestariam ao rito um vivido sentido para todas as gerações futuras. Assim, a páscoa teria um propósito didático. Havia uma espiritualidade a ser cultivada, porquanto Yahweh tinha agido por Sua graça, ao dar a Israel liberdade e um território pátrio. As provisões do pacto abraâmico seriam recitadas, e isso redundaria em unidade quanto aos propósitos e expressões nacionais.

Ver no *Dicionário* o artigo *Educação no Antigo Testamento,* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete chamado *Educação Cristã*.

Em Cristo, a páscoa recebeu um novo significado (I Cor. 5.7). Cristo seria *o Cordeiro de Deus* (ver no *Dicionário*), do qual o cordeiro comido na páscoa servia de tipo. Em Cristo, os gentios viriam a participar do pacto abraâmico, o qual, desse modo, adquiriria sentidos universais e espirituais que nunca tinham sido destacados durante a história do povo de Israel. Ver Gál. 3.14 ss.

A Ceia do Senhor (ver o artigo com esse nome na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* como também o artigo chamado *Eucaristia*) tornou-se um memorial cristão da páscoa. Há dias realmente diferentes de outros. São dias que servem de marcos, que devem ser relembrados, porquanto fazem uma diferença vital na vida das pessoas. A páscoa era um desses dias; a Ceia do

Senhor é uma certa continuidade cristã dessa idéia, com novos simbolismos, naturalmente.

O povo se inclinou, e adorou. Inclinaram a cabeça porque estavam dominados pela emoção de estarem vivendo um grande evento histórico, o que para eles indicava o início de uma nova dispensação, onde se destacavam o poder e a graça de Deus. *Naquele dia*, o povo de Israel tinha sido libertado. *Naquele dia*, começaram sua jornada para a conquista da Terra Prometida. Gratidão e devoção deveriam ser resultados da identificação com aquele evento de um passado distante, em que cada geração se identificaria com os sentimentos da geração de Moisés.

12.28

Como o Senhor ordenara. . . assim fizeram. Houve obediência até os menores detalhes, por parte do povo que tinha sido instruído através de Moisés e Arão. Os anciãos do povo (vs. 21) partiram para suas respectivas tribos cuidando para que tudo fosse observado e para que se fizessem preparativos finais para a saída do Egito. Os ritos da páscoa e dos pães asmos foram fielmente levados a efeito.

Décima Praga: Morte dos Primogênitos Egípcios (12.29-36)

Cumpria-se agora o *último juízo divino* contra o Egito. Ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*. O Faraó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Os críticos atribuem esta seção à combinação das fontes informativas *P(S)* e *J*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Yahweh tinha exigido a soltura de seu filho primogênito, o povo de Israel (Êxo. 4.22). Essa exigência não foi atendida pelo Faraó e seus ministros, e, então, foi feita a predição de que morreriam os filhos primogênitos do Egito (Êxo. 4.23). Foi uma espécie de *lex talionis* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Esta seção narra como teve cumprimento a última das dez pragas. Ver a antecipação sobre ela em Êxo. 11.4-8. O grande clamor de angústia dos egípcios simbolizou a completa desintegração do orgulho humano, o golpe final contra a arrogância (ver Isa. 2.12-22; Joel 2.6). O pacto da páscoa manteve o povo de Israel em segurança.

12.29

À meia-noite. A matança teve lugar, tal como tinha sido predito (Êxo. 11.4). A maior parte das pessoas estava dormindo. Mas foram despertadas pelos gritos de agonia dos filhos primogênitos. O autor poupa-nos de detalhes que nos deixariam de estômago embrulhado. Mas o que ele chega a dizer já é nauseante.

Todos os primogênitos. Isso mostra quão completo foi o castigo divino. O filho primogênito mais distinguido era o filho do próprio Faraó, considerado um deus. O menos distinguido pode ter sido algum pobre prisioneiro, algum criminoso encerrado em uma masmorra. Quem se importaria com a morte do tal? Contudo, isso fazia parte do trabalho absolutamente completo do anjo da morte (o destruidor, vs. 23).

O Targum de Jonathan observa como o povo egípcio estava dormindo pacificamente, sem suspeitar da calamidade que se aproximava. O golpe veio como um golpe súbito, talvez acompanhado por um grande estrondo.

Todos os primogênitos dos animais. O reino animal irracional também foi atingido. O que sobrara desses animais, nas outras dez pragas, agora se via novamente dizimado. Ver as notas sobre Êxo. 11.5 quanto à predição acerca da décima praga do Egito.

12.30

Mortes Súbitas dos Primogênitos. Os primogênitos não morreram de forma tranqüila. Houve choros e gemidos, e cada família egípcia se acordou. Algum terror tinha avançado, golpeado e tirado a vida dos primogênitos. Não sabemos dizer que tipo de ataque foi esse do anjo destruidor (vs. 23), mas sabemos que não foi algo silente e gentil. "Fez-se grande clamor no Egito", e em breve os egípcios entenderam que outra imensa praga tinha ferido a sua gente. Praticamente em cada família havia pranto e angústia, a começar pela casa real e daí até o casebre do mais humilde aldeão. Entrementes, o povo de Israel estava seguro, mediante a proteção do sangue do cordeiro pascal aplicado às portas de suas residências, o sangue do acordo.

"As mortes tiveram lugar à meia-noite, na hora mais lúgubre, em meio às trevas mais espessas. Visto que vários dias se tinham seguido desde o aviso acerca da décima praga, os egípcios se tinham deixado dominar por um falso senso de segurança. E agora, de chofre, a calamidade desabara sobre eles; e o clamor dos egípcios foi deveras grande. . . A visitação é, no mais das vezes, atribuída ao próprio Yahweh (Êxo. 4.23; 11.4; 12.12,27,29; 13.15), mas no vs. 23 é atribuída ao anjo *destruidor*. . . E, neste ponto, é atribuída a alguma agência angelical. . . tal como em II Sam. 24" (Ellicott, *in loc.*).

Apesar de que as pragas podem sobrevir de repente, ceifando muitas vidas, era óbvio que a décima praga não foi alguma praga ordinária. Era *seletiva*, ferindo somente os filhos primogênitos; tinha sido *predita* com precisão; tinha *poupado* os israelitas; e também tinha ferido os primogênitos dos *animais*. Sem dúvida alguma, era algo sobrenatural.

"Nenhum outro povo do mundo mostrava-se tão expressivo em suas lamentações quanto os egípcios. . . eles açoitavam-se, batiam-se, feriam-se e uivavam em seu excesso de tristeza. Quando um parente qualquer morria, as pessoas saíam da casa, corriam para a rua e uivavam da forma mais lamentável e fanática. Ver Diodoro Siculos (*Lib.* 1) e Heródoto (*Hist.* ii. c.85,86)" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Isso apresenta-nos uma vívida memória da fúria de Deus contra os pecadores, e o preço imenso cobrado pelo pecado. Como era patente, uma *mão poderosa* tinha compelido o Faraó a deixar sair o povo de Deus! (Êxo. 3.19)" (John D. Hannah, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *Ira de Deus*.

12.31,32

A Convocação de Moisés e Arão. Essa chamada dos dois líderes de Israel provavelmente foi feita mediante um mensageiro, que trataria diretamente com eles. Dificilmente sobrava ânimo ao Faraó para entrevistar-se com Moisés, naquela hora tão delicada. irados, o Faraó e Moisés tinham concordado que não mais se entrevistariam (Êxo. 10.28,29). Em *desgosto mútuo*, eles não mais queriam ter um encontro.

Nenhuma Transigência Foi Proposta Desta Vez. Ver as notas em Êxo. 10.11 quanto às *quatro* transigências que o Faraó tinha proposto em ocasiões anteriores. Agora, o Faraó rendia-se incondicionalmente. Não houve mais conversa em Israel sobre sair somente para uma *jornada de três dias*, a fim de adorar (Êxo. 3.18; 5.3; 8.27); não houve mais proposta para que Israel ficasse no Egito a fim de adorar (Êxo. 8.25); não se falou mais em Israel ir somente até certa distância (Êxo. 8.28); não houve mais condição para os israelitas deixarem no Egito seus filhos e possessões (Êxo. 10.11); nem suas propriedades e animais domesticados (Êxo. 10.24). De fato, o Faraó queria os israelitas total e finalmente fora do Egito. Sua relutância tinha mudado em ansiedade para que o povo de Israel fosse libertado.

"O obstinado governante reconheceu que Yahweh é o Senhor" (J. Edgar Park, *in loc.*). Ver Êxo. 6.7 quanto ao reconhecimento de Israel desse fato; e ver Êxo. 7.5 quanto ao reconhecimento desse fato por parte dos egípcios.

E abençoai-me também a mim. O fato de que o Faraó pedia agora a bênção de Moisés mostra-nos até que ponto de humilhação e contrição ele havia descido. O arrogante tirano jazia de costas no chão, derrotado. O terrível destruidor, que acabara de matar seu filho querido, talvez tivesse alguma bênção para o rei. Patético! Agora o Faraó anelava pela bênção daqueles a quem havia desprezado tão ardentemente (Êxo. 5.4; 10.28). O monarca tinha nas mãos a capacidade de permitir a vida ou de impor a morte; mas agora estava reduzido a esmolar. Antes tinha sido considerado uma divindade; mas agora estava provado que nisso ele era apenas um farsante.

12.33

Todos morreremos. Exprimiam assim o seu medo da morte. E isso fez os egípcios expelir virtualmente os israelitas do Egito. Meneto (cerca de 250 A. C.) referiu-se à expulsão de Israel do Egito sob a alegação de serem um povo repelente. É possível que tenhamos aí um comentário sobre este versículo, embora possa também ter-se baseado sobre alguma fonte informativa independente. Os egípcios facilitaram a partida dos israelitas, doando-lhes muitos bens e riquezas (vs. 33-36).

12.34

Provisões Básicas. Os israelitas muniram-se de massa de trigo para a sua primeira refeição no deserto. E também levaram amassadeiras, ou seja, bacias de madeira, que podiam ser usadas para o fabrico do pão. Sua partida súbita não lhes permitiu levarem pão normal, ou seja, levedado. Mas a cena também fez parte da observação da festa dos *pães asmos* (ver sobre isso no *Dicionário*, e comentários na introdução a Êxo. 12.1). Os israelitas partiram quando ainda estava escuro (Deu. 16.1), provavelmente pouco antes do alvorecer. Cf. o vs. 39.

12.35

A Expoliação dos Egípcios. Isso havia sido predito bem antes, como parte necessária do êxodo. Ver Êxo. 3.21,22 e 11.2,3, onde aparecem notas completas sobre a questão, visto que o ponto já tinha sido mencionado nesses dois trechos,

sobretudo no décimo primeiro capítulo do Êxodo. A curiosa tradução, "pediram emprestado", mesmo que seja possível com base no hebraico, seria um pequeno toque de humor do autor sacro. Alguns eruditos pensam que houve, realmente, um *saque*, mas que Moisés abrandou na narrativa, para que parecesse que os egípcios se mostraram generosos. Tinham medo de perder a vida, e, naquele momento, eram vítimas fáceis diante de qualquer tipo de aproveitamento.

Desde os dias de Abraão, quando foi firmado o Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), o exílio e a subseqüente libertação tinham sido preditos. Ver Gên. 15.13,14. Este texto conta como essa servidão chegou ao fim, e como Israel começou a voltar para a sua Terra Prometida. A Abraão foi revelado que seus descendentes sairiam do Egito levando "grandes riquezas". Isso incluía tanto o que eles haviam acumulado na terra de Gósen, como o que agora os egípcios lhes tinham doado. Sem dúvida isso serviu de reparação. Os ex-escravos mereciam tudo quanto tinham adquirido. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*.

12.36

Generosidade e Saque. A combinação desses dois atos permitiu que Israel extraísse grandes riquezas dos aterrorizados egípcios. Uma pessoa fará quase qualquer coisa para salvar a sua vida. Os egípcios julgaram-se pouco mais do que *pessoas mortas* (vs. 33), pois Moisés poderia desfechar uma praga de modo súbito e generalizado. Assim, os antes escravizados israelitas receberam o seu *salário*, a paga pelas muitas décadas de cativeiro e trabalho árduo. "Israel arrancou deles suas riquezas e bens, suas possessões mais valiosas" (John Gill, *in loc.*). Artapano (apud Euseb. *Praepar. Evan.* 1.9 c. 27, par. 436) falou sobre as bacias de madeira, sobre ricos tesouros e sobre vestes que os israelitas receberam da parte dos egípcios, e a esse testemunho, Ezequiel, autor de tragédias teatrais, adicionou a sua palavra (apud Euseb., *idem*, c. 29, par. 443).

Os Hebreus no Deserto (12.37 — 18.27)

A Saída dos Israelitas do Egito (12.37-51)

Finalmente, ocorrera o grande acontecimento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Êxodo, o Evento*, quanto a descrições completas. Ofereço ali um mapa que traça a provável rota tomada pelos filhos de Israel. Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *P(S)* e *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado J.E.D.P.(S.) quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Somos informados de que primeiramente os hebreus saíram de Ramessés (ver as notas sobre Êxo. 1.11) e chegaram a Sucote (Êxo. 13.20). Foram necessários três meses de caminhada para chegarem ao Sinai. Eles seguiram um roteiro muito usado pelos que viajavam até a Palestina (Êxo. 13.17). Tell el-Maskhuta é o local da antiga Sucote. Imediatamente a leste daquele lugar fica o lago Timsah, e tanto ao norte como ao sul dali há áreas pantanosas que o povo de Israel precisou atravessar, a fim de encontrar seu caminho para a liberdade.

12.37

Ramessés. Ver notas descritivas sobre essa localidade, em Êxo. 1.11.

Sucote. Ver no *Dicionário* um detalhado artigo sobre esse lugar.

Cerca de seiscentos mil a pé. Moisés especificou, "somente de homens, sem contar mulheres e crianças". Essa estatística concorda, em termos gerais, com o trecho de Números 1.46. Mas ali o número é especificado como de homens de guerra, em idade de serviço militar. Se levarmos em conta as mulheres, as crianças e o "misto de gente" (vs. 38), ou seja, os que não eram descendentes de Abraão, então havia uma multidão de pelo menos três milhões de pessoas. Os críticos vêem um grande exagero nesse número, pensando que a terra de Gósen não poderia ter sustentado tão grande número de pessoas, e que a manipulação e o sustento de tão grande número de pessoas, no deserto, durante quarenta anos, teriam sido impossíveis. Os eruditos conservadores, por sua vez, supõem que, para Deus, não há problemas sem solução.

"Se Moisés não contasse com a prova mais cabal de sua missão divina, ele jamais ter-se-ia posto à testa de tão imenso número de pessoas, as quais, não fosse a providência divina mais eficaz e especial, teriam simplesmente perecido por falta de alimentos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Tipologia. O êxodo, sem a menor dúvida, serve de tipo da redenção do pecado e sua servidão, de que desfrutamos. Dou informações sobre isso no artigo geral do *Dicionário*, intitulado *Êxodo (o Evento)*, em sua quarta seção.

12.38

Um misto de gente. Essa expressão, sem dúvida, aponta para não-israelitas de diversas procedências, alguns deles prosélitos, mas outros, não. Nem todos queriam viver no Egito, e um grande número de pessoas deve ter tirado proveito da oportunidade para partir. Também devemos pensar que nem todos os escravos, no Egito, compunham-se de israelitas; e muitos desses devem ter resolvido sair também do Egito, unindo torças com Israel.

"Esse misto de gente, que representa membros de igreja não-convertidos, serviu para Israel de um fator de debilidade, naquele tempo como agora (ver Núm. 11.4-6). Tinha havido uma *manifestação* do poder divino, e muitas pessoas deixaram-se atrair, embora sem mudança de coração. Cf. Luc. 14.25-27" (*Scotield Reference Bible, in loc.*).

Uma grande massa de animais domésticos também foi levada do Egito, fruto de anos de acúmulo. Lembremo-nos de que as pragas em nada haviam afetado os bens de Israel, deixando seus rebanhos intactos. Essa grande quantidade de animais contribuiu para sustentar, no deserto, a três milhões de pessoas. O Targum de Jonathan computa o número de animais como dois milhões e quatrocentas mil cabeças de gado. Mas parece que temos aí um exagero, resultando em um animal para cada pessoa, mais ou menos. Mas tudo não passa de conjectura.

12.39

Bolos asmos. Ver a esse respeito no *Dicionário*. Parece que o povo de Israel, em sua pressa, não somente não teve tempo para deixar a massa fermentar, mas também não conseguiu cozer a massa senão quando os israelitas chegaram a Sucote, cerca de sessenta e cinco quilômetros distante de Ramessés. Ver o vs. 34. Mas a provisão alimentar estava presente, como importante parte das coisas tiradas dos egípcios, visto que, juntamente com a páscoa, tinha sido instituída, pelo menos formalmente, a festa dos *pães asmos*. Sem o fermento, o pão dura muito mais tempo. Por essa razão, os viajantes, em suas jornadas pelo deserto, preferem levar pão sem fermento. Esse tipo de pão é comumente consumido pelos árabes, os quais o preparam misturando farinha de trigo e água, para então cozer os pães em fornos primitivos.

No deserto, o pão pode ser cozido sobre brasas. Os fornos são desejáveis, mas não necessários com esse propósito.

12.40

Quatrocentos e trinta anos. Esse número tem sido muito disputado. Ver o número redondo em Gên. 15.13, quatrocentos; e cf. as repetições no Novo Testamento, em Atos 7.6 e Gál. 3.17. As versões dão aqui duzentos e quinze anos. Temos aqui, na Septuaginta, uma glosa, "e em Canaã", ou seja, *antes* da entrada de Jacó e sua família no Egito. Isso dá a entender que boa parte daqueles quatrocentos anos foi passada em Canaã, e não no exílio egípcio. Dou notas completas sobre essa questão em Gên. 15.13 e, no *Novo Testamento Interpretado*, em Atos 7.6.

De modo geral, podemos dizer que os eruditos não concordam quanto ao começo e ao fim desse período de quatrocentos ou de quatrocentos e trinta anos; nem quanto ao tempo em que os filhos de Israel estiveram no Egito. Mas a questão não se reveste de importância capital, excetuando para dois grupos extremados: aqueles que querem obter hármonia a qualquer preço; e os céticos, que se deleitam em encontrar problemas em qualquer referência bíblica que possa ser posta sob discussão. Minhas notas em Gál. 3.17 mostram que os intérpretes hebreus, desde os dias mais remotos, tinham diferentes métodos (e cronologias) para tentar calcular a duração desse período. A declaração de Paulo, em Gál. 3.17, inicia esse período nos tempos de Abraão, e não no Egito. Outros iniciam a contagem com o nascimento de Isaque, e ainda outros, com o nascimento de Ismael. "Paulo (GáL 3.17) seguiu a cronologia que aparece em alguns manuscritos da Septuaginta, em Êxodo 12.40, de acordo com a qual os quatrocentos e trinta anos incluem a jornada dos patriarcas na Palestina e no Egito. Por outra parte, o texto hebraico de Êxodo 12.40 refere-se aos quatrocentos e trinta anos, envolvendo somente a jornada no Egito" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre Gálatas 3.17).

12.41

As hostes do Senhor. O povo de Israel, que partiu organizado do Egito, após ter-se cumprido aquele tempo de quatrocentos e trinta anos. O substantivo "hostes" só pode aludir aos *grupos* que saíram do Egito, em forma ordeira, dando a entender que Israel, em ordem quase-militar, saiu do Egito, pronto para defender-se. O termo já havia sido usado antes. Ver Êxo. 3.26; 7.4; 12.17,51.

O dia da saída do Egito foi o dia décimo quinto do mês de nisã (nosso março-abril), o *começo* do ano religioso, embora já fosse o sétimo mês do ano civil. Ver as notas em Êxo. 12.2. Ver também o artigo *Calendário Judaico*, em sua seção sétima, no primeiro volume desta obra, nos *Artigos Introdutórios*.

Os israelitas saíram do Egito *à noite* (Deu. 16.1), provavelmente pouco antes do alvorecer. As hostes foram saindo uma após outra, lideradas por seus respectivos anciãos ou chefes tribais. Dirigiram-se primeiramente a Sucote, cerca de sessenta e cinco quilômetros dali.

12.42

Esta noite. A páscoa era uma festividade noturna. Israel deveria lembrar para sempre aquela noite, celebrando anualmente a festa da páscoa. Ver no *Dicionário* o verbete *Páscoa*. A *perpetuidade* dessa observância fazia parte integrante da idéia da páscoa (Êxo. 8.14 e 12.14), bem como dos *pães asmos* (12.17). Idêntica perpetuidade faz parte da idéia da contraparte cristã, a Ceia do Senhor (ver I Cor. 11.23-26).

12.43

Regras Atinentes à Páscoa. A páscoa era uma festividade fechada. Três pontos principais devem ser notados: 1. Homens incircuncisos não podiam participar dela (vs. 43). 2. Todos os prosélitos plenos deveriam ser admitidos (vss. 48,49). 3. Nenhum osso do cordeiro pascal deveria ser quebrado (vs. 46).

A Páscoa como Tipo de Cristo. Ver o artigo geral da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* sob o título *Páscoa,* como também o *êxodo* como tipo da redenção, incluído naquele artigo, e no artigo *Êxodo (o Evento).* Às informações dadas ali, adiciono aqui as seguintes observações:

1. O cordeiro deveria ser sem nenhum defeito, escolhido quatro dias antes, como período de verificação (Êxo. 12.56). No caso de Jesus, o antítipo, ver Luc. 11.53,54; João 8.46 e 18.38.
2. O cordeiro era morto (Êxo. 12.6; João 12.24; 18.38).
3. O sangue do cordeiro era aplicado (Êxo. 12.7; João 3.36).
4. Isso conferia proteção (Êxo. 12.13; I João 1.7; Heb. 10.10,14).
5. A festa tipificava Jesus como o Pão da Vida (Mat. 26.26,27; I Cor. 11.23-26).
6. Nenhum osso do cordeiro pascal podia ser quebrado (Êxo. 12.46; João 19.32-36).

Ver trechos bíblicos como Êxo. 12.1-28; João 1.29; I Cor. 5.7 e I Ped. 1.18,19. Acerca da participação no cordeiro pascal, havia sete condições:

Primeira Condição:

Nenhum estrangeiro comerá dela. Estava em pauta um não-hebreu, incircunciso, e não algum prosélito, sem importar se vivesse com Israel, perto de Israel ou longe de Israel. O vs. 48 mostra como um prosélito podia participar da páscoa.

12.44

Segunda Condição:

Todo escravo comprado por dinheiro. Alguém comprado por um hebreu e devidamente circuncidado, que presumivelmente se tivesse tornado um prosélito. Esse escravo não podia ser um hebreu, pois nenhum hebreu podia ser mantido como escravo por outro hebreu. Fica entendido que tal escravo teria dado o seu consentimento para participar da páscoa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Circuncisão,* rito que servia de sinal do pacto abraâmico. Ver também Gên. 17.13,27 bem como suas notas expositivas; ver também o artigo *Pacto Abraâmico,* sobre Gên. 15.18. Ver igualmente os vss. 48 e 49 deste capítulo. Os escravos *nascidos* nas casas das famílias hebréias eram automaticamente circuncidados, se fossem meninos, na tenra infância. Aos escravos *comprados* em idade adulta, dava-se-lhes o direito de escolha.

12.45

Terceira Condição:

O estrangeiro. Isso repete a condição do vs. 43, mas talvez a distinção fosse que aqui esse estrangeiro estivesse vivendo em Israel apenas temporariamente, e não fosse um residente no país. Nesse caso, este versículo especifica um tipo de estrangeiro, ao passo que o vs. 43 nos dá a regra geral para qualquer estrangeiro, residente ou não, que não fosse circuncidado nem seguisse a religião dos hebreus.

Quarta Condição:

O assalariado. Alguém que trabalhasse para um israelita mas não tivesse sido circuncidado nem seguisse a religião dos hebreus. Esse também não podia participar da páscoa. Esse *assalariado* não era um escravo, nem fazia parte permanente da casa. Ele não seria obrigado a participar, nem mesmo podia fazê-lo, ainda que o quisesse. Naturalmente, tratar-se-ia de um estrangeiro, motivo pelo qual, automaticamente, era-lhe vedada a participação.

12.46

Quinta Condição:

Cada cordeiro pascal era consumido por uma só casa. Ou seja, um cordeiro sacrificado não podia ser partido para que partes dele fossem comidas por mais do que os membros de uma família. Todavia, se uma família ou casa fosse muito pequena, uma família podia participar do cordeiro em companhia de outra, também pequena, e na mesma casa. Ver as notas sobre Êxo. 12.3,4. Era mister que houvesse *unidade em torno do cordeiro pascal.* O animal tinha de ser comido por inteiro. O que, porventura, sobrasse, teria de ser consumido no fogo (ver Êxo. 12.10). Coisa alguma do cordeiro pascal podia ser usado para finalidades profanas ou supersticiosas.

Sexta Condição:

Nem lhe quebrareis osso nenhum. O animal precisava ser assado inteiro (Êxo. 12.9; cf. João 19.32-36).

12.47

Sétima Condição:

A páscoa era uma festividade universal: todos os filhos de Israel estavam na obrigação de observá-la. Não era uma questão de escolha ou de expediente. Era uma obrigação absoluta para todos os hebreus, a fim de que houvesse uma vívida e perpétua memória daquilo que Deus tinha feito por ocasião do êxodo (Êxo. 12.14). Um gentio só podia participar da páscoa se se tivesse tornado membro da congregação de Israel. Nesse caso, era seu privilégio e direito religioso participar da páscoa.

12.48

Se algum estrangeiro. Temos aqui *explicações* acerca das condições primeira a quarta. Essas condições não eram absolutas, *se* alguém fosse circuncidado, tornando-se assim um prosélito, ou seja, um israelita por religião, embora não por raça. Nesse caso, o estrangeiro tornava-se participante do pacto abraâmico, podendo participar da páscoa. Tal pessoa estava sob *uma só lei,* a saber, aquela que governava Israel (vs. 49). Nesse caso, tornava-se como um natural da terra, como um israelita, parte da congregação de Israel, embora não fosse da raça dos hebreus. Estava em foco o "misto de gente" que saíra do Egito juntamente com o povo de Israel (Êxo. 12.38) e com quaisquer outros que estivessem em situação similar.

12.49

A mesma lei. No hebraico, "lei" é *torah.* Ver no *Dicionário* o artigo *Torah.* Esse nome aponta para a lei de Deus, conforme ela se acha na mente divina, a qual foi parcialmente revelada e concretizada no decálogo, na legislação mosaica como um todo, e, finalmente, no Antigo Testamento em geral. No tocante à *lei,* antes da legislação sob forma escrita, temos uma *instância* da mesma na lei que governava a páscoa. Por conseguinte, a *lei,* neste caso, é um fragmento da LEI. E esse fragmento regulamentava como e por quem a páscoa deveria ser observada. Os gentios poderiam participar, se assim quisessem fazê-lo, se se tornassem israelitas por religião. Outro tanto sucede no cristianismo, no caso de pessoas que se convertem ao evangelho (ver Efé. 2.19; 3.5,6; Gál. 3.14 ss.).

Temos aqui o primeiro uso do famoso termo hebraico, *torah,* em toda a Bíblia. Deriva-se de um vocábulo hebraico que significa "dirigir", "liderar", "guiar". Logo, está em foco um regulamento, um ensino, um preceito orientador. A *torah* tornou-se um *sistema* de regras que revelavam a vontade divina, na lei mosaica; mas também será sempre mais do que isso, porquanto Deus nunca revela tudo quanto Ele sabe. Os judeus ortodoxos supõem que a Torah escrita contém, em forma germinal, todas as leis divinas, mas isso é esperar demais da parte do Pentateuco. Essa palavra acabou indicando os cinco primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco, os cinco livros escritos por Moisés; mas nesse caso temos um uso restrito do termo. Ver o artigo *Torah,* no *Dicionário,* quanto a maiores detalhes.

12.50

A obediência foi completa, pelo que fluíram as bênçãos divinas. A páscoa foi observada de acordo com as instruções que tinham sido dadas. Participaram da festa somente as pessoas qualificadas. Outro tanto ocorre nos tempos do evangelho de Cristo, o qual é a nossa páscoa. I Cor. 5.7. Ver também Efé. 2.19; 3.5,6.

12.51

Naquele mesmo dia. Depois da páscoa, cedo na manhã seguinte, quando ainda não havia nascido o sol (Deu. 16.1). Ver Êxo. 12.17,18 quanto a versículos similares e quanto ao *dia* envolvido. Ver acerca de *hostes,* em Êxo. 6.26; 7.4; 12.17,21 e 13.18. Os filhos de Israel saíram do Egito sob forma ordeira, formando hostes, de acordo com suas tribos e clãs, encabeçados por seus líderes, como se fossem um *exército.* O trecho de Êxo. 13.18 revela-nos que eles saíram "arregimentados", ou seja, preparados para entrar em batalha, se isso se tornasse necessário.

CapítuloTreze

Consagração dos Primogênitos (13.1-16)

Ver o artigo geral intitulado *Primogênito,* que inclui informações sobre a ordenança instituída por ocasião da páscoa. Muitos estudiosos supõem que as três festas, a páscoa, os pães asmos e a consagração dos filhos primogênitos, foram antecipadas antes de serem instituídas as festas formais, o que só teria sido feito mais tarde. E então, no tempo da páscoa, tornaram-se, por assim dizer, uma única instituição. Ver as notas introdutórias sobre Êxo. 12.1 quanto a isso; e ver também as notas detalhadas sobre cada uma dessas festividades, no *Dicionário.*

Os críticos atribuem o material acerca da dedicação dos primogênitos à fonte *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Os Primogênitos. Há um relato mais pormenorizado sobre a *dedicação dos primogênitos* em Núm. 3.11-13,40-51; 18.15,16. A mensagem especial desse rito é que Israel e todos os seus bens pertencem a Deus, e que os *filhos primogênitos,* o que havia de mais precioso entre o povo de Israel, *representava* a nação toda. O Egito perdera os seus primogênitos e, como uma contra-análise, essa festa de dedicação terminou por ser vinculada àquele evento. Assim, o que o Egito perdera, Israel preservou, mediante a graça protetora de Deus. O anjo da morte (o destruidor) passara por cima das residências dos israelitas, por estarem protegidos pelo sangue aspergido em suas portas (Êxo. 12.23). A calamidade histórica relembrava a Israel as suas bênçãos; e, como ato de gratidão, os primogênitos de Israel foram dedicados ao Senhor. Se Yahweh tem o melhor, também tem todo o restante. Em tempos posteriores, quando entrou em vigor a legislação mosaica, os levitas tornaram-se uma bênção especial e um meio de serviço, uma espécie de *primogênitos sacerdotais.* Para propósitos sacerdotais, essa tribo assumiu a função dos primogênitos-sacerdotes de cada família em Israel. Mesmo assim, ser um filho primogênito, em Israel, envolvia muitos privilégios especiais, incluindo a liderança espiritual da família, após o pai da família. Ver Núm. 3.40-51 quanto à substituição dos primogênitos pela tribo de Levi, para propósitos sacerdotais.

"Como compensação por haver poupado os filhos *primogênitos* de Israel, no tempo do êxodo, o Senhor declarou que todos os filhos primogênitos dos homens e dos animais Lhe pertenciam. Isso não envolvia a morte deles, mas apenas o seu serviço, por toda a vida. Outro desenvolvimento desse princípio foi o arranjo por meio do qual à tribo de Levi coube servir ao Senhor, como uma substituição por todos os primogênitos das outras tribos" (Eugene H. Merill, comentando sobre Núm. 3.40).

13.1,2

Disse o Senhor a Moisés. Houve instruções divinas a respeito da *dedicação dos primogênitos,* tal como tinham sido dadas instruções acerca da *páscoa* e dos *pães asmos,* segundo vemos em Êxo. 12.1-20. A terceira das festas, essa *dedicação* (comentada na introdução a este capítulo), era uma extensão dos requisitos divinos atinentes à páscoa. Ver as notas introdutórias sobre Êxo. 12.1. Os primogênitos de Israel, poupados pelo destruidor (Êxo. 12.23), deveriam agora ser entregues a Yahweh, a fim de servi-Lo de modo especial. A gratidão requer dedicação e prestação de serviços.

Consagra-me. Por meio de algum rito e mediante um reconhecimento contínuo, da parte de todos os primogênitos dos homens e dos animais, em Israel. O trecho de Números 3.40-51 indica que, posteriormente, a casta sacerdotal, composta pela tribo de Levi, tomou o lugar dos primogênitos quanto a serviços religiosos especiais, posto que os filhos primogênitos tivessem preservado seus privilégios especiais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primogênito.* Os filhos primogênitos eram separados (santificados) para prestarem um serviço religioso especial.

"De acordo com uma crença antiga, a dedicação dos primogênitos dos homens e dos animais a Deus, o doador da fertilidade, era algo necessário para o aumento contínuo e para o bem-estar (Êxo. 22.29,30; Lev. 27.26,27; Núm. 3.13; 8.17,18; 18.15)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Até hoje os judeus observam esse rito e, usualmente, celebram-no ao décimo terceiro dia após o nascimento da criança. Tornou-se um *memorial* do fato de que Deus poupou os filhos primogênitos de Israel, diante do destruidor que tirou a vida dos filhos primogênitos dos egípcios.

Tipos. A *Igreja* é o primogênito da Nova Dispensação, sendo separada para Deus, para prestar-Lhe um serviço especial, não para propósitos egoísticos, mas para o bem coletivo de toda a humanidade, porquanto Deus amou o mundo de tal maneira (João 3.16) e preparou uma completa provisão em favor da humanidade (I João 2.2). *Cristo* é o Filho primogênito do Pai. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primogênito,* em sua terceira seção. Ver Hebreus 12.23 quanto à Igreja como um *primogênito.* Ver Rom. 8.29 e Col. 1.15,18 quanto a Cristo como o Filho primogênito de Deus.

Comentários sobre a Páscoa e os Pães Asmos (13.3-10)

Nos versículos onze a dezesseis deste capítulo temos a continuação da questão da dedicação dos filhos primogênitos de Israel. Mas em meio a isso encontramos um retorno a informes sobre a *páscoa* e os *pães asmos,* instituições sobre as quais há artigos detalhados no *Dicionário,* e também nas notas sobre Êxo. 12.1-20.

Os críticos atribuem esta seção dos vss. 3-10, a um editor deuterômico, a alegada fonte informativa *D.* Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. A lei sobre os pães asmos é apresentada junto com um suplemento homilético. "Ele supunha (vs. 4) que Moisés publicou a lei no dia mesmo da partida para fora do Egito (cf. 12.2,3). Chamou o mês do êxodo por seu nome pré-exílico, *abibe* (Êxo. 12.2). A observância do rito servia de sinal comparável ao do uso das filactérias e da memorização da Torah (vs. 9; Deu. 6.4-9)" (J. Edgar Park, in loc.).

13.3

Todos os elementos que constam neste versículo foram anotados em outros lugares. Ver Êxo. 12.23-27. Ver também Êxo. 12.17 quanto aos *pães asmos* como uma ordenança comemorativa perpétua.

Um Memorial. 1. Visto que aquele mês se tornou o primeiro dos meses religiosos dos hebreus, apesar de ser o sétimo mês civil deles, havia rememorização anual daqueles acontecimentos. 2. Mediante a observância da páscoa e dos pães asmos, essas memórias seriam fixadas ainda mais na mente dos hebreus. 3. Os adultos israelitas deviam narrar o sentido dessas comemorações à sua posteridade (vss. 14,15).

13.4

Abibe. Esse era o nome pré-exílico do primeiro mês do calendário religioso dos israelitas. *Nisã* era o nome primitivo desse mesmo mês. Esse mês passou a marcar o início do ano religioso, embora fosse o sétimo mês do calendário civil. Ver Êxo. 12.2.

A palavra hebraica *abib,* aqui transliterada por *abibe,* significa "grão verde" ou "verdejante". Falava sobre aquele mês quando o trigo deita grãos, ainda verdes, mostrando-se frutífero. Era um mês de mutações, visto que na verdade pertencia ao dia da lua cheia que se seguia ao equinócio do inverno. Esse nome foi usado até os tempos do cativeiro babilônico, quando foi então substituído pelo nome *nisã.* Cf. Nee. 2.1; Est. 3.7. Por sua vez, *nisã* significa "começo", ou seja, o mês em que começava o ano religioso.

13.5

Este versículo é virtualmente idêntico ao de Êxo. 3.8, onde apresento as notas expositivas. O número completo das nações cananéias era de sete, embora sejam aqui mencionadas apenas cinco. As outras duas eram a dos ferezeus e a dos girgaseus. Cf. Jos. 1.4; I Reis 10.29 e II Reis 7.6. Ver também Êxo. 3.17, que contém a lista das nações dadas aqui. O *pacto abraâmico* prometia um território pátrio. Ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18. O povo de Israel, liberto do Egito, tomaria as terras dos povos alistados. Esse era o destino dos filhos de Israel, porque assim ditara a vontade do Senhor. Uma vez que se apossassem daqueles territórios, deveriam continuar as festas da páscoa, dos pães asmos e da dedicação dos primogênitos.

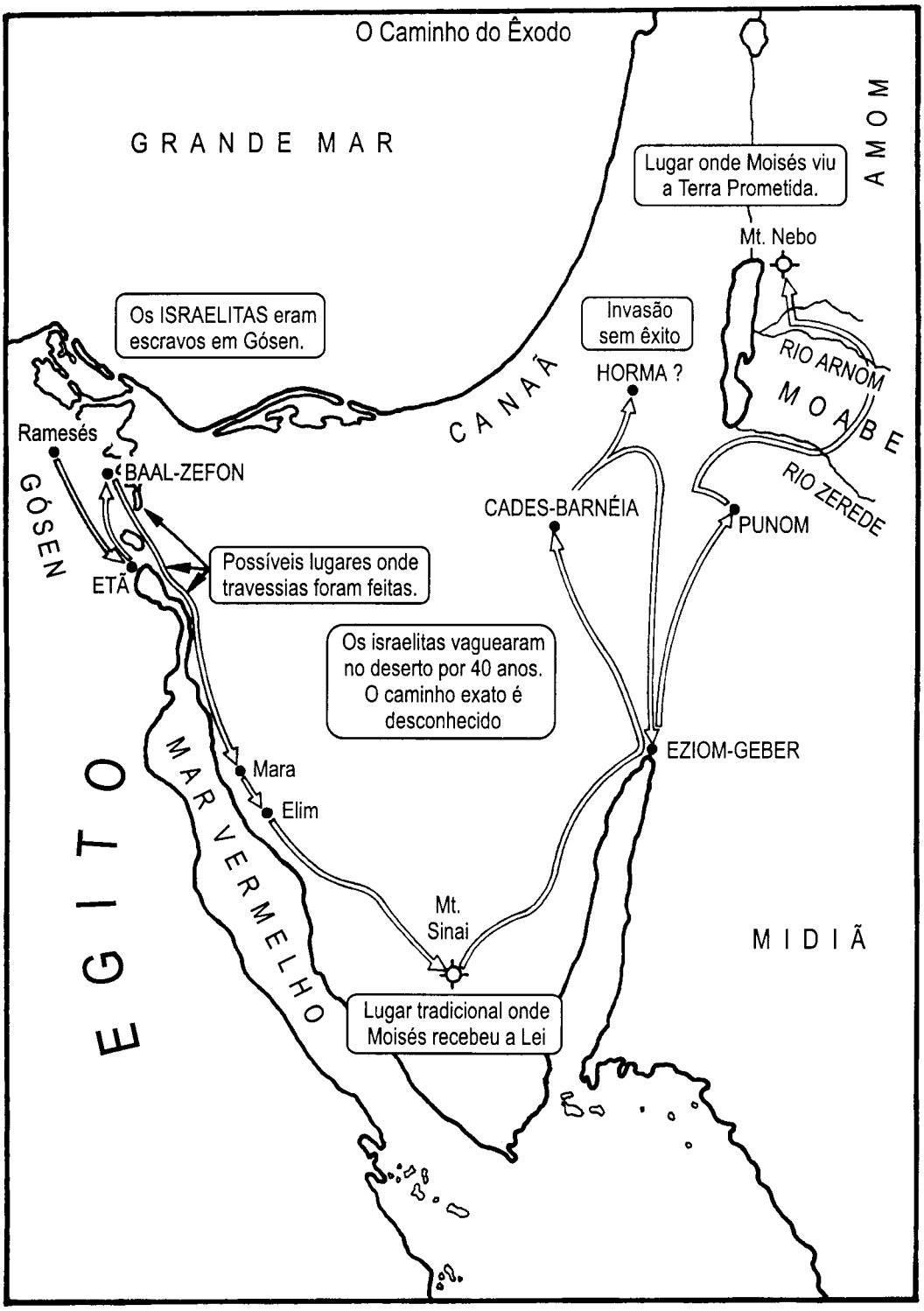
13.6

Ver Gên. 12.6 quanto aos elementos deste versículo. Este versículo não menciona o primeiro dia feriado. O primeiro e o último dos dias dessa festa eram uma espécie de sábados durante os quais nenhum trabalho manual podia ser feito, tornando-se dias de comemoração especial. Os judeus referiam-se ao sétimo dia (o dia 21 de abibe) como dia da travessia do mar Vermelho, quando ocorreu o grande milagre final do êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Êxodo (o Evento).*

13.7

Este versículo repete as informações dadas em Êxo. 12.15, e onde apresentamos as notas expositivas. Essa lei era observada de forma tão rígida que até os que estivessem em Israel somente de passagem eram exortados a se desfazer de qualquer fermento que houvesse em suas casas, para que Israel não fosse contaminado.

ÊXODO



O termo português "êxodo" vem do grego "*eksodos*" (saída). Na Bíblia, a palavra é usada em sentido especializado, aludindo à saída de Israel do Egito, após um longo período de servidão. Dali o povo de Israel partiu para a Terra Prometida. A história é figura da *redenção*. Mas é um acontecimento histórico, com considerável confirmação.

Esse evento assinalou o nascimento de Israel como nação, como também a instituição da teocracia e a dispensação da lei.

13.8

Valor Educacional dessas Comemorações. As gerações futuras de israelitas deviam ser ensinadas quanto ao passado, pois a história é um mestre muito especial, se assim lhe permitirmos ser. Ver Êxo. 12.26,27 quanto a uma elaborada declaração que tem esse mesmo sentido. Cf. Deu. 5.2,3. É assim enfatizada a importância da educação das crianças quanto àquilo que pertence ao Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo *Educação no Antigo Testamento;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo *Educação Cristã.*

13.9

Será. . . por memorial. Ver Êxo. 12.27 quanto aos itens a serem lembrados. Havia *testemunhas oculares* das pragas miraculosas do Egito que participaram da festa original da páscoa, dos pães asmos e da dedicação dos primogênitos, as três festividades sintetizadas em uma só. Ver sobre as duas primeiras notas no *Dicionário;* a terceira delas é comentada na introdução a Êxo. 13.1. Entretanto, chegaria o dia em que ninguém poderia dizer: "Eu vi!". E, então, seria mister dizer: "Eu creio, porque *eles* viram!". O texto mostra o valor de certos feriados e dias santos, algo que os evangélicos virtualmente abandonaram. É bom lembrar eventos significativos do passado relacionado à vida da Igreja, se isso não redundar em motivos de excesso e de práticas idolátricas.

Os Sinais e Sua Substância. Ver também as notas sobre Êxo. 13.16. Versículos como esse à nossa frente deram origem ao uso das filactérias na comunidade judaica. Não bastava ter alguma festa ocasional a fim de lembrar aquele passado brilhante. Eles punham memoriais (as filactérias) sobre suas testas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre as *Filactérias.* Muitos judeus davam tal valor a essas coisas que o espírito delas, as realidades tipificadas, se perdia em meio ao formalismo e ao legalismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Legalismo.* As filactérias continham certos trechos bíblicos chaves que não podiam ser mesmo esquecidos. Ver o vs. 16 deste capítulo, e também Deu. 6.4-9; 11.13-21. Jesus referiu-se às filactérias em Mat. 23.5, a fim de ilustrar como os homens dão valor às externalidades da religião, exibindo-as como sinais de religiosidade, embora o coração deles continue longe de Deus. As filactérias também eram usadas por muitos como uma espécie de poder contra os maus espíritos. Assim diz o Targum sobre Cantares 8.3. É mais fácil drapejar uma bandeira ao vento ou proferir algumas palavras patrióticas do que realmente servir à pátria por meio do trabalho honesto. O sectarismo e as controvérsias teológicas (ou denominacionais) são filactérias modernas que muitos homens exibem para outros; mas tais coisas, com freqüência, nada têm de espiritualidade genuína. Os homens usam seus credos na testa; mas a essência pode andar longe de seu coração.

13.10

De ano em ano. A *perpetuidade* é aqui imposta, o que já foi anotado em Êxo. 12.24, no tocante à páscoa, e em Êxo. 12.17, no tocante aos pães asmos. Agora não está em vista a ordem relativa às filactérias, conforme imaginavam tolamente alguns intérpretes judeus, conforme se vê no Targum de Jonathan.

13.11

Uma das características do Pentateuco é a repetição. Isso foi feito mediante a compilação de várias fontes informativas que continham material similar, de acordo com o parecer dos críticos. Sem importar quem foi o autor, não há que duvidar que foram usadas diversas fontes informativas, e essas mesmas fontes continham material repetitivo. Assim, este versículo reitera o vs. 5, sem a elaboração sobre as várias nações que ocupavam a Palestina. Esse quinto versículo, por sua vez, é essencialmente igual ao trecho de Êxo. 3.8, onde dou as notas a respeito. Êxodo 3.17 repete uma vez mais o material. A provisão de um território pátrio para Israel fazia parte integrante do pacto abraâmico, o qual é repetido, com vários graus de plenitude, por dezesseis vezes no livro de Gênesis. Ver as notas em Gên. 15.18.

Neste ponto, a repetição da promessa sobre o território pátrio é associada à festa da dedicação dos primogênitos, e procede, de acordo com os críticos, da fonte informativa *D.* Ver o artigo *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Uma vez na Terra Prometida, a festa da dedicação (vs. 12 ss.) deveria ser observada entre aqueles outros ritos.

13.12

Este versículo repete o vs. 2, onde são dadas as notas expositivas. Ver a explicação geral sobre a *Dedicação dos Primogênitos,* nas notas introdutórias sobre Êxo. 13.1. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Primogênito.*

Todos os animais que Israel tinha domesticado e usado estiveram envolvidos na lei dos primogênitos. *Pertenciam ao Senhor,* ou seja, eram preservados para fins de sacrifício. Visto que o *jumento* pertencia aos animais imundos, não podia ser usado no serviço do Senhor, mas seu proprietário podia usá-lo como quisesse, embora tivesse de ser *remido,* conforme se vê nas notas sobre o vs. 13. Os animais limpos, entretanto, não precisavam ser remidos (Núm. 18.17).

13.13

Primogênito da jumenta. Parece que Israel não tinha camelos em quantidade suficiente. E os cavalos só vieram a ser domesticados pelos israelitas um tanto mais tarde. Portanto, era o jumento (existente em Israel em grandes números) o animal muito usado como transporte e labor. No entanto, era considerado um animal imundo. Juntamente com outros animais (Núm. 18.15), o jumento tinha de ser remido, o que significa que não podia ser usado nos sacrifícios; mas, uma vez remido, podia ser usado como animal de transporte ou de carga, por seu proprietário. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Asno.*

"Os animais imundos, dentre os quais o asno é típico (Lev. 11; Deu. 14), podiam ser remidos mediante a sua substituição por um cordeiro. Nos primeiros tempos, surgiu o costume de substituir um ser humano primogênito por um animal (Êxo. 34.19,20; cf. Gên. 22.13), embora persistissem sacrifícios humanos (I Reis 16.34; II Reis 16.3; Eze. 20.26; Miq. 6.7)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

O cordeiro era sacrificado porque o jumento, um animal imundo, não podia ser usado com propósitos de sacrifício. Assim, o cordeiro substituía o jumento nos sacrifícios; e, mediante essa transação, o jumento ficava livre para viver e trabalhar para seu proprietário. Primogênitos humanos eram, de fato, sacrificados em países gentílicos, como também até em Israel (Lev. 20.3). Isso veio a ser proibido em Israel, dentro da legislação mosaica. Posteriormente, os primogênitos de Israel, consagrados ao serviço divino, foram liberados desse serviço, devido ao surgimento da tribo de Levi como a tribo sacerdotal. Ver Núm. 3.40-51.

Os jumentos primogênitos que não fossem remidos tinham o pescoço quebrado, visto que um animal imundo e não-remido não podia viver. Assim, o proprietário desses animais tinham de sacrificá-los, fossem eles carneiros ou jumentos. Ele fazia a escolha sobre bases financeiras, escolhendo aquele que lhe custasse menos, conforme nos diz a Mishna (Misn. *Beracot.* sec. 1,5). Essa circunstância deu origem à acusação contra os judeus de que eles adoravam a cabeça do jumento.

Redenção dos Primogênitos Humanos:

1. Em *primeiro lugar,* por meio da morte dos primogênitos egípcios, os quais pagaram o preço de sua desobediência. A desgraça dos primogênitos egípcios foi, ao mesmo tempo, a redenção de Israel e seus filhos primogênitos (Êxo. 12.27 e 13.15).
2. Em *segundo lugar,* por meio de substituição, pessoa por pessoa, os primogênitos de Israel foram substituídos pela tribo de Levi, cujos membros assumiram o lugar daqueles, na adoração e no serviço a Deus. Ver sobre isso em Núm. 3.44 ss.
3. Em *terceiro lugar,* visto que havia mais filhos primogênitos em Israel do que membros da tribo de Levi, os restantes foram remidos a dinheiro (Núm. 3.46 ss.). Esse dinheiro, sem dúvida, foi entregue à casta sacerdotal para ser usado no serviço divino.

13.14

Este versículo é uma repetição quase exata do trecho de Êxo. 12.26,27, onde aparecem as notas expositivas. Temos aqui uma aplicação à páscoa, mas na verdade havia aplicação a todas as três festividades: a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos. Ver as notas sobre Êxo. 13.8, quanto ao *valor didático* dessas três festas. Aquele versículo aplica o memorial aos pães asmos.

Assim sendo, temos os *memoriais* seguintes: da páscoa (Êxo. 12.26,27); dos pães asmos (3.8); e da dedicação dos primogênitos (13.14). Todas as três eram festas educativas, um dos motivos de sua *perpetuidade.* Ver Êxo. 12.17,24 e 13.10, onde essa idéia é aplicada a todas as três festas.

13.15

As dez pragas tinham tido por motivo convencer o Faraó a deixar o povo de Deus sair do Egito. Mas o Faraó só permitiu isso quando os primogênitos do Egito tinham sido mortos. Ver no *Dicionário* o verbete *Pragas do Egito,* e ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14 quanto a um sumário de itens envolvidos. O autor sagrado enfatizou o fato de que foi preciso muito trabalho, da parte de Yahweh, para que o povo de Israel fosse libertado. Isso não ocorreu com facilidade nem espontaneamente. Daí por que a gratidão de Israel deveria ser ainda mais profunda, em face da graça e dos benefícios recebidos. A redenção custou caro, a própria vida de Jesus Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Redenção.*

Animais primogênitos eram sacrificados no serviço divino. Mas os primogênitos dos homens, em contraste com o que se praticava no paganismo gentílico, não eram sacrificados, e, sim, dedicados ao serviço de Deus. Posteri-

ormente, esse serviço foi transferido para a tribo sacerdotal de Levi, conforme se vê nos comentários sobre o vs. 13. Fica entendido, neste versículo, que os primogênitos humanos de Israel não eram sacrificados porque os primogênitos humanos do Egito foram sacrificados pelo destruidor (ver Êxo. 12.23). Ver as notas sobre o vs. 13 quanto aos *três* modos de redenção dos primogênitos.

Este versículo, naturalmente, antecipa a questão que foi formalizada na legislação mosaica, especificamente no trecho de Números 3.44 ss.

Sacrifício por Sacrifício. Visto que Yahweh sacrificou muita coisa para libertar a nação de Israel, assim também Israel deveria sacrificar muita coisa em gratidão, a começar pelos primogênitos dos homens e dos animais, os quais eram dedicados ao serviço divino. Devemos lembrar que os *primogênitos* representavam a totalidade da nação de Israel, portanto, de fato, *todos* foram espiritualmente sacrificados.

13.16

E isto será. . . por frontais. Em alguma data anterior, o uso das filactérias foi instituído como um modo de fazer os homens lembrar suas obrigações espirituais. Ofereço notas sobre essa questão em Êxo. 13.9, especialmente sob o subtítulo Os *Sinais e Sua Substância.* Além da observância das três festas - a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos - eram usados os *frontais*, que serviriam de lembretes contínuos da graça de Deus, por ocasião do êxodo de Israel. Em tempos posteriores, as Escrituras emprestam à questão uma base mais ampla, na história e na doutrina do Antigo Testamento. Em Deuteronômio 6.8, no original hebraico, esses frontais são chamados *tephillin.* Mas aqui aparecem como as *totaphoth.* Ambas essas palavras hebraicas significam "círculos" ou "faixas". Alguns estudiosos pensam que o trecho de Êxo. 13.16 alude a um uso metafórico, pois não estariam em pauta objetos literais. Mas sem dúvida, o livro de Deuteronômio refere-se a objetos literais.

Trechos Bíblicos Escritos nos Frontais. Essas passagens eram quatro: 1. Êxodo 13.2-10 (as três festas relembradas). 2. Êxodo 13.11-16 (a repetição das três festas). 3. Deuteronômio 6.4-9, que inclui a famosa passagem: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor". 4. Deuteronômio 11.13-21 (os principais mandamentos da lei: "Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma"). A filactéria tinha quatro compartimentos, contendo esses quatro trechos bíblicos. Essa questão dá-nos uma idéia da religião judaica, em muitos aspectos genuína, mas em outros fingida e formalista

"Em todas as eras o homem é obrigado a considerar a *si mesmo* como se *ele* mesmo estivesse saindo da servidão do Egito, pelo que é dito: Ele *nos* tirou dali" (Maimônides, *De Vita Mosis* 1.1 par. 627).

Deus Guia o Povo pelo Caminho (13.17-22)

Um dos principais temas do Pentateuco inteiro é a *providência de Deus* (ver no *Dicionário* sobre esse assunto). Uma instância especial disso é a história de como Deus conduziu Israel para fora do Egito até o deserto, e ali preservou Israel, com vistas à entrada final na Terra Prometida. A rota mais curta atravessava o território dos filisteus na direção de Berseba e do Neguebe. Esse caminho seguia ao longo das margens do Mediterrâneo e era uma estrada militar utilizada pelos egípcios. Em Sua sabedoria, Yahweh guiou Israel por um caminho diferente, a saber, na direção sudeste, aproximando-se do Sinai, evitando qualquer confrontação possível com potências estrangeiras, incluindo o Egito. Não se sabe qual foi a rota exata, mas no artigo que há no *Dicionário,* chamado *Êxodo (o Evento),* sugiro o que se sabe sobre a questão. Também provi um mapa ilustrativo. Israel, ao confrontar-se com dificuldades, poderia ter retrocedido, especialmente se irrompesse guerra aberta. O vs. 18 diz-nos que Israel saiu armado para a batalha, uma frase acerca de cujo sentido os estudiosos não concordam. Algum método de resistência tinha sido provido. Israel não seria uma mosca morta no deserto.

13.17

Cobri quase todas as informações atinentes a este versículo na introdução anterior. Dificuldades encontradas no caminho poderiam ter feito Israel voltar ao Egito, incluindo algum ataque aberto por parte dos egípcios ou por parte de outro inimigo. Deus escolheu aquele roteiro que consolidaria as vantagens obtidas, ao levar o povo de Israel em segurança, ao deserto. Uma vez ali, outros planos poderiam ser feitos com antecedência. Mas Israel acabou vagueando por muitos anos, devido à sua incredulidade, pensando que lhe faltavam forças para enfrentar os formidáveis adversários que possuíam a Terra Prometida. O autor sagrado, pois, frisa aqui a *orientação divina*, uma questão de grande importância para todo homem espiritual.

Filisteus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Filisteus (Filístia).* Israel estava prestes a trocar um poderoso inimigo (o Egito), por vários inimigos menores, embora ainda assim temíveis (na Palestina). O termo "filisteus" é aqui usado em sentido geral, levando-nos a pensar em *todos* os adversários que enfrentariam Israel, embora sete nações cananéias distintas estivessem envolvidas. Ver as notas sobre Êxo. 3.5 e 13.5.

A rota que passava pelo mar Vermelho faria os israelitas passarem por Tânis e daí até Pelusium. Dali a Rhinocolura, então a Gaza, Asquelom e Asdode, cidades dos filisteus. A distância até a Terra Prometida, mediante essa rota, era apenas de trezentos e vinte quilômetros, e poderia ter sido coberta em menos de um mês. Porém, uma longa provação jazia à frente: quarenta anos de vagueação pelo deserto. Nos dias de Josué, os filisteus tinham cinco cidades fortes: Gaza, Asquelom, Asdode, Gate e Ecrom (Jos. 13.3), e o povo de Israel não estava preparado para enfrentar esse poder ao tempo do êxodo. O Egito pode ter parecido um bom lugar para os cansados israelitas, quando os filisteus lançaram-se contra eles, com seus carros de combate e armas as mais variadas. Os filisteus eram dotados de grande *poder de fogo*, conforme se diz atualmente.

13.18

Deus fez o povo rodear. O roteiro pelo litoral teria sido fácil e rápido de percorrer, e teria seguido uma rota firmada há muito tempo. Mas também teria sido perigoso. Assim sendo, na providência de Deus (ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*), o Senhor conduziu os filhos de Israel por uma rota mais difícil, mais longa, embora mais segura. Apesar de não se saber o caminho exato que eles fizeram (os lugares mencionados têm localização duvidosa para nós), apresento o que se sabe sobre esse assunto no artigo intitulado *Êxodo (o Evento),* no *Dicionário.*

A rota seguida passava pelo mar Vermelho, forçando Israel a fazer uma travessia perigosa. Ver no *Dicionário* o artigo *Mar Vermelho* quanto a detalhes sobre a questão e quanto a informações gerais. A Septuaginta diz aqui "mar de juncos". "O *mar,* conhecido no hebraico como 'mar de juncos', não era o próprio mar Vermelho, e, sim, um corpo de águas rasas, um pouco mais ao norte, talvez a área do lago Timsah" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Êxo. 14.2). O lago Timsah fica à cerca de oitenta quilômetros ao norte do mar Vermelho, não havendo nenhum ligação de águas entre esse lago e o mar Vermelho.

Por que o "mar de juncos", e não o mar Vermelho? Consideremos estes sete argumentos:

1. No hebraico, o termo usado significa junco de "papiro". O mar Vermelho (golfo de Suez) não tem juncos.
2. O golfo de Suez fica ao sul de Pi-Hairote e Migdol, localidades mencionadas ao longo da rota seguida (Êxo. 14.2).
3. A área onde Israel se acampou era pantanosa, algo que não ocorre ao longo das margens do mar Vermelho.
4. Do *mar* mencionado, Israel seguiu para o leste ou sudeste, internando-se no deserto de Sur (Êxo. 15.22), também conhecido como deserto de Etã (Núm. 33.8), na parte noroeste da península do Sinai.
5. O lago que o Senhor amaldiçoou poderia ter sido o lago Balah, a cerca de dezesseis quilômetros ao norte do lago Timsah, ou o próprio lago Timsah.
6. A Septuaginta deu origem ao nome mar Vermelho, que não é uma boa tradução do texto hebraico envolvido. Da Septuaginta, esse erro passou para outros idiomas e para milhões de lições de Escola Dominical e sermões.
7. Alguns eruditos especulam que o antigo leito do mar Vermelho estendia-se até a área do lago Timsah, e, naqueles tempos, só havia um corpo de água, agora dividido em lago Timsah e mar Vermelho. Mas parece que isso é apenas um esforço da imaginação a fim de adaptar-se aos tradutores da Septuaginta, para não termos de ir à Escola Dominical e dizer que não esteve em foco, realmente, o mar Vermelho.

Arregimentados. Isso pode significar, organizados como se fossem um exército pronto para entrar em batalha, se necessário, ou então, apenas divididos em grupos, cada qual liderado por seu líder, *como* um exército. Êxo. 6.26; 7.4; 12.17,51. A tradução inglesa RSV diz aqui, 'equipados para a batalha", o que é possível como tradução, embora não necessariamente. O hebraico indica um plural do número *cinco,* o que pode apontar para cinco grupos, ou mesmo para cinqüenta grupos.

13.19

Levou Moisés consigo os ossos de José. O corpo de José havia sido embalsamado, de acordo com a arte dos egípcios (Gên. 50.26). Ele tinha ordenado que seu corpo fosse transportado para a terra de Canaã quando os israelitas retornassem à Terra Prometida (Gên. 50.25), e Moisés não se esqueceu de honrar essa petição do patriarca. Os estudiosos têm especulado sobre *como* Moisés sabia onde estavam os ossos de José; mas o autor sagrado não satisfaz nossa curiosidade. A remoção do corpo de José foi um evento significativo e simbólico. Não teria sido correto para um patriarca como José, mormente da estatura dele, ter sido deixado no Egito. Simbolicamente, convinha que seu corpo terminasse sepultado na

Terra Prometida. Também podemos *supor* que foram removidos os ossos de todos os doze filhos de Jacó, embora isso também fique ao encargo de nossa imaginação. Estêvão, todavia, afirmou que isso foi feito (Atos 7.15,16), pois, sem dúvida, havia uma firme tradição judaica nesse sentido. Esses ossos foram sepultados em Siquém, no sepulcro que Abraão tinha comprado por uma soma de dinheiro dos filhos de Emor, pai de Siquém. Ver o *Novo Testamento Interpretado* quanto a notas completas sobre essa questão. O texto não diz que os ossos dos outros patriarcas também foram junto com os ossos de José. O próprio José, porém, ainda em vida, sem dúvida teria cuidado da questão desses *outros* corpos.

13.20

De Sucote. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Esse foi o primeiro ponto de parada, depois que Israel saiu do Egito, a cerca de oitenta quilômetros de seu ponto de partida. Ver as notas sobre Êxo. 12.37 quanto a detalhes. Dali foram a *Etã*, ao que tudo indica do outro lado do mar de Juncos, no deserto de Sur (ou Etã). Ver Êxo. 15.22 e Núm. 33.8. Ver sobre *Etã* no *Dicionário*, no seu quarto ponto. A distância de Sucote era entre oito e dezesseis quilômetros, na direção sudoeste. Mas os eruditos localizavam o local de modo variegado. Seja como for, não ficava longe, embora sua localização exata seja problemática.

Ao chegarem em Etã, os israelitas estavam à beira do deserto por onde haveriam de vaguear durante quarenta anos.

13.21

Coluna de nuvem... coluna de fogo. A coluna de nuvem servia para proteger os israelitas do calor do dia e para guiá-los pelo caminho; a de fogo conferia-lhes calor, conforto e orientação durante a noite. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Colunas de Fogo e de Nuvem*. Há várias interpretações a esse respeito: naturalística, mitológica e sobrenatural. O autor continuava a salientar a *providência de Deus* — questão importantíssima do Pentateuco, abordada no *Dicionário* com esse título. Conforme diz um antigo hino: "Deus guia Seus filhos ao longo do caminho".

As *nuvens* eram emblema da presença de Deus com os filhos de Israel, de dia e de noite. Deus nunca está distante, embora para nós possa parecer assim. Algumas vezes, Israel jornadeava durante a noite, a fim de evitar o calor estorricante do deserto. Ver Núm. 9.21.

O Senhor. Chamado de Anjo do Senhor em Êxo. 14.19 e 23.20. Ver no *Dicionário* o artigo *Anjo*. Alguns eruditos cristãos vêem no Anjo do Senhor uma manifestação veterotestamentária do Logos. Ver I Cor. 10.9. A nuvem representa Cristo (Apo. 10.1). Os estudiosos usam muito a sua imaginação, ao tentarem descrever o que isso significaria. Assim, eles dizem que o *fogo* era a lei esfogueada, um presente protetor que Deus teria usado para envolver os Seus filhos. Cristo é a Luz, não nos devemos olvidar. Uma excessiva cristianização dos textos do Antigo Testamento, com freqüência, nos desvia da correta interpretação. Mas se considerarmos que esses detalhes eram *simbólicos* apenas, não encontraremos dificuldades. Cf. Sal. 105.39 e Isa. 45; e ver Núm. 9.16-18.

"A coluna era, ao mesmo tempo, um sinal e um guia. Quando a nuvem se movia de lugar, o povo a seguia. Quando a nuvem estacava, o povo parava e se acampava (Êxo. 40.36-38)" (Ellicott, *in loc.*).

13.22

Nunca se apartou... a nuvem. Vemos aí a constância do Senhor. Desde o começo, a nuvem acompanhou os filhos de Israel, enquanto estiveram fora da Terra Prometida. "Isso prosseguiu até terem atravessado o deserto e chegado às fronteiras da terra de Canaã, quando ela não mais era necessária; e então a nuvem os deixou; pois, quando atravessaram o rio Jordão, a *arca* ia adiante deles (Jos. 3.6" (John Gill, *in loc.*). Cf. Êxo. 40.38; Núm. 9.16 e 10.34.

O texto sagrado é valioso quanto a sentidos metafóricos e simbólicos, visto que, em cada geração, pessoas espirituais precisam da constante orientação de Deus. Outrossim, algumas vezes essa orientação assume uma forma miraculosa. Os milagres continuam ocorrendo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres*.

Capítulo Catorze

O Faraó Tenta Reconquistar Israel (14.1 — 15.21)

Perseguição contra Israel (14.1-14)

Houve uma crise na fronteira (vss. 1-14). A *providência de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*) controlava as coisas, mas isso não significava que não houvesse dificuldades. Algumas vezes, a orientação divina é franca e óbvia. Então podemos andar durante o dia sem nenhuma perturbação. De outras vezes, somos deixados a fazer o que podemos, e Deus como que se oculta nas trevas, permitindo-nos usar os nossos próprios recursos. Vez por outra, Ele faz intervenção, quando vê que estamos avassalados. As *intervenções* divinas fazem parte dessa orientação divina. O homem espiritual sabe dessas coisas. No entanto, somos chamados a aprender, crescer e agir, como se agíssemos por nós mesmos. Nisso há crescimento. Quando Deus amarra os cordões de nossos sapatos, nada aprendemos. Os filhos precisam aprender a agir por si mesmos. Mas algumas vezes papai precisa intervir e ajudar. O *teísmo* exprime a verdade dos fatos, e não o *deísmo*. O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também mostra-se ativo em Sua criação, orientando, recompensando o bem e punindo o mal. O deísmo, por outro lado, ensina que alguma força criativa abandonou o universo, deixando-o aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* sobre ambos esses termos. O teísmo não remove o crescimento natural obtido mediante a vontade do homem, quando este se dedica à inquirição espiritual.

14.1,2

Yahweh novamente instruiu o líder, Moisés, conforme se vê por toda a narrativa. Periodicamente, achamos um versículo como Êxo. 14.1, que introduz novas seções. Cf. Êxo. 4.1,2,10; 5.1; 6.1; 7.1; 8.1; 9.1; 10.1; 11.1; 12.1 e 13.1. Esses versículos frisam tanto o teísmo como a providência de Deus, conforme comentamos na introdução a este versículo, acima.

Pi-Hairote. Ver a respeito desse local no *Dicionário*. Ver também o artigo *Êxodo (o Evento)*, que descreve a rota seguida por Israel, onde também há um mapa que sugere o roteiro, embora haja muitas dúvidas quanto a localizações exatas. Esse local ficava perto de Baal-Zefom (Êxo. 14.2,9), mas este último também é um lugar de localização duvidosa. Alguns pensam que ficava às margens do mar Mediterrâneo. O artigo referido dá informações onde isso é possível, e especula quando isso é necessário. O lugar ficava perto do *mar de Juncos*, e não dos mares Vermelho e Mediterrâneo (mar Grande, conforme diziam os antigos).

Migdol. Ver a respeito no *Dicionário*. Os nomes, na opinião de alguns eruditos, sugerem que a rota tomada por Israel levou-os primeiro ao mar Grande, e que somente depois voltaram na direção sudoeste. Mas na verdade está em pauta o mar de Juncos, e não o mar Grande ou Mediterrâneo.

O mar. Não identificado, mas pode estar em vista ou o mar Grande ou o mar Vermelho, ou mesmo um dos lagos (Timsah ou Balah). Dou abundantes informações sobre *Migdol*, no artigo mencionado, que contém as especulações.

Quanto ao *mar* deste versículo, ver notas completas sobre Êxo. 14.22, onde discuto o problema do *mar de Juncos* em contraste com o *mar Vermelho*, e opto pelo mar de Juncos como aquele que está aqui em vista. Além disso, precisamos explicar o que significava esse *mar*. Os intérpretes modernos supõem que está em pauta um dos lagos (Timsah ou Balah).

14.3

Israel estava enfrentando dificuldades que o texto não define. A saída do Egito tinha criado problemas. Talvez, conforme alguns eruditos sugerem, tivesse havido uma tentativa malsucedida de cruzar o mar de Juncos. A palavra "desorientados" poderia significar que o Faraó tinha ouvido que Israel tomou uma rota diferente daquela que se poderia esperar, e assim ele pensou que algo de errado estava sucedendo com os planos. Talvez até sugira que Israel se tinha atolado na área pantanosa das proximidades do lago Timsah. Nesse caso, ele teria sido encorajado a sair com seu exército e tentar reverter todo o processo do êxodo.

Israel tinha-se saído vencedor a cada *round*. E talvez o Faraó tenha pensado que era hora de ganhar um *round*. Outros estudiosos sugerem que os nomes dos lugares mencionados (no vs. 2) na verdade eram fortalezas egípcias, e que Israel tinha sido forçado a retroceder. Isso tê-los-ia deixado em uma armadilha entre as fortalezas e o mar de Juncos, e, *aparentemente*, uma presa fácil ao exército que o Faraó poderia lançar contra eles.

14.4

Yahweh injetou no coração do Faraó que prosseguisse em seu desvario. Afinal, as moscas tinham desaparecido, não havia mais rãs nem saraivada, e os corações feridos dos egípcios, por causa da morte dos primogênitos, estavam sarando. Nesse caso, por que não tentar fazer Israel parar? Os filhos de Israel estavam desorientados e apanhados em uma armadilha, e, *dessa vez*, o Faraó obteria uma vitória. Dou uma nota detalhada sobre o endurecimento do coração do Faraó, em Êxo. 4.21. Algumas vezes é dito que o *Faraó* endureceu seu próprio coração; de outras vezes, *Yahweh* é que teria endurecido o coração do Faraó; e ainda de outras vezes, o agente do endurecimento é deixado indistinto, de tal

modo que o coração do Faraó *se endurecia* (voz passiva). Deus usa a vontade do homem sem destruí-la, embora não saibamos dizer *como* isso pode acontecer. Minhas notas aludem aos problemas teológicos envolvidos.

Serei glorificado. Isso através do fato de que Seu nome seria mais conhecido (ver as notas em Êxo. 7.5), e mediante a derrota definitiva de todas as divindades egípcias. Ver as notas em Êxo. 7.14 quanto a um gráfico que ilustra quais deuses foram derrotados pelas pragas particulares. O Faraó nunca tinha ouvido falar em Yahweh (Êxo. 5.2), mas agora sabia bem de Seu poder.

"O sucesso da estratégia de Israel, interpretada pela fé, proveu a Yahweh a ocasião para confirmar Sua vitória sobre o Faraó e libertar o povo de Israel. Beer e Eissfeldt corretamente salientaram a estratégia bem calculada envolvida naquele movimento" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Israel contava com cerca de seiscentos mil homens capazes de trabalhar no pesado, sem contar as mulheres que podiam ser postas a trabalhar (ver Núm. 1.46), e o Faraó não queria enfrentar o futuro, com todo o seu programa de edificações, sem dispor de trabalho escravo barato. Portanto, partiu atrás do povo de Israel, em uma aventura inútil e desastrosa para os egípcios.

14.5

Por Quê? Assim que os terrores das pragas foram esquecidos, foram capazes de perguntar um estúpido *por quê*. Os egípcios, aterrorizados, tinham expulsado os israelitas do Egito, temendo ter o mesmo fim que seus filhos primogênitos. Chegaram mesmo a doar-lhes muitas riquezas (Êxo. 12.31 ss.).

"Quando lemos artigos e livros sobre o arrependimento, impressiona-nos a dificuldade de distinguir entre um Faraó disposto a permitir que o povo de Israel se fosse, por estar *temeroso* de mais pragas, e um Faraó que realmente estava *arrependido* de sua crueldade tirânica" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Um indivíduo assustado arrepende-se mais ou menos do mesmo jeito que um rato reage, aterrorizado, diante de um gato. O homem realmente arrependido reage como uma criança que percebe que ofendeu seu pai. O verdadeiro arrependimento é o primeiro passo para o crescimento espiritual. O falso arrependimento é apenas a tentativa de escapar das conseqüências da própria maldade.

O grande motivo para a perseguição contra Israel era o *dinheiro*. Mais de seiscentos mil trabalhadores escravos seriam perdidos pela economia egípcia. Ver Núm. 1.46 quanto ao número dos filhos de Israel. O Faraó estava à cata de dinheiro, mas acabou sofrendo uma perda devastadora, sob a forma de vidas e equipamentos perdidos.

14.6,7

Seiscentos carros escolhidos. Eram carros de combate. Isso sem contar quantos outros carros. Capitães militares lideraram no ataque! O próprio Faraó se pôs à testa do exército, com seu próprio carro de combate. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Carro* e *Carruagem.*

Capitães. No hebraico, *três* ou *terceiro*. Os veículos de combate do Egito eram tripulados por somente dois homens, assim é melhor traduzir por *tripulação*, em vez de dizer "os três", ou seja, os três homens que geralmente tripulavam os carros de combate de outros países. Posteriormente, os carros de combate dos assírios e dos hititas tornaram-se espaçosos o suficiente para transportar três homens. Um deles dirigia o veículo, outro era o escudeiro, e o terceiro, naturalmente, era quem atirava as flechas e dardos. É possível que o hebraico, aqui, reflita esta última circunstância.

Josefo diz que o número de militares egípcios era de cerca de cinqüenta mil cavaleiros, além de duzentos mil infantes (*Ant.* 1.2 c. 15 sec. 3), mas não temos como averiguar esses dados. Ezequiel, o autor de tragédias teatrais, fala em *um milhão*, um número fantástico (Apud Hottinger Smegma, pág. 464).

Ramsés II testificou que uma força de dois mil e quinhentos carros de combate foi lançada contra ele pelos inimigos hititas (*Registros do Passado*, vol. ii, pág. 69,71), o que mostra que os seiscentos carros deste texto estava dentro do escopo dos exércitos antigos. Os "trinta mil carros", referidos em I Sam. 13.5, devem conter algum erro numérico.

14.8

O perpétuo coração duro do Faraó sofreu ainda maior endurecimento. Ver Êxo. 4.21 quanto a essa questão, bem como no vs. 4 deste capítulo. Israel tinha saído do Egito em atitude de *desafio*, conforme dão a entender algumas traduções, ou, então, *com mão descoberta*, ou seja, sem nenhum segredo, conforme diz o Targum de Onkelos. Ver Êxo. 12.33. Eles partiram com *arrogância*, e o Faraó saiu em perseguição deles para arrancar-lhes a arrogância.

Os filhos de Israel *saíram* afoitamente. Algumas traduções dizem aqui "saíram por meio de mão erguida", aparentemente indicando a mão erguida de Yahweh. Israel contava com a proteção e o poder de Deus (Êxo. 3.19; 6.1; 14.31). A idéia contida em nossa versão portuguesa, porém, parece ser que a saída de Israel do Egito deu-se de forma atabalhoada, sem um planejamento prévio suficiente; e isso parece completar a idéia do terceiro versículo deste capítulo, onde o Faraó comenta que Israel estava "desorientado".

14.9

A perseguição prosseguiu até Pi-Hairote, perto de Baal-Zefom, quando, finalmente, Israel foi alcançado. Ver no *Dicionário* sobre essas localidades, e ver também as notas sobre o segundo versículo deste capítulo. O texto situa definidamente essas cidades (fortalezas?) do Egito perto do local onde houve a travessia do *mar de Juncos* (não mar Vermelho; ver as notas sobre Êxo. 13.8 e 14.1,2). Parece que esses lugares ficavam próximos do lago Tímsah ou do lago Balah, a cerca de oitenta quilômetros ao norte do mar Vermelho. Alguns eruditos não concordam com essa avaliação, preferindo pensar em uma rota ao longo do mar Mediterrâneo, mas isso parece altamente improvável.

O exército do Faraó consistia, sem dúvida, em cavalaria, infantaria e carros de combate, *conforme era comum* entre os exércitos antigos. E diante dessa força armada, o povo de Israel entrou em pânico.

14.10,11

Os filhos de Israel clamaram ao Senhor. O terror tomou conta deles, enquanto o poderoso exército egípcio se aproximava rapidamente. E os filhos de Israel deixaram a questão aos cuidados de Yahweh, em oração. No pânico em que caíram, puseram a queixar-se amargamente, lamentando que tivessem aceito o plano do êxodo.

A Murmuração de Israel. O mar estava à frente deles, e o exército do Faraó aproximava-se rapidamente por trás. A fé fugiu de todos os israelitas naqueles momentos. Essa foi a primeira das *murmurações de Israel* no deserto, o que é um tema constante do livro de Êxodo. Ver também Êxo. 15.24; 16.2,3; 17.3; 32.1-4,25; Núm. 11.4-6; 12.1,2; 14.2,3; 16.13,14; 20.2-13; 21.4,5. Nada tinham para elogiar os labores de Moisés, que os tinha trazido em segurança até ali, mas puderam mostrar-se sarcásticos. O Egito não tinha *sepulcros em número suficiente*, e essa teria sido a razão pela qual Moisés teria trazido os filhos de Israel ao deserto. Melhor seria ter permanecido na servidão. Moisés tinha-lhes feito um grande *mal*, de acordo com o parecer dos murmuradores.

Qualquer pessoa que tente fazer alguma coisa é vítima de observações mordazes, a seu respeito e de seu trabalho. Sempre haverá o ciúme profissional em operação; sempre haverá aqueles que ficam *atônitos* diante dos erros que cometemos, e *amargos* diante de nosso sucesso. Assim, sem importar se tivermos êxito ou não, as mesmas palavras de reprovação serão proferidas.

Jeremias (2.1-3) desligou-se conspicuamente da tradição judaica das rebeldias e murmurações no deserto.

O Targum de Jonathan, comentando sobre essa passagem, diz: "Os *ímpios* daquela geração disseram a Moisés. . .".

O temor distorceu as memórias e despertou as paixões negativas dos israelitas. O próprio tempo distorce a memória e faz as pessoas pensar nos "dias passados" como melhores ou piores do que de fato foram.

14.12

Lembrando o Pior. Alguns israelitas foram capazes de relembrar aquele dia, já distante, quando rejeitaram, no começo, a missão de Moisés, antes dos vários sinais convincentes que ele apresentara, e que convenceram, primeiramente os anciãos do povo, e, então, o povo em geral. Ver Êxo. 5.21 e 6.9. Eles esqueceram-se, convenientemente, da admiração que os tinha levado a *adorar* a Yahweh, o Deus operador de prodígios (Êxo. 12.27). E acusaram Moisés de havê-los *enganado*. Se ele fosse sábio a metade do que fingia ser, teria sido capaz de prever a calamidade que acabaria atingindo os filhos de Israel.

"A reprimenda era injusta e desmerecida, mas faz parte da natureza humana lançar tais reprimendas em tempos de perigo ou dificuldades" (Ellicott, *in loc.*).

14.13

Este versículo brinda-nos com das mais admiráveis declarações do livro de Êxodo: *"Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará. . ."*

Em cada vida há momentos em que nada resolve, senão uma *intervenção divina*. Ocasionalmente, todas as pessoas atingem esse ponto quando falham os recursos pessoais e até mesmo os recursos de outras pessoas. A salvação não descansa, finalmente, naquilo que somos e podemos fazer, pois só se satisfaz com o poder da redenção. Algumas vezes, a intervenção divina ocorre dentro dos acontecimentos históricos, conforme se vê no presente caso, quando toda uma nação se viu envolvida. Mas a intervenção divina também ocorre na vida dos indivíduos. Se quisermos *crescer*, usualmente somos forçados a fazer coisas por nós mesmos, de acordo com os recursos que tivermos desenvolvido, usando

nossa razão e inteligência, nossa capacidade de planejar e nossas energias. No mais das vezes, entretanto, o próprio "eu" fala, e os recursos humanos são inadequados. E é *então* que ocorre a intervenção divina.

Quando Israel saiu da escravidão,
Havia diante deles um mar;
O Senhor estendeu Sua poderosa mão,
E fez rolar o mar para trás.

(H. J. Zelley)

Hoje. Assim diz o texto. O exército egípcio aproximava-se rapidamente, parecendo tão ameaçador. Mas "hoje" mesmo tudo aquilo terminaria. Nunca mais os filhos de Israel veriam aqueles rostos distorcidos, aquelas ameaças, aquela brutalidade. "Hoje" é o dia da redenção. Sim, naquele mesmo dia, aquele exército feroz seria reduzido a uma massa de cadáveres a boiar nas águas revoltas e lamacentas (vs. 30).

14.14

O Senhor pelejará por vós. O nome divino aqui usado é *Yahweh.* Moisés convidou os israelitas a esperar por um milagre, que aconteceria naquele mesmo dia. Foram palavras extremamente animadoras, talvez fáceis de ser ditas, mas que somente o poder divino poderia concretizar. Uma das grandes frustrações espirituais com que um homem espiritual pode defrontar-se é a sua própria impotência. Ele profere palavras grandiosas de poder espiritual, mas vê tão pouca coisa acontecendo. Se sinais e milagres não devem ser buscados por causa da excitação que eles provêem - pois a espiritualidade é muito mais do que isso -, um *milagre* bem colocado aumenta nossa fé e nossas forças espirituais. O *registro* da ocorrência nos confere fé. Por quantas vezes o Senhor providencia em nosso favor, de maneira significativa e especial. Israel podia olhar para trás e ver quantas pragas miraculosas tinham-nos livrado do Egito. Seria demais esperar *mais um* milagre? No entanto, de cada vez em que *mais um* milagre tem lugar, somos apanhados de surpresa. É verdade que soltamos um "aleluia!" em voz alta, mas, logo depois de despertada, nossa fé volta à sua normalidade, e novamente começamos a esperar, não muito encorajados.

Travessia do Mar (14.15-25)

O Milagre Estava Prestes a Ocorrer. Chegara o tempo determinado por Deus (João 7.8). O grande momento não tardaria mais; o êxodo tornar-se-ia irreversível. Muitos perigos ameaçariam o povo de Israel, antes que ele entrasse na Terra Prometida. Mas agora o *Egito* tomar-se-ia algo do passado. O prolongado exílio chegara ao fim, a servidão sobre a qual Abraão tinha sido avisado (Gên. 15.13). Os eventos no mar de Juncos foram uma intervenção histórica do poder de Deus, e isso garantia a posse final da Terra Prometida e o cumprimento do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). No tempo certo, o Messias surgiria dentre a tribo de Judá, e assim as provisões do pacto haveriam de envolver os gentios, e grandes dimensões espirituais tornar-se-iam uma realidade adicionada ao pacto abraâmico (ver Gál. 3.14 ss.).

A natureza, a história e o poder de Deus aliaram-se às margens do mar de Juncos. Deus opera através da história; Ele age por meio da natureza; mas também opera acima de ambas essas coisas, oferecendo-nos surpresas vindas das Suas mãos. O evento remidor do mar de Juncos tornou-se a base mesma da existência da nação de Israel. Foi um acontecimento poderoso e espantoso. Esse evento foi, para o Antigo Testamento, o que Jesus, o Cristo, foi para o Novo Testamento - um ato revelador e redentor de Deus. Sim, porque Deus conferiu tão grande graça aos homens.

14.15

Dize aos filhos de Israel que marchem. Eles estavam clamando; mas deviam entrar em ação! Devemos orar sem cessar (I Tes. 5.17), mas há momentos em que a ação é mais importante do que a oração, pelo menos *naquele* momento. De outras vezes, a *resposta* já nos foi dada. Mas em nossa miopia, não a vemos ainda. No caso que ora consideramos, o poder de Deus estava *presente*, já tinha entrado em *operação*. Agora, o que se fazia mister era que Israel marchasse para atravessar o mar de Juncos. Quando molhassem seus pés, então o ato miraculoso de Deus tornar-se-ia evidente e operante.

Uma excelente citação de George Meredith ilustra este texto: "Quando o homem fica convencido de que está fazendo o que Deus mandou, quanto pode esperar que as forças naturais obedeçam à sua vontade? Duas respostas religiosas têm sido dadas a essa pergunta. No decorrer da história, santos têm crido que, sob a inspiração divina, há *ocasiões* em que são capacitados a alterar e mesmo vencer o curso da natureza. E em todos os séculos sempre houve aqueles que acreditam que as leis da natureza são constantes, não havendo *exceções* à regra nem mesmo para o crente, para melhor ou para pior, mesmo nos momentos mais críticos".

Ambas essas idéias, naturalmente, dizem uma verdade. E é a vontade de Deus, em Sua graça, sabedoria e misericórdia, que determina o que ocorrerá em cada caso particular.

Sentimos que nada somos, pois tudo ás Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos - mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu nome - Aleluia!

(*The Human* Cry Alfred Lord Tennyson)

14.16

E tu, levanta a tua vara. Ver o uso dessa vara de poder no caso das pragas de números um (Êxo. 7.19), dois (8.5,6), três (8.16,17), sete (9.22,23), oito (10.12,13), nove (10.21,22). Ver as notas a respeito em Êxo. 4.2. A vara usada por Moisés agora produziria, nas mãos de Deus, mais um prodígio necessário, a fim de concretizar a missão de redimir Israel do Egito.

Conta-se a história do rei Canuto, que superestimava os seus poderes. Ele mandou colocar o trono real na praia do mar, e sentiu-se ofendido diante da maré alta. E, então, gritou: "Tu, ó mar, ordeno-te que não avances mais meu reino adentro, nem ouses molhar os pés de teu soberano senhor". Mas o mar nem ouviu nem obedeceu à sua voz, e continuou a subir, pois era maré alta. Enquanto a água subia, o monarca, de súbito, parece ter adquirido maior sabedoria, e começou a convidar seus súditos a considerar o fraco e frívolo poder de um rei.

Essa é a diferença que faz quando Deus está ou não presente. Moisés, munido da vara conferida por Deus, alterava o rumo dos acontecimentos naturais.

Moisés, estendendo a vara por sobre as águas, esperou as conseqüências. Grandes coisas já tinham acontecido antes. O poder de Deus operaria e mostrar-se-ia suficiente para aquela causa que parecia perdida?

14.17

Endurecerei o coração dos egípcios. Por muitas vezes já topamos com alguma declaração equivalente, na narrativa sobre o êxodo. A idéia aqui salientada é a de corações perpetuamente empedernidos. Há notas expositivas completas sobre a questão do endurecimento do coração do Faraó em Êxo. 4.21, onde levo em conta os problemas teológicos envolvidos. Algumas vezes é dito que *Deus* endurecera o coração de Faraó; de outras vezes, que o próprio Faraó endurecia seu coração; e, ainda de outras vezes, é usada a voz passiva, o coração do Faraó *se endurecia*, sem que se determine o agente desse endurecimento. Nas notas sobre Êxo. 4.21 mostro referências bíblicas com esses três sentidos. Ver também Êxo. 14.4 quanto às razões desse contínuo endurecimento divino, elementos repetidos neste versículo. Yahweh haveria de ser *glorificado*, Seu nome tornar-se-ia bem conhecido, e o panteão egípcio seria lançado no descrédito. Dou notas sobre a palavra *glorificar*, em Êxo. 14.4 e 7.5. Ver também o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, onde mostramos quais divindades egípcias foram derrotadas em cada uma das pragas.

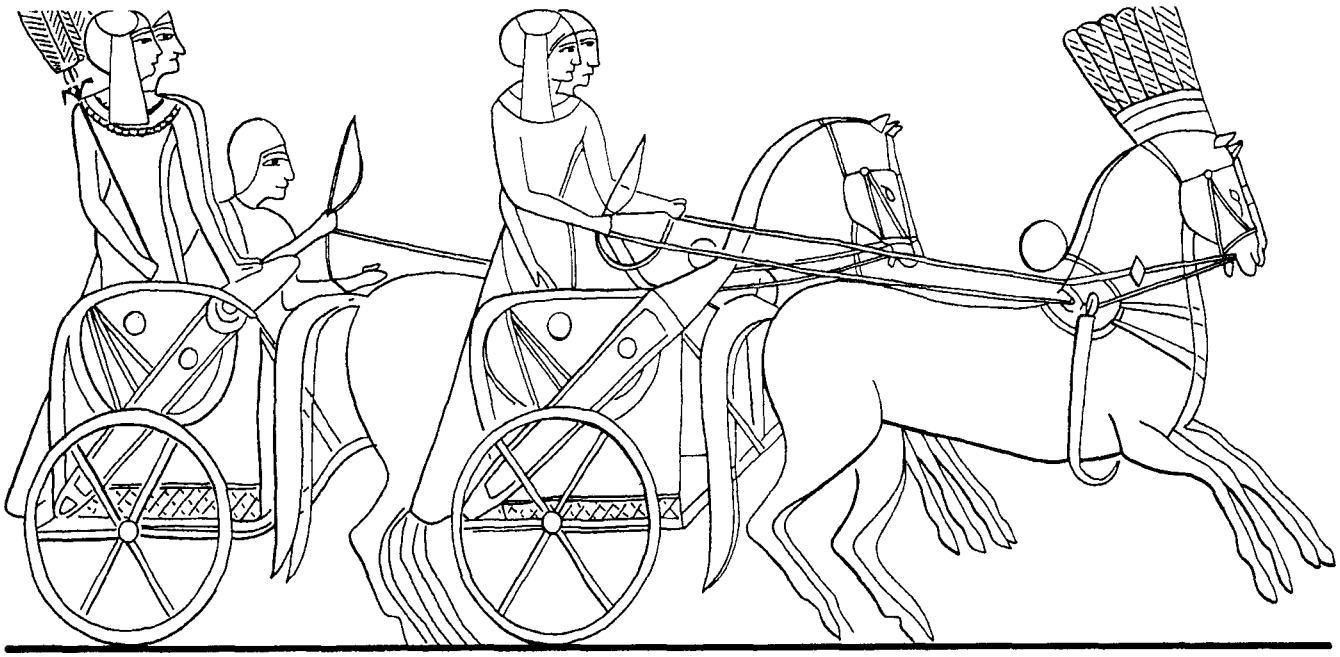
O Faraó voltava agora à carga, momentaneamente, com sua estúpida idéia de subjugar Israel de qualquer maneira, pois não queria perder o concurso do trabalho escravo do povo de Israel, por razões econômicas e por mero orgulho. O embotamento do Faraó não tinha fim. Sua alma perturbada não conhecia descanso de seu desvario. Trata-se do quadro de um pecador impenitente, o qual, sem importar o quê, segue o seu curso insano. Muitos de nossos problemas só podem ser resolvidos mediante soluções divinamente dadas.

14.18

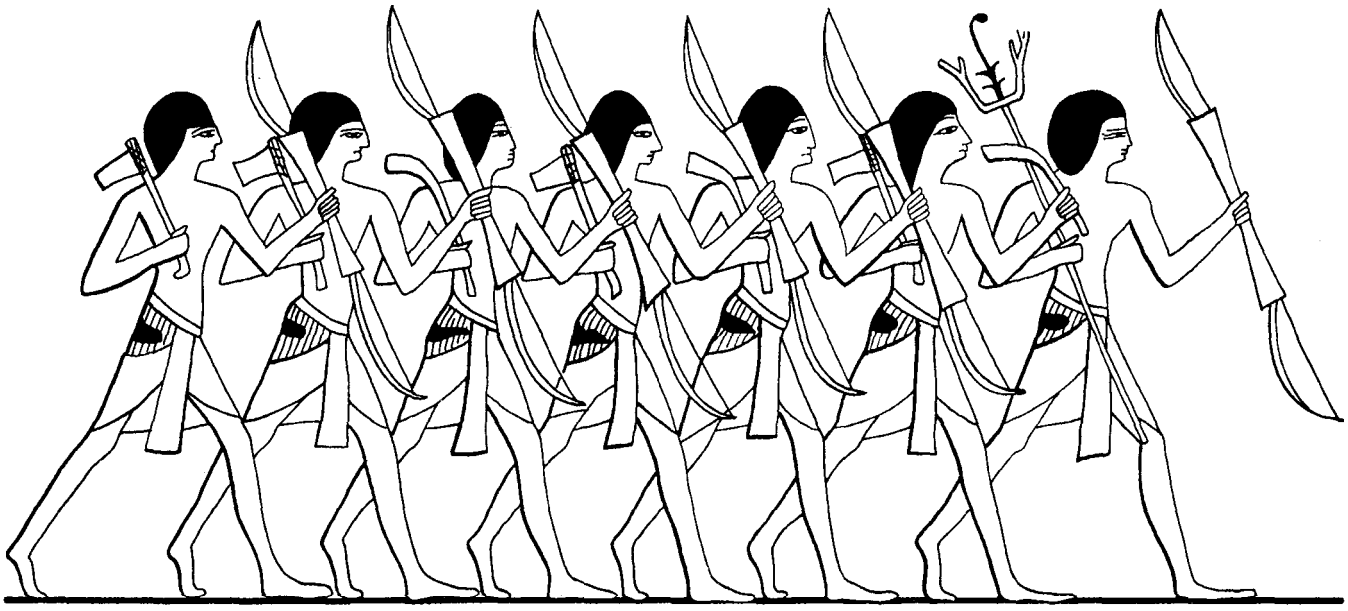
A Glória de Yahweh. A glória do Senhor estava em jogo, conforme este versículo repete, e o obstinado Faraó dava espaço para Deus mostrar a Sua glória. Em sua arrogância, o rei havia afirmado não conhecer a Yahweh (Êxo. 5.2). As pragas do Egito tornaram bem conhecido o nome de Deus, e Seu poder tornou-se dolorosamente óbvio. A *destruição* final, fatal e completa do exército egípcio, por meio das forças da natureza controladas por Deus, seria dada por um golpe definitivo. E, então, o panteão egípcio jazeria no pó, e, juntamente com tais deuses, o Faraó e seus exércitos. Raiaria um novo dia, em que o nome de Yahweh tornar-se-ia conhecido de mar a mar, tal como os raios do sol espantam as trevas que encobrem a terra. Sob a luz resplendente do sol, estaria Israel, definitivamente livre da servidão. A injustiça e a crueldade do Faraó desapareceriam nas sombras de uma memória distante.

14.19

O *Anjo do Senhor* e a *coluna* de nuvem e fogo representavam ambos a presença de Yahweh, porquanto eram manifestações de Sua presença e de Seu poder.



Os Príncipes Egípcios e Seus Carros (WILKINSON), *Smith's Bible Dictionary.*



Tropas Egípcias Avançam para a Guerra (WILKINSON) *Smith's Bible Dictionary.*

Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Anjo; Coluna de Fogo e Nuvem* e *Teofania*. Deus dispõe de muitos agentes. "O mensageiro angelical passou da vanguarda para a retaguarda das hostes, a fim de proteger Israel dos egípcios que avançavam" (John D. Hannah, *in loc.*). "Tal como na noite da páscoa (Êxo. 12.42), Deus montou guarda sobre o Seu povo" (J. Edgar Park, *in loc.*). As interpretações cristianizadoras fazem esse Anjo ser uma manifestação do *Logos* nos dias do Antigo Testamento.

Os intérpretes judeus tentavam inutilmente identificar esse anjo. Alguns falavam sobre o anjo Miguel (como *Pirke Eliezer*, c. 42); e outros tinham outras opiniões. O Targum de Jonathan supre, neste ponto, vários ataques que Israel teria sofrido pela retaguarda, com dardos e flechas, mísseis inflamados de vários tipos, mas como a nuvem envolveu o povo de Israel, escondendo-os e camuflando-os de qualquer ataque eficaz. A proteção divina, de qualquer modo, é o tema deste versículo. Isso fazia parte da *providência de Deus* (ver as notas a respeito no *Dicionário*).

14.20

A Dupla Atuação. A nuvem se interpôs entre os dois grupos humanos. Para os egípcios, produziu trevas; para Israel, luz. E nenhum dos grupos podia passar para o lado do outro. Era uma *barreira divina*, eficaz e temível. Foi assim que Israel passou a noite, acampado em paz e segurança. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo da Guarda*. "A religião, tal como a ciência, toma as forças na vida que se estão desperdiçando, a fim de transformá-las em poder. Transforma a preocupação em oração; a depressão em humildade; o orgulho em ação de graças; transforma chamas devoradoras e fumaça em colunas de proteção ou em anjos guardiães" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

A Divisão. Já pudemos observar as divisões divinas que permitiam que o Egito sofresse horrores, ao passo que Israel desfrutava de paz e segurança, no caso das dez pragas. Ver Êxo. 8.23; 9.4,26; 10.23 e 12.12,13.

14.21

Um forte vento oriental. Esse vento soprou durante a noite toda, como se fosse um tufão. Foi um fenômeno temível. Seu propósito foi o de dividir as águas em duas massas, preparando um caminho para Israel cruzar o mar de Juncos (ver as notas sobre Exo. 13.18, onde as notas explanam por que devemos pensar no *mar de Juncos*, e não no *mar Vermelho*). Deus já havia usado ventos como Seus agentes, como na praga dos gafanhotos. Os gafanhotos tinham sido trazidos pelo *vento oriental* (Êxo. 10.13), e em seguida foram removidos pelo *vento ocidental* (Êxo. 10.19). Ver as notas sobre Êxo. 10.13 quanto a uma *explicação sobre o vento oriental*. Naturalmente, devemos entender que se tratava de um vento soprado pelo poder de Deus. Não era um vento qualquer. Nenhum vento poderia fazer o que lemos aqui. Por essa razão, os céticos duvidam do relato inteiro. Algumas vezes, entretanto, Deus faz intervenção além de todas as nossas expectativas, que ultrapassam os poderes da natureza. Ver Sal. 66.6 e 106.9.

Explicações naturais são oferecidas pelos céticos e pelos estudiosos liberais. Abordei em parte essa questão, na introdução ao livro de Êxodo, seções segunda e sexta. Consideremos estes quatro pontos:

1. Quanto ao próprio êxodo, a ausência de registros egípcios contemporâneos tem levado alguns eruditos a supor que, se houve algum tipo de êxodo ou de êxodos do Egito, o texto não relata direito *como* isso sucedeu, nem *por quanto tempo*. Alguns eruditos pensam em migrações, violentas e não-violentas, quando populações semitas saíram dali em ondas, e não como um único acontecimento. O grande número de pessoas, sugerido em Números 1.46 (o que requer que pelo menos três milhões de pessoas estivessem envolvidas no êxodo), é considerado um número exagerado pelos tais.
2. O *modus operandi* miraculoso do êxodo, conforme os céticos e os liberais, seria adorno da parte de autores (ou compiladores) posteriores, que tomaram relatos sobre eventos naturais, injetando neles um elemento sobrenatural. Se uma saída ou mais de povos semitas do Egito teve lugar, com a ajuda de várias catástrofes naturais, acredita-se que tais coisas foram exageradas, assumindo proporções miraculosas ou mágicas, tal como vemos nos relatos que circundam as origens do povo grego, nos escritos de Homero. Ali, os deuses também tinham livre acesso às vidas humanas e controlavam os atos dos seres humanos. E os gregos tomavam muito a sério esses relatos, pois os escritos de Homero eram a Bíblia dos gregos.
3. Há um grande valor na *parábola* e na *alegoria* religiosa, mesmo quando incorporam mitos. Todos os estudiosos concordam quanto a esse ponto; mas alguns insistem em que algumas vezes acontecem coisas realmente grandiosas, que podem incluir um elemento miraculoso.
4. Os eruditos *conservadores* não vêem nenhum problema com o fator miraculoso, e salientam que há períodos na história quando esse fator se faz mais evidente do que em outros, e, em nossos próprios tempos, ainda ocorrerão milagres da mais elevada ordem. O êxodo foi um importante período de crise na história de Israel, portanto atos especiais de Deus foram necessários naquele período. Os dias de Jesus também foram um tempo de crise para o mundo inteiro, e milagres especiais foram necessários para aquele tempo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres*, o qual mostra como esses milagres ainda continuam bem presentes entre nós. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre *Satia Sai Baba*, um homem que faz *prodígios*, a despeito do que possamos pensar acerca de sua teologia e do que ele diz sobre si mesmo.

Exercendo Fé:

1. Algumas vezes, a fé consiste em confiar naquilo que é *verdadeiro* e *vital* à vida.
2. De outras vezes, a fé crê naquilo que não é verdadeiro, mas que se *faz* vital por *algumas* pessoas.
3. De outras vezes, a fé consiste em crer naquilo que não é histórica ou cientificamente verdadeiro, mas que tem *valor* como uma parábola ou alegoria.

Seja como for, tenha fé, pois sempre será melhor acreditar demais do que acreditar pouco demais. Isso não debilita a investigação, mas essa atitude pode ajudar-nos a não prejudicar as ovelhas às quais faltam sofisticação mental ou espiritual. Por outra parte, a verdade é uma aventura, portanto nos devemos aventurar, *se* tivermos de *avançar* no conhecimento, e não meramente extrair valor de vários tipos de fé. Nesse avanço, algumas vezes pode ser vantajoso que os *pioneiros* não apliquem certas formas de fé de que *outras pessoas* tenham necessidade.

14.22

As águas lhes foram qual muro. O vento que soprara a noite inteira deixou uma estrada seca pela qual os israelitas fizerem a travessia. Esses muros, de um lado e de outro, eram elevados e pareciam ameaçadores, mas não prejudicavam aos que fizeram a travessia. Mas também tinham a sinistra tarefa de destruir o exército egípcio que por ali também avançaria. Dois muros, embora ameaçadores, *protegeram* a vereda, mediante a qual os filhos de Israel conseguiram escapar dos egípcios.

O Lago Timsah. Talvez a região do *mar de Juncos* (ver a respeito em Êxodo 13.18) contivesse muitas áreas pantanosas, com poças de água de pouca profundidade. É verdade que ventos fortes, algumas vezes, têm o poder de afastar temporariamente a água de algum lugar; e essa água volta ao seu lugar ao cessar a ventania. Estamos informados de que quase anualmente esse fenômeno tem lugar, quando sopram ventos da primavera vindos do golfo Pérsico, na maré alta. Os críticos vêem nesse fenômeno, conhecido e comum, a base deste relato bíblico. O autor teria exagerado o fenômeno natural, transformando-o em um acontecimento miraculoso, por meio de sua vívida imaginação. Também sugerem que, enquanto Israel avançava terra seca adentro (conforme diz o relato bíblico), um exército egípcio viu-se atolado com seus cavalos e carros de guerra no meio do lamaçal! Ademais, ao retroceder a maré, parando o vento, a água voltou a fechar-se. Assim, águas rasas envolveram o exército atolado na lama. Apesar de não ter havido perdas de vida, conforme eles ainda dizem, a ação foi eficiente. Israel pôde prosseguir livre, ao passo que o exército egípcio ficou retido no meio da lama. Ver no vs. 21 quanto a meus vários comentários sobre a questão da natureza miraculosa *ou* quase miraculosa da narrativa, onde apresento minhas avaliações.

"A vitória divina alicerçou-se sobre um fenômeno natural" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Os eruditos conservadores asseveram: "A vitória divina baseou-se sobre um fenômeno sobrenatural". Em meio às controvérsias, não deveríamos perder de vista o elemento mais importante: há redenção e livramento para os pecadores. Deus interveio na história, especialmente através da pessoa de Jesus Cristo, para prover redenção e livramento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Redenção*.

14.23

Os egípcios, que os perseguiam. Foi uma perseguição insensata, pois levou o exército do Faraó precisamente à área perigosa, onde Yahweh estava realizando outro sinal prodigioso. Os egípcios nada haviam aprendido de todas as anteriores maravilhas destruidoras. Tinham mesmo esquecido seus queridos filhos primogênitos, que agora se decompunham em suas sepulturas. E em breve haveriam de juntar-se a eles na morte. Era chegada a hora da vingança final; mas mentes embotadas e destituídas de entendimento, embora previamente instruídas, nada percebiam.

14.24

Na vigília da manhã. Ou seja, entre as 3 horas da madrugada e o alvorecer. Ver no *Dicionário* o verbete *Vigílias*.

Yahweh era o verdadeiro inimigo do Egito, e isso ficou provado por muitas vezes. Ver as notas em Êxo. 8.19 e 12.31,32. Mas o coração dos pecadores vive tão calejado que age contra aquilo que eles sabem. Sócrates supunha que o

homem que *soubesse realmente* o que era melhor para ele, jamais faria aquilo que lhe fosse prejudicial. Mas a experiência mostra que a conduta ética não segue o mero conhecimento das coisas. Os homens agem de modo contrário aos seus próprios interesses, devido à perversão de seu caráter. Existe certa tendência suicida, certo *impulso* interior que leva os homens a praticar muitas coisas próximas da loucura, e isso, algumas vezes, resulta em autodestruição.

Os Egípcios Cruzam o Mar no Escuro. Para Israel havia a luz divina, sob a forma da coluna de fogo. Mas o exército egípcio avançou em meio às trevas. Ver o vs. 20. Cf. outra derrota noturna dos egípcios em Êxo. 11.4,5.

Yahweh *perturbou* os egípcios conforme se lê no vs. 25. O Targum de Jonathan diz que a coluna de fogo projetou brasas vivas contra os egípcios, além de uma tremenda saraivada. O Targum de Jerusalém alude a toda espécie de tempestade que irrompeu da coluna, contra os egípcios. Artapano (Apud Euseb. *Praep. Evan.* 1.9 c. 27, par. 436) afirmou que Yahweh feriu-os por meio de raios, e muitos egípcios morreram no local.

14.25

O autor sagrado foi menos dramático do que os autores antigos que citamos acima, acerca de *como* Yahweh atacou aos egípcios. Ele fez emperrar as rodas de seus carros de guerra, ao se atolarem e quebrarem na lama, de tal modo que os cavalos somente a custo podiam puxá-los. Assim, aqueles veículos, que davam tão nítida vantagem dos egípcios sobre os israelitas, acabaram sendo prejudiciais para os primeiros. Onde homens a *pé* podiam avançar, ainda que trabalhosamente, carros de combate e cavalos não podiam fazê-lo. Quem estava a pé podia avançar mais ligeiro do que os cavaleiros ou os que dirigiam os carros de combate.

Com seus carros de combate atolados na lama, subitamente os egípcios perceberam que Yahweh estava de novo contra eles, lutando ao lado de Israel. Entenderam que sua causa estava perdida, e tencionaram abandonar imediatamente a empreitada. Há projetos que precisam ser abandonados.

O Targum de Jonathan diz que as pedras da saraivada atingiram as rodas dos carros de guerra, despedaçando-as. Jarchi diz que fogo descido do céu queimou as rodas.

Os Egípcios Perecem no Mar (14.26-31)

14.26

A mão e a vara de Moisés novamente se estenderam, para que os muros de água do mar voltassem a fechar-se, tal como, pouco tempo antes, esse mesmo ato tinha feito abrir-se as águas do mar (vs. 16). Ver as notas sobre esse versículo acerca da vara de poder.

Israel já havia chegado do outro lado, em segurança; e foi *o poder de Yahweh*, e não alguma mudança na direção do vento que selou a sorte horrenda das forças egípcias. Se tudo fosse apenas um processo natural, seriam necessárias várias horas para que as águas voltassem ao seu lugar, talvez com a ajuda de um vento de direção contrária, como no caso dos gafanhotos (ver o vs. 21).

14.27

Ao romper da manhã. Existe algo de profundamente significativo no fato de que a destruição do exército egípcio teve lugar quando ainda escuro (vss. 24), ao mesmo tempo em que a luz de Deus iluminava o povo de Israel, e, *ao romper da manhã*, tudo tinha voltado à calma. Israel, uma vez mais, fora livrado. O poder destruidor que os tinha perseguido, e isso pelo espaço de várias gerações, agora estava totalmente destruído. Temos aí um vívido e poético retrato da própria redenção da alma. Luz em meio às trevas; destruição em meio às trevas; paz, alegria e luz ao romper da manhã. Isso posto, Deus proveu um *novo dia,* uma Nova Era. Acabara de ser lançado um grande marco da história.

> *Quando a noite termina e as sombras passam,*
> *E o alvorecer eterno expele os cuidados terrenos;*
> *No Lar de Deus, descansarei afinal. . .*
>
> (A. H. Ackley)

O mar. . . retomou a sua força. E isso com efeitos devastadores para os militares egípcios. Os egípcios tentaram fugir, mas foi tudo em vão. O grande exército egípcio foi derrotado, sem que os israelitas tivessem tido de atirar contra eles uma única flecha. Assim, esse milagre destrutivo foi o mais potente de todos, chegando mesmo a ultrapassar, em poder de destruição, o golpe aplicado pelo anjo da morte, que em um único momento tirou a vida de todos os filhos primogênitos do Egito. Ver no *Dicionário* o verbete *Pragas do Egito.* Mas nossa curiosidade, se o Faraó pereceu ou não na ocasião, não é satisfeita. O que sabemos é que cessou, de uma vez por todas, a ameaça egípcia contra o povo de Israel, o qual, doravante, podia iniciar a conquista da Terra Prometida.

14.28

Embora já estivesse em terra seca e segura, o povo de Israel prosseguiu caminho, ao passo que os egípcios agonizavam, arrebatados pelas águas encrespadas do mar. Uma vez mais, pois, fora feita uma *distinção* entre o Egito e Israel. Ver as notas sobre Êxo. 14.20, último parágrafo. Josefo informa-nos de que o exército egípcio contava com cinqüenta mil cavalarianos e duzentos mil infantes. Não sobrou um sequer deles. Os carros de combate que tinham usado, e que deveriam tê-los ajudado a obter a vitória, ficaram atolados na lama; e o armamento pesado que os soldados egípcios transportavam impediu que escapassem das águas que, de súbito, voltaram ao seu lugar. O próprio estratagema dos egípcios conduziu-os mais depressa à morte.

14.29

Este versículo reitera o que se lê no vs. 22, onde as notas expositivas a respeito devem ser examinadas, exceto pelo fato de que aqui é dito que a travessia de Israel, a pé enxuto, tinha sido um completo sucesso.

14.30

Israel viu os egípcios mortos. Os cadáveres dos soldados egípcios *flutuavam sobre as águas e foram lançados à praia, servindo de horrendo* testemunho do poder de Yahweh, que assim pôs fim à arrogância do Egito. Quem quer que tenha contemplado a cena, sem dúvida, jamais pôde esquecê-la. O relato deveria ser transmitido de geração em geração; e assim, os israelitas de gerações futuras poderiam dizer: "Eu vi, porque meus antepassados viram".

Josefo ajunta que os israelitas se armaram com muitos instrumentos de guerra que os egípcios tinham trazido. Agora, pois, os israelitas estavam mais bem preparados para as muitas batalhas que os esperariam no seu futuro (*Antiq.* 1.2 c. 16, sec. 6).

14.31

Flutuando Junto com as Circunstâncias. Ainda recentemente, os israelitas murmuravam contra Moisés (Êxo. 14.10). As murmurações do povo de Israel tornaram-se um dos temas mais constantes deste livro e do de Números, conforme vemos nas referências daquele versículo. "O povo, com freqüência, flutuava entre a confiança e o espírito queixoso, entre a fé e a incredulidade (Êxo. 4.31; 5.21; 14.10-12,31; 15.24; 16.2-4; 17.2,3)" (John D. Hannah, *in loc.*). Cf. a adoração referida neste versículo e aquela referida em Êxo. 12.27. Temor e admiração levaram a outro ato de confiança e a outra aceitação da autoridade e da missão de Moisés. Mas não seria a última vez em que Israel teria de ser *arrastado de volta* a essa atitude. Por antecipação, admiramo-nos de como a fé dos israelitas poderia novamente cair em decadência. Mas então examinamos a nossa própria fé e descobrimos a resposta. Grandes coisas do passado não nos garantem a fé no futuro. Não obstante, vamos crescendo sem parar.

Capítulo Quinze

Hino de Vitória (15.1-21)

Surpreendentemente, boa poesia tem caracterizado as raças humanas, antigas e modernas, as que vivem na barbárie e as civilizadas. De algum modo, o espírito humano é capaz de elevar-se acima de seus limites, quando a mente criativa é liberada nas composições poéticas. E mais surpreendente ainda é o fato de que mesmo cenas da maior violência sejam tão belamente descritas. Aquele que já leu obras de Homero maravilha-se diante da graça e da beleza de sua poesia, mesmo quando ele descreve as cenas mais bárbaras. Diante de nós, pois, temos esse tipo de poesia. Yahweh, o grande Destruidor, reduziu a nada o inimigo de Israel, e, em meio a grande matança, livrou o Seu povo e exaltou o Seu nome. Sócrates observou a habilidade e inspiração dos poetas, mas queixou-se de que, quando queria explicar seus *discernimentos*, com freqüência, eles se mostravam mais deficientes do que qualquer pessoa que lesse as suas linhas. A mente humana é capaz de inspiração e transcendência, e a poesia é um dos meios mediante os quais essa inspiração e transcendência recebem expressão. Assim também na Bíblia, um livro inspirado pelo Espírito de Deus, não nos deveríamos admirar ao achar ótimos exemplares de obras poéticas.

O poema diante de nós é espontâneo e afogueado, mas exibe considerável planejamento e habilidade literária. Ensina a regra universal de Yahweh e como o povo de Israel achou posição privilegiada por andar segundo essa regra. O poema é uma espécie de hino que se tornou grande expressão de louvor e fervor religioso.

Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco;
e as águas lhes foram qual muro á sua direita e à sua esquerda.
Os egípcios, que os perseguiam, entraram atrás deles...

Voltando as águas, cobriram os carros e os cavalarianos de todo o exército de Faraó.

Êxodo 14.22,23,28,31

E Israel viu o grande poder que o Senhor exercitara... e confiaram no Senhor.

*** *** ***

REDENÇÃO

Definida: I Cor. 6.20

Por Cristo: Mat. 20.28; Gál. 3.13

Por Seu sangue: Atos 20.28

Da ligação da lei: Gál. 4.5

Da praga da lei: Gál. 3.13

Do poder do túmulo: Sal. 49.15

Para justificação: Rom. 3.24

Para adoção como filhos: Gál. 4.4,5

Ela [a redenção] é preciosa: Sal. 49.8

Para transformação à imagem de Cristo: Rom. 8.29

Para participação na natureza divina: II Ped. 1.4

"A ode distingue-se de composições similares posteriores por meio de sua grande simplicidade de linguagem, e de um arranjo mais livre de arranjo rítmico. Temos ali o usual *paralelismo de cláusulas* da poesia dos hebreus, com suas três variedades de estilo antitético, sintético e sinônimo. Mas a cadência regular da composição é interrompida por uma freqüência incomum de estâncias em tríadas, e o paralelismo é menos exato do que aquele que se vê em tempos posteriores" (Ellicott, *in loc.*).

"Antigas histórias poéticas comemoravam grandes e extraordinárias demonstrações de providência, de coragem, de força, de fidelidade, de heroísmo e de piedade" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Os gemidos e clamores dos israelitas (Êxo. 14.10-12) transmutaram-se em adoração, conforme foram conduzidos por Moisés (Êxo. 15.1-18), e pela sua irmã, Miriã (vss. 19-21), em louvores triunfais ao Senhor" (John H. Hannah, *in loc.*).

15.1

Então entoou Moisés. O poema, na verdade, é um hino. São aqui combinados dois cânticos, ambos celebrando o livramento de Israel por intervenção de Yahweh, diante do mar de Juncos (cap. 14). O cântico de Moisés (vss. 1-18) foi introduzido mediante a citação de um antigo cântico de Miriã (vs. 21).

Há *três* cânticos atribuídos a Moisés no Antigo Testamento. Este, o de Deuteronômio 31.22 e o Salmo 90. "Os deuses das nações pagãs continuavam sendo concebidos como existentes (nas mentes dos pagãos), mas Yahweh mostrava-se superior a todos eles quanto ao poder. Temos aí um grande passo na direção da fé que só aceita a existência de um Deus verdadeiro (vs. 11). Tal como todos os cânticos patrísticos, este poema fala sobre triunfos nacionais" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

O cântico começa comemorando o principal fato destacado no capítulo catorze: o exército egípcio foi derrotado e destruído no mar, mediante um poderoso ato de Yahweh. Ver as notas sobre Êxo. 12.26 ss. quanto a descrições.

Uma completa redenção tipificada no livramento efetuado no mar de Juncos, e celebrada neste hino, exalta o livro de Êxodo como um hino de redenção, ensinando-nos várias lições:

1. A redenção deve-se inteiramente a Deus (Êxo. 3.7,8; João 3.16).
2. A redenção é efetuada pelo poder de Deus (Êxo. 6.6; 13.14; Rom. 8.2).
3. A redenção é feita mediante o sangue (Êxo. 12.13,23,27; I Ped. 1.18,19).
4. Tudo isso nos faz lembrar da redenção que há em Cristo (Rom. 8.2; Efé. 2.2).

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Redenção*. Cristo também nos livrou de um adversário temível, o diabo.

Tertuliano alegorizou esta passagem, fazendo os egípcios representar os inimigos espirituais que os crentes precisam enfrentar durante sua vida neste mundo; o Faraó seria o deus falso; os cavalarianos do Faraó seriam o poder de Satanás; os inimigos de Israel, os inimigos da alma (*Contr. Marcion.* 1.4 c. 20).

15.2

Achamos aqui uma citação extraída de Isa. 12.2 e de Sal. 118.14, embora alguns estudiosos afirmem que o que se deu foi precisamente o contrário, porquanto tentam assim preservar a data mais antiga do livro de Êxodo. Os críticos acham nisso outra razão para datarem o livro de Êxodo (e todo o resto do Pentateuco) em uma data posterior.

Este é o meu Deus. . . o Deus de meu pai. Um paralelismo, típico da poesia hebraica. *Yahweh* tinha derrotado todo o panteão do Egito, conforme ilustrei no gráfico das notas sobre Êxo. 7.14. Vemos ali que cada praga atingiu certos deuses falsos dos egípcios. Desse modo, Yahweh é celebrado no cântico. E Ele também era o mesmo Deus dos patriarcas. Ver sobre isso em Êxo. 3.6,13,15; 4.5. Ver também Gál. 4.6.

Ele me foi por salvação. Originalmente, a idéia é que Deus livrara os israelitas do poder do Faraó, estando em foco o livramento do exílio egípcio, a preservação de Israel no episódio do mar de Juncos, o tema mesmo do capítulo catorze do livro de Êxodo.

Somente mais tarde, já no tempo dos Salmos e dos Profetas, foi que a salvação da alma passou a ser expressa pela teologia dos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salvação*.

Portanto, eu o louvarei. No coração, nas reuniões da assembléia de Israel, em lugares especiais de culto. Jarchi e vários Targuns dão esse sentido de louvor a essas palavras, o que transparece em muitas traduções modernas. Mas Onkelos e Aben-Ezra falam em "preparar uma habitação para Yahweh". É verdade que o original hebraico pode suportar essa tradução. Mas a regra de paralelismo, na poesia dos hebreus, favorece a tradução que temos aqui, porquanto isso faz paralelo com a idéia de "exaltação", que aparece no fim deste versículo.

15.3

Homem de guerra. Moisés usou aqui uma metáfora militar. Foi *Yahweh* quem produziu os milagres de destruição (ver o artigo *Pragas do Egito*, no *Dicionário*); foi Yahweh quem, no mar de Juncos, fez o exército egípcio perecer, e levou Israel a atravessar o mar a pé enxuto. Assim sendo, Yahweh é um guerreiro que confere vitória ao Seu povo, em tempos de aflição.

". . .o *homem* não participa ativamente *nessa* vitória" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Yahweh* e *Deus, Nomes Bíblicos de*. Foi Yahweh quem se tornou conhecido por causa dos prodígios efetuados no Egito, embora o Faraó tivesse dito que não O conhecia (Êxo. 5.2), mas que acabou conhecendo de forma forçada (Êxo. 7.5).

A Septuaginta diz aqui "esmagador de guerra", e o Pentateuco Samaritano diz "poderoso em batalha". Cf. Sal. 24.8.

Os intérpretes cristãos fazem-nos meditar sobre o trecho de Efésios 6.10, onde Paulo elabora uma metáfora militar e aplica a questão aos conflitos do crente com as forças do mal, externa e internamente, bem como alude à vitória que obtemos em Cristo, o qual é nosso Comandante.

15.4

Os vss. 4-10 recitam os feitos poderosos de Yahweh no mar de Juncos. Ver Sal. 78.12,13. Este versículo comemora o que foi descrito em Êxo. 14.17,24-28. A expressão já havia aparecido como introdução ao hino-poema, no vs. 1 deste capítulo. Os dez prodígios libertadores foram todos grandes em seus efeitos, visando ao bem comum. Mas o clímax de todos esses prodígios foi a intervenção divina no mar de Juncos, pelo que esse é o item mais celebrado neste poema. Cf. Apo. 1.18. Ver Êxo. 14.7 quanto aos "capitães". A *elite* das forças armadas do Faraó pereceu porque estava resolvida a realizar uma missão desvairada, que somente Yahweh era capaz de fazer estancar.

15.5

Desceram às profundezas. Embora o mar de Juncos (ou, então, os lagos Timsah ou Bilah) fosse pouco profundo, e embora fosse chamado de *mar*, suas águas, mediante um "fiat" divino, elevaram-se formando muros (Êxo. 14.22,28). Poeticamente, as águas rasas do mar de Juncos são comparadas às profundezas do *sheol*, ameaçando morte e destruição, temível para os que ali se viram mergulhados. Ver as notas sobre Êxo. 13.18 quanto ao *mar de Juncos*, e não *mar Vermelho* (uma variante introduzida pela Septuaginta).

". . .como uma pedra de moinho, foram tomados por um anjo e lançados no mar, sofrendo ruína irrecuperável" (John Gill, *in loc.*). Cf. Apo. 18.21.

15.6

A tua destra. A mão que representa poder e posição de honra, uma metáfora comum nas Escrituras. Ver Êxo. 15.12; Sal. 16.8,11; 18.35; 21.6; 45.4; 73.23; 110.1; Mat. 25.34; 26.64; Col. 3.1; Heb. 1.3; I Ped. 3.22; Apo. 1.16.

Yahweh, o homem de guerra (vs. 3), o Deus dotado da poderosa mão direita, aponta para uma metáfora antropológica. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo*.

15.7

Yahweh exibiu Seu poder no Egito, mediante as dez pragas (ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*), e também no mar de Juncos. Ele espalhou destruição e assim livrou Israel de sua longa servidão aos egípcios. Foi depois de libertados que puderam iniciar sua marcha de volta à Terra Prometida. Nenhum homem poderia ter feito isso. Este versículo introduz, em termos gerais, o que se segue, de forma detalhada, nos vss. 8 ss. A ira do Senhor reduziu os formidáveis inimigos de Israel a nada, como se fossem restolho ou palha, que os israelitas tinham usado na massa para fabricar tijolos no Egito.

Elementos Enumerados:

1. Surgimento súbito dos ventos, uma força eficaz (vs. 8).
2. As águas acumulam-se em montões (vs. 8).
3. A arrogância dos egípcios não demoraria a ser humilhada (vs. 8).
4. Um segundo vento começa a soprar (vs. 9).
5. A volta das águas ao seu lugar, o que destruiu o exército egípcio (vs. 6).

Cf. Isa. 27.4; 51.24; Apo. 6.17.

15.8

O Vento Oriental É Mencionado (Êxo. 14.21). Foi como um grande resfolegar das narinas de Yahweh, o qual demonstrou Sua ira como se fosse um cavalo de batalha a relinchar. Ver Sal. 18.15. Houve algo de extraordinário naquele vento orien-

LIBERTAÇÃO

Assim o Senhor livrou Israel naquele dia da mão dos egípcios;
e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar.

E viu Israel o grande poder que o Senhor exercitara contra os egípcios;
e o povo temeu ao Senhor, e confiaram no Senhor, e em Moisés, seu servo.

Êxodo 14.30,31

*** *** ***

O CANTO DO LIVRE

Liberdade é o modo escrito
No céu, na terra e no mar!
Di-lo a fera no seu grito,
E as aves cruzando o ar;
Di-lo o vento da procela,
A vaga que se encapela
E nos espaços a estrela
Em seu contínuo girar.
Di-lo tudo! Mas ainda
Mais livre me criou Deus
Que os astros da altura infinda,
Os ventos e os escarcéus.
Eu tenho mais liberdade
Desta alma na imensidade,
Pois tenho nela a vontade,
Tenho a razão, luz dos céus.

Soares de Passos

tal, algo diferente de todo vento oriental que já havia soprado. Aquele vento foi impulsionado pelo poder de Deus. Tinha uma missão especial a realizar. Tal vento tinha um poder elevador e congelador, de tal modo que as águas se tornaram meio de escape para Israel, mas meio de destruição para o exército egípcio. Cf. II Tes. 2.8 no tocante ao esperado anticristo. Ver também Heb. 3.10. Encontramos aqui mais antropomorfismos poéticos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.*

15.9

O inimigo dizia. Os egípcios tinham-se mostrado arrogantes ao tentarem cumprir sua desvairada missão destruidora. Ver Êxo. 14.6 ss. Em pouquíssimo tempo já haviam esquecido todas as perdas que tinham sofrido. Israel tinha saído do Egito com muitas riquezas, quase todas *doadas* pelos egípcios (Êxo. 3.22; 11.2; 12.35,36). Antes, o povo de Israel estava reduzido à condição de escravos, mas tinha partido do Egito *enriquecido.* O arrogante exército egípcio, porém, saiu atrás dos israelitas, inclinado a matar **e** saquear. Ao avistarem o exército egípcio, os israelitas tinham ficado transidos de medo, e se puseram a clamar e a queixar-se, a duvidar e a desesperar (Êxo. 14.10 ss.). Naquele momento, nenhum homem poderia tê-los salvado. Foi mister outra intervenção divina, sob pena de a causa de Deus ter-se visto frustrada.

Já esquecidos das perdas sofridas, os egípcios começaram a indignar-se, a ponto de desejarem destruir os israelitas. E enviaram seu exército com espadas desembainhadas, armados de dardos, seus cavalos resfolegando, seus carros de combate ribombando, seus soldados gritando por vingança.

15.10

Sopraste com o teu vento. A destruição foi súbita. Sem a mínima cautela, eles se lançaram às águas, seguindo Israel pela vereda em seco. De repente, porém, os muros de água desabaram sobre eles, e o vento soprou-os ao total esquecimento, e afundaram como chumbo ao fundo do mar. O poder de Yahweh manifestou-se nos ventos e nas águas, e *esse* poder avassalou e destruiu totalmente o inimigo. Nenhum homem poderia ter feito tal coisa. Cf. essa destruição súbita com o quadro profético sobre o fim (I Tes. 5.3). O sopro do vento, que fez as águas desabar sobre os egípcios, não foi mencionado no relato do capítulo catorze, mas ajusta-se bem a ele, tal como no caso da praga dos gafanhotos, quando o vento oriental soprou e trouxe os gafanhotos, e, então, soprou o vento ocidental, e os levou para o mar (Êxo. 10.13,19).

Afundaram-se como chumbo. Um testemunho pessoal, dito por alguém que ficara impressionado diante da cena (vs. 5). Quão inesperadamente tudo sucedeu! Cf. Apo. 18.21.

15.11

Ó Senhor. Yahweh havia derrotado todo o panteão egípcio nas dez pragas, e, uma vez mais, no mar de Juncos. Ver o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, que ilustra como cada praga humilhou uns tantos deuses ou deusas do Egito. Alguns pensam que aqui *deuses* são mencionados como divindades reais, posto que inferiores, sobre os quais poderes triunfou Yahweh, o verdadeiro Deus. Mais provavelmente, temos aqui uma expressão da consciência monoteísta, de acordo com a qual esses deuses eram apenas imaginários, figuras fictícias criadas pelos homens. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Deuses Falsos; Monoteísmo* e *Providência de Deus.* É patente que Deus fez Sua providência prevalecer durante todo o episódio.

"Este segmento do hino (vss. 11,12) aparece sob a forma de uma *indagação negativa,* um artifício litúrgico comum (cf. Sal. 35.10; 71.19; 89.7-9; 113.5,6). Estes versículos revelam como a fé generalizara o evento sobre o qual repousa. Visto que Yahweh se mostrara Senhor de Faraó, Ele está acima de todos os *deuses*" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Glorificado em santidade. A ênfase recai sobre o aspecto moral. O Faraó e suas hostes serviram de emblemas dos tiranos cruéis e barbáricos que, por tanto tempo, cometeram injustiças contra o povo de Deus. Foi apenas apropriado, pois, que a *ira de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*) retificasse, finalmente, toda a questão. Cf. Sal. 86.8.

Maravilhas. As dez *pragas destruidoras* e o golpe definitivo do mar de Juncos, exterminando o exército egípcio. Israel tinha confiado no poder miraculoso de Deus. Ocasionalmente, Deus fazia intervenção em favor de Israel, como medidas necessárias, a fim de dar livramento ao Seu povo.

Deus pode fazer melhor certas coisas através do julgamento do que através de qualquer outro meio. Contudo, esses juízos são medidas remediadoras: sempre têm algum propósito benéfico em mente, como atos disciplinadores severos e duros. A cruz do Calvário também foi um juízo, severo e terrível, mas visando a um *bom propósito,* de alcance universal. E o que acontece a todos os juízos impostos por Deus. Até mesmo a descida de Cristo ao hades teve um bom propósito. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Descida de Cristo ao Hades.* Ver no *Dicionário* o verbete *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

15.12

Estendeste a tua destra. O braço de Deus é todo-poderoso. Ver as notas sobre o vs. 6 deste capítulo quanto à *destra* ou mão direita de Deus, a mão que representava poder, privilégio, provisão e glória. A *terra* tragou os egípcios, talvez uma referência ao *sheol* (ver sobre esse lugar no *Dicionário*), ou à sepultura, lugar de total destruição. Em outras palavras, do fundo do mar, eles passaram para o *sheol.* Contudo, não é provável que devamos ver aqui uma alusão direta a essa prisão da alma, naquele período tão remoto. Mais tarde, entre os israelitas, concebia-se que as almas vão para o *sheol,* por ocasião da morte física. Essa doutrina passou por um desenvolvimento, o que sucede à maior parte das proposições teológicas, conforme fica demonstrado naquele artigo. É provável que devamos entender aqui que a destruição total, iniciada pelas águas, terminou quando a terra do fundo do mar tragou os cadáveres dos egípcios como sua sepultura final. A metáfora é um tanto desajeitada, embora muito poderosa e impressionante.

Alguns estudiosos vêem aqui um acontecimento *físico,* e não um quadro metafórico acerca do *sheol.* Nesse caso, teria havido um terremoto, que abriu uma fenda na terra, para onde desceram os cadáveres dos soldados egípcios. Ou, então, as águas do mar finalmente levaram seus corpos até a praia, e, então, eles foram sepultados por outros em valas comuns. Parece que o Salmo 77.18 indica que houve um terremoto associado ao evento, ou, então, também devemos entender metaforicamente todas essas descrições. Ou algo tão simples como o *lodo* do fundo do mar pode estar em foco. Esse lodo recebeu os cadáveres, como se fossem sepulturas. Ou, finalmente, as *próprias águas* do mar são aqui pintadas como *se fossem* sepulcros, porquanto tiveram essa função, na ocasião.

15.13

Guiaste o povo. Vemos aí o amor benevolente de Deus, em favor de Israel, ao mesmo tempo em que os ofensores egípcios pereceram em seus sepulcros de água. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* A mensagem do Novo Testamento é superior: "Deus amou o mundo de tal maneira. . ." (João 3.16). O livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento. Para Deus, os pagãos pareciam importantes o suficiente para Ele ter-lhes enviado um profeta de Israel; e até os rebanhos da Assíria eram importantes aos Seus olhos (Jon. 4.11). Por outro lado, a ira de Deus é um dedo de Sua mão amorosa, conforme explico nas notas sobre o versículo décimo primeiro, acima. Se a missão de Cristo alcançou os *desobedientes* dos dias de Noé, sem dúvida também alcançou os desobedientes e arrogantes do Egito. Ver I Pedro 3.18-4.6 e o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Que salvaste. Naquele período tão remoto, estava em foco, acima de tudo, a libertação de Israel da servidão egípcia, e a subseqüente entrada na Terra Prometida. O acontecimento histórico, porém, tornou-se um tipo da redenção espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo *Redenção.*

... o levaste à habitação da tua santidade. Os filhos de Israel foram conduzidos por Deus da servidão no Egito à liberdade. A redenção foi *de* um estado *para* outro, tal como a redenção espiritual é da servidão ao pecado para a salvação eterna da alma.

Habitação da tua santidade. Um termo um tanto vago aqui e que tem recebido diversas interpretações:

1. Aquele lugar, no deserto ou em *qualquer* outra localização, onde os homens viessem a adorar, sentindo a presença de Deus: o lugar de adoração e ação de graças.
2. Ou está em foco a inteira *Terra Prometida,* como uma referência metafórica. Ver Sal. 78.54; Jer. 10.25; 25.30.
3. Ou, então, está em pauta, especificamente, o *monte Sião,* o que poderia ser uma visão retroativa, por parte do autor sagrado, que tinha consciência do que viria após a vagueação no deserto. O vs. 17 deste capítulo certamente sugere essa interpretação. Alguns eruditos aceitam essa terceira interpretação, mas pensando que temos aqui uma *profecia* do que ainda viria a acontecer. Ver Sal. 78.6-69. Mas, se temos aqui uma visão retroativa, então a forma final do poema só teve lugar nos dias de Salomão.

15.14

As notícias espalhar-se-iam, lançando o terror no coração dos inimigos de Israel. O próprio povo de Israel quedou-se admirado e temeroso, diante das obras de Yahweh.

Os povos. Mui provavelmente, temos aqui menção às tribos cananéias que habitavam na Palestina, conforme são alistadas em Êxo. 13.5 e outros trechos

bíblicos. Ver as notas expositivas nessa referência. O autor sagrado escreveu tendo em vista a futura conquista da Terra Prometida; ou, então, olhando de volta a ela. Conforme alguns eruditos, ele sabia da conquista da Palestina, portanto este versículo seria pós-mosaico. Ou então, segundo outros insistem, ele previu, profeticamente, essa conquista, em consonância com o pacto abraâmico (Gên. 15.16). O *pacto abraâmico*, comentado em Gên. 15.18, prometia um território pátrio para Israel.

15.15

Ouvindo falar sobre o escape miraculoso de Israel da servidão egípcia, os habitantes da Palestina *ficariam predispostos a temer* (Deu. 2.25; Jos. 2.9-11; 5.1). Edom e Moabe fizeram tudo para evitar que Israel atravessasse seus territórios (Núm. 20.18-21; 21.13). Os habitantes da terra de Canaã não se renderam simplesmente, sem oferecer resistência, embora já estivessem virtualmente derrotados. Em seu fervor, o poeta foi além do que a história nos diz. Sobre os "príncipes de Edom", ver Gên. 36.15 onde é usada a mesma expressão. Os eruditos liberais pensam que o autor sagrado escreveu esses versículos como um historiador, ao passo que os conservadores preferem pensar em uma declaração profética. O vs. 17 quase certamente alude ao monte Sião, o que aponta para um tempo bem posterior ao da morte de Moisés, talvez o tempo do ano 1000 A. C., o tempo de Salomão.

15.16

Espanto e pavor. Por três vezes (vss. 14-16), o autor sacro enfatiza o terror que os povos sentiriam ao tomarem conhecimento que eles mesmos, tal como sucedera aos egípcios, teriam de enfrentar Israel, liderado por Yahweh.

Pela grandeza do teu braço. A mesma idéia que temos em Êxo. 15.6, exceto pelo fato de que ali a menção é à "destra" do Senhor. O autor continua usando expressões antropomórficas. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo*.

Até que passe o teu povo. Os israelitas atravessaram o deserto e o rio Jordão. Ou, então, está em pauta sua entrada na Terra Prometida. Talvez devamos apenas pensar na *fronteira*, que foi cruzada pelos filhos de Israel.

O povo que adquiriste. Ou seja, os remidos da servidão no Egito. Esse é o tema central do livro de Êxodo. Ver no *Dicionário* o artigo *Redenção*. Todo o episódio da redenção de Israel retrata a redenção da alma.

15.17

Tu os introduzirás. Os verbos postos no futuro, como aqui, parecem indicar que o autor sagrado falava como profeta, e não retroativamente, como historiador. E isso é um ponto a favor da data anterior do Êxodo e, por via de conseqüência, do Pentateuco.

No monte da tua herança. Provavelmente está em foco a totalidade da Terra Prometida, uma região montanhosa que, na intenção de Deus, já pertencia ao Seu povo de Israel. Interpretando a passagem do ponto de vista cristão, devemos pensar no Reino de Deus, mormente na época do milênio, quando esse Reino (tendo como capital Jerusalém) se tornar a concretização de muitos aspectos do Pacto Abraâmico. No simbolismo bíblico, um "monte" é metáfora do reino de Deus. Ver Isa. 2.2; Dan. 2.35,44,45 etc. E isso parece confirmado pelo que diz o versículo seguinte.

No santuário. Temos aí um dos alvos da reentrada do povo de Israel na Terra Prometida, e não ainda um fato realizado. Mas, como se trata de algo decretado por Deus, "as mãos de Deus" já tinham "estabelecido" tal resultado. Metaforicamente, no milênio e no estado eterno, Deus será o santuário de Seu povo (Apo. 21.2-4). Teremos aí a concretização de todo o imenso drama da criação e do plano de redenção.

15.16

O Senhor reinará. Devemos pensar aqui que isso se concretizaria na teocracia em Israel, no coração dos piedosos, durante o milênio e, finalmente, no estado eterno. Cf. Sal. 10.16; 29.10; 145.13; 146.10; Luc. 1.31,33; Apo. 11.15 e 22.5. O hino de louvor a Deus, em comemoração à vitória do Senhor sobre os inimigos de Israel, termina neste versículo.

"As palavras expressam o domínio eterno de Deus não somente sobre o mundo, mas também sobre [e com a igreja]; não somente sob a lei, mas também sob a graça do evangelho; não somente quanto ao tempo, mas também quanto à eternidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

15.19

Este versículo reitera o que já havia sido dito em Êxo. 14.29,30 e 15.1, onde o leitor deve examinar as notas. Funciona como uma espécie de síntese do significado do poema inteiro de Moisés. Ver também o vs. 16. Este versículo serve de introdução ao cântico de Miriã, que se segue e faz conexão com o trecho final em prosa do capítulo catorze. Talvez se trate de uma adição feita por um editor, a fim de fazer a ligação entre o poema de Moisés e o poema de Miriã. Fornece-nos a mensagem essencial do livro de Êxodo: a redenção de Israel da servidão egípcia, mediante o grandioso prodígio do mar de Juncos, o qual levou à plena fruição os milagres anteriores das dez pragas.

15.20

A profetisa. Essa é a primeira ocorrência desse vocábulo na Bíblia. Ver a respeito no *Dicionário*, como também os verbetes intitulados *Profecia, Profetas* e *Dom de Profecia*. Como profetisa, Miriã não era necessariamente alguém que predizia o futuro, mas alguém dotado de autoridade no culto a Yahweh, como auxiliar de seu irmão, Moisés. Talvez ela tenha sido investida de autoridade especial como líder das mulheres de Israel. Nós a vemos aqui a dirigir o coro feminino que efetuou uma dança comemorativa da vitória sobre o exército egípcio. Podemos supor que outras funções religiosas parecidas eram dirigidas por ela. Ver Miq. 6.4 e I Sam. 18.6,7.

Miriã. Ver o artigo detalhado sobre ela, no *Dicionário*.

Um tamborim. Ver no *Dicionário* o artigo *Música e Instrumentos Musicais*, que inclui comentários sobre esse instrumento musical de percussão.

Com danças. Ver sobre essa atividade um artigo no *Dicionário*, chamado *Dança*. Disse-me pessoalmente, de certa feita, um oficial judeu: "O povo de Israel é um povo de música, vinho e dança". Nos cultos religiosos de Israel, a dança aparece como um dos elementos, posto que não obrigatoriamente, pois sempre se tratava de uma manifestação espontânea.

A menção ao tamborim faz-nos lembrar que os hinos litúrgicos, com freqüência, mencionam esse instrumento, segundo se vê nos cabeçalhos de vários dos Salmos da Bíblia. Ver Sal. 33, 92, 98 e 150, como exemplos disso.

Outras Profetisas Mencionadas na Bíblia. Ver Juí. 4.4; II Reis 22.1; Isa. 8.3; Luc. 2.36. As diaconisas ocupavam posto similar, mas não idêntico (Rom. 16.1). Em Israel (tal como na Igreja cristã) havia o ofício ou dom de profetisas. Mas às mulheres era vedado o ofício sacerdotal. Sem dúvida isso deveria servir-nos de precedente quanto ao Novo Testamento. Em certos grupos evangélicos modernos encontramos "pastoras". Mas isso está inteiramente fora de ordem, em face das Escrituras Sagradas. Ver I Tim. 2.12.

15.21

Este versículo é igual a Êxo. 15.1, que introduz o cântico de Moisés. Muitos eruditos supõem que, originalmente, tenha sido extraído do cântico de Miriã, a fim de introduzir o hino combinado dos dois.

Seja como for, os dois hinos-poemas vieram a ser vinculados. Mas talvez desde o começo tenha sido assim. Ver notas completas sobre isso em Êxo. 15.1. Alguns pensam que este versículo opera como uma espécie de *refrão*, uma síntese do que Moisés já havia dito, mostrando as idéias prioritárias da composição.

"O cântico de Miriã, um dos mais antigos duos poéticos do Antigo Testamento, provavelmente foi composto por uma testemunha ocular do evento" (*Oxford Annotated Bible, in loc*).

Águas Amargas Tornam-se Doces (15.22-27)

As dez pragas (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pragas do Egito*) prepararam o caminho. Mas a vitória no mar de Juncos foi o acabamento final da obra divina de libertação do povo de Israel, depois de sua longa servidão ao Egito. Em tudo quanto sucedeu, pois, Yahweh desvendou o Seu poder e senhorio (ver Êxo. 15.2,3). Desse modo, a Nova Fé estava crescendo e tornando-se conhecida de todas as nações próximas. O Sinai e a legislação mosaica dariam continuação a esse processo de desenvolvimento, como grande pedra de alicerce da Nova Fé. Mediante tipos e profecias, o Messias estava sendo descrito, preparando o caminho para a universalização da Nova Fé no cristianismo. Desse modo, o *pacto abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) envolveria em seu escopo os povos gentílicos, e a Igreja cristã haveria de adicionar dimensões espirituais àquele pacto. Ver Gál. 3.14 ss.

O texto que se segue ilustra o fato de que, embora redimida do Egito, a nação de Israel ainda teria de atravessar muitas derrotas e vexames que quase tiveram o poder de anular tudo quanto tinha sido realizado. "A peregrinação pelo

deserto, com seus temores e suas crises, ensinou aos escritores sagrados que o cumprimento do propósito de Israel, no êxodo, foi um cumprimento *mediante a fé*. Portanto, há um aspecto de responsabilidade humana em toda essa narrativa" (J. Edgar Park, *in loc.*).

15.22

Saíram para o deserto. Com o coração repleto de louvores, o povo de Israel dispôs-se a enfrentar o deserto. Suas duras experiências ocasionalmente haveriam de ameaçar-lhes a fé e reduzi-los a um povo queixoso e murmurador. A seção à nossa frente (Êxo. 15.22-19.1) descreve as jornadas dos israelitas desde o mar dos Juncos até o monte Sinai. O resto do livro de Êxodo (caps. 19-40) descreve como Deus tratou com o Seu povo, estando ali acampado, antes de partir para novos lances.

Mar Vermelho. Isso está de acordo com a Septuaginta, e não com o original hebraico, que diz *mar de Juncos*. Ofereço notas completas a respeito em Êxo. 13.18. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Vermelho*.

O deserto de Sur. Fica na parte norte da península do Sinai; também aparece com o nome de deserto de Etã (Núm. 33.8). Dou um artigo detalhado chamado *Sur*, no *Dicionário*. Já encontramos menção a esse deserto em Gên. 16.7; 20.1 e 25.18.

E não acharam água. Aqueles que não vivem em desertos ou nas proximidades não entendem a gravidade do problema de falta de água. O rio Colorado, que tem suas cabeceiras nas montanhas Rochosas, no estado de Colorado, antes desaguava no oceano Pacífico, depois de atravessar os estados americanos de Colorado, Utah, Nevada e parte do México. Mas hoje em dia nenhuma gota desse rio chega ao oceano. Seis represas entesouram toda a sua água. Os antigos também contavam com represas e cisternas, sem falar nos poços que escavavam. Felizmente, a par com a escassez de água, os desertos sempre abrigam populações muito rarefeitas. Não podem suportar mesmo muita gente. Assim, metaforicamente, os desertos representam escassez e aridez espiritual.

Os três dias de viagem provavelmente não levaram os israelitas a mais de oitenta quilômetros de distância, e esses três dias submeteram-nos ao teste da falta de água. Imaginemos o problema de conseguir água para três milhões de pessoas! (Ver Núm. 1.46). Se havia seiscentos mil homens que podiam pegar em armas, deve ter havido no mínimo três milhões de pessoas. E isso sem falar nos animais domesticados.

A Rota Seguida. Não há como termos certeza sobre o trajeto exato que os israelitas seguiram. No artigo chamado *Êxodo (o Evento)* provi uma sugestão, com a ajuda de um mapa.

"Em tempos de necessidade, quando sua fé era submetida a teste, Israel recebeu sinais dos cuidados e da proteção do Senhor" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

15.23

Chegaram a Mara. Poços e fontes de água salobra são freqüentes nas regiões desérticas. Os israelitas, ao encontrarem água imprópria para uso humano, chamaram-na de "amarga", significado da palavra hebraica *mara*. "O extremo amargor do gosto da água das fontes da extremidade sul do deserto de Sur é confirmado por todos os que por ali viajam. Há diversas dessas fontes. Aquela que modernamente se chama de Ain Howqrah é a mais copiosa, e não de águas tão amargas como as outras" (Ellicott, *in loc.*).

Essa foi a sexta parada de Israel, durante suas vagueações pela península do Sinai, depois do êxodo (Êxo. 15.23,24; Núm. 33.8). As águas do lugar eram amargosas, o que explica tal locativo. No entanto, miraculosamente, Moisés tornou-as boas para o consumo humano (por orientação divina), após ter lançado nelas certa árvore. Acredita-se que a fonte seja aquela que atualmente se chama 'Ain Howqrah, a cerca de setenta e seis quilômetros a sudeste de Suez e a cerca de onze quilômetros das margens do mar Vermelho. Alguns estudiosos identificam-na com *Cades*. Foi esse o primeiro acampamento de Israel, depois que atravessaram o mar Vermelho (ou melhor, o mar de Juncos). O povo de Israel caminhou por três dias, deserto de Sur adentro, após aquela travessia, até chegar a Mara. Alguns estudiosos não crêem ser possível uma identificação *exata* dessa localidade.

Tipologia. "Essas águas amargas ficavam bem no caminho por onde o Senhor estava conduzindo Israel, e representam as provações que o povo de Deus precisa enfrentar, provações essas que são didáticas, e não punitivas. A *árvore* simboliza a cruz (Gál. 3.13), que se tornou doce para Cristo, como expressão da vontade do Pai (João 18.11). Quando aceitamos nossas *maras* com a atitude Dele, lançamos a *árvore* em nossas águas (Rom. 5.3,4)" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

15.24

E o povo murmurou. Essa é a segunda vez, desde o momento do êxodo, que os filhos de Israel murmuraram. O pecado de murmuração tornou-se um dos temas secundários do livro de Êxodo. Ver Êxo. 14.10 quanto a notas sobre a questão, com referências às várias instâncias de murmuração de Israel.

Que havemos de beber? A murmuração, embora pecaminosa, tinha base em *fatos*. Não havia água para eles beberem. Eles tinham um motivo para murmurar, mas a murmuração se deveu à falta de fé na provisão divina, que haveria de vir, ainda que fosse por meio de um *milagre*.

"Eles eram tremendamente privilegiados; mas as dificuldades prontamente induziram-nos a impugnar Moisés (Êxo. 14.10-12; 16.2; 17.3; Núm. 14.2; 16.11,41)" (John D. Hannah, *in loc.*).

"Achavam-se em estado de profunda degradação mental, devido à sua longa e opressiva vassalagem, pois não tinham firmeza de caráter. Ver Êxo. 13.17" (Adam Clarke, *in loc.*).

15.25

O Medicamento Homeopático. A árvore amarga fez tornar-se as águas amargas doces, mediante uma intervenção divina, e não porque a árvore propriamente dita, tivesse algum poder. Nesse caso, a árvore agiu como a vara de Moisés, um símbolo das operações de Yahweh. Houve um ritual mágico em que pareceu haver um ato mágico; mas no texto sagrado não há o menor indício de que Moisés fosse mágico. Cf. esse texto com II Reis 2.21. "Acreditava-se que as folhas ou as cascas de certas árvores tinham propriedades mágicas para adoçar a água" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Negligenciando a Árvore Curadora. Pouquíssimas pessoas interessam-se por fazer o amargo tornar-se doce, por acalmar as águas tempestuosas, por fazer o ódio transformar-se em amor. Mas há meios para isso, especialmente na vida daqueles que são verdadeiramente espirituais, que curam situações perturbadas e amargas. Muitos dos chamados homens espirituais acabam tornando as coisas mais amargas ainda do que são, e ainda imaginam estar prestando a Deus um serviço.

Lá fora, nos caminhos e desvios da vida,
Muitos estão cansados e tristes;
Leva a luz do sol onde as trevas dominam,
Alegrando assim aos tristes.
...
Faz de mim uma bênção.
Que Jesus brilhe em minha vida.

(Ira B. Wilson)

Tipologia. Ver a tipologia aqui envolvida, nas notas sobre o vs. 24. Alguns vêem na árvore lançada às águas um símbolo da *cruz* de Cristo.

Ali os provou. Em outras palavras, Yahweh deixou um teste no caminho deles, para verificar o quanto eles haviam aprendido a confiar, depois de terem recebido tantas lições objetivas sobre a vida espiritual, incluindo feitos miraculosos. Ver o artigo chamado *Tipologia* quanto a um comentário sobre os testes na vida a que os crentes espirituais estão sujeitos.

15.26

O Propósito da Provação. Quando Yahweh-Elohim falava, o povo de Israel deveria ouvir e *obedecer*. A coisa a ser obedecida era a Lei determinada por Ele, uma referência à legislação mosaica, por antecipação profética (conforme alguns dizem). Ou, então, o autor sacro, depois de ter sido baixada aquela legislação, aplicou-a ao povo, naquele estágio primitivo. Ver entre os artigos gerais desta obra, no primeiro volume, em sua quarta seção, o verbete *Lei no Antigo Testamento*. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lei, Função da* e *Lei Cerimonial e Moral*.

Deus Cura. Deus cura aos que Lhe são obedientes. Entre as bênçãos da espiritualidade achamos a bênção da cura física. O autor sagrado temia as enfermidades próprias do Egito, incluindo suas diversas doenças endêmicas. Ver o artigo *Pragas do Egito*, no *Dicionário*. Ele queria que os israelitas não fossem inoculados por essas doenças. Cf. Núm. 21.4-9; Deu. 7.15; 28.27,60; Sal. 103.3. Yahweh desafiou o Seu povo a evitar as pragas do Egito, para que aprendessem bem as lições que Ele lhes estava dando. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes *Cura* e *Cura pela Fé*.

SUA EXPERIÊNCIA DE MAR VERMELHO

Tem chegado a sua experiência de Mar Vermelho,
Onde a despeito de todos os seus esforços
Não encontra caminho para fora?
Então espere e confie no Senhor com uma fé serena,
Até a noite de seu receio passar.
Ele mandará o vento para amontoar as águas.
Então dirá para a sua alma: "Siga em frente!".
Será a mão Dele que mostrará o caminho,
Enquanto as águas ameaçam aos lados,
Aí nenhum inimigo pode tocar você,
E nenhum mar afogá-lo.

Na vigia da manhã, abaixo das nuvens do alto,
Verá o Senhor somente.
Quando Ele guiar você para uma terra desconhecida,
Seus receios passarão como seus inimigos passaram.
Cantará os louvores Dele num lugar melhor,
Um lugar que a mão divina preparou.

Annie Johnson Flint

*** *** ***

Fique tranqüila, minha alma,
O Senhor defende sua causa.
Carregue, pacientemente, sua cruz de aflição e dor.
Deixe para Deus ordenar e providenciar.
Em todas as mudanças fiel ficará Ele.
Fique tranqüila, minha alma,
Seu Amigo celestial guiará através de caminhos espinhosos para um fim jubiloso.
Fique tranqüila, minha alma, quando mudanças e lágrimas passarem,
todos nós, salvos e seguros, estaremos juntos, afinal.

Katherina Von Shlegel

O Fato de Deus. Tomamos conhecimento das coisas através de vários meios. Nem tudo quanto existe e pode ser descrito se faz mediante o método científico. Sabemos por meio dos sentidos físicos, da razão, da intuição e das experiências místicas. Nunca foi provada a idéia de que conseguimos romper a barreira do conhecimento somente através das experiências científicas, de laboratório. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Algumas vezes, a presença de Deus nos é revelada. Yahweh passou e adocicou aquelas águas amargas.

"Sem importar quão elevado esteja um indivíduo em sua posição social, na igreja, na política ou na ciência, se esse indivíduo fizer qualquer pronunciamento sobre qualquer assunto, os cientistas pedem-lhe *evidências comprobatórias.* Quando não há evidências além das declarações pessoais, passadas ou presentes, ou 'revelações' ou sonhos da 'voz de Deus', os cientistas não lhe dão nenhuma atenção, exceto perguntar: 'Como chegaram a essa conclusão?'" ("Science and the Supernatural", *The Scientific Monthly,* lix, 1944).

Existem *experiências* da alma humana que não estão sujeitas à investigação científica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete sobre *Saya Sai Baba.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres.*

15.27

Chegaram a Elim. No hebraico, *árvores.* Nome da segunda parada, onde Israel acampou no deserto, quando vagueava pelo Sinai, antes de entrar na terra de Canaã (aqui e em Núm. 33.9). Os israelitas ficaram naquele lugar pelo espaço de um mês (Êxo. 16.1). O local contava com dez fontes de água e setenta palmeiras, o que explica o nome que recebeu. Portanto, era um pequeno mas aprazível oásis, embora o povo de Deus estivesse a caminho de algo muito melhor. Desconhece-se a localização exata de Elim, visto que o próprio monte Sinai ainda não foi identificado de modo absoluto. Se a localização tradicional está correta, isto é, a porção inferior da península do Sinai, então Elim é um dos oásis nos *wadis,* ao longo da rota principal que penetra naquela região. O local talvez fique dentro do wadi *Gharandel.* Mas se o monte Sinai não ficava nas proximidades dessa região, segue-se daí que não há como localizarmos Elim. Alguns têm conjecturado que Elim deve ser identificada com Eilate, referida em I Reis 9.26, no começo do golfo de Ácaba, perto de Ezion-Geber. Porém, isso não concorda com o que se lê em Números 33.36, que indica que aquela área foi atingida por Israel bem mais tarde da jornada. Alguns eruditos dizem que o nome do lugar significa *deuses* ou *terebintos.* Nesse caso, ao que parece era um local sagrado, mas em honra a qual deus ou com qual propósito, não sabemos dizê-lo.

Se o lugar correspondia a *Gharandel,* então isso foi uma sorte para os israelitas, visto que os wadis próximos, Useit, Ethal e Tayibeh (Shuweikah) ofereciam boa pastagem, todos eles férteis e com água abundante.

Capítulo Dezesseis

Deus Manda o Maná (16.1-36)

Outro milagre em favor de Israel, dessa vez de sustentação. Acabamos de ver (cap. 15) como foi provida água potável em Mara. Agora estava começando a ser dado um suprimento alimentar que duraria muito tempo. Água e pão são duas grandes metáforas para indicar o sustento espiritual. E assim, a história de Israel continua a instruir-nos quanto às realidades espirituais. No *Dicionário* dou um detalhado artigo intitulado *Maná.* Ver também o artigo chamado *Água,* que ventila sobre os usos metafóricos da água. Os eruditos cristãos vêem aqui alusão a Jesus como o Pão da Vida. Dou um artigo detalhado sobre esse assunto na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* chamado *Pão da Vida, Jesus como.* Ver também, na mesma obra, o artigo *Maná Escondido,* uma provisão de Cristo referida em Apo. 2.17, e que talvez até seja um dos títulos do Cristo.

16.1

Partiram de Elim. Ver sobre esse lugar em Êxo. 15.27.

A congregação dos filhos de Israel. Ver sobre essa expressão em Êxo. 12.3,6,19,47; 16.1,2,9,10,22; 17.1; 27.21; 28.43; 29.4,10,11,30,32,42,44 etc. A nação inteira, por meio de suas tribos, organizadas como se fossem uma congregação, está em vista. Era uma comunidade religiosa que se preparava para tornar-se uma nação teocrática.

Deserto de Sim. Ver no *Dicionário* o verbete sobre essa localidade. Dezenove desertos diferentes são mencionados no Antigo Testamento; e esse é um deles. Os estudiosos não concordam quanto à sua localização exata.

Aos quinze dias do segundo mês. O ano religioso começava no mês de abibe (mais tarde chamado nisã). Ver Êxo. 13.4; 23.15; 34.18. O segundo mês era chamado *ijar,* correspondente aos nossos meses de abril-maio, e falava sobre a beleza das flores da primavera. Israel saiu do Egito no décimo quinto dia do mês de nisã (abibe) e agora já era o décimo quinto dia do mês de ijar. Portanto, um mês tinha-se passado, desde que Israel saíra do Egito.

16.2

Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou. Parece que isso acontecia periodicamente, a ponto de tornar-se um dos temas secundários dos livros de Êxodo e Números. Ver as notas a respeito em Êxo. 14.11. Dou ali uma lista de referências à questão.

O Targum de Jonathan informa-nos que a massa que Israel tinha trazido do Egito agora se acabara, causando falta de suprimentos de boca. "É comum que, quando as coisas não andem tão bem quanto se deseja, as pessoas, na igreja ou no estado, murmurem contra seus governantes, eclesiásticos ou civis, lançando contra eles toda a culpa" (John Gill, *in loc.*).

Até este ponto, já vimos três casos de *murmuração:* 1. O de Pi-Hairote, quando o terrível exército egípcio ameaçava a existência do povo de Israel (Êxo. 14.11,12). 2. O de Mara, quando terminou o suprimento de água e as águas do lugar eram amargosas (Êxo. 15.24). 3. O do deserto de Sim, o texto presente, quando terminou o suprimento de alimentos.

"Aqueles pobres hebreus eram tanto escravos quanto pecadores, e eram capazes dos atos mais maldosos e desgraçados" (Adam Clarke, *in loc.*).

16.3

Morrido pela mão do Senhor. Devemos pensar aqui em morte natural, por motivo de idade avançada. Mas é possível que eles estivessem aludindo às pragas que devastaram o Egito, causando imensas perdas de vidas humanas. Neste caso, a queixa era deveras amarga. Eles preferiam ter morrido sob o castigo de Yahweh do que morrer de fome no deserto. A queixa era particularmente estúpida porque, havendo todos aqueles animais entre eles, eles poderiam tê-los sacrificado para servirem de alimento. Não havia perigo de morrerem de inanição, apesar do fato de que não havia mais farinha de trigo.

Panelas de carne. Embora escravos, no Egito tinham tido muita comida para consumir, para nada dizermos sobre os acepipes que eles poderiam preparar por si mesmos. "Os murmuradores vagabundos preferiam o alimento condimentado das panelas de carne do Egito à liberdade precária no deserto" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

O trecho de Números 11.5 dá-nos alguma idéia da variedade de alimentos de que Israel tinha desfrutado no Egito, muita verdura e boa variedade de carnes, além de muitas frutas.

"A falta de pão fez o povo de Israel esquecer-se de sua terrível sorte no Egito, fazendo-os pensar apenas na comida que tinham, e assim porem em dúvida os motivos verdadeiros de seu líder" (John D. Hannah, *in loc.*).

16.4

Farei chover do céu pão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Maná,* quanto às várias teorias sobre a natureza dessa substância. As palavras "do céu" informam-nos sobre a crença dos antigos israelitas acerca da origem do maná.

"*O Alicerce Histórico.* Um suco doce, pegajoso, tipo mel, exsuda em pesadas gotas, em maio ou junho, de um arbusto encontrado no deserto perto de onde os israelitas estavam acampados. Dissolve-se sob o calor do sol, depois de ter caído sobre o solo com a forma de grãos. Tem o sabor do mel. Trata-se de um suco natural daquele arbusto; mas os árabes acreditavam que caía do céu, juntamente com o orvalho. Samuel Johnson, em seu dicionário, disse: 'Apenas ultimamente o mundo ficou convencido sobre o erro de pensar que o maná era um produto *aéreo,* cobrindo as árvores durante a estação do maná" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Josefo (*Antiq.* iii 1.6) referiu-se à natureza aérea do fenômeno. No *Dicionário* apresentei outras idéias e interpretações.

Colherá diariamente. É provável que desse versículo se tenha originado a petição da oração do Pai Nosso: ". . .o pão nosso de cada dia dá-nos hoje. . ." (Mat. 6.11). Metaforicamente, temos expressado a necessidade da nutrição espiritual *diária,* a leitura e o estudo dos documentos sagrados, da oração, da meditação etc. sobre uma base diária regular.

Cada pessoa só podia recolher maná suficiente para aquele dia. O maná não podia ser guardado para o dia seguinte. Se o fosse, apareciam bichos e ele se corrompia (vs. 20). Essa necessidade *diária* de provisão testava a fé de Israel no poder de Yahweh prover para eles o necessário. Alguns intérpretes insistem sobre a natureza absolutamente miraculosa do maná, assim a provisão diária de maná foi um milagre contínuo, durante quase quarenta anos.

16.5

Ao sexto dia. Uma exceção à regra sobre a colheita do maná ocorria no sexto dia da semana. Naquele dia era recolhida dupla porção, para que houvesse suprimento para o sábado (ver no *Dicionário* o artigo *Sábado*), quando não se podia fazer nenhum trabalho manual. Essa questão é expandida nos vss. 22-30. Alguns vêem aqui um milagre de dupla provisão do maná. As pessoas recolheriam a quantidade normal, de todos os dias; mas inexplicavelmente o maná tornava-se o dobro em quantidade. Além disso, no sexto dia, desceria do céu dupla porção de maná, para atender às necessidades da sexta-feira e do sábado.

16.6

À tarde. Em um horário, especificado *de antemão,* haveria outro milagre. Isso nos faz lembrar dos prazos específicos que Deus estabelecera para o início e o fim de cada praga, o que comprovava que elas tinham origem divina. Ver Êxo. 8.10,23; 9.5; 10.4. Esse *outro* milagre seria a provisão divina de *carne* (vs. 8), ou seja, de *codornizes* (vs. 12,13). Deus faria com que uma grande revoada de codornizes enchesse o acampamento de Israel, e os israelitas poderiam alimentar-se à vontade de um alimento pelo qual não tinham feito trabalho algum.

Isso serviria ainda de outra prova de que Yahweh, em Seu multifacetado poder, os tirara do Egito, resgatando-os de uma servidão já secular, e continuava a protegê-los no deserto.

16.7,8

Pela manhã. A glória do Senhor haveria de manifestar-se mediante a provisão de *maná.* À tarde, aquela mesma glória haveria de evidenciar-se por meio da provisão das codornizes, tal como os israelitas dispunham da coluna de nuvem *durante o dia,* a fim de guiá-los, e da coluna de fogo, *durante a noite,* com o mesmo propósito, provendo-lhes calor e iluminação.

As vossas murmurações. Os milagres da manhã e da tarde mostrariam o que as murmurações de Israel significavam: uma ofensa contra Yahweh, uma demonstração de incredulidade quanto ao Seu poder e quanto às Suas promessas. Em segundo lugar, eram ofendidos Moisés e Arão. Ver as notas sobre essas murmurações em Êxo. 14.10. Essas murmurações tornaram-se um tema secundário dos livros de Êxodo e Números, porquanto demonstravam que a fé dos israelitas estava debilitando-se.

Todas as necessidades dos filhos de Israel eram supridas de maneira "bondosa, abundante, maravilhosa. . . da parte de um Deus gracioso e misericordioso" (John Gill, *in loc.*).

16.9,10

A glória do Senhor apareceu na nuvem. Esse foi outro sinal divino dado a Israel. Além dos sinais da manhã (o maná) e da tarde (as codornizes), que cuidaram das necessidades físicas dos filhos de Israel, outro sinal seria dado, com vistas a eliminar a murmuração e a falta de fé que essa murmuração demonstrava. Haveria uma manifestação especial da *presença* de Yahweh. O povo contemplaria a glória de Yahweh, embora não visse diretamente a Sua pessoa, o que alguns têm pensado tanto ser impossível quanto inevitavelmente fatal. Mas poderiam ver a glória de Deus em uma nuvem, tal como Moisés, em ocasião posterior, foi capaz de ver Deus pelas costas (Êxo. 33.23), uma metáfora para alguma espécie de manifestação similar à que temos neste texto. Em outras palavras, o povo receberia uma experiência mística. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo.* Cf. João 1.18, que afirma enfaticamente que ninguém jamais viu Deus. Manifestações são vistas; a presença de Deus é percebida por alguma forma de mecanismo celestial; mas a essência da deidade é invisível para o homem.

No judaísmo posterior e nos Targuns, a palavra hebraica *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) é usada para indicar a presença de Deus que se pode manifestar aos homens. Precisamos muitíssimo do toque divino, da visão de Deus! Não basta ler a Bíblia e orar. Há um poder no toque divino; há iluminação nessa visão. Precisamos tanto de poder quanto de iluminação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Iluminação.*

Teu toque tem ainda o poder antigo!
Nenhuma palavra Tua cai por terra inútil;
Ouve, nesta solene hora da noite,
E, em Tua compaixão, cura-nos a todos.

(Henry Twell)

Cf. este texto com Êxo. 40.34; Núm. 14.10,22; 16.19 e Eze. 11.23.

Alguns eruditos vêem aqui uma manifestação do Logos no Antigo Testamento, porque Ele é a Luz do mundo (João 1.4; 8.12). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Luz, Metáfora da* e *Luz, Deus como.*

Alguns eruditos pensam que tudo quanto está aqui em pauta é a *coluna de nuvem,* embora uma visão particular e especial dela. Ver as notas sobre Êxo. 13.21 e o artigo chamado *Coluna de Fogo e Nuvem,* no *Dicionário.* Mas este texto parece apresentar algo *novo,* e não uma maneira diferente de ver alguma coisa antiga e já bem conhecida.

16.11,12

Continua aqui a explicação divina, provendo o *porquê* das várias manifestações. Essas manifestações foram três: o maná; as codornizes; a visão especial da presença de Deus. Todas elas visavam impressionar aquele povo murmurador com o poder, a provisão e a presença de Yahweh. Elas ocorriam pela manhã e à tarde. Em momento algum, os israelitas ficavam sem a presença e as operações de Yahweh. Há uma extensa narração sobre as codornizes, em Núm. 11.1-35. A refeição dos israelitas, que incluía carne, usualmente era à tarde, e isso fazia parte de uma provisão especial.

Os famintos encheriam seus estômagos, e o desejo de murmurar desapareceria. E, então, os filhos de Israel diriam "O Senhor está conosco" e também "Ele é o nosso Deus". Um dos principais problemas espirituais do homem é a tão evidente falta de poder espiritual. Se as provisões de Deus estão sempre à nossa disposição, deve haver aqueles momentos especiais em que o poder de Deus se manifesta. Sem dúvida, isso faz bem à fé. Ver no *Dicionário* o artigo *Milagres.*

16.13

À tarde subiram codornizes. A comum *Tetrao coturnix* é uma ave muito abundante no Oriente Próximo e Médio. Essa ave migra regularmente da Síria e da Arábia, durante o outono, a fim de passar o inverno na África Central. E então, na primavera, as codornizes retornam em grandes números. O trecho de Números 11.31 diz-nos que o vento as tangeu do mar. As codornizes chegaram exaustas, tornando-se presas fáceis para os israelitas (Núm. 11.32). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Codorniz.*

Diodoro Siculo (*Hist.* ii.60) conta algo similar. "Os habitantes da Arábia Petrea costumavam armar longas redes, estendendo-as perto da costa marítima por grande distância; e, dessa maneira, apanhavam grande quantidade de codornizes, que costumavam vir do mar".

Josefo informa-nos que as codornizes eram um pássaro muito comum naquela área (*Antiq.* 1.3 c.1 sec. 5).

O orvalho. Era considerado o agente mediante o qual o maná descia do céu. Ver as notas sobre o vs. 4 quanto a essa idéia dos antigos. O orvalho servia de emblema da graça e da provisão de Deus. Ver Osé. 14.5,6.

16.14

Quando o orvalho desaparecia, eis que ficava o *maná* (ver a respeito dessa substância no *Dicionário*), descrito como se fosse flocos, branco como a geada. Seu gosto era como de bolos de mel (vs. 31). A Septuaginta compara o maná a sementes de coentro (vs. 31), uma pequena substância branca e achatada.

Dou uma explicação sobre esse fenômeno nas notas sobre o vs. 4. Uma outra, oferecida pela *Oxford Annotated Bible, in loc.,* diz o seguinte: "Esta descrição (ver também o vs. 31 e Núm. 11.7-9) corresponde bem de perto à excreção *orvalho de mel* de dois insetos que se alimentam dos raminhos da tamargueira". Vários estudiosos insistem em que pode ser achada uma explicação natural para o maná.

Ver em Apo. 2.17 menção ao *maná escondido,* que aparece ali como provisão de Cristo e até como Sua própria pessoa. Ver a introdução a Êxo. 16.1, onde ofereço várias interpretações metafóricas e referências a artigos que desenvolvem esse tema.

16.15

Que é isto? Assim exclamaram os atônitos israelitas diante do *maná.* E esse é o sentido da palavra hebraica *maná.* Eles nunca antes tinham visto aquele fenômeno. Moisés explicou que se tratava de "pão do céu". E assim pensou-se que se tratava de um fenômeno *aéreo* (ver as notas sobre o vs. 4). No hebraico, a palavra correspondente ao pronome relativo português "que" não era originalmente essa. *Man* (um pronome) veio a ser usado somente no aramaico posterior e no siríaco. Por conseguinte, alguns estudiosos supõem que *man* (a palavra usada neste texto, no original hebraico) era de origem egípcia, que a etimologia popular adaptou para que funcionasse como um pronome hebraico. A Septuaginta grafa essa palavra como *manna,* e essa forma passou para as traduções.

Alguns interpretam *man* como "presente", supondo que esse termo provenha de *manan,* "dar". A verdadeira etimologia permanece obscura. A idéia de um *presente* foi cristianizada para falar do *dom inefável* de II Coríntios 9.15.

16.16

As *instruções* quanto ao uso do maná eram especificas: 1. Era mister recolhê-lo *diariamente,* exceto no sexto dia da semana, quando se recolhia dupla porção, para atender às necessidades do sexto e do sétimo dia, pois não se podia fazer trabalho braçal no sábado (vs. 5). 2. Cada homem recolhia o seu próprio maná; mas ver o quinto ponto. 3. A quantidade que cada homem recolhia era um *ômer,* equivalente a cerca de um quilograma. 4. O maná não podia ser guardado para o dia seguinte (vs. 20). 5. Se houvesse pessoas confinadas às suas tendas, sem importar por qual razão estivessem ali, então a porção delas deveria ser recolhida por outrem, e, então, levada até àquelas pessoas. Alguns eruditos pensam que essa regra (para os que se achavam recolhidos às suas tendas) indica que cada chefe de família recolhia maná para toda a sua tenda, ou seja, para a *sua família.* Nesse caso, o recolhimento do maná era feito pelos chefes de família, e não por cada pessoa, individualmente.

16.17,18

Assim o fizeram os filhos de Israel. Diferentes apetites causavam diferentes quantidades de maná recolhido. Mas ninguém passava fome. Cada qual tinha exatamente o que era mister para suas necessidades. Paulo citou esse versículo em II Coríntios 8.15 a fim de ilustrar a necessidade de os crentes compartilharem uns com os outros. Os crentes gentios aliviaram a necessidade dos santos pobres de Jerusalém. O suprimento de Deus é suficiente para todos, mas requer que compartilhemos uns com os outros.

Este versículo ilustra um dos temas principais do Pentateuco: a *providência de Deus* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Esse é um dos ramos do ensino do *teísmo* (ver também esse artigo no *Dicionário*). Metaforicamente, este versículo ensina a necessidade de provisão *diária* para o crescimento e as necessidades espirituais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

16.19,20

Eles, porém, não deram ouvidos. A ganância e a falta de fé estragaram o maná. As pessoas, em tempos de guerra, armazenam pão velho, mesmo quando gozam de tempos de abundância relativa. A mente humana, em sua *ansiedade,* não põe muita fé nas palavras de Jesus acerca de como Deus cuida até dos *passarinhos,* quanto mais de *nós* (Mat. 10.29); e também ignora Seu conselho para não andarmos ansiosos sobre o dia de amanhã, porquanto o *Pai* sabe o de que precisamos, e nos supre essas coisas (Mat. 6.34). Conta-se a história de como um missionário evangélico tentou ensinar a oração do Pai Nosso a uma nativa africana. Mas ela não passava além das palavras "Pai nosso". Ao ser indagada por que fazia isso, ela retrucou: "Porque se Deus é meu Pai, então isso é tudo o que preciso saber".

Aqueles que ansiavam pelo dia de amanhã, entre os israelitas, guardaram o *maná*; e o resultado foi que o alimento se estragou e atraiu vermes. Isso provocou Moisés à ira, porque tinham agido contra as suas ordens (vs. 16), exibindo falta de fé na providência de Deus, a qual se mostrara *tão evidente* e tão poderosa na vida dos israelitas. A provisão recolhida no sexto dia, para sobrar para o sábado, não criou vermes (vs. 24), porque isso tinha sido ordenado por Deus. Paulo ensinou-nos que é correto os pais entesourarem para os filhos (ver II Cor. 12.14). Recentemente, ouvi um sermão que recomendava que poupemos dez por cento de tudo quanto ganhamos para o futuro. Soube de um missionário que se recusava a comprar uma casa; e assim teve de alugar casas por muitos anos, até se aposentar. Mas me disse que aquilo que tinha gasto com aluguéis teria dado para comprar mais de uma casa. Todavia, ele resolveu que, por uma questão de fé, não *compraria.* Até certo ponto foi uma tolice, uma fé mal colocada! Este texto não nos ensina a *não* poupar. Mas ensina-nos que, quando Deus nos dá uma ordem específica, para testar a nossa fé, não devemos agir contra essa ordem, mesmo quando, em nossa *previsão,* agiríamos contra a tal ordem.

O texto à nossa frente também ensina que, algumas vezes, Deus nos testa quanto a essa questão de provisões *materiais* necessárias. Nem sempre os testes envolvem questões espirituais.

O costume, no Oriente Próximo e Médio, era cozer um pão fresco a cada dia; e isso era uma necessidade, visto que o clima quente e úmido de muitos lugares fazia o pão embolorar rapidamente.

Deus providenciou o necessário para Israel pelo espaço de quarenta anos (vs. 35), o que foi uma provisão admirável, que ilustra amplamente a providência de Deus, um dos temas principais do Pentateuco inteiro.

16.21

Este versículo reitera os elementos dos vss. 16,18,19, acerca do recolhimento *diário* do maná. Mas acrescenta o pequeno detalhe de que o sol *dissolvia* a substância. Sem o calor, o maná era duro, e podia ser pilado e moído em um moinho (Núm. 11.8).

A Instituição Pós-Êxodo do Sábado (16.22-30)

Não há como defender a idéia de que somente neste ponto da história de Israel foi instituído o sábado. O sábado já era uma instituição muito antiga (Gên. 29.27; Juí. 4.14; 14.12; II Reis 4.23; 11.5-7; Isa. 1.13; Amós 8.5). Mas *nesse tempo* a sua observância continuou em um *novo* contexto histórico. É provável que o sábado já viesse sendo observado pelos hebreus de antes de Moisés de maneira *formal,* embora sem as muitas regras que vieram acompanhar a guarda sabática. Havia um sábado babilônico (o *sapattu,* talvez um termo cognato do hebraico *sabbath*), que se revestia de valor religioso. Porém, as coisas eram diferentes na observância babilônica, pois esse dia era considerado um tempo em que governava o mal. Todo trabalho cessava e as pessoas ficavam muito nervosas sobre a questão inteira. Originalmente, o sábado era vinculado ao culto lunar, mas finalmente foi separado das fases da lua, passando a ser uma observância semanal. Não é provável que a questão do *maná* tenha feito o sábado ser reinaugurado. Antes, essa questão simplesmente foi *associada* ao sábado, visto que esse dia especial de descanso proibia o trabalho de recolhimento do maná. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sábado.*

16.22

Ao sexto dia colheram pão em dobro. Isso porque era proibido colher maná no dia de sábado. Portanto, na média, no sexto dia colhiam-se dois ômeres de maná. Este versículo repete o que se lê no vs. 16, onde aparecem as notas a respeito.

Contaram-no a Moisés. Ao que parece, o autor sacro queria que entendêssemos que os anciãos ou dirigentes do povo se *surpreenderam* sobre como o recolhimento foi o dobro do que se recolhera nos dias anteriores, como se houvesse algo de miraculoso sobre a questão. *Ou, então,* o versículo apenas diz que os anciãos do povo tiveram o cuidado de informar Moisés de que suas ordens tinham sido cumpridas, visto que se tinha indignado tanto com eles por haverem desobedecido às suas ordens, guardando o maná para o dia seguinte (vs. 20).

Congregação. Uma palavra comum para referir-se a Israel como uma nação-igreja, uma teocracia. Ver os comentários em Êxo. 16.1.

Os vss. **26** e 27 dão-nos a espantosa informação que nenhum maná apareceu no sábado, o que destacou o elemento miraculoso do maná.

Elementos do Milagre do Maná:

1. O maná caiu fielmente por seis dias, e uma dupla porção caiu no sexto dia.
2. Não apareceu de modo nenhum no sétimo dia, o dia de sábado.
3. O maná não podia ser guardado à noite, para o dia seguinte, embora o "maná" natural possa ser guardado por prolongados períodos de tempo.

16.23

Não Se Podia Cozinhar em Dia de Sábado. Esse era um dia de descanso e de culto religioso a Yahweh. Este versículo mostra que a observância do sábado já tinha sido formalmente instituída, com suas várias provisões e demandas já em vigor. A questão do maná simplesmente foi incorporada na observância do sábado, com duas *novas regras,* em adição a uma longa lista de outras regras, já existentes.

Acúmulo de Regras. A Mishna acrescentou um surpreendente número de regras atinentes à preparação de alimentos em dia de sábado. As coisas já eram bastante elaboradas na legislação mosaica. Os intérpretes e as autoridades dos judeus nunca se cansavam de fazer adições. Jesus condenou essas adições tradicionais. Ver Mat. 12.1ss e 23.4. O primeiro concílio ecumênico, de Jerusalém, declarou que tais cargas, criadas pelo antigo judaísmo, eram pesadas demais para serem suportadas (Atos 15.10). O crente goza de liberdade em Cristo (Mat. 11.29,30). Conforme diz um antigo hino: "Deixa tuas cargas com o Senhor, e deixa-as com Ele".

Cozer no forno... cozer em água. Esse verbo ilustra o fato de que estava em pauta muito mais do que simplesmente o maná. *Todos* os alimentos deveriam ser preparados com antecedência, a fim de serem consumidos em dia de sábado, e nenhum alimento devia ser guardado para ser preparado em dia de sábado.

Posteriormente, as regras acerca do sábado tornaram-se parte do *decálogo* (Êxo. 20.8-11). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dez Mandamentos.*

16.24

Guardaram-no até pela manhã seguinte. Era evidente que havia uma *provisão miraculosa* de maná. Este não apareceu sobre o solo para ser recolhido no

sábado. Ademais, no sexto dia houve dupla porção de maná. Ver as notas sobre o vs. 22 quanto aos elementos do milagre; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Maná*, quanto a explicações naturais do fenômeno. Ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo quanto a lições metafóricas e espirituais relacionadas ao maná.

Moisés usou a questão do maná para restabelecer a observância do sábado. Mui provavelmente, isso já vinha sendo observado de maneira formalizada. E é possível que, nessa ocasião, o sábado tenha sido *reinaugurado*. No mínimo, Moisés *reforçou* a necessidade de o sábado ser observado juntamente com a questão do maná.

16.25

O sábado é do Senhor. Ou seja, era um dia de culto religioso, adoração, meditação e práticas religiosas. Mas sem trabalho manual; sem cozimento de alimentos; sem recolhimento de maná nos campos. Afinal, o maná não estava ali para ser recolhido, no dia de sábado. Estava sendo preparado o caminho para a entrada do sábado no decálogo (Êxo. 20.8-11). Depois disso, inúmeras regras adicionais viriam complicar a questão, até tomar-se uma carga muito difícil de ser levada.

16.26

Seis dias de recolhimento de maná; seis dias de trabalho (Êxo. 20.8); mas no sétimo dia, descanso (Êxo. 20.10). Ao homem foi ordenado trabalhar. Aquele que cai no ócio por seis dias, não presta um serviço a Deus se observa um dia de comemorações e serviços religiosos. Por outra parte, aquele que nada faz senão trabalhar, mas esquece-se de seus deveres religiosos, está trabalhando em demasia.

"Na civilização não há lugar para o ocioso. Nenhum de nós tem direito ao lazer" (Henry Ford).

Ausência de ocupação não é descanso.
A mente vazia é uma mente desassossegada.

(William Cowper)

Ver Provérbios 6.6.

16.27

Em Israel, indivíduos cobiçosos ignoraram tudo quanto Moisés tinha dito. Talvez algumas pessoas tivessem comido grandes quantidades de maná, e ainda queriam mais. Eram glutões, o que é um pecado que muitos ignoram, pois quase todas as pessoas comem demais. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Glutão,* quanto a uma diatribe contra esse pecado. Ver Deu. 21.20; Pro. 23.20,21; 28.7; Mat. 11.19; Luc. 7.34; Tito 1.12. Na mesma obra ver o verbete chamado *Vício.*

Também é possível que houvesse pessoas que não comiam demais, mas que não tinham fé suficiente e queriam ter certeza de que não sofreriam escassez de maná. E talvez alguns saíram ao campo para colher o maná, a fim de testar o que Moisés tinha dito. Ele dissera: "Ninguém deve sair a colher o maná". Mas eles retorquiram: "Será isso verdade?". E os curiosos saíram a campo, a fim de verificar se havia ou não maná. Seja como for, sem importar qual a reação das pessoas, as que saíram à cata do maná "não o acharam". E assim averiguaram a veracidade da declaração de Moisés. Foi um pequeno serviço de comprovação, embora ninguém haveria de aprovar os que assim agiram. "Os infiéis ficaram desapontados" (J. Edgar Park, *in loc.*).

16.28

Eles tinham quebrado tanto a fé quanto o sábado. Fizeram aquilo que era proibido, uma forma de trabalho manual. Dessarte, demonstraram sua falta de confiança na provisão divina, a despeito de todas as maravilhas que já haviam testemunhado.

"O narrador tinha um claro *interesse didático*. O cuidado protetor de Deus manifestou-se em prol daqueles que guardaram as leis sabáticas, o que foi confirmado pelo duplo suprimento de maná. Mas agora, como então, alguns se recusam a guardar os mandamentos, ou seja, não exercem fé na revelação do êxodo" (J. Edgar Park, *in loc.*).

A forte ênfase da narrativa sobre o sábado mostra-nos que o sábado havia caído em desuso. Agora, precisava ser instalado de novo, e a questão acerca do maná deu a Moisés a oportunidade de fazer isso.

16.29

Este versículo repete o que já se havia dito antes. Ver os vss. 4, 16 e 19. Moisés instalou novamente o sábado, e reforçou a questão ao não permitir que as pessoas saíssem ao campo para recolher o maná, sob hipótese nenhuma. Ele não queria que os israelitas fossem tentados. No campo, haveriam de começar a procurar ao redor, para ver se havia caído algum maná durante a noite.

A lei dada aqui foi grandemente exagerada por judeus de épocas posteriores. Alguns tomavam essa regra ao pé da letra. Como se fossem cadáveres, mantinham-se em qualquer posição que estivessem quando o sábado começava! Talvez alguns nem engolissem a saliva ou piscassem os olhos. Essa aderência estúpida e servil ao mandamento, todavia, era repudiada pela maioria. Assim, havia a *jornada de um sábado*, o que permitia que as pessoas fossem até o lugar de adoração, uma forma de trabalho. Ver no *Dicionário* o artigo *Jornada de um Sábado*. O Targum de Jonathan permitia que um homem caminhasse até dois mil côvados, aproximadamente um quilômetro, o que era suficiente para uma pessoa chegar ao local de adoração, e/ou fazer outros movimentos necessários para outros propósitos.

Conta-se a história de certo rabino, de nome Salomão, o qual, por acidente, caiu em um lamaçal justamente quando o sábado estava começando. Ele *ficou ali* e recusou-se a permitir que alguém o tirasse dali, até que o sábado terminou. Os fanáticos sempre erram, embora se julguem os mais piedosos dentre os homens. Alguns homens confundem o fanatismo com a espiritualidade genuína, e o legalismo com a sabedoria.

16.30

Descansou o povo. Este versículo diz-nos que Moisés firmou esse ponto e reforçou o descanso em dia de sábado. Ninguém ousou desobedecer, pelo menos por algum tempo. Quanto a esse particular, os israelitas deram um *exemplo* de obediência para todas as gerações seguirem. Lendo entre as linhas, vemos aqui uma espécie de reforço da antiga lei referente ao sábado, uma reinauguração da prática para os israelitas de depois do êxodo.

16.31,32

O Memorial do Maná. O maná ficou ligado ao sábado, tornando-se um memorial por seu próprio direito, uma lição objetiva da providência miraculosa de Deus. Assumiu seu lugar entre os outros memoriais, como as três festas: a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos (ver as notas a respeito delas em Êxo. 12.1 e 13.1). Há no *Dicionário* um artigo separado sobre cada uma dessas festas. O memorial do maná não recebeu um dia especial de celebração, mas compartilhou das comemorações do sábado. *Além disso,* um ômer de maná foi guardado diante da arca da aliança, algum tempo mais tarde, a fim de conservar um lembrete bem fresco do milagre na memória do povo de Israel. Este versículo não fala sobre a guarda do maná diante da arca, mas parece que foi isso o que o autor sagrado tinha em mente. Ou, então, conforme outros pensam, Moisés previu profeticamente o que seria feito no futuro. Não nos é dito, porém, como o maná foi guardado e exibido, antes da arca ter vindo à existência. Todavia, a palavra "Testemunho", que aparece no vs. 34 deste capítulo, quase certamente é uma alusão à arca da aliança. Assim sendo, devemos entender que aquilo que foi feito, em forma preliminar, mais tarde foi formalizado, quando o *receptáculo para o maná* foi posto diante da arca da aliança, no tabernáculo (a tenda armada no deserto). Essa tenda foi depois incorporada, em sua essência, no templo de Jerusalém.

Coentro. No hebraico, *gad,* um termo que figura apenas por duas vezes na Bíblia: Êxo. 16.31 e Núm. 11.7. O coentro é uma semente aromática redonda. A planta do coentro (*Coriandrum sativum)* medra nativa na Palestina e em países circunvizinhos. Suas sementes são globulares, e, quando secas, são agradáveis ao paladar e ao olfato. Podem ser salpicadas com açúcar, tornando-se uma espécie de confeito. As sementes de coentro eram usadas para dar sabor aos alimentos. Estamos informados de que as partículas do maná tinham o formato de sementes de coentro. Modernamente, usa-se o coentro para dar maior sabor ao gim, ou, então, para dar certo sabor aos doces ou ao pão.

O maná era *branco* (conforme se lê no vs. 14) e tinha gosto como de mel, tornando-o apropriado para servir de alimento ou para ser adicionado a outros alimentos. O trecho de Números 11.8 diz-nos que o gosto era como de "bolos amassados com azeite". "Os bolos e bolos folhados, usados pelos egípcios, pelos gregos e por outros povos antigos, como oferendas, ordinariamente compunham-se de farinha de trigo, azeite e mel. De acordo com uma tradição judaica (cf. o livro de Sabedoria 16.20,21), o gosto do maná variava de acordo com o desejo de quem o comia, podendo ser 'temperado *conforme o gosto de cada homem*'" (Ellicott, *in loc.*).

16.33

Um ômer cheio de maná. Esse memorial é descrito como "de ouro", na Septuaginta, que foi posto diante da arca da aliança (vs. 34), no *tabernáculo* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver detalhes sobre isso nas notas sobre os vss. 31,32. O Targum de Jonathan chama-o "de barro", e outros chamam-no "de cobre". O trecho de Hebreus 9.4 concorda com a Septuaginta.

O Filósofo e a Pedra. Um bem conhecido filósofo costumava levar uma pedra no bolso. Um dia, remexendo no bolso em busca de um lápis, acabou tirando dali a pedra. Alguém lhe perguntou: "Que é isso?". E ele informou à pessoa que um dia, seu filho pequeno lhe havia dado a pedra como um presente especial. Nada havia de especial na pedra, mas para o menino ela era especial. Por isso, também tornou-se especial para o pai, e ele a levou no bolso por muitos e muitos anos. É bom nos lembrarmos daquilo que é precioso e sagrado, podendo haver algum objeto físico que sirva de lembrete acerca disso. Eu mesmo tenho uma pequena pedra, tirada da baía de Plymouth Rock, onde abicou na praia o navio vindo da Inglaterra ao chegar em território do que haveria de ser os Estados Unidos da América do Norte. Guardo essa pedra no meu guarda-roupa, para lembrar-me daquele grande evento histórico (Plymouth Rock é a São Vicente dos Estados Unidos).

16.34

Testemunho. Cf. Núm. 17.10. A *arca, com as tábuas da lei em seu interior,* que ficava na tenda do testemunho (o tabernáculo), está aqui em foco. O autor sagrado comete aqui um pequeno anacronismo, por antecipação. Não nos informa como essa jarra era guardada antes de ser posta no tabernáculo. Ver as notas em Números 17.8 quanto à "tenda do Testemunho". Aprendemos em Números 17.10 que a vara de Arão foi posta diante da arca. O trecho de Hebreus 9.4 diz que tanto a vara quanto o maná foram postos *dentro* da arca, uma pequena (provavelmente por descuido) discrepância do autor daquele livro. Ver no *Novo Testamento interpretado* sobre Hebreus 9.4, quanto a uma explicação sobre o problema. Os harmonistas supõem que durante parte de sua história a arca continha a vara e o maná, mas isso parece ser uma daquelas instâncias de harmonia a qualquer preço. A questão, todavia, só tem importância para os fanáticos, os céticos e os ultraconservadores.

Estritamente falando, o Testemunho refere-se às duas tábuas da lei (Êxo. 25.16; 31.18; 32.15; 34.29), postas dentro da arca da aliança. Ver II Crônicas 5.10 quanto à enfática declaração de que nada havia na arca, exceto as duas tábuas da lei.

Deus *testificou* aos homens no tocante à Sua vontade. Sua própria santidade precisa ser duplicada nos homens. Ele lhes revelou a Sua mente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dez Mandamentos.*

16.35

Quarenta anos. Todo o período de testes no deserto. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Quarenta* e *Número (Numeral, Numerologia).* O prolongado período de tempo durante o qual o maná continuou sendo dado como pão ao povo salienta a grandiosidade do milagre. Foi uma provisão a longo termo, que durou o tempo exato da necessidade. Vemos nisso a *providência de Deus* (ver sobre isso no *Dicionário*).

> *Por tanto tempo Teu poder me abençoou,*
> *E por certo continuará a me guiar.*
>
> (John Henry Newman, *"Lead, Kindly Light"*)

O autor sacro contempla de volta o evento, depois da terra de Canaã já haver sido conquistada. E alguns eruditos frisam esse detalhe como um anacronismo, uma prova de autoria não-mosaica. Os eruditos conservadores supõem que um editor posterior adicionou o detalhe. Esse editor poderia ter sido Esdras, o escriba; mas isso não nega que o volume maior do livro (e do Pentateuco) tenha sido escrito por Moisés. Ver um problema similar em Êxo. 15.17, onde Sião, sem dúvida, está em vista, o que situa a composição daquele versículo depois dos dias de Salomão.

16.36

Ômer. Essa antiga medida é aqui mencionada porque foi designada, no vs. 16, como a quantidade média que um homem comia a cada dia. Assim, deveria ser a quantidade que cada homem deveria recolher diariamente. Essa medida era de certo de um quilograma, pelo que o *efa* (também mencionado neste versículo) teria cerca de dez quilogramas. Provavelmente essa pequena informação também tenha sido uma adição posterior, feita por algum editor familiarizado com o sistema de pesos e medidas que Israel veio a adotar.

Capítulo Dezessete

A Água da Rocha, em Rediflm (17.1-7)

A *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) continua a ser um dos temas básicos do livro de Êxodo. Israel, agora fora do Egito, e tendo ultrapassado as crises preliminares da água e da alimentação, agora enfrentava novos problemas que requeriam a provisão de Yahweh. Em primeiro lugar, a água *de novo* (ver Êxo. 15.23) tornou-se um problema (Êxo. 17.1-7). Também tiveram de enfrentar inimigos e obter vitórias em batalha (vss. 8-16). Essa é a segunda das três narrativas que envolvem a questão sede (ver também Núm. 20.1-13). Assim, encontramos as localizações Mará-Massá (15.22); Massá-Meribá (17.7) e Meribá-Cades (Núm. 20.1 ss.). Alguns críticos têm pensado que todos os três relatos dependiam de uma única fonte informativa, envolvendo um só acontecimento, mas que outras mãos o multiplicaram. Mas um povo que vagueou pelo deserto durante quarenta longos anos sem dúvida precisou enfrentar muitas crises de falta de água. Quanto ao tema, predomina o aspecto de desobediência e murmuração. O primeiro relato pinta Israel a prover a Israel uma lei ou estatuto mediante o qual a fidelidade deles seria submetida a teste. O segundo ilustra o espírito de rebeldia dos filhos de Israel. O terceiro relata a própria falta de fé de Moisés. Algumas vezes, as pessoas são testadas quanto à área das suas necessidades básicas. Os mais abastados são testados quanto a outras áreas. Mas *todos os crentes são testados de uma maneira ou de outra.* Um aspecto inerente a esses testes é o *desenvolvimento,* sendo esse o próprio alvo colimado pelos testes a que o Senhor nos submete.

17.1

Toda a congregação. Esta última palavra ocorre por repetidas vezes, em várias combinações. Ver as notas a respeito em Êxo. 16.1.

Deserto de Sim. Ver as notas sobre esse deserto no *Dicionário.* Ver também as notas em Êxo. 16.1, que é a primeira ocorrência do termo na Bíblia. Dezenove desertos são mencionados no Antigo Testamento. Não se conhece a localização exata do deserto de Sim. Mas há várias conjecturas.

Segundo o mandamento. A orientação do Senhor era óbvia a cada passo ao longo do caminho dos filhos de Israel. Eles viajavam por decreto e orientação divina. Nada havia de fortuito quanto aos movimentos deles, e até o momento exato das partidas e das chegadas era direcionado. Esse é o ideal para todos os crentes. Quanto a isso, precisamos buscar e saber qual a vontade de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

Refidim. Provi um detalhado artigo sobre esse lugar no *Dicionário.* Também não se sabe sua localização exata, embora ficasse na região em torno de Cades (Núm. 20.1), perto do monte Horebe. "Os amalequitas (vs. 8), que atacaram Israel aqui, viviam nessa área do Neguebe e na extremidade sul da península, onde uma antiga tradição acerca do Sinai tem levado exploradores a procurar por esse ponto de parada" (J. Edgar Park, *in loc.*).

"Refidim, tradicionalmente, é atualmente identificada como o wadi Refayld, perto do Jebel Musa, suposto local do monte Sinai" (John D. Hannah, *in loc.*).

17.2

Dá-nos água. Essa foi a segunda das três reclamações de Israel, no deserto, pedindo água. Ver as notas introdutórias ao primeiro versículo deste capítulo. O povo achou falta em Moisés, mas este lhes apontou *Yahweh,* Aquele que proveria água para eles. Moisés julgou a questão como falta de fé, como um ato que "tentava a Yahweh", considerando todas as provisões miraculosas que já tinham ocorrido. Ver as notas dadas em Êxo. 15.22, quanto a idéias concernentes ao problema da falta de água, em tais lugares.

O povo de Israel usou essa questão para desafiar o direito de liderança de Moisés. O povo irou-se, estando pronto a apedrejar Moisés, a menos que ele conseguisse água, prontamente (vs. 4).

17.3

Murmurou contra Moisés. A murmuração dos filhos de Israel é um tema muito repetido nos livros de Êxodo e de Números. Ver as notas em Êxo. 14.10, onde há referências a todos os incidentes dessa natureza. O ato implicava falta de fé e rebeldia, além de ser um desafio à liderança de Moisés.

Para nos matares de sede. Israel escapou a várias ameaças à vida inerentes nas pragas (ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*). Porém, tendo fugido do Egito, continuou a enfrentar perigos mortíferos no deserto, assim realmente precisava da proteção e das provisões de Yahweh, não menos do que se estivesse no Egito. Este versículo reitera a declaração de Êxo. 14.10-12. Naquele caso, o exército egípcio prometera efetuar um extermínio do povo de Israel, e os israelitas imediatamente preferiram voltar à escravidão, no Egito, tendo iançado a *culpa* sobre Moisés, por havê-los libertado.

Heródoto (*Hist.* iii.26) conta sobre um exército inteiro que morreu no deserto, por falta de água. Navios têm perdido sua tripulação por motivo de sede, havendo "água, água por toda parte, mas nem uma gota para beber".

A fé religiosa por muitas vezes nos leva até a uma rocha, estéril e seca, onde não há água. Podemos falar em apelar para nossos próprios recursos, ou para outras coisas que as pessoas dizem. Mas há ocasiões em que *Deus* precisa intervir, pois, de outra sorte, nada será conseguido. O Senhor está ou não entre nós? Essa é uma pergunta vital. Os testes tendem por ensinar-nos, embora pelo método difícil, que Deus está sempre presente, pronto para ajudar-nos.

Nossos rebanhos? Os vastos rebanhos de Israel tornavam quase impossível a tarefa de conseguir água para os animais, e só Yahweh poderia conseguir tal feito. Tipicamente, os desertos são mui pouco povoados. Mas Moisés lançou ao deserto uma nação inteira, os homens e seus animais domésticos, e isso provocou crise em cima de crise.

17.4

Só lhe resta apedrejar-me. Esse era o método mais comum de execução capital em Israel. Também havia a execução na fogueira (Lev. 20.14). Ao que parece, os corpos dos executados por apedrejamento eram então consumidos nas chamas. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Apedrejamento* e *Punição Capital*. Diante das águas amargosas de Mara (Êxo. 15.23), o povo queixou-se amargamente, mas *não houve nenhuma iniciativa para apedrejar Moisés*. Assim sendo, as coisas estavam piorando e o teste estava cada vez mais difícil de enfrentar.

O apedrejamento era uma espécie de linchamento aprovado, a fim de livrar a nação de pecadores ou criminosos perigosos (I Sam. 30.6). De súbito, Moisés tornou-se uma *persona non grata*. Cf. Êxo. 8.26, onde os israelitas temeram que os egípcios pudessem apedrejá-los.

Pessoas culpadas de várias formas de incesto eram apedrejadas. Ver o gráfico ilustrativo nas notas sobre Levítico 17.14.

17.5

Os Anciãos de Israel e a Vara de Moisés. Quanto a essa vara, ver Êxo. 4.2. Ver as notas sobre Êxo. 7.14, que ilustram o uso da vara quanto à questão das pragas. Essa vara agora faria esguichar água da rocha. Ver Êxo. 7.17,20, quando Moisés bateu nas águas do Nilo com a vara. Em resultado, as águas do Nilo transformaram-se em sangue, e esse foi o prodígio da primeira praga do Egito. E outras pragas vieram em seguida. Agora Moisés esperava outro grande milagre, porquanto o mesmo Yahweh continuava a dar orientação.

Os anciãos de Israel estavam presentes para testemunharem o milagre, levando o povo a ter confiança quanto às provisões e à proteção de Yahweh, o qual estava sempre com eles.

Cada um desses prodígios tinha seu papel didático; cada um deles ajudava Israel a crescer; muitas lições repetidas foram necessárias para que houvesse crescimento na graça. Ver no *Dicionário* o artigo *Desenvolvimento Espiritual, Meios de*. O toque místico figura entre esses meios. Algumas vezes precisamos da evidência da *presença de Deus* entre nós.

17.6

Estarei ali diante de ti. Yahweh postar-se-ia diante de Moisés, quando chegasse o momento de realizar o milagre. Temos aí um impressionante e eficaz antropomorfismo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. Mas isso não quer dizer que o poder de Deus não estivesse presente; tão-somente a linguagem humana encontra dificuldades para exprimir coisas dessa natureza.

A rocha em Horebe. Ver no *Dicionário* acerca desse monte. Ouvimos a seu respeito desde o começo do livro de Êxodo. Ver Êxo. 3.1, onde ofereço notas adicionais. Foi ali que, inesperadamente, manifestou-se a presença do Senhor.

O termo *Horebe* parece que designava a inteira serra montanhosa da qual o Sinai fazia parte. Talvez Horebe e Sinai fossem apenas picos de uma mesma serra. Em Êxo. 19.1, lemos que Israel acampou no Sinai. Ver ali as notas expositivas. Refidim (vs. 1) ficava perto do Sinai.

Lendas foram criadas acerca da rocha que produziu água. O *Targum de Onkelos*, ao comentar sobre o trecho de Números 21.17, dá-nos a declaração espantosa de que essa rocha, em seguida, seguia sempre o povo de Israel, sempre pronta para suprir água. Paulo, em I Coríntios 10.4, *conforme alguns pensam*, referiu-se a essa tradição com seriedade. Ver notas completas sobre essa questão no *Novo Testamento Interpretado, in loc.* Seja como for, há uma referência neotestamentária metafórica que faz a Rocha ser o próprio Cristo. Talvez haja nisso um indício da atuação do Logos, antes de Sua encarnação, no deserto, em favor de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Rocha Espiritual*, com comentários adicionais sobre I Coríntios 10.4, no *Novo Testamento Interpretado*.

Por nada menos de três vezes, Moisés, a mando de Deus, fez sair água da rocha: em Refidim (Êxo. 17.6); em Cades (Núm. 20.11), e à beira do poço de Beer (Núm. 21.16).

A Rocha, um Tipo de Cristo:

1. Ela se tornou um emblema de Cristo, em Suas qualidades doadoras de vida, pois a água é essencial à vida (I Cor. 10.4). A Rocha (Cristo) manou água livremente.
2. Um povo inteiro, embora indigno, ainda assim bebeu, mediante a graça de Deus (Êxo. 17.6; Efé. 2.1-6).
3. A água era gratuita (João 4.10; Rom. 6.23; Efé. 2.8).
5. A água era abundante (Sal. 105.41; João 3.16; Rom. 5.10).
5. A água estava próxima, de fácil acesso (Rom. 10.8).
6. Os israelitas tiveram apenas de exercer vontade, para tomarem da água (Isa. 55.1).
7. A Rocha (Cristo) foi ferida, e dela manou o Espírito Santo, o qual é simbolizado pela água. Ver no *Dicionário* o artigo *Água*; ver também João 7.38.

As *explicações naturalísticas* incluem aquilo que aponta para o fato de que a água jaz abaixo da superfície calcária da região do Sinai, e que Moisés, por mero acidente, acertou um ponto de saída da água, ao bater na rocha, fazendo o líquido esguichar até a superfície. Moisés teria feito apenas o trabalho de um rabdomante, com a sua vara!

17.7

Massá. Esse vocábulo significa "teste" ou "tentação". A alusão é ao fato que ali os israelitas tentaram Yahweh (vs. 2). Essa palavra é traduzida por "flagelo" em Jó 9.23, e por "tentação" em Deu. 4.34; 7.19; 29.3 e Sal. 95.8. Essa palavra também refere-se ao fato de que Israel foi testado pela sede, no deserto, e, então, foi fortalecido na fé, devido ao resultado favorável do incidente.

Meribá. Essa palavra significa "ralhar" ou "querelar" (sua raiz é *rib* ou *rub*). A referência é como o povo repreendeu Moisés, entrando em caloroso debate com ele (vss. 3,4), chegando ao extremo de querer apedrejá-lo.

As águas de Meribá têm sido identificadas com Cades, em Números 20.13. Os dois termos (Massá e Meribá) tornaram-se sinônimos da "dureza de coração" e da "infidelidade" de Israel. Ver Deu. 6.16; 9.22; 33.8; Sal. 95.8.

"Está o Senhor no meio de nós, ou não?" Essa foi a pergunta desafiadora deles, pois duvidavam de que Yahweh de fato estivesse entre eles, ou que Moisés tivesse recebido autoridade da parte Dele. Assim, tentaram a Yahweh e querelaram com Moisés. A pergunta feita por eles, fosse como fosse, foi uma pergunta crítica para toda e qualquer fé religiosa. Não existe verdadeira espiritualidade sem a presença do Senhor. Moisés, pois, teve de provar que a presença de Deus estava entre eles. De que provas dispomos? Meros credos não são suficientes. Crer em credos também não basta.

"Meribá era uma das fontes que havia em Cades (Núm. 20.13; 27.14; Deu. 32.51). Mara (Êxo. 15.23) e Massá, como é evidente, eram fontes que havia em um mesmo oásis. Algumas tradições, relativas ao trecho de Êxo. 15.23-18.27, falam em um oásis ao sul de Berseba (ver Núm. 13.26 e suas notas)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Esses nomes, em um contexto diferente, designam fontes de água.

Fonte Tu de toda bênção,
Vem o canto me inspirar;
Dons de Deus, que nunca cessam,
Quero em alto som louvar.
Oh! ensina o novo canto
Dos remidos lá dos céus.
Ao teu servo e ao povo santo
Para Te louvarmos, bom Deus!

(Robert Robinson)

Amoleque Ataca os Israelitas (17.8-16)

17.8

Amaleque. Israel teve de passar por vários testes. Houve o ataque do exército egípcio, no início da saída de Israel (Êxo. 14.23 ss.); houve fome e sede (15.23; cap. 16; 17.1 ss.); e agora havia o ataque dos amalequitas, uma crise militar, típica do que poderia ter reduzido o povo de Israel a nada, antes mesmo de eles entrarem na Terra Prometida. A história ilustra um antigo e contínuo atrito entre Israel e Amaleque. Mas Moisés, erguendo as mãos, fez Israel prevalecer, enquanto Josué liderava as forças de Israel. A liderança e o poder de Moisés, uma vez mais, e de uma maneira diferente, foram ilustrados e confirmados; e isso foi um assunto importante aos olhos do autor do Pentateuco. Ver as notas sobre *Amaleque*, em Gên. 36.12. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amalequitas*. Os amalequitas eram aparentados dos idumeus (descendentes de Esaú, irmão de Jacó), conforme se vê em Gên. 36.12. Através de vários séculos, eles estiveram em campanha militar permanente contra

Israel. Meu artigo é bastante detalhado, mostrando o que se sabe acerca deles no que tange a Israel. Eles foram alistados entre os povos que ocupavam a terra de Canaã e que Israel precisava expulsar dali. Ver Núm. 13.29; 14.25,43,45. Viviam ao norte de Cades, o que consideravam "seu" oásis, lugar de muita água e de refrigério. É possível que a batalha aqui mencionada tenha girado em torno de Cades.

17.9

Josué. Ele é aqui mencionado sem nenhuma introdução. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado a seu respeito. Josué era da tribo de Efraim, filho de um homem chamado Num, e estava na décima geração depois de José. Foi um militar de considerável valor, o que explica sua participação em lides militares desde o começo. Mais tarde, foi entregue a ele a tarefa de fazer Israel realmente entrar na Terra Prometida. O trecho de Êxo. 33.11 mostra-nos que ele era auxiliar pessoal de Moisés e seu braço direito. O poder espiritual, entretanto, estava com Moisés, o qual ergueu a vara acima da cabeça, para garantir a vitória de Josué sobre os amalequitas. Mas a Josué coube dirigir as forças armadas de Israel.

A vara de Deus. Era a vara de poder (ver as notas em Êxo. 4.5,17). Ver também o gráfico nas notas sobre Êxo. 7.14, que ilustram seu uso em relação às pragas do Egito. Os críticos vêem nessa vara a varinha dos mágicos ou conjuradores. Os antigos acreditavam na possibilidade de derrotar alguém mediante juramentos e maldições. Ver Núm. 22.6. Alguns pensam que o décimo sexto versículo deste capítulo é um exemplo da essência de uma maldição ou juramento. Os eruditos conservadores, como é óbvio, objetam a explicações dessa ordem, embora admitam que tais coisas faziam parte das crenças de povos antigos, porquanto vêem neste incidente outro exemplo do poder de Yahweh, o verdadeiro poder que havia por trás de Moisés. Temos em Êxo. 17.5 um uso mais recente da vara, com a qual Moisés feriu a rocha em Horebe, da qual esguichou água para dessedentar o povo de Israel e seus rebanhos.

17.10

Moisés, Arão e Hur. Eles subiram ao topo do monte para acompanhar a batalha e *garantir a vitória* de Israel.

Hur. Dispomos somente de três menções bíblicas diretas a esse homem: aqui, no vs. 12 deste capítulo, e em Êxo. 24.14. Mas seus filhos também são mencionados: Êxo. 31.2; 35.30 e 38.22. Quando Moisés subiu ao monte Sinai a fim de receber as tábuas da lei, Arão e Hur foram deixados entre o povo para manterem a ordem em Israel, durante a ausência do líder. Ao que tudo indica, Hur era "a terceira autoridade", e, sem dúvida, foi um dos mais poderosos anciãos de Israel. Ver Êxo. 24.14.

Outros indivíduos com esse nome figuram no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete *Hur*. Josefo diz que o Hur deste texto era marido de Miriã, irmã de Moisés; mas não há como averiguar se essa informação está correta ou não. Ver *Antiq.* iii.2.4. Alguns autores judeus, porém, faziam dele um filho de Miriã (*Pirke Eliezer,* c. 45; *Shalshalet Hakabala,* fol. 7.1).

17.11

Quando Moisés levantava a mão. Com as mãos erguidas na horizontal, sua figura formava uma espécie de cruz. Assim, o sinal da cruz pode ter sido antecipado nesse gesto de Moisés. Seja como for, a figura da cruz era empregada por muitos povos antigos. Na Índia, na China, no Egito, na Grécia, entre os gauleses, no México e, entre os índios americanos, os dakotas, a cruz era um antigo símbolo pré-cristão. A barra horizontal da cruz pode representar encruzilhadas ou lugares de dúvida e decisão. Assim também a vara de Moisés, um cajado de pastor, simbolizava diversas coisas. Símbolos são importantes, mas há exageros quando os símbolos tomam o lugar das realidades representadas.

Um Símbolo da Oração. O direito prevalece quando oramos. O errado prevalece quando os homens se mostram omissos na oração. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Oração* e *Intercessão.* As poderosas mãos de Moisés já se tinham tornado um símbolo para o seu povo. A fé de Israel ia crescendo em todos esses incidentes. De fato, conforme alguém já disse, "o maior milagre de Deus foi a fé de Israel".

Vitória e derrota ocorriam em fluxos e em ciclos. Quando as mãos de Moisés estavam erguidas, a vitória era obtida; mas quando elas caíam de pesadas, a derrota dos israelitas se evidenciava. Assim também, a vitória e a derrota ocorrem em nossa vida, por muitas vezes dependendo de nosso uso ou negligência dos recursos espirituais. Esse uso ou negligência normalmente depende de como valorizamos ou desprezamos os meios de desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Moisés tornou-se conhecido como homem cujas orações eram poderosamente eficazes. Sua fama cresceu mesmo entre os escritores pagãos (Apud Euseb. *Praepar. Evang.* 1.9 c.8, par. 411). Isso também foi enfatizado em vários dos Targuns dos judeus. Cf. I Tim. 2.8, provavelmente uma alusão a este versículo.

E visto que Ele me ordena buscar Sua face,
Crer em Sua Palavra e confiar em Sua graça,
Lançarei sobre Ele todos os meus cuidados,
Confiadamente, na doce hora da oração.

(W. W. Walford)

17.12

Arão e Hur sustentavam-lhe as mãos. Assim a vitória era garantida. Moisés fatigava-se e precisava de ajuda alheia. E isso mostra como nenhum homem pode realizar qualquer tipo de missão significativa sem a ajuda de outros. Vemos neste versículo a idéia de apoio sob a forma de oração, bem como a cooperação voluntária de outros, nos projetos. A ajuda de Arão e Hur determinaram o sucesso. Cf. I Reis 18.42. Nas Escrituras, a mão e o braço são emblemas de poder (Gên. 31.29; Miq. 2.1). Sem dúvida, esse foi o caso neste lance histórico. Houve algo de "intrinsecamente eficaz" no que aqueles três fizeram, e não apenas simbólico.

Alguns estudiosos pensam que os braços de Moisés foram mantidos estendidos na *horizontal*, o que formaria um sinal da cruz, conforme sugerimos nas notas sobre o versículo onze, acima. Talvez o sinal de Caim (Gên. 4.15) e a marca posta sobre as testas dos potencialmente salvos (Eze. 9.4) também fossem cruzes. Os três homens mostraram-se totalmente dependentes a Yahweh, pois Israel era Seu *filho* primogênito (Êxo. 4.22); e era em favor desse "filho" que aqueles homens realizaram aquela tarefa.

As mãos de Moisés eram pesadas. Conforme alguém comentou: "Não nos cansamos do trabalho, e, sim, no trabalho". E, então, precisamos apelar para a ajuda alheia. Quase todos os projetos são esforços de equipe, se tiverem alguma dimensão e importância. Sozinhos, dificilmente conseguimos alguma coisa.

17.13

Entrementes, Josué, o jovem militar, mostrou-se eficaz em seu papel, tal como aqueles homens de mais idade se mostraram na tarefa deles. Aqueles que laboram na seara espiritual não estão em competição uns contra os outros. Há muitas formas diferentes de tarefas, visto que o trabalho é feito por aqueles dotados para fazerem coisas *diferentes.* O corpo humano tem muitas funções, mas os membros não vivem em competição entre si. Antes, cooperam visando o bem coletivo. Ver Rom. 12.4 ss e suas notas quanto a essa metáfora. O capítulo doze de I Coríntios reitera essa ilustração.

Na ocasião, a vitória de Israel foi total; mas através dos séculos, muitas outras vitórias sobre o inimigo far-se-iam necessárias. Ver o artigo sobre os *amalequitas,* no *Dicionário,* onde a narrativa toda é dissecada.

17.14

Escreve isto para memória num livro. Ali só havia uma mensagem: os amalequitas teriam de ser totalmente obliterados. O trecho de Deuteronômio 25.18 fornece-nos a razão. Foram os amalequitas que atacaram primeiro Israel, procurando pôr fim ao "filho" de Yahweh, antes mesmo de Israel poder chegar à Terra Prometida. Por conseguinte, acima de todos os outros povos, eles seriam obliterados, conforme tinham querido fazer com Israel. Os amalequitas, pois, representavam *todas* aquelas nações que então ocupavam a terra de Canaã. Fazia parte do *Pacto Abraâmico* (ver as notas sobre Gên. 15.18, a esse respeito) que Israel deveria entrar na posse da Terra Prometida. E, então, as tribos nômades de Israel transformar-se-iam em uma nação fixa em seu próprio território. O Messias haveria de surgir dentre essa nação, e assim as provisões do pacto abraâmico seriam espiritualizadas e universalizadas (Gál. 3.14 ss.). E qualquer povo que tentasse impedir os propósitos de Yahweh quanto a Seu filho primogênito, Israel, teria de sofrer as conseqüências de seu atrevimento (Êxo. 4.22).

"Os oráculos de Balaão (Núm. 24.14) repetiram essa predição. Visto haver mitigado o fio cortante do mandamento, em *um* pequeno detalhe, Saul perdeu o favor de Yahweh (I Sam. 15). . . Davi lembrou-se da injunção divina (I Sam. 27.8; 30.1). O último remanescente dos amalequitas parece ter sido aniquilado nos dias de Ezequias, cerca de cinco séculos mais tarde (I Crô. 4.41-43). Anotar por escrito um mandamento aumenta a duração de sua validade" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Para memória num livro. Já existiam livros muito antes de Moisés (Gên. 5.1; Núm. 21.4). Descobertas arqueológicas no Egito têm mostrado quão abundantes eram ali os livros, desde muito antes da legislação mosaica. Alguns eruditos têm pensado que esse *livro* foi uma espécie de começo do Pentateuco. Mas é impossível provar ou não essa contenção. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livro (Livros)* quanto a informações sobre os livros antigos. Neste versículo, pois, temos o primeiro registro acerca de uma obra escrita na Bíblia.

Repete-o a Josué. Foi Josué quem deu início aos efeitos dessa tremenda maldição, tendo recebido a responsabilidade primária de pô-la em execução em *seus* dias. Ver sobre a escrita de Moisés nas notas sobre Êxo. 24.4.

Hei de riscar totalmente a memória. Temos aí a feitura de uma espécie de pacto sacrificial, uma maldição divina que finalmente seria absoluta, embora se tivessem passado séculos para que se cumprisse cabalmente.

17.15

Um altar. Moisés erigiu um altar especial, que comemorava a vitória sobre os filhos de Amaleque. Ele o chamou de *Yahweh nissi,* que significa "sinal" ou "bandeira de Yahweh". O *sinal* mostrou-se intrinsecamente eficaz, cumprindo todas as suas intenções. Por isso mesmo, Josefo ajuntou que o sentido desse título é *Yahweh é Aquele que faz coisas para mim* (*Antiq.* iii.2.5). Isso, por sua vez, significa que Yahweh é o *Senhor-Conquistador.* Por assim dizer, Yahweh foi a *bandeira* sob a qual Israel lutava, a garantia de vitória de que Israel dispunha. O nome de Deus é exibido por aqueles que trabalham para Ele; e, na força desse nome, eles vencem. Moisés erigiu um altar para preservar a memória da intervenção divina em favor de Israel. Não se sabe dizer, entretanto, se esse altar visava receber holocaustos, ou se era apenas um monumento memorial.

Muitos outros altares tinham sido levantados antes ou foram levantados depois, mas somente esse altar de Moisés, e aquele levantado por Jacó (chamado *El-Eohe-Israel*), segundo se lê em Gênesis 38.20, receberam nomes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar,* quanto a maiores informações sobre essa questão.

O livro e o altar, pois, sancionaram a *guerra santa,* garantindo a vitória final ao povo de Israel.

17.16

O Senhor jurou. Essa é uma tradução possível de um trecho difícil no original hebraico. Outras traduções dizem: "uma mão sobre a bandeira do Senhor" ou "sobre o trono" (conforme diz a maioria dos Targuns). Ou, então, conforme dizem outras traduções: "a mão dos amalequitas está contra o trono de Yahweh".

De geração em geração. Na verdade, o conflito continuou por cerca de cinco séculos. Ver as notas sobre o vs. 14 deste capítulo. O artigo sobre os *amalequitas* demonstra isso de modo vivido. *Yahweh* era o inimigo verdadeiro dos amalequitas, embora Ele viesse a usar de agentes humanos diversos, de geração em geração. Cada geração devia renovar os votos feitos por Josué e a intenção de lutar contra Amaleque, conforme foi escrito naquele livro (vs. 14), dependendo do poder simbolizado por aquele altar (vs. 15). Isso asseguraria a continuidade do povo de Israel, necessário para a concretização do Pacto Abraâmico, conforme vemos nas notas sobre Êxo. 17.14. Precisamos relembrar a selvageria das tribos antigas que tinham ocupado a terra de Canaã. Somente uma contínua e resoluta guerra poderia manter uma nação naqueles dias antigos. E mesmo a despeito de tanto esforço, primeiramente as dez tribos do norte, e depois as duas tribos do sul, foram levadas para o exílio, de tal modo que somente um pequeno remanescente da tribo de Judá restava nos dias de Jesus. E, então, em 132 D. C., Adriano, imperador de Roma, enviou esse pequeno remanescente ao pior e mais longo de todos os exílios, o exílio romano, do qual outro pequeno remanescente sobreviveu, a fim de retornar ao território de Israel, já no século XX, em maio de 1948. Por isso mesmo, Israel sempre teve de se defender violentamente de vizinhos violentos, inclinados a expulsá-los da sua Terra Prometida. Algum dia, a evolução espiritual do homem haverá de fazê-lo ultrapassar toda essa selvageria. Mas isso está longe de acontecer, mesmo em nosso século XX. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro (Cativeiros).*

Capítulo Dezoito

Jetro Visita e Aconselha a Moisés (18.1-27)

Moisés estava enfrentando problemas administrativos. Uma sábia palavra de conselho da parte de Jetro, sogro de Moisés, ajudou a aliviar a tensão. O fato de que toda uma seção (que constitui um capítulo da Bíblia) é devotada à questão mostra-nos a sua importância. Para os eruditos, esta seção também reveste-se de importância por ser o principal texto de prova da chamada *hipótese dos queneus.* A essência dessa hipótese é que não somente o nome de *Yahweh,* o Deus de Israel, mas também muitos aspectos do culto e da vida social dos israelitas derivavam-se do clã midianita dos queneus, ao qual pertencia Jetro, sogro de Moisés. Moisés passou quarenta anos com Jetro. Seria apenas lógico pensar que Moisés trouxe consigo muitas idéias e práticas de seus quarenta anos de vida no deserto, onde trabalhava para Jetro. Ver Êxo. 2.18 ss. e cap. 3. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Jetro.* Ele é chamado *Reuel* em Êxo. 2.18 e Núm. 10.29. Há uma possível confusão de nomes que aquele meu artigo tenta solucionar. Ver também sobre *Reuel (Raguel),* segundo item.

"O sacerdote de Midiã celebrou uma refeição sagrada e aconselhou Moisés acerca da administração da lei" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Muitos eruditos conservadores, buscando singularidade para Israel, supõem que Moisés poderia ter tomado por empréstimo apenas detalhes triviais de alguém, pois sua real fonte de informação e prática seria a revelação divina.

Moisés teve uma grande *confrontação* com os amalequitas (Êxo. 17); mas com Jetro ele teve uma *confraternização.* Aumentando os problemas de Israel, aumentaram também os problemas de Moisés. Jetro tinha muita experiência por haver administrado as questões de sua tribo, e assim detinha o "know-how" capaz de ajudar Moisés. Muitos pequenos ditadores do mundo cristão fariam bem em tomar nota da solução que este capítulo oferece para os deveres administrativos.

18.1

Jetro. Ver sobre ele o artigo no *Dicionário,* e consultar as notas introdutórias sobre este capítulo, quanto a outras idéias, bem como sobre a essência deste capítulo. Ver Êxo. 2.18 ss. e o cap. 3 quanto à longa permanência de quarenta anos de Moisés em companhia de Jetro. Ver sobre a *Hipótese dos Queneus* nas notas introdutórias a este capítulo.

Como o Senhor trouxera a Israel do Egito. Não tinha sido pequena a realização de Moisés: tirar Israel do Egito. Jetro entendeu que seu genro se tinha transformado em um grande homem, e lhe fez uma visita de cortesia. Veio cheio de boas sugestões para ajudar Moisés naquele estágio de sua missão. Deus sempre envia alguém para ajudar-nos, quando nossas missões atingem algum ponto crítico. Achamos um orientador, um conselheiro, um socorredor financeiro, algum cooperador ou companheiro de tarefas. Nossas missões são importantes. Tudo quanto fazemos é importante, e encontramos ajudantes divinamente designados, quando deles precisamos. Alguns nos ajudam a tomar decisões certas; outros nos ajudam a realizar projetos importantes; ainda outros nos orientam em momentos críticos de nossas vidas.

18.2

Os vss. 2-4 recapitulam questões que já tinham sido abordadas. Ver Êxo. 2.22; 4.20,25. O trecho de Êxo. 4.20 adianta que Moisés tinha levado para o Egito sua mulher e seus filhos. A continuação do relato não diz que ele a enviou de volta a seu pai, mas podemos supor que ele fez isso como medida de segurança. Muitos homens enviam para lugar seguro esposa e filhos, na esperança de chamá-los uma vez cessadas as hostilidades. As tradições posteriores dos judeus dizem que, a pedido de Arão, Moisés enviou sua esposa e seus filhos de volta a Jetro. E mais tarde Jetro, supondo que as dificuldades maiores de Israel tinham passado, devolveu-lhe a esposa.

Zípora. Ver o artigo sobre ela no *Dicionário,* bem como as notas sobre Êxo. 2.21.

18.3

Moisés e Zípora tinham dois filhos:

Gérson. Esse era o nome de um dos filhos de Moisés. Ver informações sobre ele em Êxo. 2.22, em notas que incluem o sentido desse nome, refletindo as circunstâncias de Moisés quando Gérson nasceu.

18.4

Eliezer. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome (apelativo de várias pessoas referidas na Bíblia), no seu terceiro item. É provável que ele tenha sido a criança que Zípora circuncidou no deserto, conforme o registro de Êxo. 4.25. Gérson teve um filho, e, nos dias de Davi, havia muitos descendentes dele (I Crô. 23.27). Esse nome quer dizer "Deus é a minha ajuda". "Não há certeza se Moisés lhe deu esse nome antes de separar-se dele, em alusão ao fato de ter escapado do Faraó, que tinha procurado matá-lo (Êxo. 2.15), ou se lhe deu esse nome quando o recebeu de volta, em alusão a seu recente escape do exército egípcio que foi destruído às margens do mar Vermelho" (Ellicott, *in loc.*). Sem importar como tenha sido, Moisés deu esse nome a seu filho como comemoração por haver escapado da *espada* do Faraó, em alguma ocasião não-especificada.

"É difícil a uma mulher ser esposa de um homem famoso. Ninguém parecia dar atenção a Zípora e aos filhos dela, depois de os três serem mencionados no vs. 6. As melhores esposas parecem gostar das coisas dessa maneira, para que possam desfrutar (como um segredo por demais sagrado para ser profanado pelo conhecimento comum) a verdade de seu real poder. . . Nada mais se sabe acerca de Zípora. Mas o Talmude diz, com uma imaginação muito criativa, que Moisés apelou primeiramente para as *mulheres,* quando precisava fazer o povo obedecer à lei, pois Moisés costumava dizer: 'Adão nunca teria pecado se Deus tivesse dado instruções a Eva, e não a Adão'. E isso mostra o quanto ele tinha aprendido de Zípora a sabedoria e o tato demonstrados pelas mulheres" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

18.5

A Reunião da Família. Yahweh cuidou para que Moisés fosse recompensado, de muitas maneiras, pela missão que estava cumprindo. Jetro tinha cuidado da esposa e dos filhos de Moisés em tempos de emergência. Uma das muitas recompensas que Moisés recebeu foi que sua esposa e seus filhos lhe foram devolvidos. A batalha fora ganha; e agora a família estava de novo reunida. O sacrifício tinha pago dividendos. Havia alegria em Israel, naqueles dias. Talvez a verdade seja que Moisés deu a seu segundo filho o nome de Eliezer, "minha ajuda é Deus", em comemoração à vitória e à alegria de todos.

Monte de Deus. Talvez indique aqui toda a serra montanhosa que incluía o monte Sinai, embora também possa estar em foco o próprio monte Sinai. Encontramos esse nome primeiramente no capítulo dezenove do Êxodo. Contudo, o trecho de Êxo. 19.1 indica uma chegada naquele tempo. Alguns supõem que as vagueações de Israel os tenham levado novamente àquele lugar, embora essa chegada não seja mencionada. Ou, então, o autor sagrado não se mostrou cuidadoso quanto a localizações exatas em certos pontos de sua narrativa. O lugar onde residia Jetro, em Midiã, não ficava longe do Sinai, mas talvez a uns dois dias de viagem apenas. O monte pode ser o monte *Horebe,* e não o Sinai. Mas não é importante precisarmos o local exato desse encontro, e nem uma pequena discrepância (se é que existe alguma) teria alguma importância.

18.6

Duas Maravilhosas Surpresas. Jetro, sabedor da importância dos laços de família, de súbito apareceu diante de Moisés com sua esposa e filhos. Podemos imaginar como o coração de Moisés saltou de satisfação, ao vê-los! Ninguém é feito de pedra para não se alegrar em um momento desses.

Mandou dizer a Moisés. De acordo com nossa versão portuguesa e a Revised Standard Version, em inglês, Jetro mandou a seu genro um recado. Não sabemos quem foi enviado com o recado. Ademais, as Escrituras nada dizem sobre a esposa e os filhos de Moisés após este breve incidente. E, assim sendo, a idéia de *alegria* é a última coisa que podemos deduzir do encontro de Moisés com sua esposa e seus filhos. De acordo com Jarchi e outros intérpretes judeus, *aquele* que foi enviado com o recado era apenas um mensageiro, e esse parece ser o caso.

18.7

Inclinou-se e o beijou. A etiqueta oriental requeria isso da parte de Moisés. Hóspedes honrados eram assim saudados (Gên. 18.2; 19.1). Mas podemos estar certos de que as mesuras de Moisés foram espontâneas e sinceras. Ele era um grande líder; mas, guardadas as devidas proporções, Jetro também era um homem importante. Ademais disso, quando se trata de questões de família, não há necessidade de muitas formalidades. A família é a unidade cujos membros devem viver em amor e harmonia, e não em competição. As pessoas de idade avançada eram respeitadas em um grau que não é comum em nossa moderna sociedade ocidental.

Beijou. Uma comum saudação oriental, mesmo entre dois homens, e mesmo entre pessoas sem nenhum vínculo de sangue. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Beijo.* Esse costume passou para os tempos do Novo Testamento, e foi praticado na Igreja. Ver Rom. 16.16; I Cor. 16.20; II Cor. 13.12; I Tes. 5.26; I Ped. 5.14.

Indagando pelo bem-estar um do outro. No hebraico, *paz.* "Está tudo em paz?" Assim se indagava, quando se queria saber sobre o bem-estar geral, a saúde e a felicidade de outrem.

Entraram na tenda. Alguns intérpretes judeus, sem nenhuma razão, pensam que aqui os dois entraram no tabernáculo, mas isso envolveria um anacronismo, pois só mais tarde foi erigido o tabernáculo. Antes, Moisés e seu sogro entraram na tenda pessoal de Moisés, onde seria correto haver uma reunião entre parentes.

18.8

Contou Moisés. . . tudo. Quanta coisa ele tinha para relatar! Tantos testes tinham sido arrostados; quantos perigos haviam sido evitados; quantas vitórias tinham sido ganhas. As reuniões de família, usualmente, começam com longas conversas que entram noite adentro, até que alguém diz: "Vamos continuar a conversa amanhã!". Pois a mente acaba cansando-se e o espírito se estonteia diante de tanta conversa e troca de informações.

A recitação dos atos divinos do Deus de Israel, sob a forma de prosa ou de poesia, era uma prática padronizada na antiga nação de Israel. Não há como exagerarmos o espírito religioso dos hebreus, que se manifesta praticamente em tudo.

18.9

Alegrou-se Jetro. O sogro de Moisés sentiu-se feliz ao ouvir tudo quanto seu genro lhe contava, e como sua empreitada tinha obtido tanto êxito. A Septuaginta diz aqui: "admirou-se". E se talvez isso não corresponda ao que diz o original hebraico, sem dúvida reflete bem a situação. Se Yahweh já era antes o Deus de Jetro, agora, mais do que nunca, era o seu Deus, diante das obras poderosas que Moisés Lhe atribuíra. O livramento das mãos da maior potência mundial da época só podia mesmo ser explicado em termos do miraculoso.

18.10

"Os midianitas, descendentes de Abraão e Quetura, reconheciam o verdadeiro Deus; e os israelitas, com toda a razão, podiam unir-se a eles em atos de adoração" (Ellicott, *in loc.*). A *hipótese dos queneus* (ver as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo e os comentários adicionais sobre o vs. 12) parte da idéia de que o nome Yahweh, um dos nomes do Deus Altíssimo, originou-se entre os queneus. Sem importar se temos aí uma verdade ou não, o fato de os queneus também serem descendentes de Abraão pelo menos lhes emprestava certas formas e idéias religiosas comuns aos israelitas. O fato de que os filhos de Israel usavam *nomes divinos* que também eram usados entre outros povos semitas, tem sido confirmado pela arqueologia. Ver no *Dicionário,* os artigos *Deus, Nomes Bíblicos de* e *Yahweh.*

18.11

Sei que o Senhor é maior que todos os deuses. Jetro, pois, bendisse a Yahweh. No entanto, tomou a posição henoteísta. Em outras palavras, embora possa haver muitos deuses (reais), só há um Deus no que nos diz respeito. Ou, então, devemos pensar na hipótese politeísta, que permitia uma hierarquia de divindades, embora exaltasse algum deles mais do que às demais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus,* onde achamos as idéias-padrão acerca da divindade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Henoteísmo.* Seja como for, a vida e os feitos de Moisés convenceram Jetro quanto ao grande poder e glória de Yawweh. Ele se estava aproximando do *monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), ponto ao qual a teologia de Israel já chegara desde os dias de Abraão. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Teísmo.* De acordo com essa posição, Deus não somente criou, mas também faz-se presente em Sua criação, guiando, abençoando aos bons e castigando aos maus, exigindo obediência. Ele é o Deus cujas pisadas podem ser encontradas nas areias do tempo. Um pagão pode vir a reconhecer ao verdadeiro Deus, súbita ou gradualmente, conforme se vê em Dan. 3.28 e II Reis 5.15-17. Porém, o caso à nossa frente parece envolver bem mais do que isso. Alguns estudiosos apelam para a *hipótese dos queneus* (ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo, bem como o vs. 12), em busca de uma resposta. Mas outros rejeitam essa posição por achá-la muito radical.

18.12

Tomou holocausto e sacrifícios para Deus. Embora a iniciativa tenha sido de Jetro, ele e Moisés fizeram essas oferendas sagradas. E isso tem dado margem a diversas interpretações, a saber:

1. Não há necessidade de nenhuma teoria radical como a hipótese dos queneus. Os descendentes de Abraão (Moisés por meio de Jacó; e Jetro por meio de Quetura, esposa de Abraão) naturalmente compartilhavam certas bases em sua fé e em suas práticas religiosas, incluindo a lealdade a Yahweh, em um grau ou outro. O versículo décimo primeiro mostra-nos que a lealdade de Jetro a Yahweh era parcial, compartilhada com outras divindades, mas que agora essa lealdade se *desenvolvia* na direção do monoteísmo.
2. Portanto, nada houve de surpreendente por achar Jetro, um sacerdote midianita, a oferecer sacrifícios a Yahweh, por ter agido tão maravilhosamente em favor de Moisés, seu genro. Parentes celebravam as festas religiosas e ofereciam juntos sacrifícios sem examinarem as teologias uns dos outros, para verificar quão compatíveis seriam entre si.

3. A celebração, embora tivesse sido feita seriamente em honra a Yahweh, também envolveu muita cortesia e tolerância religiosa. Ver II Reis 5.18,19 quanto a algo similar.
4. Talvez seja um exagero supor que, por essa altura, Jetro se tenha *convertido* ao Yahwismo. O mais provável é que seu sacerdócio incluísse o Yahwismo o tempo todo, mas que agora foi enfatizado ainda mais, embora, não necessariamente, com exclusão total de outros deuses.
5. Provavelmente é um exagero (mesmo levando em conta a hipótese dos queneus) pensarmos que Jetro foi quem instruíra Moisés sobre a maneira apropriada de oferecer sacrifícios a Yahweh. Afirmar tal coisa é exagerar as intenções do vs. 12, que exibe apenas um rito religioso comunal em cooperação, e não que Jetro tenha *instruído* Moisés acerca de tais questões.
6. Lemos em Êxodo 6.3: ". . .pelo meu nome, o Senhor [Yahweh], não lhes fui conheci-do. . .". E isso pode indicar que foi Moisés quem introduziu esse nome divino ao povo de Israel, e que esse nome já era conhecido entre os queneus. Na Bíblia, o nome Yahweh é usado desde o trecho de Gênesis 2.4, imediatamente depois da história da criação, pelo que a declaração de Êxodo 6.3 tem perturbado a muitos estudiosos. Se o nome Yahweh *só começou a ser usado no tempo do êxodo, então para que* figure desde Gênesis 2.4, isso só pode ter acontecido porque o autor sacro o *injetou* no texto, e não que, realmente, já estivesse sendo usado desde os dias de Adão, ou mesmo desde os dias de Abraão. Várias outras "injeções" ocorreram ao longo dos livros sacros, pois Yahweh é um nome divino que continua aparecendo no texto da Bíblia, antes do êxodo. Alguns eruditos afirmam que o que realmente sucedeu foi a dominação gradual do Yahwismo sobre outras crenças religiosas dentro da teologia dos hebreus, até que, finalmente, na época de Moisés, o Yahwismo passou a *predominar*. Isso não requereria ter sido tomado por empréstimo de Jetro, nem que o próprio Jetro tenha participado da propagação do nome cada vez mais famoso de Yahweh.

"A verdadeira religião não se confina a algum lugar geográfico ou a algum povo. Espalhou-se por toda a terra, de várias maneiras. Aquele que preenche a imensidade deixou um registro sobre Si mesmo em todas as nações e entre todos os povos debaixo do céu. Cuidado com o espírito da intolerância! pois o preconceito produz a falta de amor, e a falta de amor leva ao juízo descaridoso; e, nessa atitude, um homem pode pensar que está prestando a Deus um serviço quando tortura ou oferece um holocausto com a pessoa a quem sua mente estreita e seu coração duro tem desonrado com o apelido de herege" (Adam Clarke, no fim de seus comentários sobre o vigésimo capítulo do Gênesis).

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Holocausto*.

18.13

A Nomeação de Juízes. A chamada *hipótese dos queneus* (ver as notas sobre o vs. 12) presume que os midianitas ensinaram a Moisés dois pontos: 1. A adoração a Yahweh. 2. Como deveriam ser arranjadas as questões judiciais. Dei informações sobre aquela teoria nas notas introdutórias a este capítulo e sobre o vs. 12. Fica claro no texto que Jetro tinha algumas boas idéias sobre como delegar autoridade, e que compartilhava com Israel da adoração a Yahweh (embora não com a exclusão de outros deuses), mas isso não justifica as várias contenções da hipótese dos queneus.

Moisés estava sobrecarregado de trabalho, o que era óbvio para todos, menos para ele mesmo. Sua função era comparável ao de um xeque beduíno que se assenta para julgar e resolver os problemas de todos os membros de sua tribo. Ver II Sam. 15.1-6. E a carga de trabalho de Moisés ia aumentando cada vez mais, *conforme Israel crescia*. Ele era a única autoridade, uma espécie de combinação de funções seculares e religiosas. Naqueles tempos antigos, em Israel, não se fazia distinção entre autoridades civis e autoridades religiosas. "Escravos não podem ser transformados em santos da noite para o dia" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Portanto, não se passava um dia sem que Moisés tivesse de ouvir a muitas queixas e causas. Não havia condições de cidade grande, que complicam e geram crimes; mas o crime reside no coração do ser humano. Além disso, algumas vezes as coisas *saem erradas, a despeito de boas intenções*.

Talvez houvesse muito barulho na tenda do vizinho, e alguém não pudesse dormir. Um homem qualquer estava tentando seduzir a mulher de outro. Um homem ferira seu semelhante de maneira acidental ou propositada. Havia disputas em torno de bens materiais, incluindo animais domésticos. Na natureza humana não há muita coisa nova, mesmo quando mudam as circunstâncias e o meio ambiente.

18.14

Por que te assentas só. . .? Moisés tinha tanto para fazer que não podia dar muita atenção a seu sogro. Jetro tinha um sistema melhor, que já vinha funcionando fazia anos. E assim sendo, sentiu-se encorajado a sugeri-lo a Moisés. Um dos problemas dos chefes é a delegação de autoridade, e se esse chefe é um *pequeno césar*, então os seus problemas apenas se agravam. Jetro, sendo um chefe e um sacerdote midianita, tinha suas sessões diárias, mas não tomava para si mesmo todo o trabalho.

Perguntou Jetro a Moisés: "Que é isto que fazes ao povo?". Lá estavam os israelitas, impacientes e formando longas filas, como aqueles que precisam depender do INSS. *Moisés estava exaurindo a si mesmo e ao povo.*

18.15,16

A Liderança Divina. Moisés, o legislador, antes da outorga da lei (ver Êxo. 19), estava legislando de acordo com princípios divinos. Ele não tomava nenhuma decisão secular. Ele sempre procurava fazer brilhar uma luz espiritual, até mesmo sobre as questões mais corriqueiras, triviais. Quando as pessoas brigavam, ele procurava aplicar a sabedoria divina à situação. Talvez houvesse precedentes para solução de certas questões, mas até mesmo esses tinham sido firmados pelas mesmas formas de considerações espirituais. Moisés estava funcionando como vidente e profeta. Ver I Sam. 9.9 e 22.15. Os profetas posteriores também foram videntes (ver I Reis 22.8; II Reis 3.11; 8.8; 22.14). As decisões do juiz-profeta-vidente eram aceitas como a palavra de Deus, presumivelmente inspiradas. Seu trabalho não consistia apenas em julgar alternativas pragmáticas. Moisés era o representante de Deus diante do povo de Israel (Êxo. 18.19).

18.17

"Você está fazendo as coisas da maneira errada", afirmou Jetro. Como é óbvio, ele deve ter concordado que Moisés tinha tanto a autoridade quanto a sabedoria para o seu trabalho. Mas é possível fazer o que é certo da maneira errada. Os argumentos de Moisés em favor de seus atos eram bons (vss. 15,16), mas não expressavam um problema central que estava envolvido: a fadiga. Moisés estava exaurindo as suas forças e a paciência do povo.

18.18

Desfalecerás, assim tu, como este povo. Havia fadiga coletiva, em resultado do que Moisés estava fazendo. Ele precisava aprender a delegar autoridade, resolvendo somente as questões mais difíceis, como fazem os juízes das cortes supremas. Moisés estava administrando justiça com sabedoria e sinceridade, mas não estava agindo de maneira pragmática. Estava exibindo um esforço hercúleo elogiável, em total altruísmo, qualidades essas necessárias em todos os grandes líderes. Mas uma devida delegação de autoridade também é uma das qualidades dos líderes.

"A carga era demasiada para os seus ombros, e as suas forças não eram suficientes. Não podia continuar fazendo sozinho aquele trabalho. Jetro estava preocupado com a saúde de Moisés, e não apenas com a dignidade de sua posição. Conta-se uma história sobre Deioces, rei dos medos, que agia mais ou menos a exemplo de Moisés. Escusava-se de seu esforço demasiado afirmando que isso era necessário para que o povo o visse com freqüência, ou acabariam tendo a idéia de que ele não era um ser humano como eles (Heródoto, *Hist.* i.99).

18.19,20

Jetro iniciou suas sugestões acerca de *mudanças* garantindo que Moisés poderia prosseguir com seu trabalho espiritual, como sempre havia feito. Continuaria sendo o profeta-mestre-educador, e homem de Deus como sempre. Continuaria sendo o representante de Deus, procurado pelos israelitas para lhes administrar justiça. Ele nada sacrificaria do bem que estava fazendo. Mas faria tudo isso melhor e com maior eficiência.

"Moisés seria o representante do povo diante de Deus (vs. 19), como também mestre deles; mas a maior parte das questões judiciais deveriam ser deixadas ao encargo de outros" (John D. Hannah, *in loc.*).

Cumpria-lhe: 1. Instruir o povo em todas as ordenanças da fé religiosa. 2. Ensinar ao povo a lei moral. 3. Frisar os deveres que outros deveriam cumprir. 4. Cuidar para que o povo trabalhasse corretamente. Ele estabeleceria os princípios gerais e permitiria que outros os aplicassem.

Deus seja contigo. A fim de dirigi-lo nas mudanças que Jetro estava propondo. Assim Moisés obteria pleno sucesso. Jetro deixou claro que só queria o bem de seu genro, mesmo que suas propostas provocassem mudanças radicais no tocante a como Moisés deveria fazer o seu trabalho.

18.21

"Moisés deveria tratar de casos sem precedente legal, que requeriam um oráculo especial (cf. Deu. 17.8-13). Os casos ordinários seriam manuseados por líderes leigos (Núm. 11.16-22; 24.25) ou por juízes nomeados (cf. Deu. 16.18-20)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

As *qualificações* dos ajudantes escolhidos fazem-nos lembrar das qualificações dos anciãos e diáconos da Igreja (Tito 1.7 ss.). Essas são qualidades *espiri-*

tuais. Quando um homem tem essas qualidades, então pode *aprender* outras capacidades, que se aplicam estritamente às questões seculares. Precisavam ser homens *verazes*, sinceros, livres de falsos motivos. Teriam de ser juízes imparciais, que buscassem razões espirituais e morais em seus julgamentos. Teriam de abominar a *cobiça*, não desejando coisas para si mesmos nem se mostrando parciais. Uma vez que *tais* homens fossem achados, então seriam feitos cabeças de vários grupos: de milhares, de centenas e de dezenas, uma espécie de autoridade ascendente, uma espécie de sistema hierárquico, onde Moisés apareceria no alto, como juiz supremo. Essa organização é, essencialmente, aquela que predomina nas forças armadas das nações civilizadas, mas adaptada ao campo civil. Cf. I Sam. 22.7.

Devemos entender que os tribunais de apelo formam um poder ascendente. Paralelamente, devemos entender que os casos julgados também deveriam ser dispostos em importância ou dificuldade ascendente. O homem com autoridade sobre *dez* cuidaria de questões mais chãs. O homem com autoridade sobre *mil* teria maior autoridade e julgaria os casos mais sérios, da mesma forma que um general tem maior autoridade do que um sargento. Mas cada homem teria uma autoridade absoluta para seu próprio tipo de problemas. Um homem de menor autoridade poderia transferir para outro, de maior autoridade, qualquer caso que não pudesse resolver. Assim, um caso poderia chegar até Moisés.

18.22

Em todo tempo. Ou seja, constantemente, sem lapsos e sem férias. Todas as questões menores seriam resolvidas sem que Moisés ao menos tomasse conhecimento delas. As questões realmente difíceis eram levadas à atenção de Moisés. Talvez a expressão signifique "sobre bases diárias". Os juízes não deveriam julgar apenas duas vezes por semana, para então cuidarem de seus próprios negócios nos outros dias. O sistema de Jetro, bastante complicado, chegou ao fim quando Israel entrou na Terra Prometida, quando então foi adotado um sistema mais simples. Os eruditos têm calculado que talvez houvesse treze mil juízes em Israel, incluindo todos os níveis do sistema, de acordo com o sistema de Jetro. Quanto aos chefes de mil ver Núm. 1.17-46, bem como as notas sobre o Êxo. 18.17.

18.23

E assim Deus to mandar. Jetro não se mostrou dogmático quanto às suas sugestões. Ele sujeitou-as ao parecer de Yahweh sobre a questão, pois calculou *que Moisés não aceitaria o que Jetro dissesse sem a aprovação divina*. Mas *se* o sistema fosse adotado, seria um meio para conferir descanso a Moisés e ao povo de Israel. Moisés gozaria de melhor saúde, teria mais energias físicas, e o povo viveria em *paz*, mediante um sistema superior. Os casos seriam julgados prontamente, as decisões não demorariam. Haveria um sistema de apelos diante de decisões. Questões poderiam ser transferidas para autoridades maiores, ou mesmo para Moisés, quando isso fosse necessário. Justeza produziria a paz; a prontidão dos processos judiciais evitaria as queixas e os sentimentos amargos.

De acordo com o autor sagrado, a *aprovação divina* às sugestões de Jetro era algo necessário, visto que sua convicção era que tudo quanto Moisés fazia era inspirado por Yahweh. Ele teria seus instrumentos humanos, mas coisa alguma seria posta em prática sem a autoridade divina.

18.24,25

Moisés, ouvindo os conselhos de Jetro, pôs em ação o método de seu sogro. O vs. 25 repete os números dados no vs. 21. É provável que os anciãos de cada tribo, conhecendo as qualificações das pessoas de suas respectivas tribos, tenham sido postos a trabalhar na seleção de oficiais, ao passo que os próprios anciãos retiveram sua autoridade como oficiais maiores do sistema.

O *Targum de Jonathan* informa-nos os números envolvidos: seiscentos chefes de mil; seis mil chefes de cem; doze mil chefes de cinqüenta; sessenta mil chefes de dez. Jarchi e o Talmude falam no mesmo sentido. A soma total, no Talmude, sobre o sistema coletivo, é de setenta e oito mil homens. Esses números estão baseados no trecho de Números 1.46, mas vários intérpretes não concordam com isso, como Aben Ezra. E não dispomos de meios para saber se esses cálculos estão ou não com a razão.

18.26

Este *versículo reitera as informações que já nos haviam sido dadas no vs. 22*. A *repetição* é um estilo literário do autor do Pentateuco, usado com grande freqüência.

18.27

Este versículo informa-nos simplesmente da partida de Jetro, de volta à sua terra. Mas o trecho de Números 10.29-32 diz que Moisés tentou convencer Jetro a permanecer com Israel e servir de guia no deserto. Então o trecho de Números 10.29,32 reitera o ponto. Moisés continuou insistindo. Jetro participaria da herança na Terra Prometida. Nada nos é dito se Jetro se deixou persuadir ou não. O fato é que não mais ouvimos falar a seu respeito novamente; e isso parece indicar que ele resolveu não aceitar o oferecimento de Moisés. Ele repeliu a primeira proposta (Núm. 10.30), sendo provável que tenha continuado em sua atitude. Cada indivíduo tem seu próprio destino, e é impossível evitá-lo. Nem sempre temos o consolo de contarmos com nossos entes queridos por perto. De fato, o destino por muitas vezes separa os membros de uma família, deixando cada membro individual em um lugar diferente, fazendo algo diferente.

O *Targum de Jonathan*, julgando que devemos entender aqui que Jetro se converteu ao Yahwismo, mostra-o a evangelizar o seu próprio povo, a fim de orientá-lo quanto à adoração a Yahweh. Pelo menos é verdade que os queneus e os recabitas, descendentes de Jetro, em tempos posteriores, tornaram-se prosélitos da fé dos hebreus e passaram a viver entre eles (Juí. 1.16; I Crô. 2.55; Jer. 35.2).

Capítulo Dezenove

Os Hebreus no Monte Sinai (19.1 — 40.38)

Estabelecimento do Pacto Divino (19.1 — 24.11)

Preparação para o Pacto (19.1-25)

Agora os israelitas tinham chegado ao monte Sinai (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sinai, Monte*). Ali eles permaneceram, pelo resto dos eventos registrados no trecho compreendido entre Êxodo 19.1 e Números 10.10. Estiveram ali pelo período de onze meses e seis dias, desde o décimo quinto dia do terceiro mês de seu primeiro ano de jornadas (ver Êxo. 12.2,6 e 19.1) até ao vigésimo dia do segundo mês de seu segundo ano de jornadas (Núm. 10.11). Ao receber a lei de Moisés, o povo de Israel tornou-se uma virtual teocracia, ganhando assim a característica *distintiva* que fez deles o povo de *Israel*. Desse modo, o *Pacto Abraâmico* estava adquirindo novas dimensões. Israel era agora a nação consagrada à lei, porquanto aquilo que o evangelho é para a Igreja, a lei o é para Israel. Ver as notas sobre Gên. 15.18 acerca desse pacto, onde muitos detalhes são explicados. Somente em Cristo o Pacto Abraâmico receberia ainda maiores dimensões e espiritualidade do que recebeu com Moisés. Ver Gál. 3.14 ss.

A redenção da servidão ao Egito tinha sido completa; muitos milagres tinham levado Israel até àquela parada prolongada, no Sinai. Naquele lugar, um novo pacto seria estabelecido que tornaria Israel a nação distintiva em que ela se tornou. A lei de Moisés era a constituição de Israel, a base do estado teocrático, sob Yahweh, o Deus único e verdadeiro. Ficou assim estabelecido, de modo absoluto, o *monoteísmo*, se porventura isso já não tinha acontecido antes. Ver sobre o *Monoteísmo* no *Dicionário*.

Quinta Dispensação: a Lei

Essa dispensação estendeu-se desde o momento em que a lei foi dada, no Sinai, até a vinda de Cristo, quando, em Sua expiação, Ele trouxe a Nova Dispensação, na qual vivemos. Portanto, essa quinta dispensação durou do êxodo à cruz. A história de Israel, doravante, em um certo sentido, tornou-se uma prolongada violação da lei mosaica. Não obstante, ela produziu seu efeito didático, além do que tornou extremamente necessária e óbvia a *necessidade* da Nova Dispensação, a era do evangelho da graça. Os testes de Israel terminaram nos cativeiros: o cativeiro assírio e o cativeiro babilônio (ver sobre ambos no *Dicionário*). Mas a dispensação da lei, propriamente dita, só terminou com Cristo. "A lei e os profetas vigoraram até João Batista; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus. . ." (Luc. 16.16).

Elementos Importantes da Quinta Dispensação:

1. Qual era a situação dos homens no começo da dispensação da lei (Êxo. 19.1-4).
2. As responsabilidades do homem (Êxo. 19.5,6; Rom. 10.5).
3. A falha do homem (II Reis 17.7-17; Luc. 21.20-24).
4. Julgamento do homem, por haver falhado (II Reis 17.1-6,20; 25.1-11; Luc. 21.20-24). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Dispensação (Dispensacionalismo)* e *Lei no Antigo Testamento*, em sua quarta seção, Lei.

O Pacto Mosaico

Elementos:

1. Foi firmado com Israel, no Sinai.
2. Consistia em três divisões: (a) Os *mandamentos*, que expressavam a vontade

justa de Deus (Êxo. 20.1-26). (b) Os *estatutos,* que governavam a vida social de Israel (Êxo. 21.1 - 24.11). (c) As *ordenanças,* que governavam a vida religiosa de Israel (Êxo. 24.12 - 31.18). Essas três divisões compunham a lei de Moisés (ver Mat. 5.17,18). De acordo com a avaliação do Novo Testamento, o todo formava uma espécie de ministério da condenação, porquanto nenhum homem é capaz de observar à risca essa lei complexa e muito abrangente, à qual os rabinos não cessavam de adicionar, por via de interpretação, novos elementos, meramente tradicionais, e, portanto, inválidos. Ver Marc. 7.1-23; II Cor. 3.7-9. O crente do Novo Testamento não vive debaixo da lei, porquanto ela era um pacto condicional de obras, que fracassava em seu intuito devido à corrupção humana inerente, a qual impede o homem de cumprir a sua parte naquele pacto. O crente em Jesus Cristo está sob o incondicional Pacto da Graça (Rom. 3.21-27; 6.14,15; Gál. 2.16; 3.10-14,16-18; 4.21-31; Heb. 10.11-17). Ver as notas no *Novo Testamento Interpretado* sobre o Novo Pacto, em Heb. 8.8, onde há explicações completas a respeito.

3. Portanto, a terceira coisa que deve ser dita aqui é que a lei mosaica não formava um pacto permanente, embora continue sendo adotada pela fé judaica, sem falar em vários grupos cristãos, como os Adventistas do Sétimo Dia. Trata-se de um dos *vícios* dos sistemas religiosos a suposição que aquilo que eles entendem, é o fim da revelação. Deus, porém, está sempre ativo, e novas revelações, que lançam no obsoletismo as revelações antigas, serão sempre uma possibilidade. Sem isso não poderia haver crescimento e progresso espirituais. A própria essência da espiritualidade consiste em crescimento e progresso.
4. *A questão do acesso.* A dispensação da lei foi uma promessa que não pôde, realmente, entrar em vigor. O acesso foi limitado desde o seu começo (ver sobre o vs. 12). A corrupção inerente do homem e suas falhas não lhe permitiam aproximar-se da presença de Deus. Em Cristo, porém, temos pleno acesso (Heb. 9.24; 10.19 ss.). Os crentes, na qualidade de filhos de Deus, passam a participar da *natureza divina* em um sentido real, posto que secundário. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acesso.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo *Transformação Segundo a Imagem de Cristo.* Ver as notas sobre II Ped. 1.4 no *Novo Testamento Interpretado.*

Outras Observações Importantes sobre o Pacto do Sinai:

1. A idéia do pacto divino repousa sobre a fé na *revelação.* Moisés não compôs o pacto à partir de sua própria sabedoria e experiência como juiz. Ver no *Dicionário* os artigos *Revelação; Revelação das Escrituras* e *Revelação Geral e Natural.* Nos Artigos Introdutórios, no primeiro volume desta obra, ver sobre *Escrituras,* em sua primeira seção.
2. A revelação dada no Sinai foi um fato objetivo para o povo de Israel, bem como a pedra fundamental dessa nação.
3. Esse pacto tornou-se o instrumento para que Israel se tornasse uma nação ímpar, diferente de todas as outras. Foi a resposta de Israel à liberdade da servidão ao Egito.
4. Yahweh enviou a Sua teofania (ver a respeito no *Dicionário*), para trazer a lei. Achamos nisso o *teísmo* (ver no *Dicionário).* Deus não somente criou, mas também permanece imanente em Sua criação, guiando, recompensando o bem, castigando o mal e tornando conhecida a Sua vontade. Ver também sobre o *deísmo,* que supõe que Deus abandonou a Sua criação, deixando-a entregue às leis naturais.
5. Os *Dez Mandamentos* (ver no *Dicionário*) eram o maior elemento isolado da lei, um código de ética humana, mostrando os deveres do homem para com Deus e para com os seus semelhantes humanos.
6. O *sinal* do pacto mosaico era o *sábado,* conforme aprendemos em Êxo. 31.13 ss. Ver também Êxo. 16.23; 20.8 e, no *Dicionário* o artigo chamado *Sábado.* O sinal do Pacto Abraâmico era a circuncisão (ver Gên. 17.9 ss.).

19.1

Foram necessários três meses para que Israel chegasse ao Sinai, depois de haver escapado da servidão no Egito. Na ocasião, um grande acontecimento esperava por eles, *o pacto sinaítico.* Ver no *Dicionário* o artigo com esse título. Comentei exaustivamente sobre essas questões na introdução a este capítulo.

No terceiro mês. Ou seja, no terceiro mês do calendário religioso, que tinha início na páscoa, no mês de abibe (nisã). Ver Êxo. 13.4. Entre os israelitas também havia um calendário civil. O terceiro mês do calendário religioso chamava-se sivã, correspondente ao nosso mês de maio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Calendário Judaico, em* sua sétima seção.

O Targum de Jonathan diz que a chegada de Israel ao Sinai ocorreu quarenta e cinco dias depois da partida do Egito, presumivelmente cinco dias antes da lei ter sido dada, ou seja, no sexto dia do mês de sivã. No primeiro dia desse mês, eles chegaram ao Sinai, e ali acamparam-se. No dia seguinte, Moisés subiu ao monte em sua entrevista com Yahweh ou com Sua teofania. No terceiro dia, ele reuniu os anciãos do povo (vs. 7), e lhes declarou as palavras de Deus. Três dias mais tarde, que foi o sexto dia do mês de sivã, foi dada a lei aos anciãos do povo, e, deles, para todos os israelitas. A exatidão desses cálculos, porém, dificilmente pode ser averiguada.

Sinai. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sinai, Monte.* Quanto a informações cronológicas, ver o primeiro parágrafo da introdução a este décimo nono capítulo.

19.2

O autor sacro oferece aqui uma pequena digressão a fim de lembrar-nos os movimentos de Israel após a partida de Refidim (Êxo. 17.1) para o Sinai. O Sinai foi um dos pontos de parada, onde Israel deveria permanecer por onze meses e seis dias, conforme mostrei no primeiro parágrafo da introdução a este capítulo.

A identidade do monte aparece como lugar bem conhecido, ou, pelo menos, identificado com alguma precisão, quando Moisés escreveu o relato. Mas para nós a localização exata está perdida para sempre, embora haja um bom número de conjecturas, as quais discuto no artigo sobre o assunto (no *Dicionário*). Foi ali, ou bem perto dali (em *Horebe*; ver no *Dicionário*), que Moisés recebeu seu sinal e comissão originais (Êxo. 3.12). Fica entendido que Yahweh se manifestava ali de maneira especial, tal como os gregos pensavam que o Olimpo era a residência de deuses. Assim, Moisés subiu ao monte cheio de *expectativa,* em busca de uma entrevista com o Senhor. O autor liga a cena da sarça ardente (cap. 3) com a cena deste capítulo. Chegara o momento de outra grande revelação.

19.3

Visto que se esperava que naquele lugar Yahweh revelar-se-ia, isso deu a Moisés esperança de receber outra revelação divina. Não sabemos se ele esperava qualquer coisa tão grande quanto a outorga da lei. É provável que a magnitude da revelação tenha-o surpreendido.

Suas expectações foram justificadas. Ele tinha caminhado pouca distância quando, de súbito, fez-se ouvir a voz de Yahweh. Talvez fosse o Seu Anjo (ver a respeito no *Dicionário*) ou uma teofania (também comentada ali). A mediação angelical da lei tornou-se uma constante na tradição. Quanto a isso, ver Gál. 3.19 e as notas no *Novo Testamento Interpretado.* O trecho de Atos 7.38 (dentro do discurso de Estêvão) diz-nos que a voz foi a de um anjo, o qual serviu, portanto, de agente de Yahweh. Alguns eruditos pensam aqui em termos de alguma manifestação veterotestamentária do Logos, apontando para trechos como Gên. 16.7; 17.13 e Êxo. 3.2 como outras instâncias desse tipo de manifestação.

19.4

O anjo de Yahweh lembrou Moisés acerca dos prodígios passados e de tantas notáveis vitórias, usando uma metáfora colorida sobre as asas do anjo que tinha trazido Israel até o lugar onde eles estavam no momento. Deus mostrara-se poderoso e fiel, e agora estava prestes a revelar-se de maneira gloriosa, que haveria de consolidar Israel como uma nação (teocracia), uma nação destinada a ensinar o mundo antigo. Se as coisas fossem feitas corretamente, então Israel tornar-se-ia uma propriedade peculiar de Deus. Ver Êxo. 4.22, onde Israel é chamado de *filho* de Deus. Esse precioso *filho* também era uma *propriedade.* Haveria de ser firmada uma aliança, conforme comentei nas notas introdutórias deste capítulo e no artigo intitulado *Pactos,* no *Dicionário.* Esse pacto haveria de elevar Israel a uma posição de grande distinção entre as nações.

Ver a metáfora das asas de um anjo, em Deu. 32.11,12, bem como o uso que faz dessa metáfora o trecho de Apo. 12.14 ss. "Quando os filhotes de águia estão aprendendo a voar, a águia mãe voa por baixo deles, com as asas abertas, a fim de ampará-los" (John D. Hannah, *in loc.*).

E vos cheguei a mim. Em outras palavras, o povo de Israel fora levado até Deus e até aquele lugar de bênção, e dali culminaria a outorga da lei. Dentro da experiência de Israel, primeiro houve a presença de Deus, e depois a outorga da lei. Yahweh tinha anulado totalmente a servidão dos israelitas ao Egito, e estava preparando uma revelação singular e uma grande experiência espiritual para o povo de Israel no deserto.

A interpretação dos Targuns diz aqui: "Eu vos trouxe à doutrina da minha lei".

Sobre a Inspiração. "A pessoa não somente busca, mas também ouve uma voz. Algo lhe é dado de detrás do véu. Como um relâmpago, torna-se claro o pensamento, destacando-se claro como o dia. . . Não se trata de um ato de vontade do indivíduo quando se derrama sobre o indivíduo a liberdade e o poder da divindade. Fatos tornam-se palavras, as leis atuantes da vida aprendem a falar da tua parte. . . Essa é a minha experiência de inspiração" (Nietzsche's Werke, xv, págs. 90 e 91).

O PACTO MOSAICO

Propósitos

Tornar Israel uma nação distinta.

Fazer avançar a causa espiritual em todo o Israel.

Codificar os princípios espirituais e a lei nos mandamentos, julgamentos e ordenanças.

Trazer um estágio novo, mas não final, de conhecimento e crescimento espiritual.

Ampliar o acesso a Deus, mas não fornecer um estágio final de acesso. Nenhum avanço é final, nem perfeito.

Suprir revelações em um período crítico da história.

Dar uma idéia melhor da conduta humana ideal, mas não uma declaração final de como ela deveria ser. Todas as declarações são parciais e fazem parte do avanço, não representando um final em si mesmas.

Os Dez Mandamentos foram o maior elemento do pacto, mas também não representavam uma declaração final.

*** *** ***

Avanços do Novo Testamento

Cristo foi o Segundo Legislador, o Novo Moisés. (Mateus 5-7)

O pacto de Cristo fez avançar o conhecimento espiritual e transferiu a base da lei para a graça (Efésios 2.8,9.)

*** *** ***

Em Cristo, o homem é espiritualizado, passando a compartilhar da natureza divina, algo que não é previsto no Pacto Mosaico (Rom. 8.29; I João 3.2; Col. 2.9,10).

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a terra é minha. (Êxodo 19.5)

Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. Todavia, o meu justo viverá pela fé, e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.

Hebreus 10.28,28

O sinal do Pacto Mosaico era manter o sábado como um dia de descanso e louvor. O sinal do Novo Pacto é a atividade incessante para comemorar a ressurreição.

19.5

Embora *toda* a terra pertença a Yahweh, ainda assim ele escolheu um filho e uma propriedade peculiar (Êxo. 4.22; 19.5). Essa propriedade assumiu essa natureza ao guardar o pacto da lei. Encontramos nisso o âmago mesmo do judaísmo. "A obediência era o papel central a ser desempenhado por Israel. Essa obediência seria expressa basicamente mediante a fé e a lealdade. . . 'Diligentemente ouvirdes' provavelmente devem ser palavras entendidas como 'obedecer à lei'. Israel haveria de ser uma propriedade peculiar de Deus (Deu. 7.7; 14.2; 26.18). Esse termo, aplicado ao povo de Israel, sempre se refere à comunidade eleita. Outro tanto se dá com o equivalente grego no Novo Testamento (Tito 2.14; I Ped. 2.9; Efé. 1.14). A *liberdade* de Deus, ao escolher a Israel, a pura graça envolvida no ato, é um ponto salientado pela declaração 'porque toda a terra é minha'." (J. Edgar Park, *in loc.*). Ver no *Dicionário* vários artigos cabíveis aqui, como *Eleição; Determinismo (Predestinação); Predestinação (e Livre-Arbítrio)* e *Livre-Arbítrio.*

Minha Propriedade Peculiar. Os israelitas seriam uma nação altamente valorizada por Deus, o veículo da mensagem divina entre as nações, uma nação abençoada e que abençoaria a outras. Ver Deu. 7.6; 14.2; 26.18; Sal. 135.4; Mal. 3.17. Eles seriam uma luz para os gentios (Sal. 67.4; Luc. 1.79; João 1.4; Atos 13.47).

As *nações* do mundo têm contribuído com várias coisas para a humanidade: a Grécia trouxe os fundamentos da filosofia; Roma trouxe o direito romano e a organização política; a Inglaterra tem ensinado a tolerância e o jogo limpo; os Estados Unidos da América do Norte são o grande mestre e inspirador do ideal de liberdade. Mas a lei, a Torah, foi a grande contribuição do povo de Israel. Declarou o rabi Hija: "Considerai quão maior é a Torah do que o mundo. Para dar o mundo ao mundo, Deus precisou apenas de sete dias; mas precisou de quarenta dias para dar ao mundo a Torah" (*The Life of Moses*, tr. S. H. Guest).

19.6

Reino de sacerdotes. Não que todos os israelitas fossem sacerdotes dentro de Israel, conforme se dá com todos os crentes (I Ped. 2.5,9; Apo. 1.6; 5.10). A idéia é que cada israelita, por haver recebido a lei de Moisés, seria um sacerdote *para as outras nações*, como instrumento de instrução espiritual. No que tocava a outras nações, todos os israelitas eram levitas. Todo o povo de Israel tinha um tipo de sacerdócio, pois era o administrador da Torah.

Nação santa. Isso por haver recebido, mediante revelação divina, a lei de Deus. Isso a tornava possuidora do supremo código moral que revelava a vontade de Deus. Esse código incluía como os homens podem tornar-se santos como Deus é santo (Lev. 20.26). O "filho" de Deus (Êxo. 4.22) foi capacitado a adquirir a santidade do Pai, por meio do *pacto* firmado mediante a agência de Moisés. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Santidade.* O ensino neotestamentário de que a lei não produziu aquilo que tencionava (conforme Paulo explicou tão vigorosamente no capítulo sete da epístola aos Romanos) não é antecipado aqui. Pensava-se então que possuir a lei conferia os meios de adquirir a verdadeira santidade aos seus possuidores.

19.7

Yahweh estava prestes a fazer Sua grande revelação, a outorga da lei, que seria a base do novo pacto, e que assumiria lugar ao lado do Pacto Abraâmico. Esse seria o próximo grande salto para a frente para o povo de Israel tornar-se uma nação teocrática. Moisés, pois, trouxe consigo a proposta feita por Yahweh. Ele estava à espera de um povo bem disposto e entusiasta, que entraria no pacto com zelo e sinceridade. Yahweh estava esperando pelo "Faremos!" do povo de Israel. Seria um pacto de *profundas* conseqüências, no qual a própria santidade de Deus lhes seria revelada, e então requerida da parte dos israelitas. Ninguém podia subscrever de modo irrefletido aquele pacto. Mas nos dias do Novo Testamento, os israelitas proclamavam: "Esse pacto é duro demais para nós!" E assim, buscava-se ocasião para uma nova lei, a lei da liberdade, em Cristo Jesus. Ver Atos 15.10; Gál. 3.21; Tia. 1.25; 2.12. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei, Função da*, o qual fornece a avaliação cristã acerca do pacto da lei. Ver também o antigo chamado *Lei do Antigo Testamento*, em sua quarta seção, e os verbetes *Lei Cerimonial e Moral* e *Lei e o Evangelho.* Na introdução a este capítulo, ver sobre o *Pacto Mosaico.*

Os anciãos do povo. Estão em foco os chefes de tribo que eram canais de comunicação entre Moisés e os israelitas. Ver também Êxo. 4.29; 12.21; 17.5,6; 18.2; 24.14, etc.

19.8

Tudo o que o Senhor falou, faremos. Isso eles disseram em um forte momento de entusiasmo, embora ignorando as imensas dimensões do acordo, impossíveis para as limitações da natureza pecaminosa do homem.

Devemos imaginar aqui uma *consulta* maciça e completa, do que resultou uma decisão unânime. O pacto da lei não foi imposto, embora nenhum homem fizesse idéia da carga pesadíssima que se dispusera a carregar. Cf. Deu. 5.28,29. "Não houve qualquer hesitação, nem diversidade de opinião, e nem autodesconfiança. Em face dos grandes privilégios que lhes estavam sendo oferecidos, todos mostraram-se bem dispostos. . . No calor e brilho de seus sentimentos, nem lhes ocorreu quão difícil era uma obediência perfeita" (Ellicott, *in loc.*).

19.9

O anjo ou a teofania (ver sobre ambos os fenômenos no *Dicionário*) não se manifestou visualmente, mas apenas audivelmente. Os israelitas foram testemunhas do fenômeno, pelo que a fé deles seria inspirada pela mensagem que estava prestes a ser transmitida. A *nuvem escura* poderia ser a mesma "coluna de nuvem" (ver a respeito no *Dicionário*), mas o mais provável é que se tratasse de um fenômeno diferente. As manifestações divinas em meio a nuvens que ocultavam a presença de Deus, mas ainda assim davam uma imagem visível, aparecem com freqüência nas páginas do Novo Testamento. Ver Êxo. 40.31; I Reis 8.10,11; e, no Novo Testamento, ver Mat. 17.5 e Apo. 10.1. Devemos entender aqui uma *nuvem mística*, algum objeto visível e quiçá luminoso, e não uma nuvem feita de vapor d'água. Assim também, a segunda vinda do Senhor, por ocasião do arrebatamento da Igreja, ocorrerá em meio a uma nuvem (I Tes. 4.17; cf. Apo. 1.7).

Creiam sempre em ti. Essa manifestação revestir-se-ia de tão grande poder e a mensagem seria tão convincente que as muitas lições objetivas que Yahweh estava dando aos israelitas, fazia já algum tempo, viriam à sua fruição. A fé deles fortalecer-se-ia, como seria de esperar, e isso de uma vez para sempre. Deus é luz, e essa luz acomoda-se aos homens por meio da luz. Ver Sal. 92.2. Deus revela-se por meio de espessas trevas (II Crô. 6.1). Até mesmo a luminosidade que permaneceu sobre o rosto de Moisés, depois de haver ele conversado com Yahweh, foi demais para o povo suportá-la (Êxo. 34.33-35). Assim sendo, Deus condescende com os homens quando entra em contacto com eles. Não obstante, essa manifestação divina reduzida seria tão gloriosa que haveria de inspirar uma fé duradoura.

19.10

Medidas Preparatórias. Aquele não seria um contacto ordinário, pelo que também não poderia ser recebido de maneira ordinária. A primeira condição imposta foi a da higiene física. A santificação é uma questão interna e externa. A higiene física cuidou da parte externa; mas havia a parte interna, do coração. Pecados foram confessados e perdoados. Não somos informados se houve ritos religiosos. Seja como for, os israelitas achavam-se em um estado de santa expectação.

Quanto às lavagens levíticas de roupas (e, sem dúvida, de corpos), ver Lev. 11.25,28,40; 13.6,34,58; 14.8,9,47; 15.5,22. Heródoto disse algo similar ao descrever certos costumes dos egípcios (*Hist.* ii.37); Homero também testifica nesse mesmo sentido (*Odis.* iv.1, par. 759).

Outras condições incluíam a manutenção de respeitável distância do monte, e abstinência sexual (vss. 12-15).

19.11

O terceiro dia. A ênfase recai sobre a distância que há entre Deus e o homem; essa distância evidenciou-se pelo período de três dias de santificação física e espiritual. Deus é santo, e o homem não atinge a santidade do Senhor. Mesmo após santificarem-se, os israelitas não podiam aproximar-se da presença de Deus, embora Deus pudesse avizinhar-se deles naquele grau que o homem pode tolerar. Há uma diferença inerente e permanente entre o homem e Deus. Jesus, em Sua missão universal, encurtou essa distância; e a nossa glorificação haverá de ir encurtando para sempre a mesma, até que o homem venha a participar da vida e da essência mesma de Deus, embora sempre em um sentido finito, pois haverá um enchimento eterno da plenitude de Deus nos remidos. Visto que há uma infinitude para preencher o finito, deverá haver um enchimento infinito. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*, quanto a notas detalhadas sobre esse conceito. A noção do Novo Testamento acerca da lei é que se a mesma promete uma via de aproximação da presença divina, ela termina por distanciar o homem mais ainda de Deus, por causa da corrupção inerente do homem, que o leva a atos pecaminosos, condenáveis. Por isso mesmo, Deus tinha planejado que o sistema da graça, trazido pela missão de Jesus Cristo (ver João 1.16,17), seria finalmente instaurado, face à inutilidade da lei. Os remidos, pois, haverão de receber, experimentalmente, a essência e a natureza divinas. Como filhos de Deus que somos, já recebemos dessa natureza do Pai, conforme ela se manifesta na pessoa do Filho. A lei era impotente para realizar isso. A lei teve por propósito mostrar que

algum outro método - que não o do merecimento humano - se fazia necessário para concretizar essa poderosa realização divina da redenção. Ver II Ped. 1.4 nas notas do *Novo Testamento Interpretado.*

"Somente aqueles que se têm preparado de forma especial podem abordar a deidade. Era mister remover todo vestígio de imundícia ritual (vss. 14,15; I Sam. 7.3; 21.5; Amós 4.12; Mat. 22.11,12)" (J. Cort Rylaarsdam, *in loc.*). Isso é ilustrado no fato de que nós, ao nos aproximarmos da Ceia do Senhor, somos convidados a *nos examinarmos a nós mesmos*, a fim de removermos todas aquelas coisas que poderiam impedir a comunhão com o Senhor. Ver I Cor. 11.28.

19.12

Nem mesmo a purificação dava direito do homem aproximar-se de Deus. Mas a presença de Deus podia achegar-se ao homem na medida possível. Os filhos de Israel nem ao menos podiam tocar no terrível monte sobre o qual Yahweh se estava manifestando, pois disso resultaria a morte súbita. Moisés precisou *marcar limites*, impor restrições. Isso tudo tipificava a lei, em contraste com a graça, de acordo com a qual nos é provido um livre acesso (Heb. 9.24; 10.19 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.* E mesmo ao ser erigido o templo de Jerusalém, seu próprio plano arquitetônico falava em separação. Só o sumo sacedote podia penetrar no Santo dos Santos, e isso apenas uma vez por ano. Só os sacerdotes podiam entrar no santuário, a fim de oficiar. O povo ficava confinado aos seus átrios, à distância. Mas todas essas divisões e separações foram derrubadas por Cristo, e a própria Igreja tornou-se o templo (Efé. 2.19 ss.); e o Espírito de Deus veio habitar nesse templo.

"O estabelecimento de barreiras, de modo que o povo não pudesse aproximar-se do monte (vs. 21) reflete a visão antiga da santidade como um poder misterioso e ameaçador com que o monte *estava carregado* (ver Êxo. 3.6 e suas notas; I Sam. 6.6-9)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Cf. Lev. 6.27-38.

É um sentimento digno de louvor quando entoamos o hino "Mais Perto Quero Estar, Meu Deus de Ti". Mas o povo de Israel, dos dias de Moisés, não dispunha de provisão adequada para isso tornar-se realidade.

Será morto. Ver as notas sobre o versículo seguinte.

19.13

Se um homem ou animal chegasse a tocar no monte, e não ocorresse morte repentina, tal pessoa ou animal deveria ser executado imediatamente, ou mediante *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*) ou ao ser traspassado por uma lança ou espada. Isso mostra a *distância* que era mister manter de Yahweh, embora o propósito de Cristo seja precisamente o contrário: aproximar os homens de Deus, e não distanciá-los Dele, conforme vimos nas notas sobre o vs. 12.

Quando soar longamente a buzina. Ao que tudo indica, temos aqui a trombeta mística de Yahweh, e não algum instrumento tocado pelo homem, embora alguns pensem que Moisés tocou a buzina. O sonido da buzina convocaria os homens para se avizinharem, mas não demais. Cf. a trombeta do Senhor que nos convocará todos juntos, ao céu (I Cor. 15.52). Ver Heb. 12.19 ss. quanto a um comentário e aplicação do Novo Testamento daquilo que lemos aqui. Não nos temos aproximado do temível monte de Deus, mas do monte Sião, a cidade do Deus vivo. Nós temos acesso à *Nova Jerusalém* e podemos participar da *reunião festa*, em vez de tremermos de medo. Ver II Sam. 6.15, a trombeta que soava com finalidades de adoração.

O abate de animais ocorria para efeito de alimentação; ou quando se tornavam perigosos para o homem (Êxo. 21.28); quando ficavam poluídos (Lev. 20.15); quando um animal primogênito não fosse resgatado (Êxo. 13.13); ou então por ocasião de algum dos muitos sacrifícios do antigo pacto, conforme vemos no livro de Levítico.

19.14

Ordens Cumpridas. Aquilo que foi exigido no tocante à santificação, foi devidamente atendido (vs. 10). A lavagem das vestes naturalmente incluía a lavagem dos corpos, conforme vemos no constante testemunho dos Targuns. A higiene física era necessária como símbolo da purificação da alma. Eram necessárias a santificação interior e a santificação externa.

19.15

Não vos chegueis a mulher. A abstinência sexual também tinha sido imposta, como preparação para a manifestação de Yahweh no monte. Nem os casais podiam ter contacto sexual, quanto menos formas pecaminosas desse contacto! Cf. I Sam. 21.4,5; I Cor. 7.5. Era sentimento geral dos antigos que uma certa imundícia cerimonial estava vinculada mesmo ao ato sexual mais casto. Ver também Heródoto (*Hist.* i.189; ii.64) e Hesíodo (*Op. et D.*, 11. 733-744) e Porfírio (*De Abstinentia*, iv.7). Ver Lev. 15.18. A legislação indiana antiga, *Meno*, v.63, incluía uma provisão similar. Os psicólogos divertem-se diante dessa questão. O homem tem um sentimento inerente que de algum modo o sexo, no casamento ou fora dele, é pecaminoso, ou, pelo menos, indesejável diante de certas situações. Mas talvez seja apenas embaraçoso. À partir desses sentimentos, a par daqueles de pessoas de mentalidade religiosa (acerca da inferioridade inerente ao estado marital, em relação ao celibato), surgiu o *celibato* como um estado supostamente superior para quem queira atingir a espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Celibato.* Talvez esses sentimentos sejam oriundos da idéia de que o sexo, aquela questão física *crassa* (e o que poderia ser mais físico do que o ato sexual?), deve ser algo contrário ao espírito, capaz de, pelo menos, debilitá-lo. É curioso que Platão, ao atribuir razões pelas quais os seres humanos (antes espíritos preexistentes) chegaram a *encarnar-se*, teria sido que eles, observando os animais a copularem, tiveram a curiosidade de experimentar o sexo. Em Platão haveria outros fatores na encarnação, principalmente fatores morais, porquanto, na queda, os homens (espíritos) entraram na *prisão* do corpo físico, como algo que mereciam devido à sua degradação moral.

Seja como for, os *místicos* informam-nos que, com base em considerações vibracionais (cada pessoa teria uma vibração, uma expressão da energia vital), é melhor abster-se do sexo quando estamos em meio a uma busca espiritual especial. Assim seria porque esse ato físico *rebaixa* as vibrações espirituais da pessoa. Talvez tenhamos aí uma realidade. Quem sabe? Algum dia, a ciência talvez venha a dispor de meios para averiguar quão certa ou não está essa teoria. Como teoria, porém, ela nos dá uma *razão para* a abstinência que é mencionada neste versículo.

Isso significa que em tempos de jejum, por exemplo, quando o indivíduo busca iluminação especial ou avanço espiritual, seria melhor este abster-se não somente de alimentos, mas também de sexo. Por extensão, um homem intensamente espiritual, faria bem em esquecer-se totalmente do sexo, pelo menos na opinião de alguns. Isso nos empurraria ao celibato, um ideal (mas ver I Tim. 4.1-5), embora não fácil de ser conseguido. Todavia, Paulo referiu-se a uma abstinência temporária, por razões *espirituais* (I Cor. 7.5), e isso parece dar apoio à *idéia* dos místicos, embora não confirme a razão específica que eles oferecem.

Os sacerdotes do Egito, quando prestes a realizar algum serviço especial, abstinham-se do sexo (Apud Porphy., *de Abstinentia*, em uma declaração feita por *Chaeremon*). Por vários dias havia abstinência sexual, e também era seguida uma certa dieta. Temos algo de similar no *Alcorão*, iv.5. Assim sendo, esse sentimento era bastante universal.

19.16

As Temíveis Manifestações Divinas. O povo pôs-se a tremer, quando essas manifestações começaram, ao terceiro dia. Apareceu a *nuvem mística* (antecipada no vs. 9, onde há notas expositivas a respeito), como também relâmpagos e trovões, provavelmente de natureza natural e sobrenatural; e, finalmente, houve o sonido da trombeta de Yahweh (também antecipada, conforme vemos no vs. 13 deste capítulo). Este versículo ensina quão espantosa é a presença de Deus, mas também ensina como o homem, naqueles tempos, *precisava manter distância* de Deus, fazendo contraste com a nossa era do evangelho, na qual o ideal mais alto dos homens é tentar aproximar-se o máximo possível de Deus. Ver as notas sobre o vs. 12, quanto a implicações práticas e teológicas.

A metáfora é de uma violentíssima tempestade. Mas não nos devemos limitar à dimensão natural para explicar o versículo à nossa frente. Ver Jui. 5.4,5; Isa. 2.12-22; Sal. 29 quanto à natureza espantosa da presença de Deus. O texto à nossa frente ensina-nos que o pacto mosaico estava firmado sobre uma auto-evidente autenticação. Yahweh autenticou a Sua aproximação e o Seu pacto mediante uma tempestade que nenhuma pessoa que a viu poderia esquecer. Cf. Isa. 6.1-5. Posteriormente, em Israel, a trombeta convocava homens à guerra (Jui. 3.27; I Reis 1.34). Mas a trombeta original de Israel foi a de Yahweh, que convocou homens a participarem das provisões do pacto firmado no Sinai. Deus anunciou assim a Sua própria vinda. Cf. Mat. 24.31; I Cor. 15.52 e I Tes. 4.16.

19.17

A situação requeria que houvesse um *mediador.* E só havia um homem apto para isso, a saber, Moisés, que tinha estado em contacto com Yahweh por longo tempo. Moisés subiu ao monte (vs. 20), e, descendo, ordenou que os sacerdotes também se mantivessem afastado (vs. 22). O povo todo precisava guardar distância, sob pena de morte súbita, causada pelo poder de Deus que se manifestava naquele lugar (vs. 21).

Moisés subiu ao monte e voltou por três vezes, conforme vemos em Êxo. 19.3,7; 19.8,9 e 19.20,25.

Os filhos de Israel podiam aproximar-se do monte, mas não tocar no mesmo. Podiam contemplar a evidência, mas não a presença divina, exceto sob forma mui velada. Não estavam preparados para ver a Grande Luz, mas somente a nuvem escura. Assim é que, conforme os homens crescem espiritualmente, lhes é facultado maior acesso a Deus. Ver o contraste oferecido em Heb. 9.24; 10.19 ss. e ver os comentários sobre o vs. 12 deste capítulo.

19.18

Este versículo amplia as informações dadas no vs. 16. Os críticos vêem aqui uma grande tempestade, acompanhada por erupções vulcânicas; mas o autor sagrado queria que não víssemos aqui apenas fenômenos naturais, e, sim, a grandiosidade da presença de Yahweh.

O Senhor descera sobre ele. Yahweh é aqui descrito como quem havia *descido* sobre o monte. O terceiro versículo mostra que o Senhor, do monte, chamou a Moisés. O Senhor estava envolto em chamas, e daí vinha a fumaça. Cf. os versículos que dizem que Deus *desceu do céu* ou *está no céu,* algum lugar acima da terra: Gên. 11.4 (onde há notas sobre a questão); Gên. 11.5 ("desceu"); Gên. 21.17; 22.15; Atos 7.49; II Cor. 12.2; Col. 1.5; I Tes. 4.16; Apo. 3.12. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Céu.*

Quanto à *fumaça* que acompanhava a presença divina, cf. Isa. 6.4; Joel 2.30; Heb. 3.3. Essas são metáforas que descrevem algo que desconhecemos, algumas vezes envolvendo questões escatológicas. Os homens anelam por ver a presença divina, mas esta lhes é negada por uma questão de necessidade. Contudo, Deus está em todos os lugares ao mesmo tempo, e, em *visões,* podemos vê-la na calma da noite, quando as atividades humanas cessam temporariamente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Mysterium Tremendum.*

O monte tremia grandemente. Seria um terremoto, como reflexo da presença e do poder de Deus? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Terremoto.* Cf. I Reis 19.11-13 e Apo. 16.18.

19.19

A trombeta de Yahweh (ver as notas a respeito no vs. 13) tinha um sonido aterrador. Soava muito alto e por muito tempo, e somente quando Moisés falou o sonido foi substituído pela voz de Yahweh. No sonido havia poder, mas só havia sentido na voz. Cf. I Reis 19.11-13. Lemos em Hebreus 12.21 que Moisés confessou: "Sinto-me aterrado e trêmulo!" E alguns estudiosos vinculam essas palavras àquilo que Moisés diz neste versículo. Nesse caso, a voz de Deus acalmou os temores de Moisés, conferindo-lhe uma mensagem de boas-vindas.

19.20

Yahweh *desceu* ao cume do monte, o que já tinha sido dito, em termos gerais, no vs. 18. Foi ao topo do monte, pois, que Deus chamou Moisés. "Moisés foi convidado a entrar na nuvem que pairava sobre o cume do monte. Mas nem bem entrou na presença divina quando Yahweh disse-lhe para voltar e avisar ao povo que não ultrapassassem o limite para tentar ver ao Senhor" (J. Edgar Park, *in loc.*). Quão perigoso era o monte já foi descrito nas notas sobre o vs. 13. Para os israelitas, o monte ameaçava com morte súbita, ou da parte da presença divina, ou por execução capital, contra quem fizesse o que tinha sido proibido. Esse acesso foi permitido somente a Moisés e Arão (vs. 24).

"A experiência do Sinai teve por designio instilar no povo o senso de reverência por Deus. A reverência é aquela atitude indefinível de espírito com a qual uma alma nobre reage diante da grandeza" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Ouvimos música grandiosa; contemplamos uma pintura artística; ou idéias profundas nos são apresentadas. E, então, sentimos reverência. Ver no *Dicionário* o artigo *Reverência Pela Vida.*

19.21

Antes de dar prosseguimento à revelação do pacto do Sinai, Moisés recebeu a incumbência de proteger o povo do poder que havia sido liberado. Para eles teria sido fatal se vissem a presença de Deus. Na verdade, trata-se de um conceito muito perceptivo. Existem verdades que as massas não podem ouvir e nem compreender. Se ouvissem, o coração lhes falharia. Mas em havendo desenvolvimento espiritual, chegariam a ponto de poder ouvir com entendimento. Mas algumas das almas menos desenvolvidas são precisamente aquelas que se mostram mais ruidosas acerca de seu pouco conhecimento; e, por muitas vezes, escudam suas teologias deficientes com o ódio, e não com o amor. Havia coisas que eram ensinadas nas escolas dos rabinos que não eram ensinadas na sinagogas. Existem cordeiros a proteger que ainda não estão preparados para a carne pesada (Heb. 5.12-14). Uma das responsabilidades de um mestre cristão consiste em proteger os cordeiros que, por enquanto, ainda não podem digerir mensagens mais profundas. Algumas verdades, dizem a certos indivíduos, prejudicam mais do que as mentiras abertas. Cf. I Sam. 6.19. Ver também Heb. 12.28,29, que se aplica diretamente a este texto.

19.22

Também os sacerdotes. Até eles corriam perigo! Alguns deles, julgando-se pessoas altamente espirituais, poderiam ousar tentar ver a Yahweh. No entanto, ainda não estavam preparados para tanto, conforme o parecer do próprio Yahweh. Portanto, Moisés foi comissionado a proteger também os sacerdotes. Os *sacerdotes,* neste ponto, não pertenciam à ordem posterior dos levitas; mas não há razão para pensarmos que já não existia algum tipo de sacerdócio em Israel, talvez o sacerdócio dos primogênitos, ou, quem sabe, pelos cabeças de famílias em combinação com os primogênitos. Os sacerdotes precisaram *santificar-se* (segundo vemos no vs. 10, onde há notas expositivas), a fim de não sofrerem dano. Talvez houvesse outros modos e ritos a serem empregados no caso deles. Ansiedade exagerada e preparação inadequada tinham causado outras mortes, quando os israelitas tinham manuseado questões sagradas, e isso poderia ocorrer de novo. Ver II Sam. 6.6-8.

19.23

Marca limites. Sem dúvida havia alguma espécie de barreira, provavelmente física, como alguma cerca ou bloqueio, em torno do monte, a começar pelo lugar onde Moisés subira ao monte, para que os israelitas pudessem ver as manifestações divinas a uma distância segura, embora sem entrarem em contacto com o próprio monte. Ver o vs. 13 quanto à proibição, em defesa da segurança das pessoas e da santidade de Deus. O monte era terra santa, onde as massas populares ainda não podiam pisar.

Havia marcos físicos. E isso apontava para o acesso espiritual. O que foi feito na ocasião, no tocante ao monte, mais tarde foi duplicado quanto ao tabernáculo e, mais tarde ainda, quanto ao templo de Jerusalém, os quais, em sua estrutura, apontavam para vários níveis de acesso a Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acesso.*

O Monte Foi Santificado. Em outras palavras, foi separado para que ali houvesse a manifestação divina, sem a profanação da presença de pessoas, que nada tinham para fazer no próprio monte. As próprias pessoas foram santificadas (vs. 10), sem o que nem ao menos poderiam ter-se aproximado do monte. Há um grande abismo entre o divino e o humano. E a missão de Cristo teve por finalidade transpor esse abismo (ver as notas sobre o vs. 12).

19.24

As idas e vindas de Moisés, na ocasião, não são fáceis de serem seguidas, mas parece que ele esteve por três vezes no cume do monte, e voltou. Ver Êxo. 19.3,7; 19.8,9 e 19.20,25. Ele estava recebendo comunicações divinas e guardando o caminho ainda não-preparado. Este versículo repete as proibições relativas aos sacerdotes (vs. 22) e ao povo em geral (vss. 12,13 e 24). E reiterado o aviso sobre o perigo de ultrapassar as barreiras postas para ver a Yahweh, o que já havia sido mencionado nos vs. 21 e 22. A *repetição* faz parte do estilo literário do autor sagrado, para efeito de ênfase ou não. Moisés foi bem-sucedido quanto às advertências que fez. Nenhum indivíduo, por motivo de curiosidade, obstinação ou embotamento mental ousou irromper a barreira e tentou aproximar-se da visão. Arão, ajudante especial de Moisés, compartilhou da visão mais próxima de Deus, porquanto também estava preparado para tal acesso.

19.25

Moisés Recebera a Mensagem. O capítulo vinte do livro de Êxodo dá-nos o decálogo, os Dez Mandamentos, a essência da legislação mosaica e a base do pacto mosaico.

O Targum de Jonathan comenta sobre este ponto: "Vinde e recebei a lei, as dez palavras", ou seja, os Dez Mandamentos.

Capítulo Vinte

Os Dez Mandamentos (20.1-17)

A história da outorga do *decálogo* dá continuação à seção que tem início em Êxo. 19.1. Naquele ponto, ofereço uma introdução detalhada sobre questões incluídas no pacto mosaico, o qual foi o *quinto* pacto. (Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*). Foi também a *quinta* dispensação. Ver no *Dicionário* o verbete *Dispensação (Dispensacionalismo).* A expressão "todas estas palavras" (vs. 1) provavelmente tem por intuito incluir os itens que incluem até o fim do capítulo vigésimo quinto, onde encontramos as ordenanças do santuário. Especificamente, porém, está em foco o *decálogo,* as Dez Palavras. Essas *Dez Palavras,* em sua primitiva forma hebraica consistem em dez breves frases, quase todas elas com apenas duas palavras. Vários adornos seguiram-se no Pentateuco. Cf. Êxo. 34.18; Deu. 4.13; 10.1.

Sempre houve acordo que havia *dez* palavras. Mas há incerteza sobre como podemos chegar a esse número específico (alguns textos dão mais itens do que dez). As *Dez Palavras* foram ditas diretamente ao povo de Israel (vs. 21). Posteriormente, Moisés foi convocado ao monte a fim de receber as duas tábuas da lei,

onde estavam inscritas as Dez Palavras (Êxo. 24.12; cf. 34.1,27,28). Todo o resto da legislação mosaica foi dado indiretamente ao povo, por meio de Moisés (vs. 22; 21.1; 24.3; 25.1). Moisés registrou por escrito *tudo* isso, as palavras de Deus e os estatutos (Êxo. 24.3). Portanto, encontramos aqui uma complexa narrativa sobre detalhes que não são fáceis de acompanhar, embora a sua essência seja bastante clara.

"*Os Dez Mandamentos*, epitome dos deveres do homem para com Deus e para com seus semelhantes" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). As *Dez Palavras* estavam divididas em duas partes: a primeira, com *quatro mandamentos* atinentes ao relacionamento dos israelitas *com Deus;* a outra parte, com *seis mandamentos*, envolve o relacionamento entre homem e homem, tudo governado pela vontade de Deus.

A quinta dispensação, o Pacto do Sinai, foi um dos grandes eventos espirituais da história, tanto secular quanto religiosa. O poder dessa legislação tem afetado quase cada ser humano, em todos os lugares. As interpretações cristãs, porém, opõem-se aos tremendos encargos impostos por essa legislação. Ver Rom. 3.20; Gál. 3.11. Ver os argumentos de Paulo sobre a justificação, em Rom. 4.3,22; 5.1; Gál. 2.16; 3.6,21. Era mister demonstrar a pecaminosidade (Rom. 3.19,20), mas essa revelação não justificava àquele que *tentava* cumprir as exigências da lei.

Partes da Lei Mosaica:

1. O decálogo (Êxo. 20.1-21).
2. O livro da aliança com suas ordenanças civis e religiosas (Êxo. 20.22 - 24.11).
3. Os regulamentos cerimoniais (Êxo. 24.12 - 31.18).

Provi no *Dicionário,* em favor do leitor, um artigo bem detalhado e bem pesquisado sobre os *Dez Mandamentos,* o qual acrescenta muito aos comentários que há neste ponto, e que o leitor precisa averiguar.

20.1

Então falou Deus. Ele foi o poder *revelador.* A legislação mosaica é oriunda da inspiração divina. Comentei longamente sobre isso na introdução ao capítulo dezenove. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Revelação (Inspiração; Revelação Natural* e *Inspiração).* e *Escrituras,* em sua primeira seção, *Bíblia.*

Deus é um Deus teísta, ou seja, Ele não abandonou a Sua criação. Antes, faz-se presente na mesma, recompensando ou castigando e fazendo conhecida a Sua vontade. Ver no *Dicionário* o artigo *Teísmo.* Contrastar isso com o *Deísmo,* também comentado no *Dicionário.*

Uma outra versão dos Dez Mandamentos aparece em Deu. 5.6-21, com diferenças mínimas. Ver outra versão em Êxo. 34.10-29. A ordem dos mandamentos difere em diferentes textos e versões. Os Dez Mandamentos não eram novos, e, sim, uma seleção inspirada e apta, dentre uma grande massa de ensinos morais e espirituais, compartilhados por muitos povos. Essa seleção foi divinamente inspirada e guiada. Essa seleção é uma breve síntese de ensinos espirituais e morais essenciais, em relação a Deus e em relação aos homens. Os judeus nunca cessaram de expandir o material, em todas as áreas concebíveis da vida humana, por meio de analogia e, algumas vezes, por meio de uma vívida imaginação. E assim, a massa legislativa tornou-se tão complexa que ninguém seria capaz de suportá-la (Atos 15.10).

Todas estas palavras. Provavelmente com o intuito de introduzir todas as três porções da lei mosaica, incluindo o capítulo trinta e um, embora mais especificamente as *Dez Palavras,* o decálogo. Ver a introdução aos capítulos dezenove e vinte quanto a notas completas sobre esse material. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Dez Mandamentos.*

20.2

Yahweh foi o autor do livramento de Israel da servidão ao Egito. O autor sacro alude à informação dada antes, nos capítulos primeiro a décimo sétimo, ou seja, os destrutivos prodígios das dez pragas (ver no *Dicionário* o artigo *Pragas do Egito*), além do livramento no mar de Juncos (ver sobre isso em Êxo. 13.22). O Deus libertador também era o legislador. O povo de Israel, agora livre, entrava em um novo pacto, o pacto mosaico (ver as notas introdutórias ao capítulo dezenove). O pacto mosaico foi o quinto dos *pactos* (ver sobre esse título no *Dicionário*). Esse pacto deu início à quinta dispensação, a era durante a qual Israel tornou-se uma nação distintiva por causa de seu código legal superior e divinamente inspirado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dispensação (Dispensacionalismo).*

Quanto à idéia que a lei mosaica exprime o caráter moral de Deus, cf. Lev. 11.44,45; 19.2. Isso entra em choque com o *Voluntarismo* (ver a respeito no *Dicionário*), que diz que algo é direito somente porque assim Deus decreta. Bem pelo contrário, Deus é possuidor daquela santa natureza que serve de exemplo para os homens, visto que aquilo que Deus determina é santo *em si mesmo,* e não meramente por causa de alguma vontade caprichosa de Deus.

Israel era o filho primogênito de Deus (Êxo. 4.22), e um filho precisa ter a mesma natureza moral de seu pai. Cf. a declaração de Jesus em Mateus 5.48: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

A Gratidão Requer Obediência. O povo libertado de Israel deveria reconhecer o ato libertador de Yahweh, correspondendo a isso mediante a obediência à lei mosaica. Vemos o mesmo conceito em Romanos 2.4, onde lemos que a bondade de Deus leva os homens ao arrependimento.

Alguns intérpretes judeus faziam deste segundo versículo o *primeiro mandamento.* Mas na verdade temos aqui uma espécie de prefácio aos *dez* mandamentos, que são alistados em seguida.

20.3

Primeiro Mandamento:

Não terás outros deuses. Temos aqui a regra do *monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Neste ponto, o monoteísmo substitui todas as outras possíveis noções de Deus. Todavia, não basta *acreditar* na existência de um Deus. Esse Deus único precisa ser reconhecido e obedecido como a autoridade moral de todos os atos humanos. Também só há um Deus no atinente à questão da adoração e do serviço espirituais. O Deus único merece toda honra. Isso labora contra o *panteísmo* e todo o seu caos. Ver no *Dicionário* os artigos *Deuses Falsos* e *Dez Mandamentos.* Este último adiciona muitas informações àquilo que comentamos aqui. Ver também Êxo. 23.13.

A nação de Israel estava cercada por povos que eram leais a um número impressionante de divindades. As pragas do Egito tinham mostrado que só Yahweh é Deus (ver Êxo. 5.2 e 6.7). Há uma profunda verdade na idéia que um homem só pode adorar a um Deus. Jesus abordou essa questão em Mateus 6.24. Os homens adoram aquelas coisas que lhes parecem importantes, incluindo o dinheiro. Há deuses externos e internos. Mas todos eles são deuses falsos.

Os vss. 4-6 descrevem e ampliam o *primeiro mandamento.* Os católicos-romanos e os luteranos (e também muitos intérpretes judeus) pensam que esses versículos formam, *conjuntamente,* o primeiro mandamento. Mas a maioria dos outros grupos protestantes e evangélicos fazem desses versículos um mandamento distinto.

Yahweh é um Deus zeloso que não tolera rivais (vs. 5; 34.14). Naturalmente, temos nisso uma linguagem antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo.* Divindades rivais seriam algo contrário ao caráter *único* de Deus. E um deus que não é único não é o verdadeiro Deus. Ver os vss. 22,23. A desobediência ao primeiro mandamento foi a principal razão dos cativeiros (ver a esse respeito no *Dicionário*) que, finalmente, Israel sofreu.

20.4

Segundo Mandamento:

Não farás para ti imagem. Os críticos tentam provar uma data posterior do livro de Êxodo assegurando-nos que essa proibição contra as imagens realmente pertence à época do profeta Oséias. Conforme eles dizem, talvez seja verdade que esse mandamento não se ajustava ao que estava ocorrendo em Israel nos dias de Moisés, onde, sem dúvida, havia muitos ídolos e imagens, alguns deles até representações de Yahweh, e outros representando outros deuses. Entretanto, esse raciocínio é falaz. O *primeiro mandamento* proíbe o politeísmo, e a idolatria e o uso de imagens promoviam cultos politeístas. Portanto, o primeiro mandamento também combate o uso de ídolos. Por motivos assim é que muitos intérpretes pensam que os vss. 4-6 deste capítulo fazem parte do primeiro mandamento.

Os vss. 4-6, para a maioria dos grupos protestantes (com a exceção dos luteranos), constituem o *segundo mandamento.* É proibido o fabrico de qualquer imagem de escultura. As imagens *tendem* ou mesmo *promovem* formas várias de politeísmo, e isso fora estritamente proibido no *primeiro mandamento.* Além disso, as imagens de escultura, tal como o próprio politeísmo, destroem a natureza ímpar de Yahweh, além de injetarem elementos estranhos no pensamento e na adoração religiosos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria.* Grandes segmentos da cristandade têm uma espécie de subpoliteísmo no uso de imagens e na veneração dos "santos". Digo aqui "subpoliteísmo" porque, *acima* do mesmo, reservam uma adoração especial a Deus. O que temos, nesses casos, é uma forma de sincretismo onde o antigo politeísmo alia-se ao monoteísmo. A cristandade, ao entrar em contacto com culturas pagãs, inventou várias formas de sincretismo, pelo que desobedecem de forma crassa o primeiro e o segundo mandamentos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Veneração dos Santos.*

Imagem de escultura. No hebraico temos uma só palavra, *pesel,* palavra que significa "esculpir". Originalmente, o termo significava um objeto esculpido, mas acabou significando qualquer tipo de imagem, representação de qualquer objeto, no céu ou na terra. Ver Isa. 30.22; 40.19; 44.10; Jer. 10.4. Havia as imagens fundidas, feitas em moldes, feitas à mão, em lugar de serem esculpidas. Ver os mandamentos específicos contra as imagens fundidas, em Êxo. 20.23 e 34.17. O primeiro e o segundo mandamentos proibiam qualquer forma de representação idólatra, e a adoração a essas formas.

OS DEZ MANDAMENTOS

Propósitos e Intenções

1. Substituir o henoteísmo pelo monoteísmo. Isso não envolve a mera crença em Deus, mas, sim, a dedicação a Deus, em obediência.

2. A aniquilação da idolatria, a base falsa da espiritualidade, com dedicação correspondente ao único Deus.

3. Contra toda a profanação, respeitar o sagrado e o divino.

4. Manter um dia especial na imitação do Criador; um tempo para descanso e reflexão.

5. Respeitar os pais, que são os representantes de Deus e mediadores da família. A família é a principal unidade da sociedade e nela a espiritualidade deve ser cultivada em primeiro lugar.
6. Respeitar toda a vida humana.

7. Proteger a família através da conduta sexual correta.

8. Cultivar a honestidade com o dinheiro e como perspectiva de vida.

9. O uso correto da língua, evitando enganar e mentir.

10. Respeitar as propriedades de outros; a propriedade privada é um ideal que não pode ser infringido.

A Lei e a Vida

A lei foi dada para trazer a vida (Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.11).
Esse fato foi interpretado como bem-estar físico no Pentateuco, mas, posteriormente, a teologia judaica transformou-o na promessa de vida eterna.

COMO JESUS LIDOU COM OS DEZ MANDAMENTOS

O Segundo Moisés

Moisés trouxe uma lei que fazia avançar a causa espiritual.

Jesus, o segundo Moisés, fez avançar a compreensão espiritual da lei.

Essa circunstância prega contra qualquer tipo de estagnação no conhecimento e na qualidade espiritual.

A espiritualidade e a verdade são buscas eternas e repletas de aventura.
Como há um infinito a ser preenchido, também o preenchimento deve ser infinito.

Pontos Específicos

O único Deus, para Jesus se tornou pai (Mat. 6.19).

A idolatria se manifesta de diversas formas, não meramente diante de um ídolo de pedra e de metal. Todas as formas de idolatria devem ser evitadas (Mat. 6.17).

Não é suficiente evitar a blasfêmia. É necessário tornar o nome divino um nome sagrado em nossa conduta (Mat. 6.9).

O sábado foi feito para o homem (Mar. 2.27)

Todas as pessoas, não meramente os nossos pais, devem ser honradas (Mat 12.50).

O ódio e a raiva são assassinatos espirituais (Mat. 5.22).

O adultério é do coração e não meramente um ato premeditado (Mat. 5.28).

Não é suficiente evitar roubar. É necessário também ser liberal em doações (Mat. 5.42).

No tabernáculo havia a representação de *querubins*. Mas a figura jamais foi adorada ou venerada pelos filhos de Israel. Se o tivesse sido, sem dúvida teria sido destruída. Ver Êxo. 25.18,19. Yahweh, por sua vez, jamais foi representado entre os israelitas por meio de qualquer imagem de escultura. Tal representação teria sido um sacrilégio de primeira grandeza. E nem outros deuses foram jamais representados por meio de imagens pelos israelitas, a não ser pelos idólatras entre eles. Mas tais imagens detratavam do caráter único de Yahweh.

Os *egípcios* adoravam toda espécie de objetos, como aves, répteis e figuras celestes imaginárias. E não hesitavam em representar tais supostas divindades por meio de imagens. Esse tipo de atividade foi proibida aos filhos de Israel. A tripla designação, "em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra", para os antigos, apontavam para a criação inteira.

A Idolatria de Todos Nós. Para todos nós há certas coisas às quais damos grande atenção, ao ponto de transformá-las em ídolos. Existem ídolos da mente, e não apenas de madeira, de pedra ou de metal. Ídolos comuns incluem possessões, dinheiro, sexo, fama, posição social e poder.

20.5

A adoração às imagens de escultura é proibida no *segundo mandamento.* Adoração somente ao zeloso Yahweh (Êxo. 34.14; Deu. 5.9; 6.15; 32.16,21; Jos. 24.19). O povo de Deus pertence exclusivamente a Ele, e só deviam prestar-Lhe lealdade, não imitando os povos circunvizinhos, que contavam com extensos panteões. A idolatria e o uso de imagens eram considerados uma tão grave iniqüidade que foram ameaçados poderosos juízos de Deus contra os idólatras, envolvendo até a quarta geração dos mesmos. Os descendentes dos idólatras não podiam escapar ao desprazer de Yahweh, para quem mil anos é como se fosse um dia (II Ped. 3.8; Sal. 90.4). Podemos ter certeza de que os juízos de Deus são justos, e envolvem os filhos dos idólatras porque geralmente *participam* dos pecados de seus pais. Mas em casos de inocência, esses juízos eram suspensos. Todavia, persistiam circunstâncias adversas, criadas anteriormente. Ademais, existe aquela *genética espiritual* que transmite atitudes e costumes de pais para filhos, etc., provocando assim a ira divina. Ver Eze. 18.20 quanto à responsabilidade de cada *indivíduo*, o outro lado da moeda. Ver também Núm. 14.18 e Deu. 5.9 quanto a trechos paralelos deste versículo.

Alguns eruditos supõem que itens como os querubins (Êxo. 25.18,19), a arca (Núm. 10.35,36), os terafins (Juí. 18.14); a estola sacerdotal (Juí. 8.26,27) e a serpente de metal (Núm. 21.8,9) na verdade constituíam ídolos e imagens em Israel, pois Israel estava mais próxima dos pagãos que a maioria dos estudiosos gostam de admitir. Mas outros negam que os israelitas adorassem a esses objetos. Serviam apenas a propósitos ilustrativos no culto, não se tomando nunca objetos de adoração. O argumento do primeiro grupo de eruditos tem por objetivo dar apoio à idéia de que o segundo mandamento era de origem posterior, e que acabou acrescentado à lista dos mandamentos. Por outro lado, se os objetos acima mencionados não eram objetos de adoração, então tal argumento rui por terra.

20.6

Faço misericórdia. Misericórdia para com os obedientes. Ezequiel 18.20 mostra o princípio da justiça. Os justos recebem misericórdia e bênção da parte de Deus. Mas a misericórdia estende-se a *mil* gerações, o que mostra que a misericórdia é um princípio muito mais poderoso do que o da aplicação da justiça. Seja como for, não há qualquer contradição, visto que a ira de Deus é uma medida de disciplina que promove a causa do amor. Ver no *Dicionário* o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

Julgamento Temporal. No Pentateuco não há qualquer ensino sobre um juízo divino pós-túmulo, um inferno para os ímpios e um céu para os piedosos. A noção da existência da alma não entrou claramente no pensamento dos hebreus senão já nos Salmos e nos Profetas. Assim sendo, a lei de Moisés nunca ameaça os homens com o julgamento da alma, e nem jamais promete a bem-aventurança celestial para os obedientes. A teologia dos hebreus mostrava-se deficiente quanto a esse particular, deficiência essa que foi corrigida pela doutrina cristã. Ver no *Dicionário* o verbete *Alma.*

Para os antigos hebreus, observar os mandamentos era uma medida doadora de vida. Ver Deu. 5.33. Mas não é prometida qualquer vida além-túmulo. Contudo, mais tarde, o judaísmo acrescentou essa idéia. O cristianismo mostrou a falência total da lei como medida salvatícia. Ver Gál. 3.21. É precisamente aí que temos a grande e fundamental diferença entre o judaísmo e o cristianismo. Qual era o intuito da lei, afinal?

20.7

Terceiro Mandamento:

Abusos contra o nome de Deus. Vários desses abusos eram e continuam sendo possíveis:

1. *O trivial.* Até mesmo crentes exclamam, descuidadamente: "Ó meu Deus!" E até mesmo crentes piedosos falam de modo frívolo acerca do Senhor, como se Ele fosse apenas um bichinho de estimação. Combato essa forma ridícula de teísmo de acordo com a qual qualquer pensamento ou ato trivial é lançado na conta do Senhor. Trata-se de uma forma de autoexaltação. Pois *se* o grande Deus está conosco em questões tão pequenas, então quão importantes *nós somos.* Em contraste com isso, os israelitas piedosos nem ao menos pronunciavam o nome divino Yahweh, mas corrompiam-no de alguma forma, para não se tornarem culpados de estarem tomando o nome de Deus em vão.
2. *Nas artes mágicas e nos juramentos.* Como nas conjurações e nos ritos pagãos. Ver Gên. 32.27,29. O nome de Yahweh não podia ser usado em tais atividades.
3. *O nome de Yahweh* não podia ser misturado com os nomes de divindades pagãs, como se fizesse parte de algum panteão gentílico.
4. A proibição do uso do nome divino incluía a idéia de empregar o nome de Deus para invocar os mortos. O nome de Yahweh não podia ser misturado à *bruxaria.*
5. O nome de Yahweh não podia ser usado nos *juramentos falsos,* como se a veracidade de uma pessoa pudesse ser apoiada pelo grande Deus (Lev. 19.12).
6. Embora o texto sagrado não o diga especificamente, temos aqui um mandamento contra toda espécie de *profanação* por meio de palavras, incluindo ou não os nomes divinos. O texto por certo subentende o uso devido da língua, em questões tanto sagradas quanto seculares. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Linguagem, Uso Apropriado de.* O abuso da fala desonra a Deus.

"Maldições e juramentos devem-se ao desejo de impressionar os outros. A maneira mais fácil de chocar outra pessoa e chamar sua atenção é o uso de alguma coisa sagrada ou nome santo. Mas o efeito desgasta-se quase imediatamente, e a blasfêmia passa a ser apenas um hábito inconveniente, expressando impotência e fraqueza de caráter" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Ameaças. Nenhuma punição é imposta aqui aos faltosos, mas fica entendido que o homem que usasse indevidamente o nome de Yahweh não escaparia do devido castigo.

20.8

Quarto Mandamento:

Lembrando o sábado, a fim de mantê-lo santo. O sábado era um dia de descanso e de observâncias espirituais. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre o *Sábado.* Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Sabatismo* e *Observância de Dias Especiais.* Ambos esses artigos abordam a questão que indaga se o sábado é obrigatório para a Igreja cristã. Se Paulo admitia que podemos observar dias especiais, ele jamais obrigou outros cristãos a fazerem o mesmo. A Igreja, ou suas várias denominações, têm o direito de observar o domingo como se fosse um sábado ou descanso, embora não haja muito para recomendar essa circunstância, sobretudo se isso for feito em uma atitude *legalista.* Ver sobre o *legalismo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* É elogiável que a Igreja tenha dedicado um dia da semana (o domingo) para adoração e culto religiosos especiais, comemorando a ressurreição de Cristo. Mas isso não transforma o domingo em um "sábado cristão".

A primeira *espiritualização* do versículo à nossa frente consistiu em afirmar enfaticamente a necessidade que temos de observâncias religiosas comunais, em um esforço grupai como uma igreja ou uma denominação, visando a honrar a Deus com o nosso tempo, de maneira sistemática e planejada. É bom observarmos pelo menos um dia por semana para essa finalidade e para descansar do trabalho secular.

O sábado foi instituído antes da lei mosaica. Ver Gên. 2.3. Nessa referência, apresentei notas sobre a questão, incluindo a necessidade de descanso e adoração, além da necessidade de trabalhar nos outros seis dias da semana. Os reformadores do século XVI, ao ab-rogarem teologicamente o sábado, substituíram-no pelo domingo; mas fizeram deste um sábado para todos os propósitos práticos. A medida pode ter sido prática, mas não exibiu uma boa teologia. O sábado é uma contribuição distinta da religião dos hebreus. Era o sinal do pacto mosaico. Mas, sob a graça, na qual estamos, não há qualquer necessidade desse sinal, pelo que não há nenhum preceito ou exemplo de guarda do sábado por parte da Igreja cristã. Antes, a guarda do sábado aparece como um sinal de infantilidade espiritual ou mesmo de erro teológico. Ver Gál. 4.10 e suas notas no *Novo Testamento Interpretado.*

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Domingo, Dia do Senhor*, quanto ao que o domingo é e não é. Ver Atos 20.7 e I Cor. 16.2.

A desobediência a esse quarto mandamento traria juízo contra os israelitas desobedientes, a saber, a *punição capital* (ver sobre esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, e também Êxo. 31.15; Núm. 15.22-36).

Para o santificar. Em outras palavras, como um descanso santificado (Êxo. 16.23), em que os israelitas deveriam aproveitar a oportunidade para dedicarem-se ao culto e ao serviço religiosos. A provisão principal era o descanso, e podemos presumir que eles aproveitavam o ensejo para finalidades religiosas. Posteriormente, na sinagoga, sem dúvida assim acontecia. Ver também Êxo. 20.11; 23.12 e Deu. 5.14,15.

Tipo. O descanso do sábado era tipo do futuro *descanso* do crente, em Jesus Cristo, ou seja, a salvação eterna. Ver Heb. 4.1,3-5,8-11. Ver no *Dicionário* o verbete *Salvação.*

20.9,10

Seis dias trabalharás. Temos aqui um mandamento positivo: Trabalha! O sábado era não somente um tempo em que se descansava do trabalho reguiar semanal. Depois de um trabalho de uma semana, o homem imitava a Deus o qual, segundo se vê em Gên. 2.2,3, após seis dias de criação, descansou ao sétimo dia. Por isso mesmo, o sábado é o sétimo dia da semana, pois ninguém pode descansar depois de nada ter feito. Mas a Igreja primitiva, no primeiro dia da semana, rememorava a ressurreição de Cristo. Isso posto, o domingo, ou primeiro dia da semana, está baseado em uma idéia inteiramente diversa da do sábado judaico. As notas que dou em Gên. 2.2,3 são bastante completas, e devem ser lidas em conexão com esta passagem. Quanto a outros trechos bíblicos ligados ao sábado, ver Êxo. 16.22-30; 31.15; Núm. 15.32-36 e Deu. 5.15.

A ordem principal do quarto mandamento era *não trabalhar.* E isso aplicava-se tanto aos seres humanos quanto aos animais. A moral desse mandamento é que o homem estava *imitando* aquilo que Deus fizera, terminada a obra da criação. O versículo seguinte a este deixa isso claro, sendo um empréstimo diretamente feito do segundo capítulo do Gênesis. Deus deixara um exemplo que precisava ser seguido de perto. Não há no mandamento qualquer explicação sobre o que se deveria fazer com o tempo livre; mas a história toda do judaísmo demonstra que era um tempo para ser devotado à meditação e a outros exercícios espirituais.

Na Babilônia, o sábado era tido como um dia de mau presságio; mas o judaísmo reverteu completamente tal noção pagã. No Egito, nos dias da servidão de Israel, não havia dia de descanso para o povo de Deus ao fim de cada semana; e assim, após o livramento, foi reinstalado o sábado entre os israelitas.

O sábado era também uma espécie de lembrete semanal da páscoa, tal como o dia do Senhor, no Novo Testamento, é um memorial da morte e da ressurreição de Cristo. No Egito, a Israel só cabia trabalhar, trabalhar; uma vez liberto, o povo de Israel pôde novamente gozar de um dia de descanso por semana, em imitação a Deus, que descansou no sétimo dia da criação.

Vemos em Deuteronômio 5.15 que ao sábado foi dada uma razão *humanitária.* Homens e animais, depois de seis dias de trabalho, precisavam *descansar.* Israel tinha vivido servilmente no Egito, onde não tinha descanso. Um homem, ao descansar, também deveria conceder descanso a seus dependentes (incluindo os escravos) e aos seus animais. Os estrangeiros também tinham o direito de um dia de descanso semanal em Israel.

Há um certo número de *proibições individuais* que envolvem tipos de trabalho, e que nos servem de instrução: 1. Não se podia recolher o maná (Êxo. 16.26). 2. Não se podia acender fogo (Êxo. 35.3). 3. Não se podia ajuntar lenha para acender fogo (Núm. 15.36). Em conseqüência, até coisas aparentemente triviais eram incluídas nessa proibição. Contudo, também havia algumas *exceções:* Os sacerdotes não cessavam seu trabalho. Uma vida em perigo podia ser resgatada (Mat. 12.5,11). Nos dias dos Macabeus, entretanto, começaram a surgir atitudes extremadas. Tornou-se proibido até mesmo a autodefesa (I Macabeus 2.32-38; II Macabeus 5.25,26 e 6.11). Jesus não era um guardador extremado e ridículo do sábado, conforme fica ilustrado no capítulo doze de Mateus.

20.11

Natureza Obrigatória do Sábado. Neste versículo aprendemos que a guarda do sábado estava alicerçada sobre o *exemplo divino* (Gên. 2.2,3), como também sobre um *mandamento divino* (Êxo. 20.9-11). O trecho de Êxo. 20.11 repete essencialmente o que se lê em Gênesis 2.2,3, onde ofereço notas expositivas. Esse dia pertencia a Deus. Ele o havia santificado. Sua grande obra criativa tinha sido terminada e era "boa". E o sábado era uma espécie de comemoração desse fato, tendo-se tornado assim um dia especial em si mesmo. Ver também Êxo. 31.17. "Deus separou esse dia de todos os demais dias da semana, santificando-o para uso e serviço sagrados, obrigando o Seu povo a cessar todo trabalho durante o mesmo, a fim de poder dedicar-se aos exercícios religiosos, como ouvir e ler as Escrituras, orar, louvar, etc., e Ele abençoava esse dia com a Sua presença (John Gill, *in loc.*).

Terminam aqui os quatro mandamentos que mostram deveres do homem para com Deus. Doravante, veremos seis mandamentos que falam das relações entre homem e homem.

20.12

Quinto Mandamento:

Os *quatro* primeiros mandamentos da lei mosaica tratam dos deveres do homem para com Deus. Os últimos *seis,* tratam dos relacionamentos humanos. Por isso mesmo, as tábuas do testemunho, onde tinham sido inscritos os mandamentos, eram duas. Essas duas tábuas da lei incorporavam todas as atitudes apropriadas aos seres humanos.

Honrar aos próprios progenitores não somente é uma forma de piedade do mais alto calibre, como também é uma regra social de suprema importância, pois os conflitos domésticos naturalmente têm reflexos sobre a sociedade como um todo. Visto que os pais atuam como representantes de Deus, ocupando o lugar de Deus no seio da família, este *quinto* mandamento, na realidade, é uma aplicação dos dois primeiros mandamentos. Assim, honrar a Yahweh implica em honrar aos pais. A solidariedade familiar jamais poderá tornar-se um fato nos lugares onde houver filhos desobedientes, que tentem impingir sua voluntariedade às expensas dos pais. Dentro do contexto hebreu, honrar os próprios pais era uma parte vital da existência, tão vital quanto a respiração. Um filho que ousasse ferir seus pais sofria a pena de morte (Êxo. 21.15). Idêntico castigo cabia a quem amaldiçoasse qualquer de seus pais (Êxo. 21.17). Somente os zombadores insensatos rejeitariam esse princípio de respeito pelos próprios pais, e o fim deles é triste (Pro. 30.17).

Paulo reitera esse mandamento em Efésios 6.1-3. Todavia, o apóstolo também frisou sabiamente a responsabilidade dos pais para com seus filhos (vs. 4). E lembrou que o quinto mandamento é o primeiro mandamento que envolve uma promessa, ou seja, que os filhos obedientes serão abençoados com uma vida longa e feliz (Efé. 6.3). Nesse ponto, Paulo citou o trecho de Deuteronômio 5.16. Quanto ao ponto de vista neotestamentário ver a completa exposição sobre esse mandamento em Efésios 6.1 ss., no *Novo Testamento Interpretado.*

A punição capital (ver a esse respeito no *Dicionário*) era imposta no caso de *quatro crimes,* mencionados em Êxo. 21.12-17 (que vide). Entre esses queremos destacar aqui a quebra do sexto mandamento (o homicídio; Êxo. 21.12,14) e a quebra do quinto mandamento (os abusos contra os pais; Êxo. 21.17).

Entre certas tribos indígenas do Rio Negro, no estado do Amazonas, Brasil, somente dois atos são tidos como aquilo que chamamos de pecados, ou seja, atos errados: abusar de qualquer modo da própria mãe e furtar. Entre eles, esses atos são considerados piores do que o homicídio, o qual, entre eles, é tão comum que deixou de ser censurado. Assim sendo, o código de ética daqueles indígenas incorpora somente o quinto e o oitavo mandamentos do decálogo mosaico.

Aristóteles pensava que as relações entre filho e progenitor são análogas àquelas que existem entre o homem e Deus (*Ethics, Nic.* vii.12 par.5). O confucionismo alicerça toda a sua moralidade sobre as relações entre pais e filhos. Os egípcios enfatizavam a questão a ponto de ameaçarem a uma má vida pós-túmulo aos filhos que fossem desobedientes a seus pais (apud Lenormant, *Histoire Ancienne,* vs. 1, pág. 343 s.).

Interessante é notar que se os egípcios prometiam uma boa vida pós-túmulo aos filhos obedientes, o código mosaico só prometia uma boa vida neste mundo, uma vida longa e abençoada, mas nenhuma promessa de vida pós-túmulo, o que é típico no Pentateuco. Se existem alguns indícios sobre uma vida para além da morte biológica (como na doutrina do homem como partícipe da imagem divina; Gên. 1.26,27), essa doutrina só passou a ser destacada formalmente, no Antigo Testamento, nos Salmos e nos Profetas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma.* E ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade* (que contém vários artigos).

20.13

Sexto Mandamento:

Esse mandamento proíbe o *homicídio.* Ver no *Dicionário* o verbete *Punição Capital.* O Antigo Testamento *justificava,* contudo, certas formas de homicídio. Um escravo podia ser morto sem que seu proprietário fosse punido (Êxo. 21.21). Quem invadisse uma casa podia ser morto, sem sanções contra quem lhe tirasse a vida (Êxo. 22.2). O sexto mandamento não proibia os sacrifícios de animais. Matar alguém, durante as batalhas, não era considerado um crime (Deu. 20.1-4). É possível que, em alguns casos, fosse permitida a *eutanásia* (segundo nos é sugerido em I Sam. 31.4,5). Presume-se que o suicídio era proibido, embora não seja especificamente mencionado. De fato, os trechos de

I Sam. 17.23 e 31.4,5 até podem ser usados como defesa de alguns casos de suicídio. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Eutanásia* e *Suicídio*.

A *eutanásia*, quando aprovada, é a mais conspícua exceção ao sexto mandamento. A lei proíbe o abuso da propriedade por meio do furto (Êxo. 20.15, o *oitavo mandamento*). Ora, a vida de um homem é sua mais preciosa possessão, bem como o veículo de que ele precisa para cumprir o desígnio divino em sua vida. Portanto, o homicídio insulta Deus, e não somente o homem, porquanto interfere no propósito de Deus que se está cumprindo nos homens. Desde os dias do Antigo Testamento, tem aumentado o respeito pela vida humana; mas o homem está ainda muito longe de ter um autêntico respeito pela sacralidade da vida humana. Os homens chamam de *justas* certas guerras. Mas é muito raro que ocorra uma guerra dessas. Há ocasiões em que se torna imprescindível guerrear contra os psicopatas, como certamente foi Hitler, a fim de serem *salvas* muitas vidas. Mas mesmo assim, muitas vítimas inocentes são ceifadas, até mesmo por parte dos chamados poderes *justos*. Ficamos perplexos diante das chamadas matanças justas, que, presumivelmente, teriam sido impulsionadas por Yahweh.

O trecho de Mateus 5.21,22 expande o sexto mandamento para que inclua o ódio, a inveja, a má vontade e o assassinato de caráter. A ira indevida e pensamentos maliciosos, que se expressem em palavras ou ações, devem ser compreendidos como implicações desse sexto mandamento.

Homicídio e Punição Capital.

Punição capital é, obviamente, uma forma de *homicídio*, e o Antigo Testamento não meramente permite este ato, mas o exige como vingança contra certos crimes. Crimes que exigiram punição capital incluíram homicídio premeditado (Êxo. 20.13; Gên. 9.6); violência contra os pais (Êxo. 21.15); sequestro (Êxo. 21.16; Deu. 24.7); abuso verbal contra os pais (Êxo. 21.17). O quinto mandamento foi justamente contra este ato (Êxo. 20.12). Tal *desrespeito* era considerado uma forma de homicídio dos pais, embora não matasse literalmente.

Em alguns casos, a punição capital podia ser evitada mediante negociação com os parentes da vítima. Eram eles quem decidiam que *multa* seria exigida. Provavelmente tais multas eram pesadas. Ver. Êxo. 21.30 para um exemplo deste tipo de negociação. O primeiro assassino, Caim, que matou seu irmão Abel, foi exilado por Yahweh, mas esta forma de punição não achou lugar na legislação mosaica.

20.14

Sétimo Mandamento:

Contra o adultério. No artigo geral, no *Dicionário*, intitulado *Dez Mandamentos*, ofereço notas detalhadas sobre essa questão que devem ser lidas em conjunto com as deste versículo. Assim como os filhos devem honrar seus pais (Êxo. 20.12), e como os pais devem honrar seus filhos (Efé. 6.4), assim também os cônjuges devem honrar-se mutuamente. Isso faz parte de uma estrutura social que prospera, pelo que faz parte da segunda tábua dos Dez Mandamentos. Desse modo fica salvaguardada a solidariedade da família. A poligamia sempre fez parte da sociedade hebréia, pelo que ter mais de uma esposa, ou ter uma esposa e várias concubinas não era algo proibido pelo sétimo mandamento. Antes, o que era condenado era a sedução da *esposa* de outro homem, ou (em casos mais raros) a sedução, por parte de uma mulher, do marido de outra mulher. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia*.

O trecho de Mateus 5.27 ss. elabora aquilo que constitui o adultério, mostrando-nos que está envolvido mais do que atos sexuais ilícitos. Existe aquele adultério da mente, de que nenhum homem ou mulher escapa. Ver também Heb. 13.4 e Lev. 20.10.

O que está implítico no adultério ou no sétimo mandamento? O Grande Catecismo de Westminster, respondendo à pergunta 139, elabora:

"O adultério, a fornicação, o estupro, o incesto, a sodomia, as paixões desnaturais, a imaginação impura, a impureza nos propósitos e nos afetos, a linguagem imoral, os olhares sensuais, o comportamento imodesto, as vestes imodestas, os casamentos ilegítimos, a tolerância de bordéis ou de qualquer tipo de prostituição, o indevido adiamento no casamento, o divórcio, a separação ou deserção do cônjuge, a preguiça, a glutonaria, o alcoolismo, as gravuras, as danças, as peças teatrais e qualquer outra coisa que excita ou promova pensamentos impuros".

"O sétimo mandamento trata a família como uma unidade social. Seu real interesse é a *sacralidade* do matrimônio. Somente por implicação envolve a gama inteira da moralidade sexual" (J. Edgar Park, *in loc.*).

"Esse mandamento adverte contra a ditadura do corpo físico" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

O código de Hamurabi (artigo 157) requeria a pena de morte na fogueira para esse tipo de pecado. O trecho de Levítico 20.10 requeria execução por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o artigo *Apedrejamento*. Ver também Deu. 23.22-24.

20.15

Oitavo Mandamento:

Respeito pela propriedade alheia. O ser humano tem direito possuir coisas. É uma vez que as possua, não pode ser privado delas por parte de quem quer que seja. Fica entendido, contudo, que tal ser humano entrou na possessão de suas coisas de maneira honesta, pois, em caso contrário, ele já roubou tais coisas de alguém, quebrando assim o oitavo mandamento. O comunismo oficializou o furto de propriedade privada por parte do *estado*, mediante o decreto de alguns poucos mandamentos. O ladrão às vezes apenas furta sub-repticiamente, mas muitas vezes também rouba mediante a violência, incluindo à mão armada. Neste último caso há violência física, mas todo furto ou roubo é um ato egoísta.

Por muitas vezes, as coisas que as pessoas possuem foram adquiridas em troca de trabalho árduo e longo. É contra a natureza privar um homem daquilo que ele chegou a possuir mediante trabalho e sacrifício pessoal. Os impostos, embora decretados oficialmente, também podem ser exorbitantes e pecaminosos, como modos ilegítimos de que os governantes se valem para lesar os governados. Logo, taxas excessivas devem ser classificadas como quebras do oitavo mandamento. E também há uma maneira *passiva* de fazer a mesma coisa. Devemos mostrar-nos generosos, compartilhando com outros de nossos valores monetários. Se assim não fizermos, então estaremos furtando o que deveria ser dado a pessoas menos afortunadas do que nós.

Dificilmente pode ser mantida uma *sociedade estável* quando os ladrões fazem o que bem entendem. A desonestidade, em todas as suas formas, é um grande mal social, custando aos governos um alto preço na tentativa de controlá-la. Como já dissemos, há formas violentas e não-violentas de roubo, como também há formas particulares e públicas. E também há desonestidades individuais e coletivas.

A *sacralidade da propriedade* fica implícita no oitavo mandamento.

Alguns estudiosos ampliam esse mandamento, por implicação, para o que envolvem os danos causados pela maledicência e pelos ataques verbais contra outrem.

Boa fama, em homem ou mulher,
É a jóia imediata de suas almas.
Quem me furta a bolsa, furta ninharias,
Mas quem me furta o bom nome,
Furta-me daquilo que não o enriquece,
Mas realmente me empobrece.

(Apud Adam Clarke, poeta inglês desconhecido)

20.16

Nono Mandamento:

Parece que o objetivo central deste mandamento é a proteção ao sistema judicial. Os tribunais seriam inúteis se os homens chegassem ali para mentir. Se tiver de ser feita uma acusação contra outra pessoa, e se o acusado tiver de defender-se, a verdade terá de ser dita por ambas as partes, sob pena da justiça *naufragar*. Mas esse mandamento também se aplica a questões individuais. A sociedade em geral perturba-se quando as pessoas saem a espalhar mentiras e calúnias sobre seus semelhantes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mentir (Mentiroso)*. O trecho de Êxo. 23.1 condena o falso testemunho em nível pessoal. Ver Deu. 19.16-20 que requeria juízo apropriado contra falsas testemunhas que perturbavam o sistema judiciai. A linguagem e os fatos devem concordar entre si. Ver Deu. 13.14; 17.4; 22.20; Jer. 9.5; Sal. 9.5; 15.2; Pro. 12.19; 14.25; 22.21. A verdade precisa ser dita com o tempero do amor (Efé. 4.15). Algumas vezes, as meias verdades prejudicam mais do que as mentiras francas. O *amor*, porém, guarda-nos tanto da mentira aberta quanto das meias verdades.

A *mentira artística* vem sendo aprovada desde os tempos mais antigos, conforme muitos eruditos supõem. Ver o caso de Labão (Gên. 29.21-27), e o caso um tanto anterior de Jacó (Gên. 27.6-36). Por outro lado, a luz que brilhou por meio de Moisés por certo condenava qualquer tipo de mentira ou abuso de linguagem.

Antes de Falar

Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: É Verdade?
Em seguida: É Necessário? Em tua mente
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
É a última e mais difícil: É Gentil?
E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de teres passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.

(Beth Day)

HOMICÍDIO

A LEI DE MOISÉS

Não matarás.

Êxodo 20.13

Não aceitareis resgate pela vida do homicida, que é culpado de morte: antes será ele morto.

Números 35.31

A LEI DE JESUS

Ouvistes que foi dito aos antigos:
Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.
Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento;
e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal.

Mateus 5.21,22

*** *** ***

Oh, Deus, que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e a matar,
Que os homens viessem a silvar e a cortar,
Com línguas de vileza... por causa de...
"Teologia".

Russell Norman Champlin

20.17

Décimo Mandamento:

Contra todas as formas de *cobiça*. De acordo com muitos eruditos, esse é o décimo dos mandamentos mosaicos. Mas os luteranos e os católicos romanos pensam que o primeiro mandamento incorpora os vss. 3-6. E assim, neste ponto, eles fazem o vs. 17 desdobrar-se em dois mandamentos, para ser conseguido o número *dez*. Na Septuaginta, neste versículo e em Deu. 5.21, a *esposa* é mencionada antes de casar, para que haja um mandamento específico para que não se cobice a mulher do próximo, ao passo que fica criado um décimo mandamento, relativo à cobiça acerca dos bens materiais do próximo. No *Dicionário* há um artigo detalhado chamado *Cobiça*, que inclui as injunções neotestamentárias sobre a questão. Meu artigo ali também fornece notáveis exemplos bíblicos de cobiça. Neste ponto, no tocante ao décimo mandamento, aprendemos que a lei aplica-se não somente aos atos, mas também aos sentimentos e intenções do coração. Em outras palavras, a lei envolvia sentimentos interiores, e não apenas *atos* externos. O sétimo mandamento proíbe o sexo com a mulher de outro homem; e o décimo mandamento proíbe o *desejo* disso. Neste ponto, a lei aproxima-se da abordagem feita por Jesus a respeito, em Mat. 5.21 ss. Todos os *pensamentos* devem ser levados ao cativeiro a Cristo (II Cor. 10.5). Se o oitavo mandamento proíbe o roubo, o décimo proíbe até mesmo o desejo de roubar.

Por conseguinte, o décimo mandamento opera como uma espécie de limiar das noções neotestamentárias sobre essas mesmas questões. O Novo Testamento repete dez dos mandamentos, deixando de fora aquele atinente ao sábado. Mas o dia do Senhor ou domingo, embora não seja um sábado ou descanso, envolve as implicações espirituais do mandamento relativo ao sábado, enaltecendo e iluminando o sentido espiritual do sábado.

No artigo do *Dicionário* chamado *Dez Mandamentos*, em sua sétima seção, dou informações acerca de como o Novo Testamento incorpora, manuseia, expande e espiritualiza os mandamentos mosaicos. Também dou ali informações sobre a proposta função da lei da perspectiva do Novo Testamento. Ver também no *Dicionário* o artigo *Lei, Função da.*

Como Jesus Manuseou a Lei Mosaica

	A Lei Mosaica	O Ensino de Jesus
1.	Um só Deus	1. Nosso Pai (Mat. 6.9)
2.	Nada de imagens	2. Formas desnecessárias (Mat. 6.7)
3.	Nada de blasfêmias nome	3. Santificado seja o Teu (Mat. 6.9)
4.	O homem para o sábado	4. O sábado para o homem (Mar. 2.27)
5.	Honrar os pais	5. Honrar a todos (Mat. 12.50)
6.	Nada de homicídios	6. Nada de ira e ódio (Mat. 5.22)
7.	Nada de adultério	7. Nada de desejo impuro (Mat. 5.28)
8.	Nada de furtos	8. Dar gratuitamente (Mat. 5.42)
9.	Nada de mentiras	9. Nada de juramentos (Mat. 5.34)
10.	Nada de cobiça	10. Cobiçar a justiça (Mat. 5.6)

O Temor do Povo (20.18-21)

Esta seção dá continuação à história sobre a teofania (ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Teofania* e *Anjos*), iniciada no capítulo dezenove, mas que foi interrompida pela lista dos Dez Mandamentos. Ela descreve os efeitos que o aparecimento de Yahweh exerceu sobre o povo.

20.18

Este versículo é uma espécie de sumário de Êxo. 19.16-19. O povo reagiu tremendo e temendo, retrocedendo de espanto (Êxo. 19.16). A questão do sonido de trombeta, dos relâmpagos e da fumaça é repetida, sobre o que comentamos na passagem anterior. Os israelitas mantiveram distância, conforme lhes fora ordenado, receando por suas vidas (Êxo. 19.13,16.21,24,25). Espanto e respeito são termos-chave no culto e na adoração espirituais, mas o *terror* pode resultar de poderosas experiências místicas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.*

20.19

O povo de Israel havia concordado em receber a visita de Yahweh e a Sua lei (Êxo. 19.7,8), mas não estava preparado para o que sucedeu. Em seu terror, nem ao menos quiseram ouvir a voz de Yahweh, que julgaram que lhes seria fatal. Assim, preferiram que *Moisés* atuasse como intermediário, transmitindo-lhes tudo quanto lhe fosse dito e exigido por parte do Senhor. E foi assim que por pedido do povo de Israel, e não somente por chamada divina, Moisés tornou-se o mediador da lei e de sua interpretação. "Deus é, ao mesmo tempo, extremamente parecido e extremamente diferente do homem. Sua palavra é a Espada do Espírito" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Os homens temem, para em seguida deixarem de temer. E isso lhes é prejudicial (Êxo. 32). Cf. Deu. 5.16-20 quanto às manifestações divinas no Sinai, e cf. Deu. 5.24-27 quanto às palavras e pedidos do povo, ditas com maiores pormenores. Ver no *Dicionário* o artigo *Mediação (Mediador).*

20.20

A essência da explicação dada por Moisés foi a seguinte: "Não temais, porque a manifestação foi para o vosso bem". De fato, o incidente inteiro foi um outro *sinal* (Êxo. 15.25), ao lado de outros que já tinham sido dados, embora mais importante quanto à sua implicação total. Essas manifestações produziram um grande benefício, levando o povo a receber aquele benefício em um apropriado espírito de humildade. A lei foi dada para coibir vários tipos de pecados, favorecendo certos atos positivos. A forma da manifestação ajudaria o povo a obedecer ambos os tipos de mandamentos, os negativos e os positivos. As atitudes internas determinam os atos externos.

20.21

Deus ocultou-se em Sua nuvem; os israelitas postaram-se a respeitável distância; Moisés aproximou-se da nuvem a fim de receber mais instruções. Cf. Êxo. 19.9, onde é apresentada a *nuvem*. Dou ali notas expositivas sobre a questão. O pedido do povo de dispor de um mediador foi assim honrado. O temível Yahweh estava a uma distância segura; apesar disso, porém, a mensagem divina chegou até eles, por intermédio de Moisés.

Leis acerca dos Altares (20.22-26)

A lei mosaica tinha sua essência no *decálogo* (20.3-18). Agora começaria a grande *multiplicação* de preceitos. Virtualmente o resto do Pentateuco oferece-nos aspectos dessa multiplicação, e a tradição judaica procurou aumentar mais ainda essa multiplicação de preceitos. O conceito da lei era o conceito do judaísmo. A fim de iniciar essa multiplicação, foi usado o segundo mandamento (Êxo. 20.4-6). Isso é uma verdade porque, sem o caráter ímpar de Yahweh, as leis não teriam qualquer sentido especial. Ver os vss. 22,23. Os mandamentos repousavam sobre o próprio caráter de Yahweh, e foi Deus quem lhes deu autoridade.

20.22

Os israelitas tinham pedido que Moisés atuasse como mediador entre Deus e eles mesmos (vs. 19), quando Moisés já estava atuando nessa capacidade. Yahweh instruiu Moisés para que transmitisse ao povo a Sua palavra, e assim teve início a multiplicação dos dez mandamentos básicos; e essa multiplicação, mediante a Interpretação, nunca terminou para o judaísmo. Yahweh enviava a Sua mensagem do *Seu céu*, o que significa que estamos falando em termos de *revelação* (ver a esse respeito no *Dicionário*). As coisas ditas pelo Senhor seriam posteriormente formuladas nas Escrituras (ver os Artigos Introdutórios no primeiro volume desta obra, em sua primeira seção).

O fato de que a voz de Yahweh era ouvida por Moisés servia de motivo para o povo de Israel obedecer, pois as palavras subiam acima da compreensão imediata deles. Quanto à descida de Yahweh do céu, ver Êxo. 19.18, onde damos referências.

20.23

Esse versículo, em um sentido restrito (pois menciona somente imagens de prata e de ouro, fundidas ou de escultura), é uma expressão do *segundo mandamento*, que já vimos nos vss. 4-6, e onde há notas expositivas a respeito. O decálogo estava alicerçado sobre a revelação do único e inigualável Yahweh, o único Deus. Assim, a multiplicação de preceitos que se segue também se baseou sobre isso, ou seja, que não haveria outros deuses para dar instruções e orientar os filhos de Israel quanto à verdadeira adoração. No culto do povo de Israel, não havia lugar para quaisquer tipos de imagens, fundidas ou esculpidas. Yahweh não tolerava rivais. Coisa alguma podia ser permitida que tendesse

debilitar ou destruir a unidade da Idéia Divina. O politeísmo, pois, era tido como um poder destrutivo. O tipo certo de monoteísmo foi um avanço que teve lugar na teologia do povo de Israel. Platão mostrou estar na direção certa, em seu diálogo intitulado *Leis*, e ali ele disse muitas coisas de valor. Mas a Israel foi dada uma visão superior sobre toda essa questão, a qual é compartilhada pelo cristianismo e outras fés. Israel foi libertado do politeísmo egípcio e avançou para o monoteísmo (ver a esse respeito no *Dicionário),* depois de libertado, no deserto.

20.24

Um altar de terra me farás. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar,* quanto àquilo que se sabe sobre os altares antigos. Os vss. 24 e 25 dão as regras mais básicas quanto à ereção de altares. Essas provisões foram incorporadas à lei mosaica e à prática diária. Por isso mesmo, os críticos crêem que essas provisões foram projetadas à partir de práticas tradicionais que já existiam em Israel, pelo que haveria aqui um pequeno anacronismo. Por outro lado, aquilo que chegou a ser uma prática nos dias de Moisés sem dúvida estava baseado em práticas anteriores. Portanto, não há contradição alguma.

Em primeiro lugar, temos o altar de terra, feito ao ar livre. Não eram permitidos degraus nesses altares. Mas havia uma tendência para localizar Deus, dando-Lhe um ponto de manifestação, sendo essa a função principal dos altares. Visto que os altares eram simples e fáceis de erguer, permitiam um uso generalizado. Um indivíduo, uma família ou um clã podiam levantar um altar, que se tornava então o símbolo de sua prática religiosa, onde também prestava o seu culto. Ver acerca de altares em trechos como Gên. 8.20; 12.7; 13.4; 22.9; 26.25; 33.20 e 35.1,3,7. Temos aí menção a altares individuais de antigos patriarcas. Presumivelmente, alguns dos preceitos acerca da ereção de altares foram incorporados na prática mosaica.

Teus holocaustos. Quanto a esse tipo de sacrifício, ver o *Dicionário.* O animal sacrificado era totalmente consumido no fogo. Assim sendo, o animal inteiro era oferecido a Yahweh. Dele nada era consumido pelos homens. Deus era assim honrado, comemorando-se o Seu suprimento generoso. As ofertas pelo pecado tornaram-se parte dessa prática, até que chegaram a dominar toda a prática.

Tuas ofertas pacíficas. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Sacrifícios e Ofertas.* Ver ali o ponto D. *Ofertas de Comunhão,* entre as quais estavam as *ofertas pacíficas.* Tais oferendas selavam os laços de fraternidade, mas também apontavam na direção de Deus. As *ofertas pacíficas* falam de comunhão restaurada, após a expiação dos pecados e o recebimento do perdão. Todas as demais ofertas de comunhão eram variantes das ofertas pacíficas (Lev. 7.11-36).

O nome de Deus era relembrado ao pé do altar, pois até ali Deus descia a fim de abençoar. O povo de Israel esperava a presença de Deus em seus altares. Antes da construção do tabernáculo (e depois, do templo), o *altar* era o lugar especial da manifestação da presença divina. Isso é amplamente ilustrado nas referências dadas acima.

20.25

Se me levantares um altar de pedras. Esses eram altares mais duráveis. Era permitido o uso de pedras não-lavradas (Jos. 8.30; I Reis 18.31). Cf. Deu. 27.5,6 e I Macabeus 4.47 quanto a um período posterior. Os altares posteriores tinham chifres ou pontas nas quatro esquinas superiores (I Reis 1.50,51). Finalmente, surgiram altares ainda mais elaborados (I Reis 27.1-8; Eze. 43.13-17). Mas as instruções mosaicas originais requeriam simplicidade de construção. "Altares levantados com arte elaborada e plataformas elevadas, dotadas de degraus, eram comuns na adoração pagã aos deuses falsos" (John D. Hannah, *in loc.*).

O Uso de Instrumentos Poluía. Assim nos diz este versículo, visto que isso fazia os *altares* tornarem-se o polo de atração, em lugar de ser destacado o propósito da existência dos altares. Os altares erigidos por Salomão não obedeciam às regras originais. Esses altares eram feitos de ouro e de bronze (I Reis 7.48; 8.64). Altares elaborados glorificavam seus construtores, tal como grandes templos glorificam aqueles que os levantam. Coisas iam ficando assim cada vez mais excelentes, ao mesmo tempo em que a adoração a Yahweh ia sendo negligenciada. Na Igreja cristã cessaram os sacrifícios de animais; mas hoje em dia prevalecem o orgulho humano e o culto tipo entretenimento.

20.26

Nem subirás por degrau ao meu altar. Isso por motivo de modéstia. Circunstantes curiosos veriam os sacerdotes a subir pelos degraus e poderiam enxergar suas vestes íntimas, ou talvez mais. As pessoas, desse modo, dificilmente continuariam pensando em Deus, enquanto vissem um sacerdote subindo pelos degraus. Esse pequeno versículo mostra-nos que o corpo humano atrai a atenção dos seres humanos, e que as vestes são essenciais. Pode parecer ridículo dar tanta importância à carne humana, da qual todos compartilhamos. Infelizmente, porém, alguma *corrupção interior* faz com que seja mais sábio nos encobrirmos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Nu, Nudez* e *Nudismo,* quanto a discussões sobre esse problema. As vestes dos sacerdotes levíticos procuravam resolver o problema da nudez. O altar de Ezequiel (43.17) ignora essa questão dos degraus; mas no templo de Herodes havia uma rampa de aproximação ao altar, embora não degraus, em respeito à antiga regra. O trecho de Êxo. 24.42,43 mostra-nos que as vestes usadas pelos sacerdotes tornaram-se tais que a exposição do corpo humano deixou de ser um problema de modéstia. Talvez por isso foi que Salomão não hesitou em construir degraus em seu altar.

A adoração idólatra era com freqüência acompanhada pela nudez e mesmo pela orgia (Maimonides, *Middot, c.* 3 sec. 3). E talvez por isso tenha sido feita aquela proibição atinente a degraus, nos altares dedicados a Yahweh.

Capítulo Vinte e Um

Leis acerca de Escravos (21.1-11)

Ver a introdução geral à seção (da qual o presente texto faz parte), nas notas introdutórias ao capítulo dezenove do Êxodo. O *decálogo* original formava a essência da legislação mosaica, mas o resto do livro de Êxodo comenta sobre a grande *multiplicação* de leis e preceitos, que abordavam todo aspecto concebível da vida humana, individual e coletiva. As ordenanças dadas devem ser entendidas como precedentes normativos, ou seja, regras originais que deveriam governar toda concepção acerca das leis que aparecem em seguida.

21.1

São estes os estatutos. As questões relativas à escravidão, que passariam a ser descritas, encontraram lugar dentro do código civil. Essa legislação era considerada sagrada e divinamente inspirada, pelo que não se podia evitar obedecê-la. Algum tipo de justiça e de eqüidade teria que ser aplicado à escravidão. As decisões judiciais futuras teriam que obedecer ao espírito destes estatutos. Surgiriam situações em que teria de ser aplicada a legislação *por analogia.* Cf. Deu. 15.12-18. Os estatutos dados aqui refletem costumes de uma comunidade tipicamente agrícola (Êxo. 22.5,6), e o seu conteúdo é bastante parecido com outros códigos legais de povos antigos daquela região do mundo.

21.2

Se comprares um escravo hebreu. A preocupação aqui era com um possível escravo israelita, e não estrangeiro. No caso deste, aplicavam-se outros estatutos, menos favoráveis. Quando um hebreu precisava de dinheiro, tendo dívidas a pagar, podia vender-se como escravo. Também era possível escravizar à força um hebreu, embora isso deva ter acontecido com pouca freqüência. Ver II Reis 4.1 e Lev. 25.39. Um hebreu podia ser forçado à servidão por motivo de dívida, conforme mostra a primeira dessas duas referências. O caso mais triste era que um hebreu (ainda menor de idade) podia ser vendido por seus pais como escravo, quando precisassem de dinheiro (Nee. 5.2). O valor de um homem que servisse por seis anos era ridiculamente pequeno (vs. 32). Infeliz também era o fato de que se um escravo hebreu servia por seis anos, na Babilônia um nativo servia apenas por três anos. Mas na maioia dos outros aspectos, as leis hebréias eram mais humanas que a legislação babilônica (código de Hamurabi, 117). O trecho de Deu. 15.18, onde é usado o termo "metade", talvez reflita conhecimento sobre a prática babilônica. Um escravo, se fosse severamente ferido, obtinha uma espécie de licença médica (vss. 26,27). Em tempos posteriores, mesmo que um escravo tivesse servido somente por um ano, a lei do jubileu libertava a ele e a todos os demais escravos (Lev. 25.39-41).

Os vss. 7-11 incluem a questão das escravas.

Como um Hebreu Podia Tornar-se Escravo de Outro Hebreu. 1. Por causa de crime grave (Êxo. 22.3). 2. Por causa de dívida (Lev. 25.39). 3. Por ser vendido por seu pai (Nee. 5.5).

A Escravidão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão.* Ficamos desolados quando vemos a escravidão ser regulamentada, e não eliminada, no Antigo e no Novo Testamentos. Que a escravidão tenha existido sob *qualquer*

forma (apesar de algumas provisões humanitárias), mostra a baixa natureza espiritual dos povos antigos, a despeito de quaisquer outras vantagens que tenham tido. *A lei do amor é o maior de todos os conceitos* (ver todo o capítulo treze de I Coríntios). O amor é a prova mesma da espiritualidade (I João 4.7-12). A escravidão é uma afronta ao amor, mesmo nos casos onde imperava bastante humanidade e leniência.

O texto à nossa frente não alude à escravidão de estrangeiros em Israel ou de prisioneiros de guerra. Estão em pauta somente escravos *hebreus*. Havia circunstâncias especiais segundo as quais um hebreu podia tornar-se um escravo. Ele podia vender-se à escravatura por motivo de dívida. Nesse caso, havia regras sobre como cuidar de tais casos, conforme se vê nos versículos que se seguem. Visto que, eventualmente, um escravo hebreu tinha que ser posto em liberdade, e visto que nada é dito sobre escravos estrangeiros, podemos presumir que havia uma legislação limitada ao benefício de escravos hebreus. Um tratamento humano era requerido, mas um escravo não podia pensar em liberdade enquanto não chegasse o sétimo ano. Meu artigo sobre o assunto fornece detalhes sobre toda a questão, e o leitor deve examinar o mesmo quanto a informações que não aparecem nesta exposição.

21.3,4

Sua mulher. Se um escravo hebreu se tivesse casado durante seu período de escravatura, então sairia sozinho ao ser libertado, no sétimo ano. Se já fosse casado antes de tornar-se escravo, sua mulher também seria libertada. O trecho de Deuteronômio 15.13,14 mostra que um escravo libertado tinha o direito de receber certas coisas básicas, como gado, cereais e vinho, uma espécie de compensação. Os versículos não falam em filhos, mas é óbvio que, uma vez livre, levava consigo os seus filhos. E o quarto versículo nos dá a horrenda informação de que se fosse dada uma esposa a um escravo, durante seu período de escravidão, esta ficaria retida pelo senhor mesmo quando o homem fosse libertado. Isso mostra que tal mulher e seus filhos eram tidos apenas como uma propriedade. Além disso, parece haver certa contradição com Deu. 15.13,14, onde se lê que um escravo libertado podia levar consigo certas possessões. Por que não sua esposa e seus filhos? Que possessões mais *básicas* poderia ter um homem além de sua esposa e de seus filhos? Alguns eruditos, por isso mesmo, salientam que *leis posteriores*, como aquela de Deuteronômio, tornaram-se mais humanas.

"Naqueles tempos, não havia tal coisa como labor livre, no seu sentido moderno. Os escravos e as escravas *eram meras propriedades de seu senhor.* Também não devemos esquecer que esposas e filhos *nascidos livres* também estavam sob a autoridade do dono da casa. Ele podia vender seus próprios filhos a outro israelita, tal como podia vender seus escravos" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Em face disso, os estatutos que tratam das questões relativas às esposas e aos filhos eram leis sobre a *propriedade*, e não leis de direito civil.

Jarchi observou aqui que a *mulher* em pauta teria que ser uma mulher cananéia, pois uma mulher hebréia, tal como um homem hebreu, era posta em liberdade após seis anos de serviço escravo. Esse tipo de casamento não era legal, seja como for. Mas o texto sagrado não diz o que Jarchi comentou. A questão permanece em dúvida. Isso é assim especialmente em face do fato de que o quarto versículo não diz que a mulher dada ao homem era uma *escrava,* embora alguns intérpretes tenham pensado assim. Se o fosse, então o mais provável é que fosse uma mulher estrangeira, a menos, naturalmente, que tivesse sido vendida, o que era perfeitamente possível, segundo já vimos. Vamos imaginar que o pai da mulher a tivesse vendido, e que ela fosse hebréia. Nesse caso, ela ter-se-ia tornado propriedade de outro homem. Então, se ela fosse dada a outro hebreu, também vendido como escravo, teria ele o direito de levá-la consigo, ao obter sua liberdade? Penso que não. E é precisamente o que diz o sétimo versículo.

21.5

O amor poderia prender um homem a uma escrava com quem ele se tivesse casado; o amor também pode prender sentimentalmente um homem a seus filhos. Nesse caso, chegado o tempo de um homem escravo ser posto em liberdade, ele poderia rejeitar a sua libertação a fim de manter unida a sua família. Nesse caso, que sucederia? A brutal provisão da lei mosaica não era que ele poderia negociar sua liberdade, envolvendo na mesma sua mulher e seus filhos. Bem pelo contrário, *todos* eles tornar-se-iam escravos oficiais, para sempre, sem possibilidade de redenção, embora fossem hebreus, a menos que pensemos que então se aplicaria também a eles a lei do sétimo ano, quando, finalmente, seriam libertados!

Este versículo também dá margem ao caso de amizade profunda de um escravo por seu senhor. É comum que os prisioneiros a longo termo se acostumem de tal modo à sua horrenda vida que, mesmo quando podem receber a liberdade, eles a rejeitam. Para eles parece mais fácil permanecer na prisão, uma entidade conhecida, do que, uma vez libertados, procurarem emprego e lutarem por vencer na vida por conta própria. Outro tanto sucedia na escravidão. Embora o trabalho fosse duro, pelo menos havia segurança. Alguns homens pagam um elevado preço por sua segurança pessoal. Por outra parte, um homem pode amar um Senhor benévolo, e assim decidir tornar-se seu escravo permanente. Nesse caso, ao homem era permitido, por lei, fazer um contrato de escravatura permanente, dotado da chancela oficial religiosa e civil.

Dentro da sociedade hebréia, era recomendado aos senhores que tratassem seus escravos hebreus como se fossem servos alugados, ou seja, com maior humanidade e com maior respeito do que se conferia aos escravos estrangeiros. Portanto, havia margem para que se estabelecessem relações de amizade entre *um senhor e um seu escravo, se essas recomendações fossem observadas.* Ver Lev. 25.39,40,46.

21.6

Juízes. Algumas traduções dizem aqui "deuses", e não sem certa razão. A palavra usada no original hebraico é *elohim,* pelo que há uma intenção divina provável nessa referência. Assim, levar alguém aos "deuses" talvez queira dizer levá-lo diante do altar de Deus, no lar, onde o pacto seria firmado.

O altar doméstico em questão seria o altar da família ou do clã. O ato de furar a orelha teria de ser feito contra a ombreira da porta da casa do proprietário, o que nos faz lembrar do sacrifício da páscoa (Êxo. 12.22). Esse rito de furar a orelha seria um ato doméstico, religioso e social, um contrato legal.

Este versículo é a única alusão, no Antigo Testamento, à marcação de escravos. Em outras culturas, os escravos eram marcados como se fossem animais. Na Babilônia, *os escravos tinham seus cabelos cortados de uma maneira peculiar* (código de Hamurabi, 226), e um escravo rebelde tinha uma de suas orelhas decepadas (lei 282).

A ombreira sagrada da porta atuava como se fosse um altar da família, para todos os efeitos práticos. Talvez nos tempos mais remotos, esses ritos fossem efetuados na presença dos deuses da família, onde todos se sentavam em redor de seus altares particulares. Esse vestígio da idolatria talvez tenha persistido, apesar do monoteísmo oficial de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Terafins.*

"Abrir os ouvidos " tornou-se uma expressão que passou a indicar um escravo perpétuo (Sal. 40.6). Esse costume de furar a orelha também se podia achar em outras sociedades. Juvenal mencionou esse costume em conexão com a Síria (*Satry.* 1).

21.7

Os vss. 7-11 alistam os direitos das escravas ou das concubinas (cf. Deu. 15.12,17).

Uma escrava hebréia, vendida à escravatura por seu pai, não tinha o direito de ser solta ao fim de seis anos. Mas isso foi modificado posteriormente (Deu. 15.17). O mais provável é que ela viria a tornar-se uma concubina de algum hebreu, uma esposa secundária. Seu estado social aviltado não encorajaria um *homem livre a casar-se com ela como sua principal esposa. Mas ela poderia* obter sua liberdade sob circunstâncias especiais, conforme ficou especificado nos vss. 8 a 11.

"Por muitas vezes, escravas tornavam-se concubinas ou esposas secundárias (Gên. 16.3; 22.24; 30.3,9; 36.12; Juí. 8.31; 9.18). Alguns israelitas pensavam ser mais vantajoso suas filhas tornarem-se concubinas de vizinhos abastados do que se tornarem esposas de homens da própria classe social delas" (John D. Hannah, *in loc.*). Naturalmente, por muitas vezes havia em tudo isso algum nobre motivo. A jovem simplesmente valia dinheiro, e estava acostumada a ganhá-lo.

"O direito de vender crianças como escravos era tido, nos tempos antigos como algo inerente à *patria potestas,* e era praticado em muitas nações (Heródoto, *Hist.* v.6; Heyne, *Opusc.* vol. iv. pág. 125). As mulheres hebréias podiam reivindicar sua liberdade ao fim de seis anos, se assim o quisessem (Deu. 15.17)" (Ellicott, *in loc.*). Notemos, todavia, que essa norma de Deuteronômio é posterior, olhando para além do que se antecipava no texto presente. A possibilidade de libertação é sugerida no livro de Deuteronômio, embora isso não seja dito abertamente.

21.8

Um senhor de escravos hebreu podia acolher uma escrava em seu harém. Mais tarde, *poderia resolver que fizera um erro, ou, então, que simplesmente se cansara dela.* Nesses casos, ela tinha alguns direitos. Ela poderia ser remida por um membro de sua família, e assim reverter, mediante dinheiro, a sua condição de escrava. O Targum de Jonathan supunha que o pai de uma escrava é quem deveria redimi-la, por ter sido ele quem a vendera; mas o texto sacro não faz essa restrição. Talvez qualquer homem hebreu, resolvendo que queria vê-la livre, ou como sua concubina, quisesse comprar a liberdade

dela. Mas uma escrava hebréia não podia ser revendida a estrangeiros. Sua cidadania hebréia não permitia tal ultraje. Já fora ultrajada o suficiente. Em primeiro lugar, seu próprio pai a tinha vendido! Depois o seu senhor, tendo-a tomado como sua concubina, acabara rejeitando-a! Agora, ela tinha alguns direitos. E um deles era que não podia ser revendida a um senhor estrangeiro. Por outro lado, o versículo não proíbe que uma escrava assim fosse revendida a outro hebreu, o que significa que a miséria dela podia tornar-se algo perpétuo. Sempre que ocorre a *escravidão* não há muito que se possa fazer para corrigir a situação, tornando-a moralmente aceitável, sem importar quão "humanas" sejam as leis regulamentadoras. A escravatura, por si mesma, é ultrajante.

Pode-se presumir que uma escrava podia ser redimida por um parente próximo (Lev. 25.47-54); mas a passagem não limita as possibilidades a isso. Na Babilônia, a concubina de um homem casado podia ser vendida mesmo depois que lhe tivesse dado filhos (código de Hamurabi, 119).

Deslealdade para com ela. Ele, como marido dela, terminou por não oficializar o casamento secundário; estava apenas satisfazendo seu apetite sexual, e, então, se cansara dela, sem nenhuma razão provocada por ela. E assim, não tinha cumprido as esperanças do pai da jovem no tocante a ela.

21.9

Trata-la-á como se tratam as filhas. Teria de haver direitos iguais. Uma escrava hebréia podia ter a boa sorte de obter direitos iguais às de outras mulheres hebréias, se chegasse a casar-se com um dos filhos de seu senhor. Nesse caso, seu senhor tinha que tratá-la como se fazia com as filhas hebréias. Nesse caso, ela se tornaria uma mulher livre. Casar-se com "o filho do senhor" deve ter sido um desejo arraigado das escravas hebréias, embora um alvo conseguido por bem poucas delas! A maioria delas acabava seguindo algum outro curso lamentável. Mas aquelas que obtivessem essa boa sorte tornavam-se esposas primárias, e não concubinas, a menos, naturalmente, que o filho em foco quisesse tomar uma escrava como sua concubina. As provisões básicas para uma esposa eram: alimento, vestuário e os direitos normais do casamento, inclusive o sexual. Esses *três* direitos precisavam ser observados (vs. 11; cf. I Cor. 7.3, onde Paulo fala sobre "o que lhe é devido").

21.10

Se o filho do senhor de uma escrava se casasse com esta, mas mais tarde tomasse outra esposa, os direitos da escrava não poderiam ser diminuídos. Tão-somente ela se tornaria parte de um casamento plural, e tudo continuaria como era usual. Embora tivesse sido uma escrava, não podia ser lançada fora. Naturalmente, em tempos de divórcio (prática essa iniciada bem cedo na história dos hebreus) ela ou qualquer outra mulher podia ser rejeitada; mas havia leis que regulamentavam isso.

21.11

Os intérpretes não concordam exatamente com as *três coisas* que estão em vista aqui. O vs. 11 talvez esteja reiterando os três deveres dos maridos, aludidos no vs. 10, a saber, alimentos, vestuário e os direitos maritais. *Ou, então,* as três coisas em pauta eram as maneiras por que um dono de casa podia dispor de uma escrava que tivesse comprado, pondo assim fim à servidão dela: (a) Ele podia tomá-la como concubina; (b) ele podia permitir que outro hebreu a tomasse como concubina, mediante pagamento de dinheiro; e (c) ele podia dá-la como esposa a um filho seu. Se ele não fizesse qualquer dessas três coisas, então ela ficava automaticamente emancipada, sem que houvesse qualquer transação financeira.

Se aquelas três possibilidades é que estão em pauta, então presume-se que o homem que deixasse de tratar uma sua escrava como esposa ou concubina, por não lhe haver provido as três provisões básicas (alimento, vestuário e direitos maritais), só por isso a emancipava, e ela não precisava ser comprada (ou redimida) por outrem. Bons intérpretes assumiam uma ou outra dessas interpretações. Mas em favor da idéia que estão em foco os privilégios do casamento, pode-se observar que a outra interpretação requer virtualmente que a mulher fosse emancipada, de uma forma ou de outra, ou sendo absorvida na casa mediante casamento, ou por libertação, *no caso* do casamento não ocorrer. Mas isso parece laborar contra o sétimo versículo, a menos que aquele versículo queira dizer: "ela será certamente libertada, de uma forma ou de outra, mas não à maneira de escravos masculinos".

Leis acerca da Violência (21.12-36)

No tocante a esta seção, ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Homicídio* e *Punição Capital.* Os vss. 12-17 tratam dos crimes capitais; e os vs. 18 ss. abordam os crimes não-capitais. Estão envolvidos animais, e não somente pessoas. Do começo ao fim encontramos paralelos ao código de Hamurabi, o que pode indicar algum *empréstimo* em uma direção ou em outra. Faz-se a distinção entre atos intencionais e não-intencionais, conforme se vê em quase todos os códigos legais. A justiça era ágil, mas a fim de prevenir o ridículo, era garantido o direito de asilo, até que as questões pudessem ser devidamente julgadas. Cf. Núm. 35.12; Deu. 4.41-43; 19.1-13; Jos. 20. O asilo mais antigo era o altar. E também havia cidades de refúgio (não consideradas nesta seção). Ver no *Dicionário* o artigo *Cidades de Refúgio.* Os vss. 22-25 fornecem-nos uma detalhada descrição sobre a *lex taiionis*, ou seja, a punição de acordo estrito com o crime cometido. Ver no *Dicionário* o artigo *Lex Taiionis.* A punição de acordo com o crime tinha a vantagem de não permitir castigos excessivos. Esta seção também inclui a proteção à propriedade privada.

Quatro Crimes que Requeriam Punição Capital:

1. Homicídio premeditado, vss. 12,14; ver o sexto mandamento, Êxo. 20.13; Gên. 9.6.
2. Violência física contra os pais, Êxo. 21.15.
3. Seqüestro, vs. 16; Deu. 24.7.
4. Abuso verbal contra os próprios pais, Êxo. 21.17. Ver Êxo. 20.12, onde isso aparece como o quinto mandamento. Tal desrespeito era considerado como se fosse homicídio.

21.12

Quem matasse outrem propositadamente deveria ser morto. Ver no *Dicionário* os verbetes *Punição Capital* e *Homicídio.* Essa era a lei fundamental; mas também havia outros atos criminosos que requeriam execução capital, conforme vimos nas notas introdutórias. Era uma aplicação da *lei de Talião* (ver no *Dicionário* o artigo *Lex Talionis).* Matar a outra pessoa era proibido pelo sexto mandamento (Êxo. 20.13). Provi um poema ilustrativo sobre o homicídio, tanto o real quanto o moral, nas notas sobre Êxo. 20.13. O código de Hamurabi (206) também requeria execução capital nesses casos.

Nos primeiros tempos, a execução era reputada uma espécie de oferta pacífica feita à alma da pessoa assassinada. Pode ou não haver nisso alguma verdade. Hodiernamente, a punição capital é combatida por muitos com base no argumento de que ela não *coíbe* o crime. Mas certos crimes clamam por *justiça*, e não somente por alguma medida preventiva. Joseph Smith estava com a razão ao dizer que certos crimes só são expiados pela execução capital. Além disso, há a questão do que é bom para a alma. Uma alma pode saldar certas grandes dívidas se pagar por seus crimes mediante a execução capital. Sob julgamento, a alma sofre uma certa taxa de sofrimento. E isso pode ser aliviado por meio de algum pagamento pessoal de dívidas incorridas por motivo de pecados ou mesmo de crimes. Ilustrei esses princípios no artigo intitulado *Punição Capital.*

Modo de Execução Capital. Usualmente, essa ocorria por meio de *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*); mas também havia a execução na *fogueira* (Lev. 20.14; 21.9). Há evidências em favor da idéia de que pessoas executadas por apedrejamento eram então queimadas na fogueira. Nos tempos mais antigos, a execução era efetuada pelos parentes da pessoa assassinada. Esses parentes eram conhecidos como "vingadores do sangue". Uma cidade onde ocorria um assassínio precisava purificar-se mediante a execução do culpado (Êxo. 20.5). A punição tem um aspecto remediai, mas isso pode dizer respeito à alma, e não apenas à pessoa física. Ver Gên. 9.6 quanto a uma lei antiqüíssima. No entanto, Caim, o primeiro homicida, foi condenado a uma pena perpétua, e não à execução capital. E assim Caim passou seus dias na maior miséria, pelo crime que cometera. (Gên. 4.13). A legislação original (Gên. 9.6) dá-nos uma razão divina para a punição capital. O homem, criado como foi à imagem de Deus, quando é assassinado, representa um tremendo *ultraje.* E esse ultraje precisa ser punido mediante um ato radical. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vingador do Sangue.*

21.13

Este versículo descreve um homicídio não-intencional, aqui atribuído como um *ato de Deus,* conforme se diz até hoje. O sentimento geral é que a morte de um ser humano não pode ocorrer por acaso; e assim, quando alguém mata a outrem acidentalmente, a vontade de Deus, ainda que tal admissão seja desagradável, é considerada como uma força atuante. Talvez a pessoa morta fosse culpada de algum pecado grave. Quanto ao homicida não-intencional, era provido algum lugar de asilo. A princípio era o *altar,* e, mais tarde, houve as *cidades de refúgio* (ver a respeito no *Dicionário*). Um homicida não podia ser atacado se estivesse em uma cidade de refúgio. Era mister que se esperasse pelo julgamento (Núm. 35.22-25). Ali ele estava a salvo do vingador de sangue, ou seja, membros da família do morto, os quais, de acordo com a lei e com os costumes da época, estavam na obrigação de se vingarem. É possível que, originalmente,

qualquer altar servisse de lugar de refúgio; depois, apenas certos altares exerceriam tal função. O código de Hamurabi protegia o homicida não-intencional (leis 206 e 207), mas sem o mecanismo dos lugares de refúgio, provavelmente porque os vingadores de sangue não faziam parte do sistema de punição. Ver Deu. 4.41 ss. e 19.1 ss. quanto a como os lugares de refúgio posteriormente foram limitados a seis cidades em todo o território de Israel. Conflitos entre famílias ou indivíduos causavam muitos linchamentos. Mas na sociedade babilônica, tinha-se descontinuado a prática dos conflitos de família. Ver no *Dicionário* o artigo *Vingador de Sangue*.

Em certos lugares do mundo essas pendências de sangue entre famílias continuam até hoje, não oficialmente mas como um costume arraigado. É o caso do nordeste brasileiro, onde as vinganças e contravinganças prosseguem, às vezes, por várias gerações, causando um sem-número de assassinatos.

21.14

Um assassino intencional, em seu desespero para evitar o castigo, podia correr até um altar, a exemplo do homicida não-intencional. Mas as testemunhas competentes podiam ir até o altar, onde o executariam. Ver as notas sobre o vs. 13 quanto ao altar como um asilo e, mais tarde, quanto às cidades de refúgio. Os anciãos da comunidade determinavam a culpa (Deu. 21.1-9; I Reis 21.8 ss.; Núm. 35.22-25). Se no julgamento fosse averiguado que o réu era um homicida não-intencional, é possível que ele tivesse de pagar uma multa, uma espécie de compensação pelo dano feito, embora não perdesse a vida. Ver o vs. 30, que se aplica a uma situação diferente, embora, por analogia, se aplicasse ao caso presente.

Em outras sociedades, o indivíduo que se tivesse refugiado em um lugar sagrado, podia escapar de vez, embora culpado, porquanto havia um certo escrúpulo em executar tal homem. (Ver Heródoto, *Hist.* v. 71,72; Tucídides i.126; Plutarco, *Vit. Sol.* par. 12). Na sociedade hebréia, porém, não havia tal escrúpulo.

21.15

Aquele que cometesse o ultraje de espancar um de seus pais (ou de amaldiçoá-lo, vs. 17), era executado (ver no *Dicionário*). Ver também a introdução ao vs. 12 quanto aos quatro crimes sujeitos à execução capital. Temos a tendência de dar pouco valor a palavras que não resultam em ações. Mas a mentalidade dos hebreus sobre o assunto era muito severa quando palavras pesadas eram dirigidas por alguém a um de seus progenitores. Jesus ensinou quão importante é que usemos de linguagem correta, em Mateus 5.22 e seu contexto. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

21.16

Quem raptar a alguém. Na antiguidade, o crime aqui destacado era aquele atualmente conhecido como *seqüestro.* Mas naquele tempo fazia-se isso, no mais das vezes, não para cobrar uma importância dos parentes da vítima, em troca de sua libertação, e, sim, a fim de vendê-la como escrava. Contudo, também seqüestrava-se com vistas ao recebimento de um resgate. O código de Hamurabi (14), também reputava o rapto ou seqüestro como um crime capital, em que o culpado pagava com a perda da própria vida. O trecho de Deuteronômio 24.7 diz especificamente que o rapto de um hebreu geralmente se dava com a finalidade de vendê-lo como escravo. Ver no *Dicionário* o artigo *Escravo, Escravidão.* Até onde ia a lei, esse tipo de escravidão não era permitido. O trecho de Êxodo 21.2-11 regulamenta a escravidão entre os hebreus, quando um hebreu se tornava escravo de outro hebreu. Mas quando alguém tornava-se um *negociante* de escravos, se fosse apanhado, era executado. O texto sagrado não diz especificamente tal coisa, mas quase sempre essa atividade envolvia venda de hebreus como escravos a estrangeiros, ou em mercados estrangeiros. Assim ocorria porque um hebreu denunciaria a seu explorador, se permanecesse em território de Israel.

O seqüestro é um crime contra a pessoa, e, quanto à sua gravidade, anda bem perto do crime de homicídio, por privar a vítima de seu bem mais precioso na vida, a *liberdade.* Além disso, causa angústia entre os parentes da vítima. Trata-se de um dos mais esmagadores dos infortúnios, causando muitos males psicológicos à vítima e a toda a sua família. Josefo narrou quão fácil era um homem livre ser seqüestrado e vendido como escravo. Guerras sangrentas também eram efetuadas para efeito de seqüestrar pessoas para serem vendidas como escravas. Uma alta porcentagem de escravos era obtida por ocasião de guerras ou ataques súbitos, efetuados especificamente com *esse* propósito. Quão atrozes são os crimes dos homens contra os seus semelhantes!

21.17

Quem amaldiçoar. Aos filhos compete obedecer e temer a seus pais. Ver Deu. 21.18-21. Na antiga sociedade babilônica, o crime de ferir um dos progenitores era punido decepando-se uma das mãos do ofensor. Maomé tomou essa lei e transformou-a em castigo contra o roubo. Ver o código de Hamurabi (195).

Os pais eram vistos como representantes de Deus na casa. Injuriar verbal ou fisicamente a um progenitor era tido como uma ofensa contra a pessoa de Deus. Honrar aos pais era a essência do *quinto mandamento.* Ver a exposição sobre Êxo. 20.12. Portanto, os abusos verbais ou físicos estavam diretamente envolvidos na quebra de um dos dez mais importantes conceitos morais. O quinto mandamento da lei mosaica envolvia uma promessa especial feita aos obedientes. Uma vida longa e feliz era prometida aos filhos obedientes. A execução dos culpados desse crime usualmente era por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o artigo *Apedrejamento.*

A Seriedade das Maldições. Devemo-nos lembrar que os antigos hebreus acreditavam que as maldições envolvem poderes especiais. Assim, a maldição lançada por um filho podia prejudicar grandemente a seus pais, de acordo com essa crença. Assim, uma maldição era uma injúria física em potencial, de acordo com a antiga mentalidade dos hebreus. Isso explica a razão da severidade do castigo contra esse tipo de pecado.

Crimes Não-capitais (21.18-32)

Ver a introdução a esta seção, incluída nos comentários anteriores ao vs. 12 deste capítulo.

21.18,19

Se dois brigarem. Os homens brigam em favor daquilo que é certo ou para se divertirem. Um dos esportes que mais paga a seus atletas é o boxe. Na verdade, há uma certa arte no boxe, a despeito de sua extrema violência. Também é verdade que os homens entram em luta por causa de qualquer tipo de disputa, como em torno de dinheiro, de mulheres, de propriedades ou de ofensas sofridas. Sem importar a causa, os homens *sempre brigarão.* Logo, a legislação mosaica precisou regulamentar tais conflitos. Em meio a uma briga, um homem pode entusiasmar-se em demasia, e tentará matar seu adversário. Este versículo ignora essa possibilidade e supõe que toda briga envolve culpa por parte de ambos os lados. Por outra parte, não podemos ficar indiferentes diante das brigas, pelo que temos que impor alguma forma de *penalidade.* Onde há alguma penalidade, diminui a incidência de casos daquilo sobre o que incide a penalidade.

Se, em uma briga, um dos contendores tiver de guardar o leito, então a questão já se tornou séria. Se um dos contendores recolhe-se ao leito por pouco tempo, e, então, se levanta, aparentemente sem maus efeitos decorrentes da experiência, então a vida continuaria como é usual. Mas se um dos contendores tiver de recolher-se ao leito e ser tratado por médicos, então alguma *compensação* teria de ser paga. A antiga sociedade dos hebreus era um tanto avessa aos médicos, pelo que o tratamento necessário era efetuado pelos membros da família ou por vizinhos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Medicina (Médicos).* O ofensor tinha então que pagar alguma espécie de multa, ao adversário ferido, pelo tempo perdido, como também para cobrir qualquer despesa de tratamento.

21.20,21

E o ferido morrer. Nesses dois versículos, é tratado o caso da morte provocada contra um escravo. O *sexto mandamento,* contra o homicídio, requeria a pena de morte contra o culpado. Mas havia exceções. Uma delas era a morte de um escravo. Ver as notas em Êxo. 20.13 quanto ao sexto mandamento e acerca dessa exceção.

A matança de um escravo produziu fatores opostos que se entrechocavam. Por um lado, a morte de um escravo exigia punição capital, de acordo com as demandas do sexto mandamento, por ser ele um *homem.* Por outro lado, um escravo era uma *propriedade,* e os direitos de propriedade pareciam proteger o homicida, que, ao mesmo tempo, era o *proprietário* do escravo. Como poderia ser resolvida a questão? O homicida precisava ser punido; mas essa punição era abrandada para assumir a forma de uma *multa,* em vez de punição capital. Mas se um escravo ferido conseguisse sobreviver por dois ou três dias ao espancamento sofrido, mesmo que viesse a morrer, seu senhor já teria sido castigado, mediante a *perda* de sua propriedade. E essa perda equivalia à multa proposta. Portanto, vemos que, em Israel, a morte provocada de um escravo não era considerada uma questão séria. E podemos pensar assim até mesmo em relação à matança de um escravo hebreu.

Se um escravo fosse ferido por seu proprietário, mas então se recuperasse, *nenhuma pena* era imposta ao proprietário. Na verdade, não se dava grande valor ao ser humano, antes da lei mosaica. Minhas fontes informativas não me dão qualquer informação sobre essa questão dentro do código de Hamurabi, embora houvesse uma lei acerca dos escravos, o que é mencionado nas notas sobre os vss. 26 e 27 deste capítulo.

21.22

E ferirem mulher grávida. Está aqui em pauta uma briga entre homens que resultasse no ferimento de uma mulher grávida. Supostamente, tal mulher tentara separar os contendores. Um caso como esse mereceu atenção especial dentro da legislação mosaica. Cf. Deu. 25.11. Mas se a mulher interferisse a fim de defender seu marido, e agarrasse o adversário por seus órgãos sexuais (presumivelmente inflingindo-lhe um ferimento sério), então o castigo dela seria que uma de suas mãos seria decepada! Irmãos e irmãs, a lei mosaica era muito séria. Era mister que houvesse a intervenção da graça divina, em algum ponto!

E se o homem que lutava contra um marido chegasse a ferir uma mulher grávida, provocando um aborto, então o culpado teria que pagar uma multa, de acordo com um valor imposto pelo marido. No entanto, os juízes teriam que aprovar a quantia estipulada pelo marido. Se o vs. 23 prossegue a fim de mostrar maus resultados que seguiriam a isso, então parece que se tal mulher fosse morta em meio à briga, o culpado teria que ser executado. Mas alguns eruditos pensam que o vs. 23 deve ser ligado ao que vem em seguida, e não com este versículo, e daí pensam que visto que o homem matou acidental e/ou não-intencionalmente a mulher, tal homem não deveria ser executado. Nesse caso, as leis do homicídio involuntário (vs. 13), entravam em efeito. Talvez, se a mulher também viesse a morrer, então deveria ser imposta uma *multa mais pesada*, a fim de corrigir toda a situação. Na verdade, porém, os intérpretes judeus não chegaram nunca a um acordo quanto a esse ponto.

21.23-25

A Lei de Talião. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lex Talionis.* Temos aqui a declaração clássica da retaliação olho por olho, dente por dente. Nesse caso, a punição era de acordo com a natureza do crime cometido, de maneira a mais literal possível. Ver também Lev. 24.19,20 e Deu. 19.21 quanto a notas expositivas sobre essa lei. Tal lei provia uma retaliação em proporções exatas, evitando-se assim os exageros.

O termo "dano" (vs. 23), talvez aluda de volta ao vs. 22: um homem, em briga com outro homem, viria a ferir a mulher grávida deste, que viera em seu socorro. Se o ferimento não provocasse somente aborto, mas também a morte da mulher, então a lei determinava "vida por vida", a primeira declaração geral da *lex talionis.* E o culpado era executado. Nesse caso, a palavra "dano" aponta para a morte da mulher. Embora o culpado tivesse matado a mulher sem intenção de fazê-lo, visto ter a mulher grávida e seu filho ainda não-nascido, o caso se agravava tanto que passava a ser considerado como assassinato intencional.

Mas há estudiosos que pensam que o vs. 23 dá início a uma nova seção. Nesse caso, não há qualquer vinculação com o vs. 22. E, assim sendo, "vida por vida" passa a aludir à idéia de homicídio não-intencional, já discutido nas notas sobre o vs. 12, idéia que seria aqui considerada de maneira geral. Por conseguinte, a *lex talionis* começaria por crimes que merecessem punição capital.

Bons intérpretes têm visto a questão por um ângulo ou por outro. Mas mesmo que o vs. 22 esteja em pauta, a expressão "vida por vida" deve ser entendida como uma declaração geral de que o homicídio intencional precisava ser punido com a execução do culpado.

Alguns estudiosos cristãos pensam que o aborto é um *homicídio,* pois pensam que o texto presente indica que o aborto envolvia a punição capital do culpado. Mas isso dificilmente concorda como vs. 22. Se a mulher não fosse ferida, então o simples aborto (nesse caso, provocado), era punível mediante mera multa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Aborto.* O aborto provocado será sempre considerado um crime sério. Mas se tem de ser classificado ou não como uma homicídio envolve uma complicação difícil de resolver.

A *lex talionis* é mais antiga que a legislação mosaica, e vestígios dessa antiga lei podem ser encontrados em muitas culturas e em muitos antigos códigos legais.

Olho por olho. . . A *lex talionis* requeria uma *retaliação exata.* A vantagem dessa lei é que ela evitava exageros na aplicação da punição. Neste versículo são enfocadas porções específicas do corpo humano: olho, dente, mão, pé. Se alguém prejudicasse um dente de outrem, seu dente seria prejudicado; se prejudicasse um pé, seu pé sofreria dano idêntico.

Mas também devemos ver neste versículo um uso metafórico. Os crimes precisam ser punidos com *precisão,* e não de forma leniente e nem exagerada. Tais castigos poderiam nada ter a ver com membros literais do corpo humano. Este versículo condena a leniência geral que caracteriza nosso moderno sistema judicial. Os vss. 26 e 27 voltam à questão dos escravos; e nesse caso, não havia aplicação da *lex talionis,* porque os escravos eram considerados propriedades, pelo que a lei era mais branda em seus castigos nos casos de ferimentos produzidos contra escravos. Os escravos não eram tratados como iguais e nem possuíam direitos iguais às pessoas livres. Mas entre seres humanos livres, a lei tinha aplicação estrita.

A *lex talionis* produziu a mutilação generalizada de muitas pessoas, porquanto impunha a aplicação da punição em proporções exatas aos danos causados em alguém. Por essa e outras razões, posteriormente buscaram-se alternativas para a *lex talionis.* E, então, a leniência na aplicação das penas veio a tornar-se a regra geral. Essa leniência, por sua vez, pode tornar-se tão acentuada que o criminoso nem mais chega a sentir o peso do castigo. De fato, em alguns países, como em nosso Brasil, chega-se a pensar que os direitos humanos, evocados em defesa dos culpados, esquece totalmente as vítimas dos criminosos. Agora, espera-se que o pêndulo da justiça comece a pender de novo, paulatinamente, na direção contrária, e que os direitos das vítimas passem a ser melhor reconhecidos.

Jarchi e outros intérpretes judeus informam-nos que, quando a pena imposta era a perda de um olho, tal pena começou a ser substituída por uma multa correspondente ao *preço de um olho.*

A lei era regulamentada pelos anciãos que atuavam como juízes. Não era permitida a retaliação individual, da parte de pessoas particulares. Fica entendido, embora não seja dito francamente, que tais injúrias tinham sido infligidas *a propósito.* Não obstante, é perfeitamente possível que até mesmo danos infligidos acidentalmente eram cobertos pela *lex talionis.* Essa lei, embora aparentemente uma boa medida para assegurar a justiça, na prática permitia muitos abusos e absurdos. Como um *princípio,* entretanto, nos ministra uma lição necessária.

Queimadura. . . ferimento. . . golpe. Qualquer tipo de dano que um homem possa provocar em outro, deveria ser castigado com um dano similar. Os Targuns dos judeus de novo pensam que a interpretação deve ser metafórica. Ou seja, uma *justa* retaliação deveria ser aplicada por meio de multas, como "o preço de uma queimadura" (Targum de Jonathan), ou coisa parecida. As Doze Tábuas da primitiva legislação romana continham itens assim. Favorino objetava à aplicação literal da retaliação. Como se poderia fazer um ferimento em alguém que correspondesse, exatamente, ao ferimento que se fizera contra alguém? (Apud. Gell. *Noct. Attic.* 1.20 c. 1). Na primitiva sociedade romana, os castigos eram negociados. Quando não se podia chegar a um acordo, então era aplicada a literalidade. Josefo falou em dinheiro pago pelo ferimento feito em um olho (*Antiq.* 1.4 c. 33,35).

21.26,27

A Lex Talionis não se aplicava aos humildes escravos, hebreus ou não. Se um homem fosse propriedade de outrem, havia para ele alguma proteção. Se um homem maltratasse um seu escravo, corria o perigo de perdê-lo, pelo que sofreria uma perda *financeira* porque também teria que comprar outro escravo. Danos sérios sofridos por um escravo podiam resultar em sua libertação. Provavelmente, muitos escravos anelavam por ser feridos gravemente, para que pudessem ser libertados. Os Targuns diziam que os membros principais do corpo são vinte e quatro, e aplicavam a lei que temos à nossa frente a esses membros principais. Esses membros incluíam os dedos e os artelhos.

Na Babilônia, se uma *terceira* pessoa ferisse o escravo de outro homem, tinha que pagar uma multa ao proprietário, mas o próprio escravo não recebia qualquer compensação (código de Hamurabi, 199).

"Se essa lei não ensinava humanidade aos proprietários de escravos, pelo menos ensinava-lhes a cautela, pois um golpe inesperado podia privá-los dos futuros serviços de seus escravos, pelo que o *auto-interesse* forçava-os a usarem de cuidado no manuseio dos escravos" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.28,29

Se algum boi chifrar. Os animais podem ser perigosos aos seres humanos, mesmo quando domesticados. O proprietário de gado era responsável pelos danos físicos causados por seus animais. O *boi* é aqui usado como ilustração, mas devemos entender qualquer outro animal. Também no código de Hamurabi (250-252) o boi é usado como ilustração. Mas se um animal não tivesse nunca atacado um ser humano, seu proprietário não precisaria pagar uma multa em caso de dano físico contra alguém. Tão-somente o proprietário era acusado de *negligência.* E mesmo que não fosse acusado de negligência, ainda assim sofria a perda do animal, o qual teria de ser *apedrejado.* Essa maneira de abater o animal não permitia que seu sangue fosse devidamente drenado, pelo que não podia ser usado na alimentação dos israelitas. Se seu dono se tivesse mostrado negligente, então teria perdido o animal e enfrentado a pena de morte. Mas este último aspecto podia ser negociado mediante o pagamento de uma pesada multa, paga ao parente mais próximo (vs. 30). De acordo com as leis gregas e romanas, um boi perigoso era identificado amarrando-se feno em seus chifres, para que, ao vê-lo, as pessoas se mantivessem distantes dele (Plutarco, em *Crasso;* Horácio, *Sermão* 1, Satry. 4). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sangue,* que inclui a proibição do uso de sangue como alimento.

21.30

A punição capital podia ser evitada mediante negociação com os parentes da vítima. Eles decidiriam qual a quantia da multa. Essa quantia era usada como

resgate pela vida da vítima. Podemos supor que essa multa era pesada, visto que o homem teria de enfrentar o sentimento de vingança de uma família irada. Talvez a provisão do vs. 22 tivesse aplicação aqui. *Juízes* arbitrariam o caso, se as partes envolvidas não chegassem a um acordo decente. Vários escritores judeus disseram que os juízes mediavam a questão toda, o que provavelmente reflete a prática resultante de abusos. Os *herdeiros* da pessoa morta recebiam o dinheiro. Se uma mulher tivesse sido a vítima, então o dinheiro ficava com a família do pai dela. Se um homem fosse morto, o dinheiro ficava com sua família imediata.

21.31

Pode-se fazer a distinção entre quanto custaria pagar o resgate se um filho ou uma filha fossem mortos. Uma filha poderia custar um pouco menos, por mais ridículo que isso nos possa parecer. Seja como for, pessoas *menores de idade* eram incluídas nessa lei. O Targum de Jonathan fazia essa lei aplicar-se somente a crianças hebréias, mas parece que originalmente a sua aplicação era universal, aplicando-se também a filhos de estrangeiros que vivessem em Israel.

21.32

Se o boi chifrar um escravo, e este viesse a morrer, então o animal era apedrejado e não se podia consumir sua carne (como no vs. 29). Mas o proprietário do animal, negligente ou não (conforme é explicado no vs. 29), não podia ser executado. Simplesmente precisava pagar o preço de um escravo, trinta moedas de prata. Esse era o preço de mercado por um escravo. Desse modo, o senhor do escravo morto poderia obter outro escravo, e ninguém haveria de chorar muito porque um escravo havia sido morto. O código de Hamurabi incluía a mesma provisão. Contudo, o escravo tinha algum valor como pessoa, pois, de outra sorte, o boi não teria que ser apedrejado. Mas isso não servia de grande consolo.

Traído por Judas, o Senhor Jesus Cristo foi vendido por trinta moedas de prata (Mat. 26.15; sobre isso comentei longamente no *Novo Testamento Interpretado, in loc.*). Não há como calcular quanto valeriam essas moedas de prata em termos modernos. Nos tempos do Novo Testamento, poderíamos calcular o preço envolvido, que poderia ser ganho por um trabalhador comum (o salário mínimo), em cento e vinte dias de trabalho. Em outras palavras, um homem que ganhasse um salário modesto poderia ter de trabalhar por cento e vinte dias a fim de adquirir tal importância. Mas é impossível calcular quanto valeriam, nos dias do Antigo Testamento, aquelas trinta moedas de prata.

Seja como for, a questão concernente a Jesus nos ministra uma lição espiritual. Jesus pagou um preço incalculável para poder libertar eternamente os pecadores; e até escravos foram igualmente postos em liberdade na cruz do Calvário.

21.33,34

Um Outro Tipo de Negligência (ver o vs. 29) consistia em cavar uma cova que se tornaria um perigo para pessoas e animais que por ali passassem. A *cova* em foco poderia ser uma cisterna ou um poço, algo tão necessário que, sem dúvida, covas abertas eram algo freqüente em qualquer redondeza. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Cisterna* e *Poço*. A lei original era que o escavador negligente teria de substituir o animal perdido. Posteriormente, uma multa passou a ser paga, correspondente ao valor do animal. A carcaça do animal passava a pertencer ao homem negligente. É provável que, na antiguidade, o animal podia ser consumido como alimento, o que reduzia a perda. Depois, entretanto, quando foi proibida a ingestão de sangue, tal animal não podia ser comido, porque seu sangue não fora devidamente drenado. Ver Deuteronômio 14.21 quanto ao fato provável que estrangeiros ou forasteiros na Terra Prometida não precisavam sujeitar-se a tais regras. O vs. 34 quase por certo projeta a idéia de que o animal podia ser comido, pois, de outra sorte, que vantagem haveria para a pessoa negligente ficar com a carcaça do animal? *Talvez* devamos entender que a necessidade de sepultar o animal morto (uma carga adicional) recaía sobre o culpado. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Sangue,* que inclui proibições do uso do sangue como alimento. Ver essa proibição em Gên. 9.4; Lev. 3.8 e 7.26.

Alguns eruditos pensam que a carcaça ficava com o proprietário, e não com o ofensor. Nesse caso, poderíamos somente pensar que sua carne era usada na alimentação. Mas outros estudiosos têm sugerido que o *couro* do animal podia ser usado, embora não a carne do mesmo. Isso reconciliaria a passagem com as referências onde a ingestão de sangue é proibida.

O animal morto será seu. Essas leis refletiam uma cultura agrícola, e também de criadores de gado. Nessas sociedades, animais domésticos eram os principais itens de propriedade. Outras perdas de propriedade ou abusos contra a propriedade tinham que ser compensados por atos *análogos*, visto que não havia leis específicas. Assim, o *decálogo original* (os Dez Mandamentos) foi submetido a um incrível desdobramento de leis e preceitos, alguns análogos e outros novos. Quanto a isso, ver a introdução ao capítulo dezenove do livro de Êxodo.

21.35

Temos aqui a *matança não-negligente* de um animal, por parte de outro animal. O animal matador, porém, não tinha história de violência contra outros animais. Nesse caso, seria mister fazer uma divisão cuidadosa dos prejuízos. O animal que matara o outro deveria ser vendido; e o dinheiro apurado deveria ser dividido em partes iguais. E o animal morto também deveria ser dividido, para servir como alimento, ou para que seu couro fosse vendido e o dinheiro apurado fosse dado aos dois proprietários envolvidos, em partes iguais (ver os comentários sobre os vss. 33,34). Desse modo os dois proprietários compartilhavam igualmente do prejuízo. Essa lei, naturalmente, tinha variantes. Se o boi morto tivesse maior preço que o boi matador, quando o boi morto fosse vendido, então o dono do boi matador teria que pagar a diferença de valor ao outro homem. Desse modo, a *justiça* era servida mediante uma sábia (e não literal) interpretação da lei.

21.36

Encontramos aqui o caso da *matança negligente* de um animal por parte de outro. O animal matador já tinha uma história de violência contra outros animais, mas seu proprietário nada fizera. Nesse caso, o proprietário do animal mal-humorado simplesmente tinha que pagar o preço total do animal morto, e a carcaça do animal morto também ficava com o proprietário que tinha sofrido o prejuízo. E o animal morto podia servir como alimento ou seu couro podia ser usado conforme se vê nas notas sobre os vss. 33 e 34.

Capítulo Vinte e Dois

Leis acerca da Propriedade (22.1-15)

Ver a introdução geral ao capítulo dezenove do Êxodo, que também tem aplicação aqui. O *decálogo* (os Dez Mandamentos) era a base do sistema judicial dos hebreus. Mediante aplicação, analogia e *multiplicação,* acabou surgindo todo um complexo sistema judicial ao qual conhecemos como legislação mosaica.

A seção que ora ventilamos (Êxo. 22.1-15) começa com as leis referentes ao furto. Esse ato pecaminoso é tratado de modo breve (vss. 1-4), sendo especificados somente três variedades: (1) Invasão de domicílio; (2) furto sem conversão em dinheiro; (3) furto com conversão em outros valores. Os princípios de devolução variavam desde o dobro até cinco vezes mais, dependendo do que era furtado e das circunstâncias do ato. Podia-se resistir à força a um invasor de domicílio, ou mesmo morto (à noite), sem que isso importasse em culpa, embora não durante o dia. No caso de resistência à noite havia um caso de homicídio justificável, uma exceção ao sexto mandamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Homicídio,* bem como notas sobre o sexto mandamento, em Êxo. 20.13. Um ladrão que fosse pobre demais e não pudesse fazer restituição era simplesmente vendido como escravo.

Essas leis eram rigorosas, e seu intuito era coibir o furto. O código de Hamurabi era mais severo ainda, conforme vemos nos meus comentários mais abaixo.

Portanto, a legislação mosaica defendia vigorosamente *o direito à propriedade.*

22.1

Se alguém furtar. Temos aqui um caso de furto complicado. Em outras palavras, um homem furtava não por ser pobre, mas com o propósito de comer ou vender o animal. Havia algo de especialmente desagradável quando um homem matava um animal que tivesse furtado, e, pior ainda, quando o vendia. Se um homem se tornasse culpado de tal coisa, teria que devolver ao dono cinco bois por um boi furtado, e quatro ovelhas por uma ovelha furtada. Cf. II Sam. 12.4. Nessa passagem a Septuaginta fala em *sete* animais devolvidos para cada animal furtado. O código de Hamurabi era ainda mais exigente. A taxa de restituição podia subir até trinta animais para cada animal furtado, e nunca era menor do que dez animais para cada animal furtado!

No extremo oeste norte-americano, os ladrões de cavalos eram executados, o que significa que ali a lei ainda era mais dura que o código de Hamurabi. Os cavalos eram o bem supremo. Outros animais eram menos valorizados.

A pesada compensação tinha por intuito deter o furto. Não é fácil impedir a ação de um ladrão astucioso, porquanto exprime corrupção interior em seus atos, e não apenas a esperança de ser menos pobre. Essa corrupção vai crescendo a tal ponto que o ladrão termina sendo também um homicida.

O boi tinha mais valor que a ovelha por ser um animal útil no trabalho pesado, e não somente por causa de sua carne e de seu couro. Os homens dependiam do boi nas lides do campo, de tal modo que sem esse animal indivíduos e até comunidades inteiras acabavam reduzidas a uma abjeta pobreza. Em conseqüência, o furto de um boi era vigorosamente combatido pela legislação mosaica.

Os antigos persas exigiam a restituição de quatro animais para cada animal furtado (Lib. Sheddar, apud *Hyde Relig. Vet. Pers.*, pág. 472). Pesadas retaliações tinham por escopo defender o direito à propriedade. Na antiga nação de Israel, os animais domésticos representavam as principais propriedades das *massas*. Somente os abastados possuíam coisas como ouro, prata, casas ornamentadas, carruagens, etc.

22.2

Supõe-se aqui, como é costume dos ladrões, que eles atacariam à noite. Ninguém podia saber quais seriam suas intenções. Talvez abrigassem idéias homicidas no coração, e não somente o furto, pelo que poderiam matar alguém para obter o que quisessem. Portanto, era permitido defender a própria residência de um ladrão que a invadisse durante a noite. Um israelita tinha o direito de matar um ladrão invasor apanhado no ato da invasão. Ver as notas sobre o *sexto mandamento*, em Êxo. 20.13, que incluem informações sobre o homicídio *justificável*. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Homicídio*.

Não será culpado do sangue. Este versículo reconhece o direito de defesa do lar contra arrombadores e invasores. A palavra hebraica aqui traduzida por "arrombando" dá a noção do ato de *escavar uma parede,* sem importar se de uma casa ou de uma cidade. O ato, pois, era premeditado e potencialmente violento. Tal homem ficava sem o direito da proteção divina, por haver quebrado o código social. Não mais podia ser considerado um membro da sociedade. Antes, tornara-se um inimigo do bem público.

22.3

Por sua vez, um ladrão que atacasse durante o dia não era tido como um homicida em potencial, pelo que não deveria ser morto. Nesse caso, se fosse ferido, quem o ferisse seria considerado culpado de sangue.

Quem o feriu será culpado do sangue. Só podemos entender essas palavras como indicação de que um ladrão não podia ser ferido se atacasse durante o dia, e que quem o matasse seria culpado de homicídio e teria de ser executado. Os intérpretes, contudo, tentam evitar essa implicação, havendo aqueles que chegam a fazer emendas no texto para evitar essa conclusão lógica. Realmente, essa distinção entre ladrões que atacam à noite e ladrões que atacam de dia parece forçada demais. Talvez os ladrões hebreus não fossem tão perigosos quanto os modernos. Ou, então, devemos pensar que os ladrões que atacam de dia seriam o que hoje chamamos de descuidistas, que furtam pequenos objetos ou pequenas importâncias em dinheiro.

Outros intérpretes pensam que a *culpa do sangue* deve ser atribuída ao ladrão. Assim, um ladrão que atacasse de dia seria culpado, pelo que deveria ser punido, embora não executado. Quem o surpreendesse, pois, não deveria executá-lo. Nesse caso, não é dito o que sucederia a quem matasse um ladrão que atacasse de dia. Mas extrair tal sentido do texto sagrado requer uma incrível manipulação do hebraico original.

Fará restituição total. De acordo com os estatutos baixados: Se alguém furtasse um boi ou uma ovelha e, então, vendesse o animal furtado, teria que restituir cinco bois ou quatro ovelhas, conforme o caso. Mas se não os tivesse vendido, então teria de restituir dois animais para cada animal furtado. E fica entendido, embora não especificado, que outros animais furtados teriam que ser restituídos em dobro.

22.4

Pagará o dobro. Achamos aqui a lei da restituição em dobro. A propriedade furtada não havia sido vendida. Continuava na casa do ladrão, pronta a ser devolvida. O caso era fácil e simples. Nesse caso, o ladrão restituía em *dobro*. Caso não tivesse como fazer essa dupla restituição, então era reduzido à posição de escravo, para pagar pelo que tinha furtado, e mais alguma coisa, para aprender a abandonar tal vida de desonestidade. Os antigos persas requeriam uma quádrupla restituição. O código de Hamurabi era muito severo, requerendo até o máximo de trinta vezes mais do que o furtado, e nunca menos de dez vezes mais! A lei de Sólon, entre os gregos, também requeria uma dupla restituição (A. Gell. 1. 11. c.18) As restituições acima do valor furtado tinham por intuito impor uma pesada pena sobre a vida do ladrão, com propósitos refreadores e reformadores.

22.5

Continuavam as leis acerca dos abusos contra a propriedade. Dar pasto aos animais custava dinheiro. Assim, talvez alguém achasse ser medida de esperteza fazer seus animais pastarem em terreno alheio. Mas isso também poderia ocorrer acidentalmente. Em ambos os casos estaria ocorrendo um pequeno furto. A restituição era cobrada da *melhor* parte da propriedade do ofensor, embora não se fale aqui em porcentagem. O código de Hamurabi (55 e 56) também condenava tais atos. Os ofensores tinham que pagar *multas*. Os intérpretes judeus também levavam em conta o dano que um animal poderia fazer enquanto estivesse solto no terreno de um vizinho qualquer. O ofensor também devia pagar por esses danos. Portanto, era punida a invasão de terreno alheio. Desse modo, a legislação mosaica defendia tanto o direito à propriedade quanto a integridade da propriedade.

22.6

Se irromper fogo. Há pessoas que gostam de fogo. Crianças *e* adultos podem sentir-se fascinados pelas chamas. Há pessoas que fazem queimadas para limpar terrenos de escombros ou troncos caídos; mas existem aqueles que provocam incêndios por pura diversão doentia. Um homem que estivesse limpando um seu terreno mediante queimada, podia perder o controle das chamas, destruindo assim as plantações de um de seus vizinhos. Isso acontecia (e até hoje acontece) com tanta freqüência que a legislação mosaica precisou controlar tal abuso.

Uma negligência que causa prejuízo precisava ser punida. Assim, o ofensor de um incêndio desses teria que pagar pelo dano causado pelo fogo. Se um homem fizesse provisão para impedir a propagação das chamas, como levantar um muro com pelo menos 1,20 m de altura que separasse seu terreno do terreno contíguo, e mesmo assim o vento fizesse espalhar as chamas a esse outro terreno, então não era considerado culpado. Por igual modo, se as chamas saltassem por cima de uma estrada ou de um curso de água, não seria considerado culpado. Nesse caso, o incêndio era tido como um ato de Deus (*Bartenora* em Misn. Gittin. c. 5 sec. 1).

22.7,8

Guarda de objetos de valor. Talvez um homem estivesse em viagem. Deixara algum dinheiro em casa e temia ladrões que poderiam tirar proveito de sua ausência. Como medida de segurança, entregara o dinheiro a um vizinho. Para sua consternação, o dinheiro foi roubado. Ou, então, o vizinho, cedendo à tentação, apossara-se do dinheiro e lançara a culpa sobre supostos ladrões. O homem que perdera o dinheiro poderia tentar descobrir a verdade, fazendo seu vizinho ser interrogado pelos juízes. Presumimos que se esse vizinho fosse culpado, então teria de fazer restituição em *dobro*. Mas se tal vizinho não fosse culpado de qualquer ato errado, não teria que fazer restituição do dinheiro roubado (vs. 11). E ao homem que perdera o dinheiro só restaria falar sobre sua má sorte, esperando que o futuro lhe fosse mais sorridente.

Também havia o problema das *falsas reivindicações*. Um homem poderia dizer que entregara certa importância a um vizinho, sem que isso fosse verdade. Casos assim teriam que ser julgados. Os juízes decidiriam, e *juramentos* seriam exigidos de ambas as partes (vs. 11). Supostamente, *Yahweh* haveria de *castigar* àquele que tivesse jurado falsamente, pelo que um homem com qualquer sensibilidade espiritual, seria cauteloso quanto a questões assim. Há alguma evidência de que tais casos também podiam ser resolvidos por meio de *oráculos*. O oráculo diria quem estava dizendo a verdade. Todavia, o próprio texto silencia totalmente sobre essa possibilidade. Ver no *Dicionário* o verbete *Oráculos*.

Na Babilônia, a questão era regulamentada de forma mais completa. Aquele que ficasse encarregado da guarda de bens alheios munia-se de testemunhas e de uma espécie de contrato de inventário, garantindo assim a sua honestidade (código de Hamurabi 122). Ver I Reis 8.31,32 quanto a *juramentos* geralmente feitos nessas ocasiões.

22.9

Propriedade Questionável e Negócios Fraudulentos. Este versículo parece levar em conta ambas essas possibilidades. Dois homens se diziam donos de um mesmo valor, como um animal ou qualquer outra coisa. Ou, então, um homem deixara um seu animal sob a guarda de outrem, e este outro acabava dizendo: "Este animal é meu". Ou, então, um homem, tendo perdido alguma coisa, acabava encontrando-a na posse de outra pessoa. Aquele que se apossara indevidamente da propriedade alheia não confessava voluntariamente o que tinha feito. Em todos os casos assim, a causa era levada à apreciação dos juízes, para que houvesse uma decisão justa. Alguém estaria faltando com a verdade. E o mentiroso, uma vez descoberto, tinha que pagar em dobro, para que aprendesse a não mentir e/ou furtar. Logo, este versículo cobre casos de custódia traída. Quem recebesse de um vizinho algo valioso teria de usar de um cuidado razoável com o que fora deixado sob sua custódia. E se fosse achado negligente, violando a confiança que nele manifestara o seu vizinho, então teria que lhe fazer restituição em dobro.

22.10,11

Se alguém der a seu próximo a guardar. Continua a exposição de casos de custódia traída. Um animal entregue a outra pessoa, para ser guardado, era morto, ferido ou perdia-se. Ou a pessoa com quem o animal fora deixada alegava

alguma dessas coisas acerca do animal, sem que isso fosse verdade, mas antes, apossara-se indevidamente do animal. A *verdadeira negligência* deveria ser punida, e os juízes determinariam qual a verdadeira natureza do caso. Todo furto teria de ser corrigido mediante restituição; e haveria um juramento em nome de Yahweh. Os juízes resolveriam se houvera furto ou não. Se aquele que tivesse guardado o animal provasse a sua inocência (por não ser culpado nem de desonestidade e nem de negligência), então sairia livre e não teria que pagar qualquer multa. Mas se houvesse razoável suspeita de furto, então haveria restituição. Em casos assim, a questão não dependia de confissão ou de falta de confissão, pois os juízes tinham autoridade para resolver quem estava dizendo a verdade, impondo aquilo que se julgasse justo, apesar de protestos que poderiam ser feitos. A perda poderia ter ocorrido por causa de furto (da parte do guardador), de acidente ou de má sorte. Os juízes, em cada um desses casos, decidiriam como resolver as queixas.

"O caso de animais deixados sob a guarda de outros repousava sobre o mesmo princípio relativo a bens deixados sob custódia de alguém. Todavia, levava-se em conta o fato de que animais podem morrer, ser feridos ou se perderem. Morte ou ferimento, por causas naturais, não envolviam qualquer obrigação" (J. Edgar Park, *in loc.*). Por outra parte, a negligência por parte do guardador requeria restituição.

22.12

Se de fato lhe for furtado. O homem que deixara seu animal sob custódia de outro homem, diria a este: "Porque você não teve cuidado com o meu animal?" O guardador poderia responder: "Não é culpa minha que o animal foi roubado. Não sou responsável pelos atos de algum ladrão". Temos aqui a explicação do modo de proceder em casos assim. O homem que recebera o animal é o responsável, porque deveria ter tomado providências cabíveis para proteger o animal e evitar que o mesmo fosse furtado. E se o animal fosse morto, ferido ou se perdesse, então a responsabilidade teria que ser determinada pelos juízes. Mas todo furto seria reputado um claro caso de negligência por parte dos guardadores.

22.13

Outros Casos Duvidosos. Voltamos aqui para os tipos de casos dados nos vss. 10 e 11. Um homem poderia deixar um seu animal com um vizinho, e, então, uma fera matou o animal. Se o guardador pudesse demonstrar, por meio de testemunhas e por partes da carcaça, o que havia acontecido, então seria considerado inocente, pois quem poderia controlar os atos, digamos, de um leão? O caso só se tornaria *duvidoso* se não pudessem ser apresentadas provas de que o animal havia sofrido um desastre inevitável. Os intérpretes judeus complicavam um tanto essa lei ao dizerem que se *certos tipos* de animais matassem o animal guardado, então o guardador estaria livre. Esses animais eram o leão, o urso e o lobo. Nenhum homem poderia ser tido como responsável por atos *dessas* feras. Mas se o animal guardado fosse morto por um gato, uma raposa, um cão ou um furão, animais menores e menos perigosos, então o guardador teria que pagar pelo prejuízo. Presumivelmente, poderia ter impedido a ação *daqueles* animais. (Misn. *Bava Metzia,* c. 7, sec. 9). Nos casos onde não houvesse testemunhas, e nem carcaça, então a questão ficava na dependência de juramentos (vs. 11).

22.14,15

Se alguém pedir emprestado. Um homem poderia pedir emprestado um animal de um seu vizinho. Talvez para fins de reprodução, ou para fazer algum trabalho. *Talvez o animal tivesse sido alugado.* O animal seria alugado por certa quantia em dinheiro, ou em troca de algum outro valor. Se o animal fosse ferido ou morto, e o proprietário não estivesse presente (para dar sua proteção ao animal), então quem o tivesse tomado por empréstimo teria de fazer restituição. Mas se o proprietário do animal estivesse presente no momento do incidente (podendo ter ajudado a impedir a ocorrência), então quem tivesse tomado o animal por empréstimo não precisaria fazer restituição. Ele já havia pago algo para usar o animal, e o que tivesse pago seria suficiente para o caso.

Os autores judeus davam outra interpretação que parece lançar alguma luz sobre estes versículos. Se um homem pedisse por empréstimo um animal de um vizinho, e o dono do animal viesse a tabalhar com seu animal, e algum dano fosse sofrido por esse animal, então não haveria responsabilidade por parte de quem o tomara por empréstimo. Digamos que o homem estava arando com a ajuda de seu animal, e estava recebendo dinheiro por isso. Se o animal morresse teria de contentar-se com o dinheiro que contratara e não poderia exigir restituição pelo animal. (*Maimon.* et *Barbenera,* Misn. *Bava, Metzia,* c. 8, sec. 1).

Ainda há uma terceira interpretação. Quem pedira o animal por empréstimo estava usando outro homem, contratado para fazer o trabalho com o animal (esse homem, fique claro, não era o proprietário). Se algum acidente atingisse o animal, então seu valor seria tirado do salário do homem contratado e, presumivelmente, entregue a quem o tivesse dado por empréstimo.

Alguns intérpretes limitavam o vs. 14 ao ato de *empréstimo*, sem que qualquer preço estivesse envolvido. E então limitam o vs. 15 ao ato de *tomar por empréstimo* um animal. Em casos simples de animais dados por empréstimo, então aquele que o tomasse por empréstimo seria responsável e teria de fazer restituição, se algo acontecesse ao animal. Em casos de animais tomados por empréstimo, visto que já havia sido pago dinheiro, aquele que o tomasse por empréstimo nada teria que pagar. Essa interpretação pode conter alguma verdade, mas não explica bem a questão envolvida, conforme mostrei acima.

Leis Civis e Religiosas (22.16-31)

Contra a Sedução de Virgens (22.16-17)

Ver a introdução geral a Êxo. 19.1, que tem aplicação aqui. O *decálogo* original (ver no *Dicionário* o verbete *Dez Mandamentos*), serviu de base para a grande *multiplicação* de estatutos e preceitos que se vêem por toda a legislação mosaica. De fato, esse desdobramento do decálogo é que constitui a legislação mosaica, cuja exposição termina no livro de Deuteronômio, com intercalação de muitas porções históricas. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei no Antigo Testamento,* seção IV, Lei.

A lei concernente à sedução de virgens conclui a seção anterior (as leis atinentes à propriedade), visto que a esposa e os filhos de um homem eram considerados sua propriedade. Mas essa lei também dá início à seção seguinte, por fazer parte de importantes leis civis, e não meramente da lei da propriedade. Uma filha virgem valia dinheiro para o seu pai, pois, ao casar-se ela, ele receberia bens e dinheiro por ela. Uma vez deflorada, porém, qual seria o valor dela? Já não teria mais valor, embora tivesse valor para outras coisas; mas nenhum pai haveria de querer perder o valor potencial de uma filha, só porque algum sujeito resolveu seduzi-la.

22.16,17

Em Israel, de uma jovem solteira sempre se esperava que fosse virgem. Por isso, a palavra hebraica para indicar *mulher jovem* (no hebraico, *alma*), também indicava virgem. Assim sendo, se uma mulher fosse solteira, automaticamente esperava-se que ela fosse uma virgem. Assim, se um homem seduzisse uma jovem solteira, teria deflorado uma donzela. Nesse caso, o homem poderia corrigir seu erro casando-se com ela, e dando a seu pai um dote compensador. Ver no *Dicionário* o artigo *Dote,* quanto a esse costume em Israel.

Contudo, se o pai da jovem não quisesse que sua filha tivesse um relacionamento com tal homem, ele tinha o poder de impedir o casamento. Nada é dito aqui se o sedutor não quisesse casar-se. É de presumir, nesse caso, que ele teria de pagar um pesado dote. De qualquer modo, a fim de impedir o casamento, o *dote* era a chave para a liberação do culpado. Nesse caso, o pai receberia o dinheiro e o homem ficaria livre.

Essa lei deve ter sido *altamente eficiente.* Um homem não seduziria levianamente uma jovem, porque: 1. Ele estaria forçando um casamento que talvez não quisesse. 2. Ele terminaria tendo de pagar o dote, se não quisesse casar-se com a jovem. 3. Se não agradasse ao pai da jovem, e este não quisesse o casamento de sua filha, então o sedutor teria que pagar o dote e ainda perderia a jovem, uma dupla derrota. Essa situação deve ser contrastada com os costumes modernos onde o sedutor não paga nada e onde o casamento é usado como chamariz, pois se uma jovem se deixar seduzir, o culpado nada pagará por seu erro.

O trecho de Deuteronômio 22.28 diz-nos que o preço que um sedutor teria de pagar era de *cinqüenta peças de prata,* quase o dobro do preço de um escravo (ver Êxo. 21.32). Isso não representava muito dinheiro para um homem abastado, mas para um homem comum, era um preço elevado. Dentro do código assírio (A55), a questão era resolvida de igual maneira como se vê aqui, com a diferença que o preço pago, em casos de sedução, era *três vezes maior* que o dote dado por ocasião do casamento.

Nos modernos países ocidentais, não há mais qualquer pena aplicável a casos de sedução. Em alguns casos, a *honra da família* procura forçar o casamento; mas esses casamentos forçados são precários. Casais que não se combinam já são tão abundantes que parece uma tolice forçar a um mal casamento por motivo de sedução. Ademais, a promiscuidade sexual anda tão comum hoje em dia que seria quase impossível provar que a jovem seduzida era, realmente, virgem.

Nesses versículos da Bíblia, fica entendido que uma não-virgem não tinha qualquer *valor de mercado,* pelo que não havia qualquer sanção legal contra um homem que seduzisse uma mulher não-virgem. Mas se um homem seduzisse uma virgem que estivesse noiva (ver também Deu. 22.23), então tanto o sedutor quanto a seduzida seriam apedrejados. Mas se o caso tivesse envolvido violência sexual, então o homem era apedrejado, mas sua vítima ficava livre.

22.18

A feiticeira. Ver informações completas a respeito no verbete *Feitiço, Feiticeiro*, no *Dicionário*. Nessa atividade espúria mais mulheres do que homens se envolviam, o que explica o termo no gênero feminino, neste versículo. A feitiçaria era tida como uma forma agravada de idolatria. Em primeiro lugar, havia aqueles *deuses* que estavam por detrás dos encantamentos das feiticeiras. Em segundo lugar, conforme se pensava, uma feiticeira ou bruxa estava ativamente envolvida com demônios (os deuses), a fim de realizar os seus propósitos.

Tudo isso fazia-se em competição a Yahweh, como violenta ruptura do proposto monoteísmo de Israel (ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Monoteísmo* e *Idolatria*). Ver Êxo. 22.20; I Sam. 28; Jer. 7.18; 44.15 quanto a como mulheres se envolviam nessas artes chamadas negras. Contudo, os trechos de Deu. 18.10; Mal. 3.5 e 28.3 mencionam feiticeiros. Essa forma de idolatria, talvez mais do que quaisquer outras, envolvia a *adivinhação* (ver a esse respeito no *Dicionário*). A despeito de todas as proibições, Israel nunca esteve livre desse problema; e algumas formas de feitiçaria foram incorporadas na fé religiosa de Israel, de uma maneira *aprovada*, segundo demonstro naquele citado artigo.

A feitiçaria usualmente consiste em uma forma religiosa que envolve ritos supersticiosos que tentam controlar os deuses e espíritos e prever o futuro. Porém, algumas vezes está envolvida mais do que a mera superstição. Muitos feiticeiros tentam prejudicar ou mesmo matar oponentes, reais ou imaginários. Esse é o fator que até hoje faz da bruxaria uma prática especialmente repelente. Grande parte da feitiçaria moderna é da modalidade chamada *branca*, a qual supostamente não envolve práticas odiosas e prejudiciais, pois até prega o amor ou a fraternidade entre os homens. Mas até hoje existe a modalidade da feitiçaria chamada *negra*.

As feiticeiras, em Israel, eram condenadas à *punição capital* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. o vs. 20.

Uma *aplicação moderna* das demandas do presente versículo, que levou as bruxas a serem executadas na fogueira ou perseguidas durante a Idade Média, na Europa e mesmo na Nova Inglaterra, ou parte norte-oriental dos Estados Unidos da América do Norte, está completamente fora de ordem, sendo essa opressão tão *ultrajante* quanto a todos os ultrajes feitos pelas feiticeiras.

22.19

A Bestialidade. Está em pauta aqui o coito com animais. Isso era visto pela lei mosaica como uma perversão tão grande que os culpados desse pecado não podiam continuar vivendo, mas antes, eram condenados à morte, provavelmente por apedrejamento. Ver no *Dicionário*, com esse título, um verbete com plenas informações sobre o assunto.

O Relatório Kinsey revelou que, nas áreas rurais, uma porcentagem assombrosa de homens se envolvem com atos de bestialidade, chegando a quarenta ou cinqüenta por cento de toda a população, em certas áreas. E embora apenas dois por cento das mulheres se envolvam com atos dessa natureza, ainda assim o número de casos é muito alto. Cf. este texto com Lev. 20.15,16; Deu. 27.21. As leis dos hititas continham proibições similares (II.187,199,200A). Mas o código de Hamurabi não menciona a questão.

Heródoto (*Hist.* ii.46) mencionou a prática entre os egípcios. E em Levítico 18.24, aprendemos que os cananeus eram dados à bestialidade. "O mais abominável dos crimes tornara-se ali lugar comum" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.20

Sacrifícios Ilegítimos. Sacrificar a deuses (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*) requeria a pena de morte. Só Yahweh merecia a adoração dos seres humanos, incluindo a oferta de sacrifícios. Leis como essa tinham por intuito aniquilar totalmente quaisquer vestígios de idolatria em Israel. Mas a tarefa não era fácil. Os violadores sofriam o interdito sagrado (no hebraico, *herem*) e eram destruídos. Ver Deuteronômio 13.13-18. Este preceito está ligado ao *primeiro mandamento* (ver Êxo. 20.3,23). Execuções sagradas eram estendidas a cativos de guerra (I Sam. 15.8 ss.). Seria muito prejudicial para o povo de Israel contar com a presença de idólatras.

Nos tempos modernos, este versículo tem servido de justificativa para guerras religiosas, em perseguições intermináveis que refletem apenas ódio e preconceito sectarista. Os deuses de uma religião são os demônios de outra religião; e em todo esse conflito o que mais sofre é a liberdade religiosa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Liberdade Religiosa* e *Tolerância*. É um erro estúpido tentar aplicar preceitos do Antigo Testamento aos tempos modernos. Isso não quer dizer que não devamos evitar os males aqui combatidos, mas longe de nós aquela violência! Jesus proibiu as execuções sagradas (ver João 8.53 ss.). A lei do amor, sob a dispensação do evangelho, tem por intuito *convencer*, e não matar as pessoas.

22.21

Não afligirás o forasteiro. Temos aqui destacados os direitos dos estrangeiros em Israel. As pessoas receiam as coisas diferentes. O temor inspira a perseguição contra as pessoas e coisas que parecem diferentes. Os estrangeiros têm costumes diferentes, e isso os assinala como alvos da perseguição. Está especificamente em pauta aqui o *ger*, ou seja, o residente permanente que veio do estrangeiro, alguém que não é indígena ao lugar, e nem está ligado à população por laços étnicos. Ver Êxo. 23.9 quanto à mesma proibição, instrutiva porque o povo de Israel é assim lembrado que foi *ger* no Egito, onde os descendentes de Abraão foram tão cruelmente perseguidos. "Não faças a outros o que os egípcios fizeram contra ti". Presumivelmente o forasteiro, alguém que apenas estava de passagem em Israel, deveria receber tratamento igualmente humano.

"*A misericórdia mais ampla.* A injunção sempre reiterada de que Israel se mostrasse misericordioso para com os estrangeiros, as viúvas, etc., testifica acerca das condições de miséria em que viviam os fracos e os incapazes em Israel. A base para essa caridade é de natureza religiosa, o que também sucedia em muitos códigos antigos, o que sugere que é historicamente verdadeiro que mais bem tem sido feito no mundo por aqueles que amam Deus do que por aqueles que amam somente o homem. . . Conforme Kierkegaard vivia insistindo, é quando contemplamos a Deus que tudo quanto é humano torna-se realmente humano" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

"A justaposição de leis contra a opressão com leis acerca de três crimes do pior tipo, parece ter o intuito de indicar que a opressão se acha entre os pecados mais odiosos aos olhos de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

"Porque sou misericordioso", protesta o Senhor no vs. 27 deste capítulo. Assim sendo, Ele requeria compaixão da parte do povo de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

22.22

Há algo que dá pena no caso de uma criança sem pais ou de uma mulher que perdeu o marido. E tanto mais na sociedade antiga, onde as mulheres tinham tão pouco meio de vida; e quantos homens desejavam casar-se com uma viúva, perdida a flutuar em uma sociedade indiferente? Portanto, a legislação mosaica tinha alguma provisão em favor das viúvas. Ver Deu. 10.18,19. Não era completa essa provisão, mas ao menos, mantinha-as em vida. Acima de tudo, de acordo com a lei, ninguém podia perseguir ou afligir pessoas assim destituídas. O famoso código de Hamurabi conclui jactando-se que, com a ajuda dos deuses, ficava garantido que os poderosos não oprimiriam os fracos, e que se faria justiça às viúvas e aos órfãos. As leis romanas determinavam um guardião para cuidar de mulheres solteiras, facilmente exploradas por indivíduos inescrupulosos. E as viúvas não se saíam melhor do que as mulheres solteiras; e, se as viúvas tivessem filhos pequenos, pior ainda. Alguém ou alguma coisa tinha de proteger tais pessoas dos urubus morais.

Ver Deu. 24.19-21 e Lev. 19.9-10 quanto a provisões específicas acerca das necessidades alimentares dos pobres. Ver também Deu. 14.28,29 e 16.11-14 quanto a outras provisões. O trecho de Êxo. 23.11,12 menciona ainda uma outra provisão quanto às necessidades básicas dos tais.

22.23

Yahweh prometeu ouvir o clamor dos oprimidos, e no caso dos órfãos e das viúvas, seus opressores seriam pesadamente castigados por ato divino. Devemos lembrar o poder que as *maldições* exerciam sobre a mente dos hebreus. Para eles, as maldições não eram meras palavras, mas revestiam-se do potencial de prejudicar e até matar. Os vss. 23 e 24 atuam como uma espécie de maldição divina contra os opressores dos fracos. Contudo, nos dias de Jesus eram os líderes religiosos hipócritas os maiores opressores dessas pessoas carentes (ver Mat. 23.14). Ver estas referências que contêm avisos contra os opressores dos fracos: Jer. 5.28; 7.6; 22.3,17; Zac. 7.20; Mal. 23.14. Historicamente falando, a espada dos assírios, dos babilônios e dos romanos vingava-se dos opressores dos fracos.

22.24

A maldição de Yahweh surpreendeu os opressores quando os assírios e os babilônios varreram a Terra Santa, mas deve ter havido outros castigos mais imediatos. As muitas guerras de Israel deixaram muitos órfãos e muitas viúvas. E muitos dos homens mortos haviam sido opressores dos fracos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*. "Deus é o protetor dos indefesos aos olhos da lei: os estrangeiros (ou forasteiros), os órfãos, as viúvas e os pobres" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

22.25

Empréstimos sem Juros. Um dos benefícios desfrutados pelos pobres, em Israel, é que eles podiam fazer empréstimos sem ter de pagar juros. Eu mesmo

tenho emprestado dinheiro a muitas pessoas, e quase nunca pedi de volta o capital, quanto menos os juros. Há algo de obsceno nisso de cobrar juros. No entanto, para algumas pessoas, a cobrança de juros tornou-se um investimento financeiro. Nesses casos, a taxa de juros deve ser justa, e não exorbitante. O fato de que a lei de Moisés precisou regulamentar a questão mostra-nos que, com freqüência, as taxas de juros eram extorsivas. Cf. este texto com Lev. 25.35-38; Deu. 15.8-11; 23.19,20. Havia estatutos, é claro, que regulamentavam o empréstimo de dinheiro entre os hebreus. Essas leis, todavia, não se aplicavam aos "estrangeiros". Nesses casos, a *bondade pessoal* de um indivíduo teria de contrabalançar a tendência natural para a cobiça. A lei não fazia exigências. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Crédito, Credor.*

Um Jogo de Palavras. No hebraico, o termo "usura" é *neshech,* relacionado ao verbo *nashach,* "morder". Uma expressão em português fala em "dar uma mordida" em alguém, quando uma pessoa quer pedir dinheiro por empréstimo de alguém, sem verdadeira necessidade, valendo-se de uma relação de parentesco ou de amizade, como quando um jovem pede dinheiro de seu pai somente para ter o que gastar. Para os pobres, ser vítima da usura era como ser picado por uma serpente. Alguns fariseus amavam o dinheiro, e não titubeavam em explorar o próximo (Luc. 16.14).

22.26

Se... tomares em penhor. Uma pessoa paupérrima praticamente não tinha nada para dar como garantia pelo empréstimo pedido. As vestes de uma pessoa, nesse caso, podiam ser sua possessão mais valiosa, digamos a capa externa. Nesse caso, tal capa podia ser dada como penhor. Mas a capa só poderia ser retida até o cair do sol, porquanto o indivíduo pobre provavelmente teria de usá-la para aquecer-se durante a noite. Cf. Deu. 24.10-13; Jó 22.6. Nesse caso, provavelmente o costume era que, a *cada dia,* a capa era entregue àquele que fizera o empréstimo, mas *à noite,* a capa era devolvida ao seu dono, a fim deste poder proteger-se do frio.

22.27

A capa era uma possessão valiosa, não somente por ser um artigo bastante caro, mas também porque era continuamente usada para obtenção de conforto físico e proteção. Logo, revestia-se de um valor utilitário, e não tanto monetário. Como poderia um homem dormir se tiritasse de frio? A capa externa era a resposta. E quem emprestasse dinheiro a um homem pobre podia tirar-lhe também esse pequeno conforto. Bastava que o pobre fosse relembrado, a cada dia, de que estava em dívida, quando tivesse de entregar novamente a sua capa na manhã seguinte. O próprio Yahweh haveria de ouvir os clamores de uma pessoa que fosse explorada, como no caso de órfãos e de viúvas (vss. 23,24). Essa proibição, pois, adicionava o tempero da compaixão nos negócios financeiros entre indivíduos.

22.28

Contra a Blasfêmia e os Insultos. Algumas traduções dizem aqui *deuses,* em lugar de *Deus.* No primeiro caso, então mui provavelmente devemos pensar nos governantes civis ou autoridades de qualquer tipo. No hebraico, o termo usado é *elohim,* um termo que está no plural, e a referência mais provável é ao Deus de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo que explica o sentido dessa palavra. O que *não* pode estar em vista são os *deuses falsos* e os ídolos dos pagãos. Cf. Lev. 24.15,16; II Sam. 16.9; I Reis 2.8,9; 21.10. A blasfêmia era punida por meio do apedrejamento. Amaldiçoar um governante também era tido como crime capital, pelo menos durante o período monárquico em Israel (II Sam. 16.9; I Reis 2.8,9).

A Septuaginta, a Vulgata Latina e vários intérpretes judeus, incluindo Josefo (*Antiq. Jud.* iv.8, par. 10), dizem aqui *deuses.* E a isso Josefo acrescentou que os israelitas tinham tanto cuidado para não ofender a divindade que se abstinham até de amaldiçoar os deuses dos pagãos. Mas se assim se dava com alguns israelitas, há provas abundantes em contrário. Ver I Reis 18.27; Sal. 115.4-8; 135.15-18; Isa. 41.29; 44.9-20; Jer. 10.11-15. "Os deuses dos pagãos eram *insultados* uniformemente com o maior escárnio" (*Ellicott, in loc.*).

Os governantes eram considerados representantes de Deus, pelo que podiam ser chamados de *elohim.* Mas nem *Elohim* e nem os *elohim* podiam ser vilipendiados. Esse estatuto, pois, combatia a rebeldia e a sedição, defendendo a paz e o respeito às autoridades civis. Lembremo-nos que Israel vivia sob uma *teocracia,* por meio da lei mosaica. *Essa* forma de governo exigia o devido respeito pelas autoridades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teocracia.*

22.29

Achamos aqui o costume das partilhas nas sociedades agrícolas. A casta sacerdotal sobreviveria sustentada pelas demais castas, para que se dedicasse totalmente aos seus serviços religiosos. Esse sistema das "primícias" acabou sendo substituído pelo sistema dos "dízimos". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dízimo.* Ver as notas em Deu. 14.22; 26.1-12 quanto a detalhes da lei das primícias.

O primogênito de teus filhos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primogênito,* além de notas adicionais acerca dessa instituição nas notas sobre Êxo. 12.1 e nas notas introdutórias sobre Êxo. 13.1,2. Na época da páscoa, eram combinadas *três* festividades: a páscoa, os pães asmos e as leis sobre os primogênitos. O trecho de Núm. 3.40-51 mostra-nos como, posteriormente, os primogênitos de Israel foram substituídos pela casta sacerdotal, que se ocuparia do culto religioso especial e formal. "De acordo com as crenças antigas, a consagração dos primogênitos dos homens e dos animais a Deus, como o doador da fertilidade, era algo necessário para uma contínua prosperidade e bem-estar (Êxo. 22.29,30; Lev. 27.26,27; Núm. 3.13; 8.17,18; 18.15)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre Êxo. 13.1). Até hoje os judeus observam a instituição sobre os primogênitos ao décimo-terceiro dia de vida de um primeiro filho. Isso tornou-se um *memorial* de como Deus poupou os primogênitos de Israel, face ao Destruidor, que matou os primogênitos dos egípcios. Naturalmente, temos aqui um tipo de Cristo, o Primogênito da Nova Dispensação, o qual foi separado para ocupar-se de Sua missão especial, *em benefício de toda a humanidade.* Ver *João 3.16; I João 3.3.* Ver também Heb. 12.23 quanto à Igreja como os primogênitos; e também Rom. 8.29 e Col. 1.15,18 acerca de Cristo como o Primogênito.

Formas de redenção, mediante as quais a lei dos primogênitos se cumpriu, são mencionadas em Êxo. 12.1,2,11-16. Ver as notas sobre a *redenção dos primogênitos* em Êxo. 13.13.

"Os filhos eram dedicados a Deus aos oito dias de idade, quando era pago o dinheiro da redenção (Êxo. 13.13). Os filhotes primogênitos do gado vacum e do gado ovino eram sacrificados" (John D. Hannah, *in loc.*). É possível que o costume mais primitivo entre os semitas também envolvesse sacrifícios humanos, e não meramente de animais. Dessa forma radical, pois, primogênitos humanos eram consagrados a Deus ou aos deuses. Essa prática foi descontinuada entre os filhos de Israel, e assim os primogênitos humanos eram remidos a fim de não serem executados. Essa redenção importava em uma total consagração a Deus para prestação de serviços religiosos, ou, por assim dizer, era uma *morte* para o mundo. Ver Eze. 20.26 e Miq. 6.7 quanto a referências ao antigo costume da execução dos filhos primogênitos em honra a alguma divindade.

22.30

Esse mesmo estatuto requeria que os filhotes machos primogênitos da vaca e da ovelha fossem oferecidos como oferenda a Deus em seu oitavo dia de vida. Essa oferenda tomava a forma de uma refeição sacrificial da qual Yahweh participava (embora sob forma invisível). "A provisão de que isso deveria ser feito ao oitavo dia de vida do animal impossibilita que esse rito e a páscoa sejam confundidos como se fossem um rito só. Os primogênitos de todos os animais, exceto da vaca e da ovelha, podiam ser remidos (Núm. 18.15-17)" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Ver Lev. 22.27. As mães desses filhotes podiam ficar com os mesmos, para nutri-los. Mas dentro de oito dias, tais filhotes eram sacrificados. Os meninos israelitas eram circuncidados ao oitavo dia de vida; mas os filhotes daqueles animais eram mortos e comidos. Feliz foi o dia em que Cristo veio e anulou todas essas antigas leis, elevando o entendimento dos homens e as suas práticas religiosas a um novo patamar.

Na prática, os animais eram sacrificados a Deus até o seu trigésimo dia de vida (Misn. *Trumot,* c. 3 sec. 6).

22.31

Homens consagrados. Aqueles que obedecessem todas as leis dadas, sem qualquer reserva, assim identificando-se com Yahweh e Suas revelações, através da legislação mosaica. Está em vista principalmente a santidade ritual e cúltica, mas deve-se supor que algo de vital também fora feito para modificar para melhor a natureza espiritual desses homens.

Carne dilacerada. Um antigo costume dos pastores era não comer carne de animais mortos pelas feras. Para eles, isso era um *tabu.* A legislação mosaica dava uma razão para isso. Os animais mortos assim não tinham seu sangue drenado de sua carne como era devido. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sangue.* Dou ali informações sobre essa questão da proibição da ingestão de sangue. A ingestão de sangue tornava uma pessoa cerimonialmente impura, ou seja, ritualmente, *não santificada.* Ver Lev. 7.24-27; 17.15 quanto à proibição atinente ao sangue, à carne de animais despedaçados por feras e à gordura. Os violadores eram *cortados:* executados ou expulsos? Provavelmente está em pauta a execução por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Apedrejamento.*

Essa carne era servida aos *cães.* Em Israel não se permitia que estrangeiros ou forasteiros comessem carne com o seu sangue. Para os israelitas, isso era

uma abominação. O primeiro concílio da Igreja frisou que até os gentios que se convertessem deveriam abster-se de comer sangue. Ver Atos 15.20,29. Acreditava-se que a *vida* está no sangue, de alguma maneira misteriosa, mas sem que estivessem falando sobre a alma. Ver Lev. 17.11. De acordo com essa crença, no sangue acha-se um princípio vital, e, para a mente dos hebreus, comer sangue era uma blasfêmia, pois Deus era o autor desse princípio vital. E não se podia profanar o sangue tomando-o um artigo da alimentação humana.

Capítulo Vinte e Três

O Testemunho Falso e a Injúria (23.1-5)

Ver a introdução geral à seção de Êxodo 19.1, cujas notas se aplicam também aqui. O *Decálogo* (ver no *Dicionário* sobre os *Dez Mandamentos*), foi sendo desdobrado em muitos estatutos e preceitos, diretamente ou por analogia, até tornar-se uma grande massa de leis, a totalidade das quais se tornou a legislação mosaica. Ver nos Artigos Introdutórios, no primeiro volume desta obra, o artigo *Lei no Antigo Testamento,* em sua quarta seção, *Lei.* Parte desse desdobramento teve lugar na seção à nossa frente. O próprio Pentateuco, em certo sentido, é o desdobramento ou multiplicação do princípio da lei, conforme Moisés a consolidou. Os vss. 1-9 desta seção expandem o nono mandamento (dado e anotado em Êxo. 20.16). Na comunidade teocrática deveria haver uma justiça imparcial. Israel não podia perverter a justiça, visto que a justiça vem de Yahweh, o Deus justo. As leis foram dadas a fim de criar *atitudes morais* e não meramente impor certas proibições. Aquele que não exibe uma atitude moral apropriada não se importará em cumprir as imposições da lei. Isso equivale dizer que é mister que, primeiramente, o indivíduo tenha a lei implantada em seu coração, antes que queira fazer o que é certo. Nos vss. 1-9, sem embargo, não são mencionadas penalidades, ainda que, sem dúvida, houvesse penas previstas. Antes, há ensinos morais cujo intuito é tocar nos corações humanos.

23.1

O Nono Mandamento (ver as notas em Êxo. 20.16) é aqui repetido em sua essência e forma. Ver Deu. 19.16-21 quanto a penas aplicadas a tais atos. Deveria ser aplicada a *Lex Talionis* (Deu. 19.21). Ver no *Dicionário* sobre essa lei. Não devemos receber, nem dar crédito, nem promover falso testemunho, pessoal ou formalmente, em tribunal. Ver no *Dicionário* o verbete *Mentir (Mentiroso).* Minhas notas incluem um excelente poema ilustrativo quanto à veracidade com que devemos falar. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Linguagem, Uso Apropriado da.*

23.2

Não seguirás a multidão. Existe a injustiça coletiva. Quão fácil é que um indivíduo, influenciado pela psicologia de multidão, venha a praticar um ato de injustiça; ou, então, sob influência externa, venha a entrar em um tribunal e prestar falso testemunho contra um homem inocente. Este versículo proíbe tais atos, e assim aplica a essência espiritual do nono mandamento. Um homem deve ter a coragem de agir com independência, prestando testemunho ou agindo em harmonia com suas próprias convicções. A vontade da multidão, sem essa independência, pode ser confundida com a justiça. O Salmo 15 é uma espécie de comentário detalhado desses princípios. Há um ditado popular que diz: "A voz do povo é a voz de Deus". Mas isso reflete apenas uma farsa. Jó ufanou-se que ele não temia as multidões (Jó 31.34). Davi queixou-se da multidão injusta que o vexara (Sal. 3.6). Os profetas sempre tiveram que se opor às multidões. Ver Mat. 7.13,14: a opinião popular conduz à destruição. O homem verdadeiramente espiritual usualmente torna-se impopular, exatamente por esse motivo.

23.3

Nem com o pobre serás parcial. Usualmente, o *favoritismo* é provocado pelo auto-interesse. Os ricos são dotados de poder. Como "dinheiro é direito", conforme muitos pensam, quem é rico está sempre com a razão. Trasímico, um antigo filósofo sofista da Grécia, "quem tem poder está com o direito". O dinheiro fala alto, e ninguém consegue escapar da potente voz das riquezas. Os criminosos ricos escapam com sentenças leves, ou mesmo sem qualquer sentença; mas os ofensores pobres dificilmente escapam à condenação. Deus não respeita pessoas (Deu. 10.17; Atos 10.34). Ver o *ser humano,* que não se caracteriza especialmente por sua piedade.

Parcial. Parece ser esse o sentido do termo hebraico original correspondente, indicando o caso oposto do que foi indicado acima. Um homem pobre poderia provocar a compaixão de um juiz, o qual julgaria então em favor do pobre, apesar deste ser culpado. Porém, em vista disso não parecer harmonizar-se à experiência humana comum, alguns eruditos têm proposto emendas ao texto. Uma delas entende que a palavra *pobre* significa *grande*, o que, no hebraico, exige apenas uma pequena alteração na palavra em pauta. Mas o vs. 6 retorna à idéia do homem *pobre,* afirmando o outro lado da moeda: abusos contra o homem pobre. Isso posto, parece que o ensino aqui é que o fato de um homem ser rico ou pobre em nada deveria influenciar a aplicação da justiça — se pobre, não deveria ser nem favorecido e nem prejudicado (ver a justaposição existente nos vss. 3 e 6 deste capítulo).

23.4

Se encontrares. . . lho reconduzirás. Está aqui em pauta a questão de uma propriedade perdida. A mente humana não regenerada supõe que qualquer objeto perdido por alguém que for achado, automaticamente pertence àquele que o achou. Dificilmente os homens fazem anúncios dizendo que algo foi achado e está à disposição de seu legítimo proprietário. Um motorista em São Paulo, Brasil, chegou a ser entrevistado por mais de uma vez, pela televisão, por ter achado e procurado devolver uma pasta cheia de dinheiro, ao seu proprietário. Mas quantos motoristas de taxi retêm o dinheiro achado e esquecem a entrevista pela televisão! Conheço um homem que só cometeu um deslize em sua vida no que tange a dinheiro. Um caixa de banco lhe deu dinheiro a mais ao descontar um cheque, e o homem, embora tivesse percebido o equívoco do outro, nada disse. Mas tendo sido sempre um homem honesto no tocante a dinheiro, sentiu remorso por esse ato, durante muitos anos a fio. Mas quem se preocupa com pequenas coisas assim? Afinal, os bancos sempre têm muito dinheiro. Quando um caminhão carregado sofre um acidente e a mercadoria se espalha pela estrada, a população que mora nas imediações atira-se à carga como um bando de abutres, para pilhar os bens. E alguns ainda comentam: "Mas por que não? A companhia perdeu muito dinheiro!"

Na antiga sociedade agrícola de Israel, o jumento era um animal de valor inferior ao de um boi. Mesmo assim, era valioso. Se viesse a perder-se, seu dono, sem dúvida, o procuraria por toda a parte; mas em muitos casos não o achava, porque alguém teria achado o animal e o teria ocultado. E a única coisa que o proprietário poderia fazer em um caso assim seria resolver que teria mais cuidado na próxima vez. Uma perda material pode entristecer o coração de um ser humano. A propriedade alheia, pois, deve ser respeitada pelo homem espiritual. O amor requer uma atitude responsável. Ver Deu. 22.1-4.

A lei expressa neste versículo mostra-se sensível para com as necessidades humanas, pois até mesmo o jumento de um *inimigo* precisa ser devolvido, quanto mais se fosse de outro homem qualquer! Agir de modo benévolo é melhor do que ficar mais rico. Qualquer indivíduo espiritual reconhece isso.

23.5

O homem espiritual deve mostrar-se bondoso até mesmo para com um *animal* de um inimigo, para nada dizer acerca do próprio inimigo. Assim, se perceber que o animal está sobrecarregado sob o peso da carga, ao ponto de não poder erguer-se, deve ajudar o pobre animal. Com isso concordam as palavras de Jesus: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mat. 5.44). Entrementes, achamos difícil ao menos *tolerar* nossos inimigos e vizinhos!

"Misericórdia pelo homem e pelos animais. Este capítulo todo extravasa de gentileza e consideração pelo próximo, ao encarecer o amor até aos inimigos de uma pessoa (vss. 4,5), o que mostra que Mateus 5.42 estava refletindo uma escola de pensamento e uma doutrina antiga, que ensinam que devemos mostrar consideração até mesmo pelos animais. E isso, por sua vez, mostra-nos que as famosas últimas palavras do livro de Jonas não são sui generis. E também nos faz lembrar a inclusão de animais na cena histórica de Belém" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Conheço um homem que sente a compulsão de libertar insetos apanhados em alguma situação difícil, na água ou em construções humanas. Assim, por exemplo, ele abre uma janela e permite que escape uma borboleta; ou cuida para que um passarinho engaiolado seja posto em liberdade. Nosso Pai celeste interessa-se até por um insignificante pardal (Mat. 10.29). Faz parte da espiritualidade ter compaixão até mesmo das mais insignificantes criaturas de Deus. Em contraposição, é uma das características das culturas primitivas deleitar-se na tortura de animais.

Deveres dos Juízes (23.6-9)

Ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo quanto a comentários que se aplicam também a esta breve seção.

23.6

Não perverterás o julgamento. Isso condena o favoritismo. Um homem pobre nem deveria ser favorecido (vs. 3), em face de compaixão mal aplicada da parte de um juiz, e nem deveria sofrer abuso por ser homem sem influência e de pequena importância na sociedade (vs. 6). Ver as notas sobre isso no vs. 3, que também se aplicam aqui. Os pobres também faziam parte integrante da teocracia

de Israel. E os juízes, poderosos e temidos aos olhos dos homens, eram pessoas como outras quaisquer, aos olhos de Deus. Ver Deu. 24.17; 27.19; Jer. 5.28. Deus é o Juiz de todos, o Protetor dos pobres, Defensor ágil das viúvas, Aquele que se compadece dos órfãos (Êxo. 22.22-24).

23.7

Falsa acusação. Os caluniadores e outros que gostam de acusar falsamente o próximo deveriam ser considerados indivíduos desprezíveis. Os israelitas, pois, são aqui advertidos a não aceitar denúncia de maneira leviana. As acusações deveriam ser sopesadas, comprovadas por evidências. Um juiz responsável não deveria permitir que um cidadão fosse prejudicado por um processo legal injusto e descabido. Sob nenhuma circunstância Deus justifica ao homem desonesto e violento que se lança a campo para prejudicar aos seus semelhantes. Portanto, os juízes deveriam agir segundo o exemplo divino, e não segundo as perversões humanas. A fim de agradar um homem rico, um juiz pode tomar partido em favor do tal, prejudicando um homem inocente com multa, prisão ou mesmo uma sentença de morte. Se isso viesse a acontecer, tal juiz deveria ser tido como tão maligno quanto ao caluniador. Deus jamais inocentará um juiz que assim agir; e todo juiz deveria cuidar para não ficar sujeito à maldição de Yahweh. Ver Êxo. 22.23,24 quanto a notas sobre essa maldição.

23.8

Suborno não aceitarás. O dinheiro tem poder. Um homem rico pode obter uma decisão favorável da justiça humana por haver comprado um juiz, uma prática universal e quase invencível. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Suborno* e as notas expositivas sobre I Sam. 12.3. O suborno *cega* os oficiais (Deu. 16.19). Até os sábios se deixam peitar, quando o dinheiro flui abundante. Era mister que a legislação mosaica se manifestasse contra a *venda* da chamada justiça. A *Magna Carta* da Inglaterra (art. xxxiii) *proibiu a venda da justiça*. Heródoto (*Hist.* v.25) diz como o suborno era pesadamente punido. Josefo (*Cont. Ap.* ii.27) informa-nos que um juiz que aceitasse suborno podia ser executado, o que chegou mesmo a acontecer em Israel. Passagens como I Sam. 8.3; Sal. 26.10; Pro. 27.23; Isa. 1.23; 5.23; Miq. 3.9-11 mostram que esse crime muito perturbou a aplicação da justiça em Israel. Esse foi um dos pecados que levaram Deus a punir a nação com os cativeiros. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro (Cativeiros)*, bem como as notas expositivas em Miq. 3.9-11.

23.9

Não oprimirás o forasteiro. Este versículo reitera, em sua essência, a lei acerca do *ger*, o que já vimos nas notas sobre Êxo. 22.21, lembrando Israel que eles também tinham sido estrangeiros no Egito, onde sofreram grandes injustiças, e que não deveriam imitar tais atos no tocante a quem fosse forasteiro em seus territórios.

Todos os povos exibem alguma xenofobia, mas alguns povos são especialmente xenófobos (os chineses, por exemplo, que sempre acolhem mal os estrangeiros, em suas terras). As pessoas suspeitam e temem aquilo que lhes parece diferente. Até mesmo o novo garoto que veio morar no quarteirão sofre alguma pressão dos outros garotos, como se fosse um rito de iniciação. Há países onde são decretadas leis prejudiciais aos estrangeiros, e em casos extremos, essas leis fazem parte da constituição escrita.

A perseguição contra estrangeiros pode assumir uma forma privada ou pública. Os tribunais de justiça não deveriam mostrar-se parciais para com os estrangeiros. E nem devem ser parciais os indivíduos. Israel tinha experimentado na própria pele o que significa essa intolerância, pelo que jamais deveria participar de tal atitude.

O Ano de Descanso (23.10-11)

Ver a introdução a Êxodo 19.1. O *decálogo* (os *dez mandamentos;* ver no *Dicionário* a respeito) foi sendo expandido, até tornar-se uma imensa massa que passou a ser conhecida como *legislação mosaica*. Assim há muitas leis, algumas desenvolvidas por analogia, mas outras novas, todas obrigatórias em Israel. Entre elas destacamos aquelas que diziam respeito a dias santos. Por ocasião da páscoa, foi iniciado um calendário sagrado; e nisã, o mês da páscoa, tornou-se o primeiro mês desse calendário religioso. Esse calendário também tinha seus dias sagrados, incluindo o sábado. E aqui topamos com o sétimo ano, quando as terras de plantio eram deixadas em descanso. Ver sobre o *Calendário Judaico* nos Artigos Introdutórios, no primeiro volume desta obra, em sua sétima seção.

23.10,11

A Terra Pertence a Deus, e merece descansar, tanto quanto as pessoas. Isso fazia parte do calendário cúltico. Ver também Êxo. 34.18-26; Lev. 23.1-44; Deu. 16.1-17. Ver Lev. 25.2-7 quanto a um paralelo a esta seção.

Alguns eruditos supõem que o sábado agrícola, em benefício da terra, *a princípio* visava a restaurar-lhe a fertilidade, baseado em observações que tal prática propiciava colher. Depois, a prática tornou-se associada ao culto religioso que promovia a fertilidade. Mas outros estudiosos pensam que o oposto é que exprime a verdade. *Primeiramente* teria aparecido a prática religiosa do descanso da terra, em honra a deuses da fertilidade; e só depois o ano sabático ter-se-ia tornado uma prática agrícola regular. Isso sucedeu quando se observou que a prática aumentava a fertilidade da terra. Em Israel, parece que *ambos* esses aspectos da prática foram combinados dentro da legislação mosaica; e, então, Yahweh, a fonte de toda forma de vida, tornou-se o objeto honrado.

O costume de deixar a terra descansar por um ano tem sido descoberto entre vários povos primitivos. Tais terras produziam algum cereal, sem qualquer cultivo, devido a sementes deixadas naturalmente ali no ano anterior. Aos pobres permitia-se fazer a colheita desse cereal não-cultivado; e o que os pobres não colhessem, era deixado como forragem para os animais. O trecho de Lev. 25.2-7 mostra que todas as terras agricultáveis de Israel eram deixadas a descansar ao mesmo tempo. É provável que a prática incluísse o armazenamento de cereal produzido em anos anteriores, e não apenas a colheita de cereal espontaneamente produzido, sem qualquer cultivo formal. Todavia, essa lei só passou a ser regularmente observada já nos dias dos Macabeus. O trecho de Levítico 26.34,35 parece entender uma observância irregular. Posteriormente, a liberação de devedores e de escravos, ao fim de seis anos de servidão, correspondia ao ano sabático, o sábado da terra. Ver Deu. 15.2; Nee. 10.31 e Êxo. 21.2.

Essa prática, tão eficaz para a restauração da fertilidade, foi uma espécie de primeiro degrau com vista ao desenvolvimento de uma agricultura científica!

Propósitos Possíveis dessa Lei: 1. Propósitos humanitários: os pobres podiam colher o que a terra produzisse espontaneamente. 2. Propósitos cúlticos: Yahweh era honrado pelo descanso da terra, como o originador de todo suprimento alimentar. 3. Ficava assim provada a obediência a uma outra lei ainda. 4. A fertilidade do solo era um dos resultados da prática. 5. Uma observância religiosa mais acentuada, visto que o pesado trabalho agrícola era bastante aliviado (*ver Deu.* 31.10-13).

O Sábado (23.12-13)

Ver a seção geral Introduzida em Êxo. 19.1. O *decálogo* (os *dez mandamentos)* foi submetido a uma grande expansão ou *multiplicação* de preceitos ou estatutos. Alguns desses preceitos foram reiterados; mas também foram criadas novas leis mediante o processo de analogia; e novas leis foram adicionadas. Nesta minúscula seção temos uma reiteração do *quarto mandamento,* amplamente comentado nas notas sobre Êxo. 20.8, pelo que não precisamos repeti-las aqui. Dou ali várias referências a artigos que abordam a questão.

23.12

O Quarto Mandamento, acerca do sábado, é aqui reiterado. Ver as notas sobre Êxo. 20.8, que se aplicam aqui. Neste ponto achamos um motivo humanitário: o descanso é algo necessário para os homens e os animais; mas o vs. 13, mostra que a adoração e a piedade também estão em pauta, pois o mandamento original era a *santificação* do sábado. Sem dúvida, estava em destaque mais do que a mera santidade cúltica, conseguida por meio da obediência à lei do descanso. Ver também Êxo. 20.11 quanto a outros comentários sobre os propósitos do sábado ou descanso. Até os estrangeiros, residentes ou forasteiros em Israel, tinham de observar o sábado. Era um feriado nacional realmente obrigatório.

O sábado semanal é aqui repetido em conjunto com o sétimo ano, o sábado agrícola. Ambos faziam parte do mesmo sistema de observâncias cúlticas. Esse sistema de descansos culminava no ano do jubileu (ver Lev. 25.8-13).

23.13

Este versículo provê uma conclusão para a série anterior de admoestações, incluindo aquela relativa ao sábado. Todas as provisões e leis procediam de Yahweh, com exclusão de culto a qualquer outra divindade, a ponto de nomes de deuses pagãos nem ao menos podiam ser pronunciados. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deuses Falsos*. O culto a Yahweh era assinalado por um exclusivismo extremo. Alguns intérpretes judeus diziam que "jurar por deuses falsos" é o que está aqui em foco, mas este mandamento parece ser mais geral do que isso. O desprezo pelas divindades imaginárias dos homens devia ser demonstrado mediante a nem serem mencionados os seus nomes. Moisés mencionou outros deuses, como Baal (Núm. 22.41), Baal-Peor (Núm. 25.3,5), Camos (Núm. 21.29) e Moloque (Lev. 20.2-5; 23.21), mas apenas para condenar a veneração aos mesmos. Essa proibição era uma extensão lógica do *primeiro mandamento*, o que é amplamente comentado em Êxo. 20.3.

"...do nome de outros deuses... nem se ouça de vossa boca. Não deveriam jurar por eles; nem deveriam fazer votos com base neles; e, tanto quanto possível, nem deveriam proferir os seus nomes, sobretudo com prazer e deleite, demonstrando qualquer honra e reverência por eles, mas antes, deveriam repudiá-los e detestá-los" (John Gill, *in loc.*).

As Três Festas (23.14-19)

O *decálogo* (os *Dez Mandamentos;* ver no *Dicionário*), desdobrado em inúmeros preceitos e estatutos, tornou-se na legislação mosaica. Ver as notas de introdução a Êxo. 19.1 quanto a essa legislação e seu desenvolvimento. A páscoa combinava três festividades: a páscoa propriamente dita, os pães asmos e a consagração dos primogênitos. O texto à nossa frente repete a necessidade da observância dos pães asmos, da festa da sega dos primeiros frutos e festa da colheita. Essas eram as três festas básicas, indispensáveis, ao longo de cada ano do calendário religioso dos israelitas. Como é óbvio, a festa dos pães asmos era celebrada em conjunto com a páscoa, sem importar se isso é mencionado especificamente ou não. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado o *Calendário Judaico,* que lista todas essas festas. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Festas (Festividades) Judaicas.*

23.14-16

As três festas anuais indispensáveis que Israel tinha de guardar, e que exigiam a presença de todos os varões de Israel, para que delas participassem plenamente, eram as seguintes:

1. *Pães Asmos.* Ver sob esse título no *Dicionário.* Essa festa foi instituída juntamente com a páscoa e a consagração dos primogênitos. Todas elas eram celebradas no mês de nisã, o primeiro mês do calendário religioso de Israel. Ver Êxo. 12.1, em suas notas introdutórias; em Êxo. 12.8 e 15 há comentários adicionais. Os pães asmos eram celebrados em conjunto com a páscoa, como se fossem uma única festa, pelo que a menção de uma delas sempre inclui, naturalmente, a outra.

Depois da menção aos sábados, tanto os semanais quanto o descanso anual da terra (Êxo. 23.11,12), são aludidas as três festas anuais, obrigatórias para todos os varões de Israel. Ver Êxo. 23.18; 34.25; Deu. 16.16. A princípio, essas observâncias eram levadas a efeito em vários centros ao mesmo tempo, mas especialmente no tabernáculo. Mas por fim essas observâncias foram todas centralizadas no templo de Jerusalém.

Ninguém podia ir a essas festas de *mãos vazias,* ou seja, sem as devidas oferendas de primícias da colheita da cevada. Essas festas eram uma espécie de uma semana de ações de graça nacionais. Israel agradecia então pelo fato de ter sido liberta da servidão no Egito e de ter recebido boas coisas da parte de Yahweh.

2. *Festa das Semanas.* Ver a respeito no *Dicionário.* Neste trecho, essa festividade é chamada de "Sega dos Primeiros Frutos". Era uma celebração de começo de colheita, em que os israelitas agradeciam pela provisão divina para cada necessidade deles. Ver Êxo. 34.22; Deu. 16.10,16. Isso tinha lugar durante a primavera (mês de junho), no começo mesmo da colheita do trigo (Êxo. 34.22). No Novo Testamento, essa festa é chamada de *Pentecoste* (Atos 2.1; I Cor. 16.8).
3. *Festa dos Tabernáculos.* Ver a esse respeito no *Dicionário.* Essa festa é chamada neste texto por seu nome mais antigo, *Festa da Colheita.* Tinha lugar durante o outono (setembro - outubro). Essa festa ocorria no fim do ano agrícola. Ver as notas sobre a *Festa dos Tabernáculos* em Lev. 23.33-36; Deu. 16.13-15; 31.10.

23.17

Três vezes no ano. Essas três festas, acima descritas, eram regulares e obrigatórias, envolvendo todos os varões de Israel. No começo havia vários centros de celebração, mas finalmente tudo passou a girar em torno de Jerusalém, o que é explicado e ilustrado nos artigos separados sobre essas festas. Antes da construção do templo, quando o povo de Israel ainda se achava no deserto, essas festas foram celebradas em outros lugares, como é lógico.

"...todos estão na obrigação de comparecer, exceto os surdos e mudos, os tolos, as crianças pequenas... as mulheres, os servos, os escravos, os aleijados, os cegos, os enfermos e os homens idosos que já não conseguem pôr-se de pé" (Misn. *Chagigah,* c. 1, sec. 1).

23.18

Cf. os vss. 18 e 19 com Êxo. 34.24,25, onde são dadas instruções similares. É reiterada a questão dos pães asmos, por razões explicadas no artigo mencionado, conforme se vê em Êxo. 12.1 (notas de introdução) e em Êxo. 12.8,15.

Nem ficará gordura. Essa era exatamente a parte de um sacrifício que era queimada sobre o altar. Presume-se que a páscoa original não incluía esse item, porque foi apenas um sacrifício de sangue. Não podia restar gordura porque o cordeiro pascal precisava ser totalmente consumido antes do raiar do dia (Êxo. 34.25), comemorando a saída apressada mas final de Israel do Egito. Não podiam restar vestígios do cordeiro pascal. Israel tinha saído do Egito; a transação fora completada; Yahweh tinha realizado uma obra final e perfeita. O cordeiro pascal tinha que ser consumido por inteiro. Se sobrassem fragmentos, estes tinham que ser queimados.

23.19

À casa do Senhor. Supõe-se que aqui esteja em pauta o tabernáculo, o principal centro da celebração das três festas, enquanto Israel continuou no deserto. Essa *casa* passou a ser o templo de Jerusalém, posteriormente, já nos dias de Salomão. Ver Êxo. 34.26 e Deu. 23.18.

Não cozerás o cabrito. Essa proibição foi baixada por vários motivos:

1. Os cananeus costumavam sacrificar cabritos dessa maneira, e isso não deveria ser imitado por Israel.
2. Evitava-se assim uma crueldade simbólica. Esse método de cozimento envolvia um abate sem misericórdia, pelo que dificilmente poderia haver forma mais cruel de abater um animal. Cozer o animalzinho no leite de sua própria mãe era um ultraje, uma crueldade sem limites. Tal ultraje precisava ser evitado em Israel. Os textos ugaríticos (*Birth and the Gods,* 1.14) mencionam um cabrito sacrificado que foi cozido em leite. E um cordeiro foi assado na manteiga. Israel devia evitar as práticas pagãs. O possível meio de *sustento,* o leite, não deveria tornar-se um meio de destruição.
3. A revelação bíblica requeria que o povo de Israel fosse diferente, em consonância com normas ditadas por Yahweh.
4. *O Leite Mágico.* De acordo com a informação dada por alguns estudiosos, o leite usado para nele cozinhar-se um cabrito era utilizado pelos pagãos para aspergir os campos, as árvores, os jardins, etc., em busca da bênção da fertilidade e da produção, que seria dada pelos deuses. Israel não deveria adotar fórmulas mágicas.

Promessas Divinas (23.20-33)

A seção final das leis do pacto consiste em promessas, avisos e lembretes, uma espécie de discurso de despedida. Esse discurso foi feito quando Israel partiu da península do Sinai rumo a Canaã. Israel estava na obrigação de obedecer o Anjo do Senhor (vs. 22), e, nessa obediência, o povo seria levado até à sua herança territorial. Nenhum acordo podia ser firmado com os cananeus, habitantes originais da região. O Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18) estava tendo cumprimento. Israel teria de ter seu território pátrio. Isso não poderia suceder enquanto os cananeus continuassem ocupando a Terra Prometida, o que estava prestes a chegar ao fim, devido à sua excessiva iniqüidade (ver Gên. 15.16).

23.20

Eu envio um Anjo diante de ti. Era o Anjo do Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Anjo.* Deus fazia-se presente com Seu povo, mediante o Seu Anjo representante. Essa foi a primeira e grande promessa e provisão da comunidade espiritual. Já havia uma orientação especial sob a forma da nuvem de fogo (Êxo. 13.21). Mais tarde, seria dada outra orientação, a arca (Núm. 10.33). Grandes provisões acompanham grandes projetos. O Anjo do Senhor é o próprio Senhor, para todos os propósitos práticos (Êxo. 14.19; ver Gên. 16.7). Alguns eruditos cristãos vêem neste versículo uma manifestação veterotestamentária do Logos. Alguns intérpretes judeus pensavam que esse Anjo seria Moisés. Mas está em pauta algum agente especial de Yahweh, um notável Ser que ajudaria Israel a cumprir as exigências de Yahweh. Uma impressionante citação de Filo diz que o *Logos* era esse ser (*De Migratione Abraham,* par. 415). "Ele (Deus) usa o Logos divino como o guia que mostrava o caminho..." Como é claro, Filo personalizou aqui o Logos como o Anjo de Deus, e esteve bem perto de entender que o Cristo encarnou-se como manifestação do Logos (ver João 1.1,14). Alguns intérpretes judeus, contudo, preferiam pensar no arcanjo Miguel ou em algum outro poderoso ser angelical.

23.21

Guarda-te diante dele. Era mister demonstrar o máximo respeito para com o Anjo. O nome de Yahweh estava Nele, e Ele era o agente plenamente autorizado do propósito e do poder de Yahweh. Se necessário, Ele seria severo. "A presença de Deus é personificada aqui, pelo que Deus referiu-se ao Anjo na terceira pessoa do singular. Estava coberto de poder e autoridade" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Toda transgressão seria tratada com a devida e apropriada punição por parte Dele. Um empreendimento muito sério estava sendo efetuado, e a presença de Deus não toleraria lapsos.

23.22

"Há um corinho que diz: No lado da vitória, no lado da vitória, não me ameaça o inimigo, nem me alarma o temor, no lado da vitória". Deus faz-se adversário daqueles que se fazem Seus inimigos. O texto faz-nos lembrar a eloqüente passagem paulina de Romanos 8.31 ss.: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Nenhum poder do céu ou da terra é capaz de causar dano ao homem bom, pelo menos em um sentido final. Israel haveria de enfrentar um bom número de inimigos formidáveis. E somente o poder de Deus poderia dar a eles a vitória que obtiveram. Quão fácil é nos esquecermos de quão *carentes* somos, espiritualmente falando. Mas a presença de Deus é a chave para qualquer realização verdadeira e permanente. A vitória pertence ao Senhor. Os obedientes compartilham dessa vitória.

23.23

A Formidável Lista dos Adversários. Seis dos sete inimigos tradicionais de Israel são mencionados neste ponto. Ficam de fora somente os girgaseus. Mas a Septuaginta e algumas versões acrescentam esse povo para que a lista pareça completa. Todos os povos mencionados neste versículo são ventilados no *Dicionário,* mediante artigos separados. Ver Êxo. 3.8 quanto a uma lista parcial desses povos. Ver também alusão a esses povos em Êxo. 3.17; 13.5; 33.2 e 34.11. As notas em Êxo. 3.8 são aplicáveis a este versículo.

Eu os destruirei. No hebraico a idéia é de total aniquilamento. Era impossível que Israel ocupasse o território junto com esses povos. Estes seriam aniquilados devido a seus pecados, pois agora eles tinham enchido a taça de sua iniqüidade. A perda de seus territórios fazia parte do juízo divino contra eles (Gên. 15.16).

23.24

Não adorarás os seus deuses. Teria de haver total descontinuação das práticas religiosas dos cananeus, juntamente com a expulsão deles da Terra Prometida. Yahweh seria adorado única e exclusivamente. Temos aí uma espécie de aplicação prática das demandas do *primeiro mandamento* (ver as notas em Êxo. 20.3). Israel não só não deveria adorar os deuses pagãos, mas também deveria destruir de uma vez por todas os seus ídolos. De outra sorte, os filhos de Israel seriam corrompidos pela *idolatria* (ver a esse respeito no *Dicionário*). E isso teve que ser feito por diversas vezes, depois que o povo de Israel entrou na posse da Terra Prometida.

"...despedacem-nos total e inteiramente, espatifem todas as suas estátuas de ouro, de prata, de bronze, de madeira, de pedra ou de qualquer outro material de que sejam feitos. Nenhum ídolo deve ser poupado, de modo que não reste vestígios dos mesmos... para que possa haver uma estrita aderência ao verdadeiro Deus, bem como a adoração a Ele" (John Gill, *in loc.*). Cf. Êxo. 34.13; Deu. 7.5.

Antes os destruirás totalmente. Somente o completo desaparecimento da idolatria permitiria que se adorasse como é devido a Yahweh. A adoração ao Senhor não permite adoração rival. Fica assim condenado o vício religioso de muitos povos, chamado ecletismo.

23.25

Tirará do vosso meio as enfermidades. Talvez possamos entender essas "enfermidades" em um sentido espiritual ou religioso. Cf. Êxo. 15.24-26; Deu. 7.15; 28.27,60. Mas o mais provável é que a alusão aqui seja às *enfermidades físicas.* Yahweh impusera muitas pragas aos egípcios. Pela graça de Deus, Israel havia escapado. Esse escape prosseguiria se os israelitas se mostrassem obedientes. As pragas antigas varriam um número impressionante de vítimas, e, numa época em que nem se sonhava com os antibióticos, os povos ficavam à mercê de Deus quando surgia o látego das pragas. Deus haveria de curar todas as enfermidades que porventura surgissem entre os filhos de Israel (Sal. 103.3). Nesse trecho de Salmos, o bem-estar material também é ligado à boa saúde espiritual. A intervenção divina miraculosa cura tanto a mente quanto o corpo. O Anjo de Deus promete aqui essa intervenção.

Ele abençoará o vosso pão e a vossa água. Em outras palavras, Deus daria as provisões físicas adequadas quanto a essas duas questões básicas, se o povo de Israel fosse obediente ao Senhor. "...saúde, longevidade e abundância" (John D. Hannah, *in loc.*). Todavia, conspícua por sua ausência é a promessa da vida após a morte física. Essa doutrina só passou a ser claramente mencionada na teologia dos hebreus no tempo dos Salmos e dos Profetas. Naturalmente, ela foi consagrada nos ensinos de Jesus e Seus apóstolos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Imortalidade* (que se desdobra em diversos verbetes).

23.26

A fertilidade foi prometida a homens e animais; as fêmeas não abortariam. "Os abortos, os nascimentos prematuros e a esterilidade, quando excedem a certa média, sempre foram considerados pelos antigos como sinais do desfavor divino, e ritos expiatórios especiais eram criados para tentar estacar esses fenômenos" (Ellicott, *in loc.*). Quanto à *desejabilidade de uma longa vida* ver Gên. 5.21 e suas notas expositivas. Ver também Sal. 55.23; 90.10; Jó 5.26; 42.16,17; I Reis 2.3-11; Isa. 65.20 e Efé. 6.3.

23.27

Enviarei o meu terror. Isso fazia parte da preparação divina para que Israel pudesse enfrentar uma temível plêiade de adversários, de acordo com o vs. 23, as sete nações cananéias hostis. Essas nações seriam psicologicamente debilitadas pelo temor divino, antes mesmo que o povo de Israel atingisse as fronteiras de Canaã. Isso não eliminaria a necessidade de guerrear, mas facilitaria a conquista militar, ficando assim garantida a vitória, não sem esforço, mas *através* do mesmo. Já vimos antes esse tema, em Gên. 15.14-18, onde o comentamos com maiores detalhes. Nesse contexto, ver Jos. 2.9-11 e Sal. 18.39,40. Ver em Gên. 35.5 os comentários sobre o terror divinamente infundido.

23.28

Enviarei vespas. Talvez em sentido literal, conforme sucedeu no caso das pragas do Egito. Porém, vários eruditos preferem pensar aqui em um sentido metafórico. Assim, os exércitos invasores de Israel, seriam como iracundos enxames de vespas, e os adversários fugiriam de diante deles, com suas ferroadas mortais. Embora houvesse sete distintas nações inimigas, os *heveus* e *cananeus* representavam todas as sete. O autor sagrado não se deu ao trabalho de apresentar de novo a lista de nações adversárias (ver o vs. 23). Ver acerca de *vespas* também em Jos. 24.12 e Deu. 7.20.

23.29

Num só ano. A vitória não seria obtida tipo guerra relâmpago, e isso pela razão explicada neste versículo. Todavia, o triunfo seria tal que somente a *ajuda divina* seria capaz de explanar. Ainda assim, a vitória não foi completa, pois as próprias Escrituras indicam que Israel nunca expulsou de todo as populações cananéias, e nem jamais conseguiu conquistar todo o território que fora prometido a Abraão. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18 quanto aos territórios a serem conquistados.

Os eruditos liberais pensam que a questão foi romantizada às expensas da exatidão histórica. O que é fato é que é impossível reconstituir uma cronologia exata de toda a campanha militar de Israel; mas essa reconstituição não tem nenhuma importância especial. "Se Deus lhes tivesse dado toda a Terra Prometida prontamente, em lugar de fazê-lo pouco a pouco (Juí. 1), toda a região teria ficado desolada, dominada pelas feras, antes que o povo de Israel pudesse estabelecer-se na terra e cultivá-la" (John D. Hannah, *in loc.*). Por isso mesmo, a conquista precisou ser *gradual,* permitindo que os israelitas fossem tomando o lugar das populações indígenas deslocadas. Se o território ficasse desocupado por algum tempo, as feras ocupariam o espaço abandonado. Isso seria evitado por uma conquista paulatina.

Ao que parece, a conquista da Terra Prometida ocupou sete panos (que alguns estudiosos sugerem como cerca de 1406-1399 A. C.). Os eruditos conservadores não duvidam que a conquista tenha tomado todo esse tempo. Mas o ponto não se reveste de maior importância, exceto para os céticos e para os ultraconservadores, que precisam achar apoio a qualquer preço para seus sistemas de crenças.

23.30

Pouco a pouco. A conquista da terra de Canaã ocorreu lentamente, por motivos já avançados, no vs. 29. Todavia, a conquista não foi completa, no sentido de que nem todos os habitantes cananeus foram expulsos e nem todo o território prometido a Abraão foi ocupado. Ver as notas sobre Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico.* Cf. Juí. 2.21-23 e 3.1-6, onde essas razões são reiteradas. A desobediência por parte dos israelitas também contribuiu para essa conquista parcial da terra de Canaã. Não foi apenas uma questão de conveniência. A multiplicação do povo de Israel permitiu que a Terra Prometida fosse razoavelmente bem ocupada, mas as sete nações cananéias nunca foram totalmente expulsas. E quando Israel titubeou, em razão de desobediên-

cia e de idolatria, então vieram forças militares de fora, da Assíria e da Babilônia, que reduziram a nação de Israel a nada. Assim sendo, tendo derrotado os adversários que havia na terra de Canaã, os israelitas sucumbiram diante de forças vindas de fora da terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro (Cativeiros).*

23.31

As Fronteiras da Terra Prometida. Nas notas sobre Gên. 15.18 mostrei as dimensões da Terra Prometida, dada a Abraão no Pacto Abraâmico, que excediam ligeiramente às fronteiras determinadas neste ponto. O território deveria estender-se do mar Vermelho ao mar Mediterrâneo (chamado aqui de mar dos filisteus, porquanto servia de um dos limites de seu território). O Eufrates é o rio oriental mencionado. O deserto ficava ao sul. Portanto, as fronteiras da Terra Prometida eram as seguintes:

1. O mar Vermelho (mar de Ácaba), a fronteira sudeste.
2. O deserto: a fronteira sul.
3. O rio Eufrates: a fronteira norte (nordeste).
4. O mar Mediterrâneo: a fronteira oeste.

A maior parte desse território foi ocupado durante o reinado de Salomão (I Reis 4.21), embora permanecessem bolsões das sete nações cananéias que não foram conquistados. Ver Deu. 11.24 e os comentários sobre Deu. 1.7. A presença de povos estrangeiros sempre significou uma ameaça para Israel. Pactos proibidos foram firmados (Jos. 9.3-15; ver Êxo. 34.12). Contudo, a longo termo, os inimigos *externos* (primeiro a Assíria e depois a Babilônia), desmantelaram a nação de Israel. Ver I Reis 4.21,24 e II Crô. 9.26 quanto às dimensões atingidas, que correspondem às dimensões referidas neste versículo. Os estudiosos liberais pensam que o autor sagrado foi alguém que já sabia o que tinha acontecido, pois estaria apenas escrevendo história, e não um profeta que estivesse predizendo o que viria a acontecer no futuro. Mas os eruditos conservadores preferem ver a profecia em ação.

23.32

O plano não podia ser devidamente cumprido se Israel firmasse um pacto com as nações cananéias. Portanto, as sete nações tinham que ser totalmente expulsas, em face do grande acúmulo de seus pecados, por causa dos quais perderiam seus respectivos territórios. Ver Gên. 15.16. Algo paralelo sucedeu nos Estados Unidos da América do Norte. Muitos congressistas se opuseram à marcha para o oeste. Certo congressista comentou: "Que faremos com todas aquelas intermináveis montanhas?" Mas a voz da sabedoria acabou prevalecendo. O sentimento mais sábio foi o de evitar a *fragmentação de território* que tinha havido na Europa, com seus conflitos constantes entre muitas nações, apinhadas no continente europeu.

A ordem dada aos israelitas foi de não entrarem em qualquer acordo que tendesse por manter próximas as populações cananéias. Ver também as notas sobre Êxo. 34.12 quanto a isso. Mas essa ordem foi por muitas vezes ignorada. Ver Jos. 9.3-15.

A proibição constante neste versículo tinha uma natureza, *antes de tudo*, espiritual, visto que a proximidade da idolatria só poderia corromper o Yahwismo. Em *segundo lugar*, havia uma razão prática. Uma grande nação dificilmente poderia desenvolver-se em meio a sete nações contrárias. Em *terceiro lugar*, essa proibição concordava com o julgamento divino contra o pecado excessivo daquelas sete nações.

23.33

Nas notas sobre o versículo anterior dei as *razões* pelas quais Israel não podia firmar acordos com as sete nações cananéias que eram os ocupantes originais da Terra Prometida, mas como essa proibição divina foi vez por outra desobedecida. Este versículo dá-nos a razão espiritual contra tais tratados. A *idolatria* (ver a esse respeito no *Dicionário*) logo haveria de transtornar a nação de Israel, furtando-a de seu caráter distintivo. A *teocracia* seria reduzida a nada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teocracia.* Somente uma nação unida e livre de assédios poderia cumprir aquele plano espiritual a que Deus a destinara. A história subseqüente de Israel provou a exatidão da declaração deste versículo. Os pecados de Israel finalmente provocaram os *cativeiros.* Assim sendo, a corrupção interior produziu destruição vinda de fora. Ver Juí. 1.27-36; 2.11-13; 3.5-7 quanto à confusão produzida por maus vizinhos. Ver Êxo. 34.12 quanto a uma afirmação paralela.

Capítulo Vinte e Quatro

A Aliança de Deus com Israel (24.1-11)

Ver a seção ao capítulo dezenove onde começa a seção que inclui este material. Uma *teofania* (ver a respeito no *Dicionário*) inaugurou o Pacto Mosaico. A presença de Deus manifestou-se e as condições do pacto foram aplicadas. Assim, temos as *leis* dos capítulos 20 - 23, o *desdobramento* do *decálogo* (os *Dez Mandamentos;* ver no *Dicionário*). Essas *leis* eram as *condições* do Pacto Mosaico. Teve assim início a quinta dispensação, com o estabelecimento do Pacto Mosaico. Há comentários sobre ambas as coisas nas notas de introdução a Êxo. 19.1, juntamente com outras questões importantes ligadas a isso.

O texto à nossa frente fala da *ratificação* do pacto. Os israelitas deveriam deixar-se guiar pelo decálogo e pelas ordenanças (a multiplicação que compõe a inteira legislação mosaica). Ver no *Dicionário* o artigo *Lei no Antigo Testamento,* em sua quarta seção, Lei. O povo de Israel precisava concordar e ratificar o pacto. Isso requeria a presença dos representantes do povo, os *anciãos,* juntamente com os líderes principais, ou seja, Moisés, Arão, Nadabe e Abiú. O povo concordou com tudo e prometeu obediência (vs. 3). Foi erigido um altar (vs. 3), e foram feitos os sacrifícios apropriados (vss. 5,6). Foi novamente prometida a obediência (vs. 7). O povo foi aspergido com sangue, e o pacto mosaico veio a ser ratificado com sangue, o que era uma questão séria em Israel (vs. 8). A Moisés e aos demais grandes líderes da nação foi dada uma visão especial de Deus (vs. 10). Essa visão também foi dada aos anciãos (vs. 11). Ato contínuo, foram dados os Dez Mandamentos gravados em tábuas de pedra (vs. 12 ss.). Esse complicado ritual tornou Israel uma nação distinta, consagrada a Yahweh, uma nova nação por meio da qual poderia ter cumprimento o Pacto Abraâmico. Essa nação seria o veículo do aparecimento do Messias, o qual universalizaria as provisões das promessas de Deus a Abraão (ver Gál. 3.8 ss.).

24.1

Sobe ao Senhor. Era mister subir novamente ao monte. O grupo que subiria seria constituído por Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta anciãos de Israel, líderes tribais. Nadabe e Abiú eram os outros dois filhos de Arão, que já nos tinham sido apresentados em Êxo. 6.23. Ver acerca de todos os nomes aqui mencionados no *Dicionário.* Ver Lev. 10.1 ss. quanto à morte deles por haverem oferecido fogo profano no tabernáculo.

Os *anciãos* eram os representantes do povo, pelo que temos aqui uma espécie de ação democrática representativa na ratificação do Pacto Mosaico (ver a respeito as notas introdutórias em Êxo. 19.1). Todos ficaram a respeitável distância, por motivo de segurança, e somente Moisés pôde chegar perto de Yahweh, conforme nos mostra o vs. 2. Ver as notas sobre Êxo. 19.3 ss. quanto a outras subidas e descidas no Sinai, por Moisés, em cenas similares às do presente texto. Na primeira subida, Moisés recebeu a lei; na segunda, foram ratificados e registrados os Dez Mandamentos, sobre tábuas de pedra. Quanto aos *anciãos,* ver Êxo. 3.16; 4.29; 12.21; 17.5; 18.12; 19.7.

24.2

Só Moisés se chegará. Isso por ser ele o único que estava espiritualmente preparado para aproximar-se da presença de Yahweh. As descrições são as mesmas que vemos em Êxo. 19.10 ss. No vs. 13, vemos que Josué foi em companhia de Moisés. Gradações de preparação espiritual e de santidade estabeleciam a diferença na distância da abordagem. Os despreparados poderiam ser consumidos. Até mesmo os preparados estremeceram. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

24.3

Este versículo é essencialmente igual a Êxo. 19.8, onde os filhos de Israel prometeram plena obediência a Deus. Ver as notas ali.

Todas as palavras do Senhor. Estão aqui em pauta os *Dez Mandamentos* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Todos os estatutos. Ou seja, as adições e multiplicações dos dez mandamentos. Ver Êxo. 20.23 - 23.33 quanto ao desdobramento preliminar. O Pentateuco inteiro é uma espécie de desdobramento dos dez mandamentos originais. Nas Dez Palavras e nas ordenanças temos a legislação mosaica. Ver nos Artigos Introdutórios, no primeiro volume desta obra, o artigo *Lei no Antigo Testamento,* em sua quarta seção, *Lei.* Ver a expressão "o livro da aliança" (Êxo. 24.7) quanto a uma referência geral à lei mosaica.

Respondeu a uma voz. O povo respondeu com entusiasmo e unanimemente. Dispuseram-se a realizar o impossível, de acordo com ensino do Novo Testamento (Atos 15.10; Rom. 3.19 ss.). A lei tinha por intuito *fechar a boca,* e não justificar. Mas é ridículo supormos que os hebreus perceberam isso e assim chegaram a crer. Ver Deu. 5.32,33 quanto à atitude dos israelitas. *Fazer era viver.* Eles não anteciparam que a obediência à lei era impossível, de tal modo que, se quisessem viver espiritualmente, teriam de depender do Novo Pacto, aquele que

tem Cristo por centro. Ademais, devemos lembrar que na lei não havia qualquer promessa de vida pós-túmulo, e nem castigo pela maldade e vida eterna pela bondade, em alguma existência da alma. Essa doutrina só começou a ser mencionada claramente nos Salmos e nos Profetas, embora houvesse indícios da mesma desde antes, como na doutrina da Imagem de Deus (Gên. 1.26,27).

24.4

Moisés escreveu. *O quê?* Todas as comunicações de Yahweh, que vieram a fazer parte do Pentateuco. Moisés não deve ter escrito em hebraico bíblico, que então ainda estava em desenvolvimento, mas em alguma forma semítica anterior. Moisés, criado na corte de Faraó, era homem educado e sabia escrever, ainda que alguns críticos duvidem disso. O alfabato hebraico foi criado antes dos dias de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo *Alfabeto (Escrita).* Devemos pensar em um hebraico antiqüíssimo, anterior ao hebraico do Antigo Testamento. Talvez a distância fosse algo similar àquela entre o inglês de Chaucer e o inglês moderno, ou entre o grego de Homero e o grego de Platão. Ver também Êxo. 17.14, e, no *Dicionário,* o verbete *Livro (Livros).*

Foi erigido um *altar,* segundo se vê em Êxo. 20.25, ao qual foram acrescentadas as *doze colunas,* talvez pedras alongadas postas de pé. Representavam as doze tribos de Israel. Yahweh apareceu no altar; e o povo foi representado pelas doze colunas, ou seja, as duas partes envolvidas no pacto e sua ratificação. Cf. Gên. 28.,18. Ver também Jos. 4.3,9,20 quanto a algo similar. A Septuaginta diz aqui somente *pedras,* em lugar de "co- lunas". Ver Deu. 12.3 quanto à proibição e destruição de colunas usadas nos ritos pagãos.

24.5

Foram oferecidos sacrifícios de acordo com a dignidade da situação.

Holocaustos. Ver a esse respeito no *Dicionário.* Ver também Êxo. 10.25; 18.12 e 20.24 quanto a esse tipo de oferenda. A última dessas referências também aparece no contexto da outorga da lei, sendo virtualmene igual ao versículo presente.

Sacrifícios pacíficos. Ver também Êxo. 20.24. Naquele ponto há referências ao artigo geral que fala sobre os sacrifícios e ofertas, e onde estão incluídos os tipos de sacrifícios mencionados neste versículo.

Alguns jovens dos filhos de Israel. Esses agiram como se fossem sacerdotes. Posteriormente foi instituído um sacerdócio formal, proveniente da tribo de Levi. Ver no *Dicionário* o artigo *Sacerdotes e Levitas.* Aqueles jovens foram escolhidos dentre os *primogênitos* distinguidos (ver a respeito deles no *Dicionário*), que formavam o sacerdócio primitivo em Israel. Ou, então, esses jovens foram selecionados dentre os anciãos mais jovens, conforme se vê no primeiro versículo deste capítulo.

24.6

Metade do sangue. Metade do sangue dos sacrifícios, que havia sido posto em receptáculos, a ser usado para aspergir o povo (vs. 8). A outra metade foi aspergida sobre o altar. Temos aí o rito da ratificação, selado a sangue. Por muitas vezes, o sangue fala de expiação; e, talvez, essa idéia esteja incluída no rito, embora a noção principal tenha sido a ratificação feita pelas duas partes interessadas: Yahweh, representado pelo altar, e o povo de Israel, que foi aspergido.

Entre vários povos antigos havia pactos de sangue. Algumas vezes, o sangue dos sacrifícios era sorvido pelas partes envolvidas no acordo. "Deus e o povo uniram-se em sagrado companheirismo. Houve uma refeição sagrada (vss. 9-11), que também servia de meio comum de estabelecimento dessa comunhão. Provavelmente devemos pensar aqui em uma forma mais antiga, e que a aspersão do sangue simbolizava aquilo que se fazia mais antigamente, ou seja, o sangue era bebido" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). A aversão de Israel ao uso de sangue como alimento não permitiria que eles bebessem do sangue. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sangue,* quanto às regras e referências. Ver também Atos 15.29 no *Novo Testamento Interpretado* quanto a amplas notas sobre essa questão. Ver Gên. 9.4; Lev. 3.17; 7.26 quanto a essa proibição. Ver Lev. 17.11 quanto à idéia misteriosa da vitalidade existente no sangue, uma das razões da proibição do uso de sangue na alimentação do povo de Israel.

24.7

O livro da aliança. A alusão é àquilo que Moisés havia escrito (vs. 4), as *palavras* (os dez mandamentos e as ordenanças, as adições originais aos dez mandamento). As idéias são frisadas nas notas sobre o vs. 3. Esses materiais, como é óbvio, posteriormente vieram a fazer parte de nosso *Pentateuco* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse documento foi salpicado com sangue (Heb. 9.19), santificado para uso como legislação divina, a ser adicionado conforme a lei foi sendo ampliada às mãos de Moisés e outros profetas. O pacto mosaico, pois, foi ratificado por meio de sangue. O texto presente não diz que Moisés aspergiu o livro; e isso tem-se tornado fulcro de controvérsias, visto que o autor da epístola aos Hebreus adicionou essa pequena informação. Essa questão é discutida detalhadamente no *Novo Testamento Interpretado.*

O Livro da Aliança é Lido Diante do Povo. Moisés já havia exposto uma versão oral desse livro (vs. 3). A escrita e a leitura do livro tornaram o ato ainda mais claro e mais obviamente obrigatório, como um registro escrito para ser guardado e honrado. Ver também sobre o "livro da aliança" em Jos. 24.25,26. O terceiro versículo deste capítulo registra como o povo aceitou a aliança incondicionalmente. Este versículo repete essa informação. Houve uma aceitação após a exposição oral, e outra, após a leitura do documento escrito. Cf. *Deu.* 5.26-29.

24.8

O *primeiro pacto* foi ratificado com sangue, conforme nos diz o autor da epístola aos Hebreus (9.18). Ele aludiu à aspersão com sangue do livro, do povo, da tenda e dos vasos usados na adoração. O relato original, no livro de Êxodo, não menciona esses detalhes. É provável que o ato original não tivesse incluído todos esses diversos atos de aspersão, mas que outros atos idênticos os tenham incluído. Ver Heb. 9.19, no *Novo Testamento Interpretado,* quanto a informações sobre essa questão.

Por que sangue? Por ser uma substância sagrada, a *vida* da carne (Lev. 17.11), o mais precioso líquido que poderia ser usado como veículo de ritos religiosos sérios. Como é natural, o sangue de Cristo foi assim retratado simbolicamente, o sangue que possibilitou o segundo pacto, o Pacto da Graça. Ver as notas sobre Heb. 9.25 ss. quanto a esse ensino e suas aplicações. Ver no *Dicionário* os verbetes *Sangue* e *Expiação Pelo Sangue;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Expiação pelo Sangue de Cristo.*

Quanto à expressão *sangue da aliança,* ver também Mat. 26.28; I Cor. 11.25. O conceito antigo era que o pacto de sangue mostrava-se eficaz no estabelecimento da comunhão entre Deus e os homens (ver Lev. 1.5 e as suas notas expositivas). O sangue era a sede misteriosa da vida, pelo que, ao ser vertido, havia um sacrifício de *vida por vida,* ou seja, uma vida em benefício de outra. O sangue é o preço da redenção, conforme é prefigurado na história do êxodo (Êxo. 12 e 13).

E o aspergiu sobre o povo. Ou seja, sobre alguns de seus representantes, os sacerdotes oficiantes, alguns dos anciãos e, talvez, as doze colunas que representavam as doze tribos de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.*

24.9,10

As Testemunhas. Testemunhas especiais, aquelas enumeradas no primeiro versículo deste capítulo, que aqui aparecem como quem foi escolhido para ver Yahweh (vs. 10). Alguns críticos supõem que temos aqui uma *segunda versão* da ratificação da qual o povo não fez parte, pois foi representado pelas testemunhas enumeradas. "Moisés, o mediador do pacto, foi acompanhado pela família sacerdotal, Arão, Nadabe e Abiú (Êxo. 6.14-25; Lev. 10.1-3)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). A maioria dos intérpretes, entretanto, vê aqui um acontecimento ou manifestação especial, que fazia parte da história anterior de ratificação. Ninguém pode ver Deus em Sua *essência* (ver Êxo. 33.11,20; João 1.18), embora possa ser visto em visão mística, em Sua teofania (ver a esse respeito no *Dicionário*), ou na pessoa de Seu Anjo (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver a exposição sobre essa questão em João 1.18, no *Novo Testamento Interpretado.*

Esses versículos contêm várias referências às antigas noções dos hebreus acerca de Deus e Sua residência, e que J. Edgar Park (*in loc.*), aplicou como segue:

"Eles viram o Deus de Israel. Não contemplaram face a face alguma figura (Êxo. 33.20). Mas olharam para o alto e viram um pavimento de pedras de safira, onde os pés de Deus supostamente estariam apoiados. Deus pôde ser imaginado entronizado sobre as águas que estavam por cima da cúpula do céu (Sal. 29.10). A presença de Deus era tão real que foi como se os céus se tivessem 'aberto'" (Êxo. 1.1). A cena da Transfiguração, no Novo Testamento, parece-se bastante com esse relato (Mat. 17.5). Naquela presença sagrada, os nobres de Israel sentiram-se seguros. Israel era santo em virtude do pacto. A presença não era a *essência de Deus, mas compartilhava de Sua forma de vida.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Astronomia,* quanto aos antigos conceitos dos hebreus acerca da natureza do cosmos. Dou um desenho ilustrativo ali, para ajudar nosso entendimento. Os eruditos conservadores, como é natural, pensam que essas questões todas são simbólicas, e que não devemos pensar aqui em um crasso sentido literal; mas os hebreus antigos, em sua cosmologia, ao que tudo indica aceitavam literalmente essas descrições.

Antropomorfismo. A fim de descrever Deus, o homem é forçado a utilizar-se de expressões antropomórficas, pois sua linguagem é antropomórfica. Por conseguinte, o Mysterium Tremendum permanece misterioso porque a linguagem humana é falha. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o verbete *Mysterium Tremendum.*

Safira. Ver o artigo detalhado sobre essa pedra preciosa no *Dicionário.*

". . .era o *lapis-lazuli,* uma pedra de azul profundo, salpicada de partículas brilhantes e douradas de piritas ferrosas, um lindo símbolo dos céus. . . Os antigos davam-lhe grande valor, uma das sete pedras postas sobre o peito dos monarcas babilônicos. Quase todas as minhas fontes mostram artigos egípcios de luxo feitos dessa pedra" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Cf. Isa. 6.1 e Eze. 1.1,26-28.

24.11

Não houve dano para aqueles que tiveram a visão, como alguém poderia ter esperado (ver Êxo. 20.19-21). Havia segurança para aqueles que estivessem preparados para receber a visão. Os despreparados tiveram que ficar a respeitável distância. A comunhão com a presença foi selada pela refeição sagrada. "Eles regozijaram-se em seus sacrifícios, aceitos de boa vontade", disse *Onkelos* sobre este versículo. Cf. Gên. 16.13; 33.30. Ver Juí. 13.22,23 acerca de alguém ter visto a presença de Deus mas ter sobrevivido.

Os escolhidos dos filhos de Israel. Os mesmos "anciãos" do vs. 1, onde dou várias referências a eles. Quando da outorga da lei houve algum *acesso* a Deus, mas muito longe daquilo que ocorre dentro do evangelho de Cristo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.*

Deus Dá Instruções no Monte (24.12 — 31.18)

Moisés e os Anciãos Sobem ao Monte (24.12-18)

24.12

Sobe a mim ao monte. Por assim dizer, Moisés subiu até o Santo dos Santos de Deus. Em breve, o Santo dos Santos celeste seria representado no tabernáculo (ver no *Dicionário* o artigo com esse nome). Ele tinha ouvido oralmente a lei e a tinha transmitido ao povo de Israel. Também havia recebido e lido diante do povo o *livro da aliança* (ver as notas sobre isso nos vss. 4 e 7). E agora haveria de receber o *autógrafo,* ou seja, os dez mandamentos (ver no *Dicionário* sobre os *Dez Mandamentos*), escritos pelo próprio dedo de Deus.

Nomes Dados às Tábuas:

1. Tábuas de pedra (Êxo. 31.18).
2. As duas tábuas de pedra (Êxo. 34.1,4).
3. Tábuas da aliança (Deu. 9.9,15).
4. Tábuas do testemunho (Êxo. 24.29; 31.18; 32.15).

Deus escreveu e exprimiu tanto o Seu caráter quanto o Seu desejo de comunicar-se. O homem foi instruído como deveria aproximar-se do caráter de Deus em seu desenvolvimento espiritual, ao obedecer e incorporar em seu coração toda a vontade de Deus. Os mandamentos destinavam-se ao ensino e à instrução, provendo uma orientação espiritual eficaz.

O texto diante de nós descreve uma experiência mística da primeira ordem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Tomamos conhecimento das coisas mediante a percepção dos sentidos (empirismo), mediante a razão (racionalismo), e mediante a *intuição.* Mas também podemos aprender muitas coisas espirituais por meio das experiências místicas, nos termos descritos no artigo mencionado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Conhecimento e a Fé Religiosa,* que fornece detalhes sobre essas quatro maneiras de se tomar conhecimento das coisas, e *Ensino.* A revelação divina tem por intuito *ensinar,* conforme afirma o versículo à nossa frente.

O texto à nossa frente (mas não aquele de Êxo. 31.18) não diz que os *dez mandamentos* davam importância às *pedras,* embora devamos compreender isso. Mas Deu. 5.22 contém uma declaração direta nesse sentido. Ver também Êxo. 34.28 quanto a uma declaração direta sobre isso no livro de Êxodo.

24.13

Josué. Agora o seu nome foi adicionado à lista dos ministros especiais, sendo-nos apresentado pela primeira vez como uma espécie de braço direito de Moisés, só perdendo em destaque para Arão. Há um detalhado artigo sobre ele no *Dicionário.* Este versículo não diz especificamente que Josué também subiu ao monte a fim de entrevistar-se com Yahweh, embora essa idéia fique entendida. A Septuaginta diz que Josué também subiu ao monte. Arão e outros ficaram no acampamento, encarregados da direção das coisas; mas quando o povo errou no tocante ao bezerro de ouro, somente Arão foi considerado responsável (Êxo. 32).

Josué era o auxiliar pessoal de Moisés, que andava em sua companhia e lhe prestava toda forma de serviços, talvez até de guarda-costas. Sem dúvida estava entre os amigos de maior confiança de Moisés. Mais tarde, tornou-se o principal comandante militar de Israel, bem como o sucessor de Moisés, que acabou introduzindo o povo de Israel na Terra Prometida. Portanto, ele serviu de tipo de Cristo, uma questão amplamente explicada no artigo a respeito dele. Ver *Josué (Livro),* em sua nona seção, *Tipologia,* no *Dicionário.*

24.14

Na ausência de Moisés e de Josué, Arão ficava encarregado de tudo, e *Hur* era seu assistente especial. Ver Êxo. 17.10 quanto à primeira menção a Hur, onde também apresentei as notas sobre ele. Hur é mencionado somente por três vezes na Bíblia. Parece que ele era a terceira autoridade. Provavelmente ele era um dos setenta anciãos de Israel. Arão e Hur (e seus delegados) tomariam o lugar de Moisés, executando todos os deveres como líderes e juízes.

24.15

A lei já havia sido dada, mas agora o decálogo (os *Dez Mandamentos;* ver a respeito no *Dicionário*) deveria ser dado em forma escrita sobre tábuas de pedra, compostas pelo próprio Yahweh. O autor sacro fez uma detalhada e elaborada descrição dessa questão que alguns eruditos pensam ser um relato distinto da outorga da lei, e não apenas uma parte da mesma. Não sabemos o que sucedeu a Josué quando Moisés subiu ao monte e penetrou na nuvem mística. É provável que ele tenha ficado para trás, pois somente Moisés era o homem escolhido para aquela hora crítica. Ver Êxo. 19.9,16; 34.5 e 40.34 quanto à *nuvem* de Yahweh. Provavelmente devemos entender aqui uma nuvem mística, um modo de manifestação divina, e não uma nuvem de vapor d'água. Ver I Tes. 4.17 quanto à "nuvem" em que a Igreja será arrebatada, e que anotei amplamente no *Novo Testamento Interpretado, in loc.*

24.16

A nuvem e a glória de Yahweh manifestaram-se no monte em um glorioso espetáculo, antes da voz divina dirigir-se a Moisés. Foi um período de preparação e espera antecipatória. Algumas grandes experiências místicas são projetadas com alguns dias de antecedência, e aqueles que as experimentam recebem um período de preparação, conforme nos indica o texto presente. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo.* Presume-se que Moisés ocupou aqueles seis dias em oração e meditação, em preparação espiritual para o evento que em breve haveria de ter lugar. Antes da outorga dos dez mandamentos, sobre as duas tábuas de pedra, a teofania (ver a esse respeito no *Dicionário*) haveria de introduzir material acerca dos sacerdócios, que constituem os capítulos vinte e cinco a trinta e um do livro de Êxodo.

Alguns eruditos pensam que a nuvem é a mesma *shekinah* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Outros estudiosos, talvez com menor razão, chamam-na de nuvem que conduzia Israel (Êxo. 13.21).

24.17

O autor sagrado adiciona detalhes sobre a manifestação da glória do Senhor. Não foi algum acontecimento ordinário: a nuvem não foi uma nuvem comum. Ela exprimia a glória do Senhor bem como o Seu fogo consumidor. Esta descrição é essencialmente idêntica àquela de Êxo. 19.16,18, embora menos detalhada. A primeira subida de Moisés ao monte (Êxo. 19) foi acompanhada por manifestações similares. A segunda subida (Êxo. 24.12 ss.) foi descrita com menos detalhes. Mas em ambas as subidas, o povo precisou manter-se à distância, por motivo de segurança (ver Êxo. 19.13,21 ss.). Além disso, esteve envolvida a questão de um *acesso* merecido. A maioria dos homens não está espiritualmente preparada para aproximar-se da presença de Deus. Há gradações de acesso, tal como há gradações de espiritualidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.* Em Cristo, temos um acesso completado, ao passo que em Moisés havia apenas um acesso preliminar.

Uma grande luz, como de uma grande conflagração, rebrilhou no monte por todo o tempo em que Moisés esteve ausente, e isso à plena vista do acampamento dos israelitas, perto do monte Sinai. É possível que os israelitas, pensando que Moisés tinha sido consumido em meio ao espetáculo divino, tenham caído em desespero, voltando-se assim para a idolatria.

24.18

Moisés, sem temer coisa alguma, devido à graça divina, não hesitou em entrar na nuvem, pelo que ascendeu ao monte a fim de entrevistar Yahweh.

Quarenta dias e quarenta noites. Na Bíblia há diversos períodos de *quarenta dias*, e todos eles revestem-se de um sentido especial. Há um artigo sobre essa questão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quarenta*. Usualmente, esse número indica um período de teste e preparação especial. O trecho de Deuteronômio 9.9 diz-nos que Moisés, durante todo esse tempo, nada comeu e nem bebeu. Foi espiritualmente sustentado. Esse fenômeno tem sido conhecido como experiência de pessoas especialmente santificadas, as quais, pelo menos durante algum tempo, podem passar sem os meios físicos ordinários de sustento. Há uma espécie de sustento espiritual desconhecido, acerca do qual não dispomos nem de descrições e nem de definições, mas tão-somente sabemos que esse fenômeno, ocasionalmente, pode acontecer.

". . .algo maior do que nós mesmos tem estado em operação em nós e através de nós. Assim foi a experiência de Moisés. O povo de Israel tinha avançado muito: estavam em segurança, fora do Egito; e agora estavam nos primeiros estágios de uma organização, tendo escapado de diversos desastres. Eu jamais poderia ter feito tal coisa por mim mesmo. A Tl, Yahweh, é toda a minha gratidão e lealdade!" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*, ao citar o livro *The Green Pastures*, de Connelly).

"Tanto o seu corpo quanto a sua alma foram sustentados pela presença revigoradora de Deus. . . Assim também Elias jejuou por quarenta dias e quarenta noites, sustentado pelo mesmo poder (I Reis 19.8)" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. também a experiência de Jesus, em Mateus 4.2, que envolveu outro período de quarenta dias.

Capítulo Vinte e Cinco

Direções para a Construção do Tabernáculo (25.1 — 27.21)

Ver a planta, um gráfico do tabernáculo, nas notas de introdução a Êxo. 26.1.

Moisés subiu no monte Sinai por duas vezes, a fim de entrevistar Yahweh e para receber a lei. A primeira subida ficou registrada em Êxo. 19; e a segunda, em Êxo. 24. A *lei foi dada, primeiramente, sob forma oral; e mais tarde foi* escrita no livro da aliança (Êxo. 24.4,7). Em seguida, os dez mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*) foram escritos sobre tábuas de pedra pelo próprio Yahweh. Antes de sermos informados de que Moisés recebeu as tábuas de pedra (ver Êxo. 24.12 quanto aos vários nomes que lhes são dados no Pentateuco), há uma longa seção que inclui questões relativas aos sacerdotes (capítulos 25 - 31). Parte disso é a seção que temos à frente, as instruções acerca da ereção do tabernáculo e dos materiais que deveriam ser usados. Preparei um artigo detalhado sobre o *Tabernáculo,* que o leitor poderá examinar no *Dicionário.* Aquele artigo fornece todas as informações básicas, incluindo a questão dos tipos, que têm sido grandemente exagerada por certos eruditos cristãos.

O capítulo trinta e dois reinicia a narrativa interrompida no fim do capítulo vinte e quatro. Moisés desceu do monte com as duas tábuas de pedra, e descobriu que o povo de Israel já havia caído no pecado de idolatria, e que *Arão* estava liderando tal culto! Geralmente sucede que fracos e fortes se misturam na revolta contra Deus. Moisés estivera no monte, em companhia de Yahweh, recebendo a lei (o forte), ao passo que Arão, à distância liderava o povo em sua idolatria (os fracos). O ser humano, individual ou coletivamente, é uma mescla de elementos fortes e fracos. Paulo sentia-se desolado diante dessa condição humana (ver o sétimo capítulo da epístola aos Romanos). O homem espiritual fica desolado pelo mesmo motivo, mas o crescimento espiritual prossegue, apesar dos retrocessos, internos e externos.

Poderíamos considerar o relato anterior como uma descrição de como a *Igreja primitiva* foi organizada, com base na tradição judaico-cristã. A tenda era o lugar onde Deus e o homem podiam encontrar-se. A tenda, pois, está prenhe de simbolismos importantes no que tange a essa questão. A tenda, também chamada tabernáculo, era uma estrutura portátil que Israel transportou em suas vagueações pelo deserto, durante quase quarenta anos.

A tenda era a casa de Deus. Quanto a vários detalhes era similar às residências orientais dos mais abastados. Essas residências orientais tinham um lavatório convenientemente colocado perto da entrada, a fim de que aqueles que entrassem, incluindo visitantes, pudessem lavar suas mãos e seus pés (Gên. 18.4; 43.24; João 13.5). Isso prefigurava o trecho de Tito 3.5. Também havia candeeiros (Zac. 4.2), a mesa onde eram servidas as refeições, e vários compartimentos, incluindo os mais interiores, que não eram franqueados aos visitantes. Mas a primeira Igreja de Deus era uma tenda, símbolo da transitoriedade que exigiu, finalmente, a construção do templo de Jerusalém, uma edificação permanente. E isso contemplava o futuro, quando o homem seria esse templo, a habitação do Espírito. Ver Efé. 2.19 ss.

As Cinco Declarações acerca do tabernáculo, com sua estrutura e seus móveis e utensílios. O livro de Êxodo contém muitas repetições, uma característica literária do autor sagrado, o que se evidencia claramente nessas cinco declarações: 1. Yahweh baixou instruções acerca da ereção do tabernáculo e do culto ali efetuado (Êxo. 25-31). 2. Em seguida, há descrições de como o trabalho de *construção foi feito, sob a supervisão de* Bezaleel e Aoliabe (Êxo. 36.1 - 39.32). Praticamente foi repetida a totalidade dos capítulos 25 a 31. 3. Então há outra repetição da massa de informações, depois de Moisés ter recebido todo o trabalho feito e ter aprovado o mesmo (Exo. 39.33-43). 4. Então Yahweh deu instruções acerca da montagem do tabernáculo. 5. Finalmente, a montagem foi realizada, descrita com muitas repetições (Êxo. 40.16-33). E o tabernáculo, já montado, foi abençoado pela presença de Yahweh (Êxo. 40.34-38).

25.1

Disse o Senhor. A mensagem de Yahweh antecedeu a escrita e a entrega das tábuas de pedra, pelo que os capítulos 25 - 31 de Êxodo dão-nos coisas pertinentes ao culto religioso, a começar pelas instruções acerca da ereção do tabernáculo. Ver as notas introdutórias a Êxo. 25 quanto a detalhes sobre como a *seção à nossa frente ajusta-se à narrativa geral. Moisés deveria comunicar-*se oralmente com o povo, acerca de sua revelação divina. Moisés não tinha inventado coisa alguma. Cf. Êxo. 3.2,7; 4.1,2; 5.1; 6.1; 7.1; 8.1; 9.1; 10.1; 11.1; 12.1; 13.1; 14.1; 16.11; 19.3; 20.2,5; 24.1,3 e aqui. A partir deste ponto, há inúmeras referências similares, conforme vai sendo dado o material da revelação divina.

Deveria ser levantado o santuário do Senhor, o tabernáculo (vs. 8). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tabernáculo* quanto a informações detalhadas, incluindo a questão dos tipos. Quanto a essa questão ver, especialmente, a seção décima, *Significação Espiritual do Tabernáculo.*

25.2

Que me tragam oferta. Várias oferendas faziam-se necessárias. A edificação da primeira congregação da tradição judaico-cristã exigiu generosas oferendas por parte do povo, porque o deserto não dispunha de recursos próprios para tal edificação. Grande parte derivar-se-ia das coisas que os egípcios tinham dado aos israelitas, mediante uma generosidade forçada. Ver Êxo. 3.22; 11.2. Além disso, cumpre-nos lembrar que os israelitas haviam amealhado muitas riquezas por si mesmos, no Egito, apesar da opressão a que tinham sido sujeitados. Moisés, pois, exortou o povo de Israel a sacrificar parte dessas riquezas em favor da ereção do santuário portátil, o tabernáculo.

As ofertas seriam *voluntárias*, inspiradas pela generosidade espiritual. Ver Êxo. 35.29. A gratidão inspira o homem à generosidade. Fazer parte de algo maior do que o próprio indivíduo abre o seu coração para a generosidade. Posteriormente, quando o templo foi renovado (I Reis 12.4,5), ofertas voluntárias novamente acudiram à necessidade. Deus ama a quem dá com alegria (II Cor. 9.7).

"A ereção de santuários é uma das melhores ocasiões para os homens mostrarem sua gratidão a Deus, dando-Lhe algo que lhe pertence, abundante e liberalmente" (Ellicott, *in loc.*).

25.3

Ouro, prata e bronze. Três metais preciosos, alistados segundo a ordem de seu valor. Todos os três metais, do mais dispendioso ao mais barato, serviriam para o fabrico de itens do templo. Cf. a metáfora de Paulo sobre os materiais de edificação na vida espiritual (I Cor. 3.12 ss.). Os homens mais pobres, que não pudessem doar nem ouro e nem prata, podiam dar cobre. Cada dádiva teria sua utilidade; e cada indivíduo seria abençoado por dar o que pudesse.

Israel Tinha Recursos Próprios: Aquilo que eles tinham tomado dos egípcios (Êxo. 3.22; 11.2). Também devemos pensar no que eles tinham acumulado durante o exílio, e também o que haviam tomado dos amalequitas como despojo (Êxo. 17). Ver em Êxo. 35.22,24 o que seria possível amealhar. O ferro não é mencionado, pois esse metal limitar-se-ia ao fabrico de instrumentos agrícolas e armas de guerra. Há vários artigos sobre os metais mencionados, no *Dicionário.* A tenda, um lugar pacífico, não precisaria de um metal usado em matanças.

Tipos. Os eruditos cristãos exageram sobre a questão dos tipos envolvidos no tabernáculo. Dou apenas alguns exemplos disso. Os materiais e suas cores recebem sentidos simbólicos: o ouro (a deidade em suas manifestações, e até mesmo a deidade de Cristo, João 1.1,14). A prata (a redenção, Êxo. 30.12-16; 38.27). O bronze (julgamento, como foi o caso do altar e da serpente de bronze, Núm. 21.6-9). Na décima seção do artigo intitulado *Tabernáculo,* no *Dicionário,* apresentei aqueles tipos que considero válidos e mais importantes. Mas outros tipos podem ter algum valor e validade.

25.4

Azul e púrpura e carmesim. Essas cores também têm recebido sentidos simbólicos: Azul, a cor celeste, a espiritualidade. A púrpura, a realeza. O carme-

sim, os sacrifícios; e, naturalmente, em Cristo, essas cores teriam sentidos. e não somente no tabernáculo. Ofereci artigos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre as três cores mencionadas neste texto. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Cores*. Esse artigo é detalhado e inclui símbolos espirituais e psíquicos relacionados às cores.

Linho fino. Ver no *Dicionário* o verbete *Linho*. O linho fino era um produto egípcio, usado em vestes dispendiosas ou para envolver múmias. Os sacerdotes de Israel usavam vestes feitas de linho.

Pêlos de cabra. Ver o artigo sobre esse material, nas notas sobre Êxo. 26.14. Cf. Êxo. 35.25,26. Os pêlos de cabra eram usados no fabrico de um tecido muito durável, usado para cobrir tendas e fazer vestes das mais resistentes. O material foi usado para encobrir o tabernáculo (Êxo. 26.7-14).

25.5

Peles de carneiros. No hebraico, *or*, indicando peles de carneiros tingidas de vermelho, usadas como a quarta cobertura do tabernáculo (aqui e em Êxo. 26.14; 36.19; 37.7,23; 39.34). Peles de carneiros, tratadas com azeite, até hoje, são usadas pelos pastores do Oriente Próximo. Elas fornecem uma boa proteção contra o vento e a chuva. Os sírios continuam tingindo essas peles de vermelho, esfregando-as com um corante dessa cor. Então com essas peles são fabricados sapatos e sandálias.

Peles de animais marinhos. Ver o artigo sobre esse material no *Dicionário*. Esse material também foi usado para cobrir a arca da aliança, quando os israelitas se punham em marcha (Núm. 4.6 ss.; ver também Eze. 16.10). No artigo mencionado, forneci detalhes a respeito.

Madeira de acácia. Apresentei um detalhado artigo sobre esse material no *Dicionário*. Essa madeira era chamada, no hebraico, *sitim*. Era madeira excelente para fabricar móveis, e até hoje é usada com essa finalidade. Foi para fabricar móveis que ela foi usada no tabernáculo. Também foi usada no fabrico de tábuas, que serviam de suportes das paredes do tabernáculo. Êxo. 26.15,26,32,37; 27.1,6; 30.1; 35.7 quanto a alguns de seus usos no tabernáculo. Uma espécie de madeira de acácia era muito abundante no deserto ao redor do monte Sinai. Essa madeira é conhecida por sua durabilidade.

25.6

Azeite. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Azeite (Óleos)*. O azeite usado nas lâmpadas era azeite de oliveira (Êxo. 27.20,21).

O óleo de unção. O óleo de oliveira era misturado com especiarias para efeito de unção (Êxo. 30.22-33). O trecho de Êxo. 30.34-38 alista as especiarias usadas com esse propósito. Os óleos e as especiarias eram, com freqüência, trazidos como dádivas, de países estrangeiros, visto que faziam parte das oferendas apresentadas pelos líderes do povo de Israel (Êxo. 34.27,28).

O santuário a ser erigido (vs. 8), precisaria de iluminação. Azeite e luz falam do Espírito Santo e Suas qualidades, e, naturalmente, Jesus é a luz do mundo. João 1.4,5; 8.12. Alguns intérpretes cristãos pensam nesse simbolismo do azeite e da luz.

25.7

Pedras de ônix. Ver sobre essa pedra em Gên. 2.12. O termo *ônix* depende da Septuaginta, embora a natureza exata dessas pedras seja incerta.

Pedras de engaste. Essas outras pedras, que não são descritas, foram realmente usadas, conforme se vê confirmado em Êxo. 28.15-20. Mas ali também não há confirmação da identificação de tais pedras. Cf. Êxo. 35.9,27. Estão em pauta pedras preciosas ou semipreciosas, que foram usadas para decorar o peitoral do sumo sacerdote.

A estola sacerdotal. Ofereço um artigo detalhado sobre a *estola* (cobertura). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Estola*. Era uma peça ajustada ao corpo, sem mangas, de variados comprimentos. Os sacerdotes levitas usavam estolas de linho, mas os sumos sacerdotes tinham estolas bordadas em ouro, azul, púrpura e escarlate. Meu artigo adiciona muitos detalhes, incluindo aqueles derivados das descobertas arqueológicas.

O peitoral. Ver no *Dicionário* o verbete *Peitoral do Sumo Sacerdote*. Duas pedras, talvez de ônix ou de sardônio, eram inseridas na estola. Mas no peitoral havia doze pedras, todas elas diferentes (Êxo. 28.17-20). Essas pedras representavam as doze tribos de Israel.

Mui provavelmente essas pedras preciosas foram tomadas por empréstimo dos egípcios, por parte dos israelitas (Êxo. 3.22; 11.2). Mas as mulheres israelitas, sem dúvida, tinham suas jóias, e algumas delas estariam dispostas a doá-las para o serviço do Senhor. Como é óbvio, Israel tinha acumulado muitos itens de luxo durante suas muitas décadas no Egito. Embora oprimidos, eles conseguiram obter coisas de valor. Os trechos de Êxodo 28.6-12 e 28.13-50 dão detalhes sobre os itens referidos neste versículo.

25.8,9

Um santuário. Ou seja, o *tabernáculo* (ver a respeito no *Dicionário*), lugar onde a presença de Deus poderia manifestar-se de modo especial. O termo *santuário* refere-se à inteira área sagrada fechada, incluindo o átrio. Foram baixadas instruções divinas quanto à sua construção (Êxo. 25.9,40; 26.30; 27.8). Deus foi o seu arquiteto. O trecho de I Crô. 28.19 diz-nos que houve algum modelo divino envolvido na estrutura, e que os judeus tolamente imaginaram que havia um tabernáculo paralelo mais elevado, no próprio céu, e que foi *copiado* do tabernáculo terrestre. Essa idéia, parecida com a dos universais e os particulares de Platão, é ventilada em Heb. 9.23 ss, onde há notas completas no *Novo Testamento Interpretado*. "A noção de um modelo celestial de templos, objetos de culto e leis é universal no antigo Oriente Próximo" (J. Edgar Parke, *in loc.*). "Assim como a obra de criação precisou de sete dias, e assim como a edificação do segundo templo ocupou sete anos (I Reis 6.38), assim também a ereção do tabernáculo precisou de sete meses (cf. Êxo. 19.1 ss.; 24.18; 34.28; 40.17). A narrativa de Êxo. 39.1-31 divide-se em sete parágrafos, assinalados pela expressão 'e Yahweh ordenou a Moisés'; o que também se vê em Êxo. 40.17-32. O editor arranjou a série de comandos em sete seções (25.1 ss.), cada qual começando com as palavras 'e Yahweh falou a Moisés, dizendo'. Algumas das seções, por sua vez, estão subdivididas em sete partes, cada qual começando pelas palavras 'e farás'". (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Assim, o registro escrito foi feito com grande previsão e execução, visto estarem sendo tratadas questões de grande importância.

Para que eu possa habitar no meio deles. Um lugar onde a presença divina pudesse ter comunhão com os homens, na verdade um lugar humilde em comparação com as riquezas do culto do Egito e de outras nações, mas um lugar onde havia reais manifestações da divindade, e não próprias da idolatria. Ver também Êxo. 29.42-46; 40.34-38 quanto à ênfase sobre a habitação entre os homens. Como é claro, isso tipificava a encarnação do Logos (João 1.1,14), a habitação maior e o acesso superior (ver no *Dicionário* o verbete *Acesso*, como também o trecho de Atos 7.48).

O Tipo. No artigo intitulado *Tabernáculo*, no *Dicionário*, em sua décima seção, apresento as principais lições espirituais e os tipos envolvidos na estrutura e em seu culto. Adiciono aqui algumas notas sobre o *tipo* envolvido:

Um Tipo Triplice:

1. A Igreja (o tabernáculo ou templo do Novo Testamento) é o lugar da habitação do Espírito de Deus (Êxo. 25.8; Efé. 2.19-22).
2. O tabernáculo tipificava o crente individual, por igual modo (II Cor. 6.16).
3. Em seus vários itens de construções e de mobiliário, representava vários aspectos do caráter, do poder e das graças de Cristo, sendo uma figura de coisas celestiais (Heb. 9.23,24).

Assim, na arca, feita de madeira revestida de ouro, temos o símbolo da natureza divino-humana de Cristo. Sua lei tem paralelo na lei do Espírito, implantada no coração do crente. A ressurreição é tipificada na vara de Arão que floresceu (Núm. 17.10). O propiciatório ou tampa da arca refere-se à graça da expiação. Ver no *Dicionário* os artigos *Propiciação* e *Expiação*. Podem ser vistos muitos outros tipos e símbolos espirituais, alguns deles de caráter dúbio, e que vou mencionando enquanto avançamos.

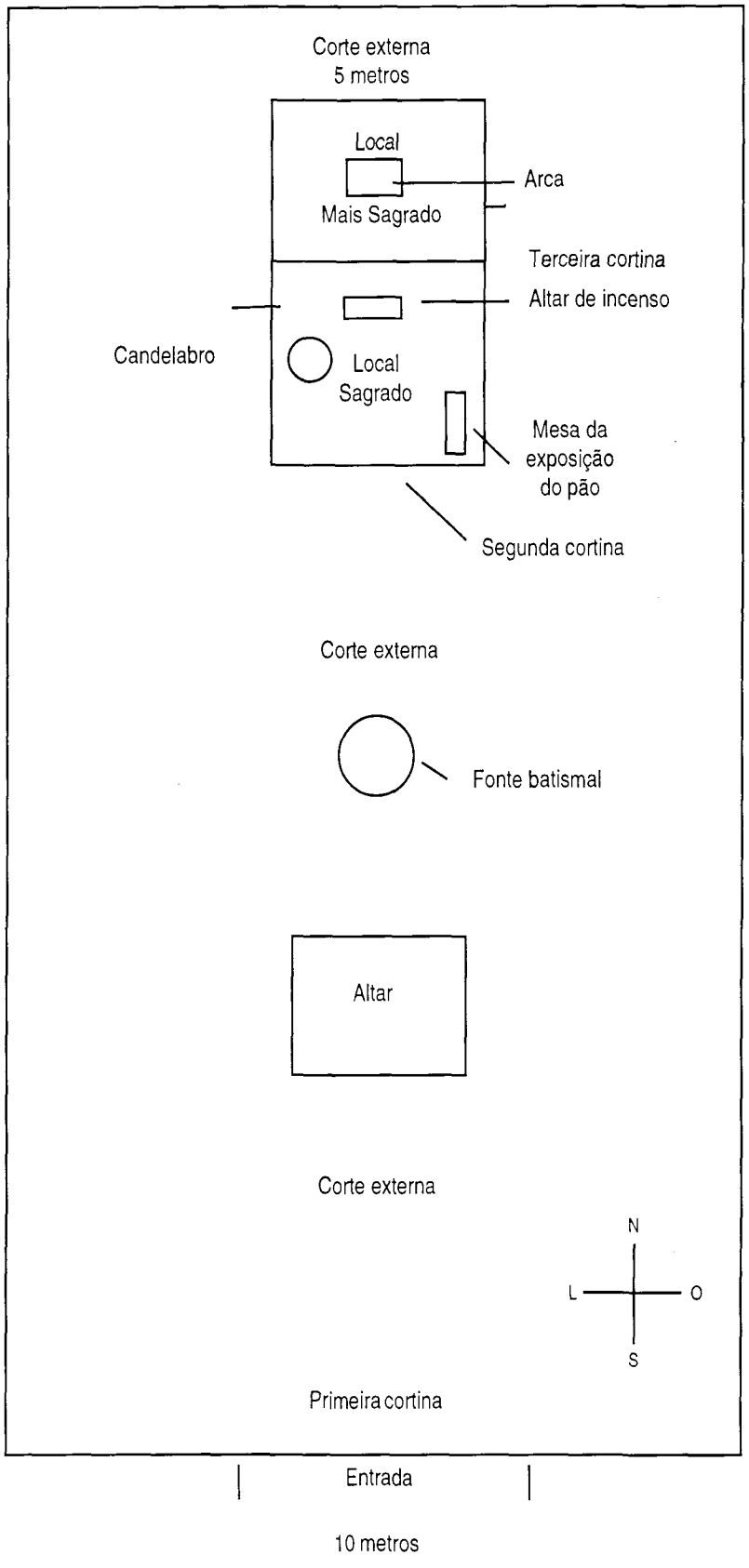
A Arca da Aliança (25.10-22)

25.10

O trecho de Êxo. 25.10-22 fornece uma longa e detalhada descrição da Arca da Aliança. No *Dicionário* há um detalhado artigo intitulado *Arca da Aliança*, que o leitor precisa examinar. Esse artigo é enriquecido com ilustrações e desenhos, que ajudam o leitor a visualizar melhor a questão. No fim do artigo, apresento os *Símbolos Espirituais Envolvidos na Arca*. Assim, as notas sobre os vss. 10-22 são suplementares.

"Tudo começava pela arca, a qual, no tabernáculo terminado, foi posta no Santo dos Santos, por motivo de *revelação*. Deus começa por Si mesmo, e, então, estende-se na direção do homem, tal como, na *adoração*, o adorador começa por si mesmo e, então, estende-se na direção de Deus, no Santo dos Santos. A mesma ordem é seguida nas oferendas levíticas (Lev. 1 - 5). Ao *aproximar-se*, o homem começa no altar de bronze, tipo da cruz, onde, no fogo do julgamento, fez-se expiação" (*Scofield Reference Bible*, *in loc.*).

A PLANTA DO TABERNÁCULO



O Tabernáculo foi construído de tal modo que Israel, ao andar pelo deserto, podia carregar sua *igreja*, montando-a e desmontando-a, como necessário, em suas repetidas jornadas.

SIMBOLISMOS DO TABERNÁCULO

1. Da igreja como a habitação de Deus através do Espírito: Êxo. 25.8; Efé. 2.19-22
2. Do crente: II Cor. 6.16
3. Uma figura das coisas nos céus: Heb. 9.23,24
4. O propiciatório, o trono de Deus; Seu lugar de manifestação: Gên. 3.24; Eze. 1.6; Rom. 3.15
5. A encarnação de Cristo: Col. 1.19
6. Graus de acesso a Deus, simbolizados por suas três cortinas e compartimentos internos. As divisões foram anuladas em Cristo: Heb. 10.10 ss.
7. A auto-revelação divina e o progresso em revelação: Apo. 21.3. A revelação traz a salvação como seu maior benefício.
8. O tabernáculo era o centro da vida de Israel. As tribos acampavam ao redor dele. Quando substituiu o tabernáculo, o Templo se tornou o centro da atenção de Israel. Na época no Novo Testamento, o Espírito transforma cada pessoa em um templo e ali habita.

Ver o diagrama que mostra o *plano* do tabernáculo, no começo da exposição sobre o capítulo vinte e seis do Êxodo. O leitor poderá observar, por meio desse diagrama, a localização exata dos vários itens do tabernáculo.

"Foram descritos vários itens do mobiliário do tabernáculo (Êxo. 25.10-40), antes da descrição do próprio tabernáculo (Êxo. 26), por causa de sua maior importância, pois o tabernáculo servia para proteger esse mobiliário. O mais importante desses itens do tabernáculo foi descrito em primeiro lugar. Era a única peça posta dentro do segundo compartimento do tabernáculo, o Santo dos Santos" (John D. Hannah, *in loc.*).

Seus Nomes. No hebraico, a arca tem o sentido de *caixa* ou *cofre.*

1. Arca (Êxo. 25.10).
2. Arca do testemunho (vs. 22).
3. Arca da aliança do Senhor (Núm. 10.33; Deu. 10.8; 21.9,26).
4. Pelo nome de Deus (I Crô. 13.6).

Dimensões: No primeiro parágrafo do artigo chamado *Arca da Aliança,* dou as dimensões da arca no padrão metro, para os leitores de língua portuguesa. Ver no *Dicionário* acerca desses detalhes de todos os itens envolvidos.

A arca foi feita de *madeira de acácia,* o que abre um verbete no *Dicionário.* Ver também o vs. 5 do presente capítulo. Os eruditos evangélicos vêem nisso a *humanidade de Cristo tipificada.* A madeira de acácia, uma espécie vegetal típica do deserto, é um tipo apropriado de Cristo em Sua humanidade, como raiz que brota de uma terra seca (Isa. 53.2).

25.11

De ouro puro. A arca era forrada por dentro e por fora com uma beirada de ouro. A *bordadura de ouro parece ter tido a forma de um cabo tipo corda ou faixa,* que circundava a caixa à meia altura, ou talvez, em uma das extremidades. Os eruditos evangélicos vêem no ouro um símbolo da deidade de Cristo, o aspecto mais preciso e esplêndido de Sua pessoa. Cf. Can. 5.10-16. Quanto à *bordadura*, que uma versão traduz como "coroa", comentou Ellicott, *in loc*: "Uma tira ou borda de ouro ao redor do extremo superior da caixa. O objeto provavelmente tinha por finalidade guardar o *kapporeth,* ou lugar da expiação".

25.12

Quatro argolas de ouro. Essas argolas foram postas nos *cantos* da arca. Alguns eruditos preferem pensar nos *pés* da arca (de acordo com uma outra tradução do texto hebraico). Essas argolas serviam para transportar facilmente a arca, pois havia varas para serem enfiadas nessas argolas (vss. 13,14). Assim sendo, talvez a arca tivesse quatro *pés*, onde também havia argolas; ou, então, essas argolas tivessem sido postas nos quatro *cantos*, e os varais passavam por dentro dessas argolas, tudo dependendo de como traduzirmos o texto hebraico envolvido. Os *pés podem ter sido apenas uma* referência aos quatro *cantos inferiores*, e não a pés colocados ali. Nesse caso, os varais passavam por baixo da arca, através de argolas, e não nos cantos superiores da mesma.

25.13,14

Os dois varais eram feitos de madeira de acácia e recobertos de ouro. Esses varais passavam pelas argolas que havia ou nos cantos superiores ou nos cantos inferiores da arca, mais provavelmente nos cantos inferiores. Os varais foram fixados nas argolas, provendo uma maneira fácil de transportar a arca. A arca não era usada para ser levada em procissões, conforme faziam os egípcios e outros povos antigos, em suas práticas idólatras, quando expunham seus ídolos em cortejo religioso. Antes, os dois varais serviam tão-somente para transporte da arca, enquanto Israel se locomovia pelo deserto.

Os eruditos cristãos vêem os ministros de Cristo tipificados nessas argolas, que proviam um meio de transporte. Também eram enriquecidos com madeira e metal preciosos, o que representaria os seus dons espirituais.

Quando a arca foi posta no seu lugar de descanso, no Santo dos Santos do templo de Jerusalém, suas varas podiam ser vistas desde o Lugar Santo (I Reis 8.8). Alguns estudiosos vêem nisso as atividades e grande nobreza de Yahweh, o Deus de ação e de transformação.

25.15

Os varais ficarão nas argolas. Aquela era a sua posição fixa, pois faziam parte integral da estrutura, não sendo apenas apêndices para facilitar o transporte da arca. Alguns estudiosos vêem nisso a mobilidade do culto a Yahweh; mas muitos evangélicos vêem nisso a permanência dos ministros de Cristo e o uso contínuo de seus dons, no serviço prestado ao Senhor. Os povos antigos dispunham de suas caixas sagradas, onde guardavam os seus ídolos. Alguns pagãos concebiam a arca como um deus de Deus (I Sam. 4.6,7). No entanto, apenas representava o poder ou atuação de Yahweh.

Podia-se tocar nos varais quando o transporte da arca se fazia necessário. Mas tocar na arca propriamente dita podia ser fatal (II Sam. 6.6,7). Isso alude à solenidade do poder divino, representado pela arca.

25.16

O Testemunho. Este deveria ser posto no interior da arca. Devemos entender que esse testemunho eram as duas tábuas da lei. Ver Êxo. 24.12 quanto aos vários títulos conferidos ao *decálogo,* ou seja, os *dez mandamentos.* Ver também, no *Dicionário,* sobre os *Dez Mandamentos.* Ver Êxo. 25.21 e Deu. 10.2. Os povos antigos depositavam seus ídolos em caixas que consideravam sagradas, mas Israel guardara na arca a Palavra do Senhor. Essa lei era o testemunho da santidade de Deus e contra o pecado (Deu. 31.25). A arca veio a ser conhecida como Arca da Aliança por causa da presença das duas tábuas da lei, ali guardadas (Êxo. 25.22; 26.34; 30.6,26; Núm. 4.4; 7.89; Jos. 4.16). Ver o décimo versículo deste capítulo quanto aos vários nomes dados à arca.

O *testemunho* era a veracidade de Yahwismo, as justas exigências do Senhor: contra qualquer outra forma de culto; contra a idolatria; em favor da santidade e contra o pecado. Essa era a essência da legislação mosaica. Ver nos Artigos Introdutórios, no primeiro volume desta obra, aquele intitulado *Lei no Antigo Testamento,* em sua quarta seção, *Lei.*

O trecho de Hebreus 9.4,5 adiciona itens, dentro da arca, sobre os quais o Antigo Testamento nada indica. Isso talvez reflita uma situação posterior, que nunca foi registrada por escrito. Alguns eruditos pensam que houve um erro por parte do autor daquela epístola. A questão é longamente comentada no *Novo Testamento Interpretado, in loc.* O autor da epístola aos Hebreus fala sobre o maná e a vara de Arão.

25.17

Um propiciatório. Há um detalhado artigo sobre esse item, no *Dicionário.* O propiciatório era a tampa da arca da aliança, uma chapa sólida de ouro, cujas dimensões aproximadas eram 1,11 m x 0,67 m. Formando uma única peça com essa chapa, havia dois querubins, um de frente para o outro, com asas abertas, que se tocavam no alto, e que encimavam o propiciatório (Êxo. 25.17,22). No hebraico temos o termo *kapporeth,* "sede da misericórdia", em português geralmente traduzido por "propiciatório", ou seja, o lugar onde Deus se mostrava propício ao homem. O propiciatório provia tanto uma tampa para a arca como também era o lugar onde o sangue do sacrifício anual era posto. Ali era o lugar onde, *por meio de sangue,* os pecados de Israel eram *cobertos,* ou seja, expiados (Lev. 16.2,13-15). Era o objeto mais sagrado do Santo dos Santos; era o próprio trono de Yahweh" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Naturalmente, Cristo é a nossa propiciação, pelo que a tampa da arca era um tipo Dele mesmo e de Sua expiação, efetuada no Calvário. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Expiação* e *Propiciação.*

No dia da expiação, uma vez por ano, era sobre o propiciatório que o sumo sacerdote aspergia o sangue (Lev. 16.1-20; Êxo. 30.10). Portanto, temos aí um símbolo do Cordeiro de Deus (João 1.29), o qual fez expiação por nossos pecados (Rom. 3.25; Heb. 9.11-14), por meio de Seu sangue (I Ped. 1.18,19).

Por assim dizer, o propiciatório era o estrado do trono do Senhor (I Crô. 28.2; Sal. 132.70), e era considerado o lugar onde Yahweh se encontrava com o representante sacerdotal do povo de Israel (vs. 22).

O propiciatório era feito de uma só peça de ouro puro, sem a menor dúvida o mais valioso e precioso item isolado do tabernáculo, o que mostra a grande importância dada ao mesmo. Tem-se calculado que pesava trezentos quilogramas de ouro, o que é uma prodigiosa quantidade de ouro!

25.18

Dois querubins de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo *Querubim.* O fabrico das imagens dos dois querubins do tabernáculo foi uma exceção à regra que não fosse feita qualquer imagem de escultura por parte de Israel. Ver no *Dicionário* estes três artigos: *Imagem de Escultura; Imagem Esculpida (Fundida)* e *Idolatria.* Alguns estudiosos cristãos têm-se apegado a esse fato para justificar o uso de imagens na Igreja. Entretanto, devemos lembrar que sob nenhuma hipótese os querubins eram adorados ou venerados, o que já não se dá com as imagens usadas na cristandade. Portanto, não há qualquer analogia. As imagens dos querubins eram as guardiãs simbólicas do recinto sagrado. Ver Gên. 3.24; Eze. 28.14 quanto ao trabalho dos querubins, aqueles seres angelicais. Ver no *Dicionário* o verbete *Anjo.* Os querubins, quando representados, usualmente tinham rostos humanos e corpos de animais. Os dois querubins formavam uma só peça com o propiciatório e, por assim dizer, sombreavam a presença divina, simbolicamente contida na arca.

Em alguns países, a arqueologia tem descoberto figuras aladas, como grifos, touros e outros animais, alguns deles com rostos humanos, que serviam de decoração de santuários sagrados. Os querubins indicavam rapidez (voavam, graças às suas asas) e força. O artigo sobre os querubins, no *Dicionário,* fornece

OS MÓVEIS NO TABERNÁCULO

Item	Referências	Simbolismos
1.A arca e sua tampa (Propiciatório)	Êxo. 25.10-22; 37.1-9	A cobertura: a expiação, esconder o pecado A arca: a presença de Deus; o local de sacrifício; perdão dos pecados; o local de revelação
2. A mesa e seu pão	Êxo. 25.23-30; 37.17-24	O pão do céu: alimentação espiritual e suprimento das necessidades espirituais
3. O candelabro	Êxo. 25.31-39; 37.17-24	A iluminação espiritual; o Espírito como o iluminador; um guia para o caminho
4. O altar de incenso	Êxo. 30.1-10; 37.25-28	A intercessão do Espírito; as operações do Espírito
5. O altar de ofertas queimadas	Êxo. 27.1-8; 39.1-7	Expiação; perdão; reconciliação
6. A fonte batismal	Êxo. 30.17-21; 38.8	A limpeza do pecado; a purificação

SIMBOLISMOS E CONTRASTES

A *arca* continha a lei que condenava. A expiação de Cristo anulou o pecado.

Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!

João 1.29

A *mesa* e seu pão eram símbolos da alimentação espiritual dada de modo preliminar.

Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. O verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá.

João 6.32

O *candelabro* simbolizava a luz de Deus, mas Cristo ilumina a todos os que vêm a este mundo.

A verdadeira luz... ilumina a todo homem.

João 1.9

Os sacrifícios foram feitos *ad infinitum*, mas Cristo ofereceu o sacrifício perfeito e final.

Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.

Hebreus 10.10

detalhes sobre a questão em sua quarta seção, *Aparência dos Querubins*. Seu ponto quinto é intitulado *Usos no Templo de Jerusalém*. Seu ponto sétimo indica as funções das diversas ordens angelicais. E seu ponto oitavo, seus *Sentidos Simbólicos*. Deviam assemelhar-se a anjos alados na presença de Deus (I Sam. 4.4; Sal. 80.1; 99.1; Isa. 37.16). Também havia querubins bordados nas cortinas que cobriam o tabernáculo (Êxo. 26.1-6), bem como no véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos (Êxo. 26.31-33). Serviam de adornos do trono de Deus, pelo que falavam de Sua presença e de Seu poder protetor. Os eruditos cristãos vêem a união e a comunhão com Cristo, tipificadas, bem como a presença e o acesso a Deus, que Cristo nos confere. Quanto a muitos outros artigos atinentes, ver o artigo sobre esses seres e suas representações, no *Dicionário*.

25.19

Alguns supõem que os querubins da arca não eram duas imagens separadas, e, sim, duas imagens formadas da mesma massa de ouro, formando parte do próprio propiciatório (a tampa sólida da arca). Mas é difícil imaginar o que isso significaria exatamente. Seja como for, os querubins foram formados de frente um para o outro, como se pairassem por sobre o propiciatório.

25.20

Os querubins estavam de rostos voltados um para o outro e tinham asas estendidas por cima, como um símbolo de proteção, sombreamento e comunhão. Jarchi diz-nos que entre os rostos dos querubins e o propiciatório havia um espaço de dez palmos (cerca de 70 cm). "Nas figuras egípcias de Ma, uma das asas aparece em posição estendida, ao passo que a outra é baixada, caindo por detrás da figura" (Ellicott, *in loc.*). As figuras contemplavam o propiciatório, de frente uma para a outra, pelo que o olhar se dirigia na direção do trono de Yahweh, o lugar onde o sangue do sacrifício anual era aspergido.

25.21

O propiciatório era a tampa da arca, bem como o lugar onde era aspergido o sangue do sacrifício anual. Dentro da arca foi posto o *testemunho*, ou seja, as *duas tábuas de pedra que continham os dez mandamentos. Já pudemos comentar* sobre isso, detalhadamente, em Êxo. 25.16. O propiciatório é mencionado e comentado em Êxo. 25.17. Assim, o presente versículo é uma virtual repetição dos vss. 16 e 17.

25.22

A função do tabernáculo propriamente dita era prover um lugar de comunhão entre Yahweh e Seu povo (Êxo. 33.7-11); e isso agora é dito especificamente acerca da arca, o lugar específico da expiação e, portanto, da comunhão. Deus tanto é próximo quanto é transcendente. O sumo sacerdote de Israel podia vir ao Seu encontro como representante do povo, embora apenas uma vez a cada ano. A presença de Deus manifestava-se, mas os homens tinham que esperar pelo tempo marcado, e isso sucedia raramente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso*, quanto à estrada superior que Cristo abriu na nossa dispensação do evangelho.

O testemunho (as tábuas de pedra) e os seus mandamentos eram o testemunho prestado pela arca. Por conseguinte, a arca era um lugar de instrução. Também podemos supor que a presença de Deus comungava e se comunicava diretamente com o sumo sacerdote, transmitindo-lhe quaisquer instruções que fossem importantes para os filhos de Israel. Assim sendo, a arca tornou-se um lugar de ensino e iluminação, e não apenas um lugar onde era oferecido um sacrifício anual.

Era ali que se via a *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*), uma manifestação visível e gloriosa da presença de Yahweh. Deus falava ali (Êxo. 29.42) por meio da voz divina, ou por meio do *Urim e Tumim* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Finalmente, na pessoa de Jesus Cristo, o próprio homem tornou-se o lugar desse encontro, ao tornar-se, mediante a regeneração, o templo do Espírito (Efé. 2.17 ss.). A comunhão com Deus, no tabernáculo, comparativamente falando, ainda era um tanto *distante*. Mas todos nós, da nova dispensação da graça, fomos *aproximados* do Senhor (ver Heb. 10.19 ss.).

A Mesa (25.23-30)

25.23

A mesa. Neste ponto, o leitor precisa examinar dois artigos do *Dicionário*: 1. *Mesa*, seção 11, *Mesas Rituais*. *1. Mesa dos Pães da Proposição ou da Presença*. Dou aí uma detalhada descrição da *mesa* do texto presente. 2. *Pães da Proposição*, um artigo bem detalhado que provê toda a informação a respeito da questão.

Medidas da Mesa. Essas dimensões eram, aproximadamente, um metro de comprimento, meio metro de largura e setenta e cinco centímetros de altura. Era feita da preciosa *madeira de acácia* (ver a esse respeito no *Dicionário*), recoberta de ouro (vs. 24), o que tem feito alguns estudiosos cristãos verem a humanidade e a deidade de Cristo.

Os *pães da proposição* eram postos sobre essa mesa (vs. 30), servindo eles de símbolo de Cristo, o pão da vida, onde aparecem as notas expositivas a respeito.

25.24

De ouro puro a cobrirás. Assim diz o original hebraico, ao passo que a Septuaginta exagera e diz que a mesa foi feita de ouro puro, à semelhança do propiciatório. "Algumas vezes a mesa era chamada de 'mesa de ouro puro' (Lev. 24.6), por causa do ouro puro com o qual ela era recoberta" (J. Edgar Park, *in loc.*).

A mesa tinha uma *bordadura de ouro*, ou seja, uma beirada de ouro, evidentemente feita para impedir que os pães postos sobre a mesa escorregassem pela beira da mesa e se contaminassem em contacto com o solo. Esse item poderia ser aquele do vs. 25, onde são dados outros detalhes. Mas alguns eruditos supõem que naquele versículo está em pauta alguma forma de beirada separada. A *bordadura* do vs. 24 aparentemente era uma estrutura elevada que percorria toda a beirada da mesa, em seus quatro lados.

25.25

Moldura ao redor. Temos aqui outra beirada ou moldura. "A representação da mesa dos pães da proposição, no arco de Tito, em Roma, dá-nos a melhor idéia dessa *moldura*. Era uma barra chata a meio caminho entre a parte superior e a parte mais inferior da mesa, ligando as quatro pernas entre si, mantendo-as assim no lugar. Seu ornamento de ouro deve ter servido somente como enfeite" (Ellicott, *in loc.*). Os especialistas judeus não concordam quanto à natureza exata e a posição dessa moldura, e talvez Ellicott tenha expressado a questão melhor do que ninguém.

25.26,27

Quatro argolas de ouro. O mesmo tipo de provisão para o transporte da arca foi feito para a mesa (ver os vss. 12-14). A palavra "cantos", uma vez mais, *tal como no caso da arca, poderia indicar os quatro cantos superiores ou, então*, que estavam na parte mais inferior das pernas da mesa. Mas no caso da mesa, é dito especificamente que tais argolas estavam nos pés da mesa. Assim, a mesa era transportada mediante varais postos dentro de argolas que estavam nas extremidades inferiores das pernas da mesa. *Por conseguinte, é provável que houvesse o mesmo arranjo* no caso da arca. Portanto, havia uma argola no fim inferior de cada perna da mesa. Os varais postos ali facilitavam o transporte da mesa. Israel, ao locomover-se pelo deserto, jamais se desfazia da mesa. A mesma era carregada elevada sobre os ombros dos homens que a transportavam, conforme é retratado nas gravuras do arco de Tito.

25.28

Os varais eram feitos de madeira de acácia recoberta de ouro, tal como os varais da arca (Êxo. 25.13, onde as notas aplicam-se aqui também). Todavia, não é dito aqui que os varais deveriam ser fixados permanentemente às argolas da mesa, conforme se via no caso da arca (vs. 15); mas alguns estudiosos supõem que assim também ocorria no caso da mesma. Josefo, entretanto, diz-nos que esses varais eram removíveis, para que não impedissem os sacerdotes de cumprirem seus deveres relativos à mesa (*Antiq.* 1.3 c.6 sec. 6).

25.29

Os Utensílios da Mesa. Além dos pães da proposição, havia vários outros itens, a saber, os vasos sagrados (I Reis 7.48; Núm. 4.7), o pano azul que servia de toalha; certos pratos (talvez para conter os próprios pães da proposição); os recipientes para incenso e as taças para as libações. Os intérpretes não chegam a um acordo quanto a esses detalhes. Ademais, os vários versículos que abordam a questão não mostram exatamente os mesmos objetos. No entanto, além dos pães da proposição devemos pensar ao menos na toalha azul e nos vasos para incenso e para libações. Os vasos são simbolizados pela taça isolada sobre a mesma, na representação existente no arco de Tito. Esses vasos eram usados para a oferenda de vinho que acompanhava o pão; mas é evidente que havia mais pratos e taças do que aquela representação romana indica.

Libações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Libação*. Eram oferendas líquidas.

25.30

Os pães da proposição. Ver o artigo detalhado sobre os mesmos no *Dicionário*. Os pães da proposição eram doze, e não levavam fermento em sua fórmula

(o que é confirmado por Josefo, em *Antiq.* 3.6.6). Os pães eram exibidos sobre a mesa existente no Lugar Santo, um sobre outro, formando duas pilhas de seis pães em cada pilha. Esses pães simbolizavam as doze tribos de Israel (Lev. 24.8). Também representavam a unidade nacional (I Reis 18.31,32).

O uso original desses pães, no mundo pagão, era o oferecimento de alimentos aos deuses. Em Israel, fazia-se uma oferenda a Yahweh, em reconhecimento que *Dele* procede toda provisão, pelo que essa oferenda falava de gratidão pelas provisões divinas.

Tipo: O Pão da Vida. Cristo é Aquele que nutre a vida do crente como um crente-sacerdote (I Ped. 2.9; Apo. 1.5,6). O maná era símbolo do pão da vida (João 6.33-58). Jesus é a espiga de trigo (João 12.24), moído no moinho do sofrimento (João 12.27). Apresentei um bem detalhado artigo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* intitulado *Pão da Vida, Jesus Como.*

"O ato de comer os pães, por parte dos sacerdotes (Lev. 24.9), demonstrava que a comunhão espiritual sustenta a vida espiritual" (John D. Hannah, *in loc.*).

"O *pão sagrado* (I Sam. 21.4,6) era exposto diante de Deus como uma oferenda sacrificial (Núm. 4.7; Lev. 24.5-9; I Crô. 9.32; Mat. 12.4)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

O Candeeiro (25.31-40)

25.31

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Candeeiro de Ouro.* Ver também o artigo *Menorah.* O candeeiro de ouro foi posto no Lugar Santo do tabernáculo, do outro lado da mesa dos pães da proposição. Quando o templo de Jerusalém, construído por Salomão, ficou pronto, para o mesmo foram preparados *dez* candeeiros de ouro. Mas no segundo templo de Jerusalém, por razões desconhecidas, havia apenas um candeeiro. Meu artigo expõe o resto das informações disponíveis, incluindo os tipos ou símbolos do candeeiro. Como tipo de Cristo, esse objeto era significativo, porquanto toda luz natural era excluída do tabernáculo, sendo essa a *única luz* que iluminava a casa de Deus. Cristo brilha por meio dos sete Espíritos de Deus, o alter-ego de Cristo (Isa. 11.2; Heb. 1.9; Apo. 1.4). Ver também João 1.4. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Luz do Mundo, Cristo Como a.* Em um sentido secundário, a Igreja é o candeeiro de ouro (Apo. 1.12-20). Em cada sinagoga há uma imitação do *menorah* (o candeeiro), o que ali simboliza, entre outras coisas, o espírito iluminador e inextinguível do judaísmo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sete Candeeiros*, quanto a notas expositivas completas sobre os significados simbólicos do candeeiro de ouro.

Em Zacarias 4.1-14, o candeeiro aparece como o sinal da presença de Deus entre o Seu povo. Se a luz do candeeiro chegasse a apagar-se, isso era considerado como um mau presságio de desastre iminente (ver II Esdras 10.22). Originalmente, o candeeiro talvez só fosse aceso à noite, conforme podemos inferir de Êxodo 27.21 e 30.8; mas em tempos posteriores, ali havia um fogo perene, conforme Josefo nos informa (*Antiq.* III.8.3).

Meu artigo no *Dicionário,* intitulado *Candeeiro de Ouro,* fornece todos os detalhes de sua construção, pelo que não repito aqui esse material. O candeeiro era formado de uma única peça de ouro, pelo que não havia partes separadas. Ver o artigo *Templo de Jerusalém,* que contém uma ilustração do candeeiro, com outros itens desse objeto sagrado.

25.32

O artigo do *Dicionário,* chamado *Candeeiro de Ouro,* fornece todas as descrições desse objeto cúltico, com seu presumível simbolismo. O candeeiro tinha seis ramos, além da projeção vertical bem no meio, pelo que havia *sete lâmpadas,* que simbolizavam o Espírito Santo em Sua perfeita iluminação, como o alter ego da manifestação do Logos em Jesus Cristo. Temos nisso a luz sobrenatural em sua abundância. Nenhuma luz natural penetrava no tabernáculo. A lâmpada consumia azeite de oliveira, um dos símbolos do Espírito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Azeite.* Esse item, bem como os outros que figuram no texto, aparece representado no arco de Tito, em Roma. Reland supervisionou uma réplica exata desse modelo, em 1710. E, então, as presumíveis descrições exatas têm sido postas à disposição dos eruditos da Bíblia e outros interessados. Ver Êxo. 30.7,8 e I Reis 7.49 quanto à função iluminadora do candeeiro. Ver também Lev. 7.20-31; 24.3,4. Os sacerdotes de Israel ministravam diante do candeeiro pela manhã e à noitinha. Posteriormente, o candeeiro era mantido perenemente aceso.

25.33

Uma Peça Decorativa. No artigo do *Dicionário* intitulado *Templo de Jerusalém,* há uma representação do candeeiro. E em um outro artigo do mesmo *Dicionário,* chamado *Candeeiro de Ouro,* há descrições a seu respeito.

"Havia três taças ou cálices, com o formato de amêndoas, em cada um dos seis ramos, que continham o azeite que alimentava as chamas do candeeiro. . . ou para apanhar o pavio queimado que caía de cada lâmpada. E também havia *maçanetas,* as quais, de acordo com o sentido da palavra no hebraico, tinham o formato de uma romã; e também havia uma flor, que o Targum de Jonathan interpreta como *lírio.* E nas Escrituras servem ambos de emblemas dos santos dotados dos dons e das graças do Espírito" (John Gill, *in loc.*). Os mesmos ornamentos havia em cada um dos ramos do candeeiro.

25.34

Temos aqui a descrição da *coluna vertical* do candeeiro, que ficava bem no meio. Os ramos que partiam dessa coluna central tinham apenas três cálices, ao passo que essa coluna central exibia quatro desses cálices, devido ao seu comprimento maior. Quanto ao desenho, porém, essas decorações eram sempre as mesmas.

25.35

"De acordo com Jarchi, do meio da maçaneta (que se parecia com uma romã, embora outros pensem que se parecia com uma maçã) havia dois ramos que saíam de seus dois lados, aqui e ali; de tal modo que indicavam que a altura do candeeiro era de dezoito larguras da mão (cerca de 1,25 m): essa cláusula é repetida por duas vezes no versículo, indicando que devia haver uma maçaneta sob cada um dos três ramos de um lado, e sob cada um dos três ramos do outro lado. Pois segue-se que havia *seis ramos que procediam do candeeiro,* ou seja, do tronco do candeeiro, conforme se vê no vs. 32" (John Gill, *in loc.*).

25.36

Tudo será duma só peça. Vemos aí as idéias de unidade e perfeição. Todas essas intrincadas decorações eram feitas em uma só peça de ouro, cuidadosamente trabalhada em todo o seu desenho, conforme foi exigido pela palavra de Yahweh. O candeeiro não era uma armação composta de várias peças, então soldadas; era tudo uma única peça batida feita de uma única massa de ouro.

25.37

Sete lâmpadas. Cada ramo tinha uma lâmpada; e também havia a haste central, que também era encimada por uma lâmpada, pelo que havia sete lâmpadas ao todo. Temos aqui um símbolo dos sete Espíritos de Deus em operação, o alter ego de Cristo (Apo. 4.50), e, em segundo lugar, os dons e graças dos ministros de Cristo, de acordo com as operações cristãs. Originalmente, temos a luz perfeita de Yahweh que iluminava a Sua casa, a congregação de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sete Candeeiros* quanto ao seu pleno significado simbólico.

Para alumiar defronte dele. Ou seja, para projetar luz sobre o lado oposto do tabernáculo, onde estava a mesa com os pães da proposição, onde também estariam os sacerdotes. Parece que essa é a razão específica do candeeiro, que era a única fonte luminosa para iluminar qualquer atividade que ocorresse no tabernáculo. As sete lâmpadas eram suficientes para iluminar o ambiente onde os sacerdotes oficiavam. Nenhum serviço divino pode sobreviver sem a luz do Espírito. Uma importante parte da espiritualidade é a *iluminação.* Não nos basta ler a Bíblia e orar. Precisamos da iluminação do Espírito a fim de crescermos espiritualmente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Iluminação.*

25.38

Suas espevitadeiras. Instrumentos com o formato de pinças que eram usadas para aparar os pavios das lâmpadas. Provavelmente eram usadas para aparar os pavios e ajustá-los.

Seus apagadores. Algumas versões dizem aqui *pratos.* Outros pensam que eram bandejas para sustentar as lâmpadas. Mas outros pensam em receptáculos de azeite. Ainda outros opinam que eram bandejinhas para aparar os fragmentos de pavios queimados, cortados das lâmpadas. E, finalmente, há aqueles que pensam que eram objetos para apagar as lâmpadas, com o que concorda a nossa versão portuguesa.

Jarchi informa-nos que as *espevitadeiras* eram como garfos, usados para tirar os pavios de dentro do azeite e instalá-los nas lâmpadas. E os *apagadores,* segundo ele nos diz, eram pequenos receptáculos tipo taça, onde eram postos os pavios queimados das lâmpadas. Ben Gersom e Lyra pensam que eram vasos cheios de água, onde eram postos os pavios queimados, e onde a água os apagava.

25.39

Um talento de ouro puro. Um talento pesava cerca de 50 kg. Todo esse ouro foi usado no fabrico do candeeiro e seus acessórios, um objeto de grande

valor, verdadeiramente! Simbolicamente, temos aqui um quadro da preciosidade da iluminação espiritual. Ver o artigo intitulado *Pesos e Medidas*, no primeiro volume desta obra, nos Artigos Introdutórios, em sua sétima seção.

25.40

Tudo faças segundo o modelo. Assim são as construções divinas. "Os antigos acreditavam que os templos terrenos e seu equipamento para o culto eram feitos segundo *modelos* ou *protótipos* de originais celestes (vs. 9; 26.30; 27.80" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Este versículo repete a fórmula do vs. 9, onde dei notas detalhadas sobre as idéias envolvidas. A repetição dessa fórmula assinala o fim de uma seção.

Capítulo Vinte e Seis

O Tabernáculo (26.1-37)

A Tenda (26.1-14)

Dois artigos que provi para o leitor haverão de ajudá-lo a compreender melhor a construção, os materiais e os propósitos do tabernáculo: *Tabernáculo* e *Templo de Jerusalém*. Esses artigos, além de oferecerem informações detalhadas tambem apresentam várias ilustrações.

A tenda sagrada era o Lar do Senhor, a primeira congregação, da qual foram tomados por empréstimo vários itens e práticas usadas nas sinagogas posteriores, bem como nas igrejas cristãs. Visto que esses artigos, no *Dicionário*, são bastante completos, com críticas e contra-argumentos, sobre questões disputadas, não abordo novamente esses detalhes aqui.

A seção décima do artigo chamado *Tabernáculo* dá os sentidos espirituais do mesmo. Adicionei a essa informação, em Êxo. 25.9, notas sobre como a estrutura do tabernáculo foi um *tipo tríplice*. Os eruditos cristãos acham inúmeros subtipos nos itens e materiais usados naquela estrutura, e tenho comentado sobre esse ponto conforme a exposição tem avançado. Ver a introdução em Êxo. 25.1, onde as informações dadas aplicam-se à seção à nossa frente.

26.1

Dez cortinas. Havia dez painéis, cada qual com cerca de 1,80 m de largura. Esses painéis eram interligados mediante uma espécie de envoltório interno que compunha o interior da tenda. Esse envoltório interno era feito de linho. A outra cobertura era feita de pêlos de cabra (vs. 70). Querubins foram artisticamente bordados no linho, emprestando um sentido decorativo. Artífices habilidosos foram usados para ser conseguido tal efeito. O envoltório interior era cerca de 45 cm mais curto que o exterior. Tinha dez painéis, enquanto o exterior tinha onze. Minha ilustração no artigo chamado *Tabernáculo* dá ao leitor alguma noção da aparência do tabernáculo *acortinado*. A quarta seção desse artigo trata do arcabouço, das coberturas, do átrio, do altar, do lavatório e do santuário propriamente dito. Cf. I Reis 6.29.

As cores, azul, púrpura e carmesim, aparecem e são comentadas em Êxo. 25.4.

Os *querubins* eram figuras muito usadas como decoração no tabernáculo. Ver as notas sobre Êxo. 25.18. Os desenhos bordados eram uma arte conhecida por vários povos antigos, bem desenvolvida no Egito, onde os israelitas provavelmente aprenderam tal arte. Ver Heródoto, *Hist.* iii.47; Plínio, *Hist. Natural*, viii.48.

"O tabernáculo revestia-se de grande importância para a vida nacional de Israel. Simbolizava o trato de Deus com eles (Êxo. 25.8; 29.45) e era o lugar onde Ele vinha ao encontro dos líderes da nação (Êxo. 29.42), bem como o povo de Israel (Êxo. 29.43). A glória de Deus manifestava-se no tabernáculo (Êxo. 40.35). Ademais, era o centro visível da adoração a Deus por parte da recém-estabelecida teocracia. O tabernáculo prefigurava Cristo, sobre o qual é dito que Ele *armou tenda* entre nós (João 1.14)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Nomes do Tabernáculo:

1. Tabernáculo ou tenda (Êxo. 26.9).
2. Santuário ou lugar santo (Êxo. 25.8).
3. Tenda (Êxo. 26.7,11-14,36).
4. Tenda da congregação (Êxo. 27.21 - algumas versões dizem aqui "tenda do encontro").
5. Tabernáculo do testemunho (Núm. 9.15; ver sobre *Testemunho*, em Êxo. 25.16).

Tipos. Eruditos cristãos vêem no material das cortinas uma alusão à excelência da natureza humana de Cristo; nos querubins, a Sua natureza e os Seus poderes divinos. Nas diversas cores, as graças e os poderes do Espírito Santo. A cor branca representa o pecado branqueado no sangue de Cristo, etc. Neste versículo, contudo, as espiritualizações são precárias.

26.2

O comprimento. Neste versículo começam a ser dadas as dimensões do tabernáculo. A fim de cobrir um espaço com cerca de 9 m de largura com um telhado, cujos dois lados deveriam encontrar-se em ângulos retos, a cobertura de uma tenda teria que ter quase exatamente vinte e oito côvados de comprimento. "As cortinas tinham cerca de 1,80 m de largura e 12,80 de comprimento. Quando as longas beiradas das cinco cortinas eram unidas, a nova cortina formada tinha cerca de 9,15 m de largura por 12,80 m de comprimento. Unida essa cortina grande às outras cinco cortinas, as dez cortinas (unidas mediante cinqüenta laçadas de ouro nas beiradas de cada um dos dois conjuntos, postos lado a lado) mediam 18,30 m de largura por 12,80 m de comprimento. A largura de 18,30 m (dez cortinas com cerca de 1,80 m de largura cada) permitia então que as cortinas cobrissem o topo do tabernáculo (cerca de 13,70 m de largura), bem como a parte posterior (cerca de 4,60 m). Os 12,80 m (comprimento de cada cortina) estendiam-se por cima do tabernáculo (4,60 m de largura) para então descer por cada lado (com 4,60 de altura) até cerca de 45 cm (um côvado) acima do chão" (John D. Hannah, *in loc.*).

Os estudiosos debatem-se com os números e as diferentes idéias que são expostas sobre como toda a construção foi montada. Mas o que achamos aqui é um relato razoável, embora não absolutamente completo.

26.3-5

O texto sagrado não especifica como os cinco painéis separados de cada metade eram unidos, mas as duas *metades* eram justapostas uma à outra (pois tinham um mesmo comprimento). As *cinqüenta* laçadas de azul, opostas uma à outra, tiveram que ser costuradas. As laçadas eram dadas em colchetes, mantendo assim ligadas as duas metades da cortina, uma à outra. Alguns eruditos têm sugerido que cinco cortinas (que formavam metade da cobertura total) eram costuradas às outras cinco, formando uma só unidade (embora composta por cinco painéis). Nesse caso, haveria duas peças bordadas com cerca de 14 m de comprimento e dez metros de lagura. "A emenda central da cobertura completa ficava diretamente por cima do véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos" (J. Edgar Park, *in loc.*).

26.6

Cinqüenta colchetes de ouro. As laçadas eram dadas nesses cinqüenta colchetes, unindo assim as duas cortinas para formarem *uma só*, conferindo unidade ao tabernáculo. Os intérpretes cristãos vêem nisso a unidade dos membros do corpo místico de Cristo. É provável que, na mente dos hebreus, estivesse em pauta a unidade de todo o povo de Israel, em sua adoração ao Deus único, Yahweh. O monoteísmo (ver a respeito no *Dicionário*) era assim confirmado, e esse Deus único era contrastado com todos os deuses imaginários, conforme era exigido no *primeiro mandamento* (ver Êxo. 20.3).

26.7

Pêlos de cabra eram fiados, e daí se fazia um pano forte e duradouro. Em alguns casos, as próprias peles eram costuradas e usadas como cobertura. Parece que os eruditos preferem o primeiro emprego como aquele que está em foco neste texto. Jarchi diz que eram usados os pêlos mais finos e mais macios dos pêlos de cabra, os quais eram fiados pelas mulheres. E é isso que está em foco em Êxo. 35.26. Uma *segunda cobertura* foi produzida à base desse material, que se tornou o lado *externo* do tabernáculo. O processo aqui descrito era comum entre os árabes, pois, na verdade, era o material padrão das tendas dos beduínos. Onze (em lugar de dez) cortinas foram feitas, visto que a cobertura externa haveria de precisar de um pouco mais de espaço do que a cobertura interna.

". . .um material negro, resistente à água, até hoje usado pelos beduínos no fabrico de tendas. Eram mais longas do que as cortinas interiores (13,65 m, em vez de 12,80 m), de forma a tocarem no chão, nas laterais do tabernáculo (vs. 13). Isso ocultava à visão as cores brilhantes das cortinas internas bem como as peças mais preciosas do mobiliário do tabernáculo" (John D. Hannah, *in loc.*).

Os eruditos cristãos, esforçando-se por encontrar algum simbolismo em cada item do tabernáculo, têm sugerido que a cobertura de pêlos de cabras representa a humanidade de Cristo, a natureza humana, mais grosseira que a divina, sujeita à dor e à tristeza (embora não ao pecado), a qual abrigava, por assim dizer, a Sua natureza divina.

26.8

Dimensões das Cortinas. A largura das cortinas de pêlos de cabras era igual à das cortinas de linho, mas elas tinham cerca de 0,90 m mais de comprimento (ver o vs. 2), a fim de que pudessem chegar a tocar no chão, nas laterais do tabernáculo, ao passo que as cortinas de linho, internas, ficavam com suas pontas longe do chão cerca de 0,45 m.

26.9

"A *largura* adicional era dobrada sobre si mesma nas extremidades, dando uma espécie de debrum ao teto, defronte da estrutura" (Ellicott, *in loc.*). O sexto painel da metade da frente era *dobrado* diante da tenda (cf. Êxo. 28.16). Mas não foi explicado como se fazia essa dobra. Havia duas cortinas combinadas, uma composta por seis painéis, e a outra composta por cinco painéis. Provavelmente elas eram costuradas uma à outra, tal como sucedia às cortinas de linho (Êxo. 26.3). A cortina dobrada na beira tornava-se a entrada do tabernáculo, uma espécie de véu, o que Jarchi comparou ao véu de uma noiva, ao encobrir o rosto. A entrada do tabernáculo estava voltada na direção *leste*, conforme mostro na planta do tabernáculo, acima.

26.10

Este versículo reitera as informações dos vss. 4 e 5, onde a questão aplica-se às cortinas de linho. As notas daqueles versículos aplicam-se aqui. As laçadas eram feitas de estofo *azul*; mas essa informação não é repetida aqui, pelo que não sabemos se nesta cortina externa as laçadas eram de cor azul, ou negras, ou de qualquer outra cor. É provável que as laçadas fossem feitas de pêlos de cabras, retendo sua cor natural, sem serem tingidas. É provável que as laçadas mencionadas nos vss. 4 e 5 fossem feitas de linho, do mesmo material das cortinas internas, que eram tingidas de azul.

26.11

Este versículo repete as informações do vs. 6, exceto que ali os colchetes eram feitos de ouro, e aqui foram feitos de bronze, mas a função era a mesma. As notas dali aplicam-se aqui. A cobertura externa também era *una*, tal como a cobertura interior, o que já foi comentado quanto ao vs. 6. A cobertura externa, de material mais grosseiro, porquanto precisaria resistir às intempéries, naturalmente teria de ser unificada por meio de um metal mais forte que o ouro.

26.12

Meia cortina era deixada pendurada sobre o lado leste, sendo então dobrada para formar uma espécie de entrada do tabernáculo. Outra metade também sobrava no lado oposto (oeste). Parece, a julgar pelo fraseado do versículo, que essa meia cortina (no lado ocidental) apenas ficava pendurada, sem ser dobrada pelo meio, em contraste com a meia cortina que ficava na parte da frente do tabernáculo.

26.13

As cortinas feitas de pêlos de cabra tinham cerca de 0,90 m mais de comprimento do que as cortinas internas, de linho, uma de um lado e outra de outro, como resultado desciam mais do que as cortinas de linho, provavelmente tocando no chão, a fim de impedir que entrasse qualquer luz natural no interior da tenda.

26.14

De pêlos de carneiros. Outra cobertura para a tenda, a fim de protegê-la das intempéries, essa feita de pêlos de carneiros. Alguns estudiosos pensam que essa cobertura adicional tão-somente cobria a culmeeira do tabernáculo, protegendo-a da chuva. Alguns intérpretes judeus viam essa cobertura como se fosse apenas um *telhado*, mas outros pensam em uma cobertura absoluta, perfazendo uma *terceira* cobertura completa. Alguns pensam que a cobertura de pêlos de carneiro era uma e que a cobertura de pêlos de cabra era outra. Nesse caso, haveria quatro coberturas no total: a de linho, a de pêlos de cabra, a de pêlos de carneiros, e outra de pêlos de cabra. No caso dessa quarta cobertura, algumas traduções falam em peles de texugo. Ainda outros estudiosos opinam que a *terceira* cobertura era feita de pêlos de carneiro e de pêlos de cabras (ou de pele de texugo), ao passo que não se deveria pensar em uma quarta cobertura. No caso da pele de texugo, algumas versões preferem peles de *animais marinhos*, que alguns eruditos interpretam como se fosse o peixe-boi.

Os eruditos cristãos vêem nessas várias coberturas protetoras um símbolo da provisão e da proteção divinas, espiritualizando isso para apontar para a retidão de Cristo, que nos foi conferida como uma cobertura, que nos oculta os pecados.

A Estrutura de Madeira (26.15-30)

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tabernáculo, Materiais de Construção, etc.*, em seu primeiro ponto, *Arcabouço*, que fornece descrições sobre a estrutura de madeira que sustentava as cortinas. As dimensões da estrutura são dadas ali.

26.15

As paredes do tabernáculo não eram sólidas, e, sim, feitas de cortinas (descritas em Êxo. 26.1 ss.), estendidas sobre um arcabouço de madeira. Esse arcabouço formava uma espécie de armação em treliça, à qual as cortinas eram fixadas. Josefo disse que as tábuas tinham cerca de 7,5 cm de espessura, postas a cada 60 cm. (*Antiq.* 3.6.3). Eram ao todo quarenta e oito tábuas, recobertas de ouro. Essas tábuas eram feitas de madeira de acácia (conforme as notas que aparecem no *Dicionário*).

Tipo. Os intérpretes cristãos vêem na madeira de acácia um tipo da humanidade de Cristo, ao passo que no ouro que recobria as tábuas vêem a deidade de Cristo. Cristo, em Sua humanidade, era como uma raiz saída de terra seca. A madeira de acácia, ao menos uma de suas espécies, medrava abundante no deserto perto do Sinai. Ver Isa. 53.2 quanto a Cristo como a *raiz*. Alguns estudiosos vêem nas tábuas um indício de crentes individuais que servem de coluna no templo espiritual de Deus (Apo. 3.12; Gál. 2.9; I Tim. 3.15).

26.16

O arcabouço de madeira tinha estas dimensões aproximadas: 13,70 x 13,70 x 4,60 m. Cada tábua tinha cerca de 4,50 m de comprimento e 0,68 m de largura. Josefo diz que entre uma tábua e outra havia um espaço de cerca de 60 cm. O comprimento das tábuas, postas em pé na vertical, dá-nos a altura aproximada do próprio tabernáculo, uma estrutura baixa de não mais de 5 m de altura. Essa armação de madeira protegia as cortinas e dava estabilidade à estrutura inteira, pois, de outra sorte, um vento forte poderia derrubar o tabernáculo. Josefo também diz que as tábuas tinham 7,5 cm de espessura (*Antiq.* 1.3 c.6, sec. 3), o que significa que essas tábuas eram pesadas.

26.17

Dois encaixes. O original hebraico indica "mãos", parecendo que devemos entender como se fossem *pinos* (projeções). Esses encaixes permitiam ligar uma tábua à outra. Eram colocados a intervalos regulares. Alguns estudiosos chamam esses pinos de *anéis cruzados*. Mas os intérpretes não concordam quanto à natureza dos mesmos, exceto que era alguma espécie de provisão que vinculava as tábuas uma à outra, formando um todo. E alguns eruditos supõem que as *travessas* (vs. 26) eram usadas para ligar os encaixes das tábuas.

26.18

Para a banda do sul. Visto que o tabernáculo tinha a frente voltada para o oriente, a parede voltada para o sul era a parede direita. "Quarenta e oito painéis foram usados ao todo, vinte para o lado sul, vinte para o lado norte, seis para o lado oeste (as costas do tabernáculo) e mais um painel nas esquinas, para o lado leste. Esse painel na frente servia para dar uma estabilidade extra à tenda. Os painéis também eram mantidos no lugar por uma série de *travessas* (cinco de cada um dos dois lados e nas costas. Essas travessas eram mantidas no lugar por argolas de ouro colocadas horizontalmente (vss. 26-30)" (John D. Hannah, *in loc.*). O vs. 20 fala sobre um segundo lado (o lado norte), e fornece os mesmos detalhes.

26.19

Cada tábua tinha duas bases, com dois pinos (ou "mãos", no hebraico). Os intérpretes diferem sobre como se fazia a junção. Sem podermos ver um modelo operante, não há como visualizar exatamente o que está em pauta. Essas bases formavam uma espécie de alicerce do tabernáculo, e eram feitas de prata (vs. 21). Não somos informados sobre como essas bases eram unidas, mas, sem dúvida, foi empregado algum sistema de travessas cruzadas. O que encontramos aqui é uma espécie de alicerce portátil, no qual as tábuas, com seus pinos, se ajustavam. Isso emprestava firmeza ao conjunto. Ver o vs. 24 quanto ao arranjo das *travessas*. O vs. 26 deste capítulo diz-nos que as travessas eram feitas de madeira de acácia.

Os intérpretes evangélicos vêem nessas travessas complexas um símbolo de como a igreja se interliga firmemente parte com parte, e como cresce (a metáfora é mudada) para formar um templo santo (Efé. 2.21). Quanto à *prata* como tipo da *redenção*, ver os comentários sobre o vs. 25 deste capítulo.

26.20

Este versículo repete a informação dada no vs. 18, exceto que aqui é aludido o lado norte, em lugar do lado sul. Ver as notas sobre aquele versículo.

26.21

Os estudiosos cristãos vêem na *prata* um tipo da redenção eterna. Ver Êxo. 25.1. O tabernáculo inteiro estava fundamentado sobre bases de prata, excetuando as bases das cortinas do portão, o caminho de acesso ao tabernáculo (Êxo. 27.17).

Este versículo repete o que se lê no vs. 19. Novamente somos informados de que as bases eram feitas de prata. Cada base pesava um talento de prata (Êxo.

38.25,27). Ver nos *Dicionário* o artigo *Pesos e Medidas*, em sua seção sétima. Um talento de prata era um peso correspondente a 34 kg. No tabernáculo, pois, quase quatro toneladas de prata e mais de uma tonelada de ouro foram usadas, se calcularmos baseados no trecho de Êxo. 38.21 ss. São cálculos assim que levam os críticos a supor que muito do que é dito a respeito do tabernáculo também pode ser dito acerca do templo de Jerusalém, e que as informações sobre este último foram aplicadas ao tabernáculo. Seja como for, aprendemos quão gigantesca era a tarefa de transportar essa estrutura, com todo o seu mobiliário, de um local para outro, pelo deserto, durante tantos anos.

26.22

Para o ocidente. Estão em pauta os fundos do tabernáculo (que eram também *os fundos do Santo dos Santos*). Essa parte posterior tinha paredes similares àquelas das duas laterais, exceto que a medida era de apenas 4,60 m, em lugar de 13,70 m. Nos fundos havia seis tábuas, incluindo aquelas das esquinas, que fortaleciam a estrutura. A extensão dos seis painéis totalizava cerca de 4,10 m. O vs. 16 dá as dimensões das tábuas, o que provavelmente também se aplica às tábuas do lado oriental.

26.23

Duas tábuas para os cantos. Essas duas tábuas, ao que parece, eram uma espécie de contrafortes para fortalecer as esquinas, de tipo e formato diferente das outras tábuas. Algumas traduções dizem aqui *postes*. O hebraico original dá a entender estruturas para esquina (Eze. 41.22). Mas sem poderem contemplar um modelo, os intérpretes não concordam sobre o que está exatamente em pauta. Porém, sem importar como eram essas duas tábuas, visavam fortalecer as esquinas, onde as tábuas formavam um ângulo reto.

Os intérpretes cristãos pensam que essas tábuas simbolizam Cristo como aquele que uniu judeus e gentios (ou mesmo todos os membros do Corpo místico de Cristo, o templo do Espírito), tornando-o *um só* corpo (Gál. 3.28; Efé. 2.17 ss.).

26.24

"As tábuas dos cantos eram ligadas às demais tábuas (das paredes) em dois lugares, em cima e em baixo, por meio de argolas. As travessas mencionadas nos vss. 26-29 deste capítulo passavam por essas argolas" (Ellicott, *in loc.*).

26.25

Havia dezesseis bases, duas para cada uma das tábuas de esquina, e doze para as seis tábuas entre elas. Ver o vs. 19, onde a mesma coisa é dita sobre as paredes e como seus painéis eram juntados. "As *bases*, na realidade, formavam os alicerces portáteis do tabernáculo. Essas bases tinham encaixes para as duas *mãos (projeções ou pinos) de cada tábua*" (John Gill, *in loc.*). Ao todo havia noventa e seis bases no tabernáculo. Os intérpretes cristãos vêem nisso um tipo de Cristo como o fundamento da Igreja (ver I Cor. 3.11 ss.).

26.26,27

Quinze travessas deviam ser feitas de madeira de acácia, recoberta de ouro. Essas travessas eram usadas para reunir as tábuas umas às outras. Essas travessas passavam por dentro de argolas de ouro, horizontalmente. Eram cinco para o lado norte, cinco para o lado sul e cinco para os fundos (lado oeste), que também eram os fundos do Santo dos Santos.

"*Travessas de madeira ou de ferro eram usadas para fechar por dentro* os portões das cidades muradas (Deu. 3.5). Neste caso, passavam através de argolas de ouro, talvez afixadas pelo lado de fora do arcabouço (J. Edgar Park, *In loc.*).

"A *travessa do meio*, em cada um dos lados, estendia-se de um extremo a outro do tabernáculo (vs. 28). Mas as quatro travessas mais acima e mais abaixo eram mais curtas, talvez copulando, provavelmente, metade das tábuas de cada lado" (Ellicott, *in loc.*). Alguns estudiosos supõem que as travessas eram colocadas pelo lado de dentro do tabernáculo, posto que outros preferem pensar no *lado de fora.*

Tem sido levantada a questão se as tábuas eram feitas de uma única peça de madeira, ou se eram feitas de peças mais curtas, mas juntadas uma à outra. Josefo (*Antiq.* 1.3 c.6 sec.3) diz-nos que eram feitas de unidades menores, ligadas umas às outras. Os comprimentos das tábuas indicam que unidades menores, ligadas umas às outras, provavelmente tiveram de ser preparadas.

26.28

A fim de emprestar um reforço especial, uma *travessa do meio* estendia-se de uma extremidade à outra das paredes. Mas essa travessa provavelmente era formada de peças. Ver os comentários sobre os versículos vinte e seis e vinte e sete, em seu terceiro parágrafo, quanto a pormenores. Alguns eruditos pensam que havia quatro travessas, além da travessa do meio, ou seja, duas acima desta e duas abaixo desta, de menor comprimento. Mas outros supõem que só havia três travessas ao todo. Neste caso, a travessa do meio percorria todo o comprimento da parede, além de uma travessa acima dela e de outra travessa abaixo, ambas de menor comprimento. Josefo dizia que essas travessas eram colocadas pelo lado de fora do tabernáculo (*Antiq.* 1.3 c.6 sec.3).

26.29

Todo o material do arcabouço do tabernáculo era de madeira de acácia, recoberta de ouro. O material era o mesmo, tanto no caso das tábuas como no caso das travessas, conforme este versículo deixa claro. As argolas eram de ouro, o que também ocorria no caso da arca (Êxo. 25.12) e da mesa (Êxo. 25.16). O tabernáculo usava cerca de quatro toneladas de prata e mais de uma tonelada de ouro (ver os comentários sobre Êxo. 26.21).

Os *intérpretes cristãos vêem nesses dois materiais* tipos simbólicos da humanidade e da deidade de Cristo. Cristo é o tabernáculo de Deus que veio habitar entre os homens, o veículo de nossa comunhão com o Senhor. Ver as notas sobre o vs. 23.

26.30

Este versículo repete a mensagem que já nos fora dada em Êxo. 25.9 e 40, onde comentei sobre a questão. Aqui o termo "modelo" traduz uma outra palavra em hebraico, *mishpat*, "padrão", mas isso não altera a substância da declaração. Ver Heb. 8.5 quanto a uma referência do Novo Testamento a este contexto e versículo. Ver também Heb. 9.23 ss.

O Véu Interior (26.31-35)

26.31

A palavra hebraica aqui usada para *véu* ocorre por vinte e quatro vezes no Antigo Testamento, sempre referindo-se ao tipo de véu ou tela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Ao que parece, era decorado de acordo com o estilo do envoltório mais interior do tabernáculo, e era trabalho de artífices do mais alto gabarito. Ver o primeiro versículo deste capítulo. Provi um detalhado artigo sobre esse item no *Dicionário*, chamado *Véu (no Tabernáculo e no Templo)*. Esse artigo nos fornece a essência das informações conhecidas sobre a questão e possibilita uma exposição mais breve desta seção. Quanto aos *Tipos e Simbolismos* das três cortinas, ver as notas sobre Êxo. 27.16.

O Tipo Duplo

1. O véu representava um acesso limitado e seletivo. Somente o sumo sacerdote, e somente uma vez por ano, ele podia passar para além do véu para entrevistar a Yahweh. Mas em Cristo, o qual é a Porta (João 10.9), o *acesso* (ver a esse respeito no *Dicionário*) foi franqueado a todos os homens (Heb. 6.19,20; 9.11,12; 10.19,20).
2. O véu também era tipo do corpo humano de Cristo (Mat. 26.27; 27.50; Heb. 10.20), o qual foi rasgado (na crucificação) para prover-nos acesso a Deus. O véu do templo, por ocasião da morte de Cristo, foi rasgado ao meio por uma mão divina, invisível. Foi aberto um novo caminho para a justificação, visto que, por meio das obras da lei, nenhuma carne poderia ser justificada (Rom. 3.20; Heb. 9.8). É provável que os sacerdotes dos dias de Jesus tenham costurado o rasgão e tenham continuado a usar o véu, como se nada tivesse acontecido. Estavam cegos para com o *Novo Caminho* que tinha sido aberto. Metaforicamente, esse véu remendado é o *galacianismo*, que faz o pecador que foi justificado em Cristo retornar à lei, quanto à justificação e quanto à santificação, ou, então, como uma norma de vida, assim debilitando o ofício do Espírito. Ver Gál. 1.6-9.

As *descrições* do véu, dadas aqui no vs. 31, são comentadas no artigo *Véu*, no *Dicionário*. Ver Êxo. 26.36 e suas notas expositivas quanto às *Três Cortinas do Tabernáculo*.

26.32

Uma vez mais temos a madeira de acácia recoberta de ouro, os materiais usados na arca (Êxo. 25.12), na mesa (Êxo. 25.16) e nas tábuas e travessas das paredes (Êxo. 26.29). Ver os comentários sobre o vs. 15 deste capítulo quanto a esses materiais.

As *quatro colunas de madeira de acácia* podem ter sido colunas verdadeiras, e não meros postes de tendas. Provavelmente tinham as mesmas dimensões e foram colocadas a distâncias iguais umas das outras, como também devem ter sido ligadas umas às outras, no topo, mediante alguma espécie de estrutura, como uma viga. Juntamente com o véu, formavam uma espécie de tela. Essa tela agia como uma porta que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Parece

que as quatro colunas tinham a mesma altura que as tábuas, a saber, cerca de 4,60 m (vs. 16). O próprio véu ficava suspenso por meio de ganchos de ouro, postos no topo das quatro colunas de madeira de acácia e desciam até o nível do chão, sem deixar qualquer espaço vago. As colunas repousavam sobre bases de prata (cf. vs. 19). O Santo dos Santos tinha cerca de 15 m de lado, pois era quadrado. Portanto, o véu, posto à frente do Santo dos Santos, tinha cerca de 15 m de largura e cerca de 5 m de altura.

26.33

"Os *colchetes* com os quais as duas metades das coberturas interna e externa eram ligadas uma à outra (vs. 6,11), ficavam imediatamente sobre o véu" (J. Edgar Park, *in loc.*).

O véu que dividia o Lugar Santo do Santo dos Santos ficava pendurado exatamente por baixo dos colchetes de ouro que ligavam as cinco cortinas uma à outra; pelo que cinco cortinas formavam os lados do Lugar Santo, e outras cinco formavam os lados do Santo dos Santos. Mas havia a seguinte diferença: o Lugar Santo tinha dez metros de lado, e as cinco cortinas ligadas entre si tinham essa largura. E as outras cinco cortinas encobriam os cinco metros do Santo dos Santos. Os intérpretes lutam para visualizar como esse arranjo foi feito, mas não conseguem uma idéia clara do conjunto.

26.34

A *arca* já foi descrita com detalhes (Êxo. 25.10 ss., que o leitor precisa examinar). Essa elaborada e rica peça do mobiliário do tabernáculo (ver no *Dicionário* o artigo *Arca da Aliança*) era o único item posto no Santo dos Santos. Dentro da arca havia o *testemunho* (ver as notas a respeito em Êxo. 16.34), ou seja, as duas tábuas de pedra da lei. O trecho de Hebreus 9.4 também põe ali o pote de maná e a vara de Arão que floresceu. Quanto ao problema criado por essas *adições* (desconhecidas no Antigo Testamento), ver o *Novo Testamento Interpretado, in loc.* O propiciatório era a *tampa de ouro* da arca, o lugar onde era aspergido o sangue do sacrifício. Ver Êxo. 25.17 ss. quanto a descrições, como também, no *Dicionário,* o artigo *Propiciatório.*

26.35

Agora o autor sagrado menciona os dois itens postos *do lado de fora* do Santo dos Santos, do outro lado do véu. Eram dois itens postos no Lugar Santo. Ele deixou de mencionar o *altar de incenso, de ouro* (Êxo. 30.6; 40.26), que ficava defronte do véu, mas dentro do Lugar Santo. Ele já tinha descrito, com detalhes, os dois itens agora mencionados: o *candeeiro* (Êxo. 25.31 ss.) e a *mesa* dos pães da proposição (Êxo. 25.23 ss.). Ver no *Dicionário* os artigos *Candeeiro* e *Mesa,* II.1. A informação adicionada neste versículo é apenas a *localização* desses dois itens. O candeeiro ficava no lado sul (esquerdo), e a mesa ficava no lado norte (direito). A entrada ficava para o lado leste, o que significa que o tabernáculo estava voltado nessa direção. O Santo dos Santos ficava no lado oeste, a extremidade dos fundos da estrutura. Por *esquerda* e *direita* devemos entender as direções para aqueles que entrassem no santuário e avançassem na direção do Santo dos Santos. Ver a planta do tabernáculo, mais acima.

A Cortina do Lugar Santo (26.36-37)

O tabernáculo contava com *três* cortinas divisórias: 1. Aquela que dividia o átrio, defronte da tenda, do espaço exterior (Êxo. 27.16; 35.17). 2. A cortina destes versículos, que separava o Lugar Santo do átrio. 3. Aquela que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos (Êxo. 26.31 ss.).

Um reposteiro. A cortina aqui referida não era tão rica como aquela que tapava a entrada do Santo dos Santos. Nessa cortina não havia figuras bordadas, como se via naquela outra. Mas era feita dos mesmos materiais básicos e tinha as mesmas cores. Tinha o mesmo tipo de estrutura que se via diante do Santo dos Santos, com a única exceção que era equipada com cinco colunas, em lugar de quatro (ver Êxo. 26.32). As suas bases eram feitas de bronze, e não de ouro. Não nos é fornecida qualquer razão dessa diferença quanto às bases, embora seja razoável supormos que o prestígio do Santo dos Santos exigia uma decoração mais magnificente.

Quanto aos *tipos e simbolismos* das três cortinas, ver as notas em Êxo. 27.16.

Capítulo Vinte e Sete

O Altar de Bronze (27.1-8)

As orientações quanto à ereção do tabernáculo não apresentam os artigos a serem manufaturados na ordem em que poderíamos esperar. Se tivéssemos de entrar pelo lado oriental do tabernáculo, primeiramente entraríamos atravessando a cortina exterior; então encontraríamos o altar dos holocaustos; em seguida, o lavatório; depois a segunda cortina que servia de entrada para o Lugar Santo; então veríamos o candeeiro, no lado esquerdo, e a mesa dos pães da proposição, no lado esquerdo (respectivamente os lados sul e norte); então encontraríamos o altar do incenso, antes da terceira cortina, que vedava a entrada do Santo dos Santos. Dentro desse ambiente fechado, encontraríamos somente a arca da aliança; e, abrindo a arca, acharíamos as tábuas de pedra da lei.

No entanto, a ordem apresentada pelo autor é como segue: a arca, a mesa, a lâmpada (cap. 25, todos os três itens; as cortinas ou cobertura interior do tabernáculo inteiro; as duas outras coberturas, aquela feita de pêlos de cabra, mais por dentro, e aquela feita de pelos de carneiro, ou de peles de animais marinhos, mais por fora; o véu que fechava o Santo dos Santos, o véu que fechava o Lugar Santo (tudo isso no cap. 26); o altar dos holocaustos; o átrio do tabernáculo (cap. 27); instruções miscelâneas acerca do azeite, das vestes sacerdotais, da estola, do peitoral, da sobrepeliz, do diadema, do turbante e da túnica; as vestes dos filhos de Arão; a consagração dos sacerdotes; as regras sobre o pão e várias cerimônias; a oferta pelo pecado e as ofertas queimadas (caps. 28,29-35); e, então, somente em Êxo. 29.36 ss. é que encontramos regras sobre as ofertas queimadas; e, em Êxo. 30.1-10, finalmente, encontramos o altar do incenso, que não fora mencionado no cap. 26; e, em derradeiro lugar, encontramos a bacia de bronze, mencionada em Êxo. 30.17-21, que esperaríamos muito antes disso, se o autor sacro tivesse seguido os itens na ordem em que realmente apareciam no tabernáculo. O artigo que há no *Dicionário,* intitulado *Tabernáculo,* apresenta descrições detalhadas sobre essa estrutura, com todos os seus materiais e tipos simbólicos.

27.1

Farás também o altar. Está em pauta o altar das ofertas queimadas ou altar dos holocaustos, no átrio externo, entre a primeira cortina e a bacia de bronze. Não deve ser confundido com o altar do incenso, que era bem menor e ficava no Lugar Santo, defronte da terceira cortina, e que só é descrito em Êxo. 30.1-10.

O altar dos holocaustos, aqui descrito, ficava na metade oriental do átrio. Era feito de madeira de acácia recoberta de *bronze* (influência fenícia, na opinião de alguns estudiosos). Suas dimensões eram 2,5 x 2,5 x 1,5 m. Tinha chifres que se projetavam nas pontas, bem como argolas e varas que lhe facilitavam o transporte. Mas não dispunha de topo, e, talvez, contasse com uma armação gradeada de metal, cheia de terra, o que explica como podia resistir ao fogo ali aceso.

O outro altar do tabernáculo era o do incenso, bem menor, cujas dimensões eram 0,5 x 0,5 x 1 m. Era feito de madeira de acácia recoberta de ouro. Também tinha quatro chifres, nas pontas, e uma borda de ouro, com argolas e varas para ser transportado. Simbolizava nossas orações e intercessões (Lev. 16.12).

"O objeto central do átrio era o altar das ofertas queimadas (ou altar dos holocaustos), onde ocorria o principal culto sacrificial. . . Era recoberto de bronze (I Reis 8.64)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Esse altar também era chamado de *altar de bronze* (Êxo. 38.30; 39.39). Cf. com o altar de bronze do templo de Salomão (I Reis 8.64; II Reis 16.10-15; II Crô. 4.1). Com o nome de altar das *ofertas queimadas,* em algumas versões, ver Êxo 30.28 e Lev. 4.7,10,18; mas nossa versão portuguesa chama-o somente de altar do holocausto.

Tipo.

O altar de bronze tipificava a cruz de Cristo, onde Jesus se ofereceu como holocausto a Deus, sem mancha e nem defeito, como expiação pelo pecado. Ver Heb. 9.14.

Esse altar tinha o dobro da altura do propiciatório. A expiação propicia nossa salvação e glorifica a Deus (João 17.40) Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação.*

Os santuários tinham como objeto cúltico central um altar. Ver no *Dicionário* o artigo geral *Altar.* Cf. Êxo. 5.1-3; 8.25-28; 12.27; 17.12; 20.24-26. Os sacrifícios eram um evento cúltico central dos povos antigos, fazendo santuários e altares serem indispensáveis.

Será quadrado o altar. A maioria dos altares antigos era quadrado no topo, embora houvesse altares circulares e quadrangulares, que têm sido desenterrados pela arqueologia. É possível que, para alguns povos, a forma quadrada simbolizasse a *perfeição,* embora os gregos representassem a perfeição mediante o círculo. Alguns poucos altares circulares têm sido encontrados, e até um na Mesopotâmia, de forma triangular; mas o *quadrado* era o formato mais comum.

27.2

Quatro chifres. As pontas nos quatro cantos superiores do altar deveriam fazer parte do mesmo, como uma só peça. Os materiais eram madeira e bronze. O bronze é o metal que simboliza o julgamento. O sangue das ofertas pelo pecado era aplicado a essas pontas ou chifres (Êxo. 29.12). Esse altar também

funcionava como lugar de asilo onde um homicida não-intencional poderia obter refúgio temporário, até que o seu caso fosse julgado pelas autoridades devidas. Ver I Reis 1.50; 2.28.

Se algum daqueles quatro chifres se quebrasse, o altar deixaria de ser um altar válido (Amós 3.14). Os cananeus tinham seus altares de bronze, sendo possível que a idéia tenha sido tomada por empréstimo dos cananeus, embora o altar fosse dedicado a Yahweh e ao novo caminho do *monoteísmo* (ver a esse respeito no *Dicionário*).

Os chifres deveriam ser cobertos de sangue por ocasião da consagração dos sacerdotes (Êxo. 29.1; Lev. 8.14,15; 9.9), como também no dia da expiação (Lev. 16.18). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*.

"As vítimas eram amarradas aos chifres (Sal. 118.27); os criminosos agarravam-se aos mesmos (I Reis 1.50); e sobre esses chifres era besuntado o sangue das ofertas pelo pecado, com o propósito de fazer expiação (Êxo. 29.12; Lev. 8.15)" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação*.

27.3

Far-lhe-ás também. Há aqui menção a vários recipientes. As *cinzas*, as incrustrações de gordura queimada que se acumulavam sobre o altar, eram removidas sempre que Israel preparava-se para viajar (Núm. 4.13). Mas de acordo com alguns estudiosos, diariamente. Essas cinzas eram guardadas temporariamente a leste do altar, em alguma espécie de urna ou pote (Lev. 1.16). Mas depois os sacerdotes se livraram das mesmas, levando-as ao campo, juntamente com outro material parecido, sobras dos sacrifícios (Lev. 4.12; 6.10,11). Os sacerdotes dispunham de *pás* para fazer esse trabalho de limpeza; e também bacias para receber o sangue dos animais sacrificados (Êxo. 24.6). Esse sangue era vertido das bacias ao pé do altar, em um gesto de sacrifício. E também dispunham de *garfos*, uma espécie de ganchos para arranjar os pedaços das vítimas sobre o altar. Esses instrumentos, todavia, podiam ser usados com outros propósitos, conforme vemos em I Sam. 2.13.

Os *braseiros* eram alguma espécie de vaso usado para carregar as brasas retiradas do altar de bronze para serem postas sobre o altar do incenso (Lev. 16.12). Esses braseiros pertenciam, realmente, ao altar do incenso. Todos os vasos ou acessórios do altar eram feitos de *bronze*, metal que simbolizava o julgamento.

27.4

Uma grelha de bronze. Era uma espécie de peneira (Amós 9.9) ou chapa de bronze com perfurações. Essas perfurações permitiam que o sangue drenasse dos sacrifícios e fosse recolhido embaixo. Mas outros estudiosos pensam que a grelha era um instrumento que captava qualquer coisa que caísse do altar, protegendo os pés dos sacerdotes que ali trabalhassem. Ao que parece, ficava localizada à meia altura do altar (vs. 5), ou seja, a cerca de 75 cm do topo do altar para baixo. Mas não há informações quanto à sua largura. Mas nesse item havia argolas de bronze onde eram enfiadas varas, possibilitando o transporte do altar, conforme também sucedia no caso da arca e da mesa dos pães da proposição. Êxo. 25.12,26.

27.5

Dentro do rebordo. Talvez fosse uma espécie de borda, no alto do altar, ou, então, uma estrutura similar mas à meia altura do altar, imediatamente acima da grelha. Alguns pensam que esse rebordo substituía os degraus proibidos (Êxo. 20.26). Mas visto que esse altar era tão baixo, não havia necessidade de degraus para o mesmo. Talvez fosse apenas uma espécie de cinto ornamental que circundava o altar. Logo abaixo dessa estrutura ficava a *grelha* descrita no versículo anterior.

27.6,7

Os varais. Havia varais para transporte da arca, da mesa e do altar, de tal modo que o povo de Israel, em suas vagueações pelo deserto, podia carregar o equipamento do tabernáculo e montá-lo na parada seguinte. Os varais aqui mencionados correspondem aos outros, com a exceção do fato de que eram recobertos de bronze, e não de ouro. Ver Êxo. 25.13,28.

27.8

O fundo do altar era *oco*; mas ao ser instalado, o espaço podia ser cheio de pedras ou terra. O Targum de Jonathan (e também outros escritores judeus) informa-nos sobre como o altar podia ser assim enchido de terra. E os intérpretes cristãos vêem nesse espaço vazio o esvaziamento de Cristo em Sua missão terrena (Fil. 2.7,8; II Cor. 8.9), de tal modo que Nele pudéssemos enriquecer; mas parece que temos aqui um notável exagero nessa questão de tipologia.

O Átrio do Tabernáculo (27.9-19)

O *átrio* era um grande retângulo cujas medidas aproximadas eram 23 m x 46 m. A tenda, que ficava dentro desse átrio, ocupava apenas uma área de apenas 4,60 m x 13,80 m. Isso posto, a área maior do terreno do tabernáculo (ver a ilustração sobre o tabernáculo) era ocupada pelo átrio externo. O átrio continha o altar dos holocaustos e a bacia de bronze. Acabamos de dar a descrição do altar (Êxo. 27.1 ss.), mas a *bacia de bronze* só é descrita em Êxo. 30.17-21. O resto era espaço aberto.

27.9

O átrio era uma área sagrada que tinha sua própria entrada de pouco mais de 9 m de largura (a saber, a primeira cortina); mas as áreas mais sagradas ainda *eram o Lugar Santo e o Santo dos Santos*, na segunda metade posterior do átrio. Todos os templos que foram construídos na história de Israel tiveram um átrio semelhante. Alguns desses templos tiveram mais de um átrio, representando vários níveis de acesso. Assim, no templo de Herodes, havia o átrio dos gentios e o átrio das mulheres. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Templo de Jerusalém*, onde isso é ilustrado e explicado.

Quanto às dimensões do átrio, ver os vss. 9,13,18 deste capítulo. Havia uma parede exterior de linho, sustentada por vinte colunas no lado sul, vinte colunas no lado norte e dez colunas no lado oeste, e nas quais ficava pendurada. Essas colunas ficavam apoiadas sobre bases de bronze, e as colunas tinham ganchos onde as cortinas ficavam penduradas (vss. 10,11,17).

Cortinas de linho. O átrio era franqueado a todos os israelitas (Lev. 1.3). Embora essas cortinas fossem feitas de linho fino, as cortinas propriamente ditas pareciam ser de um material mais resistente. A Septuaginta traduz o termo hebraico aqui usado como *velas*, porquanto parece estar em foco um tecido mais grosseiro, tipo tecido de vela de embarcação, em contraste com o tecido muito mais fino dos véus do Lugar Santo e do Santo dos Santos.

27.10

Este versículo repete a informação que já vimos acerca de estruturas similares no Lugar Santo e no Santo dos Santos (Êxo. 26.18 ss.), exceto que aqui os materiais usados eram prata e bronze, em lugar de ouro e prata. Podemos pensar que as colunas foram construídas tal como as do Lugar Santo e do Santo dos Santos. Ver Êxo. 26.32,37, mas os materiais empregados eram mais baratos. Para cada lado, vinte colunas deveriam ser usadas, cada qual a cerca de 2,30 m uma da outra. Os escritores judeus, todavia, parecem confusos. Alguns pensam que as colunas eram feitas de madeira (talvez de acácia), mas o texto designa "bronze". Josefo também falou em bronze (*Antiq.* 1.3 c.6 sec.2). O autor sagrado não nos confere descrições precisas, pelo que não podemos ser por demais positivos acerca das questões ventiladas nestes versículos. Os *ganchos* talvez fossem diferentes daqueles do resto da estrutura do tabernáculo. Jarchi descreveu-os como ganchos de tendas, ou seja, com uma das extremidades recurva e estendendo-se um pouco para cima.

Suas vergas. Alguns pensam em fios de prata que serviriam para amarrar; mas outros dizem que eram varas de conexão que sustentavam as cortinas.

27.11

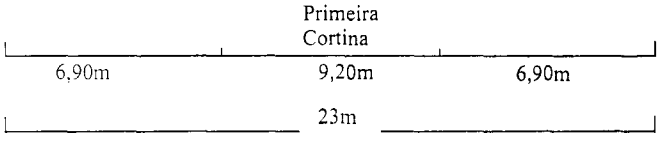
Temos aqui as medidas do lado mais longo de um retângulo, a saber, cerca de 46 m. Ao longo dessa medida, haveria vinte colunas de ambos os lados, o lado norte (direita) e o lado sul (esquerda). Ver a ilustração sobre a planta do tabernáculo, mais acima. O tabernáculo era voltado de frente para o *oriente*. O Santo dos Santos ficava na extremidade ocidental do tabernáculo.

27.12-13

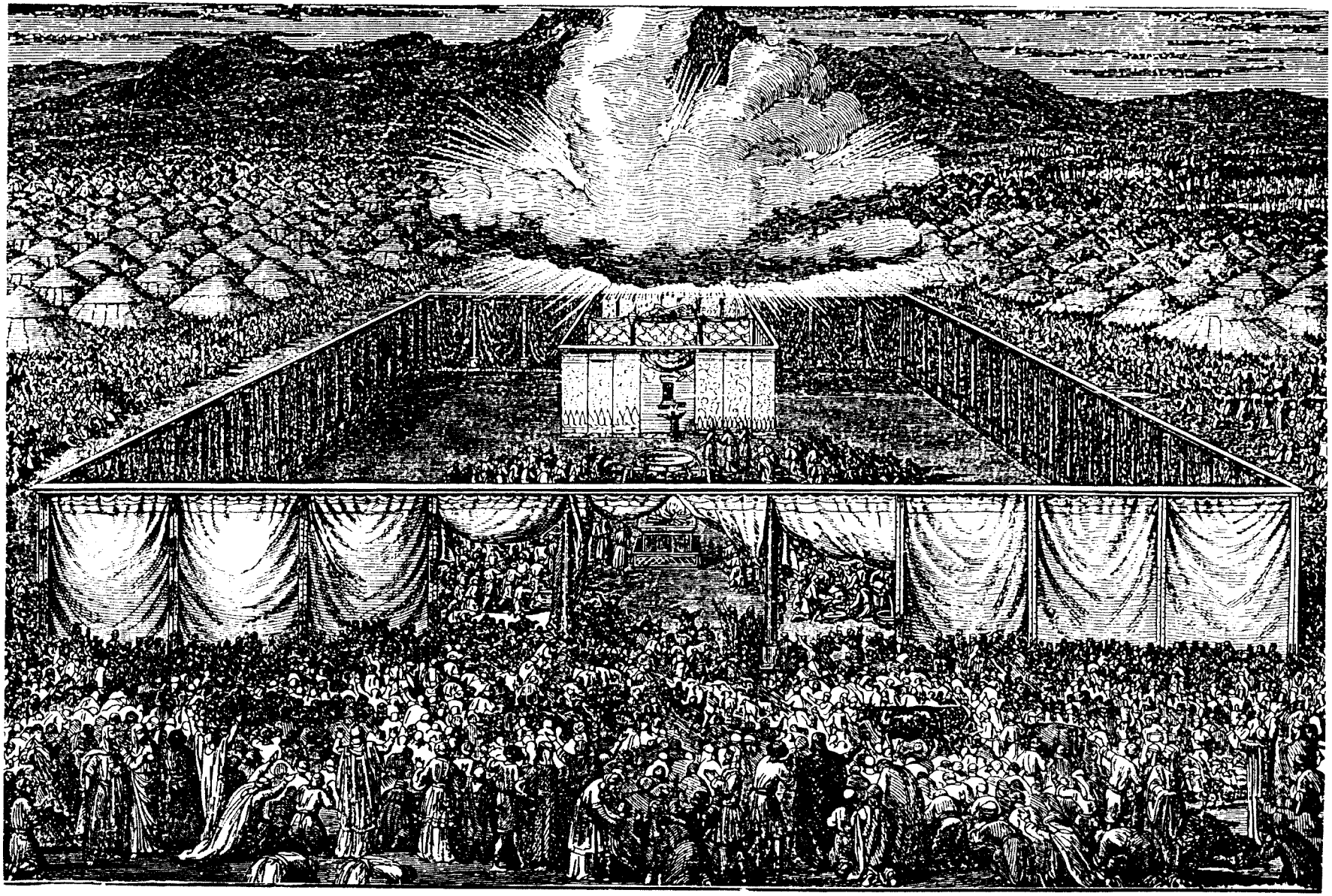
A extremidade *ocidental* era o lado onde ficava o Santo dos Santos. Formava o lado mais curto do retângulo do átrio, com cerca de 23 m de cada lado, pois formava um quadrado. Tendo a metade do comprimento dos outros lados, precisava apenas de dez colunas. A construção, contudo, era como a do Lugar Santo. Como é óbvio, o lado *oriental* (a entrada) do átrio também tinha cerca de 23 m de largura.

27.14,15

Descrição da extremidade oriental:

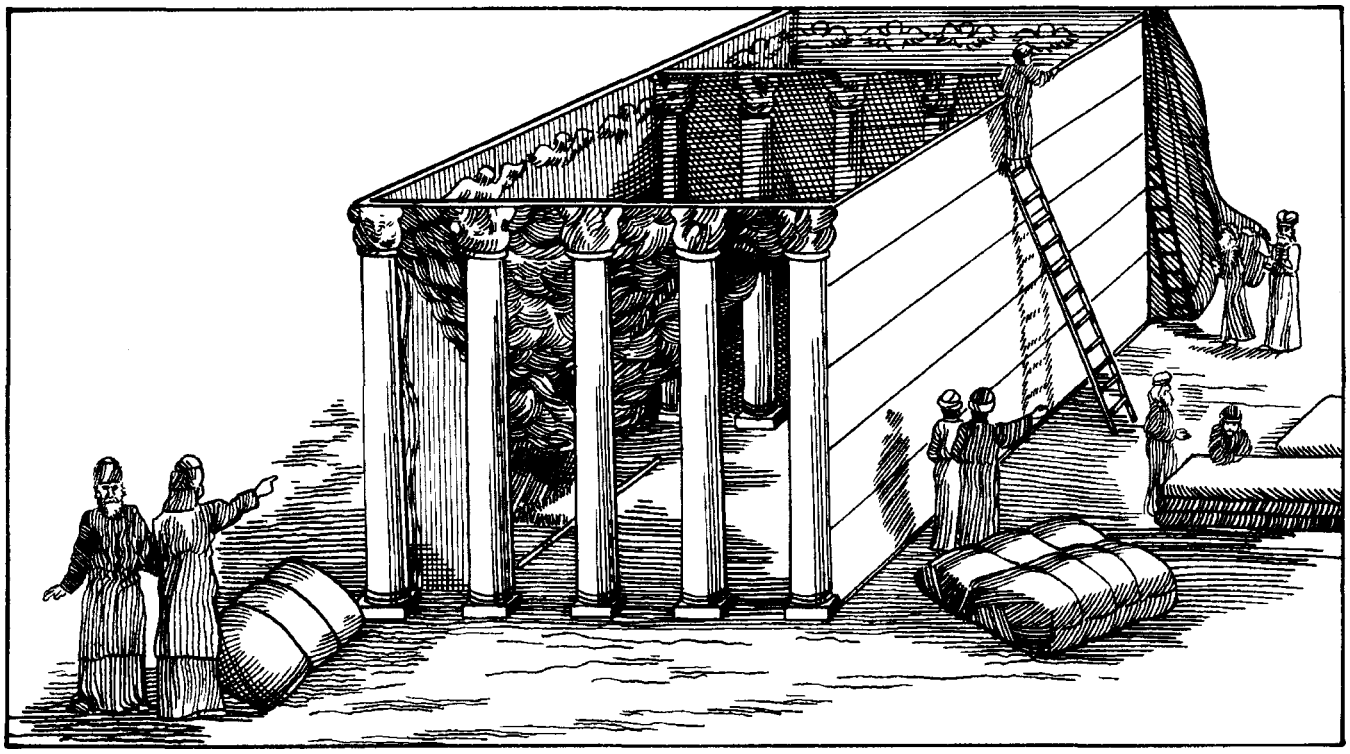


O TABERNÁCULO NO DESERTO

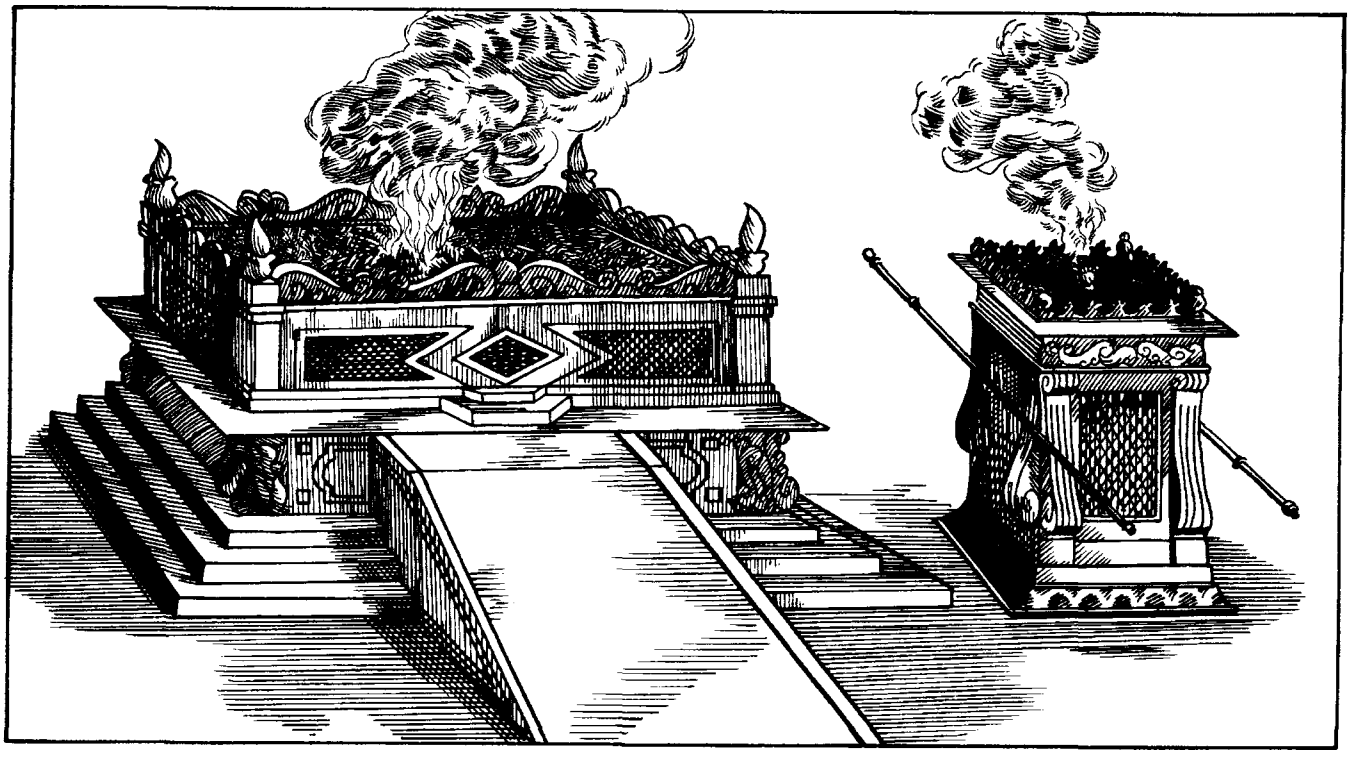


Richard Laurence, *The Book of Enoch*, 1821.

TABERNÁCULO DESCOBERTO



ALTAR DO HOLOCAUSTO E ALTAR DE INCENSO



A primeira cortina tinha 6,90 m de comprimento; e de cada lado, havia 6,90 m. Havia cortinas ao longo desses vinte e três metros, mas os 9,20 m no meio foram feitos de tal modo que havia uma entrada que conduzia ao átrio. Havia ainda duas outras cortinas; a segunda antes do Lugar Santo, e a terceira antes do Santo dos Santos. Já pudemos descrever isso nas notas sobre Êxo. 26.31 e 36.

As duas partes da cortina de 6,90 m cada parte (em ambos os lados da entrada) estavam penduradas em três colunas, tal como o resto das cortinas, embora as bases fossem feitas de bronze (vs. 17). As colunas ficavam a cerca de 2,30 m uma da outra. Havia um total de dez colunas na extremidade leste do tabernáculo, o mesmo número que havia na sua extremidade oeste (vs. 12).

27.16

Um reposteiro de vinte côvados. Temos aí a primeira cortina, que dava entrada para o átrio. Essa cortina ficava apoiada sobre quatro colunas, o mesmo número que havia na cortina do Santo dos Santos. Portanto, temos: 1. A *primeira* cortina (sobre quatro colunas, Êxo. 27.12). 2. A *segunda* cortina (sobre cinco colunas, Êxo. 26.36). 3. A *terceira* cortina (sobre quatro colunas, Êxo. 26.32). A palavra hebraica usada para indicar a cortina da entrada do átrio é a mesma palavra usada para indicar os véus do Lugar Santo e do Santo dos Santos, embora estas últimas sejam chamadas "véus", em português. Talvez porque o tecido dessas últimas fosse mais fino que o tecido da primeira. Mas no hebraico é usado um vocábulo diferente para indicar as demais cortinas do átrio, indicando um tecido mais grosseiro (ver o vs. 9). Logo, quando alguém olhava para a extremidade oriental podia notar uma diferença na textura e no desenho dos tecidos, quando comparados com a seção do meio (a entrada), e com as duas partes a cada um dos lados dessa entrada.

Tipos e Simbolismos. As cortinas indicavam graus variegados de acesso, pois cada uma delas servia de porta que permitia que alguém por ali entrasse, com exclusividade. Todo o povo de Israel (mas nenhum gentio) podia penetrar pela primeira cortina. Os sacerdotes, a cada dia, podiam passar pela segunda cortina. Mas somente o sumo sacerdote, e assim mesmo apenas uma vez por ano, podia entrar pela terceira cortina. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acesso*, acerca de como Cristo, em Sua missão messiânica, proveu completo acesso a todos até ao Santo dos Santos, ou seja, até à presença mesma de Deus.

27.17

Todas as colunas. Aqui se fala sobre todas as colunas ao redor do átrio. Essas colunas eram sessenta: vinte ao norte, vinte ao sul (vss. 10 e 11), e dez a oeste e dez a leste (vss. 12,14-16). Mas todas essas colunas eram construídas do mesmo modo, e dos mesmos materiais. Tinham ganchos de prata e bases de bronze. As *vergas de prata* (que alguns eruditos chamam de varas) serviam para segurar as cortinas às colunas. As colunas propriamente ditas eram, provavelmente, de madeira de acácia, tal como as colunas do Lugar Santo e do Santo dos Santos (Êxo. 26.32). Parece que o vs. 10 deste capítulo diz que essas colunas eram de bronze, e não de madeira de acácia; e os intérpretes judeus não concordam entre si quanto a esse particular. Ver as notas expositivas sobre aquele versículo. Não aparece a palavra "acácia" naquele versículo, mas ela pode ter sido deixada de fora pelo autor sagrado, que assim cometeu um pequeno esquecimento. Ou então, a palavra *bronze* aplica-se tanto às colunas quanto às suas bases.

27.18

O átrio terá cem côvados de comprido. As dimensões do átrio são dadas aqui. No sistema métrico, essas dimensões são: 23 x 46 m. A altura da cerca em redor era de cerca de 2,30 m, o que significa que a cortina externa do tabernáculo, que fechava o átrio, era bastante baixa. No entanto, era alta o bastante para impedir que os curiosos olhassem para dentro do átrio, estando eles do lado de fora do mesmo. Em contraste, a altura das paredes internas do Lugar Santo e do Santo dos Santos era de cerca de 4,60 m.

27.19

Todas as suas estacas. Visto que as tendas não dispõem de alicerces, precisam de estacas enfiadas no solo, para lhes darem estabilidade. Essas estacas, postas a intervalos regulares, esticam cordas. Portanto, as tendas ficam cercadas por estacas e suas respectivas cordas. E é assim que esse tipo de estrutura portátil não requer alicerces.

O fato de que todos os vasos do tabernáculo eram feitos de bronze tem suscitado cinco diferentes interpretações:

1. Esse "todos" é *absoluto*; mas isso contradiz Êxo. 25.38, onde lemos que alguns vasos eram feitos de ouro.
2. O termo "todos" aplica-se a todos os vasos existentes no *átrio*.
3. A palavra "todos" aplica-se somente às *estacas*. Nesse caso, pois, o fraseado é um tanto capenga, pois o termo "bronze" parece aplicar-se a todos os vasos, e não apenas às estacas.
4. A referência seria aos utensílios do altar dos holocaustos, pelo que este versículo seria uma repetição do terceiro versículo deste capítulo.
5. A referência aponta para aqueles utensílios usados para levantar ou desmanchar o tabernáculo, como os martelos, as varas, as argolas, as estacas, etc., embora o autor sagrado não se tenha dado ao trabalho de chamar cada item pelo seu nome.

Os intérpretes, antigos e modernos, não concordam quanto a essa questão. Mas ela não tem importância maior.

O Azeite para o Candelabro (27.20-21)

O tabernáculo inteiro era resultado das ofertas voluntárias do povo de Israel, e isso incluía os materiais providos para a construção e até mesmo o azeite para alimentar as chamas do candelabro ou candeeiro. A tenda era o templo de Israel no deserto; e o povo de Israel tinha a responsabilidade tanto de erigi-la quanto de mantê-la.

27.20

Lâmpada acesa continuamente. Ver no *Dicionário* vários artigos: *Luz, a Metáfora da; Luz, Deus Como; Azeite (Óleos); Candeeiro.* Essa determinação serve para introduzir o que se segue, as instruções para os sacerdotes, suas vestes e funções. Um dos principais deveres dos sacerdotes era acender e manter limpo o candelabro, com suas sete lâmpadas. Originalmente, parece que essa manutenção se dava diariamente; mais tarde, porém, as lâmpadas eram mantidas acesas continuamente. Essa continuidade é refletida neste versículo, e alguns estudiosos pensam que assim sucedia mesmo no começo.

O Tipo. O azeite é símbolo do Espírito Santo (João 3.34; Heb. 1.9). Cristo é a Luz do mundo (João 8.12), e o Seu agente é o Espírito Santo, o Seu alter ego. No tabernáculo houve aquela iluminação sobrenatural da *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*), que iluminou o Santo dos Santos. E também havia aquela luz artificial fornecida pelo candelabro, no Lugar Santo. Agora, esses dois lugares tornaram-se *um só* (Mat. 27.50,51; Heb. 9.6-8; 10.19-21). A luz do Logos e a luz do Espírito são uma só luz. O homem espiritual avança na luz que lhe é fornecida (I João 1.7). Todos os seres humanos são iluminados por Cristo (João 1.4). Na luz há vida, conforme vemos nessa mesma referência bíblica. Uma vez cheios do Espírito Santo, andamos em plena luz (Efé. 5.18).

O candelabro, posto no Lugar Santo, indicava o fato de que "Deus está presente", e que a Sua presença nos outorga iluminação espiritual. A glória *shekinah*, no Santo dos Santos, significa que o homem espiritual é alguém que recebe uma iluminação especial, um acesso maior a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Acesso*.

O azeite era *puro*, o que indica que a luz de Deus é pura, e que os puros são aqueles que lhe dão acolhida.

27.21

... as conservarão em ordem. O candelabro requeria atenção permanente, e aos sacerdotes de Israel cabia essa manutenção. Uma lei especial governava essa manutenção. Era uma luz indispensável, indicando a santa iluminação divina. Enquanto o tabernáculo/templo estivesse em funcionamento, os sacerdotes deveriam mantê-lo. Mas chegou o dia em que o sistema falhou; e, então, coube às sinagogas o dever de manter essa luz, em muitos milhares de lugares diferentes, e não em um único lugar central de adoração. Muitas milhares de lamparinas eram mantidas continuamente acesas. Uma instituição antiga tinha desaparecido, mas seus valores haviam sido preservados.

Uma lâmpada acesa é o mais excelente símbolo da presença espiritual e contínua de Deus. Para os hebreus, a *luz* era o primogênito de Deus, porquanto Deus dissera: "Haja luz". A luz é a mais tênue e mais imaterial substância que se conhece, que nenhuma forma de idolatria é capaz de duplicar. No santuário de Israel, a luz precisava ser mantida acesa dia e noite, e Josefo disse que isso sucedia tanto no tabernáculo quanto no templo (*Antiq.* iii.7, par. 7). Ver as notas em Êxo. 29.42 sobre a *perpetuidade* do tabernáculo e seus ritos.

Arão e seus filhos. Em outras palavras, o sacerdócio aarônico, que haveria de tomar o lugar do sacerdócio dos primogênitos (Núm. 18.15 ss.). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacerdotes e Levitas*. Ver as notas sobre Êxo. 25.27,28 quanto a detalhes do trabalho de manutenção do candelabro, bem como dos utensílios usados nessa manutenção.

"Tenda (tabernáculo) da congregação, o lugar da inteira congregação de Israel, visto que o tabernáculo era a igreja de Israel". Ver Êxo. 28.43; 29.4; 30.16; 31.7; 33.7; 38.8; 39.32; 40.2,29; Lev. 1.1, etc. Ver as notas expositivas adicionais sobre Lev. 1.1.

Capítulo Vinte e Oito

Direções para o Sacercódio (28.1 — 29.46)

Os Sacerdotes e Suas Vestes (28.1-43)

O fato de que Arão e seus filhos tinham um monopólio do sacerdote é aqui referido quase incidentalmente, como se soubéssemos disso o tempo todo. Naturalmente, a época refletida é a de Moisés. Arão era o sumo sacerdote e o tabernáculo requeria um elaborado sistema de manutenção — o sacerdócio aarônico. As descrições das vestes e das funções dos sacerdotes correspondem às do período pós-exílico (ver Eclesiástico 45.6-24 e 50.1-24). E os críticos pensam que temos aqui um reflexo desse período mais recente. Os eruditos conservadores, por sua vez, pensam que essas práticas já tinham começado nos dias de Moisés, com *projeções* para épocas subseqüentes.

O termo *sumo sacerdote* só começou a ser usado após o exílio babilônico; e aqui o título é conferido a Arão, porque essa tinha sido a sua função original, embora ela não fosse chamada por esse nome. Ver sumo sacerdote (II Crô. 19.11; 24.11; Esd. 7.5); príncipe da casa de Deus (I Crô. 9.11). Na época dos hasmoneus, o sumo sacerdote tornou-se uma poderosa figura política, mas foi então que o ofício sofreu várias corrupções. Funções sacerdotais existiam em uma religião de tendências predominantemente reconciliadoras; de outra sorte, elas nem seriam necessárias. Os sacerdotes aarônicos eram mediadores do *pacto mosaico* (ver as notas a *respeito* na *introdução* a Êxo. 19.1). O sumo sacerdote destacava o conceito da necessidade que o homem tem de reconciliar-se com Deus (Êxo. 33.12-23). Arão mediava as graças e dons de Yahweh ao povo de Israel. Mas foi através de Moisés que Arão havia recebido seu ofício e sua autoridade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacerdotes e Levitas*.

Modos de Servir dos Sacerdotes. Queimar o incenso sobre o altar de ouro duas vezes por dia; fazer a manutenção do candelabro; fazer a manutenção da mesa dos pães da proposição; oferecer sacrifícios sobre o altar dos holocaustos; abençoar o povo. Além desses deveres, também havia funções civis, descritas em Núm. 5.5-31; Deu. 19.17; 21.5. Também estavam encarregados de ensinar (Deu. 17.9,11; 33.8,10) e de animar e exortar o povo em momentos de crise (Deu. 20.2-4).

28.1

Arão e seus filhos tomaram-se uma classe sacerdotal. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes. Havia funções e deveres maiores e menores. Ver a descrição dos deveres no parágrafo acima, e também em Êxo. 13.2,12,13; 22.29; 34.19,20; Lev. 27.27; Núm. 3.12,13,41,45; 8.14-17; 18.15; Deu. 15.19.

Vir para junto de ti. Em outras palavras, *consagrar*, pois Moisés é que dava a Arão e seus filhos a autoridade original deles. Os sacerdotes tinham vestes que ilustravam os poderes, os privilégios e a dignidade de seu ofício; e neste capítulo vinte e oito são descritas as vestes sacerdotais.

Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. No *Dicionário* há artigos sobre cada um desses nomes, que o leitor deve examinar. Arão pode ter tido outros filhos, não mencionados, sendo presumível que esses outros também receberam funções sacerdotais de alguma espécie.

"O ofício sacerdotal, na verdade, estava circunscrito às famílias de Eleazar e Itamar. Eleazar tornou-se sumo sacerdote em razão da morte de Arão (Núm. 20.28). Foi sucedido por seu filho, Finéias, que era o sumo sacerdote no tempo de Josué (Jos. 22.13) e mais tarde (Juí. 20.28). Em data posterior, mas sob circunstâncias desconhecidas, o sumo sacerdócio passou para a linhagem de itamar, à qual Eli pertencia" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sumo Sacerdote*. Arão era tipo de Cristo em Sua função de *Sumo Sacerdote*, idéia essa inclusa no artigo sobre o assunto.

28.2

Vestes sagradas. Descritas ao longo deste capítulo vinte e oito, distinguindo os sacerdotes dos demais israelitas. E teriam que ser confeccionadas de tal modo que refletissem glória (eles serviam a Yahweh, e assim tinham uma função grandiosa) e beleza (deveria haver considerável senso estético que refletisse a dignidade de seu ofício). Essas vestes distintivas conferiam aos sacerdotes acesso ao Lugar Santo. Aqueles que não tivessem tais vestes não podiam ingressar ali.

Tipos:

1. Arão era tipo de Cristo como Sumo Sacerdote, o que é explicado no artigo *Sumo Sacerdote*.
2. Os filhos de Arão, os sacerdotes, representavam várias funções sacerdotais de Cristo, como também de todos os crentes, os quais são um reino de sacerdotes. Provi um longo e detalhado artigo, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, intitulado *Sacerdotes, Crentes Como*.
3. As vestes distintivas dos sacerdotes fazem-nos lembrar coisas com que o Espírito de Deus nos cobre: a retidão, as graças e os dons de Cristo. Alguns eruditos vêem nessas vestes um emblema da natureza humana de Cristo.

A arqueologia e as referências literárias indicam como muitos povos antigos conferiam vestes distintivas a seus sacerdotes. A dignidade do ofício inspirava tal coisa. A arte sempre esteve relacionada à religião, manifestando-se sob a forma de arquitetura e vestuário, como também imagens, pinturas e outros objetos que se tornam parte do culto religioso.

Em Israel, as vestes sacerdotais só eram usadas quando os sacerdotes cumpriam as suas funções religiosas (Êxo. 35.19). Essas vestes eram confeccionadas com a maior arte e excelência possível (Êxo. 28.3) e eram feitas com os mesmos materiais do véu interior do tabernáculo (vss. 6,8,15,33,39,42).

28.3

Todos os homens hábeis. Os artífices que seriam encarregados da construção do tabernáculo e de seus móveis, utensílios e demais adendos teriam que ser homens capazes. Nenhuma pessoa profana teve permissão de confeccionar as vestes dos sacerdotes. Não se sabe quantas pessoas estiveram envolvidas nessa confecção. Não são fornecidos nomes; mas é indicado indiretamente que eram pessoas sábias e espirituais, que trabalhavam por detrás dos bastidores. Receberam o privilégio especial de providenciar as vestes distintivas dos sacerdotes. Também eram pessoas aptas em suas tarefas respectivas, além de serem consagradas no espírito. Para a mente dos hebreus, o *coração* era a sede do conhecimento e dos afetos; e os corações dos artífices escolhidos tinham de ter conhecimento relacionado às suas habilidades, bem como afeto espiritual para bem empregarem tal conhecimento.

Deus aparece aqui como a fonte do conhecimento e da sabedoria. Ele é o originador de todo bem e de todo dom perfeito (Tia. 1.17). Temos aí um reflexo do *teísmo* (ver a esse respeito no *Dicionário*), e não do *deísmo* (ver também no *Dicionário*).

28.4

As Seis Peças do Vestuário. As seis peças distintivas das vestes do sumo sacerdote são mencionadas neste versículo. O resto do capítulo descreve esses itens de forma detalhada. Os crentes também dispõem de suas vestes (ou armadura) distintivas, próprias para o conflito espiritual em que estão envolvidos (ver Efé. 6.10 ss.). Oferendas de estofo azul e linho fino torcido foram feitas, tudo de modo voluntário, aos artífices, que passaram a empregar suas habilidades à confecção das vestes sacerdotais.

A lista de itens não inclui o turbante de Arão (que figura nos vs. 36-38), e também os calções curtos (vs. 42). Não se sabe dizer por qual motivo foram deixados fora da lista, mas o mais provável é que isso tenha acontecido por mero esquecimento do autor sagrado, na preparação da lista de itens. Nada é dito sobre como os pés dos sacerdotes eram calçados, mas o mais provável é que usassem simples sandálias. Ver no *Dicionário* o artigo *Sacerdotes, Vestimentas dos*, que fornece informações sobre a questão das vestes sacerdotais, com algumas ilustrações que ajudam a visualizar melhor essas vestes.

Quanto a tipos e símbolos presumíveis dessas peças do vestuário sumo sacerdotal, ver o artigo acima mencionado no parágrafo intitulado *Alguns Presumíveis Símbolos Dessas Peças*.

28.5

Foram usados materiais especiais, a saber: ouro, estofo azul, púrpura, carmesim e linho fino, as cores dos véus usados no Lugar Santo e no Santo dos Santos. Ver Êxo. 26.1,31,36. A isso foram acrescentadas pedras de ônix e várias outras pedras preciosas (Êxo. 28.9,17-21).

28.6

A estola sacerdotal. No hebraico, *ephod*, palavra que significa "cobertura". Há um artigo detalhado a esse respeito, no *Dicionário*, intitulado *Estola*, que inclui informes arqueológicos, que o leitor precisa examinar. Os sacerdotes

levíticos usavam estolas de linho, mas o sumo sacerdote dispunha de estolas bordadas em ouro, azul, púrpura e car- mesim. Uma estola especial era usada quando dos pronunciamentos do sumo sacerdote, em seus oráculos. Essa estola ficava pendurada no interior do templo (I Sam. 21.9).

Alguns estudiosos supõem que o *ephod* foi a mais antiga das vestes sacerdotais. Naturalmente, havia um uso anterior ao tabernáculo, e que era um artigo comum entre as vestes de povos não-israelitas. Talvez houvesse nisso simbolismos místicos; nesse caso, porém, não nos é dito quais poderiam ter sido esses sentidos simbólicos.

28.7

A *estola* dispunha de duas peças para os ombros, as *ombreiras*, que talvez também protegessem as costas. O artigo *Sacerdotes, Vestimentas dos* ilustra esse item. Havia laços que prendiam as peças uma à outra, formando uma única peça com frente e costas. Era uma espécie de malha sem mangas (Êxo. 39.4). As peças eram unidas por duas pedras, que atuavam como se fossem botões (vs. 12). Alguns intérpretes diziam que as duas peças eram costuradas uma à outra (Maimonides, *Hilchot Cafe Hamikdash,* c. 9, sec. 9). Nesse caso, as duas pedras eram meros adornos.

28.8

O cinto de obra esmerada. Ver no *Dicionário* o artigo *Cinto*. O cinto do sumo sacerdote era altamente decorativo, completo com bordados (cf. Êxo. 28.39 e 39.29). Além de deixar no lugar peças de roupa, em torno do corpo, o cinto tinha sentidos místicos. O material (linho) do cinto era da mesma cor e do mesmo estilo do véu do santuário, servindo de indício de que as vestes do sumo sacerdote mostravam ser ele o administrador do santuário, em suas diversas funções sacerdotais. Ver o artigo geral intitulado *Sacerdotes, Vestimentas dos*. O cinto apertava a estola em torno da cintura (Lev. 8.7). O cinto fazia parte inseparável da estola e era feito do mesmo material que esta.

28.9-10

Duas pedras de ônix. Ver as notas sobre essa pedra em Gên. 2.12. Cf. Êxo. 25.7. Em cada uma dessas pedras foram gravados os nomes de seis das tribos de Israel, alistadas segundo a ordem de idade dos patriarcas que deram nomes às tribos. E na mesma ordem foram gravados os nomes sobre as doze pedras preciosas do peitoral (vss. 17-21). As pedras enfatizavam o prestígio das doze tribos, como também os deveres que os sacerdotes tinham de servir bem Israel, ou seja, o povo *inteiro,* a congregação de Deus. ". . .assim sendo, quando Arão entrava no tabernáculo, apresentava os nomes das tribos de Israel na presença de Deus (vs. 12)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Os Nomes por Ordem de Nascimento: Uma das duas pedras de ônix continha os nomes: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã e Naftali. E a outra continha os nomes: Gade, Aser, Issacar, Zebulom, José e Benjamim. Mas alguns autores judeus sugeriram outros arranjos de nomes.

Os eruditos também discordam quanto à identidade dessas duas pedras. Alguns opinam em favor da esmeralda ou do berilo. Josefo (*Antiq.* 3.7 par. 5) dizia que essas pedras eram o ônix e a sardônica. Têm sido encontradas muitas pedras dessa qualidade, sendo uma pedra comum na joalheria.

28.11,12

Essas pedras eram lapidadas em forma de roseta e incrustradas em ouro, sob a forma de *selos*. "Eram símbolos de autoridade e dedicação, em todo o mundo antigo (Gên. 41.42; Jer. 22.24; Ageu 2.23). O papel de Arão como sacerdote, e a sua autoridade, dependiam do pacto da graça de Yahweh. Ele apresentava diante do Senhor os nomes das tribos de Israel. Israel era o fulcro de interesse de seu serviço" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). "Os sinetes. . . como os do Egito, em sua maioria eram anéis. . . mas os da Babilônia eram cilíndricos. . ." (Ellicott, *in loc.*).

Lapidação de Pedras Preciosas na Antiguidade. As pedras preciosas de maior dureza (na escala de 1, talco, a 10, diamante), ou seja, a esmeralda, a safira, o topázio, o rubi e o diamante, que eram tão duras que desafiavam os antigos lapidadores, de tal modo que aparecem com menor freqüência, eram menos usadas que as pedras de dureza menor (na mesma escala, 6 ou 7 pontos de dureza), que atualmente chamamos de pedras semi-preciosas, como o ônix, o jaspe, o lapis-lazuli, o sárdio, o berilo, e o cristal de rocha. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jóias e Pedras Preciosas.*

As pedras de ônix gravadas ficavam sobre os ombros da estola sacerdotal, talvez funcionando como se fossem botões ou colchetes, juntando as duas peças da estola. Ou, então, na opinião de outros intérpretes antigos, as duas peças eram costuradas uma à outra, e aquelas pedras eram meras peças decorativas e simbólicas, sem exercer qualquer outra função na estola sacerdotal. As variegadas pedras do peitoral também continham nomes, cada pedra um nome de tribo, pelo que havia um duplo lembrete do povo de Israel, ao qual o sumo sacerdote servia.

O Peitoral (28.13-30)

Ver no *Dicionário* o artigo *Judaísmo,* onde o *peitoral* das vestes sumo sacerdotais é ilustrado.

28.13,14

As pedras do peitoral eram engastadas em garras de ouro. Cf. o vs. 11. Eram semelhantes aos engastes das duas pedras de ônix das ombreiras da estola sacerdotal. Havia *duas correntes de ouro* (vs. 14) que serviam ao propósito de suspender o peitoral a partir das ombreiras. Essas correntes não foram confeccionadas à maneira moderna, como elos entrelaçados, e, sim, eram como fios de ouro torcidos à moda de cordas, um trabalho artístico e complicado. Essas correntes estavam presas aos engastes das duas pedras de ônix. Ver os vss. 22-28 deste capítulo quanto a outras informações sobre a questão.

Os arqueólogos têm descoberto essas correntes de ouro em várias culturas antigas, incluindo a egípcia, sendo perfeitamente possível que esses vários tipos de arte do ourives, empregados na construção do tabernáculo e em sua decoração, tivessem sido aprendidos pelos israelitas enquanto estavam no exílio, no Egito.

28.15

O peitoral do juízo. Há um detalhado artigo sobre esse item, no *Dicionário.* Assim, as descrições que damos aqui são abreviadas. O artigo no *Dicionário* intitula-se *Peitoral do Sumo Sacerdote.* Aquele artigo inclui vários simbolismos do peitoral. O espaço devotado a essa parte do vestuário do sumo sacerdote mostra a grande importância que o autor sagrado dava à mesma. Era feita do mesmo material que a estola (cf. o vs. 6). Tinha as dimensões 46 x 23 cm. Mas como era dobrado ao meio, tornava-se um quadrado com 23 cm de lado. Doze diferentes pedras preciosas eram engastadas em garras de ouro. Os nomes das tribos de Israel foram gravados ali, um nome em cada pedra. Assim, os nomes das tribos de Israel sobre as duas pedras de ônix (seis nomes em cada pedra), e os nomes dessas mesmas tribos aqui (um nome em cada pedra), formavam um duplo lembrete, diante de Deus, acerca do povo de Israel, em favor de quem o sumo sacerdote oficiava. E fitas azuis prendiam o peitoral de encontro ao peito do sumo sacerdote, das extremidades inferiores para baixo, mediante argolas de ouro, de tal modo que o peitoral nunca se separava da estola, quando o sumo sacerdote oficiava.

A seqüência dos nomes dos filhos de Israel provavelmente seguia a mesma ordem que havia nas duas pedras de ônix, conforme se vê no vs. 9 deste capítulo.

No hebraico, a palavra para "peitoral" é *hoshen,* termo que significa *objeto belo.* Portanto, tanto na construção do tabernáculo quanto em tudo quanto dizia respeito ao mesmo, predominava o senso estético. O peitoral atuava como bolsinha para o Urim e o Tumim, sendo essa a sua principal *finalidade.* Por isso mesmo, há estudiosos que pensam que o peitoral era uma espécie de algibeira, embora também tivesse usos simbólicos, conforme já mencionei. Deixo que o leitor examine o resto das descrições no citado artigo do *Dicionário.* Cf. o habilidoso trabalho que essa peça exigiu com o que se vê em Êxo. 26.1,31; 28.6, pois em ambos os casos temos a mesma técnica e as mesmas cores empregadas.

28.16

Quadrado e duplo. Parece que os hebreus associavam o formato geométrico quadrado à idéia de *perfeição* (ver Êxo. 27.1). Os gregos, por sua vez, faziam tal associação com a figura geométrica do círculo. Os altares antigos tinham um topo de forma quadrada. Mas havia altares circulares. Podemos pensar que a idéia de perfeição estava associada a ambas essas formas. Também foi achado um altar de formato triangular no topo, na Mesopotâmia; e havia altares de formato retangular. Mas o quadrado era a forma mais comum.

Lemos que o peitoral era *quadrado* e *duplo*, porque sendo um retângulo de 46 x 23 cm, era dobrado ao meio, para formar uma espécie de bolsa com aproximadamente 23 cm de lado. É provável que um dos lados da peça dobrada fosse costurada, como também a parte de cima, deixando um bolso lateral. Os egípcios faziam peitorais bastante fortes, duplos, de linho, e o estilo desses peitorais egípcios bem pode ter sido copiado neste caso. Maimonides (*Hamikdash,* c. 9, sec. 6) disse que o pano tinha 46 cm de comprimento antes de ser dobrado ao meio. Cf. o formato quadrado da Nova Jerusalém, símbolo da Igreja de Cristo em sua glória (Apo. 21.16). Parecem estar envolvidas nisso as idéias de firmeza, força, beleza simétrica e perfeição.

28.17

Quatro ordens de pedras. Cada fileira continha três pedras diferentes, o que resultava em doze pedras. Nessas doze pedras foram gravados os nomes

das doze tribos de Israel, provavelmente seguindo a ordem de nascimento dos patriarcas, conforme já foi dito no vs. 9 deste capítulo. As pedras de ônix das ombreiras da estola sacerdotal, também foram gravadas, cada uma, com os nomes de seis das tribos de Israel (Êxo. 28.11,12). Mas a *função* das pedras era a mesma: relembrar o sumo sacerdote do povo ao qual servia, ao entrar no Santo dos Santos. Ver as notas sobre o vs. 29 deste capítulo quanto a maiores explicações desse detalhe. Cf. isso com Apo. 21.19,20 onde há uma lista similar de pedras preciosas, que faziam parte da ornamentação dos alicerces da Nova Jerusalém. Cf. também a lista de pedras preciosas em Ezequiel 28.13.

Há uma considerável dificuldade na identificação dessas pedras antigas com as pedras modernas, chamadas por esses nomes. Os antigos não dispunham de ferramentas capazes de trabalhar devidamente com as pedras preciosas de maior dureza, embora soubessem lapidar e gravar bem pedras de menor dureza. Ver as notas sobre o versículo onze deste capítulo. No entanto, a arqueologia tem achado jóias feitas até mesmo com as pedras preciosas de maior dureza. A despeito disso, permanece de pé o problema de identificação. O artigo existente no *Dicionário*, chamado *Jóias e Pedras Preciosas* menciona e descreve as doze pedras mencionadas na lista que temos à nossa frente. Várias dessas pedras recebem artigos separados. Ver a quarta seção daquele artigo.

Primeira Ordem:

Sárdio. Ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. No hebraico o nome é *odem;* no grego, *sardion*. No Antigo Testamento, ver aqui; Êxo. 39.10 e Eze. 28.13. No Novo Testamento, ver Apo. 4.3; 21.20. Trata-se de uma variedade translúcida de sílica (dióxido de sílica), muita fina. Mediante uma luz projetada sobre ela, torna-se marrom ou marrom alaranjado, mas de um vermelho profundo mediante luz diretamente incidente. Trata-se de uma variedade de calcedônia (dureza sete). Portanto, uma pedra semipreciosa. Na visão de João, essa pedra decorava o sexto fundamento das muralhas de Jerusalém (Apo. 21.20).

Topázio. Ver o artigo e informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Carbúnculo. Ver o artigo e informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

28.18

Segunda Ordem:

Esmeralda. Ver o artigo e informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Safira. Ver o artigo e informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Diamante. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

28.19

Terceira Ordem:

Jacinto. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Ágata. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Ametista. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

28.20

Quarta Ordem:

Berilo. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Ônix. Ver informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.*

Jaspe. Ver o artigo e informações adicionais no artigo desse nome, no *Dicionário.* As pedras "berilo" e "jaspe", a exemplo do "sárdio", também receberam artigos separados no *Dicionário.* E o "ônix" é comentado nas notas sobre Gén. 2.12. Ver também Êxo. 28.9.

O autor sagrado repetiu a informação de que cada pedra teria seu próprio engaste de ouro (ver o vs. 13). Assim, o nome de cada tribo recebia uma atenção e uma honra individuais no peitoral do sumo sacerdote; e este podia e devia lembrar a cada qual, em separado, e a todos eles, individualmente, quando estivesse ocupado em seus deveres sagrados (ver o vs. 29).

28.21

Esculpidas como sinetes. A gravação dos nomes das doze tribos de Israel seguiria o mesmo procedimento efetuado no caso das duas pedras de ônix (vss. 10,11), sendo de presumir que os nomes seguiriam a mesma ordem, ou seja, a seqüência cronológica do nascimento dos patriarcas que deram às tribos os seus nomes. Essa ordem presumível aparece nas notas sobre o vs. 9 deste capítulo. No caso das pedras de ônix, havia apenas duas, cada qual com seis nomes. Mas no caso das pedras do peitoral, cada qual ostentava um nome. Também supõe-se que as ordens ou fileiras, de uma a quatro, seguiria essa mesma ordem, pelo que a primeira ordem teria os nomes de Rúben, Simeão e Levi, e assim por diante. Todavia, vários outros arranjos têm sido sugeridos, pelo que a questão ficou em dúvida.

Adam Clarke (*in loc.*) sugeriu um arranjo de acordo com os filhos de Lia; depois de Bila, depois de Zilpa, e, finalmente, de Raquel, em lugar de um arranjo cronológico. Mas devemos admitir que Adam Clarke escudou-se sobre vários eruditos judeus que haviam falado nesse arranjo. John Gill, em contraste, seguiu a ordem de nascimentos, conforme se vê nos vss. 9-10 deste capítulo. Também é possível que o nome de Levi não estivesse incluído, sob pena de terem de ser gravados treze nomes, a menos que, em lugar de Efraim e Manassés, houvesse somente o nome de José. Não havia uma tribo de José, e, sim, duas tribos que descendiam de seus dois filhos, Efraim e Manassés. Levi, por sua vez, tornou-se uma casta sacerdotal, tendo perdido sua distinção e herança tribal (ver Núm. 1.47 ss.). E assim, se deixarmos de fora Levi, mas adicionarmos Efraim e Manassés, chegaremos ao número "doze". A lista de Adam Clarke inclui Levi e José, mas deixa de fora Manassés e Efraim. Não há certeza sobre como determinar exatamente quais nomes foram incluídos, e nem qual o método seguido.

28.22

Correntes como cordas. O autor sacro volta aqui à informação dada no vs. 14 deste capítulo, onde há notas expositivas. Ver o artigo do *Dicionário, Sacerdotes, Vestimentas dos*, onde dou um desenho representando o sumo sacerdote com todos os seus paramentos. Essa gravura ajuda-nos a visualizar a questão. O item no lado superior esquerdo é a *estola.* "Das duas correntes de ouro puro (vs. 14) pendia a algibeira (o peitoral). Para cada corrente havia uma argola de ouro no canto superior da algibeira. A outra extremidade de cada corrente de ouro ficava presa a uma das pedras de ônix, na parte frontal das duas ombreiras" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Portanto, o peitoral ficava fixado em seu lugar, mediante a ajuda de duas correntes de ouro, presas às ombreiras, e também mediante a ajuda de dois laços azuis, de sua extremidade inferior para baixo.

Obra trançada de ouro puro. Como cordas (conforme se vê no começo deste mesmo versículo). Não eram correntes formadas por elos, conforme se vê nas correntes modernas, e, sim, fios torcidos de ouro, como se faz com cordas ou fios.

28.23-25

Duas argolas de ouro. Essas argolas foram postas nas extremidades superiores do peitoral. Nessas argolas ficavam presas as correntes de ouro que desciam das ombreiras. Desse modo, as correntes de ouro uniam as *argolas* às *pedras de ônix* da estola (vss. 13,14 deste capítulo).

28.26-28

Havia duas outras argolas de ouro, nas duas extremidades inferiores do peitoral, pelo *lado de dentro.* Então um laço azul (vs. 28), prendia o peitoral à estola sacerdotal, puxando-o para baixo. De acordo com o vs. 27, parece que havia outras duas argolas de ouro, que também contribuíam para prender o peitoral no seu lugar. Embora haja alguma dúvida, entre os intérpretes, quanto a como entender exatamente esse arranjo, parece que os laços azuis (provavelmente feitos de linho) prendiam as argolas duas a duas. A localização exata de todo esse conjunto tem deixado os intérpretes confusos. O que é claro, pelo menos para alguns, é que as correntes de ouro ligavam o peitoral à estola sacerdotal (na parte de baixo).

No vs. 28 de nossa versão portuguesa a impressão que se tem é que esse arranjo de argolas, duas a duas, era ligado por fitas azuis, sobre o cinto da estola.

Obra esmerada. Nenhuma outra peça do vestuário do sumo sacerdote era confeccionada com maior arte e esmero do que o cinto da estola sacerdotal. Sobre esse item já se comentou no oitavo versículo deste capítulo. O artigo do *Dicionário*, chamado *Sacerdotes, Vestimentas dos*, tem um desenho sobre esse item. O cinto apertava a estola em torno da cintura do sumo sacerdote (Lev. 8.7).

28.29

Arão levará os nomes dos filhos de Israel. . . sobre o seu coração. Estava em pauta um serviço eminentemente espiritual. Arão era o representante de Israel diante de Deus, e nunca deveria olvidar-se do fato, em sua mente e em seu coração. As palavras "sobre o seu coração" aparecem por três vezes, não meramente para fornecer-nos uma localização, mas também um sentimento. Arão deveria fazer seu trabalho de todo o *coração*. Os sacerdotes operavam como intermediários, como intercessores e como mestres. Os vss. 12 e 21 mostram-nos que as pedras (as de ônix, que eram duas, sobre as ombreiras, e as doze pedras sobre o peitoral) traziam os nomes das doze tribos de Israel. Em favor delas é que ele trabalhava, e estavam sempre *diante* dele nas próprias vestes que vestia, bem como *dentro* de seu coração. Há informes de que Charles Spurgeon conhecia por nome cada membro de sua vasta congregação, e que tinha tal conhecimento porque sempre procurava manter contacto com os mesmos. Ele era um pastor de ovelhas.

28.30

O Urim e o Tumim. Há um artigo detalhado sobre essas pedras (ou o que quer que elas tenham sido) no *Dicionário*. Há muitas opiniões quanto à natureza desses objetos e quanto à sua utilidade. Talvez a *Oxford Annotated Bible (in loc.)* esteja com a razão ao dizer apenas que eram *sortes* por meio das quais o sumo sacerdote (ao lançá-las) tomava decisões oraculares. Portanto, serviriam de meios de oráculo, mediante os quais o sumo sacerdote obtinha decisões ou informações, conforme vemos em Núm. 27.21; Deu. 33.8 e I Sam. 28.6. Os apóstolos usaram sortes a fim de determinar a importante questão da substituição de Judas Iscariotes como apóstolo (Atos 1.26); e é possível que o precedente para isso fosse o exemplo dado pelos próprios antigos sumos sacerdotes de Israel.

Também há quem pense que o Urim e o Tumim fossem diamantes através dos quais o sumo sacerdote, talvez mediante auto-hipnose, era capaz de entrar em estado de transe, quando então entrava em contacto com a mente de Yahweh. Seja como for, estava em foco uma forma de *adivinhação* (ver a esse respeito no *Dicionário*). O artigo chamado *Urim e Tumim,* no *Dicionário,* expõe a essência de tudo quanto se sabe acerca desses objetos, embora ninguém tenha podido determinar, com exatidão, no que consistiriam os mesmos. Entretanto, é bem sabido o propósito com que eram usados.

Tipos. Visto que temos à nossa frente um modo de iluminação espiritual, o Urim e o Tumim simbolizavam a luz que nos é conferida pelo Espírito de Deus, o Grande Iluminador.

A Sobrepeliz da Estola Sacerdotal (28.31-35)

Chegamos agora a uma peça distinta do vestuário do sumo sacerdote, que não deve ser confundida com a estola. Era uma peça diferente (no hebraico, *meil),* que era uma roupa interior, sobre a qual eram vestidas a estola e o peitoral. Somente o sumo sacerdote usava uma sobrepeliz.

28.31-35

"Por baixo da estola, o sumo sacerdote deveria usar uma sobrepeliz azul, sem mangas, que descia até a altura de seus joelhos e que era reforçada por um colarinho, a "abertura debruada" que é mencionada no vs. 32 deste capítulo. Não tinha costura alguma e era ornada de romãs de cor azul, púrpura e carmesim; e, entre as romãs, campainhas de ouro, em sucessão. As campainhas, ao tilintarem, permitiam que o povo ouvisse o sumo sacerdote enquanto ministrasse em favor deles. Somente um sacerdote devidamente paramentado podia entrar no Lugar Santo. Se o sumo sacerdote desconsiderasse essa instrução, ao entrar no Santo dos Santos, disso resultaria a sua morte (ver o vs. 35 deste capítulo)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Por conseguinte, a sobrepeliz era uma espécie de camisola ou túnica frouxa, que descia do pescoço até abaixo dos joelhos. Era vestida como se veste uma roupa de malha, com uma abertura para a cabeça que permitia esse modo de vestir (vs. 32). Josefo informa-nos que não dispunha de mangas. Não havia outro enfeite na sobrepeliz senão na parte mais inferior, onde havia uma barra com romãs e campainhas alternadas. As romãs eram apenas uma decoração, mas as campainhas realmente tilintavam (vs. 35).

Tipos e Símbolos. As romãs (vss. 33 e 34) provavelmente representavam frutificação. As campainhas falavam de *testemunho.* As campainhas davam um sonido que anunciava que o sumo sacerdote estava oficiando em segurança. Talvez também indicassem a idéia de *proteção,* porque o sumo sacerdote era protegido por Yahweh enquanto as campainhas soassem. E também devemos pensar na idéia de *aprovação,* pois o sumo sacerdote não seria protegido se o seu trabalho não fosse aprovado por Deus.

"Campainhas e romãs, um sonido doce e um gosto doce, e também um bom texto sobre o qual se pode pregar como a igreja deve ser um belo e aprazível lugar"(J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Isso pode ser contrastado com muitas igrejas modernas, com sua música mundana, com seus instrumentos de percussão, com seus cultos barulhentos e cheios de confusão.

"A romã era um ornamento favorito na Assíria, embora não no Egito. Em Josué 7.21, ficamos sabendo que artigos produzidos na Babilônia eram transportados por comerciantes até a Síria, em uma data não muito distante da época de Moisés, de onde podemos concluir que também circulavam na Arábia e no Egito" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Romã.*

O vs. 35 deste capítulo dá a entender que era perigoso estar na presença de Yahweh, e que somente um homem altamente preparado, dotado de elevado caráter espiritual, ousaria entrar no Santo dos Santos do tabernáculo. Ver o vs. 36. Tal homem precisava ser dotado de santidade pessoal. As *vestes* do sumo sacerdote só podiam protegê-lo se ele fosse o homem certo para vestir tais vestes. Um homem profano, mesmo que vestisse os trajes de sumo sacerdote, pereceria se entrasse no Santo dos Santos. Quanto a outras ameaças de morte contra aqueles que abusassem das regras atinentes ao tabernáculo, ver Êxo. 30.20,21.

O Targum de Jonathan calcula que havia um total de setenta e uma campainhas e romãs na fímbria da sobrepeliz do sumo sacerdote. Maimonides pensou em um total de setenta e duas. Clemente de Alexandria, entretanto, pensou em um total de nada menos de trezentas e sessenta e seis. Seja como for, havia muitas campainhas que emitiam seu som. E isso faz-nos lembrar do testemunho de Cristo e de Seu evangelho, que soa até os confins da terra.

As campainhas e as romãs foram postas alternadamente — uma campainha, uma romã, uma campainha, uma romã — dando a entender testemunho e fruto; ou, então, luz e fruto, palavras-chaves da expressão espiritual.

Lâmina, Mitra e Túnica (28.36-39)

Esses itens são apresentados em seqüência diferente, em Êxo. 39.27-29.

28.36

A Lâmina de Ouro. As instruções acerca da feitura da lâmina de ouro e sua colocação na mitra figuram em Êxo. 39.30,31. A lâmina de ouro era o equivalente a um diadema ou uma coroa. A palavra hebraica envolvida significa *brilho* (cf. Sal. 132.18). O sumo sacerdote também adquiria qualidades principescas e, com o tempo, tornou-se a maior autoridade civil, e não apenas religiosa. A inscrição que havia nessa lâmina: "Santidade ao Senhor", indica que ele era um instrumento espiritual especial, usado por Yahweh para beneficiar o povo, um instrumento dotado de elevada espiritualidade e piedade pessoal. Essa lâmina era colocada sobre a mitra de linho, tornando-se sua parte mais conspícua. O sumo sacerdote trabalhava para efetuar reconciliação, expiação e sacrifício, pelo que era um mediador de santidade. Portanto, era mister que fosse possuidor dessa virtude. A lâmina de ouro também simbolizava o resplendor real (Eze. 21.26; Zac. 3.5). Logo, era rei e sacerdote, um tipo de Cristo e dos crentes. E sua lâmina de ouro era uma maneira de transmitir essa idéia. Israel foi chamada para ser uma nação santa e reino de sacerdotes (Êxo. 19.6). Ver Apo. 1.6 quanto a mesma coisa dita a respeito dos crentes do Novo Testamento.

28.37

A lâmina de ouro era fixada à mitra com uma fita azul, feita de linho, na parte da frente, pelo que era o item mais importante da mitra, que chamava a atenção de todos quantos o vissem.

O *sumo sacerdote* precisa ser possuidor de várias qualidades, simbolizadas por essa lâmina, a saber:

1. Santidade pessoal.
2. Dedicação a Yahweh e ao Seu serviço.
3. Devia ministrar em suas funções sacerdotais.
4. Devia ensinar o povo.
5. Devia atuar como mediador que oferecia um santo sacrifício expiatório.
6. Devia ser capaz de resolver questões difíceis com o Urim e o Tumim (ver sobre isso no *Dicionário*).

Este versículo deve ser comparado a Êxo. 39.31. É provável que as duas extremidades da lâmina fossem perfuradas, facilitando sua fixação à mitra.

A Mitra. Os sacerdotes não usavam suas vestes sacerdotais quando não estavam oficiando. Mas quando estavam oficiando suas vestes especiais eram imprescindíveis. O sumo sacerdote, quando oficiava, jamais podia estar sem a sua mitra e sua respectiva lâmina de ouro. A *mitra* (uma espécie de turbante), provavelmente era uma peça para ser usada na cabeça. No hebraico, a palavra indica algo enrolado, pelo que sem dúvida era feita assim, com tecido de linho. Em Ezequiel 21.31, a mitra é um emblema real, e algo similar é dito em Zacarias 3.5. No *Dicionário* há um artigo detalhado intitulado *Mitra.*

28.38

O sumo sacerdote, em sua qualidade de mediador, levava a iniqüidade do povo de Israel, em seu ato expiatório em favor do mesmo. Temos aí um tipo direto. Ele mostrava como Cristo seria o Cordeiro de Deus, que tiraria os pecados do mundo (João 1.29). O artigo intitulado *Sumo Sacerdote* explica todas as funções e tipo envolvidos no ofício sumo sacerdotal. As *cousas santas* eram as oferendas trazidas pelo povo. O sumo sacerdote apresentava essas oferendas a Yahweh. É verdade que essas oferendas estavam contaminadas, devido à sua associação com as pessoas, que são pecaminosas; mas o sumo sacerdote, em seu ofício de intermediário, purificava e santificava essas oferendas para poderem ser devidamente usadas. Ele fazia as oferendas serem santas e eficazes. Ver Isa. 53.4,12 e I Ped. 2.24 em conexão com este versículo.

"Segui. . . a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Heb. 12.14). E o sumo sacerdote demonstrava esse princípio no uso que fazia do turbante com sua lâmina de ouro, onde estavam gravadas as palavras "Santidade ao Senhor", em suas funções sumo sacerdotais.

". . .pessoas e serviços do povo de Deus tornam-se aceitáveis diante Dele através da santidade e da retidão de Cristo, o qual está sempre na presença do Senhor, sempre comparecendo no céu em favor do povo; Aquele que é o Cordeiro de Deus, a quem sangue, retidão e sacrifício são sempre dirigidos, com vistas à remoção de todas as formas de pecado deles" (John Gill, *in loc.*).

28.39

A Túnica. Essa era uma longa peça do vestuário do sumo sacerdote, que era usada por baixo da estola colorida. Os israelitas comuns também usavam túnicas, mas no vestuário do sumo sacerdote a túnica tinha um desenho e um significado especiais. Essa túnica era tecida formando um padrão quadriculado, feita de linho fino (ver Êxo. 39.27). Esse versículo indica que os filhos de Arão (que também eram sacerdotes) também usavam esse tipo de túnica, talvez até do mesmo desenho e cor. Tinha mangas justas e chegava quase aos pés da pessoa. Sem duvida, aparecia por baixo da estola. Ver informações quanto ao seu uso nas notas sobre Lev. 8.7.

Maimônides diz que eram necessários cerca de 8 m de tecido para confeccionar a túnica. E embora o sumo sacerdote e os sacerdotes usassem o mesmo tipo de túnica, a maneira de enrolar a veste no corpo era algo diferente. Ver *Cele Hamik* c. 8 sec. 16. Jarchi ajunta que a túnica tinha perfurações, imitando os engastes de pedras de ônix que apareciam nos ombros (ver Jarchi 11,12). É presumível que houvesse pedras preciosas engastadas na túnica, embora o Antigo Testamento faça silêncio quanto a isso.

O Cinto. Esse era um *cinto interno.* Com base em Êxo. 39.29, parece que esse item era feito de linho fino torcido, com as cores azul, púrpura e carmesim, para parecer-se com a estola em seu material e em suas cores (vs. 6). As cores eram bordadas no material por meio de fios dessas cores. Era usado imediatamente sobre a túnica mas por baixo da estola sacerdotal (Lev. 8.7). É provável que um observador não pudesse ver esse cinto. Porém, é possível que suas pontas aparecessem por baixo da estola. Era uma espécie de cinta, usada em torno da cintura, e cujas pontas ficavam penduradas. Todas essas peças do vestuário do sumo sacerdote eram feitas com esmero, adicionando beleza e dignidade à pessoa do sumo sacerdote (vs. 40).

As Vestes dos Sacerdotes (28.40,41)

28.40

Parece que as *túnicas* e as *cintas* dos sacerdotes comuns eram idênticas àquelas usadas pelo sumo sacerdote. Mas os sacerdotes usavam na cabeça *tiaras, e* não a mitra tipo cone, que era peça usada somente pelo sumo sacerdote. Essas *tiaras* são indicadas por uma palavra hebraica diferente. Cf. Lev. 8.13. O termo hebraico dá a entender uma espécie de cobertura tipo cúpula elevada. O termo hebraico é *gabia,* que pode significar *taça* ou *bacia.* ". . .tiaras simples, que se ajustavam sobre a cabeça, como aquelas usadas comumente no Egito" (Ellicott, *in loc.*).

Para glória e ornamento. Era servido o senso estético, porquanto as coisas de Deus revestem-se de sua dignidade e beleza. Destacava-se assim a glória de Yahweh investida no homem. Ver as notas sobre Êxo. 28.31 que se aplicam aqui. Os estudiosos cristãos vêem nessas palavras tipos relativos a Cristo e ao Seu reino de sacerdotes (os crentes, Apo. 1.6).

28.41

E os ungirás, consagrarás e santificarás. Esse texto ensina-nos que Moisés, sem dúvida, era o líder que determinava as coisas, pelo que ele mesmo consagrou seu irmão, Arão, e os filhos deste, para seu trabalho sacerdotal. A *consagração* deles vinha da parte de Yahweh, por meio de Moisés. Isso foi simbolizado pelo ato de Moisés ter vestido Arão e seus filhos. Ele, como representante de Yahweh, *vestiu* os sacerdotes para o trabalho que deviam fazer, da mesma forma que Cristo, nosso Sumo Sacerdote, reveste-nos com Sua própria retidão e atributos. E assim podemos ser irmãos do Filho do Deus bendito, filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2.10). "Esse ato de Moisés, que os vestiu, sob a autoridade de Deus, foi uma solene investidura no ofício que ocupariam. . . e dali por diante eles tinham o direito de exercer seu ofício, vestidos de seus trajes sem os quais não podiam nunca oficiar" (John Gill, *in loc.*). Cf. esse texto com Lev. 8.6-30.

O ato de *ungir* (provavelmente com azeite de oliveira) fez parte do rito de consagração, e isso representava o dom e os ofícios do Espírito, que haveriam de acompanhar Arão e seus filhos em suas funções sacerdotais. Ver Êxo. 29.7-9 quanto a descrições que se aplicam a este versículo. Ver também Êxo. 39.1,24 e II Crô. 13.9.

28.42

Os Calções de Linho. Esses calções iam da cintura às coxas. Nos tempos antigos, esse item era a única peça específica dos sacerdotes, paralelamente à estola sacerdotal (cf. Êxo. 20.26; II Sam. 6.12-19). No Egito, essa peça era a marca distintiva dos sacerdotes. A função dos calções era encobrir a nudez dos sacerdotes. Um sacerdote não podia ministrar exibindo seu corpo. A *modéstia* teria que caracterizar o serviço sacerdotal, algo que muitas mulheres se esquecem hoje em dia, em nossas igrejas. Os sacerdotes e as sacerdotisas do paganismo com freqüência ocupavam-se em atos que chocavam as pessoas moralmente sensíveis, como a prostituição sagrada e os ritos de fertilidade. Mas o serviço prestado pelos sacerdotes de Israel não podia caracterizar-se por atos dessa natureza.

28.43

A falta de decência no serviço de um sacerdote levítico podia resultar na morte do mesmo. Portanto, ele precisava usar os calções da decência, em todas as suas ministrações. Se um sacerdote se mostrasse carnavalesco em sua conduta, era condenado. Talvez a referência aqui seja a todas as peças do vestuário de um sacerdote. Todas elas eram necessárias para o decoro devido no tabernáculo. Mas talvez haja aqui alusão somente aos calções, embora todas as demais peças do vestuário fossem indispensáveis. O vs. 35 deste capítulo mostra como a impropriedade podia ser condenada mediante a morte.

Capítulo Vinte e Nove

A Consagração dos Sacerdotes (29.1-42)

O parágrafo que aqui se inicia continua a seção geral começada em Êxo. 28.1, onde são dadas notas introdutórias. Os sacerdotes tinham que ser consagrados a seu ofício, e a Bíblia nos dá longas descrições dessa consagração. Já vimos tal afirmação em Êxo. 28.21 e suas notas expositivas.

29.1

Deve-se comparar o modo de consagração aqui descrito e a consagração do templo de Jerusalém, em I Reis 8.1-11; II Crô. 5.4-14. A ordem de apresentação de Lev. 8.1-9,24 difere daquela do nosso texto. Ver o artigo geral, no *Dicionário,* chamado *Ordenar (Ordenação),* cuja segunda seção diz respeito ao Antigo Testamento.

O Método Apresentado no Texto:

1. Ablução (vs. 4).
2. Investidura (vss. 5-9).
3. Unção (vs. 7).
4. Sacrifício (vss. 10-23).
5. Enchimento da mão (vs. 24).

Todos esses atos tinham seus respectivos significados, funções e tipos, como a ablução (eliminação de toda iniqüidade); a investidura (revestimento de autoridade, santidade e virtudes espirituais, etc.); e o enchimento da mão (colocação, nas mãos dos sacerdotes, de oferendas de agradecimento; ver abaixo as notas sobre o segundo versículo deste capítulo). A questão toda é uma parábola muito significativa.

O primeiro versículo deste capítulo fala sobre os animais que deveriam ser sacrificados (ver os vss. 10-23): um novilho, como oferta pelo pecado (vss. 10-14); um carneiro, usado como holocausto (vss. 15-18); ao passo que um outro carneiro seria usado como sacrifício de consagração. Era imprescindível a perfeição nesses animais (ver Êxo. 12.5). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ofertas*, além de outros onde essa palavra figura. Ver também *Sacrifícios e Ofertas*.

29.2

Pães asmos. . . bolos asmos. . . obréias asmas. A *fermentação* era encarada como um processo de corrupção, pelo que o pão ritual não levava fermento. Também havia bolos misturados com azeite, bem como as obréias sobre as quais era derramado azeite. As obréias eram tortas muito finas, em contraste com os bolos, que eram grossos. No Oriente, o azeite de oliveira era comumente usado com bolos e outros artigos de pastelaria, aqui mencionados. O trigo era o cereal usado no fabrico desses três tipos de pão ou bolo mencionados. Esses itens eram usados para *encher as mãos* (vs. 23,24), que então eram usados como *ofertas movidas* diante de Yahweh em gratidão por Sua provisão, simbolizada pelo pão. Ato contínuo, eram queimados com os outros itens, e o total torna-se uma oferenda feita a Yahweh (vs. 25).

O mesmo pão de trigo e os bolos eram usados como ofertas pacíficas, conforme se vê na descrição em Levítico 7.12. Essas oferendas eram chamadas também de ofertas de cereal, pelo que esse tipo de oferta tornou-se uma parte integral do rito de consagração dos sacerdotes.

29.3

O pão e os bolos eram postos em cestas e trazidos juntamente com os animais até a cena da consagração. O fraseado do texto poderia indicar que esses itens eram postos em uma cesta *com os animais*, mas em Israel não havia homem forte o bastante para trazer as cestas se contivessem três animais nas mesmas! Por conseguinte, o texto significa "paralelamente aos animais", e não nas mesmas cestas com eles. Os intérpretes cristãos vêem nisso o ministério do evangelho com suas várias provisões, no qual o próprio Cristo é o pão da vida e é quem ministra ao povo.

29.4

Moisés, pois, deveria trazer os homens a serem consagrados, a saber, Arão e seus filhos, e lavá-los ritualmente à entrada (primeira cortina) do tabernáculo. Ver a extremidade oriental do tabernáculo, comentada e ilustrada em Êxo. 27.14. Ninguém podia entrar no Lugar Santo ou no Santo dos Santos, senão *depois* de terminados os vários atos de ordenação, que começavam com a lavagem. Naturalmente, os intérpretes cristãos vêem aqui, em símbolo, o batismo. A lavagem a ter lugar era do corpo inteiro (cf. João 13.10; Heb. 10.22), e não somente das mãos e dos pés (Êxo. 30.19-21). Primeiramente havia uma *lavagem por inteiro,* e depois uma lavagem menor. Naturalmente o método usado era o da imersão, mesmo que não disponhamos de um texto de prova a respeito. O Targum de Jonathan diz-nos que essa lavagem foi realizada em quarenta grandes receptáculos, cheios de água extraída de mananciais correntes, e que esses receptáculos eram grandes o bastante para que o corpo inteiro dos sacerdotes fosse imerso. Jarchi também alude a como o corpo inteiro de cada sacerdote foi mergulhado na água. A lavagem mesma era um emblema da corrupção retirada, para que a santidade pudesse ser derramada sobre os sacerdotes.

Temos aqui a primeira menção bíblica à ablução cerimonial. A água é um símbolo natural da pureza e de um agente natural de purificação. Outros povos antigos também tinham seus ritos de purificação. Quanto ao Egito, ver Heródoto *(Hist.* ii.37); quanto à Pérsia, ver Zendavesta (viii par. 271); quanto à Grécia ver *Jew and Gentile,* livro de Dollinger, vol. 1, pág. 220; e quanto à Itália, ver *Dictionary of Greek and Roman Antiquity*, pág. 719. Ver II Cor. 7.11 em conexão com a passagem à nossa frente.

29.5,6

Temos aqui a *investidura,* ou seja, a colocação das diversas peças do vestuário sobre as quais já comentamos. Esse aspecto ocupa os vss. 5-9. É curioso que essas peças foram sendo vestidas na ordem inversa de sua apresentação, acima. Já se comentou sobre cada uma dessas peças, mas faremos ainda alguns comentários adicionais, à medida em que isso se fizer necessário.

Ver as notas sobre o primeiro versículo quanto aos *cinco passos* da consagração, dentre os quais a investidura é um desses passos.

A túnica (ver Êxo. 28.39). Por ser a peça mais em contacto com a pele, era mister vesti-la primeiro. Ver também Lev. 8.7-9, onde aparecem mais detalhes sobre a investidura, e onde a mesma divide-se em *nove* estágios.

O cinto interior (ver Êxo. 28.39).
A sobrepeliz (ver Êxo. 28.31).
A estola (ver Êxo. 28.6).
O cinto de obra esmerada (Êxo. 28.8).
O peitoral (Êxo. 28.15).
O Urim e o Tumim, dentro da algibeira do peitoral (Êxo. 28.30).
A mitra ou turbante (ver Êxo. 28.37).
A lâmina de ouro, na parte frontal da mitra (ver Êxo. 28.36).

29.7

A unção foi o *terceiro passo,* depois dos dois primeiros: apresentação das oferendas próprias, de cereais e de animais; e a investidura. Ver o artigo detalhado, no *Dicionário,* intitulado *Unção.* O azeite era perfumado (Êxo. 30.22-33), e, então, era derramado sobre a cabeça do sacerdote (Sal. 133.2). Este versículo fala apenas sobre a unção do sumo sacerdote; mas os trechos de Êxo. 28.41; 30.30 e 40.15 incluem todos os sacerdotes nesse ato. O azeite simboliza o Espírito Santo; e ninguém pode realizar um serviço espiritual sem a unção e o poder do Espírito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Azeite (Óleos).* O azeite simbolizava nomeação e poder, quando usado na unção. "Essa unção denota a investidura de Cristo em Seu ofício eterno, o qual foi ungido desde a eternidade (Pro. 8.22), sendo-lhe conferido sem medida o Espírito, dentro do tempo" (John Gill, *in loc.*). O artigo chamado *Unção* inclui a dimensão cristã sobre a questão.

29.8,9

A investidura dos sacerdotes comuns era algo mais simples:\
Túnica (ver Êxo. 28.40).
Cinto (ver Êxo. 28.40).
Tiara (ver Êxo. 28.40).

O autor sagrado abreviou a exposição. Ele não mencionou a unção dos sacerdotes comuns, ou porque não houve tal na cerimônia original, ou, então, para não ser repetitivo. Mas outras passagens, como Êxo. 28.41; 30.30 e 40.15 mostram que os sacerdotes comuns também foram ungidos.

Esses sacerdotes, filhos (e mais tarde, descendentes) de Arão, eram auxiliares do sumo sacerdote, e tinham de ser devidamente consagrados e comissionados. Enquanto o judaísmo perdurasse, deveriam prosseguir as leis atinentes ao sacerdócio. O judaísmo moderno cumpre em tipo, símbolo e cerimonial esses ofícios; mas não há como continuá-los em um sentido literal, pois qual judeu pode saber se é descendente ou não de Arão? Ademais, não existe mais o templo de Jerusalém, e nem o cerimonial que antes se processava no mesmo. Portanto, falhou a *perpetuidade* esperada. Mas então veio Cristo e substituiu todas essas coisas com algo melhor. Portanto, tal falha tinha sido mesmo antecipada dentro do plano de Deus. Essas coisas serviram bem em sua própria época.

As Ofertas pelo Pecado e as Ofertas Queimadas (29.10-18)

Já foi apresentado o detalhado artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas,* que descreve a questão inteira. Além disso, sob o título *Ofertas,* provi vários artigos sobre as ofertas específicas.

Os vss. 10-14 descrevem o sacrifício do novilho. Os animais e o material para as ofertas de cereal já tinham sido trazidos até a entrada do tabernáculo (vss. 1-3). Agora, o novilho era separado para ser sacrificado. Era a *oferta pelo pecado,* realizada em certas ocasiões importantes, em favor tanto de indivíduos quanto em favor da comunidade inteira. A maior dessas ocasiões era o dia da expiação. Mas havia outras oportunidades, em dias festivos, como a semana da páscoa (Eze. 46.22,23). Um novilho era oferecido como sacrifício pelo pecado em favor dos sacerdotes (Lev. 4.1-12). O sumo sacerdote realizava o mais central desses sacrifícios, mas no caso presente foi Moisés quem ofereceu o sacrifício em favor do sumo sacerdote, o qual, por ser homem, também tinha a necessidade de seu pecado ser removido, para que estivesse apto para cumprir os deveres de seu ofício. Também foi feito um sacrifício pelo pecado em favor dos sacerdotes, e pelas mesmas razões.

29.10

Porão as mãos sobre a cabeça dele. Desse modo, identificavam-se com o novilho. Assim, o que acontecia ao novilho, acontecia, em tipo e espiritualmente, ao sacerdote. O salário do pecado é a morte. O sangue faz expiação. Temos aqui uma idéia vicária, tal como Cristo, o Cordeiro de Deus que foi morto, tira o pecado do mundo (João 1.29). A imposição de mãos apontava para a transferência dos pecados do sacerdote para o novilho. A morte do animal punha fim à questão. Cf. Lev. 16.21,22. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação.* Ver Lev. 4.4,15,24,29,33; 16.21. O animal, por ter ficado simbolicamente com os pecados do homem, era maldito; mas a sua morte e o derramamento de seu sangue deixavam o homem em liberdade. Ver Gál. 3.13 quanto à aplicação cristã desses fatos.

29.11

Imolarás o novilho. O animal agora era maldito. Seu sangue tinha que ser derramado, para que morresse. O homem tinha-se identificado com o animal mediante a imposição de mãos. Portanto, o que sucedesse ao animal, em tipo, sucedia a ele. O homem morria para os seus pecados, tal como requer o trecho de Rom. 6.23. Cf. Apo. 5.6,12; 13.8, que nos fornece a aplicação cristã do caso. Cf. Lev. 16.21,22. O abate do animal teve lugar no lado norte (lado direito; Lev. 1.11) do altar. E, então, houve a cerimônia de sacrifício sobre o próprio altar.

29.12

Tomarás do sangue do novilho. Ver no *Dicionário,* quanto a detalhes sobre a questão diante de nós, o artigo *Expiação Pelo Sangue.* E quanto à aplicação cristã, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Expiação Pelo Sangue de Cristo.*

O sangue do animal sacrificado era posto sobre os chifres do altar. Quanto a esses *chifres,* ver as notas em Êxo. 27.2. No dia da expiação, o sangue também era posto sobre os chifres do altar. As notas em Êxo. 27.2 fornecem alguns detalhes. A *virtude* do altar, segundo se aceitava, residia sobretudo nos chifres. Um fugitivo da justiça se agarrava a essa parte de um altar, para não ser atingido pelo vingador do sangue (I Reis 1.50; 2.28). Algum sangue era posto sobre os chifres, e o resto do sangue (que tinha sido recolhido em baldes, quando o animal fora abatido) era atirado à base do altar (Lev. 4.7,18,30,34). As descrições que há em Lev. 4.5,17 dão-nos as regras concernentes às ofertas normais pelo pecado. O sacerdote mergulhava um dedo no sangue e ungia os chifres do altar; e, então, aspergia o sangue por sete vezes, diante do *terceiro véu,* aquele que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. "O sangue servia de *cobertura para o pecado acerca do qual o sacrifício estava sendo feito, sem importar se esse pecado fosse* especificado ou não (Lev. 4.26,35). Servia de sinal do perdão" (J. Edgar Parkey, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perdão.* E nas notas sobre o vs. 35, ver sobre a *eficácia* dos sacrifícios cruentos.

29.13,14

Coisa alguma, em absoluto, podia ser comida da oferta pelo pecado. Certas porções do animal eram queimadas sobre o próprio altar (vs. 13), e outras porções eram queimadas fora do acampamento (vs. 14). Assim como o animal era totalmente consumido a fogo, assim também o homem ficava totalmente livre de seu pecado. Certas porções *gordurosas que se encontravam no interior da carcaça do animal, como* aquelas que lhe encobriam as entranhas, o fígado e os rins, eram queimadas sobre o altar.

Os intérpretes esforçam-se para explicar por que a *gordura* era tão altamente valorizada nas ofertas. Ao que parece, a gordura era considerada uma delícia, e, portanto, algo próprio para ser sacrificado. Outros estudiosos, porém, sugerem que era queimada sobre o altar porque facilmente era totalmente consumida pelas chamas, ao passo que outras porções resistiam mais ao fogo. Em outras palavras, a gordura era facilmente consumível, e seria difícil queimar até desaparecerem certas porções mais grosseiras da carcaça do animal. Além disso, certos valores simbólicos eram emprestados à gordura: 1. *É o melhor que o homem tem a oferecer.* 2. *Ou, pelo contrário, representava* a natureza *carnal* do homem, a qual precisava ser subjugada mediante o sacrifício.

As *entranhas* talvez apontem, simbolicamente, para a corrupção interior do homem (o que Paulo tanto fustigou no sétimo capítulo da epístola aos Romanos).

O redenho do fígado. A membrana que cobre a porção superior do fígado, que alguns chamam de "apêndice". Essa era outra porção que facilmente podia ser consumida no fogo, razão pela qual era posta sobre o altar.

A carne, a pele e os excrementos. Sendo essas as porções mais grosseiras do animal, eram consumidas a fogo fora do arraial. Portanto, o animal era totalmente consumido, um tipo de Cristo e de Sua absoluta morte expiatória em nosso favor (I João 2.2). Ver Heb. 13.11,12, quanto à aplicação cristã da questão desses restos do animal sacrificado serem consumidos fora do acampamento.

Este texto deve ser comparado com o trecho de Levítico 4.11,12,21. O *animal inteiro,* por ser um sacrifício pelo pecado, era considerado impuro, servindo somente para ser queimado. No caso de todos os demais sacrifícios, certas porções do animal sacrificado podiam ser comidas pelos sacerdotes e pelos adoradores. "No caso de sacrifícios ligados aos cultos regulares do santuário, aqueles que eram oferecidos em ocasiões festivas e em favor do povo todo, os animais eram abatidos, esfolados e cortados em pedaços pelos sacerdotes. . . certas porções eram comidas pelos sacerdotes e por aquele que trouxera o animal a ser sacrificado" Unger, *Dictionary,* sobre *Sacrifícios.* Ver Lev. 8.31 e Êxo. 29.32 e suas notas expositivas.

29.15

Um carneiro. Dois carneiros eram sacrificados. Esse era o primeiro. O outro animal era trazido até a entrada do tabernáculo (vss. 1,3); e agora era sacrificado. O sacrifício de um carneiro era comum em outros casos, e também era requerido na consagração de sacerdotes. Era uma oferenda de louvor e dedicação, e não um sacrifício pelo pecado, o que fora coberto pelo sacrifício do novilho. Alguns estudiosos, porém, pensam que havia uma dupla oferta pelo pecado, por meio de um novilho e por meio de um carneiro.

Havia *imposição de mãos* sobre o carneiro, tal como no caso do novilho (vs. 10). Alguns pensam que o sentido dessa imposição era o mesmo que no caso do novilho, embora outros estudiosos pensem que a razão disso era outra, ou seja, símbolo de louvor e dedicação. Ellicott é daqueles que vêem uma diferença entre esses dois sacrifícios. Disse ele: "Novamente, identificando-se com o animal (via imposição de mãos), tal como no vs. 10, mas com um *propósito diferente. Em seguida,* transferiam seus pecados para a vítima; e *agora,* eles reivindicavam uma parte na dedicação da vítima a Deus, oferecendo-se e tornando-se, eles mesmos, 'um aroma agradável' em oferta queimada ao Senhor" (Ellicott, in loc.). Ver o vs. 18.

Tomarás um carneiro. Mediante esse segundo carneiro é que se processava, realmente, a consagração dos sacerdotes, ou seja, a autoridade para eles exercerem o sacerdócio. Ver os vss. 19 ss, mas especialmente o vs. 22.

29.16

O mesmo modo de proceder era usado no abate desse carneiro, como se fazia com o novilho (ver o vs. 11). Mas em vez de seu sangue ser aspergido sobre os chifres do altar (vs. 12), era aspergido em torno do altar. Portanto, a oferta pelo pecado e a oferta de louvor e consagração diferiam um pouco em seu modo de proceder. A aspersão do sangue provavelmente era feita mediante o uso de um ramo de hissopo, comumente usado para essa finalidade. Todavia, *alguns* intérpretes, apesar do fraseado diferente, supõem que tudo quanto está em pauta aqui é que o sangue era vertido ao pé do altar, tal como no caso do novilho (vs. 12). Não há como ter certeza quanto a esse modo de proceder, mas uma oferenda diferente provavelmente envolvia um modo de proceder diferente. Outros estudiosos pensam que tudo quanto era requerido era que todos os quatro lados do altar fossem aspergidos com sangue (conforme *Middoth,* iii.2).

Dessa maneira, o sangue era aplicado de forma plena, e o sacrifício mostrava-se totalmente eficaz.

29.17

A divisão do animal em pedaços separados facilitava sua queima sobre o altar. Se o animal não fosse assim despedaçado, poderia ficar queimando por muito tempo, sem ser consumido. Heródoto (*Hist.* ii.40) menciona tal prática entre os egípcios, havendo evidências de que os gregos e os romanos também usavam essa prática no tocante aos animais oferecidos em holocausto.

A lavagem apontava para a pureza, em um sentido simbólico. Todos os pedaços do animal, em seu conjunto, indicavam uma completa dedicação, uma oferenda sem qualquer defeito ou falta. Os estudiosos cristãos vêem as idéias de perfeição e de algo completo na morte expiatória de Cristo, e, subseqüentemente, a necessidade dessas *mesmas idéias no sacrifício vivo do crente* (Rom. 12.1,2).

29.18

A oferta queimada requeria que o carneiro todo fosse consumido a fogo. Yahweh aspiraria o aroma e ficaria satisfeito. E isso significava, metaforicamente, que o sacerdote estava louvando ao Senhor e dedicando-se ao serviço do tabernáculo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Holocausto,* quanto a completos detalhes sobre os vários tipos de ofertas queimadas.

Aroma agradável. Ver Gên. 8.21 e suas notas expositivas. Era noção comum entre os antigos que os deuses e poderes celestes, em geral, deleitavam-se diante do odor dos sacrifícios de animais. Alguns eruditos pensam que os hebreus compartilhavam de tais crenças no período mais antigo de sua história, representado pelo texto à nossa frente; mas outros acham que devemos entender metaforicamente essa questão. Cf. Lev. 1.9. Metaforicamente, a expressão indica a *aceitação* das oferendas. Ver o uso da idéia em Efé. 5.2, onde a questão é obviamente metaforicamente. A oferta de Cristo, o Cordeiro de Deus, foi uma oferenda *fragrante,* ou seja, aceitável diante de Deus.

29.19

Tomarás o outro carneiro. O terceiro animal. O *primeiro* animal sacrificado, nos ritos de consagração de sacerdotes, era o novilho, uma oferta pelo pecado (ver os vss. 10 ss.). O *segundo* animal sacrificado era o primeiro carneiro, oferecido como oferta de louvor e consagração (vs. 15). O *terceiro* animal sacrificado era o segundo carneiro. Esse carneiro era oferecido como sacrifício de consagração do sacerdote. Ver o vs. 22. O trecho de Levítico 8.22 chama esse animal de "o carneiro da consagração". Era consagrado a Deus; e o homem que o tinha

oferecido era assim também cerimonialmente consagrado a Deus. Seu sangue era usado, juntamente com o azeite, tendo em vista a consagração dos sacerdotes (vss. 20,21). Suas porções mais sagradas foram postas por Moisés nas mãos dos sacerdotes, de tal modo que eles ofereciam com elas a sua primeira oferenda a Deus. Ver os vs. 22-24. Era uma espécie de ato coroador da cerimônia. Tudo isso fazia parte da consagração de sacerdotes. Ver os vários estágios do ritual de consagração nas notas sobre o primeiro versículo deste capítulo.

O segundo carneiro chegou a ser chamado de "carneiro do enchimento", porque estava associado ao último estágio do rito, "o enchimento das mãos" do sacerdote com as oferendas de cereais (vss. 23-25). Tudo isso simbolizava a autoridade, a graça, os dons e os poderes próprios do ofício sacerdotal.

29.20

Os intérpretes vêem vários sentidos na aplicação do sangue, bem como nos lugares onde o sangue era posto:

1. O sangue era posto em lugares estratégicos, dando a entender, metaforicamente, uma aplicação *completa*, ou seja, uma completa consagração.
2. Especificamente: *A ponta da orelha direita*. Um sacerdote era alguém que devia estar preparado para ouvir tudo quanto Yahweh ordenasse, a fim de cumprir Suas ordens. *O polegar das suas mãos direitas*. Um sacerdote devia estar preparado para fazer tudo quanto Yahweh ordenasse, visto que as mãos são o instrumento de ação. *O polegar dos seus pés direitos*. Um sacerdote devia andar pelos caminhos de Yahweh, pois caminhar é aquilo que fazemos com os nossos pés.
3. É possível que, originalmente, tais ritos tivessem por intuito prover completa proteção contra os ataques de poderes demoníacos sinistros, falando assim sobre uma plena proteção divina, diante de qualquer mal.

". . .sem dúvida estava em foco a intenção que eles deveriam dedicar todas as suas capacidades a Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

O sangue era então aspergido sobre o altar, como no caso do primeiro carneiro (ver o vs. 16). Ficava assim simbolizada a total aplicação do sangue, exibindo a total eficácia do sacrifício.

29.21

A unção das vestes de Arão e de seus filhos sacerdotes foi feita com *azeite* (ver a esse respeito no *Dicionário*) e com *sangue*. Não se sabe se o sangue foi misturado ou não com o azeite. O fato é que assim elas foram consagradas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Unção*, quanto às cerimônias envolvidas sobre essa questão. O vs. 7 já havia falado sobre a unção com azeite, mas temos aqui um outro tipo, em adição àquele. Portanto, o culto de consagração incluía dois tipos. Os estudiosos cristãos vêem nisso a unção dos crentes em Cristo, a outorga de autoridade e de graças para cumprirem sua missão. Como é claro, dispomos do poder e dos dons do Espírito, representados no azeite, bem como dos poderes justificadores e santificadores de Cristo, representados no sangue. Ver Sal. 45.8 e Apo. 7.14. Nessa dupla unção, alguns eruditos vêem a justificação e a santificação simbolizadas. O trecho de Lev. 8.30 parece indicar apenas uma unção, e alguns críticos pensam que o vs. 21 deste capítulo foi uma adição posterior feita sobre o relato original.

29.22

A gordura. Ver as notas sobre o uso da gordura para propósitos de sacrifícios, no vs. 13. As porções mencionadas neste versículo eram as mesmas comumente usadas nas ofertas pacíficas (Lev. 3.9-11). O termo *cauda gorda* indica a cauda larga e pesada que caracteriza as ovelhas orientais. Heródoto (*Hist.* iii.113) disse algo similar.

Redenho do fígado. A membrana que encobre a porção superior do fígado, que alguns chamam de "apêndice". Ver Lev. 4.8-10.

A coxa direita. Usualmente era a porção que ficava com o sacerdote, para comê-la (vs. 27; Lev. 7.31,32). Somente o holocausto ou oferta queimada era totalmente consumido no fogo. Em todas as outras modalidades de sacrifício uma parte era deixada inteira para consumo dos sacerdotes, e por aqueles que tivessem trazido esses sacrifícios.

O carneiro da consagração. Ou seja, o terceiro animal a ser sacrificado. Esses animais eram: o novilho, o primeiro carneiro e o segundo carneiro. Cada qual tinha sua própria finalidade, conforme é explicado nas notas sobre o vs. 19. O animal era dedicado a Deus; e o sacerdote, ao oferecer o animal, consagrava-se em sentido simbólico por meio do animal sacrificado. Um sacerdote precisava mostrar-se entusiasta e dedicado a seus labores; e o terceiro animal sacrificado simbolizava exatamente isso. Um sacerdote era alguém que pertencia de corpo e alma a Yahweh. Essa era a razão mesma de sua vida. Conforme disse Paulo, ". . .para mim o viver é Cristo. . ." (Fil. 1.21), exprimindo o espírito dessa consagração. Essa atitude fazia parte essencial da *consagração* dos sacerdotes, como uma espécie de intenção confirmadora do propósito do rito.

O termo hebraico aqui traduzido por *consagração* significa, literalmente, "da consagração", resultando nas últimas palavras deste versículo, "o carneiro da consagração", que tem ligações com o que se lê no vs. 24 deste capítulo. As mãos dos sacerdotes eram cheias com as ofertas de cereais, representando a sua inauguração nas lides sacerdotais. Essas ofertas de cereais, além de certas porções do carneiro da consagração, eram oferecidas sobre o altar; e o resto era comido pelos sacerdotes. Portanto, esse carneiro estava vinculado à idéia do "encher as mãos", conforme foi explicado nas notas sobre os vss. 24 e 25.

29.23

Um pão, um bolo de pão azeitado e uma obréia. Temos aqui as *ofertas movidas*. Esses itens confeccionados de cereais (descritos no vs. 2) faziam parte das ofertas movidas. "Algo dos órgãos do segundo carneiro, um pão, um bolo e uma obréia (bolos asmos bem finos) foram entregues a Arão e seus filhos como uma *oferta movida* diante do Senhor. O movimento que se fazia, em que pese nossa versão portuguesa que diz, "de um lado para outro" (vs. 24), não era da esquerda para a direita e da direita para a esquer- da, e, sim, para frente e para trás, para frente e para trás, na direção do altar. Com esse gesto, o sacerdote dava a entender que a oferta estava sendo dada a Deus. E então esses mesmos itens eram queimados sobre o altar" (John D. Hannah, *in loc.*). O movimento ser- via para atrair, por assim dizer, a atenção de Deus, como se se pedisse que Ele aceitasse a oferenda. A oferenda era feita daquelas coisas que são necessárias para o homem, pelo que esse sacrifício também era uma ação de graças pelo suprimento recebido, em reconhecimento diante Daquele que nos supre de tudo quanto é bom (Tia. 1.17).

"Os objetos mencionados formavam a *oferenda de cereais*, que sempre acompanhava as ofertas pacíficas" (Ellicott, *in loc.*).

A adoração, em certo sentido, consiste em reconhecer a Deus, como Aquele que é o Provedor, o Juiz e o Salvador. Todos os sacrifícios e todas as oferendas enfatizavam uma ou outra dessas qualidades. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adoração*.

29.24

O enchimento das mãos era parte importante de qualquer final de culto de ordenação sacerdotal. As porções a serem queimadas eram primeiramente postas nas mãos dos sacerdotes. Simbolismos: 1. Deus nos deu tudo, e devemos usar bem aquilo que recebemos da parte Dele. Temos os Seus dons (Tia. 1.17), e uma vida a ser-Lhe consagrada. 2. O sacerdote era assim autorizado a realizar seu serviço espiritual, utilizando aquilo que lhe fora dado. Assim sendo, devolvia o que lhe fora dado sob a forma de dedicação a Yahweh. 3. Além disso, era prerrogativa dos sacerdotes viverem do altar, ou seja, comer certa porção das ofertas para seu sustento físico, excetuando-se somente o caso das ofertas pelo pecado, que eram totalmente queimadas, porquanto essas ofertas eram tidas como contaminadas pelo pecado, que tinha que ser destruído. A porção que cabia ao sacerdote era movida diante do Senhor, conforme já foi destacado nas notas sobre o vs. 23. Essa lei foi o começo do conceito que um ministro do evangelho deve viver do evangelho, para que possa ser um obreiro de tempo integral. Ver I Cor. 9.13,14 no *Novo Testamento interpretado* quanto a plenas explicações sobre essa questão. Cf. I Sam. 2.12-17. *Encher as mãos* (tradução literal do hebraico) era uma antiga expressão para indicar ser investido nas prerrogativas sacerdotais (Juí. 17.5; I Reis 13.33). Ver sobre as ofertas movidas com detalhes, em Lev. 7.29-36. Ver também os vss. 23 e 26 deste capítulo, quanto a outras informações.

29.25

Os itens que os sacerdotes receberam (no momento de suas mãos serem cheias), foram então devolvidos a Moisés, e, então, foram postos sobre o altar, a fim de serem consumidos fogo. Mas a *coxa direita* (vs. 22) sempre ficava com os sacerdotes, para dela se alimentarem, e outro tanto se dava com o peito (vs. 26). Dessa maneira, os sacerdotes sobreviviam, vivendo do altar, conforme mostrei na exposição do versículo anterior. A *gordura* (ver o vs. 13) era a porção principal das ofertas queimadas.

De agradável aroma. Há notas a esse respeito no vs. 18 deste capítulo. Yahweh, ao sentir o aroma do sacrifício, *aceitava* tanto a oferenda quanto o sacerdote que a tinha oferecido.

29.26

O peito do carneiro. Essa parte era do sacerdote, ao que vários intérpretes adicionam a coxa direita. E alguns eruditos dizem tudo o mais (na maioria dos sacrifícios), exceto a gordura. Ver as notas sobre o vs. 24 quanto à porção dos sacerdotes e o sentido que isso tinha no que toca a como os ministros deviam viver do altar. Uma vez fossem movidos os itens, então uma parte era queimada

sobre o altar, enquanto que outra porção ficava com os sacerdotes. Desse modo recebia Yahweh e recebiam os sacerdotes; Yahweh dava e os sacerdotes também davam, ficando assim cumprida a lei do amor. Cf. este versículo com Lev. 7.29-34 e 10.14. Naquela primeira ocasião, Moisés, como sacerdote oficiante, por ocasião da cerimônia de consagração, recebeu uma porção. Posteriormente, os sacerdotes é que recebiam essa porção.

29.27

O peito e a coxa direita são aqui especificamente mencionados como porções dadas aos sacerdotes. "A oferta movida indica o ato de mover o sacrifício para a frente e para trás, diante do altar, simbolizando a *apresentação* da dádiva a Deus e o *recebimento de volta* como uma porção" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Verdadeiramente, é dando que recebemos. Esse é um fato bem conhecido, assim como uma lei espiritual bem comprovada. Ver as notas sobre o vs. 23 quanto às ofertas movidas, e ver também o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*, no *Dicionário*, onde são abordados os diferentes tipos de sacrifícios e ofertas, e onde são ventilados os propósitos dos mesmos.

29.28

Yahweh impôs aqui uma *obrigação perpétua*. Os sacerdotes *deveriam* viver do altar. O povo de Israel estava na obrigação de desincumbir-se desse dever. Disso dependia a continuação do sacerdócio levítico. Nenhum homem poderia cuidar de ovelhas, no campo, e também trabalhar no tabernáculo. Yahweh queria obreiros de *tempo integral* nas atividades espirituais. Oh, Deus, concede-nos tal graça! O trecho de Êxo. 28.29,30 mostra que o trabalho dos sacerdotes devia prosseguir *continuamente*. Os sacerdotes deviam estar sempre ocupados com seus deveres sagrados, e outros deviam sustentá-los materialmente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ofertas Movidas*.

29.29

As vestes santas deviam passar de pai para filho, até o tempo em que, de velhas, chegasse o tempo de serem substituídas. Os filhos, ao receberem as vestes santas, dariam continuação à obra do sacerdócio. Assim sendo, o ofício tornou-se hereditário, até que Cristo viesse substituir o sistema inteiro com Ele mesmo e Seus discípulos, os reis-sacerdotes (Apo. 1.6). Cf. Núm. 2.26,28. Santidade e dedicação simbólicas estavam vinculadas a essas vestes sacerdotais, pelo que essas vestes permitiam a continuação da linhagem sacerdotal.

A *consagração* do sumo sacerdote fazia-se por meio de uma espécie de investidura que incluía o ato de vestir as vestes sacerdotais de seu pai. Mas não somos informados sobre o que sucedia no caso dos sacerdotes simples. Cf. II Reis 2.13,14. Entendemos que os sumos sacerdotes subseqüentes não passavam por elaborados ritos sacrificiais para serem ordenados, conforme sucedeu no caso de Arão. Os elementos da consagração eram: O ato de vestir as vestes; a unção; um período de espera de sete dias (vs. 30). Eleazar recebeu as vestes de seu pai (Núm. 20.28), e assim, a regra baixada aqui foi aplicada segundo foi requerido. As tradições judaicas afirmam que essa lei foi sempre aplicada. Havia um rito de unção, conforme o versículo presente deixa claro; mas parece que não havia ritos sacrificiais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*.

29.30

Outra parte do rito de transferência da autoridade sacerdotal consistia no *período de sete dias*, durante os quais o filho vestia as vestes sacerdotais de seu pai. Esse período era um período de consagração (vs. 35), e como parte integrante da instalação de um novo sumo sacerdote. Somente depois desse período é que ele assumia os seus deveres.

"O sacerdote, em sua consagração, durante sete dias e sete noites ficava à entrada do tabernáculo, mantendo a vigília do Senhor. Ver Lev. 8.33. O número *sete* era considerado o número da perfeição, pelos hebreus; esse número é, com freqüência, usado para denotar o término, o cumprimento, a plenitude ou a perfeição de alguma coisa" (Adam Clarke, *in loc.*).

29.31

"Na oferta pacífica, depois que as porções do altar e do sacerdote tinham sido dadas (vs. 27), os adoradores que tinham trazido o sacrifício, deviam consumir o resto no recinto sagrado, enquanto estavam em estado de pureza ritual (Lev. 7.15-21). O sacerdote cozia a carne para eles (I Sam. 2.13). Neste caso, Moisés atuou como sacerdote, e o sacrifício foi trazido a Arão e seus filhos (cf. Lev. 8.31). O *ato de cozer* é geralmente considerado método mais antigo que o *ato de assar* (cf. 12.18; Deu. 16.7" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Cf. Lev. 8.31 e Eze. 46.19-34. O cozimento era efetuado à entrada do tabernáculo, onde também era comida a carne. Além disso, o que restasse dos cereais (ver os vss. 2 e 3), era comido juntamente com a carne, conforme somos informados em Lev. 8.31. Qualquer coisa que não fosse então comida tinha que ser queimada (vs. 34).

29.32

O banquete combinava a carne do carneiro com o conteúdo da cesta com seus produtos de cereais (ver o vs. 2). Desse modo, os sacerdotes comiam do altar, ou seja, eram sustentados materialmente pelos subprodutos de seu labor. Ver notas sobre isso no vs. 24 deste capítulo.

Os intérpretes cristãos vêem neste versículo o sustento espiritual que Cristo oferece aos Seus discípulos, sendo Ele o Pão da Vida. Sua carne foi oferecida por nós em Seu ato expiatório. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*.

À porta da tenda da congregação. Talvez esteja em foco simplesmente *o átrio* onde o povo comum podia entrar e circular. Mas no caso da ordenação de sacerdotes, nenhum leigo podia entrar no átrio e nem participar do cerimonial (vs. 33).

29.33

A expiação. Os eruditos têm feito uma clara distinção entre os *tipos* de sacrifício feitos: o novilho (pelo pecado); o primeiro carneiro (para a consagração); e o segundo carneiro (para a ordenação e a dedicação). Ver os vss. 11, 15 e 19, respectivamente, no que tange a esses três sacrifícios. Apesar de poder sustentar essas distinções, a palavra *expiação* neste caso, no que se aplica à cerimônia inteira, dá a entender que o sacrifício dos dois carneiros também *incluía* a idéia de *expiação*, e não somente no caso do novilho. Alguns eruditos, porém, não aceitam a palavra *expiação* em seu sentido ordinário, e referem-se somente às ofertas pacíficas como "coberturas". Mas é difícil ver o que poderia estar sendo coberto, senão o pecado. Seguiam-se sete dias mais de ofertas sacrificiais como *expiação*, em que um novilho era oferecido a cada dia (vss. 36,37). Portanto, é difícil perceber um sentido diferente dessa palavra no vs. 33, senão aquele sentido tencionado em outras porções do contexto. A preocupação com a expiação pelo pecado era realmente grande na mente dos hebreus! Adam Clarke suspirou de alívio ao observar que todas aquelas mortes de animais foram substituídas por Cristo, em Sua morte única, pondo fim aos sacrifícios sangrentos do Antigo Testamento.

O estranho não comerá. Não se deve entender aqui os estrangeiros, os que não eram hebreus, e, sim, os leigos, estranhos ao culto de consagração de sacerdotes. O Targum de Jonathan traduz esse vocábulo como "profano", isto é, uma pessoa que não estivesse apta para participar da cerimônia, mesmo que fosse um israelita. O rito limitava-se à família de Arão.

29.34

Se sobrar alguma cousa. *Fragmentos santos* do banquete, sem importar se animais ou vegetais (cereais), não podiam ser deixados abandonados, para serem profanados. Logo, o que quer que sobrasse, precisava ser queimado. Isso pode ser comparado com as instruções acerca da páscoa, que requeriam a mesma coisa. Ver Êxo. 12.10. Aquilo que fosse devotado a um uso sagrado, não podia ser comido por algum passante, por um cão ou por outro animal qualquer. Alguns cristãos têm seguido isso em espírito, fazendo os elementos da Ceia ou eucaristia serem consumidos ou destruídos, para nada restar para ser usado em sentido comum.

29.35,36

Por sete dias os consagrarás. Esse era o período necessário para a instalação dos sacerdotes. A lavagem cerimonial, a investidura e a unção (vss. 29,30) tinham lugar no primeiro dia. Seguiam-se então sacrifícios repetidos a cada dia. Enquanto isso estivesse em processo, os sacerdotes tinham que permanecer no átrio (Lev. 8.33). Uma vez terminado esse prazo, então os sacerdotes estavam autorizados a iniciar seu serviço sagrado. O capítulo oitavo de Levítico não menciona qualquer *oferta pelo pecado* (o que, afinal, tinha tido lugar no sacrifício do novilho e dos dois carneiros); e sua presença aqui, de acordo com alguns críticos, é apenas uma adição posterior, feita por algum editor. Esses críticos pensam que essas oferendas adicionais, no tocante à consagração de sacerdotes, são anacrônicas. Nesse caso, as adições teriam sido feitas por um editor que tentou reconciliar a questão com as descrições que se vêem em Ezequiel 43.18-27.

Sete dias. Sete era o número da perfeição. Ver as notas sobre Êxo. 29.30. A idéia de perfeição, simbolizada pelo número sete, vem da história da criação em *sete dias* (Gên. 1 e 2). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Número (Numeral, Numerologia)* e *Números na Bíblia*. Quanto ao sacrifício do novilho, ver as notas sobre os vss. 11-14 deste capítulo. O texto não repete a informação sobre o sacrifício dos dois carneiros.

E o ungirás para consagrá-lo. Está em pauta o *altar*. O altar era ungido mediante a aspersão do azeite santo por sete vezes sobre o mesmo. O altar era assim

consagrado para os serviços santos que os sacerdotes tinham a realizar. O altar era um lugar do tabernáculo onde Yahweh se manifestava mais claramente.

A Eficácia do Sangue. Ver as notas sobre isso no vs. 12 deste capítulo. No *Dicionário* ver os artigos *Sangue* e *Expiação pelo Sangue.* Ver Lev. 1.5. "O sangue, a sede do mistério da vida (Êxo. 17.11; Deu. 12.23; Gên. 9.4) era considerado como particularmente sagrado diante de Deus. Portanto, com base no princípio do sacrifício de vida por vida, o derramamento de sangue era eficaz para perdão de pecados e para a reconciliação do homem com Deus. O ato de derramar o sangue ao pé do altar simbolizava a participação de Deus na cerimônia de expiação (Êxo. 24.6-8)" (*Oxford Annotated Bible,* sobre Lev. 1.5).

29.37

Sete dias farás expiação. As ofertas de sangue continuavam, tal como a unção com azeite (vs. 36). Desse modo, o altar tornava-se um lugar consagrado e santo, e qualquer oferenda ali posta era considerada automaticamente santa e aceitável a Yahweh. Cf. Ageu 2.11,12. Ver também Mat. 23.19. Os intérpretes cristãos vêem Cristo como o antítipo desse altar santificado. Todos quantos entram em contacto com Ele são *transformados. Ver os últimos parágrafos das notas sobre* Êxo. 30.26-28 quanto à idéia do *toque santo.*

Os Sacrifícios Diários (29.38-39)

29.38-39

No versículo trinta e oito deste capítulo passamos a tratar dos *sacrifícios diários,* deixando para trás os sacrifícios e os ritos efetuados na consagração dos sacerdotes. A passagem (vss. 38-42) tem paralelo no trecho de Números 28.3-8. Durante o período pré-exílico havia dois sacrifícios oferecidos a cada dia. Pela manhã, era sacrificado um carneiro; à tardinha, havia uma oferta de cereais. Ver II Reis 16.15. Esse costume acabou firmemente estabelecido, pelo que quando alguém aludia à *minhah* (oferta de cereais) falava em um sinônimo de "à noitinha" (I Reis 18.29,36; Dan. 9.21). No templo ideal e restaurado de Ezequiel, ambas essas oferendas seriam feitas pela manhã (Eze. 46.18-25). As instruções do versículo diante de nós determinavam que um cordeiro fosse sacrificado pela manhã *e* à noitinha. E ambas essas oferendas eram combinadas com outros tipos de ofertas. Parece que a oferta de cereais acabou perdendo sua natureza independente, passando a ser combinada com os sacrifícios de animais.

Ver Êxo. 12.5 e suas notas quanto às qualificações e características do cordeiro a ser sacrificado. Parece que em diferentes períodos da história de Israel, costumes levemente diferentes foram seguidos no que toca ao horário em que esses sacrifícios eram feitos.

Esses sacrifícios contínuos naturalmente diziam respeito à idéia de expiação, pois os pecados precisam ser perdoados diariamente. Mas também faziam o povo de Israel lembrar-se de sua necessidade de dedicar-se diariamente a Yahweh. As ofertas de cereais, por sua vez, enfatizavam a necessidade dos israelitas mostrarem-se agradecidos Àquele que lhes provia todas as formas de boas dádivas (ver Tia. 1.17).

29.40

Oferendas de carnes e abluções deviam acompanhar os holocaustos — sinais da gratidão que devemos a Deus em face de Sua proteção e cuidados, de Sua misericórdia perpétua e de Sua bondade. Assim, *a cada dia,* a Fonte de todo bem era reconhecida e louvada. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Gratidão.* ". . .as ofertas diárias continham artigos básicos da dieta diária do povo: carne, farinha de trigo, azeite e vinho. Essas oferendas diárias (bem como o sacrifício de dedicação dos dois carneiros, vss. 18 e 25) eram agradáveis ao Senhor. Por igual modo, *o sacrifício de Cristo, que se ofereceu a* Si mesmo, na cruz, foi como 'oferta e sacrifício a Deus em aroma suave' (Efé. 5.2)" (John D. Hannah, *in loc.*).

Um efa. Um efa era uma décima parte do hômer. Um hômer era o equivalente a 189 litros, ou seja, 18,9 litros. E a oferta de cereais era uma décima parte de um efa, ou seja, o equivalente a 1,89 litros.

Um him de azeite. O *him* era o equivalente a 3,15 litros. A libação diária era uma quarta parte disso, ou seja, cerca de 0,79 litro. Era usada diariamente essa quantidade de azeite e de vinho nessas oferendas. Ver o artigo *Pesos e Medidas,* no primeiro volume desta obra, nos *Artigos Introdutórios,* em sua sétima seção.

29.41

Este versículo indica que o sacrifício vespertino do segundo cordeiro deveria ser feito depois do sacrifício do primeiro cordeiro, feito pela manhã. Logo, as instruções dos vss. 38-40 deste capítulo têm aplicação aqui.

Libação. Não nos são dadas informações sobre como eram utilizadas essas libações. Josefo (*Antiq.* iii.9, par. 4) disse que a libação era derramada sobre o altar. Outros estudiosos dizem que uma parte dessas libações também pertenciam aos sacerdotes, tal como acontecia a uma parte das demais ofertas. Ver Lev. 2.2,3 e suas notas quanto à participação dos sacerdotes nessas oferendas.

De aroma agradável. O que lemos aqui é repetição do que já tinha sido dito no vs. 18 deste capítulo, onde há as notas expositivas a respeito. Ver também o vs. 25 onde a expressão é reiterada, *o que significa que a* expressão foi usada por três vezes neste capítulo (Êxo. 29.18,25,41).

29.42

De acordo com os conceitos hebreus, os sacrifícios revestiam-se de extrema importância, e deveriam continuar por todas as gerações. Mas Yahweh estava interessado em manter comunhão com os homens, e não apenas nos sacrifícios que eles poderiam oferecer-Lhe. Deus pode ser imanente, embora, em Sua essência, seja transcendente. Logo, diante do altar de sacrifícios pode haver comunhão e desenvolvimento espiritual.

Por vossas gerações. Deus ordenara e estava esperando perpetuidade. Os hebreus não antecipavam um fim eventual de seu sistema religioso. Quanto a isso, ver também Êxo. 12.14,17; 16.32,33; 27.21; 29.42; 30.8,10,21,32; 31.13,16; 40.15. Ver Êxo. 31.16 quanto a outras notas sobre essa noção de *perpetuidade.*

À porta da tenda da congregação. Ou seja, diante do *altar* de bronze, perto dessa porta (ver o vs. 4 e suas notas expositivas). Ver Êxo. 27.1-8 quanto a plenas descrições e comentários sobre esse altar.

29.43

Ali virei aos filhos de Israel. O companheirismo de Yahweh com Moisés e os sacerdotes também seria desfrutado pelo povo em geral; pois era em favor do povo, afinal de contas, que tabernáculo e todas as suas funções visavam a beneficiar. A glória de Yahweh manifestava-se no tabernáculo, e isso santificaria todo o arraial de Israel, pois a tenda não era apenas um lugar onde os pecados do povo seriam cobertos mediante os sacrifícios. No hebraico, as palavras "para que por minha glória sejam santificados", são um tanto dúbias, pelo que têm recebido várias interpretações. Alguns pensam que o objeto da frase seja o tabernáculo inteiro; outros, somente a porta, ou seja, o altar. Nossa versão portuguesa aponta para todo o povo de Israel. A Septuaginta, a versão siríaca e o Targum de Onkelos dizem aqui "eu serei santificado", fazendo a referência ser ao próprio Yahweh.

A *shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) deve estar em pauta, quando aqui se fala em "glória". Mas também pode estar em pauta a glória de Deus em geral, sem indicar, de modo específico, o seu modo de manifestação. Cf. este versículo com Êxo. 40.34,35; Lev. 9.24; I Reis 8.10,11; II Crô. 5.13,14; 7.2.

29.44

Visto que este versículo diz que o *tabernáculo* devia ser santificado, podemos entender que o vs. 45 refere-se a alguma outra coisa que *também* deveria ser santificada. Como é óbvio, o autor sacro poderia estar repetindo a informação do vs. 43, visto que a repetição de dados é um de seus mais característicos hábitos literários. Notemos também que o altar devia ser santificado, além de Arão e seus filhos (o sacerdócio). Isso posto, este versículo profere uma santificação (separação para o serviço sagrado) que envolvia tudo e todos quantos estavam ligados ao tabernáculo.

Está em pauta algo mais do que a consagração *formal.* Temos aqui a idéia da presença de Yahweh, sendo esse o fator que realmente santificava o tabernáculo e todo o povo de Israel. Era mister que houvesse uma santidade em espírito, e não mera santidade formal, por meio de ritos. "Deus haveria de santificar continuamente o sacerdócio levítico por meio de Seu Santo Espírito com eles, em seus atos ministeriais e até em suas atividades diárias, se eles procurassem servi-Lo" (Ellicott, *in loc*).

29.45

É significativo que Yahweh tenha prometido Sua presença real, e não apenas uma presença simbólica, no tabernáculo. O tabernáculo seria um lugar de encontro com o povo de Israel, em sentido real, e não apenas em símbolo ou tipo. Todas as questões espirituais deviam ter valor real e duradouro, ajudando o homem a manter comunhão com Deus; e, através dessa comunhão, o homem pode ser transformado espiritual e moralmente. Assim, se pode haver um lugar especialmente apto para a adoração divina, como uma igreja, um templo, um edifício, um salão, etc., deve haver um altar consagrado a Deus, no coração humano. O propósito de Deus não é formal, é vital.

"Ele seria o Deus deles; o seu Deus da aliança; o seu Rei; o governo deles seria teocrático; Ele seria o Deus e Pai deles, por adoção nacional. Da parte Dele, eles poderiam esperar todas as coisas boas, a contínua obediência deles" (John Gill, *in loc.*).

29.46

E saberão. Temos aqui a idéia de iluminação divina. A verdadeira comunhão com Deus e a Sua presença próxima devem significar que aqueles que são assim beneficiados haverão de *reconhecer* a origem dessas bênçãos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *iluminação.*

O Poder divino que eles reconheciam, e que transmitiam, era o mesmo poder que tinha realizado os milagres do êxodo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Êxodo.* "O propósito de Deus no êxodo é afirmado aqui como a base desse relacionamento gracioso, que o programa de adoração sacrificial deixa entendido" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Deus descera até uma tenda, armada no deserto, para que Sua presença e Sua vontade fossem conhecidas entre os homens. Isso, naturalmente, faz-nos lembrar da encarnação do Logos, o Cristo, assim nomeado em Sua missão neste mundo. Ver João 1.1,14. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Encarnação de Cristo.*

Cf. este versículo com Sal. 3.12 e 94.15. Ver também Efé. 2.22 quanto à Igreja como local da habitação de Deus. Ver também Gál. 4.6 e Col. 1.27,28 quanto às aplicações cristãs dos ensinos do versículo à nossa frente.

Capítulo Trinta

Instruções Suplementares (30.1 — 31.18)

Os críticos atribuem as instruções à nossa frente a um período posterior; mas os eruditos conservadores não vêem razão para separá-las da massa de informes dada antes. O autor não se preocupou em seguir qualquer ordem específica de apresentação. Assim, o altar do incenso foi descrito depois de todas as demais peças do mobiliário e depois de terem sido dadas instruções detalhadas sobre o modo de oferecer os sacrifícios. Não há razão que possamos atribuir a essa ordem, mas deixamos esse problema com o autor sagrado, que talvez tivesse nisso algum propósito; mas também é possível que ele não estivesse interessado em qualquer ordem especial de apresentação.

A religião dos cananeus incluía o uso de incenso em seus ritos, e alguns supõem que esse costume foi tomado por empréstimo pelos hebreus. Esses supõem que esse aspecto do culto foi adicionado ao cerimonial posterior dos hebreus. Os trechos de Lev. 16.12 e Núm. 16.6,7 aludem à queima de incenso, sendo provável que essa prática fosse anterior à existência de um altar formal com essa finalidade. Evidências em prol do altar de incenso só aparecem posteriormente, e alguns estudiosos têm sugerido que esse item só passou a *fazer* parte do ritual no segundo templo de Jerusalém. Os conservadores crêem que o texto diante de nós serve de prova do uso desse altar desde os dias de Moisés, o que nega que esta passagem seja uma adição tardia. Não há muitas evidências objetivas acerca da questão. Ellicott (*in loc.*) fala da posição estranha ocupada pelo material sobre o altar do incenso, mas não via razão para suspeitar de um deslocamento de texto ou de uma adição posterior. "Que o incenso alinhava-se entre as oferendas que Deus requeria que Lhe fossem oferecidas é algo que figura desde Êxodo 25.6. Sua preciosidade, sua fragrância e seu evidente poder de elevar-se sob a forma de nuvens até o céu, levou à sua utilização nos ritos religiosos de muitas nações. Os sacerdotes egípcios aparecem continuamente, nos monumentos, com incensários nas mãos, onde, é de presumir-se, eles ofereciam incenso. . . Heródoto afirma que os babilônios consumiam anualmente mil talentos de incenso na festa de Belo (*Hist.* i.183). É bem conhecido o fato de que os gregos e os romanos usavam incenso."

30.1

O Altar de Incenso. Ver o artigo detalhado sobre este assunto no *Dicionário* que inclui sua *tipologia.* Seus materiais de construções, dimensões, provisões para transporte e significados são comentados no artigo, permitindo um tratamento mais abreviado aqui. O leitor perceberá que as descrições do presente texto são semelhantes às de 25.1-30, onde anotações detalhadas são oferecidas.

O Altar de Incenso era um móvel como todos os outros itens do Tabernáculo; era feito dos mesmos materiais do *Altar de Bronze,* mas recebeu uma camada superior diferente. Era comparativamente pequeno, sendo 1 ½ pés quadrados (= 45 cms.) e somente 3 pés de altura (= 90 cms.). Tinha chifres como o Grande Altar e podia ser facilmente transportado, sendo que tinha argolas de ouro para receber varas de transporte. Israel, marchando através do deserto, levava o Tabernáculo e todos os seus móveis, de lugar em lugar. O *modus operandi* da construção do Tabernáculo e de suas peças, permitia um transporte fácil, que falava de *impermanência.*

Tipologia. "O Altar de Incenso era um tipo de Cristo, nosso intercessor (João 17.17-26; Heb. 7.25); através dele nossas orações ascendem a Deus (Heb. 13.15; Apo. 8.3,4). O Altar simboliza nossos sacrifícios, louvores e adoração (Heb. 13.15)" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

30.2

Dimensões. Tinha aproximadamente meio metro de lado e um de altura, com pontas em forma de chifres nos quatro cantos. Os chifres foram esculpidos nos cantos do altar, não sendo peças separadas embutidas, seguindo o mesmo modo de construção do Grande Altar (ver 27.2). Os chifres foram tipos de pináculos que se elevavam dos cantos, apontando para o céu. Foram itens decorativos e simbólicos. A oração sobe para o céu com a fumaça do incenso.

Côvado. Aproximadamente 18 polegadas (= 45 cm).

30.3

Os materiais empregados foram os mesmos utilizados na construção da Arca e da Mesa. Ver 25.10-22,23-30. Foi posicionado na frente da Arca, mas no lado oposto da terceira cortina que fechava o Lugar Mais Santo do Lugar Santo. Ver a ilustração da *Planta do Tabernáculo* em 25.1 e compare-se com 40.5.

Bordadura de ouro. Também falado da Mesa (25.24), sendo de construção semelhante àquele item. A borda elevada não deixava que as coisas colocadas em cima escorregassem e caíssem no chão, contaminando-as. A peça também servia de ornamentação.

30.4

Este versículo, aqui relacionado ao Altar de Incenso, é essencialmente igual àquele que descreve o Grande Altar (27.4), a Mesa (25.26) e a Arca (25.12), mas o Altar precisava somente de duas (quatro?) argolas, sendo um objeto relativamente pequeno e de fácil transporte. Todas as peças do Tabernáculo tinham de ser portáteis. Ver o artigo *Tabernáculo,* no *Dicionário,* que dá informações gerais sobre seus móveis.

Duas argolas. Possivelmente significando duas de cada lado, totalizando quatro. Este versículo talvez possa ser igual a 27.4. Aparentemente, todos os móveis tinham quatro argolas, uma provisão padronizada. O texto fala somente de *duas,* aqui, mas talvez o escritor esperasse que seus leitores entendessem *duas de cada lado.*

30.5

Varais. As mesmas instruções aplicam à Arca (25.13), à Mesa (25.28) e ao Grande Altar (27.6). Ver as explicações deste item nos versículos mencionados. Talvez houvesse uma diferença no tamanho dos varais por causa de variação de peso dos móveis transportados, mas, se assim o era, o escritor não nos informa.

30.6

Porás o altar defronte do véu... isto é, ante a terceira cortina que separava o Lugar Mais Santo do Lugar Santo. O sumo sacerdote, aproximando-se do Lugar Mais Santo, passaria pelo Altar de Incenso antes de abrir a cortina para entrar no *Santuário.* Somente alguns passos separavam este Altar da Arca.

O Altar de Incenso era chamado *Altar Áureo* em contraste com o Grande Altar de Bronze (ver 38.30; 39.39). Ver, também, 40.23-26 para informação sobre o posicionamento dos móveis. O Altar estava situado ante a Arca, mas fora da terceira cortina que fechava o Lugar Mais Santo. O escritor do livro de Hebreus (9.4) colocou este Altar erradamente dentro do próprio Santuário. Ver anotações completas sobre esse problema na exposição de Heb. 9.4, no *Novo Testamento Interpretado.*

Seu posicionamento mostrava que esse altar tinha uma relação próxima com o propiciatório. Sua função de intercessão preparava os adoradores para se beneficiarem da expiação que só ocorreria no Santo dos Santos.

Onde me avistarei contigo. O Intercessor estava falando sobre o lugar da intercessão. Yahweh encamou-se em Cristo, o qual é o nosso Intercessor. Cf. essa declaração com Êxo. 25.22; 29.42,43.

Josefo situava o altar do incenso diretamente entre a mesa dos pães da proposição e o candelabro, e não adiantado, como mostram os diagramas do plano do tabernáculo. (*Antiq.* 1.3 c. 6 sec. 8). E outros intérpretes judeus concordavam com essa disposição.

No dia da expiação, o sumo sacerdote tomava incenso tirado do altar do incenso e o levava ao interior do Santo dos Santos (Lev. 16.12,13).

30.7,8

Assim como havia sacrifícios matinais e vespertinos (Êxo. 29.40,41) e assim como esses sacrifícios deveriam ser perpétuos e infalíveis, por todas as gerações do povo de Israel (Êxo. 29.42), assim também se dava no tocante à queima de incenso, manhãs e tardes, por todas as gerações do povo de Israel. Ver Êxo. 29.42 acerca da perpetuidade desses ritos. Dou ali uma lista de referências sobre a questão. "A queima de incenso, juntamente com os cuidados com as lâmpadas, tornaram-se um dever diário, de manhã e à tardinha, em que se atarefavam os sacerdotes em serviço ativo. Esse serviço foi *organizado sobre uma base de rotatividade, no templo posterior*" (J. Edgar Park, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Altar de Incenso*, quanto a detalhes completos sobre sua natureza, uso e simbolismo. Há notas adicionais sobre o mesmo em Êxo. 30.1.

Os ingredientes do incenso aparecem em Êxo. 30.34,35, onde há notas sobre a questão. Ver Sal. 141.2; Luc. 1.10; Apo. 5.8; 8.3,4, pois o incenso é emblema da oração. Em Êxo. 30.1 há notas expositivas sobre os tipos envolvidos nesse altar. Ver Luc. 1.9 quanto à questão de como os sacerdotes serviam em um regime de rotatividade, de acordo com sortes.

As lâmpadas. *Os Cuidados com as Lâmpadas e sua Limpeza.* Está aqui em foco o candelabro com suas sete lâmpadas. O ritual envolvia o cuidado com essas lâmpadas, após o que se queimava o incenso, como se os dois deveres formassem uma única tarefa. O sacerdote aparava os pavios e fazia qualquer outro serviço que fosse necessário nas lâmpadas. Apagaria os pavios que estivessem terminando, e os substituiria por novos; supriria o azeite necessário; e apararia os pavios e limparia os apagadores. Ver Êxo. 27.20,21 quanto ao azeite das lâmpadas. Ver Êxo. 25.31-40 quanto às lâmpadas e aos cuidados pelas mesmas.

30.9

Não oferecereis sobre ele. Não se podia abusar do altar do incenso utilizando-o com outro propósito além daquele a que se destinava. Nenhum incenso estranho ou diferente podia ser queimado sobre o mesmo. A fórmula para o incenso precisava ser rigidamente observada. Ver as notas sobre os vss. 34 e 35 quanto a essa fórmula. O culto precisava seguir as regras, bem como Aquele que dera as regras, Yahweh.

O altar do incenso não era nem o altar dos sacrifícios e nem o altar das libações. Essas duas últimas funções cabiam ao altar de bronze ou altar grande (Êxo. 27.1-8). Os dois serviços não podiam ser misturados. O altar do incenso tinha sua própria função diferente e importante, mas não estava preparado para esses outros tipos de serviço.

30.10

Sangue era aplicado aos chifres do altar uma vez por ano, para propósitos de santificação, e não sacrificiais. No *Dia da Expiação* (ver sobre o mesmo no *Dicionário*), descrito longamente em Levítico 16, o sumo sacerdote tomava em um incensário brasas acesas tiradas do altar de bronze, e entrava no Santo dos Santos. Mas nesse trecho de Levítico não há menção ao altar do incenso, pelo que alguns eruditos pensam que isso representa uma tradição mais antiga do que aquela que temos diante de nós. Mas aqui temos sangue tirado dos sacrifícios e levado ao altar do incenso, a fim de ungir seus quatro chifres. É claro que isso veio a tornar-se parte do ritual da *expiação*, embora também aponte para a santificação do altar, para ser usado continuamente, por todo um ano dali por diante. Portanto, temos aqui uma espécie de rito anual de santificação, por assim dizer, uma rededicação. O dia designado para isso era o décimo dia do sétimo mês. Ver Lev. 16.18.

Sangue era aplicado às pontas do altar; e também era salpicado por sete vezes sobre o altar. Destarte, o altar ficava santificado, apto para uso cerimonial. Pelo menos, pensa-se que esse ato, realizado no caso do altar de bronze, era idêntico ao que se fazia no caso do altar do incenso.

O Recenseamento (30.11-16)

Yahweh prosseguia em Suas instruções acerca da ereção do tabernáculo, e acerca de seu equipamento e seus serviços, tudo através da iluminação divina. Entre essas instruções contavam-se aquelas sobre o recenseamento a ser feito. O dinheiro recolhido dos recenseados reverteria para o "serviço da tenda da congregação" (vs. 16). Os sacerdotes viviam do altar, comendo certas porções dos sacrifícios feitos ali, com exceção única dos holocaustos, que eram inteiramente consumidos nas chamas. Ver Êxo. 29.22,27 e Lev. 7.31,32. Mas um homem não faz somente comer. Os sacerdotes precisavam vestir-se e ter outras coisas necessárias à vida diária. Essa taxação, pois, seria feita para que os sacerdotes pudessem devotar-se, por *tempo integral*, às suas tarefas religiosas. Oh, Deus, concede-nos tal graça! Um recenseamento precisava ser feito a fim de se saber de quanto dinheiro se disporia, mas também para se saber qual a taxa de crescimento numérico de Israel. Outra razão dessa contagem era saber qual seria o tamanho do exército de Israel (Núm. 1). Ademais, esse dinheiro seria aplicado à construção e manutenção do tabernáculo, seus equipamentos, etc. (Ver Êxo. 38.27,28).

30.11,12

"O recenseamento, relatado no primeiro capítulo de Números, originalmente teve fins militares. Temendo que a ira de Deus se manifestasse contra o recenseamento (II Sam. 24), o povo pagou uma taxa (cf. II Crô. 24.6,9; Mat. 17.24-27), como um *resgate* ou *expiação* (vs. 16)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). O capítulo vinte e quatro de II Samuel apresenta uma situação parecida. Em seu orgulho, Davi mandou fazer o recenseamento do povo para saber quão poderoso exército Israel era capaz de convocar. Fazer um recenseamento, pois, era considerado *cometer uma infração contra as prerrogativas divinas*. Yahweh era o *árbitro exclusivo* do destino de Seu povo. Além disso, Davi exibiu uma estúpida arrogância e orgulho naquilo que fez. Portanto, uma praga sobreveio ao povo.

No caso presente, como precaução contra a possível ira divina, foi cobrada uma taxa, redimindo cada homem que a pagasse, livrando-o assim de qualquer punição celeste. O dinheiro assim recolhido seria usado para sustento dos sacerdotes, como também para manter o tabernáculo, seu equipamento, etc.

"Sempre que era feito um recenseamento (ver Núm. 1), cada homem israelita de vinte anos para cima pagava uma taxa para ajudar a manter o tabernáculo e seu funcionamento. Essa taxa era considerada um resgate (Êxo. 30.12), porque seu pagamento garantia proteção contra as pragas. Isso ajudava a motivar cada varão a pagar a taxa. Era esta tida como uma expiação, como uma cobertura para o pecado" (John D. Hannah, *in loc.*).

Ao falar a respeito de pragas, não nos devemos olvidar que tais pragas podiam proceder do próprio Yahweh, porquanto coisa alguma era deixada ao encargo do acaso, e nem de meras causas naturais.

30.13

O siclo do santuário (ver Lev. 27.25; 56.15; Núm. 3.47; 18.16; Eze. 45.12) tinha por base o mais antigo padrão de medições dos fenícios ou dos próprios hebreus. Era mais pesado que o subseqüente siclo babilônico, que passou a ser usado em tempos pós-exílicos. O vs. 13 esforça-se por explicar que estava em vista o peso mais antigo e de maior valor. As palavras adicionais, "este siclo é de vinte geras" (Lev. 27.25; Núm. 3.47, etc.), constituem uma tentativa para interpretar a quantia requerida em confronto com os pesos babilônicos posteriores, visto que a *gera* era uma unidade babilônica. Isso significa que tal adição provavelmente foi feita no período pós-exílico, e que dificilmente deve ter sido feita pelo próprio autor sagrado. A única alternativa (de acordo com muitos críticos), é que o trecho pertence, realmente, a um período posterior. Ver Êxo. 38.24.

Siclo. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Dinheiro*. O *siclo* é mencionado e descrito na seção IV.c desse artigo. Nos dias de Moisés, desconheciam-se as *moedas*, e os *pesos* e as *medidas flutuavam enormemente*. O "siclo do santuário" designava um peso em metal, e não uma moeda, nos dias do tabernáculo. Todas as ofertas deviam ser calculadas a partir desse siclo (Lev. 27.25). Mas é impossível determinar qual seria o seu valor, em comparação com o sistema monetário moderno.

Gera. Esse peso, de conformidade com Maimonides, pesava tanto quanto dezesseis espigas de cevada, pelo que o *siclo* valia vinte vezes mais do que isso. Era um peso de prata. Quanto a outras informações a respeito ver Êxo. 38.25-26. O peso de trezentos e vinte espigas de cevada era considerável, e metade disso (vs. 15), evidentemente era uma boa quantia em dinheiro. Sem dúvida alguma, muitos homens israelitas só pagaram tal quantia por temerem sem atingidos por alguma praga, se não pagassem tal taxa (vs. 12).

30.14

Somente varões de vinte anos de idade para cima tinham que pagar essa taxa. Isso significa que só estavam nessa obrigação aqueles que podiam trabalhar e ganhar um salário. Pelo menos, temos aí uma medida misericordiosa. As *mulheres*, as *crianças*, os *sacerdotes* e os *escravos estavam isentos*. No *primeiro* capítulo do livro de Números, a estipulação de varões com vinte anos para cima indica homens que podiam entrar na guerra. Muitos eruditos imaginam que o recenseamento historiado no primeiro capítulo de Números é o mesmo referido

nesta passagem. Nesse caso, o arrolamento teve múltiplos propósitos. Ver Núm. 1.20,46.

Entre os hebreus uma pessoa era considerada adulta ao completar vinte anos de idade, e, então, ficava sujeita ao serviço militar e a outras responsabilidades (Núm. 1.3; II Crô. 25.5). Era também nessa idade que os levitas davam início a seu serviço sacerdotal no santuário (II Crô. 23.24-27; II Crô. 31.17; Esd. 3.8).

30.15

A taxa não foi cobrada de acordo com as riquezas de cada um. Antes, foi igual para todos, em contraste com os sistemas modernos de taxação, que penalizam os ricos, dando a entender que possuir dinheiro é um pecado. O dinheiro era para o serviço de Yahweh, devendo ser dado de boa mente, algo muito difícil de conseguir. Além disso, se alguém não desse de boa mente, pelo menos daria movido pelo *temor,* pois se alguém não contribuísse pragas lhe sobreviriam. Assim sendo, ele pagava o resgate por sua vida *física* (e não por sua alma imaterial), ao obedecer a essa taxação. A imposição de uma taxa única poupava uma montanha de escrituração e fiscalização. Se fosse usado outro critério de taxação, as pessoas diriam que ganhavam menos do que realmente ganhavam, a fim de baixar a taxa. Nem sempre o que é simples é justo. Podemos supor que a quantia cobrada estava ao alcance do varão israelita médio de vinte anos, mesmo que alguém tivesse má vontade no coração, não querendo mostrar-se generoso para com o serviço prestado a Yahweh. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Impostos.*

Até mesmo um esmoler teria que pagar a taxa. Ele teria que separar uma parte das esmolas recebidas, vender suas vestes ou fazer o que fosse necessário para pagá-la. Todos eram remidos de Yahweh; todos tinham que pagar.

30.16

Três razões são aqui alistadas, justificando aquela taxação. As pessoas precisam de muitas razões para se disporem a pagar impostos, e o temor de medidas severas por parte do governo parece ser a principal dessas razões. Essas razões foram as seguintes:

1. Era mister um *resgate* para que Deus não enviasse pragas contra os ofensores (vs. 12). Talvez Sua ira já se tivesse acendido porque fora feito um recenseamento (conforme a sugestão de II Sam. 24). A contribuição de uma taxa para o tabernáculo e para o sacerdócio poderia impedir uma explosão da ira divina. De acordo com a mentalidade dos hebreus, desastres naturais, sem um envolvimento divino, eram coisas simplesmente inconcebíveis. Ver as notas sobre Êxo. 30.11 quanto a outras idéias.
2. Dinheiro para a adoração divina e para os sacerdotes foi uma *segunda* razão para a taxação. Há notas detalhadas sobre isso nos vss. 11 e 12. Assim também os políticos dizem em nossos dias: "O dinheiro é canalizado para boas causas", embora a maior parte desse dinheiro termine em contas particulares de bancos suíços. Mas podemos ter a certeza que isso não sucedeu em Israel, sob Moisés.
3. Um *memorial.* O dinheiro brilharia diante dos olhos dos israelitas, e eles seriam lembrados da bondade de Deus e da aliança que firmara com eles, tal como as gemas nas ombreiras da estola do sumo sacerdote e no peitoral lembraria os filhos de Israel de como eles eram queridos e protegidos pelo Senhor. As coisas construídas no tabernáculo, com base naquele dinheiro, serviriam de testemunhas de como o dinheiro fora bem usado.

Os primeiros valores obtidos por aquela taxação foram obtidos no fabrico das bases de prata do santuário, no véu e nos ganchos de prata e nas colunas.

A Bacia de Bronze (30.17-21)

O autor sagrado não acompanhou qualquer seqüência discernível na sua apresentação do equipamento do tabernáculo. Assim, após ter falado sobre a taxa a ser cobrada, volta a falar sobre um item do mobiliário da tenda. E assim foi baixada a ordem para que se fizesse a *bacia de bronze.* No tabernáculo, armado no deserto a mando de Deus (vs. 17), havia uma bacia de bronze no átrio, entre o altar dos holocaustos e a tenda (Êxo. 30.17,21; 38.8; 40.30-32), onde Arão e seus filhos lavavam as mãos e os pés, antes de entrarem na tenda da congregação, ou quando ministravam diante do altar. O simbolismo desse objeto é patente. Jesus sumariou a questão quando disse a Pedro: "Se eu não te lavar, não tens parte comigo" (João 13.8).

Tipo. "A bacia era um tipo de Cristo, o qual nos lava de toda contaminação e de toda mácula, ruga ou coisa semelhante (João 13.2-10; Efé. 5.25-27). É significativo que os sacerdotes não podiam entrar no Lugar Santo, depois de terem servido diante do altar de bronze, enquanto não tivessem lavado suas mãos e seus pés" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

30.17,18

"No templo de Salomão havia um grande tanque de forma circular, com cerca de 13,70 m de *circunferência, conhecido como mar de fundição* (I Reis 7.23-36). Era inteiramente feito de bronze e repousava sobre as figuras de doze bois. De acordo com II Crô. 4.6, o *mar* servia para as abluções dos sacerdotes" (J. Edgar Park, *in loc.*). Não há certeza sobre até que ponto a antiga bacia de bronze assemelhava-se à versão mandada fazer por Salomão, mas é bem provável que a bacia de bronze dos dias de Moisés fosse algo bem mais modesto. Os críticos, por sua parte, duvidam até mesmo de sua existência, pensando que escritores posteriores fizeram o mar de fundição retroceder dos dias de Salomão para os dias de Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar de Fundição (de Bronze).* O texto presente, em contraste com o resto dos itens do tabernáculo, fornece-nos poucos detalhes e não dá as dimensões da bacia de bronze. O trecho de Êxo. 38.8 adianta que as mulheres providenciaram o material necessário para esse item, pois contribuíram com seus espelhos de bronze. Portanto, a bacia de bronze importou em um sacrifício para muitas pessoas.

As lavagens feitas na bacia de bronze, tal como se dava com todos os demais ritos efetuados no tabernáculo, deviam ser efetuadas de modo perpétuo, por *todas as gerações.* Ver as notas sobre isso em Êxo. 29.42, quanto a uma lista de referências sobre a questão.

As abluções litúrgicas dos israelitas influenciaram de modo profundo tanto o cristianismo quanto o islamismo.

Água se fazia mister para as lavagens dos sacerdotes e de certas partes das vítimas sacrificadas (Êxo. 29.27; Lev. 1.8,13), como também para limpeza do próprio altar, para nada dizermos sobre o chão para onde escorria todo aquele sangue dos animais sacrificados.

Seu suporte de bronze. A bacia de bronze provavelmente tinha o formato de um *grande vaso ou urna, e estava apoiada sobre um* pedestal. Vasos dessa natureza têm sido achados, com relativa abundância, pelos arqueólogos.

A bacia de bronze é o último item do tabernáculo a ser descrito. Ficava entre o altar dos holocaustos e a entrada do Lugar Santo, entrada essa tapada pelo segundo véu. Ver a ilustração sobre a planta do tabernáculo, nas notas sobre Êxo. 26.1. Naturalmente, tanto o altar dos holocaustos quanto a bacia de bronze ficavam no átrio. Era essencial que a bacia ficasse próxima do altar, a fim de que os sacerdotes pudessem lavar as mãos e os pés antes de entrarem no Lugar Santo, depois de terem oferecido sacrifícios sobre o altar.

30.19

A lavagem de mãos e pés era necessária por razões *físicas* e *espirituais.* Era mister que entrassem fisicamente limpos no Lugar Santo, ao passarem pela segunda cortina. Talvez acabassem de realizar um sacrifício sobre o altar de bronze. Então teriam andado pelo átrio, cujo chão era de terra. Não teriam de tomar um banho de corpo inteiro, mas apenas lavarem as mãos e os pés, que mais certamente se teriam sujado de sangue e de poeira. Ademais, não poderiam adentrar o Lugar Santo sem uma lavagem ritual e simbólica das mãos e dos pés. Cf. isso com João 13.10. Os sacerdotes egípcios lavavam-se duas vezes durante o dia, pela manhã, e duas vezes à noite, de acordo com Heródoto (*Euterpe* sive. 1.2 c. 37). Santidade de conduta (pés) e santidade de ações (mãos) era algo simbolizado por essas lavagens rituais.

"O altar falava da salvação por meio da oferta pelo pecado; e a bacia de bronze falava da santificação, que é algo progressivo e contínuo" (John D. Hannah, *in loc.*).

30.20

Para que não morram. Essas palavras dão a entender que Yahweh haveria de julgá-los com a pena de morte, se deixassem de obedecer às Suas ordens quanto a esse particular. Estavam ocupados em um serviço santo, servindo a Yahweh e aproximando-se Dele. Não podiam estar sujos, nem física e nem espiritualmente. A morte também era ameaçada por motivo de outras infrações das regras atinentes ao serviço santo. Ver Êxo. 28.35,43. "Não é exatamente fácil perceber por que a pena de morte foi ameaçada contra a negligência acerca de certas observâncias cerimoniais, mas não acerca de outras. Entretanto, a ablução era algo tão fácil e, provavelmente, estabelecida como uma prática, fazia tanto tempo, que omiti-la só poderia indicar um *desrespeito intencional* para com Deus" (Ellicott, *in loc.*).

Quando se chegarem ao altar. Os sacerdotes deviam lavar-se antes de oferecerem algum sacrifício, e, sem dúvida, depois de terem-no oferecido, para então entrarem no Lugar Santo.

"Isso dá-nos conta da necessidade de termos corações puros e mãos limpas, para que nos aproximemos do altar de Deus, se quisermos participar da adoração pública, e, em particular, para orarmos com mãos limpas, erguidas para o alto (I Tim. 2.8; Sal. 26.6)" (John Gill, *in loc.*). Este texto deve ser comparado com Tito 3.5, que nos dá uma versão cristianizada dessa necessidade.

30.21

Este versículo repete a injunção sobre as lavagens, e, então, adiciona a ordem agora familiar que esse rito deveria prosseguir perpetuamente, por todas as gerações dos filhos de Israel. Outro tanto tem sido dito a respeito de vários aspectos do culto efetuado no tabernáculo. Em Êxo. 29.42, alisto várias referências e faço várias observações sobre essa questão. Vemos aqui a repetição da ameaça de morte, feita pela primeira vez, no versículo anterior. Ver Heb. 12.14 quanto a uma aplicação cristã.

O Óleo da Santa Unção (30.22-33)

O autor alude aqui, com detalhes, à preparação e ao uso do azeite santo. Bastaria isso para mostrar-nos a importância que a questão tinha para ele. Era mister uma preparação elaborada, e qualquer erro quanto a isso tornava *estranho* o azeite, impróprio para uso no tabernáculo. Esse óleo era usado para ungir a tenda e seus móveis e utensílios (Êxo. 30.26-29) e também os sacerdotes (vs. 30). Tinha uma fórmula ímpar, e um uso especial que requeria toda a cautela. Nos países do Oriente dava-se grande valor às especiarias. Heródoto (*Hist.* 107-112) mencionou cinco produtos especiais muito valorizados. Dois deles parecem ser idênticos aos que vemos na lista abaixo, neste texto. O *azeite* (ver a esse respeito no *Dicionário*) era misturado com especiarias e fluidos aromáticos, e a mistura era usada em todas as modalidades de ritos simbólicos, e também para unções de cura, tanto em Israel quanto na maioria dos países do Oriente Próximo. Esse óleo era usado na consagração de sacerdotes, reis e profetas. Objetos do tabernáculo também foram ungidos com esse óleo (Êxo. 29.36). O leproso curado era restaurado à comunhão com a congregação por meio da unção com azeite (Lev. 14.14-17). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Unção*. Esse artigo nos dá os sentidos simbólicos e espirituais da unção, bem como os seus usos literais. O azeite da unção era tipo do Espírito Santo, o qual unge os homens para que prestem serviço espiritual (ver Atos 1.8), embora haja outros simbolismos envolvidos.

30.22-23

Toma das mais excelentes especiarias. Temos aqui a composição do azeite santo. Em Israel era questão muito séria como esse azeite era preparado e usado. Devia ser resguardado de qualquer profanação, e somente os sacerdotes sabiam como prepará-lo com exatidão. Era usado para propósitos e para pessoas específicos. Um homem comum não podia ser ungido com o óleo santo. As mais finas especiarias eram tão valiosas quanto o ouro. Podiam ser usadas como presentes mais seletos, sendo dados até à realeza (I Reis 10.2,10,15). Todos os elementos mencionados nos vss. 22-24 são comentados no *Dicionário*. Ver os verbetes separados: *Mirra, Cinamomo; Cálamo Aromático; Cássia* e *Azeite*.

Siclos... siclos... siclos. Ver as notas sobre o vs. 13 deste capítulo, onde essa palavra é explicada quanto ao seu valor. Se adicionarmos todas as quantidades aqui dadas (incluindo as do vs. 25), teremos um peso de pouco mais de cinqüenta quilogramas, incluindo cerca de seis litros de azeite. Está aqui em pauta o antigo siclo (fenício), que pesava cerca de 112 gramas.

30.24

Cássia. Todos os ingredientes do azeite da unção recebem um artigo separado no *Dicionário*. Quanto a todos esses ingredientes o *siclo* era a unidade de peso usada, o que foi anotado em Êxo. 30.13.

Him. Quanto a essa medida, ver as notas sobre Êxo. 29.40.

30.25

O óleo sagrado. Ou seja, a mistura de azeite de oliveira com as várias especiarias acima mencionadas, em suas medidas exatas, conhecidas somente pelos sacerdotes. Era um produto *composto* que incorporava especiarias tão valiosas quanto o ouro. Uma vez preparado, tornava-se um líquido especial de unção. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*. O peso total dos ingredientes pode ser calculado em ligeiramente acima de cinqüenta quilogramas, e o volume do azeite era de cerca de seis quilogramas. Era misturado por um apotecário especialista. As especiarias não podiam ser misturadas de maneira crua ou inexata. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perfumista*. Os intérpretes judeus dizem-nos que as essências eram primeiramente extraídas dos materiais naqueles pesos respectivos, e, então, essas essências eram misturadas com o azeite.

Na introdução ao vs. 22, vemos o azeite como um *tipo*. "Simbolizava o Santo Espírito de Deus e as Suas graças, aquele óleo de alegria com que Cristo e o Seu povo são ungidos; e essa é a unção que nos ensina todas as coisas. Ver Sal. 45.7; Isa. 61.1,3; Atos 10.38; I João 2.20,27. Essa unção espiritual é comparada a essas várias especiarias e ao azeite de oliveira por causa de seu perfume e por causa de sua natureza animadora e reavivadora... por seu valor e preciosidade, e acerca da qual há um certo peso e medida, posto que Cristo tenha sido ungido sem medida" (John Gill, *in loc.*).

30.26-29

As coisas que deviam ser ungidas ou santificadas por meio do azeite da unção são alistadas nesses quatro versículos. Tal azeite não podia ser usado para ungir pessoas comuns (vs. 32), mas os sacerdotes podiam usá-lo. Cf. Êxo. 40.9-11 quanto a outras instruções acerca do assunto, embora mais breves em sua natureza. A unção do próprio tabernáculo é mencionado aqui, mas era a presença de Deus que realmente ungia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Shekinah*. A nuvem que representava a presença de Deus é frisada como aquilo que realmente santificara o santuário (Êxo. 40.34-38).

Uma Lista Completa. A lista de objetos a serem ungidos, preparada pelo autor sacro, é todo-inclusiva. Todos os vasos e utensílios do tabernáculo deviam ser ungidos com o óleo santo. "O tabernáculo e todo o seu conteúdo foram, primeiramente, consagrados; em seguida, os sacerdotes (vs. 30). No tabernáculo, a consagração teve início pela *arca* no Santo dos Santos. Daí passou-se para o Lugar Santo... e, finalmente, passando-se para fora do segundo véu, chegou-se ao átrio externo, onde foi aspergido o óleo santo sobre o altar de bronze e a bacia de bronze" (Ellicott, *in loc.*). Cf. esta passagem com Lev. 8.10,11. A arca foi o primeiro item a ser mencionado, na construção dos móveis e utensílios do tabernáculo (Êxo. 25.10-22), e esse foi também o primeiro item a ser ungido. A importância capital do item provavelmente estava sendo destacada mediante ambos os atos.

Todo o que tocar nelas será santo. Os sacerdotes foram ungidos, ficando entendido que eles eram homens espirituais, pois, de outro modo, não teriam recebido a incumbência que receberam. Assim sendo, podemos pensar que eles faziam seu trabalho dotados de espiritualidade. Portanto, devemos entender aqui que, por baixo da unção com azeite santo, havia uma espécie de pureza ou santificação mística e que constituía a verdadeira unção deles. Entretanto, outros eruditos pensam que a questão deve ser entendida apenas metaforicamente. Todavia, sempre fez parte do ensino místico que os objetos podem absorver e emitir poderes espirituais. Isso já foi dito a respeito do altar de bronze (Êxo. 29.37).

30.30

Um homem comum (que não fosse sacerdote) não podia profanar o azeite da unção usando-o para efeitos medicinais ou estéticos (vs. 32). Mas os sacerdotes eram ungidos com o mesmo. Já vimos sobre a unção dos sacerdotes, nas notas sobre Êxo. 29.7, onde há notas expositivas sobre esse ponto. No artigo *Unção*, no *Dicionário*, há muitos outros detalhes. Um sacerdote não estava apto para seu serviço enquanto não fosse ungido, e outro tanto se dá com qualquer obreiro no campo espiritual. São necessárias tanto a chamada quanto a preparação. O Espírito Santo deve fazer-se presente, pois do contrário nada de espiritual resultará. O Espírito Santo confere-nos dons, os quais tornam-se eficazes mediante a Sua unção. "Geração após geração, os descendentes dos sacerdotes haveriam de herdar o ofício e ser firmados no mesmo mediante a unção sagrada" (J. Edgar Park, *in loc.*). Cf. Lev. 8.10,11. Entre outras coisas, a unção era emblema do ensino divino. Os sacerdotes, entre os seus muitos deveres, estavam incumbidos de ensinar o povo. A unção do Espírito leva-nos a *saber* as coisas do Espírito. Nessa unção existe *iluminação*. Ver I João 2.20,27. Uma vez iluminados, procuramos iluminar a outras pessoas.

30.31

Nas vossas gerações. O relato acerca do tabernáculo enfatiza repetidamente a necessidade de continuação, de perpetuidade, pois os ritos e os costumes deveriam prolongar-se por todo o tempo, geração após geração. Os hebreus não antecipavam o fim de seu sistema de adoração, supondo-o perfeito e final, por haver sido dado por Yahweh. Quase todas as religiões supõem que com elas terminam as revelações religiosas e que Deus estagnou nelas. Mas o cristianismo levou a fé religiosa a um novo estágio, e sem dúvida, haverá ainda outros estágios e avanços, no estado eterno, conforme o Espírito levar adiante o plano divino. Os homens pouco sabem sobre isso, mas a última coisa que Deus poderia fazer seria estagnar. Provi em Êxo. 29.42 uma lista de referências que enfatizam a esperada perpetuidade do tabernáculo e seu cerimonial.

Parte das responsabilidades dos sacerdotes levíticos era preservar a fórmula do óleo da unção, não permitindo que o mesmo fosse alterado ou corrompido. E esse óleo santo também não podia ser usado para fins profanos.

30.32

O óleo sagrado nem podia ser manufaturado e nem podia ser usado por homens comuns. O trecho de Êxo. 31.11 mostra-nos que aos sacerdotes cabia a preparação do óleo da unção. Entre eles havia apotecários habilitados. Ver no

Dicionário o verbete chamado *Perfumista*. Um sacerdote não podia dar um pouco desse óleo santo à sua esposa, e nem a algum vizinho ou amigo. Também não podia ensinar a fórmula de sua fabricação a quem não fosse sacerdote. Se tal coisa fosse feita, o óleo santo automaticamente tornar-se-ia profano.

As festividades e os entretenimentos incluíam comumente alguma forma de unção (ver Sal. 23.5; Luc. 7.46). O óleo preparado pelos sacerdotes não podia ser usado nessas ocasiões. Mas outros óleos perfumados podiam ser usados para esse mister. Nenhum outro óleo podia ter os mesmos ingredientes que o óleo santo, mesmo que fosse em proporções diferentes. Nenhum óleo *similar* ao óleo santo podia ser preparado, a fim de que permanecesse sem igual, não podendo ser confundido com qualquer outra composição do perfumista.

Um Ensino Espiritual. Pode haver muitas *imitações* da unção do Espírito. Há fogo estranho e óleo estranho. Jesus ensinou essa mesma verdade usando termos diferentes, em Mat. 7.21 ss. Cf. I João 4.1.

30.33

Será eliminado do seu povo. A profanação do azeite da unção era tida como um crime, e tão grave que o indivíduo que ousasse fazer isso, seria *eliminado*. Alguns eruditos vêem nisso a idéia de exclusão, mas o mais provável é que está em pauta a execução (talvez por apedrejamento). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento*. Em diversas oportunidades foi imposta a pena de morte contra os sacerdotes que não cumprissem corretamente as suas ordens no tocante aos ritos do tabernáculo. Ver Êxo. 28.35,43; 30.20,21. Se um sacerdote podia morrer por motivo de profanação, quanto mais um homem do povo.

Ou dele puser sobre um estranho, ou seja, quem não fosse sacerdote. Não está primariamente em foco um gentio, ainda que, obviamente, neste último caso o ato também seria considerado um crime. Salomão foi ungido com o azeite santo, mas a ameaça de morte não foi executada, e isso por razões desconhecidas (I Reis 1.39).

O Incenso Sagrado (30.34-38)

A partir deste ponto deixamos para trás o santo óleo da unção e passamos para a fórmula do incenso sagrado. Este trecho adiciona algumas informações sobre o altar do incenso, descrito em Êxo. 30.1-10. Tal como no caso do óleo santo, o incenso era um elemento importante que requeria instruções específicas quanto a seu preparo e um uso restrito. "Ainda que originalmente a fumaça do incenso possa ter simbolizado a assimilação dos dons da deidade, uma vez queimado sobre o altar, não demorou muito para tornar-se emblema das orações dos fiéis (Sal. 141.2; Apo. 5.8; 8.3,4)" (J. Edgar Park, *in loc.*). Ver a introdução a Êxo. 30.1 e as notas sobre aquele versículo quanto a informações sobre esse altar e seus simbolismos.

30.34

A composição do incenso sagrado incluía os itens mencionados neste versículo, a saber, *quatro*. No *Dicionário*, no tocante a cada um desses ingredientes, há um artigo detalhado. Esses ingredientes são: estoraque, onicha, gálbano e incenso puro.

"A fórmula do incenso, tanto quanto a fórmula do óleo santo (vss. 22,23), era um segredo guardado pelos sacerdotes. O *estoraque* era um óleo tipo mirra. A *onicha* era uma especiaria extraída de um molusco encontrado no mar Vermelho. O *gálbano* era uma resina aromática extraída de plantas asiáticas. E o *incenso puro* era uma goma resinosa extraída de certas árvores" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Arômatas. Temos aqui a tradução de uma raiz hebraica que significa "cheirar". Eram usados esses quatro ingredientes em proporções iguais, mas nenhuma quantidade é especificada, como se dá no caso do óleo santo.

Quase todo incenso usado no mundo antigo era uma única substância aromática simples. O incenso usado por Israel destacava-se devido à sua composição sem igual. Josefo (*Guerras*, v. 5 par. 5) diz-nos que o incenso usado no templo de Jerusalém compunha-se de treze ingredientes. E se ele estava com a razão, então a fórmula do incenso sagrado foi modificada com a passagem do tempo.

30.35

A composição do incenso sagrado era entregue a um especialista, provavelmente um sacerdote preparado como perfumista. Ver no *Dicionário* o artigo *Perfumista*.

Temperado com sal. Era adicionado o cloreto de sódio ao incenso sagrado, como também aos sacrifícios (Lev. 2.13). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sal*. Alguns eruditos pensam que esse elemento fazia o incenso soltar uma fumaça branca, que talvez fosse simbólica. Mas outros estudiosos vêem um simbolismo no próprio sal. O sal é um condimento e um preservativo. Os crentes devem ser o sal da terra (Mat. 5.13). Os árabes encaravam o sal, o condimento usado em tantos alimentos, como um símbolo de companheirismo. O sal é um elemento de valor, pelo que a palavra *salário* vem de "sal", visto que o soldo dos soldados era em parte pago sob a forma de sal. Para alguns intérpretes, o sal aponta para *graças* ou *virtudes*. Muitos sentidos simbólicos do sal têm sido sugeridos, mas não podemos ter certeza sobre o que estaria na mente do autor sagrado, se é que havia no sal, assim aplicado, algum simbolismo consciente para ele. Também não sabemos qual virtude ou função o sal poderia acrescentar à fórmula do incenso sagrado.

30.36

Uma parte dele reduzirás a pó. É evidente que o material era guardado em forma seca, em pedaços relativamente grandes. Conforme se fizesse necessário, eram destacados pedaços, que eram então pulverizados e utilizados. Alguns pedaços deviam ser postos continuamente diante da arca da aliança, ou sobre o *altar de ouro* (onde se oferecia o incenso), ou talvez à base do mesmo. Sem dúvida, isso representava a necessidade de contínua oração e intercessão. Pedaços do mesmo eram pulverizados e queimados sobre o altar do incenso ou no incensário. As palavras "diante do Testemunho" não apontam para *dentro* do Santo dos Santos, sobre a arca. Antes, devemos pensar *diante* da terceira cortina, mas ainda assim no Lugar Santo. Ver a expressão *Testemunho, em* Êxo. 16.34. A referência é às duas tábuas da lei, postas dentro da arca da aliança, a qual, acima de todas as demais coisas, prestava testemunho da vontade de Yahweh quanto ao povo de Israel.

30.37

O incenso não podia ser preparado para uso privado. Destinava-se absoluta e exclusivamente para uso no tabernáculo, porque era santo para Yahweh. Aquele incenso não podia ser usado para finalidades profanas. Não podia ser emprestado, vendido ou distribuído em qualquer sentido. Outro tanto deve ser dito acerca do azeite da unção (Êxo. 30.32).

30.38

Uma maldição pesava sobre o homem que abusasse do incenso sagrado, utilizando-o para qualquer finalidade privada ou profana. A mesma coisa é dita acerca do óleo da unção (vs. 33), onde comento sobre a questão. A palavra "eliminado" mui provavelmente refere-se à pena de morte, à execução provável por meio de apedrejamento. Ou talvez a idéia aqui seja que o próprio Yahweh, mediante alguma enfermidade ou acidente, faria o ofensor morrer. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Apedrejamento*.

"O que é aqui condenado é fazer da adoração um *mero prazer* para o homem natural, sem importar se trata-se de um prazer sensual, como uma bela música, agradável de ouvir, ou a eloqüência, que meramente deleita a mente natural. Cf. João 4.23,24" (*Scofield Reference Bible, in loc.*). Trata-se de uma importante observação. Quanto esse conceito é necessário hoje em dia na Igreja, onde uma música tipo "rock and roll" é constantemente usada para atrair multidões, e um entretenimento mundano tomou o lugar da adoração solene. A Igreja tornou-se um navio de espetáculos, e não um barco salva-vidas.

Capítulo Trinta e Um

Nomeação de Bezalel e Aoliabe (31.1-11)

A obra do Senhor requer especialistas em várias áreas, visto que o ministério é muito diversificado, tal como um corpo humano compõe-se de muitos membros, cada qual com a sua função específica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Corpo de Cristo*. Cada membro tem sua própria função e está dotado para essa função. Aristóteles pensava que a *virtude* é uma função especializada, e a missão de um ser humano neste mundo cumprir-se-ia através da realização da virtude, em seu cultivo e uso.

Bezalel (vs. 1) e *Aoliabe* (vs. 6) foram homens especiais, dotados de habilidades necessárias para assumirem a liderança na construção do tabernáculo e seus móveis e utensílios. Eles foram os homens de Deus para aquele momento, capazes de cumprir aquela tarefa. Cada indivíduo tem seu próprio papel e seu momento próprio, de acordo com os ditames da vontade divina. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Dons Espirituais*.

31.1,2

Por mandato divino, certos *homens* foram nomeados para a tarefa de erigir o tabernáculo, com seus móveis e utensílios, tal como a mesma orientação divina proveu a idéia de sua construção, com todos os seus intrincados detalhes.

Bezalel. Um famoso artífice, filho de Uri (Êxo. 31.2; 35.30; 36.1,2; 37.1; 38.22), ao qual Yahweh encarregou da construção da arca (e de outros objetos do

tabernáculo) no deserto. A seu cargo estava todo o trabalho em metais, madeira e pedras, e ele atuou como supervisor geral da construção (Êxo. 31.1-5). Pertencia à tribo de Judá, descendente de Perez, através de Hezrom e Uri (I Crô. 2.5; 18.20). Além de sua habilidade como artífice, o Senhor também lhe deu o impulso de ensinar a sua arte a outros (Êxo. 35.34). Viveu em cerca de 1490 A. C. I Crônicas 2.18-20 traça sua ascendência a Calebe. O clã de Calebe, originalmente uma unidade distinta (Juí. 1.11-15,20; I Sam. 30.14) foi finalmente absorvido pela tribo de Judá.

31.3,4

E o enchi do Espírito de Deus. Bezalel era mais que um mero artífice. Um homem pode ser muito capaz em sua arte, sem ser um homem espiritual. Mas o artífice que Deus escolheu para dirigir a ereção do tabernáculo era homem espiritual, cheio de sabedoria, intelectual e espiritualmente qualificado. Sua tarefa não era comum. Era um empreendimento espiritual. Seu conhecimento foi posto a serviço da espiritualidade, onde temos a situação ideal. Os dois grandes esteios da espiritualidade são o amor e o conhecimento, nessa ordem.

Bezalel possuía inúmeras habilidades. Mas a sua espiritualidade também era multifacetada. O conhecimento é uma dádiva divina (vs. 6); o trabalho é nobre quando efetuado em defesa de uma causa boa. Cf. Eclesiástico 38.24,34.

> *O magnificente templo de Deus, onde Ele brilha em toda a Sua glória, é o intelecto.*
> *O seu dom, para aqueles que ali adoram é a capacidade.*
> (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

> *Conhecer é poder.*
> (Francis Bacon)

> *A ignorância é uma maldição de Deus; o conhecimento são as asas com que voamos até o céu.*
> (Shakespeare)

> *Na civilização não há lugar para o ocioso. Nenhum de nós tem direito ao lazer.*
> (Henry Ford)

Em todo artifício. Temos aí a idéia de versatilidade. Bezalel trabalhava bem em um bom número de coisas. Mostrar interesse por muitos campos de atividade é um sinal de inteligência. "A habilidade artística é um dom divino, um dom preciosíssimo, melhor empregado quando posto ao serviço direto de Deus, sempre utilizado em subordinação à Sua vontade, como um empreendimento que se aprimora, que se eleva, que se refina, e jamais como uma força corruptora" (Ellicott, *in loc.*). Todos os dons vêm de Deus (Tia. 1.17), e deveriam ser usados como um encargo sagrado. Bezalel dispunha da rara combinação da versatilidade e da destreza, o que apenas fomentava os seus poderes criativos; e esses poderes foram dedicados ao serviço divino.

Em Homero (*Odisséia* 1.vi vers. 232) encontramos uma idéia semelhante:

> *Como que por algum artista, a quem Vulcano deu*
> *Sua habilidade divina, palpita uma estátua viva;*
> *Ensinado por Palas, moldou o admirável molde,*
> *E sobre a prata derramou o ouro fundido.*

Ver Provérbios 8.12.

31.5

Outras Habilidades de Bezalel. Além de sua habilidade de trabalhar com vários metais, esse homem também sabia lapidar pedras preciosas e entalhar madeira. Na sociedade hebréia, era responsabilidade de um pai dar a seus filhos uma profissão, instruindo-o quanto a alguma habilidade que ele pudesse empregar na sociedade, e assim *ganhar a vida.* Toda pessoa precisa ter algo para vender. Bezalel era superdotado quanto a isso, enquanto que outros estavam afundados em sua miséria.

As *pedras* aqui aludidas foram aquelas que seriam usadas no peitoral do sumo sacerdote, e não o mármore para a construção de templo, embora Bezalel talvez também tivesse tal aptidão. Madeira de acácia foi usada na construção do tabernáculo, da arca, da mesa dos pães da proposição, das colunas, etc. Bezalel talvez tenha ficado sobrecarregado de trabalho; mas é melhor viver sobrecarregado de trabalho do que entregar-se à preguiça e passar fome.

Miguelângelo foi arquiteto, pintor e escultor. Teodoro de Samos (cerca de 600 A. C.) foi arquiteto, artífice em metais e gravador de pedras. Assim sendo, existem homens dotados de muitas habilidades, um sinal de inteligência, mas também de diligência no aprendizado e na aplicação dos conhecimentos. Uma inteligência especial é um dom de Deus. Mas mesmo um homem dotado de inteligência mediana pode fazer maravilhas, se tiver a coragem de aprender e trabalhar. E também existe aquela disposição e aquele poder da *vontade,* sem o que mesmo o homem mais inteligente pouco produz. Metade da realização de qualquer projeto consiste no *entusiasmo.* A experiência mostra que o poder da vontade faz parte da nossa herança genética, mas mesmo um homem com pouca força de vontade pode fortalecer-se quanto a esse ponto, mediante a aplicação pessoal. Não existe nenhuma verdade naquele provérbio capenga, que diz: "Meu pai trabalhou muito, e eu já nasci cansado".

31.6

Aoliabe. No hebraico, esse nome significa *tenda de seu pai.* Ele foi um habilidoso artífice da tribo de Dã, nomeado juntamente com Bezalel para construir o tabernáculo (Êxo. 35.34). Era filho de Aisamaque. Esse homem era o *companheiro de tarefas* de Bezalel. Temos aí uma verdade espiritual que facilmente pode ser observada. Certos *pares* operam juntos muito bem, e juntos podem fazer um bom trabalho, onde um sozinho pouco ou nada faria. Considero meu tradutor, João Marques Bentes, como meu companheiro de tarefas. Além de seu trabalho como tradutor, e além de suas contribuições para a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ele tem tornado possível o meu trabalho através dos anos, sempre pronto e entusiasmado para encetar outra tarefa árdua e demorada. Os companheiros de tarefas sempre têm *outros trabalhos* a serem feitos, em campos nos quais os dois pouco ou nada têm em comum. Mas há aquela tarefa *em comum* em que um completa o outro, tornando-os *companheiros de tarefas.* Jesus enviou os Seus setenta discípulos de *dois em dois* (Luc. 10).

Aoliabe, a exemplo de Bezalel, não era apenas um artífice. Também era homem dotado de sabedoria espiritual incomum. O serviço divino não poderia ter sido concretizado por qualquer artífice ordinário. Ele também precisava ter qualificações espirituais. Um homem profano pode ser um bom artífice, mas um homem profano jamais seria convocado para trabalhar na casa do Senhor, o tabernáculo.

Enumeração dos Itens (31.7-11)

Esta breve seção enumera aqueles itens cuja confecção requeria habilidades raras como as de Bezalel e Aoliabe. Havia uma gigantesca tarefa posta diante deles, e cada item haveria de exigir ao máximo o conhecimento e as habilidades deles, a ponto da perfeição.

Todos os itens aqui referidos já tinham sido mencionados, e já havia instruções acerca de sua confecção. Mas agora aprendemos que esses dois supervisores tomaram a tarefa uma realidade palpável. O vs. 10 menciona *vestes finamente tecidas,* algo que não havia ainda sido mencionado. Entendemos que essas vestes faziam parte dos paramentos sagrados do sumo sacerdote e dos sacerdotes. Se os dois supervisores por acaso não fossem bem preparados na arte do tecelão, sem dúvida, poderiam encontrar mulheres que os ajudassem nesse setor.

31.7

A tenda... e todos os pertences da tenda. Esta abrangente declaração começa a aludir à arca, o primeiro item que deveria ser confeccionado (Êxo. 25.10-22). Também foi o primeiro item a ser ungido para o serviço (Êxo. 30.26). E somente depois vieram outras peças, como a mesa dos pães da proposição, etc., alistadas nos vss. 8 ss. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança.*

O propiciatório. Ou seja, a tampa da arca, que recebia o sangue do sacrifício. Ver no *Dicionário* o artigo *Propiciatório.*

A arca da aliança requeria trabalho habilidoso em madeira. O propiciatório, trabalho habilidoso em ouro.

31.8

Os três móveis aqui alistados exigiam habilidades diversas: A *mesa* (Êxo. 25.23-30), em madeira e ouro; o *candelabro* (Êxo. 25.31-40), em ouro; e o *altar do incenso* (Êxo. 30.1-10), em madeira e ouro. E também devemos pensar em muitos itens, acessórios dos diversos móveis, como as tenazes, os apagadores, etc., que eram objetos de metal.

31.9

O altar do holocausto. Também era chamado de altar das ofertas queimadas (Êxo. 27.1-7), e exigia habilidade no manejo com madeira e bronze. E também havia acessórios, itens de metal como panelas, pás, bacias, ganchos, braseiros, etc. (Êxo. 27.3). A *bacia de bronze* (Êxo. 30.17-21), conforme diz seu nome, era feita de bronze.

31.10

As *vestes sacerdotais,* que já pudemos descrever longamente, em Êxo. 28.4,40-42. Mas os intérpretes não sabem o que significam as palavras "vestes finamente tecidas". As opiniões são variadas: 1. As roupas de baixo dos sacerdotes. 2. Panos

para embrulhar os instrumentos (Êxo. 39). 3. A Septuaginta diz aqui "vestes litúrgicas". 4. Vestes solenes. 5. Mas alguns bons intérpretes pensam que as declarações "vestes finamente tecidas" e "vestes sagradas" são referências paralelas a esses mesmos itens, ou seja, as vestes sacerdotais que já foram descritas nos capítulos anteriores. 6. Mas é possível que a primeira dessas expressões indique o vestuário especial de Arão; e que a segunda delas aponte para as vestes dos sacerdotes, o que significa que se fazia uma certa distinção entre as duas classes de vestes: vestes do sumo sacerdote e vestes dos sacerdotes comuns. É possível que o trecho de Êxo. 39.41 favoreça esta última interpretação.

31.11

Havia ainda a questão da composição cuidadosa do óleo da unção, que vimos em Êxo. 30.22-33. Os dois artífices supervisores parece que também ficaram encarregados disso, talvez não fazendo o trabalho propriamente dito, mas cuidando para que o *perfumista* (ver a respeito no *Dicionário*) fizesse bem o seu trabalho, seguindo as ordens específicas que tinham sido baixadas a respeito.

O Sábado (31.12-17)

Encontramos aqui a repetição das leis acerca do sábado ou descanso. Alguns críticos pensam que isso se deve ao trabalho editorial da fonte *P.(S.)*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Notas expositivas sobre outros trechos bíblicos também devem ser examinadas: Gên. 2.2,3 e Êxo. 20.8,9. No *Dicionário* há um artigo detalhado chamado *Sábado*, o qual deve ser consultado. No capítulo dezessete do Gênesis, o *sinal* do Pacto Abraâmico era a circuncisão. Mas o grande sinal do Pacto Mosaico (ver as notas a respeito em Êxo. 19.1) era a guarda do sábado. O artigo sobre o sábado inclui a controvérsia em torno da questão se o cristão está na obrigação de observar esse dia. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Sábado Cristão* e *Sabatismo e Observância de Dias Especiais*.

Tipo. O sábado simbolizava o descanso que temos em Cristo, ou seja, a salvação eterna. Ver Heb. 4.1,3-5,8-11. No *Dicionário* ver o verbete *Salvação*.

31.12,13

Todos os sábados ou descansos faziam parte da *legislação sabática*, com propósitos comuns. Esses sábados, como uma unidade, tornaram-se o *sinal* do pacto mosaico (ver as notas sobre Êxo. 19.1). "O sábado, antecipado pela tradição sacerdotal (Êxo. 16.22-30), é aqui formalmente instituído no Sinai" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Mas já vimos isso confirmado de maneira formal em Êxo. 20.8,9.

"O sábado era um *sinal* (vss. 13,17) do pacto que fez de Israel uma teocracia. Era um teste da consagração da nação a Deus; se não fosse mantido santo, a conseqüência seria a morte. . . Esse mandamento, declarado no decálogo (Êxo. 20.8), estava baseado no fato de que Deus descansou, terminada a Sua obra de criação, em seis dias (Êxo. 31.17). . . O sábado assinalava Israel como o povo de Deus. A observância do sábado mostrava que os israelitas foram separados (isto é, santificados) para Deus" (John D. Hannah, *in loc.*).

Nas vossas gerações. Os hebreus não antecipavam o fim de seus ritos, leis e cerimônias. Por isso, no tocante ao tabernáculo, por todo o tempo achamos a insistência de que tudo fosse observado de maneira *perpétua*. Em Êxo. 29.42, comentei sobre essa questão, onde também dou uma lista de referências.

O sinal da circuncisão era menos distintivo, pois muitas nações praticavam-na. Mas o sábado foi uma criação distintivamente judaica, pelo que servia muito bem de *sinal*.

31.14

Morrerá. . . será eliminado. Temos aqui duas expressões sinônimas. Provavelmente está em foco a execução por apedrejamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Apedrejamento*. Quem quer que ousasse não seguir o exemplo divino do descanso ao sétimo dia (Gên. 2.2,3) não poderia sobreviver em Israel. Lembremo-nos que o sábado se tornou o *sinal* do pacto mosaico, pois violar esse sinal era anular o pacto (ver as notas a respeito em Êxo. 19.1). Essa era uma questão da maior gravidade. Os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) faziam parte do pacto, mas o mandamento acerca do sábado (o quarto mandamento, comentado longamente em Êxo. 20.8-11), era o sinal do todo. O sábado não era apenas um dia de descanso, uma prática sábia que visava à restauração das energias físicas, após seis dias de trabalho. Era também uma lei sagrada que honra a Yahweh.

O sábado era o *sinal* (vs. 13) do pacto mosaico. Em Cristo, porém, o pacto mosaico foi substituído pelo Novo Pacto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*. Quanto à controvérsia acerca do sábado, ver os artigos referidos nas notas sobre Êxo. 3.12, em suas notas introdutórias.

"Chegada a ocasião própria, não se hesitou em cumprir a lei (da execução) (Núm. 15.32-35)" (Ellicott, *in loc.*).

31.15

Este versículo repete, quase exatamente, o fraseado de Êxo. 20.9,10, sobre o *quarto mandamento*. Por isso, as notas ali aplicam-se aqui. O homem tem a obrigação de trabalhar durante seis dias por semana. Ninguém tem o direito de viver no ócio. Mas o sétimo dia pertence a Yahweh, e deve ser um dia de descanso, de reflexão espiritual e de serviço. Aquele que ousasse desobedecer a esse mandamento, era executado, uma informação dada aqui de novo, para efeito de ênfase, mas que já foi comentada no versículo anterior deste capítulo. O Targum de Jonathan adiciona aqui: "mediante apedrejamento". Essa era a forma mais comum de execução entre os hebreus.

31.16

Por aliança perpétua. Os hebreus não antecipavam o fim de suas leis, dos ritos do tabernáculo e de sua forma de cultuar a Deus, e, sem dúvida, não antecipavam o fim da lei do sábado, o sinal mesmo do pacto mosaico (vs. 13). Assim, de vez em quando, encontramos uma observação como a deste versículo, requerendo perpetuidade, ou seja, observância do pacto mosaico por *todas as gerações* do povo de Israel. Dei notas expositivas a respeito, com uma lista de referências, em Êxo. 29.42. Uma das coisas que isso ilustra é que Deus não é um Ser estagnado. Os homens podem pensar que as suas fés religiosas representam o passo final de Deus, a Sua revelação final. Mas os limites impostos pelos homens serão sempre os limites de suas próprias mentes, e não limites genuínos. Coisa alguma é mais comum na atitude religiosa do que a posição que diz: "Chegamos. Deus nos deu tudo. Esta é a perfeita fé de Deus, que não está sujeita a mudanças!" Porém, consideremos o quanto o mundo espiritual já evoluiu desde que se falava em *perpetuidade* em Israel. Coisa alguma é mais certa do que uma contínua evolução espiritual. Deus nos tem revelado muitas coisas; mas muitas outras grandes revelações divinas ainda nos serão conferidas, e muitos outros ciclos da história religiosa. A última coisa que Deus faz é estagnar.

Quando veio o Messias, Jesus Cristo, todas as sombras, ritos e cerimônias dos judeus, que alegadamente eram finais, fugiram e desapareceram, tal como a luz espanta as trevas. Pois a *Luz de Cristo* era tão grande que a luz de Moisés, comparativamente falando, reduziu-se a trevas.

31.17

É sinal para sempre. Conforme foi dito e anotado no vs. 13. Aqui a alusão é a como Yahweh deu um sinal, por ocasião da criação. Elohim trabalhou durante seis dias, e, então, descansou ao sétimo. A lei do sábado remonta àquela ocasião, como um precedente bíblico (ver Gên. 2.2,3), e agora tornava-se o sinal do pacto mosaico. Foi assim que o sinal original tornou-se um novo sinal. A teocracia foi estabelecida com base nesse sinal. Ele separou para Si mesmo um povo santo.

Uma relação especial entre Deus e o Seu povo era inerente e potencial desde a criação. E agora essa potencialidade era *aplicada* ao pacto mosaico. A lei da criação serviu de raiz do que agora acontecia. Havia a raiz e o tronco da árvore, e ambas as coisas demandavam a lei do sábado. Nisso era previsto o bendito descanso final, a bem-aventurança do céu. Ver Heb. 4.1,3-5,8-11. O verdadeiro descanso espiritual, em Cristo, é espiritual em sua realização, que se dá na salvação da alma. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salvação*.

Conclusão - As Tábuas de Pedra

31.18

Chegamos agora ao último ponto das instruções relativas ao tabernáculo e seu culto. Esta seção começa com o pacto mosaico (19.1), sob cujas circunstâncias Deus deu a lei. No *desdobramento* da lei, e com vistas à sua observância apropriada, foram adicionados o tabernáculo e sua forma de culto. Assim sendo, tendo completado um ciclo, voltamos à lei. Somos agora informados que os *dez mandamentos* (ver no *Dicionário*) foram inscritos em tábuas de pedra, pelo dedo (ou agência) do próprio Yahweh. Era esse o *testemunho* que foi posto no interior da arca da aliança. Ver Êxo. 16.34; 25.16,21,22; 26.33,34; 27.21; 30.6,26,36; 31.7,18; 32.15; 34.19; 40.3,5,20,21. Esse era o testemunho de Deus para o homem, a declaração de Sua santa vontade; as Suas expectações acerca do homem. A lei era uma revelação divina. Testificava de Sua santidade e da santidade que Ele esperava dos homens. Essa lei tornou-se a base mesma da fé de Israel, sendo o fator mais proeminente da antiga dispensação.

E, tendo acabado de falar. Ou seja, ao fim dos quarenta dias e quarenta noites (Êxo. 24.18), durante os quais as revelações foram dadas.

Escritas pelo dedo de Deus. Ver Deu. 9.10; Sal. 8.3; Luc. 11.20. Não devemos entender essas palavras em sentido literal, como se Deus tivesse dedos; mas figuradamente, pela *agência* de Deus, algum poder que Ele exerceu para realizar a obra. O versículo informa-nos que foi o próprio Yahweh quem deu a lei, e não algum anjo ou teofania.

Muitas fantasias circundam este texto. O Targum de Jonathan diz que essas pedras eram de *safira*, tiradas diretamente do trono de Deus. Alguns intérpretes chegaram mesmo a tentar calcular as dimensões e o peso das tábuas de pedra. Outros pensam que elas eram feitas de mármore; outros, de pedras preciosas. Alguns intérpretes cristãos vêem na *dureza* dessas pedras a dureza dos corações humanos, a qual, naturalmente, levaria os homens a desobedecer ao que estava escrito naquelas tábuas. Ainda outros falam na firmeza e na estabilidade da vontade e das revelações de Deus, tudo isso tipificado nas tábuas de pedra. E outros vêem o aspecto de eternidade no material durável da pedra. Fosse como fosse, a lei perene de Deus é inscrita nos corações dos regenerados (II Cor. 3.3), e não sobre pedras. Ver Êxo. 32.16 quanto aos *dois jogos* de tábuas de pedra.

Capítulo Trinta e Dois

A Idolatria do Povo (32.1 — 33.23)

O Bezerro de Ouro (32.1-6)

O texto à nossa frente provê um dos mais *violentos contrastes* de toda a Bíblia. Moisés tinha estado no monte por quarenta dias e quarenta noites, tinha recebido a lei, tinha recebido instruções relativas ao tabernáculo e seu culto, e até mesmo tinha recebido as tábuas de pedra que continham os dez mandamentos. Foram todos esses grandes momentos; foram todas elas grandiosas revelações. Porém, embora Moisés se tivesse ausentado somente por quarenta dias e quarenta noites (Êxo. 24.18), ao retornar do monte, achou o povo totalmente apostatado, e o grande Arão (o líder recentemente escolhido) ajudava-os a promover a mais crassa forma de idolatria possível.

Assim também, o *próprio homem* é um contraste dos mais violentos, ora exibindo a sua espiritualidade, ora exibindo os elementos mais baixos de sua natureza. O homem é um desapontamento que precisa ser guiado pouco a pouco, porque é incapaz de passos largos e permanentes. Por esse motivo, o Espírito lhe é dado, a fim de ajudá-lo. Essa é também a razão pela qual o *Logos* precisou fazer intervenção (João 1.14).

O pecado de Israel, bem no meio de grandes revelações, serve de prova de que não seriam capazes de preencher as expectações de Yahweh. Sem dúvida, no fim eles fracassariam, conforme tinha acontecido no começo. Sem embargo, foi um dos grandes marcos da história espiritual quando Deus inscreveu a lei sobre tábuas de pedra. Mas aquele não foi o capítulo final da história espiritual do homem. Muitos outros capítulos haveriam de seguir-se.

Em harmonia com a graça divina, onde houve fracasso, houve restauração. Sem esta, verdadeiramente o homem nada é. E a restauração faz-se sempre presente porque Deus é perene amor. Os próprios juízos de Deus são remediais, sempre apontando para aquilo que a Sua graça pode fazer em favor dos homens.

"Enquanto *Moisés* experimentava um notável triunfo espiritual, o *povo* de Deus precipitava-se de cabeça ao mais inferior nível de espiritualidade. Deus tinha manifestado reiteradamente o Seu poder e compaixão, mas o povo mostrava que sempre acabava se esquecendo disso. Por várias vezes, no livro de Êxodo, os israelitas reagiram com insensibilidade e rebeldia contra as notáveis demonstrações da bondade divina" (John D. Hannah, *in loc.*).

A mensagem de Deus tinha sido dada (Êxo. 31.18). O dedo de Deus havia inscrito os dez mandamentos. Agora, o *testemunho* estava ali. O homem precisava aprender, pela dura experiência, que a retidão não vem por meio do esforço humano, e que Deus precisava inscrever nas tábuas do coração as Suas leis, na *vida* e na mensagem de Jesus, o Messias. E essa *vida* tornou-se o novo testemunho.

32.1

Mas vendo o povo que Moisés tardava. Quarenta dias e quarenta noites (Êxo. 24.18) não constituem um longo tempo. Mas esse foi um período de teste longo o bastante para que Israel falhasse miseravelmente. A maioria dos homens é reprovada diante de seus testes espirituais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quarenta* quanto aos sentidos simbólicos desse número, com exemplos bíblicos. Dotados de corações empedernidos, os israelitas riscaram Moisés de suas cogitações. Arão estava presente; e para o que precisariam de Moisés? Em sua impaciência, rebeldia e estupidez, caíram de volta ao tipo mais vil de idolatria. (Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*). Moisés os havia tirado *para fora* do Egito; mas em seu coração e espírito, eles haviam *retornado* àquele lugar de servidão, bem como à idolatria do mesmo.

"Quando examinamos com cuidado o resto das Escrituras, achamos razões para crer que o povo de Israel demonstrava certo pendor para a idolatria, antes mesmo de deixarem o Egito, e que esse pendor agora atingia um alto grau de desenvolvimento (ver Lev. 17.7; Jos. 24.14; Eze. 20.8; 23.3). Essa tendência fora refreada por uma série de manifestações extraordinárias, que tinham acompanhado o êxodo. Agora, porém, na ausência de Moisés, em meio à incerteza que prevalecia se ele estaria ainda vivo ou não, e na retirada da presença divina do acampamento, que até então seguira na frente deles, os seus instintos idolátricos evidenciaram-se de novo" (Ellicott, *in loc.*).

"As pesquisas arqueológicas têm deixado claro que mesmo nos oásis e lugarejos mais remotos, em Israel, compartilhava-se da substância da religião cananéia da fertilidade e de seu culto" (J. Edgar Park, *in loc.*). No entanto, Moisés ensinava a fé e a lealdade exclusiva a Yahweh.

32.2

Tirai. . . e trazei-mas. O *bezerro de ouro* requeria grande quantidade de ouro, e Arão apelou principalmente para as argolas de ouro das mulheres e crianças de Israel. Isso deve ter constituído um considerável sacrifício pessoal para as mulheres, mas os homens é que estavam dando tal ordem. O povo de Israel esteve por vários séculos no Egito, e as mulheres israelitas naturalmente tinham adquirido jóias e enfeites valiosos. Além disso, na hora da partida do Egito, os israelitas tinham *tomado por empréstimo* muitas coisas de valor dos egípcios (Êxo. 12.35,36). Isso posto, havia um suprimento adequado de objetos de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Anel.*

Plínio informa-nos (*Hist. Nat.* 1.11 c. 37) que, nos países orientais, homens e mulheres, igualmente, usavam argolas de ouro. O trecho de Juízes 8.24 reflete esse costume, pelo menos entre os ismaelitas. Mas se porventura os varões israelitas usavam tais adereços, pelo menos não contribuíram com os mesmos para a imagem que Arão esculpiria. As crianças, meninos e meninas, conforme este versículo nos diz, também usavam tais argolas, e tiveram que doá-las.

"Brincos eram usados no Oriente quase tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Quase todos os monarcas e assírios, e alguns reis egípcios são representados nas gravuras usando tais enfeites" (Ellicott, *in loc.*).

Arão. Quão facilmente ele parece ter cedido diante das exigências do povo. Também é possível que ele mesmo estivesse interessado em promover a idolatria. É triste quando os líderes falham. O juízo contra eles será mais severo (Tia. 3.1). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Bezerro de Ouro.*

32.3

Uma obediência mal colocada. Arão disse para eles fazerem algo de errado, e eles prontificaram-se a obedecer. Há uma condenação especial reservada aos líderes que ensinam as pessoas a fazerem algo de errado. Ver Rom. 1.32; Mat. 23.15. O povo sacrificou *ouro* em uma causa ridícula. As causas más atraem dinheiro e entusiasmo. A idolatria, tanto na antiguidade quanto hoje em dia, tem sido sustentada pelas doações sacrificiais do povo. As pessoas têm fé, mas uma fé *má*, uma fé mal utilizada.

32.4

Um bezerro fundido. Talvez em imitação ao formato do deus-boi do Egito, *Ápis* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Essa divindade egípcia era um touro negro com manchas brancas distintivas, cuja adoração estava ligada à de vários outros deuses. Em Mênfis, no Egito, o boi (Ápis) era considerado o corpo do deus *Ptah.* Quando o deus-boi morria, era enterrado com um elaborado cerimonial. Corpos embalsamados de bois, descobertos no cemitério de Ápis, pertenciam ao período do último império até a época dos Ptolomeus. Ver no *Dicionário* o artigo *Egito,* em seu quinto ponto, *Egito, Religiões do.* Nessa adoração ao touro, usavam-se *animais vivos*, embora também houvesse imagens que representavam esse culto, pelo que várias formas de idolatria estavam envolvidas no bezerro de ouro.

O novilho era um símbolo de fertilidade, nas religiões naturais do antigo Oriente Próximo e Médio (cf. I Reis 12.28; Osé. 8.5). O bezerro de ouro provavelmente era uma escultura recoberta de ouro, e não feita de ouro sólido, a menos que fosse bastante pequena. Aquele ídolo ridículo recebeu o crédito pela execução do êxodo, em lugar de Yahweh; e nisso vemos o propósito de zombarem de tudo quanto o Senhor havia feito em favor deles. Logo, estavam misturando uma incrível ingratidão com a idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Bezerro de Ouro.*

Trabalhou o ouro com buril. Muitos eruditos, antigos e modernos, têm dado alguma tradução possível do original hebraico, como "amarrou-o em uma sacola" ou "pô-lo em uma sacola" (talvez uma sacola de linho), conforme Jarchi opinou. Nesse caso, a imagem era bastante pequena para ser transportada facilmente por uma pessoa. Provavelmente era feita de ouro sólido, e não apenas recoberta de ouro. Cf. II Reis 5.23 quanto ao original hebraico envolvido.

32.5

Edificou um altar diante dele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar*. Arão chegou ao cúmulo de erigir um altar diante daquele pedaço de ouro. E se tornou o sacerdote oficiante de um culto falso e ridículo. Sem dúvida, esse altar era simples, feito de pedras e terra (Êxo. 20.24,25).

Os teus deuses. Essa afirmação de Arão chega a tomar-nos de surpresa. Moisés tinha proclamado uma festa em honra a Yahweh, e no entanto, ali estava aquela tola imagem de ouro guardada na sacola de linho. Mas o que há de mais comum, em nossos dias, do que a mistura de formas de adoração cristã e idólatra? O resultado desse sincretismo é um monstro ridículo. Alguns procuram desculpar Arão quanto a essa atitude, supondo que ele teria feito um esforço honesto para incorporar a adoração ao touro à adoração a Yahweh, tornando-a um culto *subordinado*. Mas o que realmente sucedeu foi uma violenta violação do primeiro mandamento. Ver Êxo. 20.3,4, onde a questão é comentada.

32.6

Tanto os *holocaustos* quanto as *ofertas pacíficas* eram formas pré-mosaicas, e ambas essas formas foram incorporadas à adoração no tabernáculo. Ver Gên. 4.3,4; Êxo. 18.12; 20.24. Tendo providenciado quanto ao aspecto religioso, eles passaram para o aspecto secular, cantando, dançando e, provavelmente, ocupando-se em toda forma de prática sensual, fornicação e prostituição cultuai. Os Targuns referem-se à imoralidade dos israelitas, nessa oportunidade. Portanto, além do primeiro mandamento, também foi violado o sétimo. Paulo comentou sobre o evento, em I Cor. 10.7. O contexto sugere que houve práticas imorais. Portanto, um rito religioso transmutou-se em uma orgia, e Arão, que havia perdido legalmente os seus privilégios sacerdotais, mediante tal sincretismo, agora postava-se impotente, observando todo aquele deboche.

As festividades religiosas eram acompanhadas pelo regozijo (Deu. 12.7,18; 14.26; 16.11,14), o que, sem dúvida, incluía danças. Naquela ocasião, porém, foi um verdadeiro carnaval. Ninguém estava ali para adorar, mas para participar de um bacanal. Cf. este versículo com Núm. 25.1-9; I Reis 14.24; Amós 2.7. A atmosfera mundana de muitos cultos religiosos hoje em dia, com sua música própria para dançar, não diferindo praticamente em nada da música executada nos salões de bailes, é uma versão moderna da corrupção que houve naquela festa em honra ao bezerro de ouro.

A Ira de Deus (32.7-10)

Moisés, em estado de êxtase, no monte Sinai, foi informado por Yahweh sobre o que estava acontecendo no vale. A ira divina em breve haveria de manifestar-se. Milhares de israelitas haveriam de morrer (vss. 27,38). Somente uma operação radical poderia purificar toda aquela imundícia. Yahweh até já se dispunha a começar tudo de novo, primeiramente aniquilando todo o povo de Israel, para então fazer de Moisés o progenitor de uma raça inteiramente nova (vs. 10). Mas Moisés fez intercessão, dissuadindo o Senhor dessa idéia, e, finalmente, prevaleceu.

32.7

Vai, desce. Moisés deveria descer do monte Sinai, onde estivera durante quarenta dias e quarenta noites (Êxo. 24.18). Os israelitas haviam caído na mais total desgraça, por terem seguido a sua natureza pervertida, impulsionados pela sua vontade distorcida. Talvez o bezerro de ouro fosse tido como um emblema de Yahweh, que os ajudasse a adorar melhor. Mas se assim pensaram, então estavam crassamente equivocados. Toda a prática estava podre, sem importar como a tenham tentado justificar. Os corruptos sempre descobrem meios para justificar suas práticas corruptas.

Notemos o jogo de palavras aqui, "o teu povo", que Moisés teria tirado do Egito. Yahweh não os estava mais chamando de *Seu* povo, conforme, por tantas vezes, vimos até esta altura do livro de Êxodo. Ver Êxo. 3.10; 5.1; 7.4; 8.1; 9.1 e 10.3 como exemplos. O povo por assim dizer afirmava: "Esta imagem faz-me lembrar de Deus; e é por isso que a estou venerando". Mas Yahweh replicou: "O teu povo se corrompeu".

32.8

Este versículo passa em revisão as condições descritas nos vss. 1-6, ou seja, Yahweh estava descrevendo para Moisés o que tinha acontecido, e estava enumerando cada item. O deslize para a idolatria tinha sido algo voluntário, com plena consciência do que eles estavam fazendo. E os resultados foram desastrosos (vs. 27 ss.).

32.9

Tenho visto a este povo. Essa era a avaliação divina acerca dos israelitas: um povo de *dura cerviz*. Essa é a primeira instância dessa expressão no Antigo Testamento, e que veio a tornar-se usual como descrição da nação de Israel. Ver Êxo. 32.9; 33.3,5; 34.9; Deu. 9.6,13; 10.16; 31.27; II Crô. 30.8; Sal. 75.5; Jer. 17.23. E, no Novo Testamento, ver Atos 7.51. A metáfora deriva-se da circunstância em que um cavalo não obedece ao cavaleiro, mas que, de pescoço duro, segue para onde melhor lhe parece. Também pode apontar para os animais que eram espicaçados com aguilhões, para que se pusessem a puxar o arado. Mas em vez de fazerem o trabalho, endureciam os músculos do pescoço e resistiam às aguilhoadas, seguindo a direção que quisessem. Aben Ezra via uma aplicação literal ao indivíduo que foge para fazer sua própria vontade, e que, quando é chamado, nem se dá ao trabalho de volver a cabeça, reconhecendo sua convocação. Está em destaque uma estupidez obstinada, voluntariosa, que teimosamente resolve seguir uma causa má, de maneira inflexível, indisciplinada, resolvida a fazer o mal, perversa em seu desígnio, sem dar atenção à qualquer reta instrução, que chega mesmo a ser *autodestrutiva*. Pois faz coisas reconhecidamente *prejudiciais a si mesma*. Sócrates supunha que "a virtude consiste em conhecimento". Em outras palavras, que se um homem realmente *soubesse* o que lhe é melhor, faria tal coisa. Porém, sabe-se que por muitas vezes as pessoas inclinam-se para a autodestruição, tão profunda é a sua perversidade.

32.10

Yahweh pediu de Moisés que não o importunasse com orações de intercessão, porque isso poderia abrandar Sua resolução indignada de pôr um ponto final àquele povo rebelde. E, então, Moisés poderia vir a ser o progenitor de uma raça inteiramente nova. A expressão usada neste versículo é, naturalmente, antropomórfica, pois atribui a Deus emoções e atributos tipicamente humanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. A linguagem humana limitada força o homem a utilizar tal tipo de linguagem, por falta de capacidade de falar sobre Deus de maneira mais clara. É precário pensar que Deus *se ira* a exemplo da ira humana, ou que tenha emoções parecidas com as da condição humana. Porém, por falta de expressões lingüísticas mais apropriadas, somos forçados a apelar para uma linguagem antropomórfica.

Ao falar com Moisés, é como se Yahweh tivesse dito: "Arreda da minha frente, para que eu possa fazer o que é preciso com este povo miserável!" Pois o Senhor sabia que Moisés tenderia por interceder pelo povo de Israel. Mas ao assim dizermos, caímos novamente em um antropomorfismo.

Por assim dizer, Moisés tornar-se-ia um novo Abraão, e as intenções do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) seriam transferidas para Moisés e *seus descendentes*, ou seja, para um dos ramos da tribo de Levi. As demais tribos seriam obliteradas, extintas. O Pacto Abraâmico seria preservado, contudo, visto que Moisés era descendente de Abraão, mas haveria de estreitar-se a um pequeno segmento do povo original de Israel.

Moisés Intercede por Israel (32.11-24)

Nesta seção há *duas distintas* orações intercessórias de Moisés em favor do povo de Israel: Êxo. 32.11-13 e Êxo. 32.30-35. Ver no *Dicionário* o verbete *Intercessão*.

A Primeira Intercessão de Moisés (32.11-13)

Argumentos:

1. Yahweh não podia negar e esquecer-se de Seu próprio povo (vss. 7,11).
2. Ele não poderia desfazer a grande obra que tinha feito, ao tirar Israel do Egito, pois isso daria a Faraó a vitória, afinal (vs. 11).
3. Ele não poderia anular a glória que havia adquirido para Si mesmo, mediante a ação de Sua mão poderosa (*cf.* Êxo. 9.16 - 32.11).
4. O *significado* do êxodo seria pervertido pelos egípcios, os quais ansiariam por ver Yahweh destruir o Seu próprio povo, em vez de salvá-lo (vs. 12).
5. O Pacto Abraâmico, as promessas aos antepassados da nação de Israel, não seria cumprido da maneira originalmente tencionada e prometida (vs. 13).
6. Yahweh havia jurado, em confirmação às Suas promessas a Abraão, e esse juramento estava alicerçado sobre o próprio caráter divino. E o caráter de Yahweh seria posto em dúvida (vs. 13).
7. Moisés faria Abraão entrar em eclipse, pois de Moisés procederia um Israel reduzido, e não o Israel universal, descendente de Abraão (vs. 13).
8. Os homens esperavam, com toda a razão, misericórdia e graça, os atributos do amor. Se Deus terminasse destruindo o povo de Israel, onde ficaria o famoso amor de Deus? (vss. 12,13).

32.11

Este versículo contém os *três primeiros* argumentos de Moisés, alistados acima, nas notas de introdução a esta seção. Não é coisa de somenos um pai desprezar seus filhos. Yahweh havia chamado Israel de seu *filho* (Êxo. 4.22). Esse filho era *Seu* povo. Ver Êxo. 3.7; 5.1; 7.4,16; 8.1; 9.1; 10.3 quanto à expressão "meu povo".

Faraó havia dito que não conhecia a qualquer Deus "Yahweh", embora não tenha precisado de muito tempo mais para saber acerca Dele (Êxo. 5.2). A realização do êxodo tinha dado a Yahweh fama no mais poderoso reino da terra na época, uma fama que tinha chegado aos ouvidos das nações circunvizinhas. Um povo de Israel destruído ao pé do monte Sinai anularia essa realização. Yahweh não poderia anular a Sua própria obra e glória, por meio de uma destruição precipitada.

32.12

Este versículo contém o *quarto argumento* que Moisés usou para convencer Yahweh a mudar de idéia quanto ao povo de Israel. O próprio sentido do êxodo seria pervertido. Yahweh seria tido como destruidor e os homens diriam que fora para destruir (e não para salvar) que Ele tirara Israel do Egito. E Yahweh seria então visto como um vilão pior do que o próprio Faraó. Apesar de toda a pressão, Israel havia sobrevivido a Faraó; mas se Yahweh destruísse Israel no monte Sinai, ficaria anulada a própria razão do livramento. Isso seria *mal*, conforme lemos quase no final deste versículo. Esperamos a bondade da parte de Deus, bondade mediada pelo amor. Até os juízos divinos podem exibir amor e boas intenções, pois *certas medidas severas podem tornar-se necessárias. Mas simplesmente* destruir um filho (Êxo. 4.22) seria um *mal*.

32.13

Moisés acusou Yahweh de estar prestes a anular o Pacto Abraâmico, o que subentendia certo número de conseqüências. Neste versículo achamos os argumentos quinto a oitavo, de acordo com a lista nas notas introdutórias ao vs. 11 deste capítulo. Moisés poderia tornar-se progenitor de uma nova nação, uma espécie de Israel reduzida, descendente somente da tribo de Levi, mas isso dificilmente cumpriria o juramento que Deus fizera a Abraão de que ele seria pai de várias nações, e de uma grande nação (Israel). Ver as notas sobre Gên. 15.18 quanto às provisões do *Pacto Abraâmico*, as quais ilustram esse ponto. Moisés descendia de Abraão, mas havia muitos outros a quem as promessas também se aplicavam. Deus reduziria o escopo de Suas promessas, e isso não cumpriria os intuitos do Pacto Abraâmico.

Além de Abraão, havia os patriarcas Isaque e Jacó, muitos dos quais descendentes pereceriam no ato destrutivo de Yahweh diante do monte Sinai. Em certo sentido, Moisés restaria como único patriarca histórico de Israel.

Yahweh é o Deus *graça* (ver a esse respeito no *Dicionário*); e o amor e a misericórdia devem temperar cada ato divino. O próprio juízo divino é aplicado em meio ao amor, visto que tem por intuito não somente castigar, mas também remediar o mal (I Ped. 4.6). O próprio julgamento dos perdidos traça esse intuito. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos* quanto ao desenvolvimento desse conceito.

32.14

Então se arrependeu o Senhor. A idéia que Deus pode alterar Sua mente, como se Sua capacidade de planejar, com base em Sua presciência, fosse defeituosa, é um ataque intolerável contra a correta compreeensão dos atributos de Deus. Portanto, os intérpretes oferecem várias explicações sobre como pode ser que o Todo-Poderoso possa arrepender-se, ou seja, mudar de mente:

1. *Um Deus limitado.* Deus não seria nem onisciente e nem onipotente, embora dotado de grande conhecimento e poder. Assim sendo, seria perfeitamente possível que até Deus possa arrepender-se a respeito de algo ao ver que seguir um outro curso de ação é mais vantajoso.
2. Estamos diante de uma *linguagem antropomórfica*, e não devemos entender essa declaração em um sentido absoluto. Em *favor da história*, Deus mudou Sua mente, mas não de fato. Nossas limitações de linguagem e entendimento nos levam a essas pequenas armadilhas.
3. Um *teísmo exagerado* (ver no *Dicionário* o artigo *Teísmo*) ocasionalmente nos deixa em dificuldades. Esse exagero faria Deus envolver-se demais com os homens, por demais *íntimo*, e, portanto, por demais sujeito às idéias e aos caprichos dos homens.
4. Um *humanismo exagerado* leva os humanistas teístas a reduzirem o conceito de Deus a seu próprio nível, de tal modo que possam raciocinar com Ele, dizendo *coisas cortantes, e Ele acaba por fazer o que eles querem. Em outras palavras*, temos aí uma teologia defeituosa, que não reconhece nem a transcendência e nem a soberania de Deus.
5. *Poderes delegados.* Yahweh não se envolveria pessoalmente nessas transações. Antes, Sua teofania ou anjo é que estaria agindo por conta própria. Esse ser secundário ou manifestação inferior de Deus teria de fazer *correções* de trajetória ao longo do caminho, o que seria então apresentado na Bíblia como "arrependimento" da parte de Deus.
6. Um mero *truque de linguagem.* Deus sabia bem o que faria o tempo todo, ou seja, Ele não destruiria o povo de Israel. Mas o relato bíblico exigiu certos truques de linguagem para dar-lhe maior dramaticidade. O arrependimento de Deus seria apenas um artifício de linguagem para dar maior impacto à narrativa.
7. *Injeções de idéias humanas.* Moisés pensou que Deus poderia arrepender-se, tendo injetado suas próprias idéia na vontade divina; e o texto representa essas injeções de Moisés, e não a realidade de Deus.
8. *Mistério.* O envolvimento dos homens com Deus subentende muitos mistérios, e não é fácil discernir o que está envolvido nesse envolvimento. Nossa linguagem fica saltitando em torno desse mistério, e o resultado disso é que acabamos por atribuir a Deus aquilo que não Lhe pertence na realidade, como a idéia de Deus arrepender-se.

A explicação teista, onde talvez achemos o fator do exagero, aparece refletida nesta citação de John D. Hannah, *in loc.*: "Deus não é inflexível; Ele reage às necessidades, atitudes e atos dos indivíduos". Essa é uma declaração razoável, embora não resolva realmente o mistério. Talvez esse mistério não tenha mesmo solução neste lado da existência, sendo inútil multiplicar interpretações a respeito.

O Profeta Moisés (32.15-24)

Moisés atuava com poder e autoridade. Ele expunha a sua mensagem. Ele *mostrava-se exigente*. Ele *anunciava o testemunho; mas um povo indisciplinado* precisava sofrer as conseqüências de seus atos tresloucados. Somente então a lei poderia receber eficácia. Moisés precisou assumir o papel de um profeta zeloso e violento a fim de realizar a sua tarefa, tal como Elias precisou fazer, séculos mais tarde.

Os vss. 7-14 nos apresentam um diálogo entre Yahweh e Moisés, mostrando-nos que, mediante a inspiração divina, ele estava plenamente cônscio de que os israelitas estavam no vale, afundados na idolatria mais abjeta. Contudo, a seção à nossa frente apresenta-nos Moisés e Josué como se tivessem sido apanhados de surpresa pelos acontecimentos. Alguns eruditos atribuem essa surpresa somente a Josué, o que nos poupa de alguns pequenos problemas. Não seria grande coisa se o autor sagrado tivesse cometido um pequeno deslize da pena. Alguns estudiosos simplesmente atribuem as duas seções a diferentes fontes informativas, em que a segunda seção não antecipava as condições descritas na primeira. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

32.15

As duas tábuas do testemunho. "Testemunho" ou "tábuas do testemunho" são nomes dados ao decálogo. Ver as notas em Êxo. 24.12 quanto a uma lista de títulos. Ver Êxo. 25.16 quanto ao *testemunho* e às questões relacionadas ao mesmo, onde são incluídos vários artigos. Ver também Êxo. 16.34 quanto a outras notas e uma lista de referências ao *testemunho*.

Ver Êxo. 31.18 quanto à lei escrita pelo *dedo de Deus*. A lei foi inscrita pelo próprio Deus nas tábuas de pedra, que alguns eruditos tomam no sentido mais literal; mas outros vêem aqui uma declaração metafórica, dando a entender que a lei foi dada por inspiração divina, e não que Deus tenha inscrito fisicamente a mesma com Seus dedos.

"Temos aqui uma metáfora gráfica para impressionar-nos com a convicção de que a lei era uma expressão do caráter de Yahweh. Yahweh não é apenas Aquele que sancionou as leis da teocracia. Os dez mandamentos e seus preceitos decorrentes constituem as Suas próprias decisões. Deus também esculpiu as pedras. O primeiro jogo de duas pedras era uma obra de Deus (cf. Êxo. 24.12). O *segundo jogo* já foi esculpido por Moisés, e também, ao que parece, foi inscrito por ele (Êxo. 34.1,4,27,28)" (J. Edgar Park, *in loc.*).

De ambas as bandas. "Tabletes babilônicos e monolitos assírios usualmente eram escritos em ambos os lados, embora isso raramente ocorresse no Egito. Tem sido calculado que as cento e setenta e duas palavras do decálogo poderiam ser facilmente inscritas com letras de tamanho regular nas quatro superfícies indicadas, se as tábuas tivessem cerca de 70 cm de comprimento por 55 cm de largura. E duas tábuas de pedra dessas dimensões poderiam ser carregadas facilmente por um homem" (Ellicott, *in loc.*).

32.16

As tábuas eram obra de Deus. Lemos que *o primeiro jogo* de tábuas foi preparado pelo próprio Deus, e também foi inscrito por Ele mesmo. Esse primeiro jogo foi quebrado por Moisés, em sua indignação diante da idolatria do povo de Israel (vs. 19). O segundo jogo, por sua vez, foi preparado por Moisés e, ao que parece, também foi inscrito por ele, utilizando a sua memória sobre o que estava inscrito no primeiro jogo, ou, então, sendo divinamente impelido a fazer uma duplicata perfeita. Ver Êxo. 34.1,4,27,28.

A Língua do Céu. Muitas especulações e controvérsias tolas têm surgido acerca do *idioma* em que as tábuas da lei foram inscritas. Alguns têm respondido "na língua do céu", e, então, fazem disso uma metáfora para indicar como Deus fala aos homens através de Suas revelações e livros sacros. Alguma forma de hebraico

INTERCESSÃO E MEDIAÇÃO DE MOISÉS

Caracterização

Moisés liderou um povo como um todo, especificamente Israel, da mesma maneira que Cristo lidera espiritualmente.

Moisés foi um mediador para aquele povo, do mesmo modo que Cristo é para o povo dEle.

Anjos podem ser mediadores: Gál. 3.19,24.

A lei era uma mediadora: Gál. 3.25.

Moisés tinha um cargo especial como mediador: Gál. 3:19; Êxo. 19.3-8; 32.11-13, 30-35; Núm. 12.6-8.

Profetas são mediadores: II Sam. 7.5; I Reis 20.13; Eze. 2.4; Amós 1.3,6,11,13; Naum 1.12; Sof. 1,3,4,14,16.

Em um sentido muito importante, apenas Cristo é o mediador (quando se considera a *salvação*): I Tim. 2.5

As Essências da Intercessão de Moisés

Yahweh tinha um compromisso com Seu povo investido em um pacto.

A libertação do Egito significava que, até o fim, o crédito seria dado ao poder divino. Se a posse da terra falhasse, o trabalho anterior da redenção seria anulado.

O trabalho que Yahweh *iniciou* em Abraão seria anulado.

O próprio caráter de Yahweh exigia o término da tarefa que havia sido iniciada.

De quem podemos esperar por misericórdia senão do Pai das Misericórdias? A misericórdia evitaria a destruição de Israel.

O QUE É ORAR

A oração é o desejo sincero da alma
Que fica mudo ou é expresso.
É o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito.

A oração é a linguagem mais simples
Que lábios infantis podem experimentar;
A oração é o clamor mais sublime que atinge
A Majestade nas alturas.

A oração é a voz contida do pecador
Que retorna de seus maus caminhos,
Quando anjos se regozijam em cânticos,
E dizem: Eis que agora ele ora!

Nenhuma oração é feita só no mundo:
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

Montgomery

Acredito que mesmo a menor oração, acima do tumulto desse mundo, ainda pode ser ouvida.

pré-clássico teria de ser a versão mosaica da "língua do céu". Deus inscreve Suas leis em nossos corações (Jer. 31.33; Heb. 8.10; II Cor. 3.3), e é nessa ocasião em que a linguagem do céu torna-se eficaz em nossas vidas humanas.

32.17,18

Gritos, danças e folia. Seriam esses os dons da adoração? Deus não é o autor da confusão (I Cor. 14.33). Josué (que nos é apresentado em Êxo. 17.9), que já era ou em breve haveria de tornar-se o segundo líder de Israel, e também o sucessor de Moisés (ver o artigo sobre ele, no *Dicionário*), pensou que Israel estava envolvido em alguma batalha, ao ouvir todo aquele barulho. Mas Moisés alertou-o para que visse as coisas por outro ângulo (vs. 18): os dons que estavam ouvindo *não eram* alarido de guerra. Antes, eram os ruídos de uma folia carnavalesca, o tipo de orgia ligada aos ritos de fertilidade dos cananeus. E chamavam toda aquela confusão de "culto", pois, afinal, Yahweh não estava sendo honrado por meio do bezerro de ouro? Mas *Yahweh* nada tinha a ver com aquela festa e aquelas danças. A aplicação moderna é por demais óbvia para que precisemos descrevê-la. Moisés tinha acabado de comunicar a linguagem do céu. Mas o povo de Israel estava comunicando a linguagem do deboche.

O *alarido dos que cantam* era uma das características dos ritos idólatras (I Reis 28.28; Atos 19.34; Heródoto, *Hist.* ii.60), e, em parte, resultava da excitação física que prevalecia durante tais orgias" (Ellicott, *in loc.*).

Moisés. Moisés sabia que não havia nenhuma batalha. Antes, o povo estava empenhado na maior folia. O texto não reflete o que Yahweh disse a Moisés acerca da apostasia dos filhos de Israel (vss. 1-6). Por isso, alguns pensam que esse texto procede de uma fonte diferente. Ver as notas introdutórias sobre o vs. 15, quanto a esse problema.

32.19

Arrojou das mãos as tábuas. Quando Moisés quebrou as tábuas da lei, isso significava que estava rompido o acordo que Deus fizera com o povo de Israel (o *Pacto Mosaico,* comentado em Êxo. 19.1). Uma vez anulada, essa aliança precisaria ser instaurada de novo. Israel tinha quebrado a regra sagrada que proibia a idolatria, o *primeiro mandamento.* Assim sendo, Deus rompeu o pacto. Ver Êxo. 20.2,3 quanto ao primeiro mandamento, do qual todos os demais mandamentos dependiam. Israel havia apostatado. Moisés precisou trazê-los de volta mediante ações drásticas. Desse modo, ele tornou-se um profeta de fogo e juízo, a fim de remediar a situação.

As Medidas Drásticas de Moisés:

1. As tábuas de pedras foram partidas, dando a entender a anulação do pacto mosaico, conforme foi comentado acima (vs. 19).
2. Moisés quebrou o ídolo e o reduziu a pó; e esse pó foi espalhado por sobre a água. E, então, Israel teve que beber dessa água, simbolizando que eles teriam que "beber a taça" de sua iniqüidade sofrendo os temíveis resultados de seus atos (vs. 20).
3. Moisés repreendeu severamente a Arão, seu próprio irmão, que acabara de tornar-se o líder de uma seita idólatra (vss. 21-24).
4. Os levitas receberam a terrível tarefa de matar três mil idólatras, a fim de ensinar a Israel uma lição que eles jamais esqueceriam (vss. 25-29).
5. O próprio Yahweh deu a demão final, ao enviar uma praga (vs. 35). Não nos é informado o resultado disso, mas podemos supor que muitos outros israelitas morreram.

Alguns pensam que o vs. 35 indica que aqueles que sofreram maus efeitos por terem bebido a água misturada com o pó de ouro eram precisamente os culpados, e esses morreram então da praga. A ira de Deus voltou-se então contra Arão, e este quase morreu diante do juízo divino (Deu. 9.20), mas foi misericordiosamente poupado. Ademais, Arão ainda tinha uma longa missão à frente, e essa missão precisava ser cumprida.

32.20

Este versículo registra o *segundo* dos atos drásticos de Moisés, alistados nos comentários sobre o nono versículo deste capítulo. Este ato representava o reconhecimento de Israel quanto à estupidez de sua idolatria, bem como a necessidade de pagar por tal erro. O ídolo tornou-se parte da água. Estavam internamente desgraçados ao bebê-la. Agora sorveriam da taça inteira de sua iniqüidade, com seus temíveis resultados. Esse ato foi humilhante para um povo que se tinha rebaixado. Essa humilhação, pois, suprimiu a idolatria. Cf. este texto com II Reis 23.6,12. Esse ato também demonstrou a total falta de poder daquele ídolo (bem como da idolatria em geral).

Vários intérpretes judeus, como Jarchi e Aben Ezra supunham que essa água com ouro foi equivalente às águas do ciúme. Ver no *Dicionário* o artigo *Água Amarga.* Ver também Núm. 5.11-31. Aqueles que se tinham tornado *culpados* de idolatria haveriam de perecer devido à praga que Yahweh enviaria (vs. 35). Uma fábula se alicerçava sobre essa idéia, na qual os israelitas, culpados de idolatria, ao beberem água, tiveram suas barbas amareladas por causa do ouro misturado na água. Ademais, quem quer que tivesse beijado o ídolo de ouro, ficava com os lábios amarelados.

32.21

Os vss. 21-24 registram o *terceiro* dos atos drásticos de Moisés. Ver a lista nas notas sobre o vs. 19. Arão, irmão de Moisés, foi severamente repreendido e humilhado, por ter-se tornado o líder do culto ao bezerro de ouro. Moisés considerou Arão o responsável. O relato nada nos fala sobre alguma resistência que ele tenha feito contra a idolatria. Mansamente, ele aceitou o ato estúpido e chegou a promovê-lo com uma celebração, presumivelmente em honra a Yahweh. Arão chegou a chamar Moisés de *meu senhor* (Núm. 11.28; 12.11), o que o deixou definitivamente subordinado a Moisés, passando a agir sob sua autoridade, e isso com certa humildade. Moisés havia confiado em Arão e o tinha deixado encarregado do povo (Êxo. 24.14), enquanto ele subia ao monte Sinai durante quarenta dias. Mas Arão havia violado tal confiança. Em seu momento de fraqueza, Arão tinha permitido que Israel cometesse um gravíssimo pecado (a quebra do *primeiro mandamento,* Êxo. 20.2,3). E assim acabou participando, ele mesmo, daquele pecado. É algo muito sério ser líder.

> *Meus irmãos, não vos torneis muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.*
>
> (Tiago 3.1)

"A repreensão dada a Arão (Núm. 12) faz contraste com o seu prestígio sacerdotal e com o seu papel intercessório conforme a descrição nos capítulos 25-31 de Êxodo" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

"Parece que se Arão se tivesse mostrado *firme,* o mal poderia ter sido impedido" (Adam Clarke, *in loc.*).

32.22

Meu senhor. Foi assim o tratamento dado por Arão a Moisés, em sinal de respeito, tal como também se vê em Núm. 11.28 e 12.11. Arão exibiu a humildade que lhe convinha, diante de seu superior espiritual, embora suas desculpas fossem apenas mentiras. Como sempre sucede, ele transferiu a culpa para outras pessoas. Disse ele, em efeito: "Aquela gente, como meu senhor sabe por experiência própria, está sempre inclinada para algum mal, e me apanharam de surpresa". "Arão tinha agido como se fosse apenas um barômetro da opinião pública. Seu papel tinha sido a *antítese* do papel de um profeta, aqui exaltado na pessoa de Moisés. Arão repeliu sua própria responsabilidade" (J. Edgar Park, *in loc.*). No entanto, o papel de um profeta é guiar, e não seguir o povo.

À semelhança de Adão, Arão transferiu a culpa para outrem (ver Gên. 3.12, onde há notas expositivas sobre essa tendência humana). Trata-se de uma comum atitude humana, mas dificilmente há alguma verdade nessa transferência de culpa. Tudo quanto *fazemos* é importante. Não nos podemos ocultar por detrás da fraqueza de outras pessoas, que porventura participem conosco de qualquer pecado.

32.23

A *idolatria* era a única coisa que aquela gente tinha em mente. Ele não tomou a iniciativa no ato, mas também nada fez para impedi-lo. Portanto, compartilhou da culpa; e quando alguém compartilha de alguma culpa, torna-se culpado. O povo dissera que Moisés *fora-se,* talvez de modo permanente (ver o vs. 1 deste capítulo). Os ideais do êxodo ao que tudo indica tinham resultado em nada, diante do desaparecimento de Moisés. Portanto, os israelitas anelaram por substituir Yahweh e Moisés por outros deuses e por outro culto. O povo lançou a culpa sobre acontecimentos adversos. Tudo parecia estar contra eles. Tinham sido abandonados. Assim sendo, fariam o melhor ao seu alcance, de acordo com as suas circunstâncias. O Egito, afinal de contas, era uma grande potência na época. Talvez a idolatria dos egípcios tivesse dado a eles o poder que tinham. Portanto, experimentariam a idolatria do Egito, para ver se conseguiriam melhores resultados do que com o Yahwismo.

A conduta de Arão por pouco não lhe custa a vida, por causa da ira de Yahweh contra ele, conforme vemos no trecho de Deuteronômio 9.20.

32.24

A Piadinha de Arão. Arão confessou que tinha dado orientações para lhe trazerem ouro, para o fabrico do bezerro de ouro. Ver no *Dicionário* o artigo *Bezerro de Ouro.* Mas ele asseverou que quando os objetos de ouro foram postos a derreter no fogo, surgira espontaneamente a figura de um bezerro. Mas lemos no vs. 4 que ele deu molde à imagem, pessoalmente. Arão tinha cultivado aquele pecado; mas agora, com uma piadinha sem graça, tentou dar a entender que assim também tinha acontecido com ele, de algum modo, sem que ele fizesse idéia do que estava fazendo. A maioria dos pecados é *cultivada* em atitudes

preliminares e no arranjo preliminar das circunstâncias. Arão, tolamente, negou que tivesse cultivado aquele pecado, que acabou dando fruto mau.

Fábulas têm sido criadas em torno deste texto. Alguns intérpretes antigos disseram que as reivindicações de Arão, neste ponto, eram verazes (ignorando, convenientemente, o vs. 4). Esses também dizem que o bezerro de ouro era trabalho do próprio diabo e das artes mágicas. O ídolo tomou a forma de um bezerro, chegando a ter vida e chegando a dançar, ao mesmo tempo em que berrava e oferecia um espetáculo. Diz como segue o Targum de Jonathan: ". . .eu o lancei no fogo, e Satanás entrou no meio e saiu dali com a semelhança de um bezerro".

Moisés Manda Matar os Idólatras (32.25-29)

32.25

O povo estava desenfreado. Algumas traduções dizem aqui que o povo estava "nu". Mas o termo hebraico correspondente, *para,* embora possa ter esse sentido, também pode ter o sentido de "desvencilhar-se de todas as restrições". Não parece que Arão tenha-os forçado a se porem despidos, a fim de ficarem envergonhados, conforme aquelas traduções continuam dizendo neste versículo. Antes, arriscamos que eles *perderam o autocontrole,* pois Arão assim permitiu que fizessem, sem nada fazer para impedi-los. Essa falta de controle levou-os a se entregarem a uma conduta desenfreada. Eles se expuseram a atos vergonhosos, e Arão não os coibiu. Contudo, alguns intérpretes, partindo da idéia de que, realmente, os israelitas se desnudaram, pensam que isso é símbolo de um estado de miséria, e que não se deve pensar em nudez literal. Mas outros estudiosos pensam que não há razão para duvidarmos da literalidade da descrição.

No meio dos seus inimigos. Talvez estejam em foco as populações que viviam nas proximidades do Sinai, como os amalequitas, que chegaram a vir fazer parte das festividades. Isso significa que o povo de Deus misturou-se com os idólatras locais, formando uma só massa humana com eles.

32.26

Na opinião de alguns eruditos, os vss. 26-29 representam a separação dos levitas para seu ofício, embora sua primeira função fosse executar os idólatras. Presume-se que esses levitas não tinham participado do incidente do bezerro de ouro, demonstrando assim uma espiritualidade superior, e provando que sua escolha para o serviço sagrado estava justificada. Mas se está em pauta um relato de escolha dos levitas para o serviço divino, então os trechos de Núm. 3.44-46 e 8.5-19 representam uma versão diferente, em que os levitas obtiveram sua posição por terem substituído os *primogênitos* de Israel, por meio da redenção. Os versículos à nosssa frente, entretanto, podem dar um relato *preliminar* àquela outra situação, que haveria de seguir-se, e não uma narrativa separada de como os levitas tornaram-se uma casta sacerdotal. A tribo de Levi já se tinha mostrado espiritualmente superior, no incidente diante de nós; e, em uma ocasião posterior, foi natural que tivessem sido selecionados para se tornarem a casta sacerdotal de Israel. Cf. essa história com Núm. 25.7-13.

Seja como for, foi a tribo de Levi aquela que respondeu em primeiro lugar à exigência de Moisés: "Quem é do Senhor, venha até mim".

Muitos sermões têm sido pregados com base neste versículo. A espiritualidade é uma questão de escolha, e não apenas resultado de meio ambiente e privilégios. Precisamos tomar decisões certas. Precisamos aliar-nos a pessoas espirituais. Precisamos cultivar os dons espirituais. Precisamos ter aspirações nobres. Os levitas, pois, denunciaram a idolatria em todas as suas formas, e se rededicaram a servir a Yahweh. A *dedicação* sempre inclui os fatores da renúncia e do cultivo.

32.27,28

O Expurgo Determinado por Moisés. Esse foi o *quarto* dos atos drásticos de Moisés, a fim de contrabalançar os maus efeitos da idolatria. Ele lançou mão dos levitas para expurgar o povo de Israel mediante uma execução em masssa, na qual morreram cerca de três mil pessoas. Os Yahwistas executaram os apóstatas. Assim também, através de toda a história religiosa, tomando esses incidentes como exemplos, pessoas religiosas têm-se sentido justificadas por tirar a vida de hereges e apóstatas; mas hereges e apóstatas de acordo com a definição de seus *algozes.* Quão diferente disso era Jesus! Ele repreendeu os Seus discípulos por quererem imitar Elias. Ver Luc. 9.54,55. Até mesmo nomes honrados, como o de João Calvino, o líder reformador, envolvem-se em homicídio por motivos religiosos. Calvino foi responsável por mais de cinqüenta execuções dessa natureza. Ver o artigo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* acerca dele, bem como, no *Dicionário,* o verbete chamado *Tolerância.* Nos dias do Novo Testamento, homens cristãos têm posto em ação a violência própria do Antigo Testamento, para desgraça de toda a nossa dispensação cristã. Cf. este texto com Deu. 33.8,9, onde a violência é exaltada.

Os levitas, que atenderam à convocação feita por Moisés, podem ter achado seus próprios filhos e irmãos entre os idólatras. Se assim sucedeu, estavam na obrigação de não poupá-los. Essa informação demonstra o terror do que sucedeu naquele dia. ". . .ninguém deveria ser poupado por motivo de parentesco, amizade ou mero conhecimento" (John Gill, *in loc.*). Ver Mat. 10.37 quanto a uma aplicação espiritual.

32.29

Consagrai-vos. Terminada a matança, visto que o expurgo atingiu seus tencionados efeitos, tendo sido efetuada a purificação, *então* ocorreu a consagração dos levitas a seu serviço santo, a fim de que, finalmente, aquela tribo se tornasse a casta sacerdotal de Israel. Ver Núm. 1.47 ss. Mas os trechos de Números 3.44-46 e 8.5-19 dão uma razão diversa para essa consagração; mas não há nenhuma contradição necessária, e nem de derivação de fontes informativas diferentes, conforme supõem alguns críticos. Ver as notas sobre o vs. 26, quanto ao alegado problema. A primeira tarefa coletiva dos levitas era uma sangrenta matança; em seguida, receberam a tarefa de transportar o tabernáculo (Núm. 1.50-53). Dali por diante, o ofício sacerdotal deles teve muitas ramificações. Os fiéis e diligentes é que recebem missões da parte do Senhor.

Para que ele vos conceda hoje bênção. A tribo de Levi passou da violência para a concessão de uma bênção, ou seja, o bem que seria de esperar do exercício do ofício sacerdotal. ". . .ministrando no santuário, transportando os vasos do Senhor, mantendo os dízimos do povo" (John Gill, *in loc.*).

A Segunda Intercessão de Moisés (32.30-35)

Deve-se confrontar esta breve seção com o trecho anterior de Êxo. 32.1-24, onde são dados os argumentos da primeira intercessão.

Argumentos da Segunda Intercessão:

1. Os pecados podem ser perdoados, até mesmo o pecado da idolatria, a quebra do primeiro mandamento (Êxo. 20.2,3). Assim sendo, Moisés apelou para Yahweh como o Deus que pode e quer perdoar até mesmo os mais odiosos pecados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Perdão.* Ver o vs. 31.
2. Se tivesse de ser efetuada a destruição (ou seja, se tivessem de ser *apagados* os nomes do livro da vida), então Moisés queria ser o substituto por todo o povo de Israel (vs. 32). Nisso, como é claro, ele prefigurou a Cristo, o qual, de fato, tomou-se o nosso Substituto, embora em um sentido diferente. Cf. o desejo similar de Paulo, em Romanos 9.3, o que, naturalmente, era impossível. Era impossível também apagar o nome de Moisés do livro de Deus, tal como Paulo não podia tornar-se *maldito* em lugar do povo de Israel.

"Essa cena inteira fornece um forte contraste entre a lei e a graça. Cf. a intercessão de Moisés com a intercessão de Cristo (João 17). *Israel* era uma nação que estava sob *teste* (Êx. 19.5,6). Mas os crentes, sob a graça, formam uma *família,* à espera da *glória* (João 20.17; Rom. 5.1,20). Os crentes dispõem de um Advogado diante do *Pai,* com o Seu sacrifício propiciatório que nunca perde a sua eficácia (I João 2.1,2). Moisés apresentou como argumento um *pacto* (Êxo. 32.13); Cristo apresentou em nosso lugar o Seu próprio *sacrifício* (João 17.4)". (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

32.30

No dia seguinte. Ou seja, no dia após a grande matança. Mais ainda aconteceria (vs. 35). O acampamento inteiro de Israel poderia ser exinto, e Moisés sentiu a urgente necessidade de fazer intercessão e *expiação* pelo crime cometido, oferecendo-se, por assim dizer, como se fosse um sacrifício, para que sobre ele se despejasse a ira de Deus e todos os israelitas escapassem (vs. 32). Mas o versículo pode ser entendido apenas como se Moisés pudesse estar entre os mortos, se os israelitas idólatras não fossem perdoados. Portanto, havia em tudo uma espécie de ameaça. "Morrerei se eles morrerem", era uma pressão para que o povo continuasse vivendo. Ver as notas de introdução ao vs. 30 quanto aos pedidos de Moisés que constituíram sua segunda intercessão.

Farei propiciação pelo vosso pecado. Não no sentido neotestamentário de abertura da possibilidade de perdão de pecados e bem-aventurança celeste. Antes, no sentido que, intercedendo pelo povo, o Senhor mostrar-se-ia propício e cobriria os pecados do povo, permitindo-lhe a continuação da vida física. Moisés estava procurando evitar uma imensa praga, que virtualmente poria fim a Israel. Apesar de suas orações intercessórias, porém, veio uma praga (vs. 35), embora não sejamos informados sobre quantos pereceram devido à mesma. Essa propiciação visava inclinar Deus a dar Seu perdão aos pecados cometidos, com o resultado da continuação da vida física. Mas *alguém* tinha que *morrer,* por causa da ofensa.

32.31

Em sua oração, Moisés primeiramente reconheceu a gravidade do pecado cometido, que foi uma violação crua e ofensiva do primeiro mandamento (ver Êxo. 20.2,3).

A idolatria (ver a esse respeito no *Dicionário*), é onde o pecado começa, embora suas ramificações sejam intermináveis. Ver no *Dicionário* o verbete *Pecado*. Moisés, pois, queria salvar Israel do extermínio, e precisou tratar a sério com o problema, sem apresentar meras desculpas, conforme fizera Arão. Embora não se tivesse envolvido pessoalmente, seu povo havia cometido tal pecado. E assim ele assumiu o papel de *advogado*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Advogado*, onde o ofício espiritual de Cristo como nosso Advogado, prefigurado em Moisés, no presente texto, foi descrito.

32.32

Livro que escreveste. Os estudiosos não concordam quanto à natureza desse livro. As idéias mais comuns são as seguintes:

1. O *arrolamento*, registrado no primeiro capítulo do livro de Números, que determinou o número dos vivos, em Israel. Moisés temia que a ira divina viesse a extinguir virtualmente o povo de Israel, e pensou ser melhor que ele não mais fizesse parte da lista dos cidadãos do que não restar coisa alguma do povo de Israel.
2. Ou, metaforicamente falando, o registro da comunidade teocrática 9Sal. 69.28; Isa. 4.3; Dan. 12.1l Mal. 3.16). Isso poderia significar aqueles que pertenciam à comunidade espiritual, e não apenas à comunidade física.
3. Aqueles que *estão vivos na terra*, ou seja, os vivos em contraste com os mortos. A mesma lista de referências é dada nesta e na possibilidade anterior. Os pecadores morrem cedo! Os justos têm vidas longas (Sal. 91.16). O livro de Deus é o conhecimento que Deus tem daqueles que viverão, e não algum livro literal com nomes escritos.
4. O *livro da vida* em um sentido *espiritual*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livro da Vida*. Ver Apo. 20.15; 21.27. Os *vivos*, registrados no livro de Deus, são aqueles que podem esperar a vida eterna no céu. A maior parte dos estudiosos, porém, não acredita que, nos dias de Moisés, já houvesse tal conceito na teologia dos hebreus. Somente nos Salmos e nos Profetas foi que a alma imaterial passou a ser claramente levada em conta naquela teologia. No Pentateuco não há doutrina de galardão pelo bem praticado, e nem de punição pela prática do mal, em outra vida, além desta vida física.

Quase certamente, Moisés, em sua idéia de vir a ser *riscado* do livro de Deus, sugeriu a Yahweh que ele fosse morto, executado por alguma praga, ou por algum outro meio, a fim de que Israel pudesse continuar vivendo. e não ser aniquilado pela ira divina. Assim, seria feito um recenseamento (Núm. 1) e a nação poderia prosseguir para o destino previsto no *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Cf. Rom. 9.1-3. Mas Paulo tinha em mente a vida espiritual. Houve um avanço na perspectiva espiritual, nos séculos que se passaram entre Moisés e Paulo. Cf. Sal. 69.28.

32.33

Moisés não se achava em posição de tomar o lugar dos pecadores e sofrer o juízo deles. Somente o Senhor Jesus Cristo foi capaz de oferecer um sacrifício vicário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Expiação*. Contudo, se a petição de Moisés não podia ser atendida sob a forma em que foi feita, o texto dá-nos a compreender o seu nobre espírito de sacrifício, que prevaleceu diante de Yahweh, a fim de que o Senhor *moderasse* o Seu julgamento. A praga sobreveio (vs. 35), e morreu um número não especificado de pessoas, mas o povo de Israel, como um todo, teve a permissão de continuar existindo como nação. Cf. a persistência de Abraão, diante de Yahweh, em Gên. 18.22,23.

Este texto ilustra a persistência na oração que obtém resultados, ainda que, às vezes, não da maneira exata em que foi feito o pedido. Naturalmente, por muitas vezes, aquilo que é pedido, é concedido. Ver Luc. 11.8. "O Espírito de Poder é Aquele que abre tudo quanto é bom dentro de nós, bem como Aquele que recebe tudo que é bom fora de nós" (William Law). Algumas vezes, a oração faz o crente ajustar-se à resposta de Deus, em lugar de Deus ajustar-se aos nossos desejos. Ver no *Dicionário* o verbete *Oração*. Ver Eze. 18.4: "A alma que pecar, essa morrerá". Paulo disse a mesma coisa em um sentido espiritual, em Romanos 6.23.

32.34

Meu Anjo irá adiante de ti. Deus continuaria guiando Moisés e o povo de Israel. O destino geográfico era a terra de Canaã. Israel teria um futuro na Terra Prometida, um destino a cumprir.

Anjo. O Pentateuco dá muito destaque aos anjos. Ver Gên. 16.7,9; 19.1; 21.17; 22.11; 24.7; 28.12; 31.11; 32.1; 48.16; Êxo. 3.2; 14.19; 23.20; 32.34; 33.2. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Anjo*. Yahweh, por causa da crassa idolatria do povo de Israel, retirou a Sua presença imediata, e enviou Seu delegado ou delegados para que estivessem com Israel, a saber, seres angelicais que atuavam em Seu lugar. O capítulo trinta e três de Êxodo aborda essa questão da presença divina, acerca do que há ampla provisão. Ver as notas introdutórias ao primeiro versículo de Êxo. 33.

O juízo divino haveria de ocorrer, apesar de Deus continuar orientando. Moisés continuou; o Anjo continuou; a nação de Israel continuou. Mas essa continuação não dispensou a necessidade de julgamento contra o pecado.

O destino de Moisés não era morrer naquela ocasião, mas continuar *liderando* o povo de Israel. Se ele tivesse de liderar, então teria de ter um povo a ser liderado. Logo, a nação de Israel continuaria existindo. No entanto, este versículo mostra-nos que o juízo sobreviria: "No dia da minha visitação, vingarei neles o seu pecado", disse o Senhor. Portanto, parece que a *intercessão* (ver a esse respeito no *Dicionário*) de Moisés só foi eficaz em parte. O juízo de Deus foi *moderado*.

Em momentos de desespero, é fácil nos equivocarmos quanto àquilo que Deus quer para nós. Mas quando a luz de um novo dia espanta as trevas da noite, Deus projeta em nossas vidas novas perspectivas. Moisés ainda teria de combater em muitas batalhas; ainda teriam de ser enfrentados muitos problemas, e ganhas muitas vitórias. Em outras palavras, Moisés, em seu desespero, exagerara a situação e assumira um ponto de vista muito drástico do que estava sucedendo. A existência da nação de Israel não estava sendo ameaçada, apesar do severo julgamento enviado por Deus.

A justiça e o amor de Deus sempre marcham de mãos dadas (Isa. 40 - 55). De fato, o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. O juízo divino é sempre remediai, e não apenas retributivo. Ver esse princípio ilustrado no artigo chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. A cruz também foi um *julgamento*, e também foi o maior *remédio* que o mundo jamais viu

32.35

Feriu, pois, o Senhor. Não está aqui em pauta a destruição dos três mil israelitas, pela espada dos levitas (vs. 28), mas algo adicional, não especificado em sua natureza. Mas não nos é dito quantas pessoas mais morreram. Sem dúvida, porém, foi um castigo severo, embora respeitasse certa moderação, por amor a Moisés, que havia feito intercessão.

Surgiu uma interessante declaração popular entre os judeus, devido às circunstâncias do texto à nossa frente: "Nenhuma aflição ocorreu jamais a Israel em que não houvesse alguma partícula de pó do bezerro de ouro". Isso dá a entender que o juízo de Deus continuou atuando através das gerações vindouras, por causa do gravíssimo pecado cometido diante do monte Sinai.

Capítulo Trinta e Três

O Anjo de Deus Guiará o Povo (33.1-23)

Há especulações quanto à identidade do anjo que foi delegado por Yahweh, e que nos foi apresentado em Êxo. 32.34. Alguns dizem que se tratava do *Logos*, uma aparição veterotestamentária da Segunda Pessoa da trindade. Mas isso parece ser uma cristianização excessiva do texto. Ver no *Dicionário* o artigo *Anjo*, bem como as notas expositivas sobre Êxo. 32.34.

"O incidente do bezerro de ouro não é aqui o fulcro das atenções, embora haja uma relevância geral ao problema da *presença* de Deus com um povo pecaminoso. A cena é a partida iminente do Sinai (cf. Núm. 10 - 11). Moisés buscava da parte de Deus a certeza de que, realmente, estaria presente com Ele, em suas tarefas de liderança, depois que Deus lhe dissera que já *não* iria à frente do povo (vs. 3). O tabernáculo (vss. 7-11) deve ser entendido como um meio da presença de Deus. Em uma *teofania* (ver a esse respeito no *Dicionário*), Moisés recebeu a prova da promessa de Deus (vss. 18-23).

Tendo recebido a lei, Moisés agora passou para uma nova fase de sua missão, liderando o povo de Israel do Sinai à terra de Canaã. Quando iniciamos novos aspectos de nossas respectivas missões, sempre carecemos da presença de Deus conosco.

33.1

Disse o Senhor a Moisés. A palavra de Deus continuou orientando Moisés. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Moisés continuava sujeito à presença de Deus e às suas comunicações. Quando o Senhor fala, sempre nos ilumina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Iluminação*.

Para a terra a respeito da qual jurei. Era a Terra Prometida. O poder de Deus tinha tirado Israel da antiga terra, o Egito. Agora, uma nova terra jazia à espera deles. Essa *nova terra* fazia parte das provisões do Pacto Abraâmico, conforme este versículo deixa claro. Ver Gên. 15.18 quanto a esse *pacto*, que inclui notas sobre a *Terra*. A despeito de seus pecados, Israel continuava sendo guiado pelo Senhor. No céu, Deus lidera as hostes celestes, que são impecáveis. Mas quando lidera alguém na terra, forçosamente guia *pecadores*.

33.2

O Anjo. Ver notas a Seu respeito em Êxo. 32.34, bem como as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo. A presença divina seria dada de maneira secundária, posto que adequada. Deus não continua presente de forma imediata, como no Sinai. Também não subiria *no meio* do povo de Israel (vs. 3), e isso para benefício deles, pois a Sua presença consumiria a um povo idólatra e de dura cerviz. Todavia, Deus prometeu que haveria uma representação divina e um poder divino adequados, na pessoa do Anjo.

Lançando fora. Várias nações seriam expulsas da Terra Prometida. De acordo com algumas listas, sete nações distintas seriam expelidas da terra de Canaã, a fim de que o povo de Israel pudesse apossar-se dos territórios que Deus havia prometido a Abraão (Gên. 15.18-20). Várias listas são dadas na Bíblia, nem sempre completas. Ver Gên. 15.18-20; Êxo. 3.8,17; 34.11. O trecho de Gên. 15.21 alista dez pequenas nações, mas as várias listas de nações a serem expulsas nem sempre são idênticas. Há artigos sobre todas essas nações, no *Dicionário,* de acordo com os nomes dessas várias nações.

33.3

Uma terra que mana leite e mel. Ver as notas sobre Êxo. 3.8 quanto a essa expressão.

Não subirei no meio de ti. Yahweh retirou a Sua presença imediata, e enviou o Seu Anjo como Seu delegado. Ver isso nas notas sobre Êxo. 32.34, bem como as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo. A presença de Yahweh seria um fogo consumidor no meio de Israel, por ser este um povo idólatra e de dura cerviz, e que não poderia continuar existindo se Yahweh se aproximasse muito. A provisão de Deus, diante dessa situação, foi a *teofania* (ver a esse respeito no *Dicionário).* Quanto à presença consumidora de Deus, ver Êxo. 33.10; Lev. 10.2; Sal. 88.21,31. ". . .o nosso Deus é fogo consumidor" (Heb. 12.29). De certo modo, a história de Israel é uma história de provocações a Deus. Essas provocações por várias vezes quase foram motivo da extinção de Israel.

Povo de dura cerviz. Essa expressão, muito usada na Bíblia, é comentada em Êxo. 32.9, onde dou uma lista de suas ocorrências.

33.4

"É natural que os homens pecaminosos evitem a presença próxima de Deus (Mat. 8.34; Luc. 5.8). Os israelitas, ainda a pouco, tinham feito exatamente isso (Êxo. 20.19). E mesmo agora, provavelmente temiam um contacto muito próximo, mas sentiram que Deus tivesse deixado de liderá-los diretamente como guia das hostes de Israel. Agora valorizavam aquela presença e proteção, sentindo que o Anjo não a substituiria à altura" (Ellicott, *in loc.*). Destarte, eles lamentaram a perda, e chegaram a tirar seus atavios, como argolas, brincos, braceletes, colares, enfeites dos tornozelos e tudo quanto servisse de símbolo de alegria e abastança. Ao retirar-se Yahweh deles, tinham *empobrecido.* Ainda recentemente, eles tinham trazido seu ouro para a confecção do bezerro de ouro (Êxo. 32), mas agora não davam qualquer valor ao mesmo.

33.5

Para que eu saiba o que te hei de fazer. Os israelitas tinham tirado de si, *voluntariamente,* os seus atavios ou enfeites (vs. 4). Mas agora o próprio Moisés transmitia a *ordem* do Senhor nesse sentido. Era correto os israelitas lamentarem-se e prantear, o que estava sendo indicado mediante o ato de se desfazerem de certos objetos de luxo. Uma vez compungidos, Deus resolveria o que fazer com eles. Esses objetos de joalheria seriam fundidos e usados na construção do tabernáculo (ver Êxo. 25.2-8; 35.20-29). O ouro, antes usado para formar o bezerro de ouro, agora seria usado para levantar o tabernáculo, onde Yahweh haveria de manifestar a Sua presença; e outro tanto sucederia a outros metais valiosos e a pedras preciosas.

A Ordem Drástica. Ainda que os israelitas se desfizessem de seus ornamentos, indicando um verdadeiro arrependimento, ainda assim a presença de Yahweh haveria de consumi-los. E estando sob a *ameaça de morte,* os israelitas desfizeram-se de todas as suas jóias. E essas jóias tornaram-se *contribuições forçadas* para a construção do tabernáculo. A Septuaginta revela que eles também sacrificaram suas vestes, mas o texto hebraico não menciona esse item.

Deus haveria então de tratar com eles reconhecendo seus corações, ao notar o arrependimento e a boa fé deles. O resultado de tudo isso foi a renovação do Pacto Mosaico (ver as notas a respeito em Êxo. 19.1).

33.6

A transação do sacrifício das jóias teve lugar no monte Horebe. Ver no *Dicionário* o artigo *Horebe.* Esse era um outro pico da região de cadeias montanhosas onde também ficava o Sinai. Alguns eruditos, porém, identificam o Sinai com o Horebe. Seja como for, perto do lugar onde foi dada a Lei, Israel renovou o seu culto a Yahweh, e assim foi reinstalado o Pacto Mosaico, após o lamentável incidente de idolatria descrito no capítulo trinta e dois de Êxodo.

A Tenda de Moisés (o Tabernáculo) (33.7-11)

É possível que tenhamos aqui menção à própria tenda de Moisés, e não ao tabernáculo, embora alguns eruditos não tenham tomado consciência dessa possibilidade. A maioria das traduções não distingue as duas coisas. "Diferente do tabernáculo, que tinha uma localização central (Êxo. 25.8; Núm. 2.2), essa tenda estava armada *bem distante* do acampamento. Originalmente, a tenda era tanto um local de reuniões dos líderes das tribos quanto um lugar de oráculo, embora ambas as idéias sejam transmitidas pelo termo "tenda da congregação". Outrossim, era principalmente uma tenda de *revelação* para Moisés (Núm. 11.16,17,24-30; 12.1-8; Deu. 31.14,15). Cf. Êxo. 29.42-46" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Alguns intérpretes supõem que essa tenda de Moisés era o real objeto que existia no deserto que se revestia de importância, e que o *tabernáculo* era uma tenda meramente ideal, que realmente não existia nos dias de Moisés, mas que foi passada para o tempo dele, embora só viesse a existir no templo de Jerusalém. Nesse caso, a seção diante de nós seria um reflexo da verdade histórica da questão. Desnecessário é dizê-lo, muitos intérpretes rejeitam esse raciocínio.

O problema da retirada de Yahweh dentre o povo de Israel, por causa da idolatria deles (ver Êxo. 32.34; ver as notas de introdução a Êxo. 33.1 e as notas sobre o vs. 3 deste capítulo), seria resolvido, pelo menos em parte, na tenda da revelação, onde a presença divina poderia manifestar-se com certo grau, sem que houvesse a necessidade de destruir o povo de Israel.

John Gill (*in loc.*) supunha que está aqui em pauta a tenda mesma de Moisés, a qual foi um lugar de grande importância espiritual até que, algum tempo depois, foi erigido o tabernáculo. Isso harmonizaria as duas opiniões expostas acima.

33.7

A tenda. A tenda pessoal de Moisés ou o tabernáculo? Ver as notas acima, na introdução a este versículo. Talvez esteja em pauta a tenda mesma de Moisés, antes da ereção do tabernáculo. Mas muitos eruditos insistem em que essa tenda era o verdadeiro lugar de autoridade e revelação, e que o tabernáculo era uma projeção ideal, baseada no templo de Jerusalém, como se ela existisse desde os dias de Moisés.

Todo aquele que buscava ao Senhor. As pessoas vinham em busca da vontade de Deus e de Moisés, considerando este um profeta e vidente, capaz de fornecer-lhes oráculos e ajudá-las a resolver os seus problemas. E essa tenda também era um lugar de adoração, ensino e transmissão da mensagem espiritual, conforme vemos no versículo seguinte. Ela era a *igreja* do momento, plena de experiências miraculosas e místicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Os fenômenos que tinham lugar na tenda de Moisés, mais tarde, tornaram-se parte das manifestações de Yahweh no tabernáculo, mas tudo mediado por um culto mais formal. Josué era o companheiro e ajudante constante de Moisés nessa tenda, e isso quase certamente diz-nos que o tabernáculo não estava em foco (ver o vs. 11), visto que Josué não era sacerdote.

Essa era a "tenda da congregação", que outras traduções chamam de "tenda da reunião", nome esse que foi dado mais tarde ao tabernáculo. No dizer de Ellicott (*in loc.*), essa tenda "foi um substituto temporário do tabernáculo". Ver Êxo. 25.22 quanto ao tabernáculo como um lugar de reuniões. Ver a expressão "tenda da congregação" em Êxo. 27.21; 28.43; 29.4,32; 30.16 e aqui.

33.8

Em atitude de respeito, o povo ficava observando, em contemplação admirada, Moisés, enquanto ele entrava na tenda! Ele não era apenas o líder político e religioso. Mas também era um homem que sabia influenciar a Yahweh. Observá-lo inspirava as pessoas à adoração.

"A cena em que todo homem ficava à porta de sua tenda, observando Moisés, vendo a coluna de nuvem descer, e adorava, deveria ser a cena em cada culto matinal em nossas igrejas: o ministro e suas orações sugerindo que a congregação fizesse outro tanto" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*). Cf. Ester 5.9.

O Targum de Jonathan interpreta este versículo como se os "ímpios" é que ficassem olhando para Moisés com olhos maus, ressentidos diante de Seu poder e de Sua autoridade. Mas isso parece contrário ao intuito desta passagem, segundo o vs. 10, sem dúvida, indica.

33.9

Descia a coluna de nuvem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Coluna de Fogo e Nuvem.* Talvez esteja em foco a coluna que guiava o povo de Israel. Ela mudava sua posição quando Moisés estava na tenda, porquanto descia. Isso servia de sinal de que Yahweh tinha descido para agraciar Moisés com a Sua presença, conferindo-lhe sabedoria em tudo quanto ele tivesse de fazer e dizer. Os oráculos de Moisés eram verazes e eficazes. Ver Êxo. 19.16,20; 20.21 quanto à nuvem no cume do monte santo. Alguns eruditos imaginam que a nuvem ia e vinha entre o monte Sinai e a tenda, dependendo dos movimentos de Moisés; mas parece haver nisso um grande exagero. Muitos estudiosos, como é claro, interpretam alegoricamente a questão, e não imaginam uma nuvem literal. Antes, pensam em termos de manifestação espiritual, e não de nuvens literais. Ver as notas sobre Êxo. 19.9 quanto à *nuvem mística.* A nuvem do monte Sinai, na opinião de muitos eruditos, não era a mesma nuvem que dirigia o povo de Israel durante o dia (ver Êxo. 13.21). Seja como for, ela servia de prova da presença de Yahweh com Moisés, e, portanto, com o povo de Israel. E isso seria a solução para o problema acerca da presença divina, levantado em Êxo. 32.34, bem como nas notas introdutórias a Êxo. 33.1.

A *Shekinah* (ver a respeito no *Dicionário*) talvez estivesse relacionada ao fenômeno descrito neste trecho, e essa força poderia fazer parte dos fenômenos que acompanharam o tabernáculo, erigido mais tarde.

A *nuvem falava,* o que demonstra que estão aqui em vista a presença do Senhor e a comunicação de Yahweh.

33.10

O fenômeno de Moisés e sua tenda, sobre a qual descia a nuvem, excitava os sentimentos religiosos do povo de Israel, de tal modo que o lugar e as circunstâncias associadas a ela tinham um valor de adoração. Ver no *Dicionário* o verbete *Adoração. A fé espiritual* jamais deveria ser apenas uma fonte de informação, e nem mesmo apenas uma fonte de iluminação. As pessoas podiam encontrar solução para seus problemas consultando Moisés, mas também deveriam ser um povo dedicado à adoração e ao louvor. A nuvem vinha e ia. Havia ocasiões de iluminação e adoração especiais, e isso sempre foi uma verdade em todas as dispensações. Havia uma certa distância entre Yahweh e o povo, conforme era requerido pelas circunstâncias (Êxo. 32.34; 33.3). Cristo, na nova dispensação, fechou o abismo quase totalmente, embora Deus continuasse sempre transcendente. Deus será sempre *algo* diferente, e não mera proximidade. A eternidade toda, na glorificação, estará envolvida em uma busca constante por maior proximidade, conforme os homens forem sendo transformados segundo a imagem de Cristo, assumindo cada vez mais a natureza divina (Rom. 8.29 e II Ped. 1.4).

33.11

Temos aqui a comunhão mística em seu ponto máximo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* O texto diz-nos que Yahweh e Moisés eram amigos, e estavam, com freqüência, na companhia um do outro. Assim foi que Moisés foi o maior de todos os profetas, e não apenas um líder significativo. Cf. este versículo com Núm. 12.7,8. Contudo, os vss. 18-23 sublinham o hiato que permanecia entre Moisés e Yahweh. Ademais, há uma imensa diferença entre Cristo e Moisés, pois Moisés era apenas um servo na casa, ao passo que Cristo era o *Filho* da casa. Ver Heb. 3.2,5. No entanto, Moisés era um servo extraordinariamente *fiel,* e esse era um dos segredos de sua incomum espiritualidade. Moisés, como servo, foi um mediador especial (Êxo. 19.9; 20.19). Ver também Deu. 34.10-12. Profetas posteriores, como é óbvio, tiveram certo grau do acesso a Deus de que Moisés desfrutou, como Isaías (6.1-6) e Ezequiel (1.28).

A estatura de Moisés como profeta fica demonstrada pelo próprio fato de que podemos contrastá-lo e compará-lo com Cristo. O que Moisés foi para a antiga dispensação, Cristo foi para a nova dispensação. Eles foram cabeças de importantes dispensações.

Visto que ninguém pode ver a Deus em Sua essência real (João 1.18), todas as manifestações divinas eram da *teofania* ou do *Anjo,* ou de alguma outra forma visível, mas jamais a essência divina. Ver sobre ambos esses termos no *Dicionário.*

O moço Josué. Na tenda de Moisés, antes do levantamento do tabernáculo, estava Josué, e não Arão, como seu primeiro assistente. Mas não há explicações quanto às funções de Josué. Ele não era um sacerdote no sentido verdadeiro da palavra. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Josué.*

A Auto-revelação de Yahweh a Moisés (33.12-23)

Em Êxo. 32.34 e 33.3, encontramos o problema da presença de Yahweh com o povo de Israel. Comentei sobre a questão na primeira referência e nas notas introdutórias sobre Êxo. 33.1. Esse *problema* foi aliviado por Moisés como um mediador. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mediação (Mediador).* Moisés foi tipo de Cristo como Mediador. Yahweh continuava guiando e estava presente, embora não diretamente no meio do povo, como tinha sucedido no Sinai. O texto que ora consideramos registra uma revelação especial de Yahweh a Moisés, uma poderosa experiência mística. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*

O Pacto Mosaico (comentado em Êxo. 19.1) foi violado e violentamente desprezado pelo povo no incidente do bezerro de ouro (Êxo. 32). Mas tendo Moisés como mediador, Yahweh aproximou-se de novo do povo de Israel e reinstaurou e reafirmou aquele pacto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos.* Nessa renovação, novas tábuas de pedra foram dadas (Êxo. 34.1). A teofania apareceu e garantiu a presença de Yahweh, pelo que não haveria falhas e nem defeitos. O pacto mosaico seria levado avante. A cena continuava sendo o monte Sinai. Yahweh fez uma outra aparição, posto que diferente. E à dispensação mosaica foi conferido um novo ímpeto. Êxodo 33 atua como uma espécie de pré-condicionador da reinstalação do pacto mosaico, o que é descrito em Êxodo 34. Nenhum pacto pode ser efetuado sem um acordo e sem um mediador. Esse mediador precisa estar qualificado, e o capítulo trinta e três do Êxodo mostra-nos que Moisés tinha qualificações espetaculares.

Os interesses de Moisés eram três: 1. Moisés queria saber quais eram as intenções de Yahweh em relação ao povo de Israel. Eles ainda ocupavam um lugar especial, apesar do lapso em que haviam caído (vs. 12)? 2. Moisés queria saber se a presença de Deus continuaria a acompanhá-los, ou se estavam abandonados (vss. 15-17). 3. Moisés precisava ser renovado quanto à glória do Senhor, para que o povo se encorajasse (vs. 18).

33.12

As Intenções de Yahweh. Temos aqui a primeira coisa sobre a qual Moisés tinha inquirido. Continuava viável o êxodo e a marcha na direção da Terra Prometida, apesar do lapso de Israel na idolatria (cap. 32)? Yahweh continuava presente, disposto a guiar, conferindo segurança e sucesso? Deus mesmo havia dito: "Conduze o povo para onde te disse; eis que o meu Anjo irá adiante de ti" (Êxo. 32.34; 33.3). Contudo, Ele estaria guiando o povo mediante Seus mediadores, Moisés e os poderes angelicais. Para Moisés, a glória *shekinah* continuaria comum, e ele haveria de compartilhar dessa experiência com o povo. Isso seria o suficiente para realizar a obra.

Conheço-te pelo teu nome. Essas palavras enfatizam a comunhão íntima que Yahweh tinha com Moisés. Ele tinha vindo ao encontro dele na sarça ardente (Êxo. 3.4), e novamente o chamara de dentro da nuvem (Êxo. 24.16). Além disso, havia a glória *shekinah* diante da porta da tenda de Moisés (Êxo. 33.10). A presença de Yahweh estaria sempre com ele (Êxo. 33.14). E isso seria suficiente para o povo de Israel e para que se completasse a tarefa do êxodo.

33.13

Rogo-te que me faças saber. . . o teu caminho. Com quanta freqüência enfrentamos problemas para os quais precisamos de iluminação. Não basta sermos bem versados nas Escrituras; também não basta orar. Algumas vezes precisamos do toque místico da presença de Deus a fim de podermos entender o Seu plano e o *modus operandi* desse plano. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! A fé chama-nos à ação quando não podemos ver. Mas às vezes é uma grande ajuda ver alguma coisa! É de prestimoso auxílio ser testemunha do poder de Deus. Nenhum homem é tão forte que não precise *desse* tipo de ajuda, mesmo que só ocasionalmente. Deus se conserva em meio às sombras, para ver o que podemos fazer com os dons e a graça que Ele nos tem outorgado. Ele nos dá oportunidades e espera que usemos nossos próprios dons e poderes. Ele provê para Seus filhos uma boa educação, esperando da parte deles que usem essa instrução. Mas ao notar que eles têm mais para fazer do que são capazes de fazer, Ele sai das sombras e provê a *assistência divina.*

Esta nação é teu povo. Em Êxodo 32.7, Yahweh pareceu ter renegado a Seu povo, chamando-o de povo "de Moisés" e não Dele mesmo. Ver as notas expositivas sobre aquele versículo. A primeira intercessão de Moisés lembrou Yahweh da relação especial que Ele mantivera com Israel como um *filho.* Ver Êxo. 32.7-14. Abraão, Isaque e Jacó tinham que ser levados em consideração, sem falar sobre o Pacto Abraâmico (ver as notas expositivas sobre Gên. 15.18). Sendo esses fatos indiscutíveis, Moisés sentiu ser necessário que Yahweh reafirmasse Suas boas intenções no tocante a Israel, garantindo a Sua presença, para que a marcha até à Terra Prometida tivesse bom êxito.

33.14

A minha presença irá contigo. Israel não contaria com a presença de Yahweh, segundo se vira no monte Sinai. Isso foi demais para eles. No entanto, contariam com a presença de Deus, por intermediação de Moisés. Também haveria a teofania do Anjo. Não faltariam poder e iluminação. O texto ensina que sem a presença de Deus, são impossíveis quaisquer grandes projetos. De modo significativo, a inter-

cessão de Moisés havia afastado a ameaça prometida em Êxo. 32.34 e 33.3. "No hebraico, a palavra *presença* é *face*. Isso quer dizer que a plenitude de Deus, em Sua função de protetor e líder, continuaria a ser a força e a segurança do povo de Israel. O juízo no qual Deus 'vira o rosto' tinha sido afastado. . . O julgamento, afinal, é apenas o lado negativo da revelação!" (J. Edgar Park, *in loc.*).

Eu te darei descanso. Moisés ficou muito apreensivo diante da ameaça da retirada da presença de Deus, como também pela gigantesca tarefa que jazia à sua frente. Só a graça e o poder divinos poderiam dar a Israel o sucesso na empreitada. Mas havia descanso à frente, em que Moisés ficaria liberto de todas as ansiedades e vexames. Esse descanso significaria sucesso e a cessação de labores. A Moisés foi prometida a vitória final, que lhe daria descanso. A esposa do famoso escritor brasileiro, Jorge Amado, disse que aquilo que mais dá *descanso* a um escritor é quando seu livro está nas mãos do editor, pronto para entrar no prelo. Assim acontece em todo projeto. O *descanso* vem com o sucesso final. Até aquele ponto temos labor e ansiedade.

"A própria Terra Prometida era esse descanso. . . o que era típico daquele descanso eterno que espera pelo povo de Deus no céu, sendo um puro dom de Deus" (John Gill, *in loc.*). Ver Heb. 3.11,18; 4.1,11.

33.15

O Sine Qua Non. Todos nós temos nossas limitações e condições. Coisa alguma do que fazemos de importante deixa de ter suas condições. Moisés tinha uma grande condição relativa à sua tarefa. Ele precisava da presença de Deus que o acompanhasse. De outra sorte, de nada adiantaria prosseguir. Esse era o seu *sine qua non* (sem o que, não!). Yahweh *concordou* com o pedido de Moisés, sabendo que ele estava com a razão. Portanto, a presença e a iluminação divinas estariam com ele. Essa seria a força de Moisés, bem como o fator que lhe daria coragem e entusiasmo para a sua tarefa.

33.16

Não Há Avanço sem Deus. A massa do povo de Israel não sentia a urgência que Moisés sentia. Que importância tinha para eles a presença de Deus? Eles estavam felizes em seus vícios e em seu materialismo. "Moisés preferia morrer onde estava do que continuar dando um passo sem Deus. Deus vai com qualquer um, até mesmo com o mais fraco e mais temeroso, que queira tê-Lo como seu guia" (J. Edgar Park, *in loc.*, referindo-se ao *Peregrino*, de João Bunyan).

Guia-me, ó grandioso Yahweh,
Peregrino que sou nesta terra estéril.
Sou fraco, mas Tu és poderoso.
Segura-me com Tua poderosa mão.

. . .

Abre agora a fonte cristalina,
De onde fluem as águas curadoras.
Que a coluna de fogo e de nuvem
Guiem-me até o fim da jornada.

Quando eu pisar na beira do Jordão,
Desapareçam todos os meus temores.
Sustém-me na correnteza revolta,
E faz-me chegar seguro em Canaã.

(William Williams)

Somos separados. Separados de todos os povos, um povo distintivo, no meio de quem operava de modo especial o poder e a vontade de Deus, tudo o que eram lições objetivas acerca da caminhada espiritual. Israel era um povo salvo dos idólatras e das corrupções morais dos povos: uma obra diferente de Deus.

33.17

Disse o Senhor a Moisés. A resposta do Senhor foi um "sim". Moisés tinha falado com veracidade, e Yahweh, Seu amigo, reconheceu esse fato. Portanto, concordou com as petições de Moisés, sem qualquer limitação ou condição. O Pacto Mosaico foi reinstalado, teoricamente falando. Êxodo 34 nos mostra a reinstalação formal do Pacto Mosaico, na outorga das novas tábuas de pedra, em substituição àquelas que Moisés havia partido, em seu acesso de ira (Êxo. 32.19). A presença divina, segundo Deus ameaçara, poderia ser removida (Êxo. 32.34; 33.3). Mas isso acabou não sucedendo. Antes, haveria a provisão e o poder divinos. Yahweh agradou-se com Moisés. Sua persistência prevalecera para benefício do povo de Israel.

Eu te conheço pelo teu nome. Isso também foi dito no vs. 12 deste capítulo, onde dou notas expositivas a respeito. Moisés tratou com Deus como um amigo. "Moisés foi recompensado por sua importunação. O povo de Deus, desse modo, achou graça diante de Seus olhos. Deus iria à frente deles, assim separando-os e distinguindo-os de todos os outros povos da terra. Agora, finalmente, Moisés estava satisfeito" (Ellicott, *in loc.*).

Os vss. 17-23 deste capítulo antecipam a teofania de Êxo. 34.5-9, o desdobramento prático das promessas de Yahweh.

33.18

Rogo-te que me mostres a tua glória. Moisés estava sempre pronto para fazer outra petição audaciosa. Visto que Yahweh tinha prometido a Sua presença e orientação, Moisés agora anelou por ver alguma manifestação especial de Deus. E pediu uma poderosíssima experiência mística. Moisés desejava que Deus se manifestasse de modo totalmente franco a ele. Então Moisés entenderia o caráter e o poder de Deus de uma maneira que não tinha sucedido ainda até ali. Yahweh satisfaria esse pedido, embora com limitações (vs. 23), pois uma revelação completa de Deus só aconteceria na eternidade, e como uma questão de *progresso* espiritual eterno, não podendo ser dado como um *único* acontecimento. Moisés estava pedindo demais, mas é melhor pedir demais, com sinceridade, do que não ser um inquiridor. É melhor pedir demais do que pedir a menos. É melhor crer demais do que crer a menos. Moisés anelava pela chamada *visão beatífica* (ver sobre isso na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Mas essa visão é uma questão de glorificação eterna, e não de um único acontecimento dentro do tempo. Essa experiência inclui a participação na natureza divina, de um filho com seu Pai celeste. As expectações de Moisés eram demasiadas para este lado da vida, mas seu zelo obteve para ele experiências tremendas, embora não tudo quanto ele esperava. Ademais, o que ele havia esperado estava muito acima do escopo da experiência humana mortal. Algo visível e glorioso haveria de ser dado, mas Moisés não veria a *essência* mesma da deidade, e, sim, alguma *manifestação* de Deus. "Talvez esse tenha sido o mais alto favor que já foi concedido a um ser humano, antes da encarnação de nosso Senhor" (John Gill, *in loc.*).

"Embora os homens não pudessem ver a Deus, eles puderam contemplar a glória que indicava a Sua presença (Êxo. 40.34; Núm. 14.10,22; 16.19; Eze. 11.23")" (*Oxford Annotated Bible*, sobre Êxo. 16.7). Ver os comentários sobre o vs. 23 deste capítulo.

33.19

De Acordo com as Condições Divinas. Deus tem misericórdia de quem Lhe aprouver ter misericórdia. A vontade de Deus é soberana. Deus podia conceder ou não o pedido feito por Moisés. Deus não se sente obrigado a nada; mas Ele faz coisas que ajudam os retos, quando estes estão preparados para tanto. A "bondade" de Deus passaria diante de Moisés, e isso tendo em vista o bem de Moisés. A visão seria uma manifestação da santidade de Deus, e operaria para o bem. A Septuaginta diz aqui *para minha glória,* mas isso é uma interpretação, e não uma tradução. A ira de Deus tinha-se acalmado. Agora Ele mostraria a Moisés a Sua bondade, as Suas boas intenções, a Sua benevolência, tudo contido em Sua presença, visando ao benefício tanto de Moisés quanto ao povo de Israel. Haveria graciosidade na presença de Deus. Seu nome seria conhecido em Sua presença. Haveria um poder *instrutivo,* e não apenas uma experiência divertida.

O nome do Senhor. "Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade" (Êxo. 34.6,7). Moisés haveria de aprender certas coisas acerca do nome de Deus, isto é, sobre Sua pessoa e caráter, naquela visão. As experiências místicas são *noéticas,* ou seja, dotadas de poder *didático,* que conferem àqueles que as recebem a plena certeza sobre certas coisas. O favor de Deus não é concedido arbitrariamente, mas é dado de acordo com a vontade divina. Não obstante, este versículo garante-nos a natureza benévola da vontade de Deus. Israel, que acabara de sair de uma grave falha contra o primeiro mandamento, não merecia qualquer benevolência da parte de Deus. Mas por causa de Moisés, os israelitas haveriam de ser beneficiados. A justiça de Deus está sempre presente, mas sempre temperada com o amor. Até mesmo o juízo é um dedo da amorosa mão de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.*

33.20

A face. A questão que é discutida aqui pelos estudiosos é exatamente quão antropomórfico o autor sagrado se mostrou. Poderia ser que ele realmente pensasse que Deus teria rosto e corpo físicos, incluindo costas (vs. 23)? Ou deveríamos tomar a palavra *face* com o sentido de *essência?* Deus não pode ser visto pelo homem (João 1.18). Portanto, no sentido que Deus não pode ser visto, usamos a palavra *face.* Em um outro sentido, todavia, Deus pode ser visto, e, nesse sentido, usamos a palavra *costas.* Essa é a interpretação metafórica do texto. Aqueles que insistem em literalidade (como

os mórmons e certas religiões antigas) envolvem-se em um pesado *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Os eruditos do hebraico histórico informam-nos que o autor reflete aqui um período da teologia dos hebreus quando o antropomorfismo fazia parte integrante do pensamento deles. Nesse caso, podemos afirmar que o autor acreditava que Yahweh tinha face e costas, em sentido literal. A teologia cristã nos levou para longe disso, com seu mais elevado conceito de Deus.

Em Cristo, a face de Deus foi e é vista pelos homens da maneira mais clara possível, até onde ela pode ser vista neste lado da vida. João 1.18. Assim, nenhum homem pode ver a Deus, mas Cristo O *revelou*. Cf. João 14.8,9. O Novo Testamento nos fez avançar muito em relação ao Antigo Testamento quanto a muitos pontos doutrinários; e não nos deveríamos surpreender por descobrir que, no tocante a este versículo, haja grande avanço no entendimento acerca da natureza de Deus. Como é óbvio, ainda teremos que avançar muito para saber o bastante acerca do *Mysterium Tremendum*. Ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* quanto a esse título.

Homem nenhum verá a minha face, e viverá. É bem provável que se um homem fosse transportado até à presença de Deus não resistiria ao choque de energia, e nem resistiria ao ambiente em que vive o Ser divino. Um ser humano não poderia sobreviver fisicamente na presença de Deus. Outro tanto, provavelmente, é verdade no tocante à sua atual *energia espiritual*, que terá de sofrer grande transformação, antes de poder agüentar estar na presença do Senhor. Possuímos um certo vocabulário com o qual especulamos acerca dessas realidades, mas de fato, nada conhecemos de prático acerca delas.

33.21,22

Eis aqui um lugar. Encontramos aqui a idéia de proteção em um lugar. Prossegue, pois, o antropomorfismo. Certo local, em uma rocha, ofereceria proteção a Moisés, quando Yahweh passasse. Moisés teria de postar-se atrás de uma certa rocha. Então, passando o Senhor, Moisés veria a Ele por meio de uma fenda na rocha, pois assim não sofreria o pleno impacto da energia divina, ao passar perto dele. Não contemplaria a face de Deus, mas veria, em um relance, o Senhor, pelas costas. Yahweh cobriria Moisés com a Sua mão protetora. Se quisermos entender o texto poética e metaforicamente, então "aqui há muitos mistérios". Se tentarmos entendê-lo literalmente, então haverá "mais mistérios ainda". Não basta sabermos que Deus pode revelar-se e realmente revela-se aos homens. Sabemos a respeito da nuvem mística. Ela faz parte de certas experiências místicas. Também sabemos acerca da presença divina, que mete medo, que faz tremer, que deixa aterrado, que purifica e ilumina. Mas afinal, uma das categorias ou descrições místicas é a da experiência mística, a qual, quando é de elevada ordem, é essencialmente não-verbal, *inefável*. Sendo esse o caso, não somos capazes de fazer muito mais, através de descrições, do que fez o autor deste texto bíblico. Podemos dizê-lo de forma diferente, mas ainda assim deixaremos nossos leitores ou ouvintes a indagar o que estaríamos querendo dizer. E isso não nos deve admirar, pois nós mesmos não temos idéias claras e nem palavras capazes de expressar essas noções indistintas. "...um homem pode conhecer a sua vontade, mas não pode perscrutar o mistério dessa vontade" (J. Edgar Park, *in loc.*).

"A linguagem humana, por sua própria natureza, é incapaz de expressar as sublimes verdades espirituais, pelo que, necessariamente, reveste essas verdades com um traje materialista, estranho à sua natureza etérea" (Ellicott, *in loc.*).

"Embora empregando ousados antropomorfismos (a *mão* e as *costas* do Senhor) a história enfatiza que Deus permanece oculto mesmo quando se revela" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

O belo hino intituiado *Rocha Eterna* está baseado neste texto bíblico. Essa rocha protetora é Cristo, fendida por nós na cruz, em sacrifício expiatório.

> Rocha eterna, foi na cruz
> *Que morreste Tu, Jesus;*
> *Vem de Ti um sangue tal*
> *Que me limpa todo mal;*
> *Traz as bênçãos do perdão;*
> *Gozo, paz e salvação.*
>
> (Augustus M. Toplady)

33.23

Uma vez removida a mão protetora de Deus, Moisés pôde ter um vislumbre das costas de Yahweh, um certo grau de glória que ele pôde suportar e sobreviver. Portanto, houve revelação, mas em um grau suportável e compreensível para o ser humano.

Assim sucedeu a Moisés, e isso sempre será verdade, embora a eternidade toda venha a dar-nos oportunidade de ir adquirindo cada vez maior *iluminação* (ver sobre isso no *Dicionário*). E assim iremos sabendo mais e mais sobre o *Mysterium Tremendum*. Isso posto, permanece um mistério em meio à revelação mais avançada. "...as mais plenas e brilhantes exibições de Sua glória, graça e bondade estão reservadas para o outro estado; ver I Cor. 13.9,12; I João 3.2" (John Gill, *in loc.*).

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Visão Beatífica*. Essa visão não consiste somente em vermos Deus. Pelo contrário, envolve um alto grau de transformação segundo a imagem de Cristo, para que possamos compartilhar da natureza divina (II Ped. 1.4). Ver também Rom. 8.29 e I João 3.2. A mais elevada verdade espiritual de que dispomos é a de que podemos participar da própria natureza divina, pois vamos sendo transformados de um estágio de glória para outro, segundo a imagem do Logos, mediante o poder do Espírito Santo (II Cor. 3.18). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*.

Capítulo Trinta e Quatro

Restabelecimento do Pacto (34.1 - 35.3)

As Segundas Tábuas da Lei (34.1-9)

O povo de Israel tornara-se culpado de um clamoroso pecado de idolatria, no caso do bezerro de ouro (Êxo. 32). Moisés quebrou as tábuas de pedra originais, onde estavam inscritos os Dez Mandamentos ou decálogo (Êxo. 32.19). Essa *violação* simbolizou o fato de que o Pacto Mosaico (ver as notas expositivas em Êxo. 19.1) tinha sido anulado e estava agora sem efeito. A presença de Yahweh, por isso mesmo, se havia retirado (Êxo. 32.34 e 33.3; ver as notas a respeito na primeira dessas referências e em Êxo. 33.1). A presença de Deus precisava ser restaurada em grau suportável pelo homem, e isso Yahweh concedeu, por motivo da obra de Moisés como mediador e intercessor (Êxo. 33.13 ss.). A restauração da presença divina significou que o Pacto Mosaico podia ser reafirmado. Mas agora a expressão das tábuas da lei foi dada como um *desdobramento* que os intérpretes apodam de *decálogo ritual* (vss. 14-26). Cf. Deu. 10.1-5. As leis que aparecem na seção à nossa frente estão ligadas aos segmentos cúlticos do código do Pacto Mosaico (ver Êxo. 20.21,26; 22.18 - 23.19), e não diretamente ao decálogo original. A maioria de suas provisões são paralelas àquelas de Êxo. 23.13-19 (cf. Êxo. 34.14-26). Existem duplicações virtuais: Êxo. 34.17 = Êxo. 20.23; Êxo. 34.19,20 = Êxo. 22.29,30.

"Outras renovações foram registradas em Deu. 5.2,3; 29.1; Jos. 24.25; II Reis 23.21-27" (John D. Hannah, *in loc.*).

34.1

"A renovação do pacto teve por sinal a reescrita dos dez mandamentos" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Ver as notas introdutórias a esta seção, acima, quanto a detalhes e varias referências que esclarecem a questão. As tábuas de pedra originais foram quebradas por Moisés quando ele irou-se diante do caso de idolatria referente ao bezerro de ouro (Êxo. 32.19). Simbolicamente, aquele lapso anulara o Pacto Mosaico (ver as notas em Êxo. 19.1), e agora era mister a renovação do mesmo.

"O pecado sempre nos faz perder alguma coisa, mesmo quando perdoado" (Ellicott, *in loc.*).

Moisés teria de fazer o trabalho de esculpir as tábuas de pedra. No primeiro caso, isso foi trabalho de Yahweh. As palavras "eu escreverei nelas" subentendem que o dedo de Deus comporia a escrita no segundo jogo de tábuas de pedra. Ver Êxo. 31.18. Mas alguns eruditos pensam que vêem aqui uma obra de escrita delegada por Deus a Moisés, ou, então, um ditado feito por Deus a Moisés. O trecho de Êxo. 34.27,28 parece indicar que o trabalho de escrita foi todo feito por Moisés. Cf. Deu. 10.1-4, onde se lê que Yahweh fez esse trabalho.

34.2

A Nova Subida de Moisés. Moisés precisou subir de novo o Sinai, sozinho (vs. 3). A transação era entre ele, o mediador, e Yahweh. Nisso ele serviu de tipo de Cristo, o Mediador do Novo Pacto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mediação (Mediador)*. Há tarefas que somente indivíduos específicos podem realizar. Cada pessoa tem uma missão ímpar, mas algumas vezes é preciso tempo para que o homem se prepare para que saiba qual é a sua missão, e então, possa cumpri-la devidamente.

No cume do monte. Em outras palavras, o mesmo lugar de antes. Ver Êxo. 19.20; 24.1,18. E, quanto aos *quarenta dias*, ver Êxo. 34.28.

34.3

Este versículo, de maneira menos dramática, dá-nos o mesmo tipo de cena que achamos em Êxo. 19.12,13. Ele também deixou de mencionar todas as chamas e terremotos da primeira cena (Êxo. 19.16 ss.). É provável que ele espe-

rasse que seus leitores se lembrassem daquelas descrições, supondo que tais fenômenos tiveram repetição.

Homens e animais tinham que manter-se afastados, pois havia o perigo de serem consumidos pelos terrores da cena, conforme podemos lembrar terem sido descritos em Êxo. 19.16 ss. As leis antigas não permitiam que os animais invadissem áreas sagradas. No presente caso, porém, muito mais estava envolvido. Moisés precisava subir ao monte inteiramente só. Nem mesmo Josué pôde subir parte do caminho, conforme tinha feito na primeira vez (Êxo. 24.13). Deus havia revelado a Sua glória a Moisés de uma maneira especial (Êxo. 33.21-23); e agora, como um homem especial, subiu inteiramente só, a fim de renovar o pacto.

"Antes, Arão e seus dois filhos, bem como setenta anciãos de Israel, tinham subido com Moisés, embora não se tivessem aproximado tanto do Senhor quanto ele; mas agora, *tendo pecado* no tocante ao bezerro de ouro, embora tivesse havido reconciliação, *não tiveram permissão de subir com ele*" (John Gill, *in loc.*).

34.4

Moisés esculpiu em pedra as duas tábuas, similares às duas primeiras. Com as pedras prontas e inscritas, ele subiu ao monte Sinai, ao encontro de Yahweh. Os intérpretes judeus pensavam que ele haveria de permanecer outros quarenta dias e quarenta noites no mnte (Êxo. 34.28,40), pois quarenta era um número fixo para indicar testes ou provações. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quarenta*.

34.5

A nuvem mística voltou, algo sobre o que comento em Êxo. 19.9. Essa nuvem, provavelmente, não era a mesma que guiava o povo de Israel durante o dia. Ver no *Dicionário* o verbete *Colunas de Fogo e de Nuvem*. Antes, essa nuvem era uma manifestação divina distinta, que acompanhava a presença de Yahweh. A proclamação do nome do Senhor não foi proferida por Moisés. Os vs. 6 e 7 dizem que o próprio Yahweh fez essa declaração. Essa proclamação foi uma revelação do *nome* de Yahweh, ou seja, uma descrição de Seu caráter e de Seus atributos. Cf. Êxo. 33.19, que é trecho similar.

34.6

Yahweh passou diante de Moisés. Temos aqui uma informação similar à de Êxo. 33.22. Mas Moisés não precisou ocultar-se na fenda de uma rocha, e nem o Senhor precisou cobrir Moisés com uma de suas mãos. Talvez devemos subentender aqui aqueles detalhes. Ver Êxo. 33.21-23, onde por certo achamos um trecho paralelo, embora dentro de um engaste histórico diferente.

Senhor, Senhor Deus. Em hebraico, *Yahweh, Yahweh-Elohim,* que não eram nomes novos. Mas aqui é revelado que a esses nomes estão vinculados os atributos indispensáveis da misericórdia, da bondade, da longanimidade, do perdão de pecados, porquanto Israel haveria de beneficiar-se desses atributos. Grande era a necessidade deles, por terem deslizado para a idolatria (Gên. 32).

"Na sarça ardente, Deus tinha revelado o Seu caráter eterno e auto-existente; ao descer sobre o Sinai (Êxo. 19.16-19 e 20.18-21), Deus tinha mostrado quão terrível Ele é; e agora, no ato de perdoar Seu povo, acolhendo-os novamente em Seu favor, Ele tornava conhecido os Seus atributos misericordiosos" (Ellicott, *in loc.*).

Palavras hebraicas usadas para indicar os atributos de Deus:

Rakhum: Aquele que é terno ou compassivo.
Khannum: Aquele que é gentil e gracioso.
Erek appayim: Aquele que é longânimo.
Rab khesed: Aquele que é grande em misericórdia.
Notser Khesed: Aquele que guarda misericórdia.
Nose 'avon: Aquele que perdoa a iniqüidade.

Contudo, quem é culpado não pode ser liberado caprichosamente. É mister que seja perdoado e restaurado.

Alguns ou todos esses atributos de Deus são citados por sete outras vezes no Antigo Testamento: Núm. 9.17; Sal. 86.15; 103.8; 145.8; Joel 2.13; Jon. 4.2, onde achamos listas similares. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Amor; Perdão; Longânimo* e *Misericórdia (Misericordioso)*.

34.7

O perdão dado por Yahweh é amplo e irrestrito, embora Ele não perdoe incondicionalmente. É mister que haja arrependimento. Ademais, os efeitos do pecado continuam, mesmo quando ocorre o perdão, pois um homem precisa colher aquilo que semeia. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

O amor de Deus perdoa muitos e muitos milhares de pessoas, exatamente por serem aqueles sobrecarregados de pecados que se mostram arrependidos. "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rom. 3.23).

O Pecado Segue a Descendência de uma pessoa, até à quarta geração. Esse é um dos aspectos da colheita segundo a semeadura. Ninguém é uma ilha, e os pecados de uma pessoa podem projetar-se às gerações seguintes, em seus resultados e punições aqui descritos. Já vimos uma declaração parecida em Êxo. 20.5, onde damos notas expositivas. Nem por isso é anulada a responsabilidade do indivíduo. Nenhum homem inocente sofrerá detrimento quanto ao bem-estar de sua alma, mas pode ser apanhado em circunstâncias adversas, por causa de seus antepassados. Logo, o castigo contra o pecado pode prosseguir mediante circunstâncias e adversidades que foram criadas por outras pessoas. O trecho de Eze. 18.29 mostra o ponto de equilíbrio nessa questão. Cada pessoa levará sobre si a sua própria iniqüidade. Um filho não pode levar a iniqüidade de seu pai, e nem um pai pode levar a iniqüidade de um seu filho. Mas podem haver condições contrárias, postas em ação pelos ancestrais de uma pessoa, até à quarta geração. Também parece haver em operação uma espécie de dívida "kármica" que atravessa nações e famílias. As dívidas assim criadas de antemão podem ser pagas por descendentes daqueles que as criaram, visto que a vida e a história espiritual das pessoas formam uma espécie de empreendimento comunitário. Um homem é um indivíduo, mas também é membro da raça humana e de uma família dentre a humanidade. Há participação no bem e no mal. Ver também Núm. 14.18; Deu. 5.9.

34.8

Uma adoração marcada pela expectação resultou desse novo contacto com Yahweh, o que, para Moisés, serviu de uma nova revelação acerca dos atributos positivos e salvatícios do Senhor. Essas palavras eram do tipo de palavras que Moisés, o mediador do Pacto Mosaico, desejava ouvir. Agora ele podia atirar-se à sua incumbência com coragem e entusiasmo. A bondade de Deus prevaleceria, apesar de inevitáveis lapsos em vários pecados. De algum modo, o bem sempre acaba predominando sobre o mal. De algum modo, o bem acaba redundando do mal. Moisés, na presença de Yahweh, sentiu ali a Sua bondade.

34.9

Segue em nosso meio conosco. Assim pediu Moisés, se era que Deus ainda tinha Israel em Seu favor. A presença divina se havia retirado por causa da queda de Israel na idolatria (Êxo. 32.34 e 33.3, com notas na primeira dessas referências e em Êxo. 3.1 e 3). A presença de Deus foi restaurada (Êxo. 33.14), e uma nova segurança foi conferida a Moisés, conforme vemos neste versículo.

Dura cerviz. Essa expressão é freqüentemente usada para caracterizar o povo de Israel. Há notas a respeito em Êxo. 32.9, onde dou referências sobre outras suas ocorrências. Apesar dessa merecida caracterização, sempre haveria o *perdão,* pelo que o plano de Deus teria continuidade, mesmo que os israelitas flutuassem entre o bem e o mal. Mas o ser humano é assim mesmo, inconstante, e Yahweh sabia das fraquezas deles e os amava, a despeito de tudo.

Toma-nos por tua herança. Israel era *filho* de Yahweh (Êxo. 4.22), e agora aparece como a herança Dele. Dentre todas as nações, Yahweh tinha herdado Israel como sua possessão espiritual, o povo por meio do qual Ele queria manifestar os Seus atributos, um instrumento que pudesse usar tendo em vista a salvação de todos os outros povos, uma vez que o Messias, Jesus Cristo, fosse enviado. Ver Deu. 4.20 onde é reiterada essa mesma idéia, lembrando-nos que exatamente por *essa* razão o povo de Israel havia sido libertado da servidão egípcia.

34.10

Uma aliança. A aliança ou pacto mosaico já havia sido firmado, mas agora era restaurado. Ver as notas em Êxo. 19.1 quanto ao *Pacto Mosaico*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pactos*.

O próprio Pacto Mosaico previa e requeria prodígios, ou seja, acontecimentos incomuns e miraculosos que os homens devem atribuir a Yahweh. Os adversários de Israel seriam miraculosamente expulsos da Terra Prometida (vs. 11), o território que Deus havia dado a Abraão (Gên. 15.13 ss.).

Outras maravilhas teriam lugar, incluindo as provisões miraculosas em favor de Israel, no deserto, relativas ao incidente das serpentes venenosas, as vitórias miraculosas inesperadas sobre inimigos e os sinais divinos ao longo do caminho. Israel experimentaria uma surpresa após outra.

Cousa terrível. Uma declaração bastante vaga, impossível de ser definida com precisão. Talvez a referência seja geral. A presença de Yahweh seria como um terror, que se manifestaria por meio de Moisés, para amigos e inimigos igualmente. Moisés seria uma figura espantosa. Lembremo-nos de que quando Moisés desceu do monte, seu rosto brilhava, talvez simbolizando todo o seu avanço espiritual (ver Êxo. 34.35). Deus causaria pânico através do sucessor de Moisés, Josué, o que assustaria as nações que deveriam ser expulsas. Assim, Josué daria prosseguimento à herança de Moisés. Ver Núm. 21.33-35; 22.3; Jos. 2.9-11. Cf. Deu. 10.21; Sal. 106.22; 145.6.

34.11

Outra Lista de Nações que Seriam Expulsas. Cf. esta com as listas em Êxo. 3.8,17; 23.23; 33.2; Deu. 7.1; Jos. 3.10; 24.11. Algumas vezes, essa lista inclui dez pequenas nações, como em Gên. 15.21, e, de outras vezes, *tão poucas quanto* apenas seis, como neste versículo. Todos esses nomes merecem artigos separados no *Dicionário.* Uma das maravilhas que Deus faria era expulsar aquelas tribos ferozes a fim de que o povo de Israel pudesse entrar na posse da *terra* prometida a Abraão. Isso fazia parte integral do *Pacto Abraâmico,* conforme demonstro nas notas gerais sobre esse pacto, em Gên. 15.18.

A Lei. Desdobramento do Decálogo (34.12-28)

34.12

Abstém-te de fazer aliança. Israel não podia entrar em acordos com os povos circunvizinhos. Yahweh era contrário à coabitação pacífica. Ele resolvera que aquelas nações idólatras e iníquas não corromperiam um povo já debilitado como era Israel. Nos dias de Salomão, finalmente, essa expulsão de povos pagãos estava quase completa. Todavia, não muito depois disso, as corrupções internas de Israel levaram-nos a praticar aquilo que as influências externas tinham querido que eles fizessem. Finalmente, vindas de fora, as potências estrangeiras da época, a Assíria e a Babilônia, inflingiram cativeiros, primeiramente à nação do norte, Israel, e menos de duzentos anos depois, à nação do sul, Judá, por causa dos muitos pecados e lapsos do povo de Deus. Por conseguinte, a tarefa de Israel nunca se completou, mas antes, esteve sempre em risco de fracassar. No entanto, a nação de Israel produziu o Messias, o qual foi a maior realização do antigo povo de Deus.

Esta passagem é paralela a Êxo. 23.24 ss. Deus toleraria os cananeus, povos que eram aborígenes da região, até que a taça da iniqüidade desses povos estivesse cheia. E somente então os expulsaria do território, por haver chegado o tempo do julgamento dos mesmos. Parte desse julgamento consistia em perderem seus territórios para Israel (Gên. 15.16 ss.). Ver também Êxo. 23.33 quanto à essência do versículo à nossa frente, onde são oferecidas notas expositivas. Ver também os vs. 15 e 16 deste capítulo. Havia muitas *armadilhas* tipicamente gentílicas que poderiam anular todo o trabalho de cultivo de Yahweh com o povo de Israel.

34.13

As Novas Tábuas do *Decálogo* (os *Dez Mandamentos;* ver no *Dicionário*) estavam prestes a ser entregues. A mensagem *oral* de Yahweh representa uma expansão e multiplicação daquelas leis. Portanto, a partir dos vss. 13-17 temos uma expansão do *primeiro mandamento* (ver Êxo. 20.2,3). Para que a *idolatria* fosse adequadamente combatida, faziam-se necessárias medidas preventivas. Ao entrar na Terra Prometida, os israelitas deveriam destruir todos os vestígios da idolatria, a fim de reduzir ao máximo a tentação. O povo de Israel já tinha, em seus corações, bastante corrupção interior, pelo que não seria preciso grande tentação para induzi-los a expressar essa corrupção sob a forma de idolatria.

Em Êxodo 23.24 já havia sido baixada a ordem para serem quebradas as imagens de escultura. Os *bosques* eram lugares favoritos para o povo entregar-se aos ritos idólatras. Ali eram erigidos altares, e as pessoas iam até àqueles lugares aprazíveis para praticarem o seu culto. E ali também havia aqueles postes-ídolos que comemoravam ritos pagãos, os quais teriam que ser derrubados. Ver Juí. 2.13. Os patriarcas de Israel tinham erigido colunas, mas em honra a Yahweh. Ver Gên. 28.18; 31.13; 35.14. Ver Deu. 7.4 e 12.3 quanto a regulamentações sobre o sincretismo e sobre lugares próprios para o culto. As tribos cananéias erigiam postes em honra à deusa Aserá, consorte de Baal. Ver II Crô. 14.3. A arqueologia tem mostrado quão prevalentes eram os bosques sagrados, alguns deles artificiais, plantados e cultivados pelos fenícios, assírios, babilônios e outros povos vizinhos de Israel.

34.14

Este versículo repete essencialmente as palavras do decálogo, em Êxodo 20.3,4, e adiciona uma nota sobre a natureza zelosa de Yahweh, como se vê em Êxo. 20.5. Ver aquelas referências e suas notas quanto a completas informações. Declarações como esta envolvem-nos no *Antropomorfismo* (ver a esse respeito no *Dicionário*). A passagem fala em exclusividade, como se a nação fosse a esposa de Yahweh, capaz de infidelidade. Aqui a declaração é especialmente forte, porque faz do adjetivo "zeloso" um nome divino. A natureza de Deus é tal que Ele não permite qualquer rival (Deu. 4.24). A coexistência ficava eliminada; tratados ficavam fora de cogitação; ídolos teriam que ser derrubados; bosques teriam que ser desarraigados.

34.15,16

Tratados Foram Proibidos. Temos aqui uma repetição do vs. 12 deste capítulo, mas com razões e informações adicionais. Um hebreu não podia aceitar o convite para estar presente a uma festa pagã, em honra a qualquer divindade que fosse, pois ali haveria sacrifícios a deuses falsos; haveria jovens que gostariam de casar-se, e assim poderia haver casamentos mistos com pagãos (vs. 16), o que só serviria para promover mais idolatria e apostasia.

"A assinatura de tratados com idólatras levaria ao envolvimento em suas refeições sacrificiais (Êxo. 34.15), e a casamentos mistos com suas filhas, muitas das quais não passavam de prostitutas cultuais ou prostitutas físicas em favor das suas divindades (Osé. 34.15)" (John D. Hannah, *in loc.*).

O mau exemplo de Salomão foi muito significativo. Ver I Reis 11.1-8. A contaminação, mui naturalmente, resulta do *contacto* com o que é profano. Aquelas coisas que nos cercam, aquelaas coisas a que damos atenção, aquelas coisas que ocupam o nosso tempo, nossa leitura, nossas atividades, nossos empreendimentos, essas coisas podem fazer de nós pessoas melhores ou pessoas piores.

"Os casamentos mistos são um campo especialmente fértil do sincretismo (Deu. 7.3,4)" (J. Edgar Park, *in loc.*). Isso posto, essas proibições acerca de contactos com a adoração pagã estavam alicerçados sobre o temor do poder sedutivo da idolatria (ver Êxo. 23.24). Cf. o problema neotestamentário dos crentes comerem coisas oferecidas a ídolos, uma continuação daquele antigo problema, em I Cor. 10.27,28. O problema haverá de prosseguir, com maior ou menor gravidade, enquanto houver idolatria capaz de atrair as pessoas, o que acontece mesmo nas modernas formas de idolatria.

Suas filhas prostituindo-se com seus deuses. Aqui, a idolatria é retratada como uma forma de adultério e prostituição. Na idolatria pagã, a prostituição era um ingrediente inevitável, e as prostitutas cultuais eram pessoas de prestígio social, visto que serviam aos templos e ao culto, e sacrificavam seus próprios *corpos para manutenção de* sua forma de culto. Existe um adultério espiritual claro na idolatria. Espiritualmente, as pessoas se prostituem com a idolatria, ou, então, unem-se ao Senhor, quando adoram a Deus em Espírito e em verdade (João 4.23).

34.17

Não farás para ti. Uma lei expressa foi baixada contra o fabrico de imagens, para que ninguém pensasse que fazer uma imagem de maneira diferente não violaria o primeiro mandamento. As imagens podiam ser esculpidas ou fundidas. Ambas as maneiras de confecção estavam proibidas. Talvez o bezerro de ouro (Êxo. 32) tivesse sido fabricado de acordo com ambas as técnicaas, ou seja, primeiro fundido, e depois esculpido. Cf. Êxo. 20.4-23, onde as duas técnicas de fabricação estão em pauta. Objetos esculpidos estavam proibidos; objetos fundidos, igualmente, sem importar se feitos de ouro ou de prata.

Fundidos. "Feitos de metal fluido, de ouro, de prata ou de bronze, que era então derramado em um molde. Objetos fundidos são aqui especialmente mencionados, por ser provável que assim fossem feitos os deuses dos cananeus, e, especialmente, porque, ainda recentemente, assim tinha sido feito o bezerro de ouro, que foi adorado como uma imagem fundida" (John Gill, *in loc.*).

As Três Festas (34.18-28)

34.18

A festa dos pães asmos. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse título. A descrição deste versículo é idêntica à de Êxo. 23.15, onde as notas devem ser examinadas. Essa festividade veio a ser associada à páscoa, sendo mencionada pela primeira vez em conexão com aquele evento, embora a maioria dos eruditos pense que ela tenha uma história independente. Ver Êxo. 12.14 ss. e a introdução ao capítulo doze de Êxodo. As três observâncias, a páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos, acabaram historicamente identificadas, o que é discutido nas notas acima referidas.

As Três Festas Anuais: a Páscoa, os Pães Asmos e o Pentecostes. Os estatutos acerca dessas festas são idênticos àqueles dados e anotados em Êxo. 23.14-17. Cada uma dessas festas merece um artigo no *Dicionário.* Os vss. 18-26 tratam aqui sobre o calendário religioso. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Calendário Judaico.* Quanto ao resgate dos primogênitos, ver as notas sobre Êxo. 34.19,20.

34.19

A lei sobre os primogênitos duplica aquilo que já tínhamos visto em Êxo. 22.30. Os primogênitos, tanto de homens quanto de animais, precisavam ser *redimidos* porque pertenciam ao Senhor, para que então pudessem empregar-se em outras atividades. Os primogênitos dos homens foram substituídos pela tribo de Levi, que assim se tornou a casta sacerdotal de Israel. Todos os animais, exceto o touro e o cameiro, podiam ser redimidos. Esses dois animais precisavam ser sacrificados a Yahweh, tal como pereceram os primogênitos do Egito. Quanto a notas completas sobre os *Primogênitos,* ver as notas introdutórias a Êxo. 13.1 e as notas sobre Êx. 13.1,2. A páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos foram associadas entre si, por causa da circunstância que foram vinculadas por ocasião da saída de Israel do Egito, mediante a décima praga, a

morte dos primogênitos egípcios. Os primogênitos de Israel, porém, foram poupados, mas tiveram que ser dados a Yahweh como Sua possessão particular. Ver as notas sobre Êxo. 13.12 quanto à santificação dos primogênitos e quanto à lei da redenção que fora estabelecida em algum ponto do passado distante. O modo exato dessa redenção ou resgate figura em Núm. 18.15,16.

34.20

No que tange ao modo de redenção, fora daquilo que é sugerido neste versículo, ver Núm. 18.15 ss. A provisão a respeito do *jumento* (um animal útil que valia a pena ser redimido) é dada e comentada em Êxo. 13.13. Ver também, nessa referência, o ponto intitulado *Remindo os Primogênitos Humanos*.

34.21

Antes de prosseguir com os requisitos atinentes às três festas anuais, o autor sacro injeta um aspecto do *quarto mandamento*, dado em Êxo. 20.8 (onde o leitor deve examinar as notas expositivas). A lei acerca do sábado é mencionada com freqüência no livro de Êxodo. Era uma parte fundamental da lei dos hebreus. Ver Êxo. 16.22-30 (em conexão com o maná); veio a tornar-se o quarto mandamento (Êxo. 20.8); introduzia o livro da aliança (Êxo. 23.12) e foi adicionada às normativas concernentes à ereção do tabernáculo (Êxo. 31.13-17). E, naturalmente, o sábado teve origem no descanso de Deus após a criação (Gên. 2.2). Precisava ser observado com cuidado na época da aragem e da colheita, conforme vemos no presente versículo. Esses eram períodos muito atarefados, pelo que a tendência dos homens seria ignorar qualquer dia de descanso. Mas as ansiedades acerca do trabalho tinham que ser suspensas, e um dia de descanso teria que ser observado, a despeito das muitas atividades em que o povo estivesse envolvido. Nem aragem e nem colheita podiam ser realizadas em dia de sábado, apesar da natureza crítica daquelas atividades. Mas para os hebreus era mais crítico ainda observar o dia de adoração dos israelitas, o sábado.

34.22

A festa das semanas. Esse é um nome alternativo para a festa de *Pentecostes* (ver a respeito no *Dicionário*). As instruções dadas aqui são quase idênticas às de Êxo. 23.16,17. Também era conhecida como "festa da colheita" (Êxo. 23.16). Era celebrada cinqüenta dias (ou sete *semanas;* o que explica seu outro nome, "festa das semanas" depois do dia dos pães asmos. Essa segunda festa assinalava o começo da colheita do *trigo*. Era o equivalente ao nosso Dia de Graças. Era um tempo de alegria e gratidão pela provisão alimentar. Ver Deu. 16.10. Na literatura judaica posterior, veio a ser associada ao aniversário da revelação da lei, no Sinai; e, então, finalmente, ao Pentecoste cristão, a descida do Espírito Santo. A colheita da *cevada* tinha lugar ao tempo da páscoa.

A festa da colheita. Nome alternativo para a festa dos *Tabernáculos* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa festa era celebrada ao tempo da colheita. Ver Lev. 23.34; Deu. 16.13,16; 31.10. Era festa dos tabernáculos, ou tendas, por causa da ordem, dada a Israel, que o povo devia residir em tendas, durante *sete dias*, a fim de que o povo de Israel se lembrasse das condições precárias em que tinha vivido quando habitava em tendas, logo depois de terem saído do Egito. Ver Lev. 23.33-43.

34.23

As três festividades anuais, acima descritas, tinham uma importância especial, por estarem ligadas a períodos críticos da história de Israel, e precisavam ser observadas escrupulosamente. Ver Êxo. 23.17, quanto à ordem relativa à sua observância, três vezes ao ano. Ver as notas sobre aquele versículo. Antes do estabelecimento do templo e da capital em Jerusalém, essas festas eram formalmente guardadas, segundo fora ordenado. E, então, a prática veio a incluir a provisão que todos os varões capazes de Israel precisavam subir a Jerusalém, quando dessas festas.

"Essas festas de peregrinação ligavam a nação em torno da adoração religiosa: Deus prometeu que enquanto os homens estivessem longe de casa, adorando ao Senhor, Ele protegeria as terras deles" (John D. Hannah, *in loc.*).

34.24

A Promessa de Deus. "Fazei minha vontade acerca dessas festas, e eu protegerei vossas terras". Quando os varões se ausentavam de suas terras, para observarem as festas, suas propriedades ficavam vulneráveis. Mas Yahweh prometeu que daria uma proteção especial a toda a nação de Israel, nessas ocasiões de vulnerabilidade. "A nação deles seria forte; e ninguém haveria de molestar suas propriedades, quando fizessem aquelas três peregrinações anuais" (J. Edgar Park, *in loc.*). Antes do templo de Jerusalém, determinado santuário central receberia os homens, mas a questão nunca é esclarecida. A vitória sobre os inimigos fazia parte da promessa divina. As fronteiras de Israel seriam ampliadas, provendo maior proteção. Aqui, como é óbvio, temos uma alusão à provisão da terra, dentro do *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18). Nos dias de Salomão, o território prometido foi conquistado quase em sua inteireza. Em tempos subseqüentes, entretanto, começou a haver perdas, e Israel foi encolhendo, até ser levada em cativeiro, primeiro pelos assírios, e depois, pelos babilônios. Ver I Reis.

34.25,26

As provisões desses dois versículos são idênticas ao trecho de Êxo. 23.18,19, onde são comentados, exceto que aqui se faz alusão à páscoa. Assim, é dito aqui que a gordura que queimava sobre o altar fazia parte do cordeiro sacrificado e comido na páscoa. Ver também Êxo. 12.10 e as notas ali existentes. Qualquer carne não consumida tinha que ser queimada, por motivos expostos naquele versículo (Êxo. 12.10).

Não cozerás o cabrito no leite. Ver Êxo. 23.19 quanto à mesma determinação divina.

34.27

O *pacto* foi reinstaurado. Ver Êxo. 19.1 quanto ao *Pacto Mosaico* e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* Moisés escreveu as leis, mas Yahweh estava presente, garantindo que isso seria feito de modo correto, preciso. No primeiro caso, as tábuas de pedra do decálogo foram escritas pelo *dedo de Deus* (Êxo. 31.18). O segundo jogo de pedras foi ditado por Yahweh, mas gravado por Moisés. A lei condicionava as relações do pacto. Não era um pacto gracioso, e, sim, de obras. Por essa razão, era fatal que fracassasse, sendo afinal substituído pelo Novo Pacto, em Cristo. Em lugar dos *Dez Mandamentos* (ver a esse respeito no *Dicionário*), aparece o *Decálogo Ritual,* uma expansão, desenvolvimento e aplicação ritual do intuito dos Dez Mandamentos. Ver as notas introdutórias a este capítulo.

Moisés, o Mediador do pacto é de novo destacado, prefigurando Cristo na Sua posição de Mediador. Ver no *Dicionário* o artigo *Mediação (Mediador).* Ver Êxo. 19.19; 20.19 e 24.1,2,9-11. Moisés foi o mediador da lei. Cristo foi o mediador da graça (ver João 1.17).

34.28

Quarenta dias e quarenta noites. Tal como no caso da outorga original da lei. Ver Êxo. 24.18. Moisés não comeu e nem bebeu, porque coisas mais importantes ocupavam a sua mente. Mas foi mantido sem ter de alimentar-se, um milagre apropriado para a ocasião.

"De modo diferente dos primeiros quarenta dias, dessa vez o povo não se deixou atrair pela idolatria" (John D. Hannah, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *Quarenta* quanto ao sentido simbólico dos muitos períodos de quarenta dias, nas Escrituras.

O trecho de Deuteronômio 9.18,19 diz que Moisés intercedeu por Israel durante esse período de quarenta dias. Sempre havia o problema do pecado, com que se preocupar, e que poderia manifestar-se sob a forma de idolatria. Proteção espiritual e graça eram necessárias, e era isso que Moisés estava buscando.

O Rosto de Moisés Resplandece (34.29-35)

34.29

A Transfiguração de Moisés. Este texto, embora descrito menos elaboradamente, faz-nos lembrar a transfiguração de Jesus (Mat. 17). Moisés também esteve presente naquele evento (Mat. 17.3). Uma luz extremamente brilhante é típica nas experiências místicas de elevada ordem. Existem seres de luz. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Moisés, durante aquele período, tomou parte na glória dos céus, e a luz demorou-se sobre o seu rosto. Ver II Cor. 3.7, que é o comentário do Novo Testamento sobre essa experiência. É-nos garantido que uma luz maior vem da parte do Espírito Santo, na Nova Dispensação (vss. 8-10). Em comparação, Moisés nem resplandecia, se considerarmos a luz que rebrilha na face do Novo Moisés, Jesus Cristo (vs. 10). Moisés precisou usar um véu para proteger o povo da radiação (ver II Cor. 3.12). Paulo tirou vantagem dessa circunstância para dar a entender que o véu indicava a cegueira e a dureza de Israel, que os impedia de se voltarem para Cristo, acerca de quem Moisés falou. Mas quando esse véu é removido, então também entramos na iluminação e somos transformados de um estágio de glória para outro (vs. 18).

Esse é um dos melhores versículos acerca de nosso avanço espiritual e glorificação eterna. No *Novo Testamento Interpretado, in loc.,* há notas expositivas completas a esse respeito.

A face de Moisés rebrilhava, e isso demonstrou a aprovação da reinauguração do Pacto Mosaico. A luz da glória *shekinah* (ver a esse respeito no *Dicionário*) estava sobre ele, e demorou-se com ele por algum tempo. Mas Moisés não tinha consciência da glória que o tinha envolvido. Isso posto, a espiritualidade autêntica

não consiste em *ostentação*. Alguns supõem que a radiação manifestada em Moisés fazia parte do estado original do homem, e que Adão perdeu por ocasião da queda no pecado. Ver Atos 6.15 quanto a outro exemplo neotestamentário acerca dessa glória.

34.30

A luminosidade causava *temor*, o que é comum nas experiências místicas. Moisés não tinha consciência da glória que rebrilhava em seu rosto, mas era óbvia para outras pessoas. A falsa espiritualidade, que se ostenta, também é óbvia para outros, ao passo que aquele que se ostenta ignora os seus motivos, sendo alguém que se auto-iludiu. Moisés tinha pisado na fronteira entre a terra e o céu, e saiu dali transformado, carregado com a energia divina.

O Rosto Rebrilhante. Há um hino que fala sobre "a iluminação do cantinho onde você está". E há um outro que alude a Jesus como "a Luz do mundo". Tomamos por empréstimo essa luz, mas ela torna-se nossa mesma. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Luz, Metáfora da*, quanto a uma explicação desse tema. Ver também ali o artigo *Iluminação*. Certo ministro, sepultado na colina de Andover, tinha a reputação de possuir uma fisionomia rebrilhante, no sentido espiritual do termo. E dizia-se acerca dele: "Ele não sabia que seu rosto brilhava". Cf. este versículo com Eze. 1.18 e Apo. 1.17.

". . .o pecado é detectado pela luz da lei; ela enche os homens com um sentido de ira e de temor da condenação; e, sendo a ministração da condenação e da morte, é aterrorizante e fatal, embora aja uma certa glória na mesma" (John Gill, *in loc.*, com uma interpretação cristã do versículo à nossa frente).

34.31,32

Então Moisés os chamou. Isso por ser ele o mediador do pacto mosaico. Ele convocou Arão e os sacerdotes, bem como todo o povo, para que ouvissem a mensagem que havia acabado de receber da parte de Yahweh. Ele trazia o Decálogo Ritual, a mensagem coberta por este capítulo, uma expansão e desdobramento do decálogo original, os Dez Mandamentos. Ver no *Dicionário* o artigo *Mediação (Mediador)*. Moisés era mediador, profeta e mestre. Ele encabeçou uma dispensação, e por seu intermédio foi estabelecido um pacto divino. Havia todo um corpo de ensinamentos que precisava ser transmitido. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo chamado *Ensino*. E, no *Dicionário*, ver o artigo *Educação no Antigo Testamento*.

34.33

Pôs um véu sobre o rosto. Isso Moisés fez depois que acabara de falar aos líderes de Israel e a todo o povo. Tendo descido de sua entrevista com o Senhor, seu rosto resplandecia. Terminando, pois, de transmitir as instruções divinas, Moisés encobriu seu rosto. O Novo Testamento espiritualiza a cena. Quando se ensina acerca da lei mosaica, hoje em dia, o véu continua posto sobre os corações e as mentes dos israelitas, porquanto não podem perceber Cristo e os Seus ensinamentos. *Em Cristo*, todavia, esse véu é retirado, e assim a luz de Cristo raia nas mentes e nos corações dos homens. Ver II Cor. 3.13 ss. Ver no *Dicionário* o artigo *Iluminação*.

O Uso de Máscaras. A arqueologia tem demonstrado o uso de máscaras por parte de sacerdotes. Essas máscaras protegeriam os sacerdotes dos poderes demoníacos, como também serviriam de escudos contra a glória dos deuses. Mas o povo de Israel era *frágil* e não podia enfrentar a glória de Yahweh, nem mesmo no grau em que ela se manifestava na face de Moisés. Logo, havia uma condescendência diante da fragilidade deles, mediante o uso do véu. Mas quando alguém desperta para a nova vida em Cristo, esse véu é retirado.

34.34,35

Esses dois versículos dão a entender, embora não afirmem de modo absoluto, que o uso do véu se tornou habitual para Moisés, mas apenas que ele o usou durante algum tempo. A glória que rebrilhava no rosto de Moisés não desapareceu da noite para o dia. 1. Quando Moisés estava na tenda, e mais tarde, presumivelmente, no tabernáculo, diante de Yahweh, ele não precisava usar o véu. Antes, tinha o rosto descoberto diante de seu Deus, bem como um coração receptivo. A iluminação era um seu privilégio diário. 2. Mas quando entrava em contacto com o povo, a serviço do Senhor, punha de novo o véu, pelas mesmas razões dadas nos vss. 29-33. 3. Em seu trato ordinário com as pessoas, Moisés não precisava usar o véu.

Não se sabe dizer por quanto tempo esse brilho perdurou. Saadiah Gaon asseverou que continuou até o dia de sua morte, frisando para isso o trecho de Deuteronômio 34.7 (uma aplicação dúbia, contudo). Aben Ezra também afirmou que esse resplendor nunca se afastou de Moisés. No entanto, o Novo Testamento mostra a natureza passageira desse resplendor do rosto de Moisés. Lemos em II Cor. 3.13: "E não somos como Moisés que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel *não atentassem na terminação do que se desvanecia*" (o itálico é nosso). Em Cristo, porém, não há desvanecimento da glória que Dele recebemos. Pelo contrário, vamos recebendo uma sempre crescente glória, conforme aprendemos em II Coríntios 3.18. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Glorificação*.

Na beleza dos lírios,
Nasceu Cristo, no além-mar,
Dotado de toda a glória,
A ti e a mim a transformar.

(Julia Ward Howe)

Capítulo Trinta e Cinco

O Sábado (35.1-3)

O trecho de Êxodo 35.1-3 dá prosseguimento ao parágrafo bíblico iniciado em Êxodo 34.1, onde devem ser lidas as notas introdutórias. Esse trecho reitera a lei do sábado, o sinal mesmo do pacto mosaico, renovado mediante as novas duas tábuas de pedra do decálogo. Já vimos que Moisés convocara o povo para transmitir-lhe a mensagem que havia recebido da parte de Yahweh (Êxo. 34.31-35). A idéia é reiterada aqui, em Êxo. 35.1; e os muitos preceitos que agora haveriam de ser apresentados são encabeçados pela lei do sábado.

35.1,2

Ficamos sabendo aqui como as instruções dadas a Moisés (Êxo. 25 - 31) foram transmitidas ao povo e passaram a vigorar. Porém, somos aqui informados que antes da ereção do tabernáculo, o povo foi relembrado acerca da guarda do sábado. Os israelitas estariam muito empenhados na construção do tabernáculo; mas esse labor religioso não deveria servir de obstáculo quanto à guarda do dia de descanso. Construir o tabernáculo era uma ordem divina; mas descansar ao sétimo dia também era uma ordem divina. Comentei sobre a essência do vs. 2 deste capítulo em Êxo. 31.15. Este versículo reitera, nas palavras quase exatas, o trecho de Êxo. 20.9,10, o quarto mandamento, onde apresentei amplas notas expositivas. O capítulo trinta e um impõe a pena de morte àqueles que desobedecessem esse mandamento (vs. 15), provavelmente por meio de *apedrejamento* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver notas adicionais em Êxo. 34.21, bem como o artigo geral intitulado *Sábado*, no *Dicionário*. A circuncisão era o *sinal* do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a esse respeito em Gên. 15.18; ver também Gên. 17.11 e o artigo sobre esse assunto). Mas o *sinal* do *Pacto Mosaico* era a guarda do *sábado* (ver Êxo. 31.13 e também as notas sobre a *lei do sábado*, nas notas sobre Êxo. 19.1).

O segundo versículo deste capítulo, tal como o trecho de Êxo. 31.15, ameaça com a pena de morte a todos os infratores. O Targum de Jonathan comenta, "lançando pedras", mostrando de que modo a pena de morte seria executada, um modo comum, embora não exclusivo. Ver Núm. 15.35,36.

35.3

A lei sabática era tão absoluta no tocante ao descanso, que nem ao menos se podia acender fogo para cozinhar. E se estivesse fazendo muito frio, era mister que as pessoas agüentassem o frio, até que o sábado terminasse. Uma vez levantado o tabernáculo, porém, essa lei já não tinha aplicação, visto que as lâmpadas eram mantidas sempre acesas. A história de Israel demonstra que havia exceções quanto à questão do aquecimento das residências, embora não no que concernia ao cozimento de alimentos. Também estavam envolvidas certas atividades profissionais, como a dos metalúrgicos, que tinham que usar fogo. Toda atividade cessava quanto a essas profissões. Mas o fato de que ninguém podia acender fogo, não fazia dessas atividades profissionais exceções. Uma lei específica proibia que se cozinhasse em dia de sábado (Êxo. 16.23), um trecho paralelo ao versículo presente.

"Na antiguidade, acender fogo envolvia um trabalho manual árduo, pois acendia-se fogo mediante a fricção violenta de dois pedaços de madeira seca" (Ellicott, *in loc.*).

Construção do Tabernáculo (35.4 — 40.38)

Ofertas para o Tabernáculo (35.4-29)

Os capítulos 35-40 de Êxodo nos dão as instruções sobre a ereção do tabernáculo e sobre a inauguração do culto ali efetuado. A começar por esta seção, somos informados como a questão foi posta em execução, e são adicionados detalhes, embora grande parte do material seja simplesmente repetido. Os vss. 4-29 são, essencialmente, uma expansão do trecho de Êxo. 25.1-9.

"Moisés continua aqui seu discurso diante de Israel. Ele exortou o povo a recolher de suas possessões as coisas necessárias para a ereção do tabernáculo (cf. Êxo. 25.1-9). Todavia, essas doações deveriam ser feitas *voluntariamente* (Êxo. 35.21,29), como oferendas ao Senhor" (John D. Hannah, *in loc.*).

35.4,5

Coisas necessárias deveriam ser trazidas, como ouro, prata e bronze, os metais básicos usados na ereção do tabernáculo. *Todo o povo de Israel* precisou envolver-se nessa questão, conforme o vs. 4 deixa claro. Seria um projeto da comunidade toda. Alguns projetos requerem trabalho de equipe; e é uma satisfação quando um projeto é efetuado por toda uma comunidade, visando a uma boa causa. O trecho de Êxo. 25.3 dá-nos a mesma ordem que temos aqui, no tocante aos metais necessários. Ver as notas sobre aquele ponto. A exposição ali inclui os presumíveis tipos de metais necessários.

Esta passagem segue a mesma ordem na enumeração das ofertas requeridas, segundo se vê em Êxo. 25.1-7, e em ambos os casos deveria haver um *coração voluntário* da parte daqueles que doassem os materiais pedidos, como o *sine qua non* daquele labor espiritual.

35.6

Este versículo tem paralelo em Êxo. 25.4, onde dou as notas expositivas. As mulheres usariam linho fino (e talvez lã) tingido nessas cores, e com esse material fariam as vestes sacerdotais (Êxo. 35.25).

35.7

Este versículo tem paralelo em Êxo. 25.5, onde são dadas as notas expositivas.

35.8

Este versículo tem paralelo em Êxo. 25.6, onde são dadas as notas expositivas. Aqui, porém, são adicionados dois elementos: o *azeite* da unção, que era misturado com especiarias (ver as notas sobre Êxo. 30.22-33 quanto a essa questão), e o *incenso* (ver Êxo. 30.34-38 quanto a essa questão).

35.9

Este versículo tem paralelo em Êxo. 25.7, onde são dadas as notas expositivas.

35.10

Venham todos os homens hábeis. Temos aqui um apelo à aptidão humana. Os habilidosos fariam conforme fossem instruídos. Seriam generosos e abririam seus corações e se sacrificariam a serviço do Senhor. Moisés já havia apelado à generosidade (vs. 5), e agora apelava à *sabedoria*. Neste passo, a *sabedoria* indica a habilidade profissional, uma espécie de *sabedoria aplicada* a algum mister especifico. Quase por certo esse é o sentido do adjetivo "hábeis", aqui usado. Feliz é o homem que pode usar seu conhecimento e suas aptidões, desenvolvidos ao longo dos anos, em algum labor espiritual.

35.11

O tabernáculo. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto. Este versículo alista as principais coisas que compunham aquela estrutura, não incluindo o átrio e sua cerca circundante.

Com sua tenda. Devem estar em foco as cortinas de pêlos de cabra, que encobriam as demais coberturas, formando parte do telhado da tenda. Ver Êxo. 25.4,5 e 26.14 e suas notas.

A sua coberta. Esta, feita com pêlos de carneiro, e, talvez, de animais marinhos, é devidamente anotada em Êxo. 25.4,5 e 26.14.

Os seus ganchos. Ver as notas em Êxo. 26.6.

As suas tábuas. Ver as notas em Êxo. 26.15,16.

As suas vergas. Ver as notas em Êxo. 26.26.

As suas colunas. Ver as notas em Êxo. 26.32,37 e 27.10-12,14,16,17.

As suas bases. Ver as notas em Êxo. 26.19 e 27.10.

35.12

Ver as notas em Êxo. 25.10-22 quanto a descrições gerais da porção do tabernáculo referida neste vs. 12.

A arca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança*, bem como as notas em Êxo. 25.10 ss.

Os seus varais. Ver Êxo. 25.13 e 27.6.

O propiciatório. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*, bem como as notas em Êxo. 25.17 ss.

O véu do reposteiro. Ver Êxo. 26.31.

35.13

A mesa. Ver Êxo. 25.23-27.

Os seus varais. Ver Êxo. 25.27,28.

Os seus utensílios. Ver Êxo. 25.29.

Os pães da proposição. Ver Êxo. 25.30.

Os versículos citados incluem exposições sobre a questão e aludem a artigos do *Dicionário* que detalham sobre itens específicos.

35.14

Ver as notas sobre Êxo. 25.31-39 quanto a descrições gerais sobre os itens constantes neste versículo.

Candelabro da iluminação. Ver o artigo sobre esse objeto intitulado *Candeeiro de Ouro*, no *Dicionário* e nas notas sobre Êxo. 25.31.

Os seus utensílios. Ver Êxo. 25.38,39.

Azeite para a iluminação. Ver no *Dicionário* o artigo sobre essa questão, bem como as notas em Êxo. 27.20.

35.15

Ver Êxo. 30.1-10 quanto a descrições gerais sobre os itens mencionados neste versículo.

O altar do incenso. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto, bem como as notas em Êxo. 30.1.

Os seus varais. Ver Êxo. 30.5.

O óleo da unção. Ver Êxo. 30.23-31.

O incenso aromático. Ver no *Dicionário* o artigo correspondente, bem como as notas sobre Êxo. 25.6 e 30.34-38.

O reposteiro. Ver Êxo. 26.36,37.

35.16

Ver Êxo. 27.1-8 quanto a descrições gerais acerca do altar de bronze.

O altar do holocausto. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Altar de Bronze*, bem como as notas sobre Êxo. 27.1.

A sua grelha de bronze. Ver Êxo. 27.4.

Os seus varais. Ver Êxo. 27.6.

Os seus utensílios. Ver Êxo. 27.3.

A bacia. Ver Êxo. 30.17,18.

O seu suporte. Ver Êxo. 30.18.

35.17

Ver as notas sobre Êxo. 27.9-17 quanto aos itens mencionados neste versículo.

As cortinas do átrio. Ver Êxo. 27.9-13.

As suas colunas. Ver Êxo. 27.10.

As suas bases. Ver Êxo. 27.10.

O reposteiro da porta do átrio. Ver Êxo. 27.16.

35.18

As estacas. Havia cordas presas aos pinos das paredes, que assim fortaleciam a estrutura, presas no chão por meio de estacas. Ver Êxo. 27.19.

35.19

As vestes do ministério. "Provavelmente, aventais, toalhas e coisas semelhantes, usados em serviços comuns, mas diferentes das *vestimentas* de Arão e seus filhos" (Adam Clarke, *in loc.*). Outros estudiosos preferem pensar em panos usados para envolver os vários vasos do tabernáculo a fim de serem transportados, ou seja, *envoltórios protetores.* Ver Êxo. 31.10.

As vestes santas. Ver Êxo. 28.2 ss. O capítulo vinte e oito dedica-se à descrição dessas vestes, em todas as suas peças. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Vestimenta (Vestimentas)* e *Vestes Sacerdotais.*

35.20

A congregação inteira tinha-se reunido a fim de ouvir as instruções de Moisés acerca da necessidade de ajudar a trazer os materiais necessários e achar os homens hábeis que erigissem o tabernáculo. Ver o vs. 1 deste capítulo quanto à convocação feita por Moisés. Ter conhecimento nos envolve em responsabilidade. Agora o povo precisava agir, ou jamais seria erigido o tabernáculo. Era um esforço de equipe. Moisés, apesar de todas as suas boas intenções, não poderia fazer sozinho o trabalho.

35.21

E veio todo o homem. Temos aí a cooperação voluntária dos bem dispostos a cooperar. Cf. este versículo com o quinto versículo. Cada qual precisaava agir de acordo com sua generosidade e livre-arbítrio. Houve muitos que se mostraram generosos em sua contribuição para as necessidades materiais do tabernáculo ou investindo de seu tempo na construção do tabernáculo. Metade da realização de qualquer tarefa consiste no entusiasmo, e o entusiasmo é inspirado pelo amor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.*

No hebraico temos, literalmente, "cujo coração o elevou", para nosso texto em português, *cujo espírito o impeliu.* Moisés fez um discurso inspirador, e os corações se animaram a agir. Temos aí outra maneira de destacar a idéia de entusiasmo. "A mente bem disposta, bem como a capacidade, foram dadas a eles por Deus (ver I Crô. 19.14)" (John Gill, *in loc.*). O vs. 29 dá a entender que houve alguns que não se sentiram impelidos a agir, os quais também não prestaram sua cooperação. De modo geral, porém, o povo cooperou quase por inteiro. No fim, o povo precisou ser *restringido* (Êxo. 36.5-7). Portanto, a campanha de Moisés em prol do tabernáculo foi um supersucesso.

35.22

A generosidade resultou na doação de todos os *metais preciosos* de que havia necessidade, a saber, ouro, prata e bronze (ver o vs. 5). Braceletes, brincos, argolas e outros objetos de joalheria foram as principais fontes desses materiais. Para a maioria dos homens, as jóias são itens de puro luxo; para as mulheres, porém, eram possessões preciosas, algo quase-necessário para a vida. Por conseguinte, houve muito *sacrifício* envolvido naquelas ofertas voluntárias. As mulheres deram suas jóias e também ajudaram a preparar vestimentas e cortinas (vs. 2).

Objetos de ouro. Além das jóias feitas de ouro, houve outras ofertas desse metal. O ouro, sob a forma de lingotes, e, mais tarde, sob a forma de moedas, era usado como dinheiro. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ouro.*

35.23

Os materiais para as vestimentas e as cortinas foram supridos pelo povo, que se mostrou ansioso para cooperar. Ver as notas sobre o vs. 6 quanto aos itens mencionados neste versículo. Ver também Êxo. 25.4. Quanto às peles de carneiro e de animais marinhos, ver Êxo. 25.5 e 35.7.

35.24

Prata e bronze, metais úteis na ereção do tabernáculo, foram trazidos, conforme se vê no quinto versículo, além de madeira de acácia (ver as notas a respeito no *Dicionário* e em Êxo. 25.5). "Toda a prata empregada no santuário veio do meio siclo pago quando o povo foi enumerado (ver Êxo. 38.25-28)" (Ellicott, *in loc.*). Ver Êxo. 30.11-16 quanto à taxa que foi cobrada para sustento dos sacerdotes e para a ereção e manutenção do tabernáculo.

35.25

Todas as mulheres hábeis. Além de entregarem suas jóias como material para a ereção do tabernáculo, as mulheres usaram suas habilidades como costureiras para fazerem as vestimentas dos sacerdotes e as cortinas do santuário. É razoável a suposição, e isso por certo é indicado no presente texto, que as mulheres de Israel sabiam tecer e costurar. De fato, isso sucedia por todo o antigo Oriente próximo e médio, visto que tantos aspectos da sociedade dependiam dessa habilidade. Os materiais usados eram pêlos de cabra e linho, ainda que alguns estudiosos (baseados na opinião de antigos autores judeus) creiam que a lã também era um dos materiais usados. O linho era tingido antes de ser fiado, nos dias de Homero (*Odi.* iv.135).

Linho fino. Ou seja, linho branco, depois de ter sido bem alvejado. A maior parte do linho egípcio tinha um tom amarelado, por não ser submetido ao adequado processo de embranquecimento.

35.26

Os pêlos das cabras. Era primeiro transformado em linha, a fim de produzir um material duradouro, que facilmente podia ser tingido. Isso mereceu outra menção, porque o uso de pelos de cabras na fiação era considerado uma arte que era conhecida por poucas mulheres. Os estofos feitos de pêlos de cabra formavam um importante artigo de comércio. Era mais difícil produzir fios de pêlos de cabra do que de linho, e por isso era uma especialização de poucas pessoas.

35.27

Pedras de ônix e pedras de engaste. Ver Êxo. 28.9-12 e 28.21 quanto ao uso que se fez dessas pedras semipreciosas. Os príncipes eram os líderes do povo (Núm. 1.16), e foram eles que trouxeram essas pedras, talvez dando a entender que eram mais abastados do que as pessoas comuns. Eles deram artigos de luxo para a construção do tabernáculo.

35.28

É provável que a posição deste versículo indique que também foram os líderes do povo que entraram com os itens aqui alistados (ver o vs. 27). Ver os vss. 14 e 15 quanto a esses itens e quanto a referências a outros textos que também os mencionam, e onde há comentários a respeito. Ver as especiarias alistadas e anotadas em Êxo. 30.23,24,34.

35.29

Este versículo repete a mensagem dos vss. 5 e 21, onde há notas expositivas. Pessoas de ambos os sexos, e cada indivíduo de acordo com suas possessões (mantendo a generosidade como padrão de suas dádivas), e cada qual de conformidade com o tipo de labor com que podia contribuir, aplicou-se às várias tarefas que precisavam ser realizadas. O texto confere-nos a idéia de uma equipe entusiasmada que envidou todo tipo de sacrifício, a fim de que a obra pudesse ser completada da melhor maneira possível.

Obreiros para o Tabernáculo (35.30 - 36.7)

Já vimos a questão ser-nos introduzida em Êxo. 31.1-11, na nomeação de Bezalel e Aoliabe, onde as notas expositivas devem ser consultadas. Há muita repetição, pelo que as notas a seguir são abreviadas. Esses dois homens foram chamados por Yahweh para cuidarem de suas respectivas tarefas. Agora, Moisés transmitiu essa mensagem ao povo, a fim de que seguissem e respeitassem esses *supervisores.* Aqueles que encabeçam alguma tarefa difícil devem ter tanto habilidades para serem usadas como capacidade de liderarem outras pessoas. E também devem ser aceitos por aqueles que operam sob sua supervisão, exercendo assim uma certa medida de autoridade.

35.30

Bezalel. Ver notas expositivas completas em Êxo. 31.2. O trecho de Êxo. 31.1-11 e este texto são virtualmente iguais no original hebraico, e somente os vss. 34 e 35 adicionam alguma coisa.

35.31-33

Ver as notas sobre Êxo. 31.3-5, onde a mesma coisa é dita, virtualmente da mesma maneira.

35.34

Aoliabe. Ver notas expositivas completas sobre ele em Êxo. 31.6.

35.35

Eles receberam suas habilidades da parte de Yahweh, como um dom a ser usado, conforme já vimos em Êxo. 31.3. Este versículo enumera as habilidades que eles possuíam. Eram artífices do mais alto conhecimento e experiência, conforme também nos é dito em Êxo. 31.4,5. Temos aqui a palavra *mestre*, ou seja, um sinônimo de *artífice*, um vocábulo genérico que fala de trabalhos feitos em pedra, madeira e metal.

Bordador. Trabalho de bordado sobre tecidos, que eles faziam e orientavam, sendo que provavelmente a maioria dos operários consistia em mulheres. Eram *tecelões habilidosos*, conforme fica subentendido no original hebraico. Vários desenhos complicados precisavam ser entretecidos, para o que era mister considerável técnica e experiência. ". . .para os véus, para as cortinas externas do tabernáculo e para as vestes sacerdotais" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Trinta e Seis

Este capítulo não dá início a um novo parágrafo, mas antes prossegue o parágrafo iniciado em Êxo. 35.30. Aquela seção, por sua vez, é paralela a Êxo. 31.1-11.

As Cinco Exposições. O autor sagrado descreveu, por cinco vezes, com muitas repetições, como o tabernáculo foi planejado, construído, aprovado e montado. Ver sobre isso em Êxo. 25.1, em seus comentários introdutórios, último parágrafo. Achamos aqui a *segunda* descrição.

36.1

Aquilo que os dois homens receberam a tarefa de fazer, da parte de Yahweh, através de Moisés, passaram a realizar. É belo quando alguém recebe uma missão divina, é preparado para essa missão, e, então, é capaz de cumpri-la. Além deles, havia outras pessoas dotadas de habilidade especial, que ajudavam as primeiras, sob a supervisão delas. Este versículo reitera essencialmente o que já tínhamos visto em Êxo. 35.10,11, onde são dadas notas expositivas.

"O capítulo todo é pouco mais do que a repetição daqueles capítulos (Êxo. 25 - 30), diferindo dos mesmos apenas no registro do que foi sendo feito, conforme tinha sido ordenado que se fizesse. A *exatidão minuciosa* da repetição é deveras notável, parecendo ensinar-nos a importante lição que a *obediência aceitável* consiste em uma *observância* completa e exata dos mandamentos de Deus, em todos os aspectos, até o mais minúsculo particular" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, não nos devemos esquecer que a repetição é uma característica literária do autor, o que se vê continuamente por todo o Pentateuco.

36.2,3

Este versículo repete aquilo que já tínhamos visto em Êxo. 31.1-11, onde são dadas notas expositivas. Ver também estes últimos versículos, quanto a maiores detalhes. Se antes foi dito que aqueles homens foram chamados por Yahweh, por meio de Moisés, agora é dito que eles foram chamados por Moisés para realmente começarem o trabalho. Eles receberam os materiais básicos que deveriam empregar no seu labor. Visto que eram homens versáteis, e estariam trabalhando com metais preciosos, ouro, prata, bronze e tecidos, os materiais que receberam foram variegados e amplos. Ver Êxo. 35.32,33 e 35. Ver as ofertas voluntárias, descritas em Êxo. 25.2 ss. E o material doado foi "muito mais do que era necessário para o serviço da obra" (vs. 5).

A liberalidade dos ofertantes prosseguiu. O entusiasmo estava alto. As pessoas sacrificaram tanto os seus bens materiais quanto o seu tempo. Manhã após manhã eles continuavam trazendo suas oferendas. Cf. essa liberalidade com aquela de Davi, quando ele estava acumulando materiais para a construção do templo de Jerusalém (I Crô. 29.6-9), ou quando Zorobabel construiu o segundo templo (Esd. 2.68-70; Nee. 7.70-72).

36.4

Aqueles que eram habilidosos em várias formas de labor, realizaram suas tarefas. Isso repete a informação de Êxo. 35.10,26 e 35. Por todo o capítulo trinta e cinco foram enfatizadas a *voluntariedade* e a *habilidade* dos operários. Agora temos a adição do fator *generosidade*. A combinação desses três fatores fez do projeto um sucesso completo, o qual foi realizado em pouco tempo.

36.5

A Generosidade do Povo. Esse fator é agora adicionado à voluntariedade e à habilidade. As ofertas voluntárias foram tantas que havia material de sobra para ser usado na edificação do tabernáculo. Se indagarmos como os israelitas, estando no deserto, depois de terem escapado da escravidão fazia tão pouco tempo, tinham todo esse material, a resposta é que o povo de Israel, embora tivesse acabado escravizado, tinha estado no Egito durante vários séculos, e, naturalmente, havia acumulado muitas riquezas materiais, as mais variadas. Ademais, ao saírem do Egito, os egípcios lhes doaram muitas coisas, conforme ficou registrado em Êxo. 12.35 e seu contexto.

Moisés foi *forçado* a baixar um decreto proibindo que o povo continuasse trazendo ofertas! Sem dúvida temos aqui uma situação incomum, que deve ser contrastada com as modernas campanhas de levantamento de fundos para projetos religiosos. Se Moisés tivesse querido enriquecer, sem dúvida teria podido fazê-lo, e não teria dado ordens no arraial no sentido de que não fossem mais dadas ofertas. Também podemos confrontar isso com a atitude de certos líderes religiosos de nossos dias, que enriquecem no ministério, passando a viver na opulência. Moisés, porém, estava trabalhando em prol do projeto, e não em benefício próprio. Moisés tinha pedido muito; tinha pedido a ponto do sacrifício e que houvesse liberalidade. Mas tinha pedido em favor do projeto, e não para si mesmo. E esse projeto era de Yahweh, o que foi a verdadeira razão do grande sucesso obtido.

36.6,7

A ordem foi proclamada no arraial. Sem dúvida, este é um dos mais estranhos versículos da Bíblia. O povo precisou ser *restringido* de fazer uma boa obra, porque o que já tinha sido feito era demais! Que contraste fazia isso com aquela mesma gente que, ainda recentemente, tinha caído na idolatria e tinha criado o bezerro de ouro (Êxo. 32). Esse contraste é muito apropriado, visto que o bezerro de ouro e o tabernáculo eram questões de culto religioso. O tabernáculo substituiu o bezerro de ouro, de maneira mui enfática. O projeto da ereção do tabernáculo contava com a *bênção divina*. Mas o bezerro de ouro contava apenas com uma maldição divina.

"Quando a *liberalidade cristã* será tão excessiva que precisará ser *restringida?*"

"Em vez de uma explosão de liberalidade, do que a maioria das pessoas precisa, foi imposta uma restrição para que impedisse excessos nas contribuições" (John Gill, *in loc.*).

Ao que parece, Moisés viu-se a braços com um problema de *armazenamento*. Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, a produção agrícola foi tão grande nos Estados Unidos da América que o principal problema do secretário de agricultura passou a ser onde armazenar tanto cereal, o que estava custando ao governo bilhões de dólares por ano. Muitos congressistas e senadores sentiam a pressão do problema, e houve inúmeras queixas. Mas certo homem observou quão grande *bênção* era esse problema, pois outros países, de vários lugares do mundo, estavam sofrendo necessidades por causa da guerra. Então, houve um grande problema de distribuição, e os estoques foram reduzidos, mediante partilha com nações necessitadas.

As Partes do Tabernáculo (36.8 - 38.20)

36.8-13

Os vss. 8-13 deste capítulo correspondem exatamente ao trecho de Êxo. 26.1-6. Somente os tempos verbais foram alterados. Esses versículos dizem respeito à construção da cobertura mais interior.

No primeiro relato, três peças de mobiliário foram descritas em primeiro lugar (cap. 25). Mas aqui, a feitura do próprio tabernáculo dá início ao relato. *Quatro componentes* foram alistados e descritos.

1. As cortinas de linho que encobriam os lados e formavam o teto. (Cf. Êxo. 36.8-13 com 26.1-6). A cobertura interna do tabernáculo é descrita.
2. As cortinas de pêlos de cabra, de peles de carneiro e de couros de animais marinhos. (Cf. Êxo. 36.14-19 com 26.7-14). Isso trata das duas coberturas mais externas.
3. As treliças de armação de madeira, nos lados norte e sul e nos fundos da estrutura. (Cf. Êxo. 36.20-30 com 26.15-25). Em conexão com isso, temos as travessas que mantinham as colunas no seu lugar. (Cf. Êxo. 36.31-34 com 26.26-29).
4. As duas cortinas da entrada, uma cobria a entrada para o tabernáculo e outra que dividia o tabernáculo em dois aposentos: o Lugar Santo e o Santo dos Santos (Cf. Êxo. 36.35-38 com 26.31-37).

Em todos os casos, as exposições são dadas no capítulo vinte e seis, com breves adições que ofereço, abaixo.

36.14-19

Estes versículos correspondem quase exatamente a Êxo. 26.7-14, onde são dadas notas expositivas. Quanto às possíveis razões de tais repetições, que

ocorrem com tanta freqüência no Pentateuco, ver as notas sobre Êxo. 36.1. O vs. 19 corresponde a Êxo. 26.14 e diz respeito à confecção das duas outras *coberturas externas* do tabernáculo. Os vss. 8 a 13 referem-se à cobertura *interior* do tabernáculo, feita de linho fino. Lembremo-nos que havia três dessas coberturas ao todo.

36.20-30

Estes versículos correspondem a Êxo. 26.15-25, onde são dadas as notas expositivas. São descritas aqui as estruturas de madeira para as paredes do tabernáculo. Estão envolvidos os lados norte, sul e fundos. A parte da frente, que dava para o *leste*, foi edificada de modo diferente.

36.31-34

Estes versículos correspondem a Êxo. 26.26-29, onde são dadas as notas expositivas. São abordadas aqui as travessas, que mantinham as tábuas das paredes em seu lugar.

36.35-38

Estes versículos correspondem a Êxo. 26.31-37, onde são dadas as notas expositivas. Mas aqui temos o acréscimo de uma pequena informação, ou seja, que os capitéis das cinco colunas eram recobertos de ouro (vs. 38). Não se sabe porque esse pequeno detalhe foi omitido no capítulo vinte e seis.

Capítulo Trinta e Sete

Este capítulo dá prosseguimento à seção iniciada em Êxo. 36.8. O capítulo trinta e seis inteiro é a repetição do capítulo vinte e seis, com pequenas variações. E este capítulo trinta e sete é a repetição de matéria que já foi vista e comentada antes. Assim:

Êxo. 37.1-9 repete Êxo. 25.10-22.
Êxo. 37.10-16 repete Êxo. 25.23-30.
Êxo. 37.17-24 repete Êxo. 25.31-40.
Êxo. 37.25-28 repete Êxo. 30.1-10.
Êxo. 37.29 menciona o que fora dado com detalhes em Exo. 30.22-38.

O trecho de Êxo. 37.1 - 38.8 *redescreve* a manufatura de *sete itens do mobiliário* do tabernáculo, a saber:

1. A arca e sua tampa (Êxo. 37.1-9 e 25.10-22).
2. A mesa dos pães da proposição (Êxo. 37.10-16 e 25.23-30).
3. O candelabro (Êxo. 37.17-24 e 25.31-39).
4. O altar do incenso (Êxo. 37.25-28 e 30.1-10).
5. O óleo da unção e o incenso (Êxo. 37.28 e 30.22-28).
6. O altar dos holocaustos (Êxo. 38.1-7 e 27.1-8).
7. A bacia de bronze (Êxo. 38.8 e 30.17-21).

Há alguma *adição* em Êxo. 37.1 - 38.8. Pois ficamos sabendo que a bacia de bronze foi fabricada à partir dos espelhos de bronze polido que as mulheres hebréias trouxeram com essa finalidade.

37.1-9

Estes versículos correspondem a Êxo. 25.10-22, onde são dadas as notas expositivas. A isso acrescentei alguns poucos detalhes. São aqui descritas a *arca e sua tampa*, manufaturadas de acordo com instruções dadas de antemão.

Bezalel. Ver notas expositivas completas sobre ele em Êxo. 31.1,2. Ver também Êxo. 35.30. Seu *companheiro de tarefas* era Aoliabe, sobre quem há comentários em Êxo. 31.6. Parece que Aoliabe não teve qualquer participação na confecção dos *móveis e utensílios do tabernáculo, porquanto concentrou sua atenção sobre as co*berturas, os véus e cortinas e as vestes sacerdotais. Ver Êxo. 38.23.

Em Êxodo 37.6, temos menção ao *propiciatório* (ver as notas a respeito em Êxo. 25.17).

37.10-16

Esses versículos são paralelos a Êxo. 25.23-30, onde são dadas as notas expositivas. Está em pauta a confecção da mesa dos pães da proposição.

37.17-24

Esses versículos são paralelos a Êxo. 25.31-40, onde são dadas as notas expositivas. Está em foco a manufatura do candelabro.

37.25-28

Esses versículos são paralelos a Êxo. 30.1-10, onde são dadas as notas expositivas. Está em mira a manufatura do altar do incenso.

37.29

Esse versículo dá uma breve nota acerca do incenso santo e do óleo da unção, que foram descritos com detalhes em Êxo. 30.22-28, onde as notas expositivas devem ser consultadas.

Capítulo Trinta e Oito

Este capítulo, até o seu vigésimo versículo, dá continuação ao parágrafo iniciado em Êxo. 36.8. Esta seção descreve a manufatura de itens do tabernáculo que tinham sido anunciados em capítulos anteriores. Praticamente nada de novo foi adicionado, além da informação dada em capítulos anteriores. Ver as notas na introdução ao capítulo trinta e sete, sobre como a seção inteira tem paralelo com aquilo que foi dito antes.

38.1-7

Estes versículos têm paralelo em Êxo. 27.1-8, onde são dadas as notas expositivas. Esta seção trata da construção do altar de bronze, isto é, dos holocaustos.

38.8

Este versículo dá uma breve nota acerca da manufatura da bacia de bronze, descrita com detalhes em Êxo. 30.17-21. Achamos aqui a pequena informação adicional de que o bronze utilizado em sua feitura era dos espelhos das mulheres. Os espelhos antigos eram feitos de metal polido, e não de vidro. Os espelhos de vidro só começaram a ser fabricados no século I D. C.; mas mesmo esses não eram feitos de bom vidro, e nem tinham o poder de reflexão em comparação com os espelhos atuais. Metais bem polidos davam um reflexo razoável, mas a referência de Paulo, em I Cor. 13.12, mostra-nos que deixavam muito a desejar. O que Paulo quis dizer é que nesta vida o nosso conhecimento é tão pequeno que vemos como se estivéssemos olhando através de um espelho de metal polido, onde as imagens eram vistas apenas indistintamente.

Há um artigo detalhado no *Dicionário* chamado *Espelho*. E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* há um artigo intitulado *Espelho Espiritual*, que explora as idéias metafóricas sugeridas pelo espelho, mormente no tocante à evolução espiritual, através do poder do Espírito Santo. Ver II Cor. 3.18 acerca disso. Há comentários abundantes sobre esse versículo no *Novo Testamento Interpretado*.

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Bronze*. O bronze era um metal comumente usado no fabrico de espelhos; e a arqueologia tem achado muitos exemplos de tais espelhos, usados no Egito, onde os israelitas devem ter aprendido a fabricá-los. A maioria desses espelhos tinha o formato redondo ou oval. Alguns tinham bordas e cabos altamente decorados. As mulheres etruscas tinham espelhos de metal assim ornados.

Mulheres que se reuniam para ministrar. Eram mulheres que serviam em alguma capacidade, à porta da entrada da tenda de Moisés (ver Êxo. 33.7). Nessa tenda, Moisés dava oráculos, instruções e solucionava problemas. As funções efetuadas na tenda, mais tarde foram transferidas para o próprio tabernáculo.

Tenda da congregação. Está em vista a própria tenda de Moisés, mas essa mesma expressão, em outros trechos bíblicos, também se referia ao tabernáculo. Para exemplificar, ver Êxo. 40.1,12,22,24,26,29,30,34,35.

Não fica claro qual serviço as mulheres prestavam. Talvez mantivessem limpo o lugar; talvez agissem como conselheiras de mulheres; talvez atuassem como vigilantes ou recepcionistas. Mas talvez esteja em pauta que elas ministravam contribuindo com o bronze de seus espelhos, embora esteja em foco mais do que isso. As mulheres sabem agir muito bem no preparo de refeições, e isso, sem dúvida, fazia parte do serviço delas.

38.9-20

Esses versículos têm paralelo em Êxo. 27.9-19, onde são dadas as notas expositivas. Está em pauta a construção do átrio do tabernáculo.

O Custo do Tabernáculo (38.21-31)

Esta breve seção é suplementar, não havendo qualquer paralelo em outro trecho bíblico. Mas pressupõe a nomeação de Itamar como cabeça dos levitas

(cf. Núm. 3 e 4.33), e o recenseamento de Israel, descrito no primeiro capítulo de Números. Provê um sumário das ofertas trazidas para a construção do tabernáculo e nos fornece alguma idéia do custo dos materiais. Vários paralelos existem, e esses são comentados ao longo do caminho.

"Agora que a obra havia começado, foi compilado pelos levitas, sob Itamar, o filho mais jovem de Arão, um inventário dos materiais doados. As estatísticas revelam o quanto se engrandeceu e expandiu o centro de adoração de Israel. O material doado incluía um pouco mais de uma tonelada de ouro (Êxo. 38.34); mais de três e meia toneladas de prata (vss. 25-28); e cerca de duas e meia toneladas de bronze (vss. 29-31). Calculando que meio siclo (ou beca) pesava 5,85 g, e sabendo que 603.550 homens de Israel pagaram a taxa de meio siclo, houve um recolhimento de nada menos de ligeiramente mais de 3.530 kg de prata. Esse foi o total da prata cobrada naquela taxação, de acordo com Êxo. 30.11-16. Embora a cobertura *externa* do tabernáculo, feita de couros de peixe-boi, fizesse a estrutura parecer-se com a tenda de um beduíno (de uma única cor), a riqueza dos metais, para Israel, indicava a santidade, a glória e a majestade de Deus, que viera habitar entre eles. A *casa de Deus,* pois, indicava que Ele era capaz de prover de forma *abundante* para os que Lhe pertenciam" (John D. Hannah, *in loc.*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

38.21

A enumeração. Essa contagem foi feita para fornecer-nos o custo das ofertas que foram trazidas, a fim de dar-nos uma idéia da grandiosidade do tabernáculo. Ver as notas de introdução a esta seção, onde se faz um sumário das informações providas neste trecho.

Tabernáculo do testemunho. Esse nome indica o fato de que no Santo dos Santos, dentro da arca da aliança, foram postas as duas tábuas de pedra da lei, com os Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*). Isso servia de testemunho permanente ao povo, acerca da vontade de Deus. Deveras, o tabernáculo todo tinha essa função, entre outras, mas a referência aqui é, especificamente, às tábuas da lei. Ver sobre o *testemunho* em Êxo. 16.34 e 25.16, onde são oferecidas notas expositivas detalhadas. Ver Êxo. 24.12 quanto a vários outros nomes dados ao tabernáculo.

Itamar. Há um artigo sobre ele, em Êxo. 6.23. Itamar e seus descendentes ocuparam a posição de sacerdotes comuns até que o sumo sacerdócio passou para essa família, na pessoa de Eli. Os dois irmãos mais velhos de Itamar, Nadabe e Abiú, foram executados a mando do Senhor, por terem oferecido fogo estranho sobre o altar (Lev. 10; Núm. 3.4). Quando Israel vagueava pelo deserto, Itamar era o líder dos levitas.

Sacerdote Arão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele.

38.22

Bezalel. Ver notas completas sobre ele em Êxo. 31.2. Ver também Êxo. 35.30; 36.1; 37.1. Juntamente com Aoliabe (vs. 23), foram os supervisores da obra de construção do tabernáculo, e esteve pessoalmente ocupado em muitas das tarefas, sendo um artífice altamente habilitado em várias linhas de trabalho. As referências acima mostram os diferentes tipos de trabalho que fizeram.

38.23

Aoliabe. Ver notas completas sobre ele, em Êxo. 31.6. Ver também Êxo. 35.34 e 36.1,2. Bezalel e Aoiiabe eram companheiros de tarefas. O primeiro trabalho em metais. E o segundo, em tecidos, conforme podemos ver comparando Êxo. 31.4 com este versículo. O trabalho com tecidos, de Aoliabe, envolveu os véus e as cortinas do tabernáculo, e também as vestimentas dos sacerdotes. Quanto ao trabalho em tecidos, ver Êxo. 26.1,31; 28.6,15; 36.8,35; 39.3.

38.24

Ver no *Dicionário* o artigo *Pesos e Medidas.* Ver os comentários dados na introdução à presente seção, em Êxo. 38.21, os pesos envolvidos. É impossível calcularmos os *valores* modernos, visto que o poder aquisitivo tem variado muito em relação ao que havia na antiguidade remota. Mas podemos ter certeza que, quanto ao poder de compra, o tabernáculo envolveu quantias prodigiosas. O *talento de ouro* valia três mil siclos de prata. Um talento era o equivalente a 35,10 kg!

O *talento* pesava 35,10 kg. O siclo pesava 11,7 g. Mas o siclo era variável, dependendo do lugar e do tempo. Seja como for, o ouro do tabernáculo orçava em 1018 kg. Ver a quarta seção do artigo acima mencionado, acerca do *talento* e do *siclo,* sob os pontos A e C. O siclo do santuário, ou *siclo sagrado* (ver Êxo. 30.13,24), pesava vinte *geras.* Alguns estudiosos pensam que esse siclo sagrado pesava mais do que o siclo comum. Se isso é verdade, então os *setecentos e trinta siclos,* referidos neste versículo, pesavam muito mais do que o cálculo que damos aqui. Mas mesmo calculando esse siclo sagrado como de peso igual ao do siclo comum, teríamos aqui um cálculo de ligeiramente mais oito e meio quilos de ouro. E assim, teríamos — em talentos: 29 x 35,10 = 1017,9 kg. E novamente, em siclos, 8,54 kg. Portanto: 1017,9 + 8,54 = 1026,44 kg de ouro! Ver as notas sobre Êxo. 30.13.

38.25

Como já vimos, o peso total em prata ultrapassava de três e meia toneladas. Os siclos do santuário (*siclo sagrado,* ver Êxo. 30.13,24) está em pauta, provavelmente mais pesado do que o siclo comum. Mas como o valor do siclo sagrado é desconhecido, fizemos todo o cálculo com base no siclo comum, de 11,7 g cada siclo. Esse material foi recolhido com base na taxa do arrolamento (ver Êxo. 30.11-16), sem falar nas ofertas voluntárias. Ver a introdução ao versículo vinte e um deste capítulo. Lembremo-nos que o talento valia três mil siclos.

38.26

Um beca. . . meio siclo. Uma beca era meio siclo. "Beca" é a transliteração do termo hebraico que significa "meio". Está aqui em pauta o meio siclo cobrado por cabeça, entre os varões israelitas. Essa taxa serviu para pagar todas as despesas com a construção do tabernáculo, conforme já mostrei na introdução ao vs. 21. Mas também houve aquelas ofertas voluntárias que não fazem parte do cômputo geral, ofertas essas que tiveram de ser restringidas, devido à sua abundância (ver Êxo. 36.5,6).

Os homens israelitas de vinte anos para cima, aptos para o serviço militar, foram de 603.550. Ver Êxo. 30.14 e Núm. 1.20,46. Um dos propósitos do arrolamento foi verificar quão numeroso era o exército que Israel poderia convocar. E os homens capazes de ir à guerra foram precisamente os que tiveram de pagar a taxa. Mulheres, crianças, sacerdotes e escravos foram isentos do pagamento da taxa. Ver as explicações nas referências dadas.

38.27-28

Esses versículos descrevem o uso da prata. Essa informação já nos tinha sido dada em Êxo. 26.19,21,25 (como *bases*), e em Êxo. 27.10,17 e 38.10-12 (como *colchetes* e *vergas*), onde foram dadas notas expositivas. Havia um total de cem bases: quarenta em cada lado; dezesseis no lado ocidental do tabernáculo; e quatro que apoiavam as quatro colunas que davam apoio ao véu.

38.29,30

Quanto a *talentos* e *siclos,* ver as notas sobre o versículo vinte e quatro deste capítulo. O tabernáculo precisou de cerca de duas e meia toneladas de bronze. Ver as notas sobre Êxo. 27.2,6, quanto aos vários itens feitos de bronze. A bacia foi feita de bronze, aproveitado dos espelhos de metal polido doados pelas mulheres. (Ver Êxo. 38.8).

Bases. Ver Êxo. 26.37.

Altar. Ver Êxo. 27.2-6.

Grelha. Ver Êxo. 27.2-6.

Utensílios. Ver Êxo. 27.3 e 38.3.

38.31

Bases do átrio. Ver Êxo. 15.18 e 27.10-12. Havia um total de sessenta bases de bronze.

Estacas do tabernáculo. Ver Êxo. 27.19 e 38.20.

Estacas do átrio. Ver Êxo. 27.19.

Capítulo Trinta e Nove

As Vestes dos Sacerdotes (39.1-31)

A maior parte do capítulo diante de nós repete informações que já nos haviam sido dadas nos capítulos anteriores. Logo, a exposição já foi dada em outros lugares, e aqui são adicionados apenas alguns poucos detalhes. A maior parte dos

paralelismos é com o capítulo vinte e oito. Os caps. 35 - 40 tratam da *construção* do tabernáculo, e não de suas funções, pelo que não se faz qualquer menção ao *Urim* e ao *Tumim* (Êxo. 28.30). O peitoral *do juízo* (Êxo. 28.15; cf. Êxo. 28.29) é apenas mencionado no cap. 39 (vss. 8,15,19,21), sem qualquer alusão à sua função. A lâmina de ouro (Êxo. 28.36-38) é chamada de "lâmina da coroa sagrada" (Êxo. 39.30,31). O terceiro versículo deste capítulo dá-nos uma informação sobre como foram feitos *os fios* de ouro para serem bordados no estofo de várias cores, como obra de desenhista, o que não é dito no capítulo vinte e oito. O trecho de Êxo. 39.32-43 diz que toda a obra, uma vez terminada, foi apresentada a Moisés, para sua aprovação. Vemos pois, como este capítulo inteiro tem intermináveis repetições de coisas que já haviam sido apresentadas nos capítulos anteriores.

39.1

Este versículo introdutório serve de uma espécie de sumário do que já havia sido dado em Êxo. 28.1-5, onde são dadas as notas expositivas. Aquele trecho diz "e seus filhos com ele", o que não aparece aqui, onde são descritas as vestes do sumo sacerdote. Mas a frase "e para seus filhos" ocorre no vs. 27 deste capítulo, onde são apresentadas as vestes dos sacerdotes comuns. Ver também Êxo. 31.10.

39.2-7

Estes versículos têm por paralelo o trecho de Êxo. 28.6-12, onde é dada a exposição. Está em pauta a manufatura da *estola* sacerdotal. O terceiro versículo deste capítulo fornece-nos informações adicionais, afirmando como os fios de ouro foram feitos. Temos aí uma metalurgia crua, atrasada em relação à de outras nações da época. Os fios de azul, púrpura e carmesim foram entretecidos juntos, a fim de produzir um desenho padronizado. Posteriormente, os fios de ouro foram inseridos mediante trabalho de bordado. Uma prática similar havia no Egito, na época, sendo provável que os israelitas aprenderam ali essa técnica.

O ouro era batido para tornar-se chapas bem finas. E então essas chapas eram cortadas, formando fios. Visto que não havia máquinas de precisão, podemos pensar que os fios assim produzidos eram grossos e irregulares. John Gill (*in loc.*), alicerçando-se sobre antigos intérpretes judeus, supunha que os fios de ouro tinham sido bordados juntamente com outros fios: "Os homens tomaram fios de ouro puro, juntamente com seis outros fios azuis, torcendo os sete para formarem um único fio. Enrolavam um fio de ouro com seis fios de cor púrpura, e um fio de ouro com seis fios de cor carmesim, e ainda outro fio de ouro com seis fios de linho, de tal modo que havia *quatro fios de ouro, em cada total de vinte e oito fios*". Assim pensava Maimônides (*Cele Hamikdash*, c.9, sec. 5). Mas essa técnica pode ter-se desenvolvido somente mais tarde.

39.8-21

Esses versículos são paralelos ao trecho de Êxo. 28.13-30, onde é dada a exposição. Está em foco a manufatura do *peitoral* do sumo sacerdote.

39.22-26

Esses versículos têm como paralelo o trecho de Êxo. 28.31-35, onde é dada a exposição. Está em pauta a manufatura da *sobrepeliz* da estola sacerdotal.

39.27-31

Esses versículos têm como paralelo o trecho de Êxo. 28.36-43. Está em vista a manufatura da *túnica*, da *mitra*, dos *calções*, da *coroa sagrada* e do *cordão*. No vs. 30, a *lâmina de ouro puro* é chamada de "lâmina da coroa sagrada". Em tudo o mais, os detalhes são os mesmos. Os *calções* foram feitos tanto para Arão (o sumo sacerdote) quanto para seus filhos (os sacerdotes comuns). Ver Êxo. 28.42,43. O trecho de Êxo. 28.40 menciona as túnicas dos sacerdotes. E no vs. 27 deste capítulo as túnicas de Arão e de seus filhos aparecem juntas.

Os Utensílios do Tabernáculo São Terminados e Apresentados (39.32-43)

Conforme temos visto por todo este livro de Êxodo (o que também ocorre por todo o Pentateuco), a repetição é uma das grandes características literárias do autor sagrado. Isso posto, na breve seção que ora consideramos a mensagem é esta: Todo o trabalho realizado no tabernáculo foi apresentado para inspeção e aprovação de Moisés. E, então, em lugar de dizer algo genérico, novamente nos é dada uma lista de todos esses itens do tabernáculo, tudo pronto, apresentado e aprovado por Moisés; e essa longa lista repete, uma vez mais, coisas que já nos tinham sido ditas nos capítulos anteriores.

É possível que cada item, uma vez terminado, fosse então apresentado a Moisés; e, então, se havia algum defeito, este era corrigido ato contínuo. Mas não se sabe de qualquer artigo que tenha sido rejeitado. A Moisés tinha sido dado o *modelo no monte, envolvendo tudo quanto precisaria ser feito* (Êxo. 25.9,40). Portanto, só ele tinha o conhecimento e a autoridade para aprovar a obra, ou para ordenar que algo fosse refeito, se porventura tivesse sido feito de modo imperfeito.

Um dos temas desta passagem é a importância da obediência. Um outro é a importância das tarefas bem-feitas. Ainda um outro é que uma autoridade maior inspeciona o nosso trabalho. Ninguém trabalha sozinho, apenas para seu próprio benefício. Cada indivíduo haverá de prestar conta daquilo que tiver realizado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Julgamento do Crente por Deus*.

39.32

Fizeram tudo segundo o Senhor tinha ordenado. Cada homem fez alguma coisa. Cada coisa feita foi apresentada a Moisés, para sua inspeção. Ele havia recebido ordens e modelos a serem copiados, da parte de Yahweh (Êxo. 25.9,10), e sabia como ajuizar, remediando quaisquer equívocos. Ver a introdução a esta seção, quanto a idéias abrangentes. O trabalho de cada homem jamais deixa de ser inspecionado e avaliado. Disse Sócrates: "Não vale a pena viver uma vida sem disciplina". As partes constitutivas do tabernáculo, antes de serem montadas, eram inspecionadas. Nenhuma coisa defeituosa podia ser posta na estrutura, para depois ser substituída por outra peça, que fosse perfeita.

39.33

As Cinco Declarações. Por cinco vezes o autor sacro afirma, com longas descrições, e com muitas repetições, como o tabernáculo foi planejado, construídas as suas peças, aprovado, e, finalmente, montado. A declaração que temos aqui mostra como Moisés aprovou a obra, sendo esta a *terceira* repetição ou descrição. Ver as notas de introdução ao trecho de Êxo. 25.1, em seu último parágrafo, quanto a essas cinco declarações.

Os vss. 33-41 nos dão uma lista dos muitos itens do tabernáculo. Essas peças foram trazidas, inspecionadas e aprovadas (vs. 43).

Tenda. Um termo genérico para a totalidade do tabernáculo (ver no *Dicionário* o artigo *Tabernáculo*).

Seus pertences. Um termo genérico para a arca (vs. 35), para a mesa dos pães da proposição (vs. 36), para o candelabro (vs. 37), e para os altares (vss. 38 e 39).

Colchetes. Ver Êxo. 26.6,11 e 35.11.

Tábuas. Ver Êxo. 26.15,17; 27.8.

Vergas. Ver Êxo. 26.26,27; 35.11.

Colunas. Ver Êxo. 26.32; 27.10.

Bases. Ver Êxo. 26.19; 27.10; 35.11.

39.34

Peles de carneiro. Ver Êxo. 25.5; 26.14; 35.7.

Peles de animais marinhos. Ver Êxo. 25.5; 26.14; 35.7.

Véu. Ver Êxo. 26.31; 27.21. Em Êxo. 27.16, apresento notas expositivas sobre *as três cortinas* do tabernáculo.

39.35

A arca do testemunho. Ver Êxo. 25.10 e também, no *Dicionário*, o artigo *Arca da Aliança*.

Propiciatório. Ver Êxo. 25.17 e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Propiciatório*.

39.36

Mesa. Ver Êxo. 25.23.

Utensílios. Êxo. 25.29.

Pães. Êxo. 25.30.

39.37

Candelabro. Êxo. 25.31 e o artigo *Candeeiro*, no *Dicionário*.

Utensílios. Êxo. 25.38,39.

Azeite. Êxo. 27.20, e, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Azeite*.

39.38

Altar de ouro. Êxo. 30.1, e, no *Dicionário,* o artigo *Altar do Incenso.*

Óleo da unção. Êxo. 25.6 e 29.7. No *Dicionário,* o artigo *Unção.*

Reposteiro. Êxo. 26.36. Em Êxo. 27.16, ver sobre as *três cortinas* do tabernáculo. Está aqui em vista o *segundo* dos três véus, aquele que separava o átrio do Lugar Santo.

39.39

Altar de bronze. Êxo. 27.1.

Grelha. Êxo. 27.4.

Utensílios. Êxo. 27.3.

Bacia. Êxo. 30.18. Ver as notas sobre *Bacia de Bronze,* em Êxo. 30.17.

39.40

Cortinas do átrio. Êxo. 27.9.

Colunas. Êxo. 27.10 ss.

Cordas. Êxo. 35.18.

Pregos. Êxo. 27.19.

Utensílios. Êxo. 25.39; 27.3,19; 30.27 e 35.13.

Tenda da congregação. Êxo. 27.21; 28.43; 29.4; 30.16; 31.7; 33.7, etc.

39.41

Vestes sagradas. Êxo. 28.2 ss.; 29.5,21. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sacerdotes, Vestimentas dos.*

39.42

Nada Foi Deixado ao Acaso. Yahweh baixara as ordens; Moisés tinha recebido e transmitido essas ordens; os filhos de Israel cumpriram essas ordens, onde cada indivíduo cumpriu a sua tarefa. Ver as notas sobre o vs. 32, que têm aplicação aqui. Assim aprendemos quão importante são: a iluminação divina; a transmissão da mesma; a obediência; uma tarefa útil que é levada a seu cumprimento; ser aprovado pela autoridade apropriada, sobretudo Deus. Ver também a introdução ao vs. 32.

39.43

A Aprovação de Moisés. A obra de cada pessoa tinha que estar à altura do padrão divino de qualidade, visto que Yahweh havia instruído quanto a cada coisa (Êxo. 25.9,10). Moisés tinha autoridade para requerer confecção de boa qualidade. Os operários mostraram-se conscienciosos, e realizaram suas tarefas com habilidade e entusiasmo. Há alegria em toda tarefa bem terminada.

E Moisés os abençoou. Assim como Moisés havia recebido instruções da parte de Yahweh, assim também foi capaz de abençoar com a bênção de Yahweh. Desse modo, prosperaram os israelitas, em razão de sua obediência e entusiasmo, os fatores por detrás do bom trabalho que fizeram.

O Targum de Jonathan imagina Moisés a dizer: "Que a *shekinah* do Senhor permaneça sobre o trabalho de vossas mãos". Jarchi comentou: "Que praza a Yahweh que Sua *shekinah* repouse sobre as obras de vossas mãos, e que a beleza do Senhor esteja sobre nós".

Dê de seu melhor ao Mestre
Dê de sua força e de sua juventude;
Lance o ardor radiante e fresco de sua alma
Na batalha pela verdade.

Jesus deu o exemplo:
Era intrépido -
Era jovem e corajoso.
Dê-Lhe sua devoção leal.
Dê-Lhe o melhor de si.

(Sra. Charles Barnard)

Capítulo Quarenta

Deus Manda Moisés Levantar o Tabernáculo (40.1-15)

Ver o diagrama sobre o *plano* do tabernáculo, nas notas sobre Êxo. 26.1. Esse diagrama mostra a localização de todos os itens mencionados neste capítulo quarenta.

Uma vez mais, Yahweh deu as instruções necessárias. A maior parte dessas instruções repete material que já vimos nas notas sobre Êxo. 25.1 - 31.17. Tal como no capítulo vinte e cinco, essas instruções começam pela arca, o *coração* mesmo do tabernáculo, estando o *testemunho* (as duas tábuas de pedra inscritas com os Dez Mandamentos) dentro da arca. No entanto, *a maneira* como o tabernáculo foi erigido, não nos é dito, mas que isso foi feito é algo que é declarado nos vss. 16-19 deste capítulo.

Podemos dividir este capítulo em duas grandes divisões: Êxo. 40.1-6 dá as instruções de Yahweh; e Êxo. 40.17-33 informa-nos que essas instruções foram cumpridas. Isso segue o mesmo padrão que se viu em Êxo. 25 - 40 e Êxo. 35 - 39, respectivamente. E nos vss. 34-38 deste capítulo temos a conclusão do livro de Êxodo, onde vemos que Yahweh cumpriu a Sua promessa, fazendo a promessa divina habitar no tabernáculo. Portanto, a nova fé, o Yahwismo, por assim dizer, teve a sua igreja, onde veio manifestar-se a presença divina. Na dispensação do Novo Testamento, o lugar de habitação do Espírito de Deus é a alma do homem (I Cor. 3.16). A fé religiosa tem progredido muito desde a tenda armada no deserto do Sinai.

Tudo sucede em seu devido tempo. Yahweh não tinha pressa em armar a tenda. Ele havia designado um dia para isso (Êxo. 40.2). Por igual modo, Ele designa um tempo específico para os nossos triunfos. Oh, Senhor, concede-nos tal graça. Nada acontece por mero acaso.

Ele me guia, bendito pensamento,
Ó palavras carregadas de consolo celeste!
Tudo quanto faço, tudo quanto sou,
A mão de Deus é que me guia.

(Joseph Gilmore)

As Cinco Declarações. Por *cinco* vezes, o autor sagrado afirmou (descreveu) como o tabernáculo foi ordenado, construído, aprovado por Moisés, como houve instruções sobre sua montagem, e como foi, finalmente, montado. Essas declarações contêm muitas repetições. A seção à nossa frente é a *quarta* dessas repetições. Ver as notas introdutórias sobre Êxo. 25.1, em seu último parágrafo.

40.1

Disse o Senhor a Moisés. Quão freqüentemente achamos essa expressão no livro de Êxodo. Ver Êxo. 6.2,10; 7.8; 8.1; 12.1; 13.1; 14.1; 25.1; 30.11; 31.1,12; 33.11. Ela exprime um decidido teísmo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo.*

As Instruções:

1. O arranjo físico do santuário, em seu interior e exterior, e as cortinas do átrio, que formavam paredes que fechavam o mesmo (vss. 1-8).
2. A consagração do tabernáculo e de todo o seu conteúdo (vss. 9-11).
3. A lavagem, vestimenta e unção dos sacerdotes, em preparação para o seu ofício (vss. 12-16).

40.2

No primeiro dia do primeiro mês. "Temos aí o fator tempo (vs. 2), no segundo ano do êxodo (vs. 17). O êxodo ocorreu no décimo quarto dia do primeiro mês (Êxo. 12.2,6,33,34). Visto que o povo de Israel chegou ao Sinai três meses depois de ter saído do Egito, então agora já estavam no Sinai fazia oito e meio meses. Parte desse tempo (pelo menos oitenta dias), Moisés tinha estado no alto do monte (quarenta dias, em Êxo. 24.18; e mais quarenta dias, a fim de renovar o pacto, em Êxo. 34.28). Portanto, talvez seis e meio meses estiveram ocupados no recolhimento dos materiais necessários para a construção do tabernáculo. Esses meses escoaram-se entre meados de setembro até fins de março" (John D. Hannah, *in loc.*). Por conseguinte, o tabernáculo foi erigido quase exatamente um ano após a saída de Israel do Egito.

Primeiro mês. Ou seja, o mês de abibe (Êxo. 12). O Ano Novo estava chegando, e era natural inaugurar então a nova estrutura, o tabernáculo, no primeiro dia do primeiro mês do calendário religioso. Ver no *Dicionário,* em sua seção sétima, o artigo *Calendário Judaico.* Ver as notas em Êxo. 12.1,2, quanto à inauguração do calendário religioso, associado à páscoa, que tinha iniciado a Nova Era.

Tudo Tem Seu Tempo Certo. Houve um *tempo apropriado* para a inauguração do tabernáculo. As portas abrem-se facilmente, até mesmo de forma espontânea, quando chega o tempo certo para alguma coisa. Tentar forçar uma porta a abrir-se fora de tempo pode ter resultados desastrosos. A vontade de Deus segue uma cronologia divina, e o homem espiritual envolve-se nessa cronologia. Ver no *Dicionário* o artigo *Vontade Deus, Como Descobri-la.*

40.3

O planejamento da ereção do tabernáculo começou pela *arca da aliança.* Foi o primeiro item que Deus ordenou que fosse confeccionado. E também foi o primeiro a ser feito. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança,* como também as notas sobre Êxo. 25.10. Ela continha *em seu interior* as duas tábuas da lei, os Dez Mandamentos, também chamadas de *testemunho* (ver a esse respeito no *Dicionário*). A arca e seu conteúdo, pois, eram o *coração* mesmo do tabernáculo. Era na arca que se manifestava a presença mística de Yahweh; e era também ali que se fazia *expiação* (ver sobre isso no *Dicionário*). Ver também o artigo *Propiciatório.* Ver o diagrama sobre a *planta* do tabernáculo, no início da exposição sobre o capítulo vinte e seis do livro de Êxodo, onde se vê a localização dos vários itens da tenda da congregação.

Os objetos mais preciosos que o tabernáculo conteria foram postos ali antes de todos os outros. Em seguida, esses objetos deveriam ser cobertos pelo véu.

E a cobrirás com o véu. Em outras palavras, assim que foi levantado o Santo dos Santos, foi tapado com o véu, estando a arca da aliança em seu interior. Destarte, o acesso foi limitado desde o início. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso.* Ver as notas sobre o *véu* em Êxo. 26.31.

40.4

A mesa. Esse item aparece em segundo lugar. Ficava no Lugar Santo. Ver as notas sobre Êxo. 25.23-30. Também ocupava o segundo lugar nas instruções originais acerca da feitura do mobiliário. Os pães da proposição e outros acessórios acompanhavam a mesa.

O candelabro. Esse item ocupa o terceiro lugar nas instruções originais. Ver Êxo. 25.31-40. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Candeeiro.*

40.5

O altar de ouro para o incenso. Esse altar de ouro vem em seguida aqui. Mas a ordem original é quebrada, pois esse item não foi mencionado nas instruções originais em quarto lugar, mas somente em Êxo. 30.1 s., e no *fim* das instruções acerca dos itens a serem confeccionados., Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Altar do Incenso.* Os intérpretes debatem-se diante da estranha ordem dada a esse item nas instruções originais, e acham que temos aqui a seqüência correta, excetuando o caso da arca, que, sem dúvida, aparece sempre em primeiro lugar.

Ver o diagrama sobre a *planta* do tabernácuio, no começo da exposição sobre o capítulo vinte seis do Êxodo. Esse diagrama demonstra como estavam localizados os vários itens.

40.6

O altar do holocausto. Esse item é comentado em Êxo. 27.1. Temos aí o grande altar, o local onde se ofereciam os sacrifícios. Ficava *no átrio do* tabernáculo, a alguma distância da bacia de bronze, e ambos ficavam fora do Lugar Santo. Os sacrifícios eram realizados ali. Os sacerdotes precisam lavar o sangue, e também a si mesmos. Somente depois disso podiam entrar no Lugar Santo. A *porta* aqui mencionada indica o *segundo véu,* que dava acesso ao Lugar Santo. Ver as notas sobre Êxo. 26.36 quanto às *três cortinas* do tabernáculo.

40.7

A bacia. Ver as notas sobre a *bacia de bronze,* em Êxo. 30.17. Esse item foi posto antes do segundo *véu,* que fechava o Lugar Santo, a certa distância (no outro lado) do altar dos holocaustos. A bacia servia para os sacerdotes lavarem ali seus pés e suas mãos, pois não podiam entrar, sujos de sangue, no Lugar Santo. Quem entrasse ali, teria de fazê-lo estando lavado. Ver Êxo. 30.19,30 quanto às lavagens requeridas.

40.8

O átrio. . . o reposteiro. Este último agia como paredes externas da estrutura inteira. Essas estruturas são descritas com abundância de detalhes em Êxo. 27.9 ss.

40.9-11

O óleo da unção. Ver Êxo. 30.23-25 quanto a descrições à respeito de sua preparação. Ver Êxo. 30.26-29 quanto a seu uso nas consagrações. A própria tenda, com todos os seus móveis e utensílios, como a arca, a mesa, o candelabro, os dois altares, a bacia e os vasos de servir foram todos ungidos, e, portanto, consagrados para seu devido uso. A consagração *santificou* esses itens, para poderem ser usados no serviço sagrado.

Tinha sido dada ordem para ungir com óleo todos os itens do tabernáculo, em conexão com a ereção e inauguração do tabernáculo. Mas o ato real da unção parece ter sido adiado até que tudo estivesse pronto. Ver Lev. 8.1-13. Sem dúvida, houve alguma espécie de cerimônia formal e festividade para essa unção do projeto *terminado.*

40.12

Examinar o trecho de Lev. 8.1-13 quanto às lavagens feitas pelos sacerdotes, ligadas à unção do tabernáculo e seus itens. Naquela passagem, a lavagem aparece primeiro. Cf. Êxo. 23.41 e 29.4-8. "Ablução, vestimenta e unção — tudo tinha sido determinado de antemão, para fazer parte do culto de consagração" (Elllcott, *in loc.*).

40.13,14

Vestirás a Arão das vestes sagradas. Temos aqui a investidura. As elaboradas vestes que tinham sido confeccionadas, agora teriam que ser vestidas pelos sacerdotes, em uma cerimônia solene (Lev. 8.7-9). Ver Êxo. 29.8.

40.15

A *unção* dos sacerdotes, mediante uma cerimônia formal, figura em Levítico 8.12. Os sacerdotes eram tipos do Messias, ou Cristo, cujo próprio título significa *ungido.* Ver no *Dicionário* os artigos *Unção* e *Messias.* O trecho de Lev. 8.12 menciona apenas Arão, o sumo sacerdote, como quem foi ungido. Talvez seja assim porque Arão recebeu uma unção diferente. Seus filhos foram ungidos com uma mistura de azeite e sangue (Lev. 8.30). Mas o trecho de Levítico 8.12 não diz que tal mistura foi usada na unção de Arão.

Os intérpretes judeus informam-nos que a unção dos filhos de Arão foi válida para o tempo todo, após o que os sacerdotes nunca mais precisaram repetir o ato. Mas cada novo sumo sacerdote tinha que ser ungido de novo, pelo que eram chamados de *sacerdotes ungidos* (ver Lev. 4.3,5,16; 21.12).

Sua unção lhes será por sacerdócio perpétuo. Essa unção estender-se-ia a todas as gerações. Os hebreus não esperavam pelo fim de seu culto, pelo que a novidade, em Jesus Cristo, foi rejeitada pela maioria deles. Por todo o livro de Êxodo podemos ver essa antecipação de perpetuidade, aplicada a vários itens e situações do culto dos hebreus. Cf. Êxo. 3.15; 12.17; 27.21; 29.42; 30.8,10,21; 31.13,16; Lev. 7.31; 10.9, etc.

Um dos piores vícios religiosos é a suposição que diz: "Nossa revelação é final. Deus deixou de fazer revelações com o nosso sistema religioso". Muitos evangélicos de hoje em dia falam nesses termos. Mas não há como fazer Deus estagnar. Há multas, grandiosas e poderosas revelações que ainda serão dadas, e cada qual haverá de substituir aquela que viera antes. O Logos de Deus continuará em Sua eterna obra de evolução espiritual. Os *finais* de que os homens falam refletem apenas os limites de *suas próprias mentes,* e não verdadeiras limitações.

Apesar do que pensavam os israelitas, o tabernáculo, depois substituído pelo templo, prosseguiu somente até ao cativeiro babilônico (cerca de 597 A. C.). Tudo foi renovado por ocasião do templo de Herodes, somente para tudo estacar de novo em 70 D. C.

Quando Cristo substituiu todo o sistema mosaico pelo cristianismo, isso não tinha sido antecipado pela *doutrina de perpetuidade* dos hebreus, exceto em seus *tipos.* Vários ramos ritualistas do cristianismo, como o mormonismo, têm procurado preservar vestígios do antigo culto, mas isso não é a mesma coisa que uma legítima perpetuidade do sistema antigo. Seja como for, aquele que dispõe do Novo não se preocupa diante do desaparecimento do Antigo. Porém, podemos prever que à medida em que a espiritualidade for evoluindo, haverá muitos NOVOS.

O Tabernáculo é Levantado (40.16-33)

Temos aqui a *quinta* das cinco declarações e descrições do planejamento, da execução, da aprovação, das instruções de montagem e da montagem propriamente dita do tabernáculo. Ver as notas introdutórias sobre Êxo. 25.1, quanto às *cinco declarações.* Por cinco vezes encontramos as descrições essenciais sobre o tabernáculo. A repetição era um traço característico do estilo literário do autor sagrado.

40.16

E tudo fez Moisés. Ele mostrou-se obediente em tudo, foi fiel a Deus quanto a tudo. O trecho de Hebreus 3.2-5, porém, mostra que ele era apenas servo na casa, ao passo que Cristo era o Filho da casa. Moisés era homem essencialmente inflexível, que não vacilava. Bastante diferente de Pedro quanto a esse aspecto de sua personalidade. Moisés também não sofreu grandes lapsos, conforme acontece a muitos dos grandes líderes religiosos. O *tempo* da ereção do tabernáculo aparece no vs. 17 deste capítulo. Até nisso, Moisés mostrou ser homem obediente ao Senhor. "A narrativa sobre o oitavo capítulo do livro de Levítico mostra que o restante (vss. 9-15) não foi executado senão mais tarde" (Ellicott, *in loc.*). Moisés executou prontamente as primeiras instruções que recebeu (vs. 2-8).

40.17

Ver o segundo versículo deste capítulo quanto à ordem divina. Aqui temos a adição de que era o *segundo ano*, ou seja, era o início do segundo ano após o êxodo, o evento que marcou o início do calendário religioso, o *ano um* da nação de Israel. Isso aconteceu na primavera, o Ano Novo de Israel. Faltavam apenas catorze dias para completar-se o primeiro ano depois de Israel ter escapado do Egito. O tabernáculo tinha sido construído de tal maneira que pôde ser levantado em pouquíssimo tempo. O povo de Israel tinha muita experiência com tendas, e o tabernáculo era apenas uma tenda tamanho grande. Mas não somos informados como teve lugar o processo de levantamento do tabernáculo.

40.18,19

Em vez de simplesmente dizer-nos que o tabernáculo tinha sido levantado e que seu equipamento estava todo em funcionamento, o autor sagrado declara laboriosamente algo sobre cada item. E isso constitui a quinta das cinco declarações que descrevem, essencialmente, o tabernáculo: 1. Primeiramente vieram as instruções, dadas por Yahweh, quanto à ereção do tabernáculo (Êxo. 25 - 31). Isso inclui todos os itens, até mesmo as vestimentas dos sacerdotes, todos os móveis e utensílios, a forma de culto, etc. 2. Então veio a ereção propriamente dita, a execução da obra, conforme as instruções dadas por Yahweh. Isso foi feito sob a supervisão dos artífices Bezalel e Aoliabe (Êxo. 36.1). Ver também Êxo. 36.1 - 39.32. Essa seção também inclui as vestes dos sacerdotes. Repete, longamente, todas as questões concernentes ao tabernáculo, que já haviam sido descritas em Êxo. 25 - 31. 3. Em seguida, temos outra repetição, quando lemos que Moisés recebeu tudo quanto tinha sido confeccionado e deu sua aprovação (Êxo. 39.33-43). Essa repetição é feita à guisa de sumário. 4. Depois temos as instruções dadas por Yahweh quanto à ereção do tabernáculo (Êxo. 40.1-15). Uma vez mais, temos a repetição essencial de toda a matéria. 5. Finalmente, a quinta declaração (e repetição) envolve a ereção e mobiliamento do tabernáculo (Êxo. 40.16-33). Portanto, essa quinta e final declaração está ligada à conclusão do livro de Êxodo (Êxo. 40.34-38). Ato contínuo, a presença divina desceu sobre o tabernáculo, a fim de transformá-lo no centro do culto nacional, a igreja de Israel no deserto, digamos assim.

O tabernáculo. Ver no *Dicionário* o artigo que versa sobre essa questão.

Bases. Ver Êxo. 27.10.

Tábuas. Ver Êxo. 26.15,16.

Vergas. Ver Êxo. 26.26.

Colunas. Ver Êxo. 26.32,37; 27.10-12,14,16,17.

Coberta da tenda. Está em pauta a cobertura de peles de cabra, que formava a verdadeira tenda e servia de telhado do tabernáculo. Essa cobertura cobria a mais interior, feita de cortinas de linho. Por cima de tudo isso vinha a terceira cobertura, feita de peles de animais marinhos (Êxo. 25.5). Ver também Êxo. 26.7,14; 35.11.

40.20

O Testemunho. Estão em foco as duas tábuas de pedra dos Dez Mandamentos (ver sobre isso no *Dicionário*). Ver também as notas sobre isso em Êxo. 16.34; 25.16. O tabernáculo todo foi construído em torno da lei revelada, em sua forma original e compacta dos Dez Mandamentos, os quais foram então desdobrados e expandidos sob a forma de preceitos e estatutos.

Pôs na arca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arca da Aliança*, e também as notas sobre Êxo. 25.10 ss.

Varais. Ver Êxo. 25.13 e suas notas expositivas.

Propiciatório. Ver sobre esse item no *Dicionário*, bem como as notas expositivas sobre Êxo. 25.17 ss.

O Antigo Testamento diz-nos que somente o Testemunho (as tábuas de pedra da lei) foi posto dentro da arca. Mas o trecho neotestamentário de Hebreus 9.4, de acordo com tradições judaicas posteriores, e talvez seguindo a prática posterior, fala em outros itens que também haveria no Santo dos Santos. Ver plenas explicações sobre isso no *Novo Testamento Interpretado*.

40.21

A arca, o objeto central do tabernáculo, foi instalada, e ato contínuo foi pendurado o véu, a fim de ocultá-la, separando-a do resto, conforme outros itens foram sendo montados e instalados. Ver as notas sobre Êxo. 40.3. Há notas expositivas sobre esse véu em Êxo. 26.31. No tabernáculo havia três véus ao todo, conforme foi comentado em Êxo. 27.16. O véu diante do Santo dos Santos mostrava um acesso limitado a Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Acesso*. Aquilo que era mais precioso na fé religiosa dos filhos de Israel era intocável por parte do homem comum.

40.22

A mesa. Ver notas completas sobre esse item e sobre os pães da proposição, em Êxo. 25.23-30. A mesa dos pães da proposição ficava posta no lado norte (banda direita do tabernáculo), quando alguém se voltava de frente para o Santo dos Santos. Ver o diagrama da *planta* do tabernáculo, nas notas sobre Êxo. 26.1, que ilustra a posição de cada item. O lado oriental era o lado da entrada do tabernáculo. O lado ocidental era onde ficava o Santo dos Santos.

Fora do véu. Temos aqui o *terceiro* véu do tabernáculo, aquele que fazia a separação entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos. Havia ao todo três véus ou cortinas. O leitor verá explanações a esse respeito nas notas sobre Êxo. 27.16.

40.23

Os pães da proposição. Ver sobre esse item no *Dicionário*, como também as notas sobre Êxo. 25.30. O trecho de Lev. 24.6 informa-nos que os pães eram arranjados em duas pilhas de seis pães cada, representando as doze tribos de Israel.

40.24,25

O candelabro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Candeeiro*, bem como as notas expositivas em Êxo. 25.31,40 e em Lev. 24.3. Esse objeto ficava posicionado no lado sul (lado esquerdo do tabernáculo), quando alguém se punha de frente para o Santo dos Santos, defronte da mesa dos pães da proposição.

O candelabro dispunha de sete lâmpadas que queimavam azeite. Moisés acendeu-as inicialmente. Em tempos posteriores, os sacerdotes não permitiam que o candelabro se apagasse, embora isso não fizesse parte declarada das instruções originais. Nas sinagogas, nunca se apagavam as chamas de candelabros aí colocados. Meu artigo inclui tipos e usos metafóricos de todos os itens do tabernáculo, nas referências acima. Ver também Êxo. 25.37 quanto ao ato de acender as lâmpadas. Ver ainda Êxo. 30.8.

40.26

O altar de ouro era o mesmo *Altar do Incenso* (ver a esse respeito no *Dicionário*, como também as notas sobre Êxo. 30.1-10). Sua posição era diretamente defronte do véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo. Ver o diagrama da *planta* do tabernáculo, nas notas sobre Êxo. 26.1.

40.27

O incenso aromático. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incenso*, bem como as notas sobre Êxo. 30.34-38.

40.28

Reposteiro. O tabernáculo contava com três véus ou cortinas (ver as notas sobre Êxo. 27.16). Está em mira o segundo desses três véus (ver Êxo. 26.36-37), aquele que separava o átrio do Lugar Santo.

40.29

O altar do holocausto. Ver as notas sobre Êxo. 27.1 quanto a esse *altar de bronze*, conforme também era chamado. Ficava dentro do primeiro véu, que servia de porta de entrada para o átrio. Era o primeiro item que um sacerdote achava, ao passar pelo primeiro véu, enquanto se encaminhava na direção do Lugar Santo.

O serviço dos sacerdotes começava pelos sacrifícios apropriados. O sangue vertido dava início ao culto; a lei, dentro da arca, punha fim a ambas as coisas. Ver no

Dicionário o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas*. Ver Êxo. 29.38 ss., quanto ao que significavam os sacrifícios mencionados no presente versículo.

40.30

A bacia. Ver sobre a *Bacia de Bronze*, nas notas sobre Êxo. 30.17. Esse item foi posto entre o altar de bronze e a entrada para o Lugar Santo. Ali os sacerdotes lavavam-se do sangue dos sacrifícios e realizavam suas abiuções e lavagens. Isso deixava-os cerimonialmente aptos para adentrarem o Lugar Santo.

40.31,32

Esses versículos servem de parênteses, explicando os usos da bacia de bronze, uma vez que o culto fosse inaugurado. Cf. Êxo. 30.19-21, que nos confere informações similares, e onde há notas expositivas detalhadas.

Segundo o Senhor ordenara a Moisés. Essa declaração reaparece por vinte vezes nos capítulos 39 - 40 de Êxodo, a fim de mostrar que tudo foi feito de acordo com as orientações divinas, e que houve uma obediência total às ordens do Senhor.

40.33

O átrio ao redor do tabernáculo. Ver as notas sobre Êxo. 27.9-18, quanto ao átrio e seus materiais e estruturas.

O reposteiro da porta. Devemos entender aqui o *primeiro véu*, que formava a porta de entrada para o átrio, o acesso inicial ao tabernáculo. Havia três desses véus, o que comentamos em Êxo. 27.16. Quanto a esse primeiro véu, ver aquele mesmo versículo.

Assim Moisés acabou a obra. Grande alegria acompanha o término de algum grande projeto, quando este sai bem-feito. Aquilo que tem valor precisa de tempo e labor. A diversão é a porção daqueles que não se esforçam, pois esse é o alvo deles. Contudo, a verdadeira satisfação consiste em terminarmos bem uma tarefa. O autor sagrado, por *cinco vezes*, afirmou laboriosamente como o tabernáculo foi planejado; como foram dadas instruções pelo próprio Yahweh; como a obra de preparação dos muitos itens foi realizada; como Moisés aprovou cada um desses itens e o conjunto inteiro; como Yahweh determinou a montagem do tabernáculo; e como, finalmente, essas instruções foram cumpridas. Essa questão toda é comentada em Êxo. 25.1, em suas notas introdutórias, último parágrafo. Mediante muita repetição, o autor sagrado mostrou-nos, meticulosamente, como a obra toda foi planejada e executada. E assim, com um suspiro de alívio, lemos agora, por fim, que *Moisés terminou a obra*. A obra estava terminada, e agora seria coroada pela glória da presença de Yahweh (vss. 34-38). A glória do Senhor não desce sobre muitos projetos. Mas aquilo que promove a causa espiritual e redunda em bem para as pessoas, essas são as coisas que atraem a atenção e as bênçãos de Deus.

"Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu Senhor" (Mat. 25.21).

Manifestação de Divina Aprovação (40.34-38)

40.34,35

"O livro de Êxodo termina em um tom glorioso, com a descida da presença do Todo-Poderoso sobre a casa levantada pela habilidade e devoção do povo de Israel. Temos aí o cumprimento da promessa feita em Êxo. 25.8: 'E me farão um santuário para que eu possa habitar no meio deles'. O povo havia feito a parte que lhe cabia; e agora Deus fazia a Sua parte, e a *nuvem, de dia, e a coluna de fogo, de noite, testificavam* que Ele estava, verdadeiramente, vivendo no meio deles" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

Não nos basta ler a Bíblia e orar. Precisamos também do toque místico, de manifestações da presença de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*.

A nuvem. Temos aí a mesma nuvem que tinha acompanhado o povo de Israel e que os tinha dirigido pelo caminho desde Sucote (Êxo. 13.20-22). Diz um antigo hino: "Por todo o caminho o Senhor me guia, sobre o que tenho que pedir". A brilhante aparição da nuvem, que viera repousar sobre o tabernáculo, anunciou-lhes que todo o labor deles tinha sido eficaz. "Agradou a Deus manifestar assim Sua intenção de cumprir Sua promessa de ir com o povo (Êxo. 33.17)" (Ellicott, *in loc.*).

"E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus" (Êxo. 29.45). "A nuvem, que simbolizava a presença do Senhor, tinha enchido a tenda temporária, fora do acampamento, apenas ocasionalmente (Êxo. 33.7-11). Agora, porém, descera para encher o tabernáculo. De fato, o próprio *Moisés*, que já havia contemplado algo da glória de Deus (Êxo. 33.18-22), foi incapaz de entrar no tabernáculo" (John D. Hannah, *in loc.*).

Na dispensação do Novo Testamento, a glória de Deus manifestava-se em Cristo (Heb. 1.3; João 1.14; Col. 2.9). E em Cristo, o próprio crente toma-se habitação da presença de Deus (I Cor. 3.16). Essa presença nos transforma (II Cor. 3.18). Ver também Efé. 2.19 ss.

40.36,37

A nuvem tornou-se o mecanismo assinalador que dizia a Israel quando deveria partir e quando deveria parar. Quando a nuvem baixava, eles descansavam. Quando a nuvem se elevava, eles seguiam caminho. Isso prosseguiu por quase quarenta anos, até terem terminado as jornadas pelo deserto. Isso serve de emblema da direção direta imprimida pelo Espírito de Deus. Todos os homens estão em um deserto espiritual, enquanto buscam um país celeste (ver Heb. 11.16). Na maior parte do tempo, por nossa própria sabedoria e entendimento, podemos discernir a vereda certa pela qual nos convém enveredar. Algumas vezes, porém, carecemos da presença divina para ajudar-nos em nossas decisões. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la*. Cf. o texto presente com Núm. 9.17-23 e Eze. 1.19-21. Ver Êxo. 13.21, um trecho diretamente paralelo a este: as duas nuvens guiavam o povo de Israel. As notas, ali, acrescentam detalhes. Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Coluna de Fogo e de Nuvem*. Cf. a *glória* que desceu sobre o templo de Jerusalém, alguns séculos mais tarde (I Reis 8.11; II Crô. 4.15; 7.2).

40.38

Este versículo faz-nos lembrar que, além da nuvem, também havia o fogo, e que essas duas colunas contribuíam para dar orientação a Israel. Há completas descrições sobre a questão no artigo mencionado no vs. 37. Esse versículo frisa a natureza permanente dessa manifestação. Não aparecia e desaparecia. Agora a *presença de Deus* estava sempre ali, pois o tabernáculo era o ponto focal de sua manifestação. E a perpetuidade dessa manifestação também foi enfatizada em Êxo. 13.21,22 e Nee. 9.19. ". . .sem importar se de noite ou de dia, pois nos países quentes muito se viaja à noite. A nuvem era tanto uma proteção para o calor do sol, durante o dia, como uma seta orientadora quanto ao caminho; e, à noite, o fogo desempenhava a mesma função orientadora, como também servia para espantar as feras do deserto, as quais têm medo de fogo, a fim de que Israel caminhasse em segurança. Tudo isso serve de emblema da *orientação*, da *proteção*, da *luz*, da *alegria* e do *consolo* que a Igreja de Deus recebe da presença graciosa do Senhor, enquanto se acha no deserto deste mundo. Ver Isa. 4.5,6" (John Gill, *in loc.*).

"O livro termina com uma nota fortemente positiva: Deus estava com eles, e os estava guiando até à Terra Prometida" (John D. Hannah, *in loc.*).

O livro de Êxodo diz-nos como o povo de Israel foi libertado de uma potência estrangeira; como foi conduzido ao deserto; como recebeu sua organização religiosa e suas leis; como lhe foi provida a presença de Deus, naquela organização religiosa, a qual os conduziu à independência, à terra que Deus havia prometido a Abraão. Desse modo, estava tendo cumprimento, passo a passo, o *Pacto Abraâmico* (ver as notas sobre Gên. 15.18). Esse pacto culminou no Messias, Jesus Cristo, e na Nova Fé que Ele trouxe, e que a antiga fé apenas tinha prefigurado.

"Abre-se a porta para o mundo interior e invisível para aqueles que seguem os marcos visíveis que Deus pôs diante de seus pés, por toda a sua jornada" (J. Coert Rylaarsdam, *in loc.*).

"Disse Agostinho que, a princípio, as Escrituras divertem e atraem as crianças, mas que, no fim, quando se tenta compreendê-las, Ele cuida para que até mesmo os sábios se tornem tolos. Pois ninguém é dotado de mente tão simples que não possa achar ali o seu nível. Mas também ninguém é tão sábio, quando tenta sondar as Escrituras, que não descubra que elas estão muito além da profundidade dele" (Meister Eckhart, I, 257). Assim acontece à fé religiosa. O exemplo deixado por Israel no deserto demonstra claramente como precisamos da ajuda constante da presença divina, a fim de que nossa jornada seja plena de êxito, desde o berço até o túmulo.

Guia-me, ó grande Yahweh,
Peregrino embora nesta terra estéril.
Sou fraco, mas Tu és forte;
Segura-me em Tua poderosa mão.

(William Williams)

Preciosa promessa foi dada por Deus,
Aos exaustos viajores.
Desde a terra até ao céu,
Guiar-te-ei com a Minha mão.
. . . .
Seja apreciada essa promessa,
Guiar-te-ei sob a Minha vista.

(Nathaniel Niles)